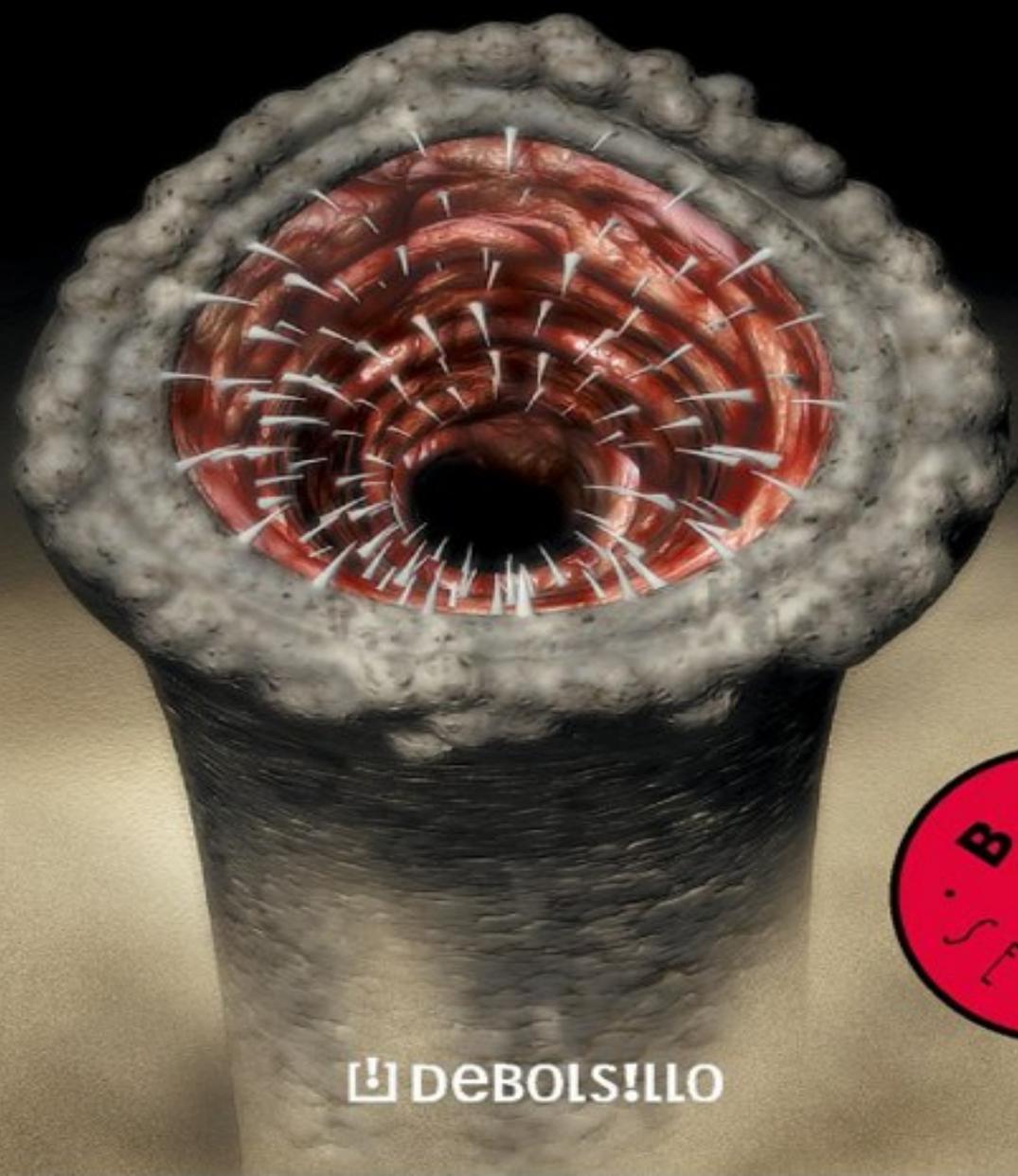


BRIAN HERBERT e KEVIN J. ANDERSON

# DUNA

A CASA HARKONNEN



DEBOLSILLO

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



**BRIAN HERBERT E KEVIN J.  
ANDERSON**

**DUNA  
A CASA HARKONNEN**

Tradução de Lancelot

Título original: Duna: House Harkonnen

Primeira edição: fevereiro, 2003

© 2000, Herbert Limited Partnership

Publicado originalmente pelo Bantam Books, uma divisão do  
Random House, Inc.

Reservados todos os direitos

© 2002, Random House Mondadori, S. A.

Travessera de Graça, 47-49. 08021 Barcelona

© 2002, Eduardo G. Murillo, pela tradução em espanhol

ISBN: 84-9759-347-2 (vol. 261/8)

Depósito legal: B. 49.878 – 2002

*Para nosso mútuo amigo Ed Kramer, sem o qual este projeto jamais teria sido realizado.*

*Ele contribuiu com a faísca que nos reuniu.*



# AGRADECIMENTOS

Os autores querem expressar sua mais sincera gratidão a:

Jan Herbert, por sua inesgotável devoção e apoio criativo constante.

Penny Merritt, por sua contribuição à administração do legado literário de seu pai, Frank Herbert.

Rebecca Moesta Anderson, por seu entusiasmo e apoio incansável a este projeto, já que suas idéias, imaginação e intuição contribuíram para aperfeiçoá-lo.

Robert Gottlieb e Matt Bialer, da *William Morris Agency*, Mary Alice Kier e Arma Cottle, do *Cine/Lit Representation*, cuja fé e dedicação nunca fraquejaram, quando compreenderam as possibilidades do projeto.

Irwyn Applebaum e Nita Taublib, do *Bantam Books*, que deram seu apoio e atenção a uma tarefa tão grande.

O entusiasmo e dedicação de Pat LoBrutto a este projeto, desde o começo, ajudaram-nos a perseverar. Incentivou-nos a considerar possibilidades e argumentos que transformaram *Duna: Casa Harkonnen* em um relato ainda mais vigoroso e complexo.

Anne Lesley Groell e Mike Shohl, que tomaram as rédeas editoriais, ofereceram-nos excelentes conselhos e sugestões, inclusive a última hora.

Nossa editora inglesa, Carolyn Caughey, por empenhar-se em descobrir coisas que todos deixavam passar, e por suas sugestões sobre detalhes, importantes ou não.

Anne Gregory, por seu trabalho editorial em uma edição para a exportação de *Duna: a Casa Atreides*, que saiu muito tarde para incluí-la na lista de agradecimentos.

Como sempre, Catherine Sidor, do *WordFire Inc.*, trabalhou sem descanso para transcrever dúzias de micro cassetes e datilografar centenas de páginas, afim de estar à altura de nosso maníaco ritmo de trabalho. Sua colaboração em todas as fases deste projeto nos ajudou a conservar a prudência, e até consegue convencer outras pessoas de que somos organizados.

Diane E. Jones e Diane Davis Herdt trabalharam a toque de caixa como leitores e coelhinhos da Índia, transmitiram-nos reações sinceras e sugeriram cenas adicionais que nos ajudaram a construir um livro melhor.

A *Herbert Limited Partnership*, que inclui Merritt, David Merritt, Byron Merritt, Julie Herbert, Robert Merritt, Kimberly Herbert, Margaux Herbert e Theresa Shackelford, todos os quais nos proporcionaram seu apoio mais entusiasta e crédulo a continuação da maravilhosa visão de Frank Herbert.

Beverly Herbert, por quase quatro décadas de apoio e devoção a seu marido, Frank Herbert.

E, sobre tudo, graças a Frank Herbert, cujo gênio criou um universo prodigioso para que todos pudéssemos explorá-lo.

# 1

*As descobertas são perigosas... mas a vida também é. Um homem que não deseja correr riscos está condenado a não aprender jamais, nem a amadurecer, nem a viver.*

*Planetólogo PARDOT KYNES,  
Primeiro livro de leituras, escrito para seu filho Liet*

Quando a tormenta de areia chegou do sul, Pardot Kynes estava mais interessado em tomar leituras meteorológicas que em procurar refúgio. Seu filho Liet (com apenas doze anos, mas acostumado aos duros costumes do deserto) examinou com olhar crítico a antiga estação meteorológica que tinham encontrado no posto de experimentos botânicos abandonado. Não tinha a menor confiança que a máquina funcionasse.

Então, Liet desviou o olhar para a tempestade que se aproximava, do outro lado do mar de dunas.

— O vento do demônio em pleno deserto. *Hulasikali Wala*.

Quase por instinto, verificou os fechos do seu traje destilador.

— Tormenta Coriolis — corrigiu Kynes, utilizando um termo científico no lugar da expressão fremen que seu filho tinha usado —. O movimento de rotação do planeta aumenta a velocidade dos ventos que açoitam as planícies. As rajadas podem alcançar velocidades de setecentos quilômetros por hora.

Enquanto seu pai falava, o jovem se ocupou de fechar a estação meteorológica em forma de ovo, e verificou os fechos dos respiradouros, a pesada comporta e as provisões de emergência

armazenadas. Ignorou o gerador de sinais e o radiofarol de socorro. A estática da tormenta de areia reduziria a pedacinhos eletromagnéticos qualquer transmissão.

Em sociedades sofisticadas, Liet seria considerado um menino, mas a vida entre os fremen, sempre difícil e submetida a mil perigos, tinha-lhe dotado de uma maturidade que poucos alcançavam em uma idade que dobrava a sua. Estava mais preparado para enfrentar emergências que seu pai.

O planetólogo coçou sua barba loira grisalha.

— Uma boa tormenta como esta pode abranger uma extensão de quatro graus de latitude. — Aumentou o brilho das telas dos aparelhos analíticos da estação —. Eleva partículas a uma altitude de dois mil metros, de forma que ficam suspensas na atmosfera, e muito depois que a tormenta tiver passado, continua caindo pó do céu.

Liet deu um último puxão na fechadura da escotilha, satisfeito de que pudesse resistir à tormenta.

— Os fremen a chamam *O-Sayal*, “a chuva de areia”.

— Um dia, quando você também for planetólogo, terá que utilizar uma linguagem mais técnica — disse Pardot Kynes em tom didático —. Ainda envio mensagens ao imperador de vez em quando, embora não com tanta frequência como deveria. Duvido que se incomode de lê-las. — Deu uns golpezinhos sobre um dos instrumentos —. Ai, acredito que está quase em cima de nós.

Liet levantou o protetor de uma janela para ver a muralha de branco, canela e estática que se aproximava.

— Um planetólogo tem que utilizar os olhos, assim como uma linguagem científica. Olhe pela janela, pai.

Kynes sorriu para seu filho.

— Já chegou o momento da estação abandonar o chão.

Manipulou uns controles adormecidos fazia muito tempo e conseguiu pôr em marcha a fileira dupla de motores suspensores. A

estação lutou com a gravidade e se elevou sobre o chão.

A boca da tormenta se lançou sobre eles, e Liet fechou a placa do protetor com a esperança de que o antiquado aparelho meteorológico agüentaria. Confiava na intuição de seu pai até certo ponto, mas não em sua pratica das coisas.

A estação oval se elevou com suavidade graças aos suspensores, açoitada pelas brisas precursoras da tormenta.

— Aí vem — disse Kynes —. Agora começa nosso trabalho...

A tormenta os golpeou como um pau romo, e os precipitou para o coração da tempestade.

Dias antes, no curso de uma viagem às profundezas do deserto, Pardot Kynes e seu filho tinham descoberto os sinais familiares de uma estação de provas botânica, abandonada milhares de anos antes. Os fremen tinham saqueado quase todos os postos de investigação, e requisitado objetos valiosos, mas esta estação isolada em um oco rochoso tinha permanecido oculta até que Kynes localizara os sinais.

Liet e ele tinham aberto a escotilha cheia de pó para esquadrihar seu interior, como espectros a ponto de entrar em uma cripta. Tiveram que esperar sob o sol ardente que a troca de atmosfera eliminasse o ar estagnado. Pardot Kynes passeou de um lado para outro sobre a areia solta, com o fôlego contido, escrutinando de vez em quando a escuridão, à espera de que pudessem entrar para investigar.

Aquelas estações de análise botânicas tinham sido construídas na idade de ouro do antigo Império. Kynes sabia que naquela época este planeta deserto não tinha sido considerado especial em nenhum aspecto, sem recursos importantes, sem motivos para ser colonizado. Quando os peregrinos *Zensunni* tinham chegado depois gerações de escravidão, tinham-no feito com a esperança de construir um mundo onde pudessem ser livres.

Mas isso tinha sido antes da descoberta da especiaria melange, a preciosa substância que não se encontrava em nenhum outro

lugar do universo. E depois tudo tinha mudado.

Kynes já não chamava este mundo de Arrakis, o nome que constava nos registros imperiais, mas sim o nome fremen: Duna. Embora por natureza fosse um fremen, continuava a ser um servidor dos imperadores Padishah. Elrood IX lhe ordenara que descobrisse o mistério da especiaria: de onde vinha, como se formava, onde podia ser encontrada. Kynes tinha vivido treze anos com os moradores do deserto. Tinha tomado uma esposa fremen e criado um filho meio fremen para que seguisse seus passos, para que se transformasse no próximo planetólogo de Duna.

O entusiasmo de Kynes pelo planeta não tinha diminuído. Emocionava-o a perspectiva de descobrir algo novo, embora tivesse que aventurar-se em meio de uma tormenta...

Os antigos suspensores da estação zumbiam devido a luta contra o uivo do Coriolis, como um ninho de vespas enfurecidas. A nave meteorológica ricocheteava sobre as correntes de ar, como um globo de paredes de aço. O pó que projetava o vento golpeava o casco.

— Isto me recorda as tormentas matinais que via em *Salusa Secundus* — murmurou Kynes —. Coisas assombrosas... Muito pitorescas e muito perigosas. O vento pode levantar de surpresa e te esmagar. A intempérie não deve te surpreender ali.

— Tampouco quero que este me surpreenda — disse Liet.

Esticada para dentro, uma das pranchas laterais se curvou. O ar penetrou pela brecha com um zumbido. Liet se precipitou para a brecha. Tinha à mão a maleta de reparos e um selador de espuma, convencido de que a decrepita estação se racharia.

— Deus nos segura em sua mão, e poderíamos morrer esmagados a qualquer momento.

— Isso é o que sua mãe diria — respondeu o planetólogo sem levantar a vista das informações que o aparelho de gravação descarregava em um antiquado compressor de dados —. Veja, uma

rajada alcançou oitocentos quilômetros por hora! — Sua voz não transmitia temor, só entusiasmo —. É uma tormenta monstruosa!

Liet levantou a vista do selador que tinha espalhado sobre a rachadura fina. O chiado do ar que se filtrava morreu, substituído pelo estrépito afogado de um furacão.

— Se estivéssemos fora, este vento nos esfolaria.

Kynes umedeceu os lábios.

— Tem toda a razão, mas tem que aprender a se expressar com objetividade e precisão. “Esfolaria-nos” não é uma frase que eu incluiria em um relatório ao imperador.

O estrépito do vento, o arranhar da areia e o rugido da tormenta alcançaram um crescendo. Depois, com um estalo de pressão no interior da estação, tudo se transformou em uma bolha de silêncio. Liet piscou e bocejou para desentupir os ouvidos. Um intenso silêncio repicava em seu crânio. Através do casco da estação ainda podia ouvir os ventos do Coriolis, como vozes sussurradas em um pesadelo.

— Estamos no olho. — Pardot Kynes se separou de seus instrumentos, muito satisfeito —. Um *sietch* no coração da tormenta, um refúgio onde menos se esperaria.

Descargas de estática azuladas chispavam ao seu redor, a fricção de areia e pó gerava campos eletromagnéticos.

— Preferiria estar de volta no *sietch* — admitiu Liet.

A estação meteorológica derivava no olho, a salvo e silenciosa depois do intenso tamborilar da muralha da tormenta. Encerrados na pequena nave, ambos tinham a oportunidade de falar de pai para filho.

Mas não o fizeram...

Dez minutos depois, chocaram-se contra o muro oposto da tormenta, e foram devolvidos ao fluxo com um empurrão indireto dos ventos, carregados de pó. Liet cambaleou e teve que agarrar-

se. Seu pai conseguiu manter o equilíbrio. O casco da nave vibrava e matraqueava.

Kynes olhou para seus controles e ao chão. Olhou para seu filho.

— Não sei muito bem o que fazer. Os suspensores estão... — com uma sacudida, começaram a cair, como se seu cabo de segurança tivesse sido cortado — falhando.

Liet se segurou sentindo uma estranha falta de peso, enquanto a nave caía para o chão, que uma escuridão poeirenta ocultava.

Os suspensores avariados chisparam e se estabilizaram pouco antes de tocar terra. A força do gerador de campo Holtzman os protegeu do pior do impacto. Depois, a nave se chocou contra a areia, e os ventos do Coriolis rugiram por cima deles como um coletor de especiaria esmagando sob seus aros um camundongo canguru. O céu liberou um dilúvio de pó.

Pardot e Liet Kynes, que sofreram apenas contusões sem importância, levantaram-se e trocaram um olhar, depois da descarga de adrenalina. A tormenta prosseguiu seu caminho, abandonando a estação...

Liet renovou o ar do interior através de um *snork* de areia. Quando abriu a pesada escotilha, um jorro de areia caiu no interior, mas Liet reforçou as paredes com um aglutinador de espuma estática. Trabalhou com a ajuda de sua mochila fremen e as mãos nuas.

Pardot Kynes confiava plenamente que seu filho conseguiria que os resgassem, de modo que trabalhou na escuridão para introduzir suas novas leituras meteorológicas em um compressor de dados antiquado.

Liet saiu ao ar livre como um bebê emergindo do útero, e contemplou a paisagem assolada pela tormenta. O deserto havia renascido: as dunas se moviam, marcos familiares mudavam; rastros, casas, até mesmo aldeias, tinham sido apagadas. Toda a depressão parecia recém criada.

Coberto de pó pálido, subiu até uma extensão de areia mais estável e viu a depressão que ocultava a estação enterrada. Ao cair, a nave abriu uma cratera na superfície do deserto, pouco antes de que a tormenta lançasse um manto de areia sobre eles.

Graças a seus sentidos fremen e a um sentido inato da orientação, Liet foi capaz de determinar sua posição aproximada, não longe da Muralha Falsa do Sul. Reconheceu as formas rochosas, as franjas dos penhascos, os picos. Se os ventos os tivessem lançado um quilômetro mais adiante, a nave teria se chocado contra as montanhas... um final ignominioso para o grande planetólogo, a quem os fremen reverenciavam como seu *Umma*, seu profeta.

— Pai — gritou Liet ao oco que assinalava a posição da nave afundada —, acredito que há um *sietch* nos penhascos próximos. Se nos aproximarmos, os fremen nos ajudarão a desenterrar o módulo.

— Boa idéia — respondeu Kynes com voz apagada —. Vá verificar. Eu ficarei trabalhando. Tive... uma idéia.

O jovem se afastou com um suspiro em direção aos salientes de rocha ocre. Andava com ritmo irregular, para não atrair nenhum verme: passo, arrasto, pausa... arrasto, pausa, passo-passo... arrasto, passo, pausa, passo...

Os amigos de Liet no *sietch* da Muralha Vermelha, em especial seu irmão de sangue Warrick, invejavam-no pelo tempo que passava com o planetólogo. *Umma* Kynes tinha levado uma visão paradisíaca às pessoas do deserto. Acreditavam no sonho de voltar a despertar Duna, e seguiam o homem.

Sem que soubessem os senhores Harkonnen (os únicos habitantes de Arrakis que processavam a especiaria, e que consideravam as pessoas meros recursos que não importava explorar), Kynes fiscalizava exércitos de trabalhadores furtivos e fiéis que plantavam erva para ancorar as dunas móveis. Estes fremen estabeleciam cultivos de cacto e arbustos resistentes em *canyons* protegidos, onde chegava a água das precipitações de orvalho. Nas regiões inexploradas do pólo sul tinham plantado

palmeiras que se enraizaram e estavam florescendo. O projeto experimental da Depressão de Gelo produzia flores, frutas frescas e árvores anãs.

De qualquer modo, embora o planetólogo fosse capaz de orquestrar planos grandiosos em escala mundial, Liet não confiava o suficiente no bom senso de seu pai para deixá-lo sozinho durante muito tempo.

O jovem seguiu o contorno do penhasco até que descobriu sutis marcas nas rochas, um caminho que nenhum forasteiro observaria, mensagens na colocação de pedras descoloridas que prometiam comida e refúgio, sob as respeitadas regras da Bênção dos Viajantes, *ao'amyah*.

Com a ajuda dos fremen do *sietch*, poderiam desenterrar a estação meteorológica e arrastá-la até um esconderijo, onde seria desmontada ou reparada. Ao fim de uma hora, os fremen eliminariam todos os sinais e deixariam que o deserto voltasse a mergulhar num silêncio inquietante.

Mas quando olhou de novo para o lugar da colisão, Liet se alarmou ao ver que a nave se movia. Uma terça parte já se sobressaía da areia. O módulo se erguia pouco a pouco com um zumbido profundo, como uma besta de carga presa num pântano de *Bela Tegeuse*. Entretanto, os suspensores só tinham capacidade para erguer a nave alguns centímetros de cada vez.

Liet ficou petrificado quando compreendeu o que seu pai estava fazendo. Suspensores. Em pleno deserto!

Correu como um possesso, tropeçando e caindo, seguido de uma avalanche de areia.

— Pare, pai. Desligue isso!

Gritou até enrouquecer. Olhou para o outro lado do oceano dourado de dunas, com uma sensação de terror no estômago, para o poço infernal da longínqua Depressão do Ciélago. Procurou um ondulação reveladora, a alteração que indicava um movimento nas profundezas...

— Saia daí, pai.

Deteve-se ante a escotilha aberta, enquanto a nave continuava agitando-se sem cessar. Os campos suspensores zumbiam. Liet se agarrou ao vão da porta, saltou através da escotilha e caiu no interior da estação, assustando Kynes.

O planetólogo sorriu para seu filho.

— É uma espécie de sistema autônomo. Não sei que controles ativei, mas este módulo poderia alçar vôo em menos de uma hora. — voltou-se para seus instrumentos —. Me deu tempo de introduzir todos os dados novos em um só arquivo...

Liet agarrou a seu pai pelo ombro e o arrancou dos controles. Deu um tapa no interruptor de emergência, e os suspensores interromperam seu funcionamento. Kynes, confuso, tentou protestar, mas seu filho o empurrou para a escotilha aberta.

— Saia agora mesmo! Corra o mais rápido que puder para as rochas.

— Mas...

As aletas do nariz de Liet se dilataram por causa da exasperação.

— Os suspensores funcionam graças a um campo Holtzman, como se fossem escudos. Sabe o que acontece quando ativa um escudo pessoal em pleno deserto?

— Os suspensores voltaram a funcionar? — piscou Kynes, e seus olhos se iluminaram quando compreendeu —. Ah! Atrai um verme.

— Sempre atrai um verme. Corra!

Kynes saiu pela escotilha e saltou para a areia. Recuperou o equilíbrio e se orientou sob o sol ofuscante. Quando viu o penhasco que Liet tinha indicado, a um quilômetro de distância, correu para ele com movimentos desajeitados e irregulares, como se executasse uma dança complicada. O jovem fremen o seguiu até o refúgio que as rochas ofereciam.

Em pouco tempo ouviram um vaio ensurdecedor à suas costas. Liet olhou para trás, e depois empurrou seu pai para que corresse para o alto de uma duna.

— Mais depressa. Não sei quanto tempo temos.

Aumentaram a velocidade. Kynes tropeçou, atrasou-se.

As areias ondulavam em direção ao módulo semi-enterrado. Em direção a eles. As dunas se ondulavam ao ritmo do avanço inexorável de um verme que subia para a superfície

— Corra com todas as suas forças!

Correram para os penhascos, atravessaram a crista de uma duna, desceram, precipitaram-se para frente e a branda areia cedeu sob seus pés. As esperanças do Liet aumentaram quando viu o refúgio rochoso a menos de cem metros de distância.

O vaio aumentou de potência quando o gigantesco verme acelerou. O solo tremeu sob suas botas.

Por fim, Kynes chegou aos primeiros penhascos e se aferrou a eles como se fossem uma âncora, ofegante. Liet o obrigou a continuar até a ladeira, para que o monstro não pudesse alcançá-los quando surgisse da areia.

Momentos depois, sentados em um saliente, em silêncio enquanto respiravam pelo nariz para conter o fôlego, Pardot Kynes e seu filho viram que um redemoinho se formava ao redor do módulo semi-enterrado. Enquanto a viscosidade da areia agitada mudava, o módulo começou a afundar.

O coração do torvelinho se ergueu na forma de uma boca cavernosa. O monstro do deserto engoliu a nave junto com toneladas de areia, que caíram por uma garganta coberta de dentes de cristal. O verme voltou a mergulhar nas profundezas áridas, e Liet observou as ondulações em sua passagem, agora mais lentas, que retornavam ao terreno baixo vazio...

No silêncio que se seguiu, Pardot Kynes não parecia entusiasmado por seu encontro com a morte, mas sim mas muito decepcionado.

— Perdemos todos esses dados. — O planetólogo exalou um profundo suspiro —. Poderia ter utilizado nossas leituras para compreender melhor essas tormentas.

Liet introduziu a mão em um bolso dianteiro do seu traje destilador e extraiu o antiquado compressor de dados que tinha arrancado do painel de instrumentos do módulo.

— Mesmo enquanto procuro salvar nossas vidas, não deixo de prestar atenção à pesquisa.

Kynes sorriu, cheio de orgulho paterno.

Sob o sol do deserto, subiram pelo caminho escarpado até a segurança do *sietch*.

## 2

*Cuidado, homem, pode criar vida. Pode destruir vida. Mas não tem outra alternativa que experimentar a vida. E aí reside sua maior fortaleza e sua maior debilidade.*

*Bíblia Católica Laranja,  
Livro da Sétima Kimla, 5:3*

Em Giedi Prime, rico em petróleo, a equipe de trabalhadores abandonou os campos ao final de outro dia interminável. Cobertos de pó e suor, os operários saíram das áreas perfuradas e desfilaram sob um sol vermelho a caminho de casa.

Entre eles, Gurney Halleck, com o cabelo loiro empapado em suor, dava palmadas rítmicas. Era a única forma de seguir adiante, seu método particular de rebelar-se contra a opressão dos Harkonnen, que naquele momento não podiam ouvi-lo. Compôs uma canção de trabalho com letra absurda, e tentou fazer que seus companheiros o acompanhassem, ou ao menos tentassem.

*Batalhamos todo o dia, como os Harkonnen nos obrigam,  
hora após hora, desejamos uma ducha,  
trabalhando, trabalhando e trabalhando...*

As pessoas caminhavam em silêncio. Muito esgotados depois de onze horas de trabalho nos campos rochosos, para darem atenção ao trovador atrevido. Gurney desistiu de seus esforços com um suspiro de resignação, embora seu sorriso irônico não desaparecesse.

— A verdade é que somos uns desgraçados, meus amigos, mas não podemos nos conformar com isso.

Mais adiante havia um povoado de edifícios pré-fabricados, um povoado chamado Dmitri em honra ao patriarca Harkonnen anterior, o pai do barão Vladimir. Depois que o barão assumiu o controle da Casa Harkonnen, décadas atrás, tinha examinado os mapas de Giedi Prime e batizado acidentes geográficos como quisera. De passagem, tinha acrescentado um toque melodramático as formações: Ilha do Sofrimento, Baixios da Perdição, Escarpado da Morte...

Alguma geração posterior, sem dúvida, voltaria a batizá-las novamente.

Tais preocupações eram alheias a Gurney Halleck. Embora de pouca cultura, sabia que o Império era imenso, com um milhão de planetas e decilhões de habitantes... mas não era provável que viajasse além de *Harko City*, a metrópoles densamente povoada e poluída que projetava um perpétuo brilho avermelhado sobre o horizonte, para o norte.

Gurney examinou as pessoas que o rodeavam, gente que via todo dia. Desfilavam com os olhos baixos, como máquinas, retornando para suas humildes moradias, tão ásperos que não pôde reprimir uma gargalhada.

— Coloquem um pouco de sopa na pança, e espero que esta noite comecem a cantar. Não diz a Bíblia Católica Laranja “Regozijem-se em seus corações, porque o sol sai e fica segundo sua perspectiva do universo”?

Alguns trabalhadores murmuraram com leve entusiasmo. Era melhor que nada. Ao menos, tinha conseguido alegrar alguém. Com uma vida tão miserável, qualquer toque de cor era bem-vinda.

Gurney tinha vinte e um anos, e a pele áspera devido a trabalhar nos campos desde oito anos. Pela força do costume, seus brilhantes olhos azuis absorviam todos os detalhes... embora não houvesse grande coisa que ver no povo de Dmitri e nos campos

desolados. De mandíbula angulosa, nariz muito redondo e feições esmagadas, já tinha aspecto de fazendeiro velho, e sem dúvida se casaria com alguma das garotas resignadas e de aspecto cansado do povo.

Gurney tinha passado o dia mergulhado em uma sarjeta até os ombros, dedicado a extrair toneladas de terra pedregosa com uma pá. depois de muitos anos de cultivar o mesmo chão, os aldeões tinham que perfurá-lo mais para encontrar nutrientes na terra. O barão não queria gastar *Solaris* com fertilizantes, sobretudo para esta gente.

Durante as centenas de anos que estavam administrando Giedi Prime, os Harkonnen tinham convertido em costume extrair da terra tudo que contivesse um pouco de valor. Era seu direito e seu dever explorar este planeta, para depois mudar os povoados para novas terras e colheitas. Um dia, quando Giedi Prime fosse uma casca vazia, o líder da Casa Harkonnen exigiria sem dúvida um feudo diferente, uma nova recompensa por servir aos imperadores Padishah. Afinal, havia muitos planetas para escolher no Império.

Mas a política galáctica não interessava a Gurney. Seus objetivos se limitavam a desfrutar da noite iminente, a compartilhar um momento de diversão e relaxamento no lugar de encontro. Amanhã seria outro dia de trabalho extenuante.

Nos campos só cresciam tubérculos *krall*, duros e filamentosos. Embora quase toda a colheita fosse exportada para alimento de animais, os tubérculos eram nutritivos o bastante para assegurar que as pessoas continuassem trabalhando. Gurney os comia todo dia, assim como todo mundo. Uma terra má provoca mau gosto.

Seus pais e colegas de trabalho sabiam montões de provérbios, muitos procedentes da Bíblia Católica Laranja. Gurney os memorizava e freqüentemente os punha em música. A música era o único tesouro que lhe permitiam possuir, e a compartilhava com liberalidade.

Os trabalhadores se separaram em direção a suas moradias respectivas, embora idênticas, unidades pré-fabricadas defeituosas

que a Casa Harkonnen tinha comprado de ofertas e posto ali. Gurney olhou para a casa onde vivia com seus pais e sua irmã menor, Bheth.

Sua casa tinha um toque mais alegre que as demais. Painéis velhos e enferrujados foram cheios de terra, e nelas cresciam flores de cores alegres: pensamentos marrons, azuis e amarelos, um montão de margaridas, inclusive lírios de aspecto sofisticado. A maioria das casas tinham hortas onde as pessoas cultivavam plantas, ervas, hortaliças, embora qualquer produto de aspecto apetitoso pudesse ser requisitado e devorado pelas patrulhas Harkonnen.

O dia era quente e o ar poluído, mas as janelas de sua casa estavam abertas. Gurney ouviu a doce voz de Bheth, entoando uma melodia. Recriou-a em sua mente, com seu comprido cabelo loiro. Considerava-o "linho", uma palavra que tinha aprendido dos poemas da Velha Terra, embora nunca tivesse visto linho tecido em casa. Bheth, de apenas dezessete anos, tinha belas feições e uma doce personalidade que ainda não fora corroída por toda uma vida dedicada ao trabalho.

Gurney utilizou o esguicho do exterior para eliminar a terra cinza grudada em seu rosto, braços e mãos. Sustentou a cabeça sob a água fria, ensopou seu cabelo loiro emaranhado, e depois utilizou os dedos grossos para tentar dar-lhes uma aparência de ordem. Agitou a cabeça e entrou em casa, beijou Bheth na bochecha e lhe jogou água fria. A moça soltou um grito e se afastou, e depois voltou para seus trabalhos culinários.

Seu pai já se jogara em uma cadeira. Sua mãe estava inclinada sobre enormes recipientes de madeira, na soleira da porta traseira, preparando *kralls* para o mercado. Quando se deu conta de que Gurney tinha chegado a casa, secou as mãos e entrou para ajudar Bheth a servir. Sua mãe, de pé em frente a mesa, leu vários versículos de uma surrada Bíblia Católica Laranja com voz reverente (seu objetivo era ler todo o volume para seus filhos antes de morrer), e depois se sentaram para comer. Sua irmã e ele falaram

enquanto bebiam uma sopa de verduras fibrosas, condimentada só com sal e alguns ramos de ervas secas. Durante a refeição, os pais de Gurney falaram pouco, geralmente com monossílabos.

Ao terminar, levou seus pratos à pia, onde os lavou e deixou que se secassem para o dia seguinte. Afagou seu pai no ombro com as mãos molhadas.

— Vai vir comigo ao bar? É a noite de conversa.

Seu pai meneou a cabeça.

— Prefiro dormir. Às vezes suas canções conseguem que me fazer sentir muito cansado.

Gurney deu de ombros.

— Vá descansar, então.

Abriu o desmantelado roupeiro de sua pequena habitação e tirou sua mais apreciada posse: um antigo *baliset*, desenhado como instrumento de nove cordas, embora Gurney tivesse conseguido aprender a tocá-lo com apenas sete, pois duas cordas se quebraram e não tinham sido repostas.

Encontrara o instrumento jogado, quebrado e inútil, mas depois de trabalhar com paciência durante seis meses, lixando, aplicando uma capa de verniz com laca, ajustando peças, o *baliset* produziu a música mais excelsa que tinha escutado, apesar de carecer de todo o registro de tons. Gurney passava horas pelas noites tangendo as cordas, fazendo girar a roda de contrapeso. Aprendia canções que tinha ouvido, ou compunha outras novas.

Quando a escuridão caiu sobre o povoado, sua mãe se deixou cair em uma cadeira. Colocou a apreciada Bíblia em seu regaço, confortada mais por seu peso que por suas palavras.

— Não volte tarde — disse com voz seca e inexpressiva.

— Não voltarei. — Gurney se perguntou se a mulher perceberia se não voltasse naquela noite —. Preciso de toda minha força para atacar as sarjetas amanhã.

Levantou um braço musculoso e fingiu entusiasmo pelas tarefas que nunca terminariam, como todos bem sabiam. Encaminhou-se pelas ruas de terra calcada para o bar.

Anos antes, depois de uma epidemia de febre, quatro das estruturas pré-fabricadas tinham sido abandonadas. Os aldeãos tinham unido os edifícios, derrubado os muros de separação e habilitado uma ampla casa comunitária. Embora não fosse um ato contrário às numerosas restrições dos Harkonnen, as autoridades tinham contemplado com suspeita tal desdobramento de iniciativa. Mas o bar continuava em seu lugar.

Gurney se juntou a pequena multidão de homens que se reuniram ali. Alguns tinham vindo com suas esposas. Um homem já estava caído sobre uma mesa, mais esgotado que bêbado, pois sua garrafa de cerveja aguada estava pela metade. Gurney se colocou às suas costas, estendeu o baliset e tocou um acorde que despertou o homem.

— Tenho uma nova canção, amigos. Não se trata exatamente de um hino que suas mães recordem, mas vou lhes ensinar. — Dedicou-lhes um sorriso irônico —. Depois a cantarão comigo, e o mais provável é que estraguem a melodia.

Não havia nenhum bom cantor no grupo, mas as canções eram divertidas, e traziam um pouco de luz para suas vidas.

Com energia, acoplou uma letra sardônica a uma melodia familiar:

*Oh, Giedi Prime!*

*Seus tons negros são incomparáveis,  
desde planícies de obsidiana até mares oleosos,  
até as noites mais escuras do Olho do Imperador.*

*Venham de todos os cantos  
para ver o que ocultam nossos corações e mentes,*

*para compartilhar nossa bota de cano longo  
e levantar um trocado ou dois...  
até torná-lo mais encantado que antes.*

*Oh, Giedi Prime!  
Seus tons negros são incomparáveis,  
desde planícies de obsidiana até mares oleosos,  
até as noites mais escuras do Olho do Imperador.*

Quando Gurney terminou a canção, desenhou um sorriso em seu rosto e dedicou uma reverência aos aplausos imaginários.

— Vá com cuidado, Gurney Halleck! — gritou um dos homens com voz rouca —. Se os Harkonnen ouvirem sua voz doce, não duvide que o levarão à força a Harko para que cante para o próprio barão.

Gurney emitiu um som depreciativo.

— O barão não tem ouvido para a música, sobretudo para canções deliciosas como a minha.

Sua resposta provocou gargalhadas. Agarrou uma jarra de cerveja azeda e a engoliu.

A porta se abriu com brutalmente e Bheth entrou correndo, com o cabelo solto e a cara avermelhada.

— Uma patrulha se aproxima! Vimos as luzes dos suspensores. Trazem um transporte de prisioneiros e uma dúzia de guardas.

Os homens ficaram em pé imediatamente. Dois correram para as portas, mas outros ficaram petrificados, com aspecto abatido e derrotado.

Gurney pulsou uma nota tranqüilizadora em seu *baliset*.

— Conservem a calma, meus amigos. Estamos fazendo algo ilegal? “Os culpados conhecem e revelam seus crimes.” Estamos

desfrutando de nossa mútua companhia. Os Harkonnen não podem nos deter por isso. De fato, estamos demonstrando como nós gostamos de nossa situação, quão felizes somos de trabalhar para o barão e seus esbirros. De acordo, companheiros?

Um sombrio grunhido foi tudo que obteve. Gurney deixou o *baliset* a um lado e se aproximou da janela trapezoidal do edifício comunitário, justo quando um transporte de prisioneiros parava no centro do povoado. Várias formas humanas se viam atrás das janelas do transporte, prova que os Harkonnen tinham efetuado detenções. Todas mulheres, ao que parecia. Embora segurasse a mão de sua irmã e conservasse o bom humor na aparência, Gurney sabia que os patrulheiros necessitavam de poucas desculpas para tomar mais cativas.

Brilhantes focos perfuravam o povoado. Forças couraçadas corriam pelas ruas e chamavam nas casas. Então, a porta da sala comunitária se abriu com violência.

Seis homens entraram. Gurney reconheceu o capitão Kryubi, da guarda do barão, o homem encarregado da segurança da Casa Harkonnen.

— Todos quietos para serem inspecionados — ordenou Kryubi. Um fino bigode adornava seu lábio superior. Tinha o rosto e suas bochechas pareciam fundas, como se apertasse a mandíbula com excessiva freqüência.

Gurney ficou junto à janela.

— Não estamos fazendo nada errado, capitão. Obedecemos as normas Harkonnen. Fazemos nosso trabalho.

Kryubi olhou para ele.

— Quem o nomeou líder deste povo?

Gurney não conseguiu dissimular seu sarcasmo.

— Quem lhes deu ordens de acossar aldeãos inocentes? Só conseguirão que amanhã sejamos incapazes de trabalhar.

Seus companheiros ficaram horrorizados com sua imprudência. Bheth apertou a mão de Gurney, com a intenção de fazer seu irmão se calar. Os guardas Harkonnen fizeram gestos ameaçadores com suas armas.

Gurney ergueu o queixo para indicar o transporte de prisioneiros que se via do outro lado da janela.

— O que essa gente fez? Por que foram detidas?

— Nenhum delito é necessário — disse Kryubi, indiferente a dizer a verdade.

Gurney avançou um passo, mas três guardas o derrubaram ao chão. Sabia que o barão recrutava com freqüência guardas entre os povoados agrícolas. Os novos valentões (resgatados de vidas sem perspectiva alguma, providos de uniformes novos, armas, alojamento e mulheres) costumavam olhar com desdém suas vidas anteriores e demonstravam maior crueldade que os profissionais vindos de outros planetas. Gurney confiava em reconhecer um homem de um povoado próximo, que lhe cuspiu na cara. Sua cabeça golpeou o duro chão, mas ficou em pé de um salto.

Bheth foi para seu lado.

— Não os provoque mais.

Foi o pior que pôde fazer. Kryubi apontou para ela.

— Levem essa também.

O rosto estreito de Bheth empalideceu quando dois dos três guardas a prenderam por seus braços magros. Lutou ao ser levada em para a porta, que continuava aberta. Gurney deixou o *baliset* a um lado e se equilibrou, mas o guarda restante tirou sua arma e o golpeou na testa e nariz com a culatra.

O jovem cambaleou mas voltou a atacar, ao mesmo tempo em que agitava os punhos como maçãs.

— Soltem-na!

Derrubou um guarda e libertou sua irmã do outro. A moça gritou quando os três guardas se jogaram sobre Gurney, utilizando

as armas com tal brutalidade que suas costelas rangeram. Já sangrava pelo nariz.

— Ajudem-me! — gritou Gurney para os aldeãos, que tinham os olhos arregalados —. Superamos em número estes bastardos.

Ninguém foi atendeu ao seu chamado.

Debateu-se e repartiu murros, mas caiu sob uma chuva de socos e coronhadas. Levantou a cabeça com um esforço e viu que Kryubi olhava enquanto seus homens levavam Bheth para a porta. Gurney tentou livrar-se de seus inimigos.

Entre braços cobertos de manoplas e pernas almofadadas, viu os aldeãos petrificados em seus assentos, como ovelhas. Contemplavam-se com expressão contrita, mas continuaram tão imóveis como pedras de uma fortaleza.

— Ajudem-me, malditos sejam!

Um guarda o golpeou no plexo solar. Ofegou e sentiu náuseas. Perdeu a voz, ficou sem fôlego. Pontos negros dançaram ante seus olhos. Por fim, os guardas se retiraram.

Apoiou-se em um cotovelo, bem a tempo de ver o rosto desesperado de Bheth quando os soldados Harkonnen a arrastavam para a noite.

Furioso e frustrado, ficou em pé, esforçando-se por não desmaiar. Ouviu o transporte de prisioneiros se elevando na praça. Rodeado por um brilho, como um halo, afastou-se em direção a outro povoado para fazer mais cativos.

Gurney olhou para os aldeãos com seus olhos inchados. Desconhecidos. Tossiu e cuspiu sangue. Por fim, quando pôde falar, disse:

— Ficaram com as mãos cruzadas, bastardos. Não ergueram um dedo para me ajudar. — Fulminou os aldeãos com o olhar —. Como é possível que tenham permitido isto? Levaram a minha irmã!

Mas eles não eram melhores que ovelhas, e nunca o tinham sido. Deveria que saber disso.

Cuspiu sangue e saliva no chão com absoluto desprezo,  
cambaleou para a porta e saiu.

### 3

*Os segredos constituem um aspecto importante do poder. O líder eficaz os pulveriza afim de manter a disciplina entre os homens.*

*Príncipe RAPHAEL CORRINO,  
Discursos sobre a liderança em um império galáctico, 12.a  
edição.*

O homem com cara de furão se erguia como um corvo à espreita no segundo nível da Residência de Arrakeen. Contemplava o átrio espaçoso.

— Tem certeza que sabem de nossa pequena velada, *hummm*?  
— Seus lábios estavam gretados por causa do ar seco, fazia anos —. Todos os convites foram entregues em pessoa? O povo foi informado?

O conde Hasimir Fenring se inclinou para o magro chefe de sua guarda pessoal, Geraldo Willowbrook, que estava a seu lado. O homem, com seu uniforme escarlate e dourado, assentiu, e entreabriu os olhos para protegê-los da brilhante luz que entrava em jorros através das janelas prismáticas, protegidas por escudos de força.

— Será uma grande celebração do aniversário de sua chegada ao planeta, senhor. Os mendigos já estão se aglomerando em frente a porta principal.

— *Hummm*, bem, muito bem. Minha esposa se sentirá satisfeita.

Na planta baixa, um *chef* levava um serviço de café para a cozinha. Aromas de comida se elevavam em volta dos dois homens, sopas e molhos exóticos preparados para a extravagante festa da noite, brochetas de carne de animais que jamais tinham vivido em Arrakis.

Fenring segurou uma balastrada de tamarindo esculpido. Um teto gótico arqueado se erguia dois pisos acima de suas cabeças, com vigas de madeira da Elacca e clarabóias de plaz. Embora musculoso, não era um homem grande, e se encontrava diminuído pela imensidão da casa. Ele mesmo tinha ordenado a construção do teto, e de outro idêntico na sala de jantar. A nova asa leste também era de sua invenção, com seus elegantes quartos de convidados e opulentas piscinas privadas.

Na década que cumpria como Observador Imperial no planeta deserto, tinha impulsionado um sem-fim de construções. Depois de seu exílio forçado da corte de Kaitain, tinha que deixar sua marca.

Da estufa em construção, perto dos aposentos privados que compartilhava com *lady* Margot, ouviu o zumbido de ferramentas elétricas, junto com os cânticos dos operários. Cortavam portais em forma de arco, colocavam fontes secas em ocos, adornavam paredes com mosaicos geométricos de cores alegres. Para trazer boa sorte, uma das dobradiças que sustentavam uma porta muito ornamentada tinha a forma da mão da Fátima, amada filha de um antigo profeta da Velha Terra.

Fenring estava a ponto de se despedir de Willowbrook, quando um sonoro estrondo fez o chão tremer. Os dois homens correram pelo corredor curvo, flanqueado de prateleiras. Criados picados pela curiosidade espiaram das habitações e elevadores.

A porta do estufa oval estava aberta, e revelava uma massa de metal e plaz emaranhados. Um dos operários requeria aos gritos a presença de um médico, fazendo-se ouvir por cima dos gritos. Todo um andaime flutuante viera abaixo. Fenring jurou que administraria em pessoa um castigo apropriado, assim que a investigação descobrisse bode expiatório mais conveniente.

Fenring entrou na sala e elevou a vista. Viu um céu amarelo limão através do marco metálico aberto do teto arqueado. Só se tinham instalado umas poucas janelas com cristais filtrantes. Outras estavam destroçadas entre os restos do andaime. Falou com tom de irritação.

— No momento mais desafortunado, *hummm?* Esta noite ia mostrá-lo a nossos convidados.

— Sim, desafortunado, conde Fenring, senhor.

Willowbrook olhou enquanto os operários começavam a procurar vítimas entre os escombros.

Médicos com uniforme caqui entraram correndo na zona do acidente. Um deles atendeu um homem com a cara ensangüentada, ao qual acabavam de resgatar dos escombros, enquanto dois homens ajudavam a levantar uma pesada folha de pláz caída sobre outras vítimas. O andaime tinha esmagado o capataz. Estúpido, pensou Fenring, mas afortunado, tendo em conta o que eu teria feito a ele por este desastre.

Fenring consultou seu crono. Faltavam duas horas para que os convidados chegassem. Fez um gesto a Willowbrook.

— Controle esta zona. Não quero que chegue nenhum ruído daqui durante a festa. Isso não transmitiria a mensagem correta, *hummm?* *Lady* Margot e eu preparamos as festividades contudo cuidado, até o último detalhe.

Willowbrook franziu o sobrecenho, mas cuidou para não desafiar as ordens.

— Assim se fará, senhor. Em menos de uma hora.

Fenring fervia de raiva. Na realidade, pouco lhe importavam as plantas exóticas, e tinha concordado com esta cara reforma apenas como concessão a sua esposa Bene Gesserit, *lady* Margot. Embora ela só tivesse pedido uma modesta câmara estanque com plantas em seu interior, Fenring, sempre ambicioso, a tinha transformado em algo muito mais impressionante. Concebeu planos para recolher amostras estranhas da flora de todo o Império.

Se a estufa pudesse ser terminada algum dia...

Acalmou-se e saudou Margot na entrada abobadada, quando ela retornava dos labirínticos mercados de *souk* da cidade. A mulher, uma esbelta loira de olhos verde-cinzentos, figura perfeita com feições impecáveis, superava-o quase em uma cabeça. Vestia um manto desenhado para realçar sua figura, o tecido negro salpicado de pó das ruas.

— Encontrei os nabos de Ecaz, querida?

O conde contemplou com avidez os dois pesados pacotes, envoltos em grosso papel de especiaria marrom, que dois servos seguravam. Como soubera da chegada de um mercador naquela tarde, a bordo de um Cruzeiro, Margot tinha ido a Arrakeen para comprar buscadas hortaliças. Fenring tentou olhar sob os pacotes de papel, mas ela afastou sua mão com uma palmada brincalhona.

— Tudo está preparado, querido?

— *Hummm*, tudo vai bem — disse ele —. Entretanto, esta noite não poderemos visitar sua nova estufa. Está muito desordenada para nossos convidados.

*Lady* Margot, enquanto esperava para receber os convidados importantes, erguia-se no átrio da mansão, adornado em seu nível inferior coberto em madeira com retratos de imperadores Padishah, que remontavam até o lendário general Faykan Corrin, que lutara na Jihad Butleriana, e o culto príncipe Raphael Corrino, assim como Fondil III o Caçador e seu filho Elrood IX.

No centro do átrio, uma estátua de ouro mostrava o imperador atual, Shaddam IV, com o uniforme *Sardaukar* e uma espada cerimoniosa erguida. Era uma das muitas obras caras que o imperador tinha realizado na primeira década do seu reinado. Havia numerosos exemplos ao redor da residência e seus terrenos, presentes do amigo da infância de seu marido. Embora os dois homens tivessem brigado na época da ascensão de Shaddam ao trono, pouco a pouco tinham se reconciliado.

Através das portas duplas que isolavam do pó entravam damas vestidas com elegância, acompanhadas por homens vestidos com smokings pos-butlerianos negros como asa de corvo e uniformes militares de variadas cores. Margot vestia um vestido comprido até o chão, de tafetá de seda com lentejoulas esmeralda no sutiã.

Quando um arauto uniformizado anunciava seus convidados, Margot os saudava. Entravam no grande salão, onde se ouviam muitas gargalhadas, conversas e tinido de copos. Animadores da Casa Jongleur realizavam números circenses e cantavam canções engenhosas para celebrar os dez anos dos Fenring em Arrakis.

Seu marido desceu a grande escada vindo do segundo piso. O conde Fenring vestia um smoking azul escuro com uma faixa púrpura sobre o peito, feito sob medida para ele em Bifkar. Abaixou-se para que ele pudesse beijar seus lábios.

— Entre e dê as boas-vindas aos nossos convidados, querido, antes que o barão monopolize todas as atenções.

Fenring se esquivou de uma ávida duquesa de aspecto desalinhado, vinda de um dos sub-planetas Corrino. A duquesa passou um detector de venenos sobre sua taça de vinho antes de beber, e depois guardou o aparelho em um bolso de seu vestido de baile.

Margot seguiu seu marido com a vista, ele se encaminhava para falar com o barão Harkonnen, que detinha na atualidade o feudo de Arrakis e seu rico monopólio de especiaria. A luz de um fogo ofuscante, potencializado por prismas de crisol, dotava às torcidas feições do barão de um aspecto sinistro. Tinha aspecto muito ruim.

Durante os anos que Fenring e ela estavam no planeta, o barão os convidava para jantar em sua fortaleza ou para presenciar lutas de gladiadores, com escravos de Giedi Prime. Era um homem perigoso e confiante em si mesmo. O barão se apoiava em uma bengala dourada cuja cabeça recordava à boca de um verme de areia de Arrakis.

Margot percebera que a saúde do barão declinara drasticamente durante a última década. Padeceu de uma misteriosa enfermidade muscular e neurológica que o fazia engordar. Por suas irmãs Bene Gesserit sabia o motivo dos problemas físicos, que tinham recaído sobre ele quando violara a reverenda mãe Gaius Helen Mohiam. Não obstante, o barão jamais descobrira a causa da sua aflição.

A própria Mohiam, outra convidada cuidadosamente selecionada para este acontecimento, passou ante a linha de visão de Margot. A grisalha reverenda mãe usava um hábito com um colar cravejado de diamantes. Saudou com um sorriso tenso. Enviou uma mensagem e uma pergunta com um sutil movimento de dedos. "Que notícias há para a mãe superiora Harishka? Me dê detalhes. Devo informá-la.»

Os dedos de Margot responderam: "Progressos sobre o assunto da Missionária Protetiva. Só rumores, nada confirmado. Irmãs desaparecidas ainda sem localizar. Muito tempo. Pode ser que estejam todas mortas."

Mohiam não pareceu satisfeita. Tinha trabalhado em uma ocasião com a Missionária Protetiva, uma valiosa divisão da Bene Gesserit que difundia superstições em planetas afastados. Mohiam tinha dedicado muitos anos da sua juventude ao papel de mulher de cidade, que disseminava informação e potencializava superstições que podiam beneficiar a Irmandade. Mohiam nunca conseguira infiltrar-se na fechada sociedade fremen, mas ao longo dos séculos muitas outras irmãs tinham ido às profundezas do deserto para misturar-se aos fremen... e tinham desaparecido.

Já que estava em Arrakis em sua qualidade de consorte do conde, tinham pedido a Margot que confirmasse o trabalho sutil da Missionária. Até o momento só tinha escutado informes sem confirmação, a respeito de reverendas mães que se uniram aos fremen e passado para a clandestinidade, assim como rumores de rituais religiosos das Bene Gesserit entre as tribos. Ao que parecia, um *sietch* isolado tinha uma mulher santa; viajantes cobertos de pó

tinham falado em uma loja de café de certa cidade sobre um messias claramente inspirado pela *Panoplia Propheticus...* mas nenhuma destas informações chegava dos fremen. O povo do deserto, como seu planeta, parecia impenetrável.

Possivelmente os fremen assassinaram as mulheres Bene Gesserit e roubaram a água de seus corpos.

“A estas a areia as tragou”, comunicaram os dedos de Margot.

“Tanto faz, encontre-as.” Com uma sacudida de cabeça que interrompeu a conversa silenciosa, Mohiam atravessou a sala em direção a uma porta lateral.

— Rondo Tuek —gritou o arauto —, o mercador de água.

Margot se voltou e viu um homem de cara larga, mas robusto, que cruzava o vestíbulo com um estranho passo oscilante. Mechas cinzas pendiam aos lados de sua cabeça e franjas finas sulcavam seu crânio. Tinha os olhos cinzas muito separados.

— Ah, sim... O contrabandista.

As bochechas lisas de Tuek avermelharam, mas um amplo sorriso fendeu seu rosto quadrado. Agitou um dedo em sua direção, como um professor admoestando um estudante.

— Sou um fornecedor de água que trabalha a toque de caixa para extrair umidade das calotas polares.

— Sem a diligência de sua família, estou segura de que o Império ruiria.

— Minha senhora é muito generosa.

Tuek fez uma reverência e entrou no grande salão.

Nos subúrbios da residência, os mendigos se ruíram com a esperança de que o conde tivesse um de seus estranhos gestos de benevolência. Outros espectadores tinham ido observar os mendigos, e contemplavam desejosos a fachada ornamentada da mansão. Vendedores de água, com o traje tradicional tingido de vivas cores, agitavam suas campainhas e lançavam o misterioso grito do *Soo-soo Sook* junto às portas. Guardas emprestados pelas

tropas Harkonnen e obrigados a usar o uniforme imperial para o acontecimento, mantinham a raia aos indesejáveis e abriam caminho para os convidados. Era um circo.

Quando o último dos convidados esperados chegou, Margot olhou para um antigo crono embutido na parede, adornado com figuras mecânicas e delicados carrilhões. Estavam uma meia hora atrasados. Correu para o lado do seu marido e sussurrou em seu ouvido. Fenring enviou um mensageiro aos *Jongleurs*, e guardaram silêncio, um sinal conhecido para os convidados.

— Podem fazer o favor de me dar atenção, *hummm*? — gritou Fenring. Lacaios vestidos com aparato chegaram para escoltar os assistentes —. Nos reuniremos de novo na sala de jantar.

Conforme à tradição, o conde e a condessa Fenring desfilaram atrás do último dos convidados.

A cada lado do amplo portal que dava acesso a sala de jantar havia bacias de lajes incrustadas de ouro, decoradas com complexos mosaicos que continham os emblemas da Casa Corrino e da Casa Harkonnen, de acordo com a necessidade política. O emblema que identificava o governante anterior de Arrakis, a Casa Richese, tinha sido apagado com grandes esforços para substituí-lo pelo grifo azul dos Harkonnen. Os convidados se detinham ante as bacias, mergulhavam as mãos na água e jogavam um pouco no chão. Depois de secar as mãos, jogavam as toalhas em um monte cada vez maior.

O barão Harkonnen tinha sugerido este costume para demonstrar que para um governador planetário pouco importava a escassez de água. Era uma otimista demonstração de riqueza. Fenring gostara da idéia, e se instituía o procedimento, com um giro benevolente, apesar de tudo: *lady* Margot viu uma forma de ajudar os mendigos, de uma maneira bastante simbólica. Com o consentimento a contra gosto de seu marido, anunciou que no final de cada banquete os mendigos seriam convidados a reunirem-se em frente a mansão, afim de receber a água que pudessem espremer das toalhas molhadas.

Margot, com as mãos formigantes e molhadas, entrou no longo salão com seu marido. Tapeçarias antigas adornavam as paredes. Globos de luz salpicavam a sala, todos dispostos à mesma altura sobre o chão, todos sintonizados no espectro amarelo. Sobre a reluzente mesa de madeira pendia uma aranha de cintilante quartzo de Hagal azul esverdeado, com um sensível detector de venenos oculto na parte superior da cadeia.

Um pequeno exército de lacaios separava da mesa as cadeiras dos convidados e estendia um guardanapo sobre o regaço de cada comensal. Alguém tropeçou e jogou ao chão um centro de mesa de cristal, que se fez pedacinhos. Os criados se apressaram a recolher os restos e a substituí-lo. Todo mundo fingiu não dar-se conta.

Margot, sentada à cabeceira da larga mesa, saudou com um dar de cabeça elegante ao planetólogo Pardot Kynes e a seu filho de doze anos, que se sentaram ladeando-a. Estava surpresa com o homem do deserto, ele tinha aceito seu convite, e esperava descobrir até que ponto eram certos os rumores que corriam sobre ele. Segundo sua experiência, festas como estas se destacavam pelas conversas irresponsáveis e pela hipocrisia, embora algumas coisas não escapassem à atenção de uma ardilosa observadora Bene Gesserit. Examinou com cautela o homem magro, e se fixou em um remendo no pescoço cinza de sua casaca de ornamento, e no enérgico contorno de sua mandíbula, coberta por uma barba loira.

A reverenda madre Mohiam sentou-se a duas cadeiras de distância dela. Hasimir Fenring presidia a mesa, com o barão Harkonnen a sua direita. Consciente de que o barão e Mohiam se odiavam, Margot os tinha colocado bastante afastados.

Fenring estalou os dedos, e os criados carregados com bandejas de pratos exóticos saíram por portas laterais. Percorreram a mesa, identificaram o manjar e serviram rações em cada prato.

— Obrigado por nos convidar, *lady* Fenring — disse o filho de Kynes olhando para Margot. O planetólogo tinha apresentado o jovem como Weichih, que significava “bem amado”. Observou que

ele se parecia com o pai, mas o Kynes de maior idade tinha um olhar sonhador, Weichih possuía dureza, produto de ter crescido em Arrakis.

Margot lhe sorriu.

— Um de nossos *chefs* é um fremen da cidade, que preparou uma especialidade dos *sietch* para o banquete, pasteizinhos de especiaria com mel.

— A cozinha fremen alcançou categoria imperial? — perguntou Pardot Kynes com um sorriso irônico. Parecia nunca ter considerado a comida como algo além de mero sustento, e pensava que um jantar oficial constituía uma distração dos trabalhos mais sérios.

— A cozinha é uma questão de... gosto. — Margot escolheu as palavras com diplomacia. Seus olhos cintilaram.

— Considero sua resposta uma negativa — disse o homem.

Altas donzelas extra-planetárias foram servindo vinho azul impregnado de melange. Para assombro dos residentes, apareceram bandejas de frutos do mar, rodeados de mexilhões de Buzzell. Até os habitantes mais ricos de Arrakis provavam em escassas ocasiões os frutos do mar.

— Ah! — exclamou Fenring, satisfeito, do outro extremo da mesa, quando um criado levantou a tampa de uma bandeja —. eu adoro os nabos de Ecaz, *hummm*. Obrigado, querida.

O criado cobriu as hortaliças com um molho escuro.

— Nenhum gasto é excessivo para nossos honoráveis convidados — disse Margot.

— Vou explicar por que estas hortaliças são tão caras — grunhiu um diplomata de Ecaz, atraindo a atenção de todos. Bindikk Narvi era um homem pequeno, de voz profunda e troante —. A sabotagem de colheitas reduziu drasticamente nossos fornecimentos para todo o Império. Chamamos esta nova calamidade de "praga do Grumman". — Transpassou com o olhar o embaixador de Grumman, sentado frente dele, um homem corpulento que bebia sem cessar, de pele escura e enrugada —. Nós

também descobrimos uma sabotagem biológica em nossos bosques de árvores de névoa, no continente de Elacca.

Todo o Império valorizava as esculturas de árvores de névoa de Ecaz, que eram esculpiam controlando o crescimento com o poder da mente humana.

Apesar do seu tamanho, o homem de Moritani, Lupino Ord, falou com voz aflautada.

— Uma vez mais, os ecazi fingem escassez para aumentar os preços. Um truque antiquíssimo, que se remonta a época em que seus antepassados ladrões foram expulsos da Velha Terra depois de cair em desgraça.

— As coisas não ocorreram assim...

— Por favor, cavalheiros — atravessou Fenring. Os grumman sempre foram muito volúveis, dispostos a deixar-se levar por uma fúria vingadora assim que percebiam o insulto mais leve. Fenring a considerava uma característica aborrecida e desagradável. Olhou para sua mulher —. Cometemos algum engano na distribuição de assentos, querida, *hummm?*

— Talvez na lista de convidados — replicou ela.

Risadas educadas e forçadas se elevaram ao redor da mesa. Os dois homens em litígio se calaram, embora se fulminassem com o olhar.

— Agrada-me ver que nosso eminente planetólogo veio com seu filho — disse o barão Harkonnen com tom untuoso —. Um menino muito atraente. Tem a distinção de ser o convidado mais jovem.

— É uma honra para mim me encontrar entre uma companhia tão distinta — respondeu o moço.

— Educaram-no para seguir os passos do seu pai, conforme me disseram — continuou o barão. Margot detectou um sutil sarcasmo em sua voz de baixo —. Não sei o que faríamos sem um planetólogo..

A verdade era que Kynes pouco aparecia na cidade, e quase nunca entregava os relatórios solicitados pelo imperador, embora Shaddam pouco se importasse. Margot tinha descoberto por seu marido que o imperador estava ocupado com outros assuntos, cuja natureza ignorava.

Os olhos do jovem cintilaram. Levantou uma garrafa de água.

— Posso propor um brinde aos nossos anfitriões?

Pardot Kynes piscou devido à audácia de seu filho, como se estivesse surpreso por tal delicadeza social não lhe ter ocorrido antes.

— Uma sugestão excelente — exclamou o barão. Margot se deu conta de que arrastava as palavras, devido ao consumo excessivo de melange.

O moço de doze anos falou com voz firme, antes de tomar um gole.

— Que a generosidade que exibem aqui, com tanta comida e abundância de água, seja tão somente um pálido reflexo da riqueza de seus corações.

Os convidados fizeram coro ao brinde, e Margot detectou um brilho de cobiça em seus olhos. O planetólogo, nervoso, disse por fim o que desejava expressar, quando o tinido de taças acabou.

— Conde Fenring, soube que construiu uma grande estufa. Eu gostaria de muito vê-la.

De repente, Margot compreendeu por que Kynes tinha aceito o convite, o motivo de ter saído do deserto. O homem, vestido com sua casaca e calças, simples mas confortáveis, coberto por uma capa de cor areia, parecia mais um fremen que um funcionário imperial.

— Soube do nosso pequeno segredo, *hummm?* — Fenring umedeceu os lábios, aparentando desconforto —. Tinha a intenção de mostrá-lo aos meus convidados esta noite, mas certos... atrasos deploráveis o impediram. Talvez em outro momento.

— Ao construir um estufa particular, não brinca com coisas que o povo de Arrakis não pode ter? — perguntou o jovem Weichih.

— Ainda — murmurou Pardot Kynes.

Margot o ouviu. Interessante. Compreendeu que seria um erro subestimar aquele homem tosco, e também o seu filho.

— Não há dúvida de que reunir plantas de todo o Império é um objetivo admirável — disse com paciência —. Considero uma exibição das riquezas que o universo oferece, mais que um aviso das necessidades do povo.

Pardot Kynes repreendeu seu filho em voz baixa mas firme.

— Não viemos aqui para impor nossos pontos de vista a outros.

— Ao contrário, peço que exponham suas opiniões — Margot se apressou a dizer, ao mesmo tempo que tentava ignorar os olhares insultantes que os embaixadores de Ecaz e Grumman trocavam —. Não nos sentiremos ofendidos, prometo-lhe.

— Sim — disse um importador de armas cartaginense, sentado no centro da mesa. Seus dedos estavam tão carregados de anéis que mal podia levantar as mãos —. Conte-nos a opinião dos fremen. Todos queremos saber!

Kynes assentiu lentamente.

— Vivo com eles há muitos anos. Para começar a compreender os fremen, tem que compreender que a sobrevivência é sua principal prioridade. Não desperdiçam nada. Tudo é reciclado para voltar a ser utilizado.

— Até a última gota de água — disse Fenring —. Até a água dos cadáveres, *hummm?*

Kynes passeou a vista entre seu filho e Margot.

— E sua estufa particular necessitará de uma grande quantidade desta água preciosa para sua manutenção.

— Ah, mas como Observador Imperial no planeta, posso fazer o que desejar com os recursos naturais — disse Fenring —. Considero que a estufa de minha esposa é um investimento positivo.

— Ninguém duvida dos seus direitos — disse Kynes, em um tom tão firme como a Muralha Escudo —. E eu sou o planetólogo do imperador Shaddam, assim como também fui de Elrood IX. Todos estamos obrigados por nossos deveres, conde Fenring. Não escutará de meus lábios discursos sobre ecologia. Limitei-me a responder a pergunta de sua esposa.

— Bem, planetólogo, nesse caso, nos diga algo que não saibamos sobre o Arrakis — disse o barão —. Está a muito tempo aqui. É a possessão Harkonnen em que perco mais homens. A Corporação nem sequer é capaz de pôr em órbita satélites meteorológicos suficientes para vigilância e fazer previsão metrológica. É o mais frustrante.

— E, graças a especiaria, Arrakis é também muito produtivo — disse Margot —. Em especial para você, querido barão.

— O planeta desafia toda compreensão — disse Kynes —. Será necessária mais que minha breve existência para determinar o que acontece aqui. Só sei apenas que temos que aprender a viver com o deserto, não combatê-lo.

— Os fremen nos odeiam? — perguntou a duquesa Caula, uma prima do imperador. Sustentava cravadas no garfo moelas condimentadas com conhaque.

— É uma comunidade fechada em si mesma, e desconfiam dos que não são fremen. Mas é um povo sincero e honrado, com um código de honra que ninguém desta mesa, nem sequer eu, compreende completamente.

Margot formulou a próxima pergunta com um elegante arcar de sobrelhas, enquanto vigiava a reação do seu interlocutor.

— É verdade o que chegou a nossos ouvidos, que o senhor se transformou em um deles, planetólogo?

— Continuo a ser um servidor do Império, minha senhora, embora há muito que aprender sobre os fremen.

Ergueram-se murmúrios desde diferentes assentos, acompanhados por comentários, enquanto os primeiros pratos

chegavam.

— Nosso imperador ainda não tem herdeiro — disse Lupino Ord, o embaixador de Grumman. A voz do homem era um pouco alta. Tinha bebido sem parar —. Só duas filhas, Irulan e Chalice. Não que as mulheres não sejam valiosas... — Passeou um olhar malicioso com seus olhos negros como o carvão, e captou os olhares desaprovadores de várias damas sentadas à mesa —. Mas sem um herdeiro, a Casa Corrino tem que abrir caminho para outra Grande Casa.

— Se viver tanto como Elrood, nosso imperador talvez fique no trono ainda por um século — assinalou Margot —. Talvez não estejam informados que *lady* Anirul está grávida de novo.

— Em algumas ocasiões, meus deveres me mantêm afastado das notícias recentes — admitiu Ord. Ergueu sua taça de vinho —. Esperemos que o próximo seja varão.

— Bravo, bravo! — gritaram vários comensais.

Mas o diplomata ecazi, Bindikk Narvi, fez um gesto obsceno. Margot tinha ouvido falar da lendária animosidade entre o arquiduque Armand Ecaz e o visconde Moritani de Grumman, mas não conhecia a gravidade da situação. Arrependeu-se de ter sentado os dois rivais tão perto.

Ord agarrou uma garrafa de pescoço fino e se serviu de mais vinho azul, antes que um criado se adiantasse.

— Conde Fenring, possui muitas obras de arte que mostram nosso imperador... quadros, estátuas, gosta de sua efígie. Shaddam não investe muito dinheiro em encargos auto-aduladores? Eles surgem por todo o Império.

— E sempre há alguém que os caça ou derruba — disse o importador de armas de Carthag com uma gargalhada zombeteira.

Em deferência ao planetólogo e ao seu filho, Margot escolheu um pastelzinho de melange da bandeja de sobremesas. Talvez os convidados não tivessem ouvido os outros rumores, que esses bondosos presentes continham aparelhos de vigilância que

controlavam as atividades que aconteciam ao longo do Império. Como a placa cravada na parede que havia atrás de Ord.

— Shaddam deseja deixar sua marca como governante, *hummm?* — comentou Fenring —. Há muitos anos que o conheço. Deseja distanciar-se da política do seu pai, tão dilatada no tempo.

— Talvez, mas está deixando de lado o treinamento dos *Sardaukar*, enquanto permite que as promoções de seus generais... Como se chamam?

— *Bursegs* — disse alguém.

— Sim, enquanto permite que as promoções dos seus *bursegs* aumentem, com pensões exorbitantes e outros prêmios. A moral dos *Sardaukar* está relaxando, pois se exige cada vez mais com recursos cada vez menores.

Margot reparou que seu marido tinha adotado um silêncio inquietante. Contemplava o bêbado imprudente com os olhos entreabertos.

Uma mulher sussurrou algo ao embaixador de Grumman, que acariciou com um dedo a borda da taça.

— Ah, sim. Desculpo-me por dizer o evidente a alguém que conhece tão bem o imperador.

— Você é um idiota, Nord! — trovejou Narvi, como se estivesse esperando a chance de insultá-lo.

— E você é um imbecil e um homem morto.

O embaixador de Grumman ficou em pé, derrubando a cadeira. moveu-se com rapidez e precisão. Tinha sido sua embriaguez uma desculpa para provocar o outro homem?

Lupino Ord desembainhou um cortador a raios e disparou repetidas vezes contra seu adversário. Tinha planejado provocar seu rival ecazi? Os cortadores rasgaram o rosto e o peito do Narvi, e o mataram antes que os venenos das afiadas folhas surtisses efeito.

Os comensais gritaram e fugiram em todas as direções. Alguns lacaios seguraram o cambaleante embaixador e tomaram a arma. Margot estava petrificada em seu assento, mais estupefata que aterrorizada, onde falhei? Até que extremos chega esta animosidade entre Ecaz e a Casa Moritani?

— Prendam-no em um dos túneis subterrâneos — ordenou Fenring —. Que esteja vigiado em todo momento.

— Possuo imunidade diplomática! — protestou Ord em voz alta —. Não ousarão me prender.

— Jamais pense que sabe do que sou capaz. — O conde contemplou as expressões sobressaltadas que o olhavam —. Poderia permitir que meus convidados o castigassem, exercendo assim sua própria... imunidade, *hummm*?

Fenring moveu um braço, e levaram o homem, até que pudesse ser devolvido a Grumman são e salvo.

Uma equipe de médicos entrou correndo, os mesmos que Fenring tinha visto antes no desastre da estufa. Não puderam fazer nada pelo mutilado embaixador de Ecaz.

Quantos cadáveres caíram hoje, pensou Fenring. E não matei ninguém.

— *Hummm* — disse a sua mulher, de pé ao seu lado —. Temo que isto se transformará em um... incidente. O arquiduque de Ecaz apresentará um protesto oficial, e ninguém sabe como reagirá o visconde Moritani.

Ordenou aos lacaios que levassem o cadáver do Narvi do salão. Muitos convidados tinham fugido para outras salas da mansão.

— Enviamos os servos para procurar as pessoas? — Apertou a mão da sua esposa —. Odeio que a noite termine assim. Possivelmente poderíamos chamar os Jongleurs, para que contem histórias divertidas.

O barão Harkonnen se aproximou deles, apoiado em sua bengala.

— É sua jurisdição, conde Fenring, não a minha. Envie um relatório ao imperador.

— Eu cuidarei disso — disse Fenring —. Viajo para Kaitain por outro assunto, e darei a Shaddam os detalhes necessários. E as desculpas apropriadas.

## 4

*Nos dias da Velha Terra havia peritos em venenos, pessoas de uma inteligência tortuosa especialistas no que era conhecido como "os pós da herança".*

*Extrato de um videolivro, Biblioteca Real de Kaitain*

Beely Ridondo, o *chambelán* da corte, atravessou a porta com um sorriso de orgulho.

— O senhor têm uma nova filha, sua Majestade Imperial. Sua esposa acaba de dar a luz uma menina sã e bela.

Em vez de alegrar-se, o imperador Shaddam IV amaldiçoou baixo e se despediu do homem. E são três! Do que me serve outra filha?

Estava de muito mau humor, pior que nunca desde a conspiração para expulsar seu decrepito pai do Trono do Leão Dourado. Shaddam entrou em seu estúdio privado com uma exalação, e passou sob uma antiga placa que rezava "A lei é a ciência definitiva", uma tolice do príncipe herdeiro Raphael Corrino, um homem que nunca tinha se incomodado em manter a coroa imperial. Fechou a porta a suas costas e acomodou seu corpo anguloso na poltrona de respaldo alto que flutuava em frente a sua mesa.

Shaddam, um homem de média estatura, tinha um corpo de músculos fofos e nariz aquilino. Usava suas longas unhas cuidadosamente manicuradas, e o cabelo avermelhado penteado para trás com gel. Vestia um uniforme cinza dos *Sardaukar* com

galões e adornos chapeados e dourados, mas os adornos militares não o consolavam como antes.

Muitas coisas ocupavam sua mente, além do nascimento de outra menina. Fazia pouco, em um concerto de ornamento celebrado em um dos estádios de Harmonthep, alguém tinha solto um globo com uma efígie gigantesca de Shaddam IV. Obscenamente insultante, a chamativa caricatura lhe dava ar de bufão. O globo tinha rolado sobre as multidões risonhas, até que os guardas dragão de Harmonthep o tinham reduzido a pedacinhos com seus fuzis. Até um idiota compreendia o significado que encerrava aquele ato. Face as torturas e interrogatórios mais exacerbados, nem mesmo os investigadores *Sardaukar* tinham conseguido descobrir quem era o responsável pela criação ou lançamento da efígie.

Em outro incidente escreveram com letras de cem metros de altura na muralha de granito do *Monument Canyon*, em Canidar II: "Shaddam, repousa sua coroa com comodidade sobre sua cabeça bicuda?" Em diferentes planetas do seu império, tinham desfigurado dúzias de suas novas estátuas comemorativas. Ninguém tinha visto os culpados.

Alguém o odiava o suficiente para fazer isto. Alguém. A pergunta continuava atormentando seu coração, além de outras preocupações... incluindo uma iminente visita de Hasimir Fenring para informar sobre os experimentos secretos sobre a especiaria sintética que os Tleilaxu estavam realizando.

### Projeto Amal.

Iniciada durante o reinado do seu pai, muito poucas pessoas sabiam sobre essa pesquisa. O Projeto Amal, talvez o segredo melhor guardado do Império, podia proporcionar à Casa Corrino uma fonte inesgotável e artificial de melange, a substância mais preciosa do universo. Mas os malditos experimentos tleilaxu estavam exigindo muitos anos, e a situação o irritava mais a cada mês que passava.

E agora... uma terceira filha! Não sabia quando se daria ao trabalho de conhecer esta nova e inútil menina, se é que alguma vez chegaria a fazer isso.

O olhar de Shaddam se deslocou ao longo da parede chapada, até uma livraria que continha uma holofoto de Anirul vestida de noiva, junto a um grosso volume de consulta sobre grandes desastres históricos. Tinha enormes olhos de gazela, de cor avelã a certa luz, mais escuros em outros momentos, que ocultavam algo. Deveria ter percebido antes.

Era a terceira vez que esta Bene Gesserit de "patente oculta" fracassava na tentativa de lhe dar um herdeiro, e Shaddam precisava de planos de emergência para tal eventualidade. Seu rosto avermelhou. Claro que poderia engravidar várias concubinas e confiar que dessem a luz um filho homem, mas como estava casado legalmente com Anirul, enfrentaria tremendas dificuldades políticas se tentasse proclamar um bastardo como herdeiro do trono imperial.

Também podia matar Anirul e tomar outra esposa (seu pai tinha feito isso muitas vezes), mas tal ação provocaria a ira da irmandade Bene Gesserit. Tudo se solucionaria se Anirul lhe desse um filho, um menino são que pudesse designar como herdeiro.

Tantos meses de espera, e agora isto...

Tinha ouvido que as bruxas podiam escolher o sexo de seus filhos mediante manipulações na química corporal. Estas filhas não podiam ser um acidente. As intermediárias da Bene Gesserit que lhe tinham endossado Anirul o enganaram. Como ousavam fazer isso ao imperador de um milhão de planetas? Qual era o verdadeiro propósito de Anirul? Estava recolhendo material para chantageá-lo? Devia repudiá-la?

Tamborilou com um lápis sobre sua mesa de madeira de Elacca, enquanto contemplava a imagem de seu avô paterno, Fondil III. Conhecido como "o Caçador" por sua propensão a aniquilar qualquer vestígio de rebelião, Fondil não tinha sido menos temido em seu próprio lar. Embora o velho tivesse morrido muito tempo

antes de Shaddam nascer, sabia algo dos métodos e disposições de ânimo do Caçador. Se Fondil topasse com uma esposa arrogante, teria encontrado uma forma de desfazer-se dela...

Shaddam apertou um botão de seu escritório, e seu *chambelán* pessoal voltou a entrar no estúdio. Ridondo fez uma reverência e exibiu sua calva brilhante.

— Senhor?

— Desejo ver Anirul. Agora.

— Está deitada, senhor.

— Não me obrigue a repetir a ordem.

Sem uma palavra mais, Ridondo desapareceu pela porta lateral com longos movimentos de aranha.

Momentos depois, uma pálida e excessivamente perfumada dama de companhia apareceu.

— Meu imperador — disse com voz tremula —, minha senhora Anirul deseja que lhes comunique que ela está debilitada pelo nascimento de sua filha. Suplica sua indulgência para que permita continuar deitada. Poderia considerar a idéia de ir vê-la, a ela e ao bebê?

— Entendo. Suplica minha indulgência? Não me interessa ver outra filha inútil, nem ouvir mais desculpas. Esta é a ordem do seu imperador: Anirul tem que vir agora. Tem que fazê-lo sozinha, sem a ajuda de nenhum criado ou artefato mecânico. Expressei-me com clareza?

Com sorte, cairia morta antes de chegar.

Aterrorizada, a dama de companhia fez uma reverência.

— Como desejar, senhor.

Ao fim de algum tempo, uma Anirul de pele cinzenta apareceu na soleira do estúdio, apoiada a uma coluna. Vestia um manto escarlate e dourado que não chegava a ocultar sua camisola. Embora seus pés falhassem, mantinha a cabeça erguida.

— O que pode dizer em sua defesa? — perguntou o imperador.

— O parto foi difícil, e estou muito fraca.

— Desculpas, desculpas. É inteligente para saber a que me refiro. foi bastante ardilosa para me enganar durante todos estes anos.

— Enganá-lo? — Piscou, como se Shaddam tivesse perdido o juízo —. Perdoe-me, Majestade, mas estou cansada. Por que têm que ser tão cruel, me chamando a sua presença e se negando a ver sua filha?

Shaddam tinha os lábios exangues, como se todo o sangue os tivesse abandonado. Seus olhos eram mares serenos.

— Porque poderia me dar um herdeiro varão, mas se nega.

— Isso não é verdade, Majestade, só rumores.

Necessitou de toda sua preparação Bene Gesserit para continuar de pé.

— Eu recebi informes de inteligência, não rumores. — O imperador olhou para ela com um olho, como se pudesse vê-la com maior detalhe —. Deseja morrer, Anirul?

Ela pensou que talvez ele fosse matá-la. A verdade é que não existe amor entre nós, mas se arriscaria a incorrer na ira da Bene Gesserit se acabasse comigo? No momento de sua ascensão ao trono, Shaddam tinha concordado em desposá-la porque necessitava da força de uma aliança com a Bene Gesserit em um clima político intranquilo. Agora, depois de uma dúzia de anos, Shaddam se sentia muito confiante em seu posto.

— Todo mundo morre — disse ela.

— Mas não da forma que eu poderia ordenar.

Anirul tentou não demonstrar a menor emoção, e se recordou que não estava sozinha, que sua psique albergava as lembranças coletivas de multidões de Bene Gesserit que a tinham precedido e se conservavam na Outra Memória. Falou com voz serena.

— Não somos as bruxas tortuosas e malvadas que se diz.

Não era verdade, é obvio, embora soubesse que Shaddam só podia ter suspeitas em sentido contrário.

O semblante de seu marido não se suavizou.

— O que é mais importante para você... suas irmãs ou eu?

Anirul meneou a cabeça, contrita.

— Não têm direito de me perguntar isso. Jamais lhe dei motivos para pensar que não sou leal à coroa.

Anirul levantou a cabeça com orgulho e se recordou do lugar que ocupava no longo histórico da Irmandade. Nunca admitiria que tinha recebido ordens da hierarquia Bene Gesserit de não dar a luz um filho varão da estirpe Corrino. A sabedoria de suas irmãs ressoou em sua mente. O amor enfraquece. É perigoso, porque nubla a razão e nos distrai de nossos deveres. É uma aberração, uma desgraça, uma infração imperdoável. Não podemos amar.

Anirul tentou distrair a ira de Shaddam.

— Aceite sua filha, senhor, porque pode utilizá-la para cimentar alianças políticas importantes. Deveríamos negociar seu nome. O que acha de Wensicia? — Alarmada, tomou consciência de uma umidade morna entre suas coxas. Sangue? Teriam soltado os pontos? Gotas vermelhas estavam caindo sobre o tapete. Viu que Shaddam estava olhando para seus pés. Uma nova fúria se refletiu nas feições do imperador.

— Esse tapete pertenceu a minha família durante séculos!

Não dê sinais de fraqueza. Ele é um animal... A vontade controla a fraqueza e devolve a energia. Voltou-se pouco a pouco, deixando que caíssem mais algumas gotas, e depois se afastou com passo inseguro.

— Tendo em conta a história da Casa Corrino, tenho certeza de que se manchou de sangue em outras ocasiões.

## 5

*Diz-se que, em todo o universo, não há nada seguro, nada equilibrado, nada duradouro, nada permanece em seu estado original, se produzem mudanças a cada dia, a cada hora, a cada momento.*

*Panóplia Propheticus da Bene Gesserit*

Uma figura solitária se erguia no final do longo mole que corria sob o castelo de Caladan, perfilada contra o mar e o sol nascente. Tinha um rosto fino de pele oleácea, com um nariz que lhe dava aspecto de falcão.

Uma frota de barcos de pesca acabava de zarpar. Homens vestidos com jérseis grossos, jaquetões e chapéus de ponto perambulavam pelas cobertas, preparando os arranjos. No povoado, fios de fumaça surgiam das chaminés. Os aldeãos a chamavam de "cidade velha", a convocação do povoado original, séculos antes que se construíssem na planície situada sob o castelo a elegante capital e o espaçoporto.

O duque Leto Atreides, vestido informalmente com calças de pescar azuis e uma blusa branca com o emblema do falcão vermelho, aspirou uma profunda baforada de ar salgado revigorante. Embora fosse o chefe da Casa Atreides, representante de Caladan no Landsraad e para o imperador, Leto gostava de levantar-se cedo com os pescadores. Às vezes convidavam o duque a seus lares, e face às objeções do chefe de segurança, Thufir Hawat, que não confiava em ninguém, reunia-se de vez em quando com eles para comer a base de ciopão.

O vento salgado aumentou de intensidade e desenhou espuma na água. Tinha vontade de acompanhar os homens, mas suas responsabilidades no planeta eram muito entristecedoras. E também havia assuntos importantes em escala interplanetária. Devia fidelidade ao Império tanto como a seus súditos, e se encontrava metido na medula de problemas complicados.

O brutal assassinato de um diplomata de Ecaz nas mãos de um embaixador Grumman não era pouca coisa, nem sequer no longínquo Arrakis, mas dava a impressão de que o visconde Moritani não se importava com a opinião pública. As Grandes Casas já estavam pedindo a intervenção imperial para evitar um conflito em maior escala. No dia anterior, Leto tinha enviado uma mensagem ao Conselho do Landsraad, oferecendo-se como mediador.

Só tinha vinte e seis anos, mas já era um veterano com uma década à frente de uma Grande Casa. Atribuía seu êxito ao fato de nunca ter perdido o contato com suas raízes. Disso podia dar graças a seu falecido pai, Paulus. O velho duque tinha sido um homem simples que gostava de misturar-se com seu povo, como o duque Leto fazia agora. Seu pai devia ter sabido (embora nunca o admitisse para Leto) que também era uma boa tática política, pois lhe rendia o carinho do seu povo. As exigências do cargo suportavam uma complicada mistura. Às vezes, Leto não sabia onde começavam e terminavam suas personalidades pública e privada.

Pouco depois de ter assumido as responsabilidades do cargo, Leto Atreides tinha assombrado o Landsraad com seu dramático Julgamento de Confisco, uma audaz manobra destinada a evitar a acusação de ter atacado duas naves tleilaxu no interior de um Cruzeiro da Corporação. A jogada de Leto tinha impressionado a muitas Grandes Casas, e recebido uma carta de felicitação de Hundro Moritani, o ardiloso e desagradável visconde de Grumman, que freqüentemente se negava a colaborar, e até a participar, em assuntos do Império. O visconde disse que admirava a "insolente manobra das normas efetuada por Leto", o que demonstrava que "a

liderança é obra de homens fortes com convicções fortes, não de funcionários que estudam as virgulas das leis”. Leto não estava muito seguro de que Moritani acreditasse em sua inocência. Acreditava que o visconde gostara de ver o duque Atreides ter saído incólume de acusações tão terríveis.

Do outro lado da disputa, Leto também mantinha contatos com a Casa Ecaz. O velho duque, seu pai, tinha sido um dos grandes heróis da Revolta de Ecaz, lutando ao lado de Dominic Vernius para derrotar os separacionistas violentos e defender os governantes do mundo vegetal protegido pelo Landsraad. Paulus Atreides tinha acompanhado o agradecido e jovem arquiduque Armand Ecaz durante a cerimônia de celebração da vitória que lhe tinha restaurado no Trono de Mogno. Entre as posses do velho duque se contava a Cadeira da Valentia que Armand Ecaz tinha colocado ao redor de seu grosso pescoço. Além disso, os advogados que tinham defendido Leto durante o julgamento na sede do Landsraad tinham vindo da região ecazi de Elacca.

Já que era respeitado pelos dois bandos em litígio, Leto pensava que talvez poderia encontrar uma forma de forçá-los a fazer as pazes. Política! Seu pai sempre o ensinara a levar em conta a situação global, dos elementos mais insignificantes até os mais decisivos.

Leto tirou do bolso da blusa um *vocoder* e ditou uma carta para sua primo, Shaddam IV, felicitando-o pelo nascimento de um novo filho. A mensagem seria enviada através de um correio oficial no próximo Cruzeiro da Corporação que partisse para Kaitain.

Quando Leto já não pôde ouvir o chapinho das barcos de pesca, subiu o caminho sinuoso que conduzia até o alto do escarpado.

Tomou o café da manhã no pátio em companhia de Duncan Idaho, que já tinha completado vinte anos. O jovem de cara redonda vestia o uniforme verde e negro do guarda Atreides. Tinha o grosso cabelo muito curto, para que não lhe atrapalhasse quando treinava no manejo das armas. Thufir Hawat lhe tinha dedicado

muitas horas, e dizia que era um estudante muito dedicado, mas Duncan já alcançara os limites do que o guerreiro *Mentat* podia lhe ensinar.

Quando menino, escapara dos calabouços Harkonnen no castelo de Caladan, onde tinha se posto à mercê do velho duque. Quando crescera, continuara a ser um dos membros mais leais da Casa Atreides, e o que melhor usava as armas. Os mestres espadachins de Ginaz, aliados militares da Casa Atreides há muito tempo, tinham admitido Duncan Idaho em sua academia.

— Lamentarei sua partida, Duncan — disse Leto —. Oito anos é muito tempo...

Duncan estava sentado muito rígido, sem expressar o menor temor.

— Mas quando retornar, meu duque, poderei servi-lo melhor em todos os sentidos. Ainda serei jovem, e ninguém ousará ameaçá-lo.

— Oh, ainda continuam me ameaçando, Duncan. Não se engane.

O jovem fez uma pausa antes de lhe dedicar um sorriso leve e duro.

— Nesse caso, serão eles quem cometerão um engano. Não eu. — levou uma fatia de melão Paradan à boca, mordeu a fruta amarela e secou o suco salgado que escorria pelo seu queixo —. Sentirei falta destes melões. A comida dos barracões não tem comparação.

Cortou a fatia em porções menores.

Trepadeiras de buganvília subiam pelas paredes de pedra que os rodeavam, mas ainda era inverno e as plantas não tinham florescido. Não obstante, devido a um calor incomum e ao adiantamento da primavera, já tinham começado a aparecer brotos nas árvores. Leto suspirou de satisfação.

— Não vi um lugar mais belo em todo o Império que Caladan na primavera.

— Certamente, Giedi Prime não chega nem perto. — Duncan ergueu a guarda, inquieto ao ver o aspecto relaxado e plácido de Leto —. Temos que estar sempre vigilantes, meu duque, sem nos permitir a menor fraqueza. Não esqueça jamais a velha inimizade entre os Atreides e os Harkonnen.

— Você fala como Thufir. — Leto engoliu uma colherada do pudim de arroz pundi —. Estou seguro de que não existe homem melhor que você a serviço dos Atreides, Duncan. Mas temo que talvez vamos criar um monstro ao enviá-lo para um adestramento de oito anos. O que será quando voltar?

O orgulho se refletiu nos profundos olhos verde-azulados do jovem.

— Serei um mestre espadachim de Ginaz.

Por um longo momento, Leto pensou nos graves perigos da escola. Quase uma terça parte dos estudantes morriam durante o treinamento. Duncan tinha zombado das estatísticas, dizendo que já tinha sobrevivido a situações piores contra os Harkonnen. E tinha razão.

— Sei que vai triunfar — disse Leto. Sentiu um nó na garganta, uma profunda tristeza pela partida de Duncan —. Mas nunca pode esquecer a compaixão. Aprenda o que aprender, não retorne acreditando ser melhor que outros homens.

— Não o farei, meu duque.

Leto procurou debaixo da mesa, tirou um pacote longo e fino e o entregou a seu interlocutor.

— Este é o motivo de solicitar sua companhia para o café da manhã.

Duncan, surpreso, abriu-o e extraiu uma espada cerimoniosa muito trabalhada. Aferrou o pomo.

— A espada do velho duque! Vai emprestá-la para mim?

— É um presente, meu amigo. Lembra quando o encontrei na sala de armas, pouco depois que meu pai morreu no arena? Tinha

tirado a espada da prateleira. Na época era quase tão alta quanto você, mas agora já a superou.

Duncan não encontrou palavras para agradecer. Leto olhou para o jovem de cima abaixo.

— Acredito que se meu pai tivesse vivido para ver o homem em que se transformou, ele mesmo teria lhe dado isso. Já é adulto, Duncan Idaho, e digno da espada de um duque.

— Bom dia — disse uma voz alegre. O príncipe Rhombur Vernius entrou no pátio, com cara de sono mas já vestido. O anel de jóias de fogo em sua mão direita cintilou à luz do sol. Sua irmã Kailea caminhava a seu lado, com o cabelo acobreado preso por um broche de ouro. Rhombur passeou o olhar entre a espada e as lágrimas que brilhavam nos olhos de Duncan —. O que está acontecendo aqui?

— Dei a Duncan um presente de despedida.

Rhombur assobiou.

— Muito generoso para uma menino de quadras.

— Talvez o presente seja excessivo — disse Duncan, olhando para o duque Leto. Contemplou a espada, e depois desviou a vista para Rhombur —. Nunca voltarei a trabalhar nas quadras, príncipe Vernius. A próxima vez que o vir serei um mestre espadachim.

— A espada é sua, Duncan — disse Leto em um tom mais firme, imitado de seu pai —. Não discutiremos mais o assunto.

— Como desejar, meu duque. — Duncan fez uma reverência — Peço que me desculpe, pois devo preparar minha viagem.

O jovem cruzou o pátio em grandes passos.

Rhombur e Kailea se sentaram à mesa, onde tinham disposto os pratos do seu café da manhã. Kailea sorriu para Leto, mas não com seu habitual estilo carinhoso. Durante anos, o casal tinha dado voltas nas pontas dos pés ao redor da relação romântica, pois o duque não desejava implicar-se mais devido a razões políticas, a necessidade de desposar a filha de uma Grande Casa poderosa. Os

motivos eram os mesmos que o velho duque lhe tinha inculcado uma e outra vez, a responsabilidade do duque para com o povo de Caladan. Leto e Kailea só deram as mãos uma vez. Nem sequer a beijara ainda.

— A espada do seu pai, Leto? — perguntou Kailea, baixando a voz —. Era necessário? É muito valiosa.

— É apenas mais um objeto, Kailea. Significa mais para Duncan que para mim. Eu não preciso de uma espada para convocar doces lembranças do meu pai. — Leto reparou na barba loira incipiente que aparecia no rosto do seu amigo, o que contribuía para que Rhombur parecesse mais um pescador que um príncipe —. Quando foi a última vez que se barbeou?

— Infernos vermelhos! Que mais tem meu aspecto? — Tomou um gole do suco de *cidrit*, mas fez uma careta ao sentir a acidez —. Como se tivesse algo importante a fazer.

Kailea, que comia com rapidez e em silêncio, estudou seu irmão. A jovem tinha olhos verdes penetrantes. Sua boca de gata fez uma careta de desaprovação.

Quando Leto olhou para Rhombur, reparou que o rosto do seu amigo ainda conservava certa aparência própria da infância, mas os olhos castanhos já não eram brilhantes. Em troca, revelavam uma profunda tristeza pela perda do seu lar, o assassinato de sua mãe e o desaparecimento do seu pai. Agora, do que tinha sido uma grande família, só restavam sua irmã e ele.

— Suponho pouco importe — disse Leto —. Hoje não nos aguardam assuntos de estado, nem alguma viagem gloriosa a Kaitain. De fato, poderia parar de se banhar definitivamente. — Leto remexeu sua terrina de pudim de arroz pundi. Então, sua voz adquiriu um tom brusco —. Entretanto, continua a ser membro de minha corte, e um de meus conselheiros de maior confiança. Esperava que desenvolvesse um plano para recuperar suas posses e posição perdidas.

Como um aviso constante dos dias gloriosos de IX, quando a Casa Vernius tinha governado o mundo máquina antes da conquista dos tleilaxu, Rhombur usava ainda a hélice púrpura e cobre no pescoço de todas as camisas. Leto observou que a camisa de Rhombur estava muito enrugada e necessitava de uma lavagem.

— Leto, se tivesse alguma idéia do que tinha que fazer, embarcaria no próximo Cruzeiro e o tentaria. — Parecia confuso —. Os tleilaxu fecharam IX atrás de barreiras impenetráveis. Quer que Thufir Hawat envie mais espiões? Os três primeiros nunca conseguiram chegar à cidade subterrânea, e os dois últimos desapareceram sem deixar rastro. — Juntou os dedos —. Só posso confiar em que os ixianos leais estejam combatendo do interior e derrotem logo os invasores. Espero que tudo saia bem.

— Meu amigo o otimista — disse Leto.

Kailea franziu o sobrecenho e falou por fim.

— Passaram-se doze anos, Rhombur. Quanto tempo vai esperar que tudo se arrume por magia?

Seu irmão, incomodado, tentou mudar de assunto.

— Soube que a esposa de Shaddam deu a luz à sua terceira filha?

Kailea soprou.

— Conhecendo Shaddam, com certeza está muito aborrecido por não ter um herdeiro.

Leto se negou a aceitar pensamentos tão negativos.

— O mais provável é que esteja muito contente, Kailea. Além disso, sua esposa ainda pode lhe dar muitos filhos ainda. — Virou-se para Rhombur —. O que me recorda, velho amigo, que precisa arrumar uma esposa.

— Que cuide para que esteja sempre limpo e barbeado?

— Para começar sua Casa de novo, talvez. Para continuar a estirpe de Vernius com um herdeiro no exílio.

Kailea esteve a ponto de dizer algo. Terminou o melão, mordiscou uma torrada. Depois, desculpou-se e se levantou da mesa.

Durante o longo silêncio que se seguiu, brilharam lágrimas nas pálpebras do príncipe ixiano, que depois escorreram por suas bochechas. Secou-as, envergonhado.

— Sim. Estive pensando nisso. Como soube?

— Você já me disse isso mais de uma vez, depois de ter dado conta de duas ou três garrafas de vinho.

— É uma idéia louca. Minha Casa morreu, IX caiu nas mãos de um punhado de fanáticos.

— Bem, pois comece uma nova Casa Menor em Caladan, um novo negócio familiar. Poderíamos olhar a lista de indústrias e pensar no que não existe. Kailea tem um olho bom para os negócios. Eu proporcionarei os recursos que necessitar para se estabelecer.

Rhombur se permitiu uma risada agridoce.

— Minha fortuna sempre estará estreitamente vinculada a sua, duque Leto Atreides. Não, prefiro ficar aqui, vigiando suas costas, para impedir que dilapide todo o castelo.

Leto assentiu sem sorrir, e enlaçaram as mãos no meio aperto do Império.

## 6

*A natureza não comete erros, erros e acertos são criações humanas.*

*PARDOT KYNES, Discursos em Arrakis.*

Dias monótonos. A patrulha Harkonnen, composta por três homens, sobrevoava as ondulações douradas das dunas ao longo de um plano de vôo de mil quilômetros. Na paisagem implacável do deserto, até uma rajada de pó causava entusiasmo.

Os patrulheiros descreveram um longo círculo em seu ornitóptero couraçado, contornaram montanhas, e depois se desviaram para o sul sobre grandes planícies. Glossu Rabban, sobrinho do barão e governador provisório de Arrakis, tinha ordenado que voassem com regularidade para deixar-se ver, para demonstrar aos miseráveis povoados que os Harkonnen estavam vigiando. Sempre.

Kiel, o artilheiro, considerava a missão uma permissão para caçar qualquer fremen que encontrassem vagabundeando perto dos lugares onde se extraía especiaria. Por que aqueles vagabundos sujos imaginavam que podiam entrar nas terras dos Harkonnen sem permissão do escritório do distrito em Carthag? De qualquer modo, poucos fremen eram surpreendidos à luz do dia, e a tarefa estava se tornando pesada.

Garan pilotava o tóptero. Subia e descia como se estivesse em um brinquedo. Mantinha uma expressão estóica, embora às vezes um sorriso aparecesse em seus lábios. Ao terminar seu quinto dia de patrulha, continuava anotando discrepâncias em mapas topográficos, e resmungava cada vez que descobria um novo erro. Eram os piores mapas que utilizara em sua vida.

No compartimento de passageiros se sentava Josten, que acabava de chegar de Giedi Prime. Acostumado às instalações industriais, os céus cinzentos e os edifícios sujos, Josten contemplava as planícies arenosas e estudava as hipnóticas configurações das dunas. Divisou uma nuvem de pó para o sul, nas profundezas da Planície Funeral.

— O que é isso? Uma operação de recolhimento de especiaria?

— Nem pensar — disse Kiel —. Os colhedores lançam ao ar um fio de fumaça similar a um cone, reto e magro.

— Muito baixo para um demônio do pó. Muito pequeno. — Garan deu de ombros, moveu os controles do tóptero e se dirigiu para a nuvem parda —. Vamos dar uma olhada.

Depois de tantos dias tediosos, teriam fugido da rotina para ir investigar uma rocha grande que sobressaísse da areia...

Quando chegaram ao lugar, não encontraram rastros, nem maquinaria, nem o menor sinal de presença humana, os hectares de deserto pareciam devastados. Bolinhas coloridas manchavam as areias de um ocre mais escuro, parecido com sangue seco sob o sol abrasador.

— Parece que alguém jogou uma bomba aqui — comentou Kiel.

— Pode ser resultado de uma explosão de especiaria — sugeriu Garan —. Vamos aterrissar.

Quando o tóptero pousou sobre as areias calcinadas. Kiel abriu a escotilha. A atmosfera de temperatura controlada escapou com um vaio e foi substituída por uma onda de calor. Tossiu por causa do pó.

Garan se inclinou para frente e aspirou ar com força.

— Cheirem. — O aroma de canela queimada atacou seu olfato —. Uma explosão de especiaria, sem dúvida.

Josten passou junto a Kiel e saltou ao chão. Inclinou-se, assombrado, recolheu um punhado de areia ocre e a roçou com os lábios.

— Podemos colher especiaria fresca e levá-la. Deve valer uma fortuna.

Kiel tinha estado pensando no mesmo, mas se voltou com cenho carregado para o recém-chegado.

— Não temos equipamento para processamento. É preciso separá-la da areia, e não é possível fazer isso com os dedos.

Garan falou em voz mais baixa, mas também mais firme.

— Se voltássemos para Carthag e tentássemos vender o produto bruto a um vendedor das ruas, seriam levados presos até o governador Rabban... ou pior ainda, teria que explicar ao conde Fenring como um pouco de especiaria do imperador terminou nos bolsos de um patrulheiro.

Enquanto os soldados se aproximavam do poço irregular que havia no centro da nuvem de pó já dissipada, Josten olhou ao redor.

— Não corremos perigo? Os grandes vermes não vem reclamar a especiaria?

— Está com medo, rapaz? — perguntou Kiel.

— Nós o jogaremos para o verme se virmos um — sugeriu Garan —. Nos dará tempo de fugir.

Kiel observou movimentos na escavação arenosa, formas que serpenteavam, coisas enterradas que faziam túneis e escavavam, como vermes em carne podre. Josten abriu a boca para dizer algo, mas voltou a fechá-la.

Um ser parecido com um chicote emergiu da areia, de dois metros de comprimento e pele carnuda segmentada. Era do tamanho de uma serpente grande, e sua boca era um círculo aberto que cintilava com dentes afiados como agulhas.

— Um verme de areia! — exclamou Josten.

— É só é um filhote — disse Kiel, desdenhoso.

— Tem certeza? — perguntou Garan.

O verme moveu sua cabeça sem olhos de um lado para outro. Outros seres similares, todo um ninho, apareceram ao redor, como se tivessem sido expulsos pela explosão.

— De onde demônios saíram? — perguntou Kiel.

— Não constava em meu relatório — disse Garan.

— Podemos... pegar um? — perguntou Josten.

Kiel reprimiu uma réplica sarcástica, quando compreendi que o novato tivera uma boa idéia.

— Vamos!

Correu para a areia calcinada.

O verme intuiu o movimento e retrocedeu, sem saber se atacava ou fugia. Arqueou-se como uma serpente marinha e afundou na areia.

Josten correu e se jogou no chão para agarrar o corpo segmentado que ainda não desaparecer.

— Como é forte!

O artilheiro o imitou e segurou a cauda.

O verme tentou libertar-se, mas Garan afundou as mãos na areia e agarrou sua cabeça. Os três patrulheiros puxaram com todas as suas forças. O pequeno verme se debatia como uma enguia em uma placa elétrica.

No lado oposto do poço, mais vermes emergiram como um estranho bosque de periscópios no mar de dunas, com as bocas negras voltas para os homens. Por um momento aterrador, Kiel temeu que fossem atacar como um enxame de sanguessugas, mas as crias fugiram, desaparecendo sob a areia.

Garan e Kiel arrastaram seu cativo até o ornitóptero. Como formavam uma patrulha Harkonnen, contava com todo o equipamento necessária para prender delinqüentes, incluindo aparelhos antiquados para amarrar um cativo como se fosse um animal.

— Josten, vá procurar as cordas que há no equipamento de tração — disse o piloto.

O novo recruta voltou correndo com as cordas, fez um laço que passou pela cabeça do animal e o apertou. Garan soltou a pele segmentada e puxou a corda com força, enquanto Josten passava uma segunda corda pelo seu corpo.

—O que vamos fazer com ele? — perguntou Josten.

Em uma ocasião, no princípio de sua chegada a Arrakis, Kiel tinha acompanhado Rabban em uma caçada de vermes. Tinham levado um guia fremen, soldados armados até os dentes, e até mesmo um planetólogo. Utilizaram o guia fremen como isca e atraíram um verme enorme, que mataram com explosivos, mas antes que Rabban pudesse apoderar-se de seu troféu a besta havia se dissolvido, transformado em seres similares a amebas que caíram na areia, sem deixar nada além de um esqueleto cartilaginoso e dentes de cristal soltos. Rabban se enfureceu.

Kiel sentiu um nó no estômago. O sobrinho do barão podia considerar um insulto que três simples patrulheiros fossem capazes de capturar um verme, quando ele não conseguira fazer o mesmo.

— É melhor que o afogemos.

— Afogá-lo? — perguntou Josten —. Por que? E por que devo desperdiçar minha ração de água nisso?

Garan se deteve.

— Ouvi dizer que os fremen fazem isso. Se sufoca à cria de um verme, dizem que cospe uma espécie de veneno. É muito estranho.

Kiel assentiu.

— Oh, sim. Esses demônios do deserto o utilizam em seus rituais religiosos. Todo mundo se entrega a orgias, e muitos morrem.

— Mas... só temos dois *litrojons* de água no compartimento — disse Josten, ainda nervoso.

— Então só utilizaremos um. De qualquer forma, sei onde podemos voltar a enchê-lo.

O piloto e seu artilheiro trocaram um olhar. Tinham patrulhado juntos o suficiente para ter chegado a pensar exatamente o mesmo.

Como se soubesse o destino que o aguardava, o verme se debateu com maior violência ainda, mas já estava enfraquecendo.

— Quando conseguirmos a droga — disse Kiel —, passaremos isso em grande.

De noite, voaram em silêncio sobre as montanhas afiadas como facas, aproximaram-se por trás de uma colina e aterrissaram sobre uma meseta que dominava a aldeia de *Bilar Camp*. Os habitantes viviam em covas escavadas e em edifícios que se estendiam para as planícies. Moinhos de vento geravam eletricidade. Nos depósitos de suprimentos brilhavam diminutas luzes que atraíam algumas mariposas e morcegos que se alimentavam delas.

Ao contrário dos misteriosos fremen, estes aldeões estavam mais civilizados, mas também mais oprimidos. Tratava-se de homens que trabalhavam como guias do deserto e se uniam às equipes que extraíam especiaria. Tinham esquecido como sobreviver em seu planeta sem transformarem-se em parasitas dos governadores planetários.

Em uma patrulha anterior, Kiel e Garan tinham descoberto uma cisterna camuflada na meseta, um tesouro em água. Kiel ignorava de onde os aldeões tinham tirado tanto líquido. O mais provável era que tivessem cometido uma fraude, inchando o censo para que a generosidade Harkonnen proporcionasse mais do que mereciam

A gente de *Bilar Camp* havia coberto a cisterna com rocha para que parecesse uma proeminência natural, mas não tinham colocado guardas ao redor de suas reservas ilegais. Por algum motivo ignorado, a cultura do deserto proibia o roubo mais que o

assassinato. Confiavam que suas posses estariam a salvo de bandidos ou ladrões noturnos.

É obvio, os patrulheiros não tinham a menor intenção de roubar a água... somente a que necessitassem.

Josten correu atrás deles carregado com seu contêiner, que guardava a espessa e venenosa substância exsudada pelo verme afogado. Nervosos e assustados pelo que tinham feito, jogaram o cadáver perto do perímetro da explosão de especiaria e partiram com a droga. Preocupava ao Kiel com as emanações tóxicas do verme guardadas no interior do *litrojon*.

Garan manipulou o grifo da cisterna, disfarçado com astúcia, e encheu um dos contêineres vazios. Era absurdo desperdiçar toda a água só para pregar uma peça pesada nos aldeãos. Em seguida, Kiel pegou o contêiner de bÍlis do verme e o esvaziou dentro da cisterna. Os aldeãos teriam uma boa surpresa da próxima vez que bebessem de suas reservas ilegais.

— Isso lhes servirá de lição.

— Sabe que efeito a droga causará? — perguntou Josten.

Garan negou com a cabeça.

— Ouvi muitas histórias absurdas.

— Possivelmente deveríamos deixar que o menino provasse antes — disse o artilheiro.

Josten retrocedeu e levantou as mãos. Garan deu uma olhada na cisterna poluída.

— Com certeza tiram a roupa e dançam nus pelas ruas, gritando como possessos.

— Vamos observar — disse Kiel.

Garan franziu o cenho.

— Você vai explicar a Rabban por que chegamos tão tarde da patrulha?

— Vamos — se apressou a responder Kiel.

Enquanto o veneno do verme poluía a cisterna, os patrulheiros voltaram correndo para seu ornitóptero, contentes a contra gosto de deixar que os aldeãos descobrissem a brincadeira por si mesmos.

# 7

*Antes de nós, todos os métodos de aprendizagem estavam poluídos pelo instinto. Antes de nós, os investigadores viciados pelo instinto possuíam um período de atenção limitado, que com freqüência não se prolongava além da duração de sua vida. Não concebiam projetos que abrangessem cinquenta gerações ou mais. O conceito do treinamento neuromuscular total não tinha penetrado em sua consciência. Nós aprendemos a aprender.*

*Livro de Azhar, Bene Gesserit*

Na verdade é uma menina especial? A reverenda madre Gaius Helen Mohiam viu a menina de proporções perfeitas realizar exercícios neuromusculares prana-bindu sobre o chão de madeira dura do módulo de treinamento da Escola Materna.

Mohiam, que acabava de chegar do banquete interrompido de Arrakis, tentava analisar sua estudante com imparcialidade, reprimindo a verdade. Jessica. Minha filha... A moça não devia saber jamais de seus antecedentes, jamais devia suspeitar. Até mesmo nos anais de reprodução Bene Gesserit, não se identificava Mohiam com o sobrenome adotado ao ingressar na irmandade, mas sim por seu nome de nascimento, Tanidia Nerus.

Jessica, com doze anos, estava imóvel, os braços caídos aos lados, enquanto tentava relaxar, paralisar o movimento de todos os músculos do seu corpo. Segurava uma espada imaginária na mão direita, com a vista cravada em um competidor quimérico. armou-se de uma enorme paz interior e concentração.

Mas o olho penetrante de Mohiam tomou nota de sacudidas quase imperceptíveis na panturrilha de Jessica, ao redor de seu pescoço, sobre uma sobranceira. Necessitaria de mais prática para

aperfeiçoar as técnicas, mas a menina tinha realizado excelentes progressos e prometia muito. Jessica fora abençoada com uma paciência infinita, a capacidade de acalmar-se e escutar o que lhe diziam.

Tão concentrada... tão cheia de possibilidades. Tal como estava previsto desde antes de sua concepção.

Jessica fez uma finta à esquerda, flutuou, deu meia volta e voltou a transformar-se em uma estátua. Seus olhos, embora olhassem para Mohiam, não viam sua professora e mentora.

A severa reverenda madre entrou no módulo de treinamento, olhou para os limpos olhos verdes da moça e percebeu um grande vazio neles, como o olhar de um cadáver. Jessica tinha desaparecido, perdida em suas fibras musculosas e nervosas.

Mohiam umedeceu um dedo e o aproximou do nariz da jovem. Percebeu o mais ínfimo movimento de ar. Os seios incipientes do esbelto torso mal se moviam. Jessica estava muito perto de uma suspensão bindu total... mas ainda faltava algo.

Há muito trabalho duro.

Na Irmandade, só a perfeição total bastava. Como instrutora de Jessica, Mohiam repetiria as velhas rotinas uma e outra vez, revisando os passos que deviam ser seguidos.

A reverenda mãe retrocedeu, estudou Jessica mas não a despertou do transe. Tentou identificar no rosto ovalado da moça suas próprias feições, ou as de seu pai, o barão Vladimir Harkonnen. O pescoço comprido e o nariz pequeno refletiam a genética de Mohiam, mas o nariz, a boca grande, os lábios generosos e a pele clara vinham do barão... de quando ainda era são e atraente. Os olhos verdes, bem separados, e a cor brônzea do cabelo procediam de latências mais longínquas.

Se soubesse. Mohiam recordou o que lhe tinham contado sobre o plano da Bene Gesserit. A filha de Jessica, quando alcançasse a idade adulta, estava destinada a dar a luz ao *Kwisatz Haderach*, a culminação de milênios de cuidadosas reproduções. Mohiam

examinou o rosto da jovem em busca de alguma insinuação de sua importância histórica. Ainda não está preparada para descobrir isso.

Jessica começou a falar, formando as palavras com a boca enquanto recitava um mantra tão antigo como a própria escola Bene Gesserit: "Cada atacante é uma pluma que flutua em um atalho infinito. Quando a pluma se aproxima, é desviada e eliminada. Minha resposta é um sopro que afasta a pluma."

Mohiam retrocedeu quando sua filha se entregou a uma série de rápidos movimentos, com a intenção de flutuar graças a movimentos reflexos. Mas Jessica ainda se esforçava em obrigar seus músculos a flutuar em silêncio e com suavidade, quando deveria deixá-los atuar por si só.

Os movimentos da moça tinham melhorado, eram mais concentrados e precisos. Os progressos recentes de Jessica eram impressionantes, como se tivesse experimentado uma manifestação divina que a elevara ao próximo nível. Entretanto, Mohiam ainda detectava muita energia juvenil e intensidade transbordante.

A menina era o produto de uma brutal violação, obra do barão Harkonnen, depois que a Irmandade o chantageara afim de que lhes proporcionasse uma filha. Mohiam tinha executado sua vingança durante a agressão sexual, controlando sua química corporal interna à maneira Bene Gesserit, e o contagiara com uma enfermidade dolorosa e debilitante. Uma tortura deliciosamente lenta. À medida que aumentavam seus achaques, o barão se viu obrigado a utilizar uma bengala durante o Ano Padrão anterior. Durante o banquete de Fenring, Mohiam havia se sentido tentada a contar ao homem o que lhe tinha feito.

Mas se Mohiam houvesse contado, teria se produzido outra cena de violência na sala de jantar da residência de Arrakeen, muito pior que a escaramuça entre os embaixadores de Ecaz e Grumman. Talvez teria sido obrigada a matar o barão com suas mortíferas técnicas de luta. A mesma Jessica, apesar de seu treinamento limitado, poderia acabar com o homem (seu próprio pai) com rapidez e facilidade.

Mohiam ouviu um zumbido de maquinaria e viu que um boneco em tamanho natural emergia do chão. A próxima fase da rotina. Em um abrir e fechar de olhos, a moça se voltou e decapitou o boneco com apenas um golpe.

— Mais requinte. O golpe mortal tem que ser delicado, preciso.

— Sim, reverenda madre.

— De qualquer modo, estou muito orgulhosa com sua evolução.

Mohiam falou com um tom carinhoso muito pouco habitual, um tom que suas superiores teriam desautorizado se tivessem ouvido. O amor, em qualquer forma, estava proibido.

— A Irmandade tem grandes planos para você, Jessica.

## 8

*"Xuttuh" é uma palavra que significa muitas coisas. Todo Bene Tleilax sabe que era o nome do primeiro mestre. Mas como esse homem era algo mais que um simples mortal, existem matizes e complexidades na apelação. Segundo o tom e a inflexão vocal, "Xuttuh" pode significar "olá" ou "bendito seja". Ou, pode constituir uma oração resumida em uma só palavra, quando um devoto se prepara para morrer pelo Grande Credo. Por tais razões, nós a escolhemos como novo nome para o planeta conquistado, antes conhecido como IX.*

### *Disco de Treinamento Tleilaxu*

Um plano de contingência é tão bom como a mente que o forja.

Nas profundezas do labiríntico pavilhão de pesquisa, Hidar Fen Ajidica compreendia a máxima muito bem. Um dia, o homem do imperador tentaria matá-lo. Portanto, era necessário tomar cuidadosos preparativos.

— Peço que me siga, conde Fenring — disse Ajidica com seu tom mais agradável, ao mesmo tempo em que pensava: *Powindah* sujo. Olhou de esquelha para o homem. Deveria matá-lo agora!

Mas o pesquisador chefe não podia fazer isso sem arriscar sua vida, e talvez jamais contasse com uma oportunidade. E mesmo que a obtivesse, o imperador enviaria seus investigadores e mais tropas Sardaukar, que interfeririam no delicado trabalho.

— Alegria-me saber que por fim fizeram progressos no Projeto Amal. Elrood IX o encarregou disso a mais de uma dúzia de anos, *hummm?* — Fenring caminhava por um corredor da cidade subterrânea. Vestia uma jaqueta escarlate imperial e calças

douradas muito justas e cabelo castanho cortado a navalha, se projetava para fora em alguns pontos para sublinhar a envergadura de sua cabeça —. fomos extremamente pacientes.

Ajidica vestia uma bata de laboratório branca de bolsos largos. Aromas químicos impregnavam sua roupa, seu cabelo e sua pele cinzenta como um cadáver.

— Avisei desde o começo que podia levar muitos anos desenvolver um produto final. Doze anos não é mais que um piscar para desenvolver uma substância que o Império desejou durante séculos e séculos.

As aletas de seu nariz se estreitaram quando forçou um sorriso pálido.

— Não obstante, tenho a satisfação de informar que nossas tanques de *axlotl* modificados cresceram, nossos experimentos preliminares foram realizados e analisados. Com base nisto, descartamos soluções pouco práticas, e assim reduzimos as possibilidades.

— Ao imperador não interessa “reduzir possibilidades”, pesquisador chefe, apenas os resultados. — A voz de Fenring era glacial —. Seus gastos foram imensos, mesmo depois que financiamos a conquista das instalações ixianas.

— Nossos registros resistiriam a qualquer auditoria, conde Fenring — disse Ajidica. Sabia muito bem que Fenring jamais permitiria que um banqueiro da Corporação analisasse os gastos. A Corporação Espacial, mais que qualquer outra entidade, não devia suspeitar do objetivo do projeto —. Todos os recursos foram investidos com sabedoria. Todas as reservas de especiaria estão consignadas, tal como acordamos à princípio.

— Seu acordo foi com Elrood, homenzinho, não com Shaddam, *hummm?* O imperador pode deter seus experimentos a qualquer momento.

Como todos os *tleilaxu*, Ajidica estava acostumado a ser insultado e provocado por idiotas. negou-se a levar em

consideração a ofensa.

— Uma ameaça interessante, conde Fenring, tendo em conta que você em pessoa iniciou os contatos entre meu povo e Elrood. Conservamos registros nos planetas natais tleilaxu.

Fenring se irritou e continuou em frente, entrando no pavilhão de investigações.

— Bastou-me observá-lo, investigador chefe, para perceber algo — disse com voz untuosa —. Você desenvolveu fobia pelos túneis, *hummm*? O medo o assaltou recentemente, de repente.

— Frescura..

Apesar da negativa, a testa de Ajidica se cobriu de suor.

— Ah, mas detecto algo em sua voz e expressão. Toma medicação para os sintomas... um frasco de pílulas no bolso direito de sua jaqueta. Vejo o volume.

— Meu estado de saúde é perfeito — balbuciou Ajidica, tentando dissimular a raiva.

— *Hummm*, eu diria que sua saúde depende de quão bem vão as coisas aqui. Quanto antes terminar o Projeto Amal, antes voltará a respirar ar puro no belo Tleilax. Quando foi a última vez que esteve lá?

— Faz muito tempo — admitiu Ajidica —. Não pode imaginar como é. Nenhum *powin*... — conteve-se —. Nenhum forasteiro foi autorizado a sair do espaçoporto.

Fenring respondeu com um sorriso irritante.

— Mostre-me o que fizeram aqui, para que possa informar a Shaddam.

Ao chegar a uma porta, Ajidica levantou um braço para impedir que Fenring passasse. O tleilaxu fechou os olhos e beijou a porta reverentemente. O breve ritual desativou os mortíferos sistemas de segurança, e a porta desapareceu em estreitas aberturas na parede.

— Agora pode entrar sem perigo.

Ajidica se afastou para deixar Fenring entrar em uma sala branca de plaz liso, onde o investigador chefe tinha preparado certo número de demonstrações para exibir os progressos do experimento. No centro da enorme sala ovalada havia um microscópio de alta resolução, uma prateleira metálica que continha garrafas e frascos de laboratório, e uma mesa vermelha sobre a qual descansava um objeto em forma de cúpula. Ajidica captou um intenso interesse nos grandes olhos de Fenring quando se aproximou da zona de demonstrações.

— Não toque em nada, por favor.

Sutis linhas pendiam no ar, e este *powindah* imperial não as veria ou compreenderia até que fosse muito tarde. Ajidica tentava solucionar o enigma da especiaria artificial, para depois escapar com os sagrados tanques de *axlotl* para um planeta seguro, nos limites do Império. Tinha tomado uma série de medidas sem revelar sua identidade, utilizando promessas e subornos, transferindo recursos... tudo sem o conhecimento de seus superiores nos planetas propriedade dos Bene Tleilax. Estava sozinho nesta empresa.

Tinha decidido que existiam hereges entre seu próprio povo, seguidores que tinham adotado tão perfeitamente a identidade de bodes expiatórios oprimidos que esqueceram a essência do Grande Credo. Era como um Dançarino Facial que, disfarçado, tivesse esquecido quem era na realidade. Se Ajidica permitisse que essa gente acessasse sua grande descoberta, entregariam a única coisa que lhes traria a supremacia que mereciam.

Ajidica pensava em continuar fingindo até que estivesse preparado. Depois, podia apoderar-se da especiaria artificial, controlá-la e ajudar seu povo e sua missão... tanto se quisessem como se não.

O conde Fenring murmurou quando se aproximou mais da forma que descansava sobre a mesa.

— Muito intrigante. Suponho que há algo dentro, *hummm?*

— Há algo dentro de tudo — respondeu Ajidica.

Sorriu para si quando imaginou o mercado interplanetário inundado de especiaria artificial, o que provocaria uma catástrofe econômica no seio da CHOAM e do Landsraad. Como uma rachadura minúscula em um dique, um pingo de melange sintética se transformaria em uma corrente que derrocara o Império. Se jogasse bem suas cartas, Ajidica seria o elemento fundamental da nova ordem política e econômica, não a seu serviço, é óbvio, mas a serviço de Deus.

A magia de nosso Deus é nossa salvação.

Ajidica sorriu para o conde Fenring, e mostrou dentes afiados.

— Tenha segurança, conde Fenring, de que nossos objetivos neste assunto são mútuos.

Com o tempo, de posse de uma riqueza inimaginável, Ajidica desenvolveria provas para determinar a lealdade a seu novo regime, e começaria a assimilar os Bene Tleilax. Embora agora fosse muito perigoso incluí-los em seus planos, tinha vários candidatos em mente. Com o devido apoio militar (talvez convertidos das tropas *Sardaukar* estacionadas no planeta?), até poderia instalar o quartel geral na bela cidade de Bandalong...

Fenring continuava examinando o equipamento de demonstração.

— Conhece o ditado “confie mas comprove”? É da Velha Terra. Eles se surpreenderiam com as intrigas que conheço. Minha esposa Bene Gesserit coleciona objetos, quinquilharias e coisas pelo estilo. Eu coleciono fragmentos de informação.

O rosto estreito do tleilaxu compôs uma expressão carrancuda.

— Entendo. — Precisava terminar aquela irritante inspeção o quanto antes —. Se quiser olhar aqui, por favor...

Ajidica pegou um frasco de plaz opaco da estante e levantou a tampa. Surgiu um aroma que recordava gengibre, a bergamota e o prego. Passou o frasco a Fenring, que contemplou uma substância espessa de cor alaranjada.

— Ainda não é melange — disse Ajidica —, embora de um ponto de vista químico possui muitos precursores da especiaria.

Verteu o xarope sobre uma placa, introduziu-a no leitor do microscópio, e depois pediu a Fenring que olhasse pelo visor. O conde viu moléculas conectadas umas com outras como os filamentos de um cabo.

— Uma cadeia protéica pouco frequente — disse o pesquisador chefe —. Estamos perto de obter resultados.

— Quão perto?

— Nós também temos nossos ditos, conde Fenring: “quanto mais perto está de um objetivo, mais longínquo parece.” Em questões de pesquisa científica, o tempo se dilata. Só Deus possui um íntimo conhecimento do futuro. O resultado poderia acontecer em questão de dias, ou anos.

— Um galimatias — murmurou Fenring. Guardou silêncio quando Ajidica apertou um botão na base da cúpula.

A superfície nebulosa de plaz clareou, e revelou areia no fundo do contêiner. O investigador tleilaxu apertou outro botão, e o interior se encheu de um pó fino. A areia se remexeu, um diminuto montículo em movimento emergiu, como um peixe saindo de águas turvas. Em forma de verme, do tamanho de uma serpente pequena, media pouco mais do meio metro de comprimento, com diminutos dentes de cristal.

— Verme de areia, forma imatura — anunciou Ajidica —, se passaram dezenove dias desde que o trouxeram de Arrakis. Não acreditam que sobreviva muito mais.

Uma caixa caiu do alto da cúpula na areia, movida por um suspensor oculto, abriu-se e deixou ao descoberto mais gelatina alaranjada brilhante.

— Amal 1522.16 — disse Ajidica —. Uma de nossas muitas variantes, a melhor versão até o momento.

Fenring olhou enquanto a boca do verme imaturo investigava a direita e esquerda, ao mesmo tempo que revelava dentes

cintilantes no fundo da garganta. O animal serpenteou até a substância laranja, depois se deteve, confuso, sem tocá-la. Depois, deu meia volta e mergulhou na areia.

— Qual é a relação entre os vermes de areia e a especiaria? — perguntou Fenring.

— Se soubéssemos, o enigma estaria solucionado. Se puséssemos especiaria real nessa jaula, o verme a consumiria imediatamente. De qualquer modo, embora o verme possa identificar a diferença, ao menos se aproximou da amostra. Tentamos a besta, mas não ficou satisfeita.

—Tampouco me satisfaz sua pequena demonstração. Me disseram que continua existindo um movimento clandestino ixiano que causa dificuldades. Shaddam está preocupado com as interrupções que possa sofrer seu plano mais importante.

— Alguns poucos rebeldes, conde Fenring, com recursos escassos e limitados. Não há nada com que se preocupar.

Ajidica esfregou as mãos.

— Mas sabotaram seu sistema de comunicações e destruíram certo número de instalações, *hummm?*

— A agonia da Casa Vernius, nada mais. Durou mais de uma década, e logo morrerá. É impossível que se aproximem deste pavilhão de pesquisa.

— Bem, suas preocupações a respeito da segurança terminaram, pesquisador chefe. O imperador concordou em enviar mais duas legiões *Sardaukar*, afim de manter a paz, sob o comando do *Bashar* Cando Garon, um de nossos melhores homens.

Uma expressão de alarme e surpresa invadiu o rosto do diminuto tleilaxu. Avermelhou.

— Mas isso não é necessário, senhor. A meia legião destacada é mais que suficiente.

— O imperador não vê assim. Estas tropas ressaltarão a importância de seus experimentos para ele. Shaddam fará todo o

possível para proteger o programa Amal, mas sua paciência terminou. — Os olhos do conde se entreabriram —. Deveria considerar isso como uma boa notícia.

— Por que? Não entendo.

— Porque o imperador ainda não ordenou sua execução.

## 9

*O centro de coordenação de uma rebelião pode ser ambulante.  
Não é preciso que as pessoas tenham um lugar permanente.*

*CAMMAR PILRU, embaixador ixiano no exílio,  
Tratado sobre a queda de governos injustos*

Os invasores tleilaxu tinham instituído um brutal toque de recolher para qualquer um que não estivesse atribuído ao último turno de noite. Para C'tair Pilru, escapular para assistir as reuniões dos rebeldes era outra maneira de burlar suas restrições.

Nas reuniões clandestinas dos lutadores da liberdade, realizadas de maneira irregular, C'tair podia por fim tirar suas máscaras e disfarces. transformava-se na pessoa que tinha sido antes, a que continuava vivendo em seu interior.

Sabendo que o matariam se fosse capturado, o diminuto homem de cabelo curto se aproximou do lugar do encontro. Ocultava-se nas sombras oleosas da noite, entre os edifícios do chão da caverna, sem fazer o menor ruído. Os tleilaxu tinham restaurado o céu projetado no teto da caverna, mas haviam reconfigurado a miríade de estrelas que mostravam as constelações sobre seus planetas natais. Aqui em IX, até o firmamento estava errado.

Não era o lugar glorioso que deveria ser, era uma prisão infernal sob a superfície de um planeta. Mudaremos tudo. Algum dia.

Durante mais de uma década de repressão, os elementos do mercado negro e os revolucionários tinham construído sua rede

secreta. Os grupos de resistência dispersos se reuniam para trocar fornecimentos, equipamentos e informação. Mas as reuniões punham C'tair nervoso. Se os surpreendessem juntos, a rebelião seria afogada em poucos minutos com o fogo de fuzis laser.

Sempre que era possível, preferia trabalhar sozinho, como sempre tinha feito. Como não confiava em ninguém, nunca divulgava detalhes de sua vida clandestina, nem sequer para outros rebeldes. Tinha estabelecido contatos privados com poucos forasteiros no porto de entrada, aberturas e plataformas de aterrissagem na parede vertical do escarpado, onde naves fortemente guardadas transportavam produtos tleilaxu para os Cruzeiros que aguardavam em órbita.

O Império necessitava de produtos vitais de tecnologia ixiana, que agora eram fabricados sob controle tleilaxu. Os invasores necessitavam de lucros para financiar seus trabalhos, e não podiam arriscar-se a um escrutínio exterior. Embora não pudessem isolar IX do resto do Império, os tleilaxu utilizavam os serviços de poucos forasteiros.

Às vezes, nas circunstâncias mais espantosas e com grave risco de sua vida, C'tair podia subornar algum trabalhador dos transportes para que lhe derivasse um carregamento ou roubasse um componente vital. Outros elementos do mercado negro contavam com seus próprios contatos, mas se negavam a trocar esta informação. Assim era mais seguro.

Enquanto deslizava em silêncio na noite claustrofóbica, passou junto a uma fábrica abandonada, dobrou por uma rua ainda mais escura e acelerou o passo. A reunião estava a ponto de começar. Talvez esta noite...

Embora parecesse uma empresa condenada ao fracasso, C'tair confiava em encontrar maneiras de sabotar os tleilaxu, e outros rebeldes faziam o mesmo. Furiosos por não poder capturar os sabotadores, os invasores davam "exemplo" com os desgraçados suboides. Depois de torturas e mutilações, o bode expiatório era lançado do balcão do Grande Palácio para o longínquo chão da

caverna, onde em outra época se construíram grandes Cruzeiros. Cada expressão do rosto da vítima, cada ferida sanguinolenta, era projetada no holocéu, enquanto as gravadoras transmitiam seus uivos e gritos.

Mas os tleilaxu entendiam bem pouco da psique ixiana. Sua brutalidade só causava maior desassossego e mais incidentes de rebelião violenta. Com o passar dos anos, C'tair percebia o cansaço dos invasores, devido aos esforços por esmagar a resistência com Dançarinos Faciais infiltrados e módulos de vigilância. Os lutadores da liberdade continuavam combatendo.

Os poucos rebeldes com acesso a notícias do exterior não censuradas informavam sobre as atividades no Império. C'tair soube graças a eles dos apaixonados discursos que seu pai, o embaixador ixiano no exílio, pronunciava no Landsraad, pouco mais que gestos fúteis. O conde Dominic Vernius, que tinha sido destronado e transformado em renegado, desapareceu completamente, e seu herdeiro, o príncipe Rhombur, vivia exilado em Caladan, sem uma força militar e sem o apoio do Landsraad.

Os rebeldes não podiam contar com ajuda externa. A vitória teria que acontecer vinda do interior. De IX.

Dobrou outra esquina, entrou em um beco estreito e se deteve sobre uma grade. C'tair entreabriu os olhos, olhou a direita e esquerda, sempre à espera de que alguém saltasse das sombras. Seus movimentos eram velozes e furtivos, muito diferentes da rotina acovardada e cooperante que seguia em público.

Deu a contra-senha e a grade desceu, para que acessasse o subsolo. Caminhou rapidamente por um corredor escuro.

Durante o turno do dia, C'tair usava uma bata cinza de trabalho. Aprendera a imitar os abúlicos suboides ao longo dos anos. Caminhava com as costas encurvadas, os olhos indiferentes a tudo. Tinha quinze cartões de identificação, e ninguém se incomodava em escrutinar os rostos das massas de trabalhadores. Era fácil tornar-se invisível.

Os rebeldes tinham criado seus próprios controles de identificação. Postavam guardas camuflados diante da instalação abandonada, sob globos luminosos infravermelhos. Câmaras móveis e detectores sônicos proporcionavam um pouco mais de proteção, mas de nada serviriam se os lutadores da liberdade fossem descobertos.

Os guardas eram visíveis neste nível. Quando C'tair murmurou sua contra-senha, indicaram-lhe com um gesto que entrasse. Muito fácil. Tinha que tolerar a esta gente e seus inúteis joguinhos de segurança afim de adquirir o equipamento que necessitava, mas não se sentia confortável.

C'tair examinou o lugar de reunião. Ao menos, tinha sido selecionado com muito cuidado. Esta instalação tinha servido para manufaturar *meks* de combate, para treinar os guerreiros contra um amplo espectro de táticas ou armas. Entretanto, os dominadores tleilaxu tinham decidido de forma unilateral que tais máquinas "conscientes" violavam os princípios da Jihad Butleriana. Embora todas as máquinas pensantes tivessem sido destruídas dez mil anos antes, severas proibições continuavam vigentes. Este lugar, e outros semelhantes, tinham sido abandonados depois da revolta de IX, e as linhas de produção tinham caído em desuso. Alguns equipamentos tinham sido reaproveitados para outros usos, e o resto se transformou em sucata.

Outras metas preocupavam os tleilaxu. Trabalho secreto, um imenso projeto que só eles conheciam. Ninguém, nem sequer os membros do grupo de resistentes de C'tair, fora capaz de elucidar o que tinham em mente.

No interior da instalação, os resistentes falavam aos sussurros. Não havia ordem do dia, nem líder, nem discurso. C'tair sentiu o cheiro do suor nervoso, escutou estranhas inflexões nas vozes sussurrantes. Por mais precauções que tomassem, por mais planos de fuga que imaginassem, ainda era perigoso reunir tanta gente no mesmo lugar. C'tair sempre mantinha os olhos bem abertos e conhecia a saída mais próxima.

Tinha assuntos urgentes. Havia trazido uma bolsa camuflada que continha os objetos mais vitais que reunira. Precisava trocá-los com outros resistentes para encontrar os componentes necessários para seu inovador mas problemático transmissor, o Rogo. O protótipo lhe permitia comunicar-se através da dobra espacial com seu irmão gêmeo D'murr, um Navegante da Corporação. Mas C'tair conseguia em poucas ocasiões estabelecer contato, ou porque seu irmão tinha se transformado em um ser que não era mais humano... ou porque o transmissor estava falhando.

Tirou componentes de armas, fontes de energia, aparelhos de comunicação e equipamentos de escaneio, e os deixou sobre uma mesa metálica empoeirada. Eram objetos que provocariam sua execução sumária se algum tleilaxu o detivesse para interrogatório. Mas C'tair estava bem armado e teria matado antes o homem.

C'tair exibiu seus artigos. Escrutinou os rostos dos rebeldes, os toscos disfarces e as manchas de pó intencionadas, até localizar uma mulher de grandes olhos, maçãs do rosto proeminentes e queixo estreito. Usava o cabelo muito curto em um esforço por apagar todo sinal de beleza. Conhecia-a como Miral Alechem, embora fosse provável que esse não era seu verdadeiro nome.

C'tair descobria em seu rosto ecos de Kailea Vernius, a bela filha do conde Vernius. Tanto seu irmão gêmeo como ele tinham gostado de Kailea, tinham flertado com ela... quando pensavam que nada ia mudar jamais. Agora, Kailea estava exilada em Caladan, e D'murr era um Navegante da Corporação. A mãe dos gêmeos, uma banqueira da Corporação., tinha sido morta durante a conquista de IX. E C'tair vivia como um rato furtivo, saltando de esconderijo em esconderijo...

— Encontrei o *crystalpak* que precisava — disse Miral.

A mulher extraiu um objeto envolto de uma bolsa que pendia de seu cinturão.

— Tenho as varinhas de modular que necessitava, calibradas com precisão... espero. Não pude verificar.

C'tair agarrou o pacote, mas não examinou a mercadoria.

— Eu farei isso já.

Entregou a Miral o *crystalpak*, mas não perguntou o que ela pretendia fazer com ele. Todos os presentes procuravam formas de lutar contra os tleilaxu. O resto não importava. Enquanto trocava um olhar nervoso com ela, perguntou-se se estaria pensando o mesmo que ele, que em diferentes circunstâncias talvez teriam uma relação pessoal. Mas não podia permitir isso agora. Nem com ela nem com ninguém. Isso o enfraqueceria, o distrairia de seu objetivo. Tinha que permanecer concentrado, pelo bem da causa ixiana.

Um dos guardas da porta soou o alarme, e todos ficaram em atemorizado silêncio, ao mesmo tempo em que se agachavam. Os globos luminosos se apagaram. C'tair conteve o fôlego.

Um zumbido passou sobre suas cabeças quando um módulo de vigilância sobrevoou os edifícios abandonados, com a intenção de captar vibrações ou movimentos não autorizados. As sombras ocultavam os rebeldes. C'tair repassou em sua mente todas as possíveis vias de fuga da instalação, se por acaso precisasse fugir às cegas.

Mas o zumbido se afastou. Pouco depois, os nervosos rebeldes levantaram-se e começaram a murmurar entre si, enquanto secavam o suor do rosto e soltavam gargalhadas nervosas.

C'tair, assustado, decidiu não ficar nem um segundo mais. Memorizou as coordenadas do próximo lugar de reunião, recolheu o resto de seu equipamento, passeou a vista ao redor, esquadrinhou as caras uma vez mais, gravou-as em sua mente. Se o apanhassem, possivelmente não voltaria a vê-los nunca mais.

Despediu-se de Miral Alechem com uma sacudida de cabeça e se mergulhou na noite ixiana, iluminada por estrelas artificiais. Já tinha decidido onde passar o resto de seu turno de dormir, e que identidade escolheria para o dia seguinte.



# 10

*Diz-se que os fremen carecem de consciência, depois de tê-la perdido devido a seu raivoso desejo de vingança. Isto é absurdo. Só os seres mais primitivos e os sociopatas carecem de consciência. Os fremen possuem um sentido do mundo muito evoluído, centrado no bem-estar de seu povo. Seu senso de pertencer à comunidade é quase tão forte como seu sentido da individualidade. Só para os forasteiros parece que esta gente é brutal... e vice-versa.*

*Pardot Kynes,  
As pessoas de Arrakis*

— O luxo é para os nobres, Liet — disse Pardot Kynes, enquanto o veículo terrestre avançava pelo terreno irregular. Aqui, em particular, podia utilizar o nome secreto de seu filho, em vez de “Weichih”, o nome reservado para os forasteiros —. Neste planeta temos que ter consciência dos arredores, e permanecer sempre alerta. Se não aprender esta lição, não viverá muito.

Enquanto Kynes dirigia os controles, apontou com um gesto para a luz da manhã que banhava as dunas.

— Aqui também há recompensas. Eu cresci em *Salusa Secundus*, e até aquele lugar destroçado e ferido tinha sua beleza... embora não comparável com a beleza de Duna.

Kynes exalou um longo suspiro entre seus lábios ressecados e gretados.

Liet continuou olhando através do pára-brisa. Ao contrário de seu pai, sempre propenso a comunicar seus pensamentos e a emitir declarações que os fremen tomavam como se fossem transcendentais guias espirituais, Liet preferia o silêncio. Entreabriu

os olhos para estudar a paisagem, em busca de algo insignificante que não combinasse com o ambiente. Sempre alerta.

Em um planeta tão duro, era preciso desenvolver uma série de percepções, todas vinculadas para sobreviver a cada momento. Embora seu pai fosse muito mais velho, Liet não estava seguro de que o planetólogo compreendesse tanto como ele. A mente de Pardot Kynes guardava vigorosos conceitos, mas o homem de mais velho os experimentava como dados esotéricos. Não compreendia o deserto nem em sua alma nem em seu coração...

Kynes tinha vivido durante anos entre os fremen. Dizia-se que suas atividades pouco importavam ao imperador Shaddam IV, e como Kynes não pedia recursos e poucos fornecimentos, deixavam-no em paz. A cada ano que passava, foram esquecendo mais. Shaddam e seus conselheiros tinham deixado de esperar grandes revelações dos relatórios periódicos do planetólogo.

O que convinha a Pardot Kynes, e também a seu filho.

No curso de suas viagens, Kynes costumava deslocar-se até povoados distantes, onde as pessoas levavam uma vida miserável. Os verdadeiros fremen poucas vezes se misturavam com a gente da cidade, a quem desprezavam por ser tão branda, tão civilizada. Liet jamais teria vivido naqueles patéticos assentamentos nem por todos os *Solaris* do Império. Mesmo assim, Pardot os visitava.

Evitavam as estradas e caminhos mais movimentados, e viajavam no veículo terrestre, para verificar o funcionamento das estações meteorológicas e recolher dados, embora os devotos seguidores de Pardot teriam feito de boa vontade aquele trabalho humilde por seu *Umma*.

Os traços de Liet Kynes recordavam os de seu pai, embora com um rosto mais magro e os olhos fundos de sua mãe fremen. Tinha o cabelo claro, e ainda tinha barba rala, embora anos depois deixaria crescer uma barba similar a do planetólogo. Os olhos de Liet eram do azul profundo que delatava o vício em especiaria, porque toda comida e ar que se respirava no *sietch* estavam impregnados de especiaria.

Liet ouviu que seu pai aspirava fundo quando passaram junto à curva denteada de um *canyon*, onde condensadores de orvalho camuflados dirigiam a umidade para as plantações de ervas pobres.

— Está vendo? Está desenvolvendo vida própria. Várias gerações mais e conseguiremos que o planeta avance por fases, primeiro pradaria e depois bosque. A areia possui um alto conteúdo de sal, indicador de oceanos antigos, e a especiaria é alcalina. — Soltou uma risada —. As pessoas do Império ficariam horrorizadas se soubessem que utilizamos derivados da especiaria para algo tão comum como fertilizantes. — Sorriu para seu filho —. Mas nós conhecemos o valor dessas coisas, não é? Se decompuermos a especiaria, podemos impulsionar a digestão de proteínas. Mesmo agora, se voássemos alto o bastante, poderíamos ver parcelas verdes, onde cultivos de plantas seguram as dunas.

O jovem suspirou. Seu pai era um grande homem que forjava sonhos magníficos para Duna, mas como Kynes só se concentrava em uma coisa não conseguia ver o universo que o rodeava. Liet sabia que se alguma patrulha Harkonnen descobrisse as plantações, as destruiriam e castigariam os fremen.

Embora só tivesse doze anos, Liet acompanhava seus irmãos fremen em incursões de castigo, e já tinha matado vários Harkonnen. Durante mais de um ano, ele e seus amigos, sob as ordens do audaz Stilgar, tinham atacado objetivos que outros se negavam a considerar. Apenas uma semana antes, os companheiros de Liet tinham roubado uma dúzia de tópteros em um posto de fornecimentos. Infelizmente, as tropas Harkonnen se vingaram nos pobres aldeãos, pois não viam diferença entre os colonos e os fremen.

Não tinha contado a seu pai sobre suas atividades guerrilheiras, pois Pardot Kynes não compreenderia a necessidade. A violência premeditada, pelo motivo que fosse, era um conceito alheio ao planetólogo. Mas Liet faria o que fosse necessário.

O veículo terrestre se aproximou de uma aldeia encaixada nos contrafortes rochosos. Em seus mapas constava como *Bilar Camp*.

Pardot continuou falando da melange e suas propriedades peculiares.

— Descobriram especiaria em Arrakis muito depressa. Desviou a atenção científica. Foi tão útil desde o primeiro momento que ninguém se incomodou em investigar seus mistérios.

Liet se voltou para olhar para seu pai.

— Pensei que por esse motivo o enviaram para cá... para compreender a especiaria.

— Sim... mas temos um trabalho mais importante a fazer. Ainda continuo informando ao Império com a frequência suficiente para convencê-los de que estou fazendo meu trabalho, embora sem muito êxito.

Enquanto falava da primeira vez que estivera nessa região, desviou-se para um grupo de edifícios sujos, cor areia e pó.

O veículo terrestre estralou sobre uma rocha, mas Liet continuou olhando para o povoado, com os olhos entreabertos para proteger-se da luz da manhã. O ar possuía a fragilidade do cristal fino.

— Algo está errado — disse, interrompendo seu pai.

Kynes continuou falando por mais alguns segundos e depois parou o veículo.

— O que acontece?

— Algo está errado.

Liet apontou para o povoado.

Kynes protegeu os olhos do brilho.

— Eu não vejo nada.

— Mesmo assim, vamos com cautela.

No centro da vila, descobriram um desfile de horrores. As vítimas sobreviventes vagavam como loucos, gritando e uivando como animais. O ruído era terrível, assim como o cheiro. Arrancaram os cabelos em mechas ensangüentadas. Alguns

utilizavam as unhas para arrancar os olhos, que depois sustentavam nas palmas. Cegos, cambaleavam apoiando-se contra as paredes das casa, e deixavam grandes manchas carmesins.

— Pelo *Shai-Hulud!* — sussurrou Liet, enquanto seu pai blasfemava em *galach* imperial.

Um homem com as órbitas vazias, parecendo bocas sobre os maçãs do rosto, tropeçou em uma mulher que engatinhava pelo chão. Ambos se enfureceram e arranharam, morderam, cuspiram e gritaram. Eram manchas escuras sobre a rua, contêineres de água caídos.

Havia muitos corpos estendidos no chão como insetos esmagados, braços e pernas paralisados em ângulos estranhos. Alguns edifícios estavam fechados, protegidos contra os desgraçados de fora, que golpeavam as paredes e suplicavam sem palavras que os deixassem entrar. Liet viu o rosto horrorizado de uma mulher na janela de um piso superior. Outros se escondiam, os que não tinham sido afetados pela loucura assassina.

— Temos que ajudar esta gente, pai. — Liet saltou do veículo —. Traga suas armas. Talvez precisemos nos defender.

Portavam antiquadas pistolas *maula* e facas. Seu pai, embora um cientista, também era um bom guerreiro, uma habilidade que reservava para defender sua visão de Arrakis. Contava-se a lenda de que tinha matado vários soldados Harkonnen que tinham tentado assassinar três jovens fremen. Esses fremen eram agora seus mais leais lugares-tenentes, Stilgar, Turok e Ommun. Mas Pardot Kynes nunca tinha lutado contra algo como isto...

Enlouquecidos os aldeãos repararam em sua presença e gemeram. Começaram a avançar.

— Não mate a menos que seja preciso — disse Kynes, assombrado com a rapidez que seu filho se proveu com um *crys* e uma pistola *maula* —. Tome cuidado.

Liet entrou na rua. O primeiro a surpreendê-lo foi o terrível fedor, como se o fôlego fétido de um leproso moribundo tivesse sido

liberado pouco a pouco.

Pardot, sem acreditar em seus olhos, afastou-se alguns passados do carro. Não viu sinais de raios laser no povoado, nem marcas de projéteis, nada que indicasse um ataque Harkonnen. tratava-se de uma epidemia? Se esse era o caso, seria contagiosa. Se alguma praga ou loucura contagiosa se apropriara do povoado, não podia permitir que os fremen se apoderassem daqueles cadáveres para os destiladores de morte.

Liet avançou.

— Os fremen atribuiriam esta catástrofe aos demônios.

Duas vítimas soltaram gritos demoníacos e correram para eles, com os dedos em garras, as bocas abertas como poços sem fundo. Liet apontou a pistola *maula*, murmurou uma breve oração e disparou duas vezes. Os disparos alcançaram no peito os atacantes, que caíram mortos.

Liet fez uma reverência.

— Perdoe-me, *Shai-Hulud*.

Pardot olhou para ele. Tentei ensinar muitas coisas a meu filho, mas ao menos aprendeu a compaixão. Pode aprender toda a informação nos videolivros... mas a compaixão não. É inata.

O jovem se inclinou sobre os dois cadáveres e os examinou reprimindo seu temor supersticioso.

— Acredito que não é uma enfermidade. — Olhou para Pardot —. ajudei as curandeiras do *sietch*, como sabe, e... — Sua voz emudeceu.

— O que?

— Acredito que foram envenenados.

Um a um, os atormentados aldeãos que vagavam pelas ruas poeirentas caíram entre horríveis convulsões, até que só três ficaram vivos. Liet utilizou o *crys* e acabou com as últimas vítimas rapidamente. Nenhuma tribo ou povoado voltaria a aceitá-los, mesmo que recuperassem a saúde, por medo de que tivessem sido

corrompidos por demônios. Até suas águas seriam consideradas venenosas.

Liet estranhou a facilidade com que tinha tomado a iniciativa. Indicou a seu pai dois dos edifícios fechados.

— Convença as pessoas dali que não queremos lhes fazer mal. Temos que descobrir o que aconteceu aqui. — Falava em voz baixa e fria —. E quem é o culpado.

Pardot Kynes avançou para o edifício poeirento. Arranhões e sinais de mãos ensangüentadas apareciam nas paredes de tijolo de barro e nas portas metálicas, onde as vítimas enlouquecidas tinham tentado abrir caminho. Engoliu em seco e se preparou para convencer os aterrorizados sobreviventes que sua odisséia tinha terminado.

— Onde estará, Liet?

O jovem olhava para um contêiner de água caído. Sabia que só havia uma forma de um veneno afetar tanta gente ao mesmo tempo.

— Vou dar uma olhada no fornecimento de água.

Pardot assentiu preocupado.

Liet estudou o terreno que rodeava o povoado, viu uma pista apagada que subia pela ladeira da meseta elevada. moveu-se com a velocidade de um lagarto, subiu o caminho e chegou à cisterna. Tinham dissimulado sua trilha com inteligência, embora os aldeãos tivessem cometido muitos erros. Até uma patrulha Harkonnen era capaz de descobrir aquela reserva ilegal. Examinou a zona rapidamente e observou rastros na areia.

Percebeu um intenso aroma amargo alcalino perto da abertura da cisterna, e tentou localizá-lo. Tinha sentido aquele odor poucas vezes, só durante as grandes celebrações do *sietch*. A Água de Vida! Os fremen só consumiam essa substância depois que uma *Sayyadina* tivesse transformado a exalação de um verme afogado, utilizando a química de seu próprio corpo como catalisador para

criar uma droga inerte, que provocava no *sietch* um frenesi de êxtase. A substância, sem transformar, era uma toxina feroz.

Os habitantes do *Bilar Camp* tinham bebido a Água de Vida pura antes de sua transformação. Alguém tinha feito aquilo de propósito... e os envenenara.

Então viu as marcas de um ornitóptero na terra macia da meseta. Tinha que ser um tóptero Harkonnen. Uma patrulha regular... Uma brincadeira pesada?

Liet franziu o sobreceixo e desceu até o povoado devastado, onde seu pai conseguira fazer sair os sobreviventes que se entrincheiraram em suas moradias. Por sorte, esta gente não tinha bebido a água envenenada. Caíram de joelhos na rua, rodeados por aquela espantosa carnificina. Seus gritos de dor ressoaram como uivos de fantasmas.

Os Harkonnen fizeram isso.

Pardot Kynes fazia o possível por consolá-los, mas a julgar pela expressão estupefata dos aldeãos, Liet sabia que seu pai devia estar dizendo o menos adequado, expressando sua compaixão em conceitos abstratos que ninguém entendia.

Liet desceu o penhasco, e em sua mente já estava forjando planos. Assim que retornassem ao *sietch*, reuniria-se com Stilgar e seu comando.

E preparariam a vingança contra os Harkonnen.

# 11

*Um império apoiado no poder não pode atrair os afetos e lealdades que os homens dedicam de bom grado a um regime de ideais e beleza. Adorne seu Grande Império com beleza, com cultura.*

*De um discurso do príncipe herdeiro RAPHAEL CORRINO,  
Arquivos de L'Institut de Kaitain*

Os anos tinham sido implacáveis com o barão Vladimir Harkonnen.

Enfurecido, descarregou sua bengala reforçada com cabeça de verme sobre o mostrador da sala de terapia. Potes de unguentos, bálsamos, pílulas e hipoinjetores se chocaram contra o chão.

— Nada funciona!

Cada dia se sentia pior, seu aspecto era mais repulsivo. No espelho via uma caricatura torcida e purulenta do Adonis que tinha sido.

— Pareço um tumor, não um homem.

Piter De Vries entrou na estadia com presteza, disposto a prestar sua ajuda. O barão o atacou com a pesada bengala, mas o *Mentat* se esquivou do golpe com a agilidade de uma cobra.

— Saia da minha vista, Piter — gritou o barão, enquanto tentava conservar o equilíbrio —. Ou desta vez pensarei em uma forma de te matar.

— Como quiser meu barão — disse De Vries com afetada voz sedosa. Fez uma reverência e retrocedeu até a porta.

O barão sentia afeto por muito pouca gente, mas apreciava o funcionamento tortuoso da mente do *Mentat* pervertido, seus planos intrincados, seu pensamento a longo prazo, apesar da sua aborrecível familiaridade e falta de respeito.

— Espere, Piter. Preciso de seu cérebro *Mentat*. — Avançou coxeando, apoiado na bengala —. É a pergunta de sempre. Descubra por que meu corpo está degenerando, ou o enviarei ao poço de escravos mais fundo.

O homem esperou que o barão o alcançasse.

— Farei todo o possível, barão. Sei muito bem o que aconteceu com todos os seus médicos.

— Incompetentes. Nenhum sabia nada.

O barão, antes possuidor de uma excelente saúde e uma tremenda energia, padecia uma enfermidade debilitadora cujas manifestações o desgostavam e assustavam. Tinha aumentado muito de peso. O exercício não ajudava, nem os exames médicos ou as cirurgias exploratórias. Durante anos tinha provado todos os procedimentos curativos e tratamentos experimentais, sem o menor êxito.

Devido a seus fracassos, um punhado de médicos da Casa tinham recebido uma morte horrorosa nas mãos de Piter de Vries, que com freqüência descobria aplicações imaginativas de seus próprios instrumentos. Como resultado, não restava nenhum médico importante em Giedi Prime, ou ao menos nenhum visível. Os que não tinham sido executados se esconderam ou fugiram para outros planetas.

O mais irritante era que também tinham começado a desaparecer servos, e não sempre porque o barão tivesse ordenado assassiná-los. Fugiam para *Harko City*, desapareciam nas filas de trabalhadores desprezados e desatendidos. Quando saía às ruas acompanhado por Kryubi, o capitão de sua guarda, o barão não deixava de procurar com o olhar pessoas que se pudessem com os criados que o tinham abandonado. Por onde ia deixava um rastro

de cadáveres. Os assassinatos lhe proporcionavam pouco prazer. Teria preferido uma resposta.

De Vries acompanhou o barão quando saiu para o corredor. Sua bengala ressonava no chão. Depois, pensou o homem, teria que usar um mecanismo suspensor para aliviar suas articulações doloridas.

Um grupo de trabalhadores ficou petrificado quando os dois aproximaram-se. O barão observou que estavam reparando as imperfeições que tinha provocado no dia anterior, tomado pela raiva. Todos fizeram uma reverência quando o barão passou, e soltaram suspiros de alívio quando o viram desaparecer por uma esquina.

Quando ele e DE Vries chegaram a um salão de cortinas cerúleas, o barão se sentou em um sofá negro de pele.

— Sente-se a meu lado, Piter. — Os olhos negros do *Mentat* passearam em redor, como um animal apanhado, mas o barão bufou de impaciência —. Não é provável que o mate hoje, sempre que me dá um bom conselho.

O *Mentat* manteve seu comportamento desinibido, sem revelar seus pensamentos.

— Aconselhá-lo é o único propósito de minha existência, meu barão.

Não abandonou sua postura arrogante, porque sabia o muito que custaria à Casa Harkonnen substituí-lo, embora os Bene Tleilax sempre pudessem reproduzir outro *Mentat* da mesma partida genética. De fato, era provável que já tivessem substitutos, à espera.

O barão tamborilou com os dedos sobre o braço do sofá.

— Muito bem, mas nem sempre me dá o conselho que necessito. — Olhou com atenção para De Vries —. É um homem muito feio, Piter. Mesmo doente como estou, ainda sou mais bonito que você.

A língua de salamandra do *Mentat* umedeceu os lábios manchados de púrpura pelo suco de safo.

— Mas meu doce barão, você sempre gostou de me olhar.

O rosto do barão endureceu, e se inclinou mais para o homem alto e magro.

— Chega de confiar em incompetentes. Quero que me consiga um médico Suk.

De Vries tomou fôlego, surpreso.

— Mas insististe em manter no mais absoluto segredo o seu estado. Um Suk tem que informar todas as suas atividades ao seu Círculo Interior... e enviar uma parte substancial de seus honorários.

Vladimir Harkonnen tinha convencido os membros do Landsraad de que se tornara corpulento devido aos excessos, o que era uma razão aceitável para ele, pois não implicava fraqueza. Além disso, pelos hábitos dos gostos do barão, era uma mentira fácil de acreditar. Não desejava transformar-se no bobo de outros nobres. Um grande barão não devia padecer de uma enfermidade vulgar.

— Encontre uma maneira de fazê-lo. Não utilize os canais habituais. Se um Suk pode me curar, não terei nada que ocultar.

Alguns dias depois, Piter de Vries descobriu que um doutor Suk, talentoso mas bastante pretensioso, instalara-se em Richese, um aliado dos Harkonnen. A mente do *Mentat* entrou em funcionamento. No passado, a Casa Richese tinha colaborado nas conspirações dos Harkonnen, incluindo o assassinato do duque Atreides na praça de touros, mas os aliados quase nunca estavam de acordo no referente às prioridades. devido a esta divergência, De Vries convidou o primeiro-ministro richesiano, Ein Calimar, a visitar a fortaleza do barão em Giedi Prime, para falar de "um assunto benéfico para ambas as partes".

Calimar, um homem de idade avançada, vestido de maneira impecável, e que ainda conservava a forma atlética de sua juventude, tinha pele escura e um nariz largo sobre o qual se

apoiavam óculos de aros metálicos. Chegou ao espaçoporto de *Harko City* vestido em um traje branco com lapelas douradas. Quatro guardas Harkonnen de *libré* azul o acompanharam até os aposentos privados do barão.

Assim que entrou nos aposentos privados, o primeiro-ministro enrugou o nariz ao sentir certo fedor, detalhe que não passou inadvertido a seu anfitrião. O corpo nu de um jovem pendia em um gabinete anexo, a apenas dois metros de distância. O barão tinha deixado a porta entreaberta de propósito. O fedor do cadáver se misturava com outros mais antigos que impregnavam os aposentos a tal ponto que nem os perfumes mais intensos podiam dissimulá-los.

— Sente-se, por favor.

O barão indicou um sofá onde eram visíveis ainda tênues manchas de sangue. Tinha preparado a entrevista com ameaças e detalhes desagradáveis subliminares, com a intenção de deixar o líder richesiano nervoso.

Calimar vacilou (um momento que deleitou o barão), e depois aceitou o convite, mas recusou uma taça de conhaque kirano, embora seu anfitrião se servisse um pouco. O barão se deixou cair em uma poltrona de suspensão. Atrás dele estava seu *Mentat* pessoal, que explicou o motivo da reunião.

Calimar, surpreso, meneou a cabeça.

— Deseja alugar meu médico Suk? — Continuava enrugando o nariz, e seu olhar continuou explorando a habitação em busca da origem do aroma, até deter-se na porta do gabinete. Ajustou os óculos dourados —. Eu sinto, mas não posso ajudá-lo. Um médico Suk pessoal é uma responsabilidade e uma obrigação... para não falar de um enorme dispêndio.

O barão fez uma careta.

— Tentei com outros médicos, e preferiria que este assunto não fosse revelado. Não posso pôr um anúncio, solicitando os serviços de um desses profissionais arrogantes. Entretanto, seu médico Suk

estaria obrigado por seu juramento de confidencialidade, e ninguém precisa saber que o abandonou durante um breve período de tempo. — Ouvia o tom suplicante em sua voz —. Vamos, vamos, não têm compaixão?

Calimar afastou a vista do gabinete às escuras.

— Compaixão? Um comentário interessante, vindo de você, barão. Sua Casa não se incomodou em nos ajudar com nosso problema, apesar de nossos pedidos nos últimos cinco anos.

O barão se inclinou para frente. Sua bengala, com a ponta cheia de dardos envenenados que apontavam para seu interlocutor, descansava sobre seu regaço. Tentador, muito tentador.

—Talvez possamos chegar a um acordo.

Olhou para seu *Mentat*, pedindo uma explicação.

— Em uma palavra — disse De Vries —, quer dizer dinheiro, meu barão. A economia richesiana atravessa graves dificuldades.

— Tal como nosso embaixador explicou em várias ocasiões a seus emissários — acrescentou Calimar —. Desde que minha Casa perdeu o controle sobre as operações de especiaria em Arrakis, substituída pela sua, não esqueça, tentamos reaquecer nossa economia. — O primeiro-ministro ergueu o queixo, fingindo que ainda tinha um pouco de orgulho —. A princípio, a queda de IX significou um alívio para nós, pois eliminou a concorrência. Entretanto, nossas finanças continuam um pouco... paralisadas.

Os olhos negros do barão cintilaram, desfrutando com a confusão de Calimar. A Casa Richese, fabricante de armas exóticas e máquinas complexas, peritos em miniaturização e espelhos richesianos, tinha superado em vendas seus rivais ixianos durante a revolta de IX.

— Há cinco anos, os tleilaxu começaram a exportar produtos ixianos de novo — disse De Vries com lógica fria —. Já estão perdendo os lucros obtidos durante os últimos dez anos. As vendas de produtos richesianos têm caído enquanto a tecnologia ixiana tornou a invadir o mercado.

Calimar manteve a voz serena.

— Como pode compreender, temos que redobrar nossos esforços e investir em novas instalações.

— Richese, Tleilax, IX... Procuramos não intervir em disputas entre outras Casas. — O barão suspirou —. Oxalá reinasse a paz em todo o Landsraad.

A ira tomou as feições do primeiro-ministro.

— Estamos falando de algo mais que simples disputa, barão. Estamos falando de sobrevivência. Muitos de meus agentes desapareceram em IX, e os damos por mortos. Até pensar no que os ixianos podem fazer com seus membros me repugna. — ajustou os óculos, com a testa reluzente de suor —. Além disso, os Bene Tleilax não podem ser considerados uma Casa. O Landsraad jamais os aceitaria.

— Um mero tecnicismo.

— Nesse caso, chegamos a um beco sem saída — anunciou Calimar, ao mesmo tempo em que fazia menção de levantar-se. Olhou uma vez mais para a porta do gabinete —. Não achei que pretendiam aceitar nosso preço, por mais eficaz que seja o médico Suk.

— Espere, espere... — O barão levantou uma mão —. Os acordos comerciais e os pactos militares são uma coisa. A amizade é outra. Você e sua Casa foram aliados leais no passado. Talvez não tinha entendido bem a magnitude de seu problema.

Calimar jogou a cabeça atrás e olhou para o barão.

— A magnitude de nosso problema consiste em muitos zeros, sem pontos decimais.

Os olhos negros do barão, afundados entre dobras de gordura, adquiriram um brilho ardiloso.

—Se me enviarem seu médico Suk, primeiro-ministro, reconsideraremos a situação. Estou seguro de que os detalhe

econômicos de nossa oferta agradarão em grau supremo. Considere um pagamento pela conta.

Calimar se manteve impassível.

— Antes eu gostaria de escutar a oferta, por favor.

Ao ver a expressão inescrutável do primeiro-ministro, o barão assentiu.

— Piter, diga-lhe nossa proposta.

De Vries citou um preço elevado pelo aluguel do Suk, a pagar em melange. Custasse o que custasse o médico Suk, a Casa Harkonnen abonaria os custos extraordinários contribuindo com parte de suas reservas ilegais de especiaria, ou aumentando a produção em Arrakis.

Calimar fingiu considerar a oferta, mas o barão sabia que o homem não tinha outro remédio senão aceitar.

— O Suk lhes será enviado imediatamente. Este médico, Wellington Yueh, esteve trabalhando em estudos sobre *cyborgs*, e desenvolveu uma interface mecano-humana capaz de restaurar extremidades perdidas através de técnicas artificiais, uma alternativa aos substitutos que os tleilaxu cultivam em suas tanques de *axlotl*.

— “Não construirá uma máquina a semelhança humana” — citou De Vries, o primeiro mandamento da Jihad Butleriana.

Calimar se irritou.

— Nossos advogados examinaram os procedimentos detalhadamente, e não existe qualquer violação.

— Bem, pouco me importa qual seja sua especialidade — disse o barão, impaciente —. Todos os médicos Suk possuem imensas reservas de conhecimentos, aos quais podem recorrer. Tem consciência de que é preciso manter este assunto no mais absoluto segredo?

— Não é algo que me preocupe. O Círculo Interior Suk guardou informação médica comprometedor sobre todas as famílias do

Landsraad durante gerações. Não têm por que se preocupar.

— Preocupa-me mais que sua gente fale. Promete-me que não divulgarão os detalhes de nosso trato? Poderia ser igualmente problemático para você.

Pareceu que os olhos escuros do barão se afundavam ainda mais em seu rosto inchado.

O primeiro-ministro assentiu nervoso.

— Agrada-me poder ajudá-lo, barão. Tive o estranho privilégio de observar muito de perto este tal doutor Yueh. Posso assegurar que é impressionante.

# 12

*As vitórias militares carecem de sentido, a menos que reflitam os desejos do povo. Um imperador só existe para concretizar esses desejos. Se não cumprir a vontade popular, seu reinado será curto.*

*Princípios, Academia de Liderança Imperial*

O imperador, protegido por um capuz negro de segurança, estava sentado em sua complexa poltrona antigravitacional enquanto recebia informação do cristal riduliano. Depois de lhe entregar o resumo codificado, Hasimir Fenring ficou de pé a seu lado, enquanto uma corrente de palavras inundava a mente de Shaddam.

O imperador não gostava das notícias. Ao concluir o resumo, Fenring pigarreou.

— Hidar Fen Ajidica nos oculta muitas coisas, senhor. Se não fosse de vital importância para o Projeto Amal, liquidaria-o, *hummm?*

O imperador tirou o capuz de segurança e recuperou o cristal cintilante do seu receptáculo. Acostumou os olhos ao sol da manhã que se filtrava por uma clarabóia de seus aposentos privados, e depois olhou para Fenring. Este se sentou sobre o escritório de madeira de *chusuk* dourada, incrustada de pedras *soo* leitosas, como se fosse de sua propriedade.

— Entendo — murmurou Shaddam —. Esse homenzinho não gosta de receber mais duas legiões *Sardaukar*. O comandante

Garon o pressionará para que execute seu trabalho, e percebe que o cerco se está fechando ao seu redor.

Fenring se levantou e caminhou até a janela que dominava uma profusão de flores laranja e lavanda em um jardim do telhado. Extraiu algo sob uma de suas unhas e o jogou no chão.

— Como todos, *hummm*?

Shaddam observou que o olhar do conde tinha vagado até as holofotos das três meninas que Anirul tinha montado sobre a parede, outro irritante aviso de que ainda não tinha um herdeiro. Irulan tinha quatro anos, Chalice um ano e meio, e Wensicia acabava de fazer dois meses. Desconectou as imagens e se voltou para seu amigo.

— Você é meus olhos no deserto, Hasimir. Preocupa-me que os tleilaxu obtenham por contrabando uma cria de verme de Arrakis. Pensei que era impossível.

Fenring deu de ombros.

— Qual o mal se roubarem uma cria ou duas? Os animais morrem pouco tempo depois de abandonar o deserto, apesar de todos os esforços por conservá-los vivos.

— Talvez não devêssemos perturbar o ecossistema. — O manto escarlate e dourado do imperador caía sobre a borda da poltrona antigravitacional até o chão. Agarrou uma fruta carmesim de uma terrina que tinha ao lado —. Em seu último relatório, nosso planetólogo do deserto afirma que a redução de determinadas espécies poderia ter conseqüências funestas nas cadeias alimentares. Diz que as futuras gerações pagarão pelos erros de hoje.

Fenring fez um gesto desdenhoso.

— Esses relatórios não deveriam preocupá-lo. Se me dispensasse do exílio, senhor, poderia apagar tais preocupações de sua mente. Pensaria por você, *hummm*?

— Sua nomeação como Observador Imperial não pode ser considerada um exílio. É um conde, e é meu Ministro da Especiaria.

— Shaddam, distraído, pensou em pedir algo de beber, talvez com música, bailarinas exóticas, ou até mesmo um desfile militar. Só tinha que dar a ordem. Mas tais coisas não lhe interessavam nesse momento —. Deseja um título adicional, Hasimir?

Fenring desviou a vista.

— Isso só conseguiria atrair mais a atenção sobre mim. Já é difícil ocultar da Corporação minhas freqüentes viagens a Xuttuh. Além disso, os títulos normais não significam nada para mim.

O imperador atirou o talo da fruta dentro da terrina e franziu o sobrecenho. Da próxima vez ordenaria que tirassem as sementes antes de servir.

— “Imperador Padishah” é um título corriqueiro?

Ao ouvir três assobios, os homens levantaram a vista para o teto, do qual desceu um tubo de plaz transparente até depositar-se em um receptáculo que descansava sobre o escritório de *chusuk*. Um cilindro que continha uma mensagem urgente se deslizou do tubo. Fenring agarrou o cilindro, rompeu o selo do Correio e extraiu duas folhas de papel *instroy* enroladas, que entregou ao imperador apesar de seu desejo das examiná-las antes. Shaddam as desenrolou e leu com expressão de crescente desagrado.

— *Hummmm?* — perguntou Fenring, com sua impaciência habitual.

— Outra carta oficial de protesto do arquiduque Ecaz e uma declaração de *kandy* contra a Casa Moritani de Grumman. É muito grave. — secou o suco vermelho dos dedos com seu manto escarlate, e continuou lendo. Sua cara avermelhou —. Espere um momento. O duque Leto Atreides já ofereceu seus serviços como mediador ao Landsraad, mas os ecazi se encarregaram do assunto.

— Interessante — comentou o conde.

Irritado, Shaddam lançou a carta para Fenring.

— O duque Leto soube antes que eu? Como é possível? Eu sou o imperador!

— Senhor, o arrebatamento de cólera não é surpreendente, tendo em conta o comportamento do diplomata em meu banquete.  
— Ao ver a expressão de estupor, continuou —. O embaixador de Grumman assassinou seu rival na mesa de jantar. Não se lembra do meu relatório? Chegou-lhe há vários meses, *hummm*?

Enquanto Shaddam se esforçava por ordenar as peças em sua mente, fez um gesto desdenhoso em direção a uma prateleira de plaz negro que havia junto a sua mesa.

— Deve estar ali. Não li todos.

Os olhos escuros de Fenring cintilaram de irritação.

— Encontre tempo para ler os relatórios esotéricos de um planetólogo, mas não os meus? Estaria preparado para este conflito se tivesse dado atenção ao meu comunicado. Avisei-o que os grumman são perigosos e convém vigiá-los.

— Entendo. Conte-me o que diz o relatório, Hasimir. Sou um homem muito ocupado.

Fenring explicou que se viu obrigado a liberar o arrogante Lupino Ord, devido a sua imunidade diplomática. Com um suspiro, o imperador chamou seus ajudantes e convocou uma reunião de urgência com seus conselheiros.

Na sala de conferências contigua ao despacho imperial de Shaddam, uma equipe de conselheiros *Mentat*, porta-vozes do Landsraad e observadores da Corporação revisavam os tecnicismos do *kanly*, o minucioso balé de guerra desenhado para prejudicar somente os combatentes reais, com o mínimo de baixas entre os civis.

A Grande Convenção proibia o uso de armas atômicas e biológicas, e exigia que as Casas em litígio se envolvessem em uma luta controlada mediante métodos diretos e indiretos aceitos. Durante milênios, as rígidas normas tinham conformado a armação do Império. Os conselheiros resumiam os antecedentes do conflito atual, a acusação apresentada por Ecaz de que Moritani tinha cometido sabotagem biológica em seus delicados bosques de

árvores de névoa, o assassinato do embaixador ecazi pelas mãos do seu homólogo de Grumman durante o banquete de Fenring, e a declaração oficial de *kanly* por parte do arquiduque Ecaz contra o visconde Moritani.

— Devo ressaltar — disse o Chefe Comercial imperial, agitando um dedo gorducho como um espadim no ar — que fui informado que todo um embarque de medalhas comemorativas, cunhadas, se recordar, senhor, para celebrar seu décimo aniversário no Trono do Leão Dourado, foi subtraída em um audaz golpe em uma fragata comercial. Por presumidos piratas espaciais, se acreditar nos relatórios.

Shaddam se irritou, impaciente.

— O que um roubo comum tem a ver com a situação atual?

— O carregamento estava a caminho de Ecaz, senhor.

Fenring se animou.

— *Hummm*, roubaram algo mais? Material de guerra, armas de algum tipo?

O Chefe Comercial consultou suas notas.

— Não... Os atacantes só se apoderaram das moedas comemorativas imperiais, sem tocar em outros bens. — Baixou a voz e murmurou como para si mesmo —: Entretanto, como utilizamos materiais inferiores na fabricação destas moedas, as perdas econômicas não são significativas...

— Recomendo que enviemos Observadores Imperiais a Ecaz e Grumman — disse o *chambelán* da corte Ridondo —, afim de impor a lei. É bem sabido que a Casa Moritani... *er*, é generosa em sua interpretação das normas oficiais.

Ridondo era um homem esquelético de pele amarelada, com a virtude de levar a cabo tarefas cujo mérito se acabava atribuindo a Shaddam. Tinha prosperado em seu cargo de *chambelán*.

Antes que pudesse discutir a proposta de Ridondo, outra mensagem contida em um cilindro caiu no receptáculo que havia

junto a cadeira do imperador. Depois de examinar a mensagem, Shaddam o jogou sobre a mesa de conferências.

— O visconde Hundro Moritani respondeu ao insulto diplomático bombardeando o palácio ecazi e a península circundante! O Trono de Mogno foi destruído. Cem mil civis morreram e vários bosques foram incendiados. O arquiduque Ecaz se salvou por pouco junto com suas três filhas. — Fixou a vista uma vez mais no papel *instroy* enrolado, depois olhou para Fenring, mas se negou a pedir conselho.

— Desprezou as normas do *kanly*? — perguntou assombrado o Chefe Comercial —. Como é possível?

A pele cítrica da testa do *chambelán* Ridondo se enrugou de preocupação.

— O visconde Moritani não tem o senso de honra do seu avô, que foi amigo do Caçador. O que se deve fazer com cães selvagens como estes?

— Grumman sempre detestou seu vínculo com o Império, senhor — disse Fenring —. Sempre procura uma oportunidade de nos cuspir no rosto.

A discussão adquiriu um tom mais frenético. Enquanto Shaddam escutava a conversa, com seu aspecto mais majestoso, pensou que ser imperador era muito diferente do que tinha imaginado. A realidade era complicadíssima, e havia muitas forças competindo entre si.

Recordou ter jogado os jogos de guerra com o jovem Hasimir, e se deu conta de quanto sentia falta da companhia e do conselho do seu amigo da infância. Mas um imperador não podia revogar decisões importantes com ligeireza. Fenring continuaria em Arrakis, além de cumprir a missão de fiscalizar o programa de especiaria artificial. Era melhor que os espiões acreditassem nas histórias de atrito entre eles, embora talvez Shaddam pudesse incluir em sua agenda visitas mais freqüentes a seu companheiro da infância...

— As formas têm que ser observadas, senhor — disse Ridondo —. A lei e a tradição mantêm o Império unido. Não podemos permitir que uma casa nobre ignore as regras quando desejar. É evidente que Moritani o considera fraco e pouco inclinado a intervir nesta disputa. está zombando de você.

O Império não me escorrerá entre os dedos, prometeu Shaddam para si mesmo. Decidiu dar exemplo.

— Que se anuncie a todo o Império que uma legião de tropas *Sardaukar* se estabelecerá em Grumman durante dois anos. Poremos freio a este visconde. — Voltou-se para o observador da Corporação Espacial, sentado bo outro extremo da mesa —. Além disso, quero que a Corporação imponha uma tarifa elevada a todos os produtos que entrem e saiam de Grumman. Tal imposto será utilizado para reparar a ofensa cometida contra Ecaz.

O representante da Corporação guardou um longo e frio silêncio como se sopesasse a “decisão”, que na realidade era apenas um pedido. A Corporação estava fora do controle do imperador Padishah. Por fim, assentiu.

— Assim faremos.

Um dos *Mentats* da corte ficou rígido em sua cadeira.

— Eles apelarão, senhor.

Shaddam bufou.

— Se Moritani tiver provas, que o faça.

Fenring tamborilou com os dedos sobre a mesa, enquanto refletia nas conseqüências. Shaddam já tinha enviado duas legiões de *Sardaukar* a IX para fiscalizar os tleilaxu, e agora enviava mais a Grumman. Em outros pontos conflitivos do Império tinha aumentado a presença visível de suas tropas militares de elite, com a esperança de apaziguar qualquer idéia de rebelião. Tinha aumentado as patentes de *Bursegs* em todo o aparato militar e acrescentado mais comandantes de nível médio para que fossem enviados com as tropas caso necessário.

Mesmo assim, não deixavam de ocorrer pequenos e irritantes exemplos de sabotagem ou decapitação de efígies, como o roubo das moedas comemorativas com destino a Ecaz, o globo com a efígie de Shaddam flutuando sobre o estádio de Harmonthep, as palavras insultantes pintadas nos penhascos do *Monument Canyon*...

Como resultado, o número de leis *Sardaukar* não era muito numeroso e, devido ao caro Projeto Amal, a tesouraria imperial não contava com recursos suficientes para abastecer e treinar novos soldados. Assim, as reservas militares estavam se esvaziando, e Fenring previa um futuro problemático. Como demonstravam os atos da Casa Moritani, algumas forças do Landsraad preveniam fraqueza, farejavam sangue...

Fenring pensou na possibilidade de recordar a Shaddam tudo isto, mas preferiu se calar. Seu velho amigo parecia convencido de que podia controlar a situação sem ele, assim... era melhor ver se o conseguia.

Os contínuos problemas curvavam cada vez mais o imperador, e no final teria que chamar de volta a Kaitain seu exilado "Ministro da Especiaria". Quando isso acontecesse, Fenring o faria suar antes de concordar.

# 13

*A estrutura de uma organização é crucial para o êxito do movimento. Também constitui o objetivo primitivo que se deve atacar.*

*Cammar Pilru, Embaixador ixiano no exílio  
Tratado sobre a queda de governos injustos.*

Antes do próximo encontro com o grupo de resistentes, C'tair se disfarçou de operário suboide introvertido. Sob tal disfarce, dedicou dias a explorar as tocas subterrâneas onde os rebeldes planejavam se reunir.

O céu holoprojetado, onde se intercalavam ilhas de edifícios estalactites, tinha um aspecto falso, pois imitava a luz de um sol que não pertencia a IX. C'tair sentia dores nos braços por depositar caixas pesadas sobre plataformas automotrizes que entregavam fornecimentos, maquinaria e materiais brutos ao pavilhão de pesquisa isolado.

Os invasores tinham confiscado um grupo de instalações industriais e modificado seu aspecto, construindo sobre os telhados e comunicando os passadiços laterais. Sob o mandato da Casa Vernius, as instalações tinham sido desenhadas para adotar um aspecto estético e funcional, agora pareciam ninhos de roedores, um conjunto irregular de barricadas inclinadas e muros couraçados atrás de campos de força protetores. Suas janelas cobertas pareciam olhos cegos.

O que os tleilaxu estão fazendo ali?

C'tair utilizava roupas ordinárias, com a expressão indiferente e os olhos mortos. Concentrava-se na tediosa monotonia de suas tarefas. Quando o pó ou a terra manchavam suas bochechas ou quando a graxa engordurava seus dedos, não fazia o menor esforço por limpar-se, mas continuava trabalhando como um relógio.

Embora os *tleilaxu* não os suboides dignos de atenção, os invasores tinham dizimado estes operários durante a conquista de IX. Face as promessas de melhores condições e melhor tratamento, os *tleilaxu* tinham esmagado os suboides, muito mais que na época de Dominic Vernius.

Quando não trabalhava, C'tair vivia em um cubículo de paredes de rocha, situado na zona restringida aos suboides. Os operários tinham pouca vida social, não falavam muito entre si. Poucos reparavam no recém-chegado ou perguntavam seu nome. Nenhum se atrevia a fazer amizade. Sentia-se mais invisível que quando se ocultava na câmara secreta durante meses, no princípio da revolta.

C'tair preferia a invisibilidade. Permitia-lhe maior mobilidade.

Antes da reunião, examinou o lugar escolhido. Transportou o equipamento clandestino para a câmara de fornecimentos vazia para procurar instrumentos de vigilância. Não ousava subestimar os *tleilaxu*, sobretudo desde que mais duas legiões *Sardaukar* tinham chegado para exercer maior controle.

Ficou no centro da estadia e caminhou em um lento círculo, preocupado com os cinco túneis que conduziam à câmara. Muitas entradas, muitos lugares para uma emboscada. Refletiu um momento e sorriu quando lhe ocorreu uma idéia.

Na manhã seguinte roubou um pequeno holoprojetor, com o qual criou a imagem de um espaço de rocha. Dispôs o projetor no interior de uma abertura e o conectou. Agora, uma falsa barreira bloqueava um dos túneis, uma ilusão perfeita.

C'tair tinha vivido com suspeita e temor durante tanto tempo que nunca esperava uma conclusão feliz para seus planos. Mas isso não significava que abandonasse suas esperanças...

Os lutadores pela liberdade chegaram um a um, à medida que se aproximava a hora da reunião. Nenhum corria o risco de deslocar-se com outro rebelde. Todos foram disfarçados e tinham desculpas para o momentâneo abandono de suas tarefas.

C'tair chegou tarde. Os furtivos resistentes trocaram equipamento vital e comentaram planos aos sussurros. Ninguém tinha uma estratégia global. Alguns dos projetos eram tão impossíveis que C'tair teve que fazer um esforço para não rir, enquanto outros expressavam sugestões que desejou imitar.

Necessitava de mais varinhas de cristal para seu transmissor rogo. depois de cada tentativa de comunicar com seu longínquo irmão Navegante, os cristais se estilhaçavam e partiam, e o resultado eram dores de cabeça lacerantes.

Na última vez que tinha usado o rogo C'tair não conseguira se comunicar com D'murr. Tinha intuído sua presença e alguns pensamentos estáticos, mas sem estabelecer o menor contato. C'tair se sentiu perdido e deprimido, completamente sozinho. Compreendeu que tinha acreditado em excesso no bem-estar de seu irmão, e em descobrir que outros habitantes de IX tinham escapado e sobrevivido.

Às vezes, C'tair se perguntava o que tinha obtido em tantos anos de luta. Queria fazer mais coisas, queria dar um golpe decisivo nos tleilaxu, mas o que podia fazer? Contemplou os rebeldes reunidos, que falavam muito mas faziam pouco. Escrutinou seus rostos, percebeu cobiça nos intermediários e nervosismo em outros. C'tair se perguntou se aqueles eram os aliados que necessitava. Duvidava muito.

Miral Alechem também estava entre eles, negociava freneticamente para conseguir mais componentes que a ajudassem em seu misterioso plano. Parecia diferente dos outros, e ansiosa por entrar em ação.

Aproximou-se dela sem chamar a atenção e procurou seus olhos grandes e cautelosos.

— Prestei atenção nos componentes que está comprando. — Disse apontando com uma sacudida de cabeça para os escassos objetos que tinha nas mãos —. E não tenho nem idéia de qual é seu plano. Talvez... eu pudesse ajudar. Sou um perito em porcarias.

Ela retrocedeu um passo, como um coelho desconfiado, ao mesmo tempo em que tentava captar o significado de suas palavras. Por fim, falou com os lábios apertados.

— Tenho uma idéia. Tenho que investigar...

Antes que pudesse continuar, C'tair ouviu um movimento nos túneis, passos furtivos a princípio e depois mais decididos. Os guardas gritaram. Alguém se agachou quando um projétil passou sobre sua cabeça.

— Alguém nos traiu! — gritou um rebelde.

Na confusão, C'tair viu que soldados *Sardaukar* e guerreiros *tleilaxu* convergiam das quatro saídas e bloqueavam os túneis. Dispararam contra os resistentes como se estivessem em uma galeria de tiro.

O cubículo se encheu de gritos, fumaça e sangue. Os *Sardaukar* entraram com as armas desembainhadas. Alguns se limitaram a utilizar os punhos e os dedos para matar. C'tair esperou que a fumaça ficasse mais espessa, para que os rebeldes fugissem assustados, e depois se lançou para frente.

Miral, ao não ver escapatória, agachou-se. C'tair a segurou pelos ombros. Ela se debateu, como se ele fosse seu inimigo, mas C'tair a empurrou sem olhar para o muro de rocha sólida.

Atravessou-o sem problemas. C'tair a seguiu pela abertura que cobria o holograma. Sentiu uma pontada de culpa por não avisar os outros, mas se todos os rebeldes desaparecessem pela mesma via de fuga, os *Sardaukar* cairiam sobre eles em questão de segundos.

Miral olhou ao redor, confusa. C'tair a arrastou com ele.

— Preparei uma rota de fuga antecipadamente. Um holograma. Puseram-se a correr pelo túnel.

Miral trotava a seu lado.

— Nosso grupo morreu.

— Nunca foi meu grupo — replicou C'tair, ofegante —. Eram aficionados.

Ela olhou para ele enquanto corriam.

— Temos que nos separar.

Ele assentiu, e ambos tomaram túneis diferentes.

C'tair ouviu ao longe que os *Sardaukar* gritavam ao descobrir a abertura dissimulada. Acelerou o passo, desviou-se por um túnel a sua esquerda, depois por uma ramificação ascendente e desembocou em uma gruta diferente. Por fim, chegou a um elevador que conduziria a enorme caverna.

Procurou um de seus cartões de identificação, o de um suboide que trabalhava no último turno, e o passou por um leitor. O elevador o levou para os edifícios em forma de estalactite que em outros tempos eram residência dos burocratas e nobres que serviam à Casa Vernius.

Quando chegou aos níveis superiores, correu por passarelas conectadas entre si, deslizou entre edifícios e baixou a vista para as luzes das fábricas desnaturalizadas. Por fim, já nos níveis do que antes constituía o Grande Palácio, encaminhou-se para o esconderijo que abandonara muito tempo atrás.

Entrou no cubículo e o fechou com chave. Não tinha considerado necessário esconder-se nele durante uma temporada, mas esta noite estivera mais perto de ser capturado que nunca. Na escuridão silenciosa, C'tair se deixou cair sobre o cama de armar fedorenta que tinha sido sua cama durante tantas noites tensas. Contemplou o teto baixo, que se abatia sobre ele. Seu coração martelava. Não conseguia relaxar.

Imaginou que via estrelas em cima de sua habitação, uma tempestade de luzes diminutas que banhavam a antiga superfície de IX. Enquanto seus pensamentos cruzavam a imensa extensão da

galáxia, imaginou D'murr pilotando sua nave da Corporação... muito longe dali e a salvo.

C'tair tinha que entrar em contato com ele o quanto antes.

# 14

*O universo é nossa imagem. Só os imaturos imaginam o universo como eles acreditam que é.*

*Sigam Visee, Instrutor chefe,  
Escola de Navegantes da Corporação.*

“D'murr — disse uma voz no fundo de sua consciência —. D'murr...”

No interior da câmara hermética situada no alto do seu Cruzeiro, D'murr nadava em gás de especiaria, agitava seus pés espalmados. Redemoinhos alaranjados giravam ao seu redor. Em seu transe de navegação, todos os sistemas estelares e planetas eram como uma grande tapeçaria, e podia seguir qualquer rota que escolhesse. Penetrar no útero do universo e conquistar seus mistérios lhe proporcionava um imenso prazer.

Reinava uma grande paz no espaço profundo. O brilho dos sóis se apagava e acendia... uma noite imensa e eterna, salpicada de diminutos pontos luminosos.

D'murr efetuava os complicados cálculos mentais necessários para prever uma rota segura por qualquer sistema solar. Guiava a imensa nave através do vazio sem limites. Era capaz de abranger os limites do universo e transportar passageiros e cargas a qualquer lugar que desejasse. Via o futuro e o conformava a sua rota.

Devido às notáveis capacidades que possuía, D'murr se contava entre os escassos humanos mutantes que tinham subido na hierarquia de Navegantes com muita rapidez. Humano. A palavra era algo mais que uma lembrança para ele.

Suas emoções (estranhos restos de sua forma física anterior) o afetavam de uma forma que não tinha esperado. Durante os dezessete Anos Padrão que tinha passado em IX com seu irmão gêmeo C'tair, não tinha tido o tempo, a sabedoria ou o desejo de compreender o que significava ser humano.

E quanto nos últimos doze anos, por vontade própria, tinha renunciado a esta duvidosa realidade e abraçado outra existência, em parte sonho e em parte pesadelo. A verdade era que sua nova aparência podia aterrorizar qualquer humano que não estivesse preparado para a visão.

Mas as vantagens, os motivos pelos quais tinha ingressado na Corporação, compensava com acréscimo. Experimentava a beleza cósmica de uma maneira desconhecida para outras formas de vida. O que podiam imaginar, ele conhecia.

Por que a Corporação Espacial o aceitara? Poucos forasteiros eram aceitos naquele corpo de elite. A Corporação concedia prioridade a seus próprios candidatos, aqueles nascidos no espaço para serem empregados fiéis da Corporação, alguns dos quais jamais tinham pisado em terra sólida.

Sou apenas um experimento, um monstro entre os monstros? Às vezes, devido ao tempo de reflexão que lhe permitia uma longa viagem, a mente de D'murr divagava. Estou sendo examinado neste preciso momento, estão lendo meus pensamentos mais aberrantes? Sempre que a consciência de sua personalidade humana anterior o invadia, D'murr experimentava a sensação de encontrar-se a beira de um precipício, enquanto decidia se devia saltar ou não ao vazio. A Corporação sempre está vigiando.

Enquanto flutuava na câmara de navegação, viajava entre os restos de suas emoções. Uma estranha sensação de melancolia o invadia. Tinha sacrificado quase tudo para se transformar no que era. Nunca mais poderia aterrissar em um planeta, a menos que saísse em um tanque de gás de especiaria hermético sobre rodas...

Concentrou-se em sua tarefa. Se permitisse que sua personalidade humana tomasse o controle, o Cruzeiro se desviaria

da rota.

“D'murr — disse a voz insistente, como a dor lacerante de uma enxaqueca —. D'murr...”

Ignorou-a. Tentou convencer-se de que tais pensamentos e remorsos deviam ser comuns a todos os Navegantes, que outros o experimentavam com tanta freqüência quanto ele. Por que os instrutores não o avisaram?

Sou forte. Posso superar isso.

Em um vôo de rotina ao planeta Bene Gesserit de Wallach IX pilotava um dos últimos Cruzeiros construídos pelos ixianos, antes que os tleilaxu se apoderassem do planeta e se decidissem por um desenho anterior e menos eficaz. Revisou mentalmente a lista de passageiros, e viu as palavras impressas sobre as paredes de seu tanque de navegação.

Um duque estava a bordo: Leto Atreides. E seu amigo Rhombur Vernius, herdeiro exilado da fortuna perdida de IX. Rostos e lembranças familiares... Uma vida atrás, D'murr tinha sido apresentado ao jovem Leto no Grande Palácio. Os Navegantes captavam fragmentos de notícias imperiais e podiam escutar conversas privadas por meio dos canais de comunicação, mas davam pouca atenção a assuntos corriqueiros. Este duque tinha ganho um Julgamento de Confisco, um ato monumental que lhe tinha granjeado um grande respeito ao longo do Império.

Para que o duque Leto ia a Wallach IX? Por que levava com ele o refugiado ixiano?

A voz longínqua e crepitante soou de novo:

“D'murr... responda...”

Compreendeu com repentina clareza que era uma manifestação de sua vida anterior. O leal e carinhoso C'tair tentava entrar em contato com ele, embora D'murr não tivesse conseguido responder durante meses. Talvez se tratasse de uma distorção causada pela contínua evolução do seu cérebro, que aumentava o abismo entre ele e seu irmão.

As cordas vocais atrofiadas de um Navegante ainda podiam pronunciar palavras, mas utilizava a boca quase sempre para consumir mais e mais melange. A expansão da mente provocada pelo transe de especiaria desterrava a vida e os contatos anteriores de D'murr. Já não podia experimentar o amor, exceto como uma lembrança fugaz. Jamais poderia voltar a tocar em um ser humano...

Extraiu uma pílula de melange concentrada com suas mãos membranosas e a introduziu em sua boca diminuta, para assim aumentar a quantidade de especiaria que fluía por seu organismo. Sua mente flutuou um pouco, mas não o suficiente para apaziguar a dor do passado, e do contato mental incipiente. Desta vez suas emoções eram muito fortes para que conseguisse vencê-las.

Seu irmão deixou por fim de chamar, mas não demoraria para voltar. Sempre o fazia.

O único som que D'murr ouvia era o vaio contínuo do gás que entrava na câmara. Melange, melange. Continuava fluindo em seu interior, apoderava-se de seus sentidos. Já não restava individualismo, logo não podia tolerar a idéia de voltar a falar com seu irmão.

Só podia escutar, e recordar...

# 15

*A guerra é uma forma de comportamento orgânico. O exército é o meio que um grupo composto exclusivamente por homens escolhe para sobreviver. Por sua vez, o grupo feminino se sente orientado tradicionalmente para a religião. São as guardiãs dos mistérios sagrados.*

*Doutrina Bene Gesserit*

Depois de descer do Cruzeiro que orbitava ao redor do planeta e atravessar os complicados sistemas defensivos atmosféricos, o duque Leto Atreides e Rhombur Vernius foram recebidos no espaçoporto da Escola Materna por um contingente de três mulheres vestidas com hábitos negros.

O céu branco azulado de Wallach IX não era visível de terra. Uma brisa gélida açoitava o pórtico ao ar livre onde o grupo aguardava. Leto deixou que penetrasse através de suas roupas e viu que seu fôlego saía transformado em vapor. A seu lado, Rhombur rodeou o pescoço de sua jaqueta.

A líder da comitiva de escolta se apresentou como a madre superiora Harishka, uma honra que Leto não esperava. O que eu fiz para merecer tais cuidados? Quando estivera encarcerado em Kaitain, à espera do Julgamento de Confisco, a Bene Gesserit o ajudara em segredo, mas não tinham explicado os motivos. As Bene Gesserit não fazem nada sem um propósito definido.

Harishka, velha mas enérgica, tinha olhos amendoados escuros e uma forma muito direta de falar.

— Príncipe Rhombur Vernius. — Fez uma reverência ao jovem de cara redonda, que moveu sua capa púrpura e cobre com um gesto elegante —. É uma pena o ocorrido a sua Grande Casa, uma

pena terrível. Até a Bene Gesserit acha os tleilaxu... incompreensíveis.

— Obrigado, mas... estou seguro de que tudo sairá bem. O outro dia, nosso embaixador no exílio apresentou outra petição ao conselho do Landsraad. — Sorriu com otimismo forçado —. Não procuro compaixão.

— Só procuram uma concubina, correto? — A anciã se virou para guiá-los até os terrenos do complexo da Escola Materna —. Agradecemos a oportunidade de colocar uma de nossas irmãs no castelo de Caladan. Estou segura de que isso o beneficiará, e aos Atreides também.

Seguiram um caminho pavimentado entre edifícios de estuque ligados entre si, com telhado de terracota, disposto como escamas de um lagarto dos recifes. Em um pátio cheio de flores se detiveram em frente a estátua em quartzo negro de uma mulher ajoelhada.

— A fundadora de nossa velha escola — disse Harishka —. Raquella Berto-Anirul. Ao manipular sua química corporal, Raquella sobreviveu ao que teria sido um envenenamento letal.

Rhombur se agachou para ler a placa.

— Diz que todas as descrições escritas e gráficas desta mulher se perderam há muito tempo, quando os invasores incendiaram a biblioteca e destruíram a estátua primitiva. *Er...* como sabem qual era seu aspecto?

— Sabemos porque somos bruxas — replicou Harishka com um sorriso enrugado.

Sem acrescentar nada mais a sua resposta, a anciã desceu uma escada curta e atravessaram uma estufa úmida, onde acolitas e irmãs cuidavam de plantas e ervas exóticas. Talvez medicamentos, talvez venenos.

A Escola Materna era um lugar lendário que poucos homens tinham visto, e Leto ficou atônito devido a cálida aceitação que seu pedido audacioso tinha recebido. Pedira às Bene Gesserit que

escolhessem um mulher inteligente e talentosa para Rhombur, e seu amigo despenteado tinha concordado em ir “às compras”.

Harishka cruzou rapidamente um campo verde onde mulheres vestidas com roupas curtas e leves realizavam impossíveis exercícios de estiramento ao som de uma cadência vocal emitida por uma anciã enrugada e encurvada, que repetia todos os seus movimentos. Leto pensou que seu controle corporal era assombroso.

Quando por fim entraram em um amplo edifício de estuque com vigas escuras e chãos de madeira reluzente, Leto se alegrou de ficar no caminho do vento pois as velhas paredes cheiravam a gesso. O vestíbulo dava para uma sala de práticas, onde uma dúzia de jovens vestidas com hábitos brancos aguardavam imóveis no centro, tão rígidas como soldados à espera da inspeção. Tinham os capuzes jogados para trás.

A madre superiora se deteve ante as acolitas. As duas reverendas madres que a acompanhavam se colocaram atrás das jovens.

— Quem busca por uma concubina? — perguntou Harishka. Era uma pergunta tradicional, parte do ritual.

Rhombur deu um passo a frente.

— Eu... *er*, o príncipe Rhombur, primogênito e herdeiro da Casa Vernius. Até é possível que procure uma esposa. — Olhou para Leto e baixou a voz —. Como minha Casa foi declarada renegada, não tenho que me prender aos estúpidos joguinhos políticos. Como outros que eu conheço.

Leto ruborizou, e recordou as lições que seu pai tinha lhe ensinado. Encontre o amor onde quiser, mas nunca se case por amor. Seu título pertence à Casa Atreides. Utilize-o para obter o acordo mais benéfico.

Tinha viajado fazia pouco a Ecaz para reunir-se com o arquiduque Armand em sua capital provisória, depois que os Moritani tinham bombardeado seu castelo ancestral. Depois da

reação fulminante do imperador, que enviara uma legião de *Sardaukar* a Grumman para manter a afastado o furioso visconde, as hostilidades entre ambas as Casas tinham cessado, ao menos no momento.

O arquiduque Armand Ecaz solicitara que um grupo de investigação estudasse a suposta sabotagem cometida contra os famosos bosques de árvores de névoa e outras modalidades ecazi, mas Shaddam se negou. “Deixem em paz os cães adormecidos”, foi sua resposta oficial. E confiou que o problema terminaria ali.

O arquiduque, depois de agradecer as tentativas de Leto por acalmar as tensões, tinha comentado de forma extra-oficial que sua filha mais velha, Sanyá, poderia ser uma candidata ao matrimônio aceitável para a Casa Atreides. Depois de escutar a sugestão, Leto tinha considerado os ativos da Casa Ecaz, seu poder comercial, político e militar, e como complementariam os recursos de Caladan. Nem sequer tinha olhado para a moça em questão. Estude as vantagens políticas de uma aliança matrimonial. Seu pai teria se sentido satisfeito.

— Todas estas jovens estão bem treinadas em numerosas formas de agradar à nobreza — disse a madre superiora —. Todas foram escolhidas em sintonia com sua personalidade.

Rhombur se aproximou da fileira de mulheres e esquadrinhou seus rostos. Loiras, morenas, ruivas, algumas de pele tão pálida como o leite, algumas tão esbeltas e escuras como o ébano. Todas eram belas e inteligentes... e todas o examinavam com aprumo e impaciência.

Conhecendo seu amigo, Leto não se surpreendeu quando viu que Rhombur parava ante uma moça de aspecto bastante simples, de olhos cor sépia muito separados e cabelo castanho cortado como o de um homem. submeteu-se ao exame de Rhombur sem desviar a vista, sem fingir acanhamento como algumas tinham feito. Leto observou o sorriso ténue que curvava seu lábio para cima.

— Seu nome é Tessia — disse a madre superiora —. Uma jovem muito inteligente e dotada de vários talentos. É capaz de

recitar os clássicos antigos à perfeição e tocar vários instrumentos musicais.

Rhombur lhe ergueu o queixo, escrutinou seus olhos castanhos escuros.

— Mas sabe rir de uma piada? E contar outra melhor em resposta?

— Jogos de palavras inteligentes, meu senhor? — respondeu Tessia —. Prefere um jogo de palavras penoso, ou uma piada tão atrevida que suas bochechas ardam?

Rhombur riu satisfeito.

— É esta!

Quando tocou o braço de Tessia, a moça saiu da fila e caminhou com ele pela primeira vez. Leto se alegrou de ver seu amigo tão feliz, mas ao mesmo tempo lhe doeu pensar em sua falta de relações. Frequentemente, Rhombur fazia coisas guiado por um impulso, mas possuía a firmeza necessária para que saíssem bem.

— Venham aqui, filhos — disse Harishka em tom solene —. Ponham-se perante mim e inclinem a cabeça.

Obedeceram, de mãos dadas.

Leto se adiantou para endireitar o pescoço de Rhombur e alisar uma ruga de um galão. O príncipe ixiano ruborizou e murmurou um “obrigado”.

— Que suas vidas sejam longas e produtivas — continuou Harishka —, e que desfrutem de sua mútua e honrada companhia. Agora estão unidos. Se nos anos vindouros desejarem se casar e selar o vínculo superior ao concubinato, contam com a bênção da Bene Gesserit. Se não ficar satisfeito com Tessia, ela poderá retornar à Escola Materna.

Surpreenderam a Leto tantas fórmulas matrimoniais no que era, basicamente, um acordo comercial. Por meio de um Mensageiro de Caladan tinha recebido uma lista de preços. Não obstante, a madre superiora dotava de certa solidez à relação e

estabelecia as bases para as coisas boas que pudessem acontecer no futuro.

Tessia se inclinou e sussurrou ao ouvido de Rhombur. O príncipe exilado riu.

— A Tessia teve uma idéia interessante, Leto — disse a seu amigo —. Por que você não escolhe uma concubina? Há muitas para escolher. — Apontou para as outras acolitas —. Assim deixará de olhar para minha irmã com olhos de cordeiro degolado!

Leto avermelhou. Sua atração por Kailea era evidente, apesar de ter tentado dissimular durante anos. Negou-se a levá-la para sua cama, esmagado entre as exigências do seu cargo e as admoestações do seu pai.

— Eu tive outras amantes, Rhombur, você sabe. As garotas da cidade e do povoado acham seu duque bastante atraente. Não é nada vergonhoso, e eu posso conservar minha honra com sua irmã.

Rhombur virou os olhos.

— De modo que a filha de um pescador do porto te basta mas minha irmã não?

— Não é isso. Faço-o por respeito à Casa Vernius, e a você.

— Temo que as mulheres escolhidas não são adequadas para o duque Atreides — interrompeu Harishka —. foram escolhidas por sua compatibilidade com o príncipe Rhombur. — Seus lábios cor ameixa sorriram —. Não obstante, poderíamos chegar a outros acordos...

Elevou os olhos para uma galeria interior, como se alguém estivesse olhando-os de acima.

— Não vim procurar uma concubina — respondeu Leto, carrancudo.

— *Er...* é do tipo independente — disse Rhombur à madre superiora, e depois olhou para Tessia com as sobrancelhas arqueadas —. O que vamos fazer com ele?

— Sabe o que quer mas não sabe admitir — disse Tessia com um sorriso inteligente —. Um cacoete para um duque.

Rhombur deu tapinhas nas costas de Leto.

— Está vendo? Já está dando bons conselhos. Por que não toma Kailea como sua concubina e acaba com isso de uma vez? Já estou me cansando de suas angústias infantis. Entra dentro de seus direitos e... *er...* ambos sabemos que é o máximo que ela pode aspirar.

Leto desprezou a idéia com uma risada forçada, embora tivesse pensado nisso muitas vezes. Tinha hesitado em abordar Kailea com essa sugestão. Qual seria sua reação? Exigiria ser algo mais que uma concubina? Isso era impossível.

De qualquer modo, a irmã de Rhombur compreendia as realidades políticas. Antes da tragédia de IX, a filha do conde Vernius teria sido uma opção aceitável para um duque (talvez tivesse passado pela mente do velho Paulus). Mas agora, como cabeça da Casa Atreides, Leto nunca poderia casar-se com um membro de uma família que não possuía nenhum título ou feudo imperial.

# 16

*O que é o Amor do qual tantos falam com uma familiaridade tão aparente? Realmente compreendem como ele é inalcançável? Acaso não existem tantas definições de Amor como estrelas no universo?*

## *O Questionário Bene Gesserit*

De uma galeria interior que permitia ver as acolitas, Jessica, de doze anos, observava o processo de seleção com olhos interessados e muita curiosidade. A reverenda mãe Mohiam, que estava a seu lado, tinha ordenado que prestasse atenção, para que Jessica absorvesse até o último detalhe com seu praticado escrutínio Bene Gesserit.

O que a professora quer que eu veja?

A madre superiora estava falando com o jovem nobre e sua recém escolhida concubina, Tessia ao-Reill. Jessica não havia esperado sua escolha. Várias das outras acolitas eram mais belas, mais curvilíneas, mais fascinantes... mas Jessica não conhecia o príncipe nem sua personalidade, não estava familiarizada com seus gostos.

Intimidava-lhe a beleza, o que era indicação de pouca auto-estima? A acolita Tessia recordava outra pessoa que tinha conhecido? Ou talvez o atraía por algum motivo difícil de explicar... seu sorriso, seus olhos, sua risada?

— Nunca tente compreender o amor — advertiu Mohiam em um sussurro ao intuir seus pensamentos —. Limite-se a trabalhar para compreender seus efeitos nas pessoas inferiores.

Outra reverenda madre trouxe um documento sobre uma tabuleta de escrever e o entregou ao príncipe para que o assinasse. Seu acompanhante, um nobre de cabelo negro e feições aquilinas, olhou sobre seu ombro para ver o que estava escrito. Jessica não ouviu suas palavras, mas conhecia o antigo Ritual do Dever.

O duque arrumou o pescoço de seu companheiro. Pensou que era um gesto terno, e sorriu.

— Serei apresentada a um nobre algum dia, reverenda madre? — sussurrou. Ninguém lhe tinha explicado qual era seu papel na Bene Gesserit, o que constituía para ela uma fonte de curiosidade constante, para irritação de Mohiam.

A reverenda mãe franziu o sobrecenho, como Jessica já tinha suspeitado.

— Saberá quando chegar o momento, filha. A sabedoria consiste em saber quando terá que perguntar.

Jessica já tinha escutado em ocasiões anteriores a mesma reprimenda.

— Sim, reverenda madre. A impaciência é uma fraqueza.

A Bene Gesserit tinha muitos ditos similares, e Jessica os tinha aprendido de cor. Suspirou exasperada mas controlou a reação, com a esperança de que sua professora não o percebesse. Era evidente que a Irmandade tinha um plano para ela. Por que não lhe revelavam o futuro? Quase todas as outras acolitas tinham alguma idéia de seus caminhos predeterminados, mas Jessica só via uma parede em branco diante dela, sem a menor inscrição.

Estão me educando para algo. Preparam-me para uma missão importante. Por que sua professora a trouxera para esta galeria neste preciso momento? Não era um acidente nem uma coincidência. A Bene Gesserit planejava tudo até o último detalhe.

— Ainda há esperança para você, filha — murmurou Mohiam —. Ordenei que observasse, mas se concentra na pessoa errada. Não é o homem de Tessia. Olhe para o outro, olhe os dois, olhe como interagem. Diga o que vê.

Jessica estudou os homens. Respirou profundamente, seus músculos se relaxaram. Seus pensamentos, como minerais suspensos em um copo de água, clarearam.

— Ambos são nobres, mas não parentes de sangue, a julgar pelas diferenças no vestir, os gestos e as expressões. — Não afastava os olhos deles —. Faz muitos anos que são amigos íntimos. Dependem um do outro. O de cabelo negro está preocupado com a felicidade de seu amigo.

Jessica captou ansiedade e impaciência na voz de sua professora, embora não pudesse imaginar por quê. Os olhos da reverenda mãe estavam cravados no segundo homem.

— Deduzo por seu porte e interação que o de cabelo escuro é um líder e leva suas responsabilidades muito a sério. Tem poder, mas não abusa dele. É melhor governante do que ele acredita. — Observou seus movimentos, o rubor da pele, a maneira que olhava para as outras acolitas e depois se obrigava a desviar a vista —. E se sente muito sozinho.

— Excelente. — Mohiam dedicou um sorriso radiante para sua pupila, mas seus olhos se entreabriram —. Esse homem é o duque Leto Atreides... e você está destinada para ele, Jessica. Um dia será a mãe de seus filhos.

Embora Jessica soubesse que devia receber esta notícia com impassividade, como um dever que devia cumprir para a Irmandade, descobriu de repente a necessidade de acalmar seu coração palpitante.

Nesse momento o duque Leto olhou para Jessica, como se pressentisse sua presença na galeria escura, e seus olhos se encontraram. Ela captou um fogo em seus olhos cinzentos, uma energia e uma sabedoria superiores a sua idade, o resultado de lidar com responsabilidades tremendas. Sentiu-se atraída por ele.

Mas resistiu. Instintos... reações automáticas, respostas... Não sou um animal. Rechaçou outras emoções, como Mohiam lhe ensinara durante anos.

As perguntas anteriores de Jessica se apagaram, e de momento não formulou novas. Uma respiração profunda e calma a conduziu à serenidade. Fossem pelos motivos que fossem, gostava do aspecto deste duque... mas tinha um dever para com a Irmandade. Esperaria até descobrir o que lhe aguardava, e faria todo o necessário.

A impaciência é uma fraqueza.

Mohiam sorriu para si mesma. Conhecendo os fios genéticos que tinha recebido a ordem de tecer, a reverenda mãe tinha preparado este breve encontro, embora afastado no tempo, entre Jessica e o duque Atreides. Jessica era a culminação de muitas gerações de cuidadosas reproduções cujo objetivo era a criação do *Kwisatz Haderach*.

A diretora do programa, a mãe *Kwisatz Anirul*, esposa do imperador Shaddam, afirmava que existiriam as maiores probabilidades de êxito se a filha de um Harkonnen da geração atual desse a luz uma filha Atreides. O pai secreto da Jessica era o barão Harkonnen... e quando estivesse preparada se uniria com o duque Leto Atreides.

Mohiam considerava uma suprema ironia que estes inimigos mortais, a Casa Harkonnen e a Casa Atreides, estivessem destinados a formar a união mais importante do que nenhuma das Casas jamais suspeitaria, nem toleraria.

Mal podia conter seu entusiasmo ante a perspectiva: graças a Jessica, a Irmandade se encontrava a apenas duas gerações de seu objetivo final.

# 17

*Quando faz uma pergunta, na verdade quer saber a resposta, ou está apenas fazendo uma demonstração do seu poder?*

*Dmitri Harkonnen, Nota a meus filhos*

O barão Harkonnen teve que pagar duas vezes pelo médico Suk.

Pensara que seu enorme pagamento para o primeiro-ministro richesiano Calimar seria suficiente para obter os serviços do doutor Wellington Yueh pelo tempo que fosse necessário para diagnosticar e tratar sua enfermidade. Yueh, não obstante, negou-se a cooperar.

O antipático médico Suk estava absorto em si mesmo e em sua pesquisa técnica, que realizava no laboratório lunar em órbita de Korona. Não demonstrou o menor respeito ou medo quando mencionou o nome do barão.

— Pode ser que eu trabalhe para os richesianos — disse com voz firme, carente de humor —, mas não são meus senhores.

Piter De Vries, enviado a Richese para verificar os detalhes confidenciais e comunicá-los ao barão, estudou as feições envelhecidas do médico, a teimosa indiferença. Encontrava-se em um pequeno escritório do laboratório na estação de pesquisa artificial, um grande satélite que brilhava no céu richesiano. Face a enfática solicitação do primeiro-ministro, Yueh, rosto magro, longos bigodes caídos e cabelo negro preso por um aro de prata Suk, negou-se a ir a *Giedi Prime*. Arrogância auto-satisfeita, pensou De Vries. Pode ser utilizada contra ele.

— Você, senhor, é um *Mentat*, acostumado a vender seus pensamentos e inteligência ao melhor pagamento. — Yueh juntou os lábios e estudou De Vries como se estivesse realizando uma autópsia... ou desejasse fazê-lo —. Eu, por minha vez, sou um membro do Círculo Interior Suk, formado em Condicionamento Imperial. — Deu uns golpezinhos sobre o diamante tatuado em sua testa enrugada —. Não posso ser comprado, vendido ou alugado. Não têm poder sobre mim. Agora, me permita que volte ao meu trabalho.

Fez uma leve reverência antes de despedir-se para voltar aos laboratórios richesianos.

Nunca puseram este homem na linha, nunca o castigaram, nunca o dobraram. Peter De Vries o considerou um desafio.

Nos edifícios governamentais, as desculpas e fingimento do primeiro-ministro richesiano não significaram nada para De Vries. Entretanto, utilizou a autorização do homem para atravessar os postos de segurança com o fim de retornar ao satélite Korona. Sem outra alternativa, dirigiu-se ao laboratório médico esterilizado do doutor Yueh. Desta vez sozinho devia negociar em nome do barão. Não se atrevia a voltar para Giedi Prime sem um médico Suk.

Entrou furtivamente em uma sala de paredes metálicas cheia de maquinaria, cabos e membros humanos conservados em recipientes, uma mescla da melhor tecnologia richesiana, equipamento cirúrgico Suk e espécimes biológicos de outros animais. O cheiro de lubrificantes, podridão, produtos químicos, carne queimada e circuitos quentes impregnava a atmosfera, face ao esforço dos recicladores de ar da estação por eliminar os poluentes. Várias mesas possuíam pias, tubos de metal e plaz, cabos sinuosos e máquinas distribuidoras. Sobre as zonas de dissecação pendiam holocianotipos brilhantes, que soldavam membros humanos como se fossem máquinas orgânicas.

Quando o olhar do *Mentat* varreu o laboratório, a cabeça de Yueh apareceu de repente do outro lado de uma prateleira, magra e

manchada de graxa, com ossos tão proeminentes que pareciam feitos de metal.

— Não me incomode mais, *Mentat*, — disse isso com brutalidade para evitar iniciar conversa. Nem sequer perguntou como De Vries havia retornado a restrita lua Korona. O diamante tatuado de Condicionamento Imperial brilhava em sua testa, sepultado sob manchas de um lubrificante escuro que tinha espalhado ao passar a mão sem perceber —. Estou muito ocupado.

— Mesmo assim, doutor, preciso falar com você. Meu barão me obriga.

Yueh entreabriu os olhos, como se imaginasse a forma de encaixar algumas das partes *cyborg* no *Mentat*.

— Não me interessa o estado clínico do seu barão. Não é minha especialidade.

Desviou a vista para as prateleiras e mesas repletas de próteses experimentais, como se a resposta fosse evidente. Yueh continuava exibindo uma arrogância enlouquecedora, como se não pudesse ser obrigado ou corrompido por nada.

De Vries se aproximou do homenzinho sem parar de falar. Não havia dúvida de que seria castigados fosse obrigado a matar aquele médico irritante.

— Meu barão era perfeito, esbelto, orgulhoso de seu aspecto físico. Apesar de não introduzir mudanças na dieta nem no exercício, quase dobrou seu peso nos últimos dez anos. Padece uma deterioração gradual das funções musculares e parece inchado.

Yueh enrugou a testa, mas seu olhar voltou para o *Mentat*. De Vries observou a mudança de expressão e baixou a voz, disposto a aproveitar a oportunidade.

— Eles sintomas são familiares, doutor? Já os viu em alguma parte?

Yueh ficou pensativo. Moveu-se de forma que prateleiras cheias de aparelhos de análise se interpuseram entre o *Mentat* e ele. Um longo tubo de cristal continuava borbulhando ao fundo da estadia.

— Nenhum médico Suk faz consultas grátis, *Mentat*. Meus gastos são exorbitantes, e minha investigação vital.

De Vries sorriu quando sua mente potencializada começou a sugerir possibilidades.

— Está tão absorto em suas tarefas, doutor, que não percebeu que seu patrão, a Casa Richese, está à beira da bancarrota? Os honorários do barão Harkonnen poderia lhe garantir recursos durante muitos anos.

O *Mentat* pervertido introduziu a mão no bolso da jaqueta, o que fez Yueh saltar, temendo uma arma silenciosa. Em vez disso, De Vries extraiu um painel liso negro com botões. Apareceu a holoprojeção de um baú de ouro encravado de pedras preciosas no alto e nos lados, que formava desenhos dos grifos azuis Harkonnen.

— Depois de diagnosticar a enfermidade do meu barão, poderia continuar sua pesquisa como achar melhor.

Intrigado, Yueh estendeu a mão, que atravessou a imagem. A tampa da holoimagem se abriu com um chiado sintético e revelou um interior vazio.

— Encheremos esse baú com o que quiser. Melange, pedras *soo*, obsidiana azul, jóias de *opafogo*, quartzo de Hagal... material para chantagem. Todos sabe que um médico Suk pode ser comprado.

— Então, vá comprar um. Ponha um anúncio.

— Preferimos um acordo mais, *hum*, confidencial, tal como prometeu o primeiro-ministro Calimar.

O médico umedeceu os lábios, absorto em seus pensamentos. Todo mundo de Yueh parecia concentrado em uma pequena bolha que o rodeava, como se ninguém mais existisse e nada mais importasse.

— Não posso realizar o tratamento, mas talvez possa diagnosticar a enfermidade.

De Vries encolheu seus ombros ossudos.

— O barão não deseja retê-los mais que o necessário.

Ao contemplar a quantidade de riquezas que o *Mentat* prometia, Yueh pensou que seu trabalho em Korona seria muito mais produtivo com os recursos adequados. Mesmo assim, vacilou.

— Tenho outras responsabilidades. O Colégio Suk me destinou para cá com um propósito específico. As próteses *cyborg* serão produtos muito valiosos para Richese, e para nós, uma vez demonstrada sua viabilidade.

De Vries, com um suspiro de resignação, apertou uma tecla e o tesouro aumentou de maneira considerável.

Yueh acariciou o bigode.

— Talvez seja possível viajar entre o Richese e *Giedi Prime*, sob uma identidade falsa, é claro. Examinaria seu barão e voltaria para prosseguir meu trabalho.

— Uma idéia interessante — disse o *Mentat* —. Aceita nossas condições?

— Concordo em examinar o paciente. E pensarei no que deve conter o cofre do tesouro que me oferecem. — Yueh moveu o dedo em direção a uma prateleira próxima —. Aproxime essa tela. Já que me interrompeu, me ajude a construir um protótipo de núcleo corporal.

Dois dias mais tarde, em *Giedi Prime*, enquanto se adaptava ao ar industrial e à gravidade mais pesada, Yueh examinou o barão no hospital da fortaleza Harkonnen. Todas as portas fechadas, todas as janelas muradas, todos os criados despedidos. Piter De Vries observava, sorridente.

Yueh desprezou os históricos médicos que o barão tinha acumulado ao longo dos anos, os quais documentavam os progressos da sua enfermidade.

— Estúpidos aprendizes. Não me interessam, nem seus resultados. — Abriu seu estojo de diagnóstico e extraiu seu próprio

jogo de exploratórios, complexos mecanismos que só um médico Suk muito preparado podia decifrar —. Tire a roupa, por favor.

— Está brincando?

O barão tentava conservar a dignidade, manter o controle da situação.

— Não.

O barão se distraiu das incômodas sondas e espetadas pensando em formas de matar o presunçoso Suk se ele também não descobrisse a causa da sua enfermidade. Tamborilou com os dedos sobre a mesa de exames.

— Nenhum de meus médicos foi capaz de sugerir um tratamento efetivo. Entre uma mente sã ou um corpo sã, vi-me forçado a escolher.

Ignorando a voz de baixo, Yueh colocou uns óculos de lentes verdes.

— Sugerir que lute por ambas é pedir muito?

Preparou seus instrumentos e contemplou a forma nua e disforme de seu paciente. O barão estava deitado de bruços na mesa de exames. Murmurava sem cessar, queixava-se de dores e desconforto.

Yueh dedicou vários minutos examinando a pele do barão, seus órgãos internos, seus orifícios, até que uma trilha de pistas sutis começaram a se encaixar em sua mente. Por fim, o delicado exploratório Suk detectou um vetor.

— Parece que seu estado foi induzido por via sexual. É capaz de utilizar este pênis? — perguntou Yueh sem sinal de humor.

— Utilizá-lo? — O barão bufou —. Infernos e condenações, ainda é minha melhor parte.

— Irônico. — Yueh utilizou um escalpelo para obter uma amostra do prepúcio, e o barão soltou um grito de surpresa.

— Tenho que fazer uma análise.

O médico nem sequer se dignou a pedir desculpas.

Yueh depositou o fragmento de pele com a ajuda da folha fina sobre uma platina, que introduziu em uma ranhura situada na parte inferior dos óculos. Deu voltas à amostra diante de seus olhos, sob diversas iluminações. O plaz dos óculos mudou do verde ao escarlate, e depois ao lavanda. Em seguida, submeteu a amostra a uma análise química multifase.

— Isso era necessário? — grunhiu o barão.

— É só o começo. — Yueh extraiu mais instrumentos, muitos deles afiados, de sua maleta. Teriam intrigado o barão se pudesse utilizá-los em outra pessoa —. Tenho que realizar muitos exames.

Depois de vestir uma bata, o barão Harkonnen se sentou, com a pele cinzenta e suarenta, dolorido em centenas de pontos que nunca tinham doído. Várias vezes desejara matar o arrogante médico Suk, mas não se atreveu a interferir no prolixo diagnóstico. Os outros médicos tinham sido ineptos e estúpidos. Agora, suportaria o que fosse necessário para melhorar. O barão confiava em que o tratamento fosse menos agressivo, menos doloroso que as primeiras análise de Yueh. Serviu-se uma taça de conhaque kirano e a bebeu de um gole.

— Reduzi o espectro de possibilidades, barão — disse Yueh, umedecendo-os lábios —. Sua doença pertence a uma categoria de enfermidades pouco frequentes, escassamente definidas. Posso tomar outra série de amostras, se desejar que realize uma verificação tripla do diagnóstico.

— Não será necessário. — O barão se levantou e agarrou sua bengala, para o caso de precisar golpear alguém —. O que descobriu?

— O vetor de transmissão é evidente, via coito heterossexual. Uma de suas amantes femininas o infectou.

O momentâneo júbilo do barão por encontrar uma resposta desapareceu na confusão mais absoluta.

— Não tenho amantes femininas. As mulheres me repugnam.

— Entendo. — Yueh tinha ouvido muitos pacientes negar o evidente —. Os sintomas são tão sutis que não é de estranhar que médicos menos competentes os ignorassem. A princípio, nem sequer os ensinados Suk os mencionavam, e eu soube de tão intrigantes enfermidades graças a minha esposa Wanna. Ela é uma Bene Gesserit, e a Irmandade usa em algumas ocasiões estes organismos doentes...

O barão se sentou na borda da mesa. Seu rosto fofo se contorceu de raiva.

— Essas malditas bruxas!

— Ah, agora se lembra — disse Yueh, satisfeito —. Quando teve lugar o contato?

Uma hesitação.

— Faz mais de doze anos.

Yueh acariciou seus longos bigodes.

— Minha Wanna me disse que uma reverenda mãe Bene Gesserit é capaz de alterar sua química interna para guardar enfermidades latentes em seu corpo.

— A cadela! — rugiu o barão —. Ela me infectou.

O médico não parecia interessado na injustiça ou na indignidade.

— Mais que passivamente infectado... esse elemento patogênico só é liberado mediante força de vontade. Não foi um acidente, barão.

O barão viu Mohiam em sua mente, com sua cara de cavalo, o trato depreciativo e carente de todo respeito que lhe dispensara durante o banquete de Fenring. Ela sabia, sabia desde o primeiro momento, tinha visto seu corpo se transformar neste farrapo detestável e corpulento.

E ela tinha era a culpada de tudo.

Yueh fechou os óculos e os guardou em seu estojo de diagnóstico.

— Nosso trato acabou. Agora vou embora. Tenho que terminar numerosas pesquisas em Richese.

— Mas concordou em me tratar.

O barão perdeu o equilíbrio ao tentar ficar em pé e caiu sobre a mesa.

— Concordei em examiná-lo, e ponto, barão. Nenhum Suk pode fazer nada por você. Não existe remédio nem tratamento conhecidos, embora esteja seguro de que, com o tempo, o estudaremos no Colégio Suk.

O barão agarrou sua bengala, por fim de pé. Pensou nos dardos venenosos ocultos na ponta. Mas também compreendeu as conseqüências políticas de matar um médico Suk. A Escola Suk tinha poderosos contatos no Império. O prazer possivelmente não valia a pena. Além disso, já tinha matado muitos médicos... e finalmente tinha uma resposta. E um alvo legítimo para sua vingança: sabia quem era o culpado por sua doença.

— Temo que deve procurar a Bene Gesserit, barão.

Sem dizer mais nada, o doutor Wellington Yueh abandonou a fortaleza Harkonnen e partiu de Giedi Prime no primeiro Cruzeiro, aliviado por não ter que relacionar-se nunca mais com o barão.

# 18

*Algumas mentiras são mais fáceis de acreditar que a verdade.*

*Bíblia Católica Laranja*

Mesmo rodeado de outros aldeãos, Gurney Halleck se sentia muito sozinho. Contemplou a cerveja aguada. Era fina e amarga, embora se bebesse o suficiente, aturdiria a dor do seu corpo e coração. Mas no final só restava uma ressaca prolongada e nenhuma esperança de encontrar sua irmã. Nos cinco meses transcorridos desde que o capitão Kryubi e a patrulha Harkonnen a tinham levado, as costelas quebradas, os hematomas e os cortes de Gurney tinham se curado. Ossos de borracha, dizia-se, uma brincadeira amarga.

No dia seguinte ao seqüestro de Bheth, tinha voltado para os campos, cavado sarjetas lenta e penosamente, plantado os desprezíveis tubérculos *krall*. Outros aldeãos, que o olhavam de esquelha, tinham continuado trabalhando como se nada tivesse acontecido. Sabiam que se a produtividade caísse, os Harkonnen os castigariam ainda mais. Gurney percebeu que também levaram outras moças, mas os pais das vítimas não falavam disso fora do seio da família.

Gurney cantava muito poucas vezes no bar. Embora levasse consigo o velho *baliset*, as cordas permaneciam em silêncio, e a música se negava a brotar de seus lábios. Bebia sua cerveja amarga e se sentava com expressão áspera, enquanto escutava as conversas cansadas dos seus companheiros. Os homens repetiam queixas sobre o trabalho, o tempo, suas esposas indiferentes. Gurney se fazia de surdo.

Embora lhe fizesse mal imaginar o que Bheth estaria sofrendo, confiava que continuasse com vida... Devia estar presa em alguma casa de prazeres dos Harkonnen, treinada para realizar atos inomináveis. E se resistisse ou não se mostrasse à altura das expectativas, eles a matariam. Tal como o ataque da patrulha tinha demonstrado, os Harkonnen sempre podiam encontrar outras candidatas para seus bordéis pestilentos.

Em casa, seus pais tinham apagado à filha de sua memória. Sem os cuidados do Gurney, teriam deixado morrer o jardim do Bheth. Seus pais tinham celebrado um funeral fictício e recitado versículos da manuseada Bíblia Católica Laranja. Durante um tempo, a mãe de Gurney manteve uma vela acesa, cuja chama oscilante contemplava enquanto seus lábios se moviam em uma prece silenciosa. Cortaram lírios e margaridas (as flores favoritas de Bheth) e formaram um ramo para honrar sua memória.

Depois, tudo acabou e continuaram suas vidas miseráveis sem falar dela, como se jamais tivesse existido.

Mas Gurney não esqueceu.

— Para você tanto faz, não é? — gritou uma noite no rosto enrugado do seu pai —. Como pode permitir que façam isto a Bheth?

— Eu não permiti nada. — Parecia que o velho olhava através do seu filho, como se fosse feito de cristal sujo —. Não podemos fazer nada, e se insistir em enfrentar os Harkonnen, pagará com sangue.

Gurney saiu como uma tromba em direção ao bar, mas os aldeões não lhe ofereceram nenhuma ajuda. Noite após noite, zangava-se com eles. Os meses passaram como uma exalação.

Gurney se ergueu de repente em seu assento, derramando a cerveja, e percebeu o que lhe estava acontecendo. Via seu rosto embotado a cada manhã, com uma consciência gradual de que tinha deixado de ser ele. Gurney Halleck, bondoso, amante da música e a algazarra, tinha tentado insuflar nova vida n esta gente,

mas em vez disso se transformara em um deles. Embora tivesse pouco mais de vinte anos, já começava a se parecer com seu envelhecido pai.

O murmúrio das conversas sem humor continuava, e Gurney olhava para as lisas paredes pré-fabricadas, os cristais arranhados das janelas. Esta monótona rotina não tinha mudado em gerações. Sua mão se fechou ao redor da jarra, e revisou seus talentos e capacidades. Não podia lutar contra os Harkonnen com força bruta ou armas, mas Ihe tinha ocorrido outra idéia. Podia devolver os golpes ao barão e a seus seguidores de uma forma mais insidiosa.

Sorriu, cheio de renovada energia.

— Tenho uma canção para vocês, companheiros, como jamais ouviram.

Os homens sorriram, inquietos. Gurney agarrou o *baliset*, dedilhou suas cordas com brutalidade, e entoou em voz alta e forte:

*Trabalhamos nos campos, trabalhamos nas cidades,  
e este é nosso dever na vida.*

*Pois os rios são largos e os vales estreitos,  
e o barão é... gordo.*

*Vivemos sem alegria, morremos sem pena,  
e este é nosso dever na vida.*

*Pois as montanhas são altas e os oceanos profundos,  
e o barão é... gordo.*

*Raptam a nossas irmãs, subjugam a nossos filhos,  
nossos pais esquecem e nossos vizinhos fingem...*

*e este é nosso dever na vida!*

*Pois nosso trabalho é penoso e breve nosso repouso,*

*enquanto o barão engorda a nossos gastos.*

Enquanto os versos se sucediam, os olhos dos ouvintes se arregalavam, horrorizados.

— Basta, Halleck! — disse um homem, ao mesmo tempo em que ficava em pé.

— Por que, Perd? — respondeu Gurney com um sorriso zombeteiro —. Gosta tanto do barão? Ouvi dizer que ele gosta de levar para seus aposentos meninos robustos como você.

Gurney entoou outra canção insultante, e outra, até que por fim se sentiu liberado. Estas melodias lhe proporcionavam uma liberdade que nunca tinha imaginado. Os espectadores estavam perturbados e inquietos. Muitos se foram enquanto continuava cantando, mas Gurney não se arredou. Ficou até muito depois da meia-noite.

Quando por fim voltou para casa, Gurney Halleck o fez caminhando orgulhoso. Havia devolvido o golpe a seus torturadores, embora eles nunca soubessem.

Não ia dormir muito naquela noite, e o trabalho começaria na primeira hora da manhã, mas isso pouco lhe importava. Sentia-se como novo. Gurney retornou para a casa onde seus pais dormiam há muito tempo. Deixou o *baliset* em seu roupeiro, estendeu-se em sua cama e dormiu com um sorriso nos lábios.

Menos de duas semanas depois, uma silenciosa patrulha Harkonnen entrou no povoado de Dmitri. Faltavam três horas para o amanhecer.

Guardas armados derrubaram a porta da moradia pré-fabricada, embora os Halleck nunca a fechassem com chave. Os homens uniformizados acenderam globos luminosos quando entraram, afastaram os móveis, destroçaram os pratos de louça. Arrancaram todas as flores que Bheth tinha plantado em velhos

vasos em frente a porta principal. Rasgaram as cortinas que cobriam as pequenas janelas.

A mãe de Gurney gritou e se encolheu contra a cabeceira. Seu pai se levantou de um salto, foi à porta da habitação e viu os soldados. Em vez de defender sua casa, retrocedeu e trancou a porta, como se isso pudesse protegê-lo.

Mas os guardas só estavam interessados em Gurney. Tiraram o jovem da cama, graças aos murros que deu ao ar. Os homens acharam sua resistência divertida, e o derrubaram sobre o chão. Gurney quebrou um dente e arranhou o queixo. Tentou ficar em pé, mas dois Harkonnen o chutaram nas costelas.

Depois de revistar um pequeno armário, um soldado loiro saiu com o *baliset* remendado. Lançou-o ao chão, e Kryubi fez que o rosto de Gurney estivesse virado para o instrumento. Enquanto os Harkonnen apertavam a bochecha de sua vítima contra os tijolos do piso, o capitão chutou o *baliset* com sua bota até quebrá-lo. As cordas emitiram um gemido discordante.

Gurney gemeu, e sentiu uma dor muito mais aguda que a produzida pelos golpes. Todo o trabalho que tivera para restaurar o instrumento, todo o prazer que lhe tinha proporcionado...

— Bastardos! — espetou, o que lhe rendeu outra surra.

Esforçou-se para ver seus rostos e reconheceu a um de rosto quadrado e cabelo castanho que tinha trabalhado nas sarjetas, um rapaz que conhecia de um povoado próximo, resplandecente em seu novo uniforme com a insígnia de patente inferior de um *Immenbrech*. Viu outro guarda de nariz bulboso e lábio leporino, e recordou que tinha sido "recrutado" em Dmitri cinco anos antes. Mas seus rostos não expressaram a menor compaixão nem deram amostras de o reconhecer. Agora eram homens do barão, e nunca fariam nada que pudesse fazê-los voltar para suas vidas anteriores.

Ao compreender que Gurney os reconheceria, os guardas o arrastaram para fora e lhe golpearam com redobrado entusiasmo.

Durante o ataque, Kryubi se mostrou triste e meditabundo. Passou um dedo por seu fino bigode. O capitão da guarda observou sombrio como seus homens golpeavam e chutavam Gurney, extraíam energias do desprezo por sua vítima que gritava com a frequência que eles desejavam. Por fim, se afastaram e recuperaram o fôlego.

E tiraram os porretes...

No final, quando Gurney já não podia se mover porque tinha os ossos quebrados, os músculos moídos e a pele coberta de sangue coagulado, os Harkonnen se retiraram. Sob o áspero brilho dos globos luminosos, deixaram-no coberto de sangue e gemendo.

Kryubi ergueu uma mão e indicou a seus homens que voltassem para o veículo. Levaram todos os globos exceto um, que projetava uma luz vacilante sobre o homem estendido.

Kryubi observou-o com aparente preocupação e se ajoelhou a seu lado. Murmurou palavras dirigidas apenas a Gurney. Devido a névoa de dor que envolvia seu crânio, Gurney as considerou estranhas. Tinha esperado que o capitão gritasse seu triunfo, para que todos os aldeãos o ouvissem. Em vez disso, Kryubi parecia mais decepcionado que orgulhoso.

— Qualquer outro homem teria cedido a muito tempo. A maioria dos homens teriam sido mais inteligentes. Você procurou por isso, Gurney Halleck.

O capitão meneou a cabeça.

— Por que me obrigou a fazer isto? Por que insististe fazer que a ira se desatasse sobre você? Desta vez eu salvei sua vida. Por um fio. Mas se voltar a desafiar os Harkonnen, possivelmente tenhamos que te matar. — deu de ombros —. Ou talvez mataremos sua família e o mutilaremos. Um de meus homens é habilidoso em tirar olhos com os dedos.

Gurney tentou falar várias vezes com seus lábios partidos e ensangüentados.

— Bastardos — conseguiu resmungar por fim —. Onde está minha irmã?

— Sua irmã já não é assunto seu. Foi-se. Fique aqui e esqueça-a. Trabalhe. Todos temos um trabalho a fazer para o barão, e se causa problemas no teu — as aletas do nariz de Kryubi se dilataram —, eu terei que fazer o meu. Se voltar a falar contra o barão, se o insultar, se o ridicularizar para incitar o descontentamento, terei que agir. Você é inteligente o bastante para saber disso.

Gurney meneou a cabeça com um grunhido de fúria. Só sua cólera o sustentava. Jurou que se vingaria de cada gota de sangue derramado. Descobriria o que tinha acontecido a sua irmã com seu último fôlego, e se por algum milagre Bheth continuasse com vida, ele a resgataria.

Kryubi se voltou para o transporte de tropas, onde os guardas já estavam sentados.

— Não me obrigue a voltar. — Olhou para Gurney por cima do ombro e acrescentou umas palavras muito estranhas —: Por favor.

Gurney permaneceu imóvel, enquanto se perguntava quanto tempo seus pais demorariam para sair e verificar se continuava com vida. Viu com seus olhos doloridos e semicerrados que o transporte se erguia no ar e abandonava o povoado. Imaginou se outras luzes acenderiam, se algum aldeão sairia para ajudá-lo, agora que os Harkonnen haviam partido.

Mas as casas de Dmitri continuaram às escuras. Todo mundo fingia não ter visto ou ouvido nada.

# 19

*Os limites mais estritos são auto-impostos.*

*FRIEDRE GINAZ*

*Filosofia do professor espadachim*

Quando Duncan Idaho chegou a Ginaz, acreditava que não necessitava de nada mais que a apreciada espada do velho duque para transformar-se em um grande guerreiro. Com a cabeça cheia de românticas esperanças, imaginava a vida de aventuras que o aguardava, as maravilhosas técnicas de luta que aprenderia. Tinha apenas vinte anos, e desejava um futuro dourado.

A realidade foi muito diferente.

A Escola de Ginaz era um arquipélago de ilhas habitadas, espalhadas como miolos de pão em águas de cor turquesa. Em cada ilha, mestres diferentes ensinavam aos estudantes suas técnicas particulares, que abrangiam da luta com escudos, as táticas militares e as habilidades no combate até a política e filosofia. Durante seus oito anos de aprendizagem, Duncan passaria de um ambiente a outro e aprenderia com os melhores guerreiros do Império.

Se sobrevivesse.

A ilha principal fazia as vezes de espaçoporto e centro administrativo, rodeado de recifes que bloqueavam o caminho das ondas bravias. Altos edifícios colados uns aos outros recordaram a Duncan os espinhos de um rato espinhos, como o animal doméstico que tivera na fortaleza prisão dos Harkonnen.

Os mestre espadachins de Ginaz, reverenciados por todo o Império, tinham destinado muitos de seus edifícios principais a museus e memoriais, o que refletia o orgulho que sentiam de suas habilidades, um orgulho que raiava a presunção. Neutros em política, entregavam-se a sua arte e permitiam que seus praticantes tomassem suas próprias decisões no que se referia ao Império. Como contribuição à mitologia, muitos líderes de Grandes Casas do *Landsraad* se graduaram na academia. Os mestres histriões tinham o dever de compor canções e comentários sobre as grandes façanhas dos lendários heróis de Ginaz.

O arranha-céu central, onde Duncan passaria seus últimos anos de prova, albergava a tumba de Jool-Noret, fundador da Escola de Ginaz. O sarcófago de Noret estava à vista, rodeado de plaz blindado transparente e um escudo de força Holtzman, embora só os “dignos” pudessem vê-lo.

Duncan jurou que se tornaria digno...

Uma mulher esbelta e calva, vestida com um *gi* negro de artes marciais, recebeu-o no espaçoporto. apresentou-se sem mais preâmbulos como Karsty Toper.

— Fui designada para me encarregar de suas posses.

Estendeu a mão em direção para a mochila e para o longo vulto que continha a espada do velho duque.

Duncan segurou a arma com ar protetor.

— Se me der sua garantia pessoal de que estes objetos não sofrerão o menor dano.

A mulher franziu o cenho e apareceram rugas em sua cabeça calva.

— Valorizamos a honra mais que qualquer outra Casa do *Landsraad*.

Continuou com a mão estendida.

— Não mais que a Casa Atreides — replicou Duncan, que se negava a entregar a espada.

Karsty Toper franziu o sobreceño uma vez mais.

— Não mais, possivelmente. Mas somos comparáveis.

Duncan lhe entregou sua bagagem, e a mulher indicou um tóptero lançadeira de longa distância.

— Está vendo ali. Eles o conduzirão até sua ilha. Faça o que lhe disserem sem reclamar, e aprenda de tudo. — ficou com a mochila e a espada sob os braços —. Nós guardaremos isto até que chegue o momento de usá-lo.

Sem permitir que visse a cidade de Ginaz ou a torre administrativa da escola, Duncan foi transportados para uma ilha de vegetação exuberante que se erguia sobre o nível da água. As selvas eram espessas e as cabanas escassas. Os três tripulantes uniformizados o abandonaram na praia e partiram sem responder a nenhuma de suas perguntas. Duncan ficou sozinho e ouviu o rugido do oceano contra a borda da ilha, o que lhe recordou Caladan.

Devia acreditar que era uma espécie de prova.

Um homem muito bronzeado de cabelo branco encaracolado e membros magros e robustos saiu a para recebê-lo, afastando folhas de palmeira. Usava uma blusa negra sem mangas rodeada à cintura. Sua expressão foi impenetrável quando entreabriu os olhos para proteger-se da luz que se refletia na praia.

— Meu nome é Duncan Idaho. O senhor é meu primeiro instrutor?

— Instrutor? — O homem enrugou a testa —. Sim, rato, e meu nome é Como Reed, mas os prisioneiros não utilizam nomes aqui, porque todo mundo conhece seu lugar. Trabalhe e não cause dificuldades. Se os outros não forem capazes de colocá-lo na linha, eu o farei.

Prisioneiros?

— Sinto muito, mestre Reed, mas vim para me transformar em mestre espadachim e...

Reed riu.

— Mestre espadachim? Só faltava essa.

Sem lhe dar uma pausa, o homem atribuiu a Duncan uma equipe de trabalho, com nativos de pele escura. Duncan se comunicava com sinais, pois nenhum nativo falava o *galach* imperial.

Durante vários dias quentes e suarentos, os homens cavaram canais e poços para melhorar o abastecimento de água de um povoado do interior. O ar estava tão impregnado de umidade e mosquitos que Duncan mal podia respirar. Quando a noite caiu, a selva se encheu de mariposas negras que se juntaram aos mosquitos, e a pele de Duncan se cobriu de picadas inchadas. Teve que beber grandes quantidades de água para compensar o suor.

Enquanto Duncan trabalhava duro para mover pesadas pedras com as mãos, o sol queimava os músculos de suas costas nuas. O capataz Reed vigiava da sombra de uma cabana, com os braços cruzados e um chicote cravejado em uma mão. Em nenhum momento falou da aprendizagem de mestre espadachim. Duncan não protestou, não exigiu respostas. Tinha imaginado que Ginaz seria... imprevisível.

Tem que ser uma espécie de prova. Antes de fazer nove anos tinha sofrido torturas cruéis nas mãos dos Harkonnen. Tinha visto Glossu Rabban assassinar seus pais. Quando ainda era um menino, tinha matado vários caçadores na Reserva Florestal, e por fim tinha escapado para Caladan, presenciando a morte de seu mentor, o duque Paulus Atreides, na arena. Agora, depois de uma década de serviços para a Casa Atreides, preferia considerar o esforço de cada dia como um exercício de treinamento, que o endurecia para batalhas posteriores. Se tornaria um mestre espadachim de Ginaz...

Um mês depois, outro tóptero depositou na ilha um jovem ruivo. O recém-chegado parecia desconcertado na praia, aborrecido e confuso, assim como Duncan quando tinha chegado. antes que alguém pudesse falar com o ruivo, o capataz Reed enviou as equipes para cortar a espessa maleza com facões sem corte. Dava a impressão de que a selva crescia assim que a destruía. Talvez

esse fosse o objetivo de enviar sentenciados a até aquela zona, um trabalho tão perpétuo como absurdo, como o mito do Sísifo que aprendera durante seus estudos com os Atreides.

Duncan não voltou a ver o ruivo até duas noites depois, quando tentou dormir em sua primitiva cabana, construída com folhas de palmeira. O recém-chegado jazia em um refúgio no outro lado do acampamento, queixando-se de horríveis queimaduras produzidas pelo sol. Duncan saiu para ajudá-lo à luz das estrelas. Aplicou um unguento cremoso sobre suas piores queimaduras, como tinha visto os nativos fazerem.

O ruivo vaiou de dor e reprimiu um grito. Falou por fim em *galach*, o que surpreendeu Duncan.

— Obrigado, seja você quem for. — Estendeu-se e fechou os olhos —. Forma desgraçada de frequentar uma escola, não acha? O que estou fazendo aqui?

O jovem, Hiih Resser, vinha de uma das Casa Menores de Grumman. Seguindo a tradição familiar, cada geração selecionava um candidato para que fosse treinado em Ginaz, mas ele tinha sido o único membro de sua geração disponível.

— Consideraram-me uma má opção, uma brincadeira cruel me enviar para cá, e meu pai está convencido de que fracassarei. — Resser deu um salto quando se levantou —. Todos costumam me subestimar.

Nenhum dos dois sabia explicar sua situação, encerrados em uma ilha-prisão.

— Ao menos isso nos curtará — disse Duncan.

No dia seguinte, quando Como Reed os viu conversando, coçou seu cabelo encaracolado, franziu o sobrecenho e os atribuiu a diferentes equipes de trabalho, em lados opostos da ilha.

Duncan não voltou a ver Resser durante um tempo.

À medida que os meses se passavam sem a menor informação, sem exercícios estruturados, Duncan começou a enfurecer-se, pois

lamentava perder tempo que poderia ter dedicado à Casa Atreides. A este ritmo, como ia transformar-se em um mestre espadachim?

Um dia, estendido em sua cabana, em vez da chamada habitual do capataz Reed, Duncan ouviu o rítmico bater das asas de um tóptero, e o coração lhe deu um salto. Correu para fora e viu um veículo aterrissar na praia. O vento das asas articuladas agitava as folhas como ventiladores.

Uma mulher esbelta e calva, coberta com um *gi* negro, desceu e falou com Como Reed. O robusto capataz sorriu e lhe estreitou a mão com força. Duncan não percebeu que os dentes de Reed eram muito brancos. Karsty Toper se afastou e deixou que seus olhos vagassem pelos prisioneiros que tinham saído de suas cabanas, picados pela curiosidade.

O capataz Reed se virou para os condenados.

— Duncan Idaho! Venha maqui, rato.

Duncan correu pela praia rochosa para o tóptero. Quando se aproximou da máquina voadora, viu que o ruivo Hih Resser já estava sentado na cabine. O jovem apertou sua cara sorridente e sardenta contra a janela de plaz curva.

A mulher lhe dedicou uma inclinação de sua cabeça calva, e depois lhe examinou de cima abaixo como um exploratório. Virou-se para Reed e falou em *galach*.

— Êxito, professor Reed?

O capataz deu de ombros, e seus olhos úmidos adotaram uma repentina expressividade.

— Os outros prisioneiros não tentaram matá-lo. Não se colocou em confusões. Nós queimamos toda sua gordura e fraqueza.

— Isso faz parte do meu treinamento? — perguntou Duncan —. Uma equipe de trabalho para me curtir?

A mulher calva cruzou os braços.

— Você estava em uma equipe de prisioneiros, Idaho. Estes homens são ladrões e assassinos, condenados a permanecer aqui

para sempre.

— E me enviaram para cá? Com eles?

Como Reed se aproximou e lhe deu um surpreendente abraço.

— Sim, rato, e você sobreviveu. Assim como Hiih Resser. — Disse ao Duncan com uma palmada fraternal nas costas —. Estou orgulhoso de você.

Duncan, confuso e envergonhado, bufou de incredulidade.

— Sobrevivi a prisões piores quando tinha oito anos.

— E enfrentará piores a partir de agora. Isto foi uma prova de caráter, obediência e paciência — explicou Karsty Toper —. Um mestre espadachim tem que ter paciência para estudar seu inimigo, para criar um plano, para emboscar o inimigo.

— Mas um verdadeiro mestre espadachim costuma possuir mais informação sobre sua situação — disse Duncan.

— Agora já vimos do que é capaz, rato. — Reed se secou uma lágrima da bochecha —. Não me decepcione. Espero vê-lo último dia do seu treinamento.

— Faltam oito anos — disse Duncan.

Toper o guiou ao tóptero. Duncan sentiu uma grande alegria quando viu que a mulher havia trazido a espada do velho duque. A mulher calva teve que erguer a voz para fazer-se ouvir sobre o potente zumbido dos motores do aparelho quando acelerou.

— Agora chegou o momento de iniciar seu verdadeiro treinamento.

## 20

*Um conhecimento especial pode supor uma terrível desvantagem se o levar por um caminho que já não pode explicar.*

*Admoestação mentat*

Em um gabinete de meditação situado no porão mais tenebroso da fortaleza Harkonnen, Piter De Vries não podia ouvir o chiado das serras amputadoras nem os gritos das vítimas torturadas que penetravam por uma porta aberta no final do corredor. Sua concentração *Mentat* estava focada em assuntos muito mais importantes.

Numerosas drogas potencializavam seus processos mentais.

Sentado com os olhos fechados, meditou sobre o mecanismo do Império, a forma como as engrenagens da maquinaria se encaixavam. As Casas Grandes e Menores do *Landsraad*, a Corporação Espacial, a Bene Gesserit e o conglomerado comercial conhecido como CHOAM eram as engrenagens principais. E todos dependiam de uma só coisa.

Melange, a especiaria.

A Casa Harkonnen extraía enormes benefícios de seu monopólio sobre a especiaria. Anos atrás, quando tinham descoberto a existência do Projeto Amal, o barão necessitara de pouca persuasão para perceber que a ruína econômica cairia sobre ele se algum dia um substituto barato da melange fosse desenvolvido, que isso transformaria Arrakis em um planeta totalmente sem valor.

O imperador (ou muito provavelmente Fenring) tinha ocultado bem o projeto. Sepultando seu alto custo nos meandros do

orçamento imperial: impostos mais elevados aqui, muitas inventadas ali, pagamentos de dívidas centenárias, venda de propriedades valiosas. Conseqüências, planos, preparativos, movimentos sub-reptícios que podiam ficar invisíveis. Só um *Mentat* podia segui-los, e as pistas conduziam a um projeto a longo prazo que provocaria a ruína econômica da Casa Harkonnen.

Mesmo assim, o barão não se resignava. Tinha tentado até mesmo desencadear uma guerra entre os Bene Tleilax e a Casa Atreides afim de destruir o Projeto Amal... mas o plano fracassara, graças ao maldito duque Leto.

Depois, infiltrar espiões no planeta antes conhecido como IX tinha constituído uma tarefa muito difícil, e suas projeções *Mentat* não lhe davam motivos para acreditar que os tleilaxu tivessem interrompido seus experimentos. De fato, já que o imperador enviara mais duas legiões *Sardaukar* para "manter a paz" em IX, cabia pensar que a investigação estava chegando ao seu fim. Ou a paciência de Shaddam.

Em seu transe, De Vries não movia um músculo, além dos olhos. Uma bandeja de drogas potenciadoras da mente pendia ao redor do seu pescoço, uma placa circular que girava muito lentamente, como um centro de mesa. Uma mosca amarela pousou sobre seu nariz, mas ele não a sentiu. O inseto desceu até seu lábio inferior e beijou o suco de safo derramado.

De Vries estudou o desdobramento de drogas e parou a placa com um piscar. A bandeja se inclinou e verteu um frasco de xarope de *tikopia* em sua boca... e junto com ele à mosca indefesa, seguida por uma cápsula de concentrado de melange. O *Mentat* mordeu e engoliu a cápsula, saboreou uma explosão de essência de canela adocicada. Logo, tomou uma segunda cápsula, mais melange do que jamais ingerira. Mas necessitava da clarividência.

Em uma cela longínqua, um torturado gritou e balbuciou uma confissão. Mas De Vries não reparou em nada. Imune às distrações, mergulhou ainda mais nas profundezas de sua mente. Notou que sua consciência se dilatava, o tempo se desdobrou como as pétalas

de uma flor. Fluiu por um contínuo, e cada parte foi acessível a seu cérebro. Viu o lugar exato que ocupava nele.

Um de vários futuros possíveis apareceu em sua mente, uma extraordinária projeção *Mentat* apoiada em uma avalanche de informação e intuição, potencializada pelo enorme consumo de melange. A visão era uma série de dolorosas imagens de videolivro, estacas visuais cravadas em seus olhos. Viu o pesquisador chefe tleilaxu sustentar com orgulho um frasco de especiaria sintética, e rir enquanto a ingeria. Êxito!

Imagens imprecisas. Viu os Harkonnen partir de Arrakis, abandonando toda a produção de melange. Tropas de guardas *Sardaukar* armados acompanhavam figuras imprecisas até um transporte imperial. Viu a bandeira com o grifo azul dos Harkonnen arriada da fortaleza de Carthag e a residência de Arrakeen.

Substituída pelo emblema verde e negro da Casa Atreides!

Um som afogado surgiu de sua garganta, e sua mente *Mentat* se deslocou entre as imagens, obrigou-as a adotar um padrão para tentar traduzi-las.

Os Harkonnen perderão seu monopólio de especiaria. Mas não necessariamente por culpa do amal que os tleilaxu estão desenvolvendo em convivência com o imperador.

Como, então?

Enquanto a presa multitentacular das drogas se intensificava e o asfixiava, sua mente percorria uma avenida de *sinapsis* atrás de outra. Cada vez, só encontrava becos sem saída. Deu voltas e o tentou de novo, mas chegou à mesma conclusão.

Como acontecerá?

O consumo maciço de drogas mescladas não era um método aprovado para estimular os poderes mentais, mas ele não era um *Mentat* normal, uma pessoa abençoada com o dom, aceita na escola e treinada nos métodos ocultos da classificação de dados e a análise. Piter De Vries era um *Mentat* "pervertido", cultivado em um tanque de *axlotl* tleilaxu a partir das células de um *Mentat* falecido

e preparado por desertores da Escola *Mentat*. Depois de submetê-los a sua preparação pervertida, os *tleilaxu* perdiam o controle sobre seus *Mentats*, embora De Vries estava seguro de que já tinham outro *ghola* acabado, geneticamente idêntico a ele, à espera se por acaso o barão Harkonnen perdesse a paciência com ele pela última vez.

A “perversão” *tleilaxu* produzia um enriquecimento impossível de obter por outros métodos. Proporcionava a De Vries capacidades maiores, inalcançáveis para os *Mentats* normais. Mas também o transformavam em um ser imprevisível e perigoso, incontrolável.

Durante décadas, os Bene *Tleilax* tinham experimentado combinações de drogas em seus *Mentats*. Em seus anos de formação, De Vries tinha sido um de suas cobaias. Os efeitos tinham sido imprevisíveis e pouco concludentes, e tinham resultado em alterações (melhoras, confiava ele) de seu cérebro.

Desde que o tinham vendido à Casa Harkonnen, De Vries realizara suas próprias provas, depurado seu corpo para acomodá-lo ao estado que ele desejava. Graças à correta mescla de produtos químicos, tinha alcançado um alto grau de lucidez mental, afim de processar os dados com maior rapidez.

Por que a Casa Harkonnen perderá o monopólio da especiaria? E quando?

Parecia prudente sugerir ao barão que redobrasse suas operações, que vigiasse os depósitos secretos de melange ocultos em Lankiveil e outros lugares. Temos que nos proteger do desastre.

Suas pálpebras pesadas se agitaram e elevaram. Brilhantes partículas de luz dançavam ante seus olhos. Focou sua visão com dificuldade. Ouviu gritos. Dois homens uniformizados que empurravam uma maca, sobre a qual descansava um vulto que antes tinha sido um ser humano, passaram em frente a porta entreaberta.

Por que a Casa Harkonnen perderá o monopólio da especiaria? Compreendeu com tristeza que o efeito das drogas estava se

dissipando, em seu esforço por decifrar o significado da visão. Por que? Precisava aprofundar ainda mais. Devo descobrir a resposta!

Tirou a bandeja de drogas do pescoço, derramou suco e cápsulas sobre o chão. Caiu de joelhos, recolheu várias pílulas e as engoliu. Lambeu como um animal o suco de safo derramado, antes de deitar-se no chão frio. Por que?

Quando uma agradável sensação se apoderou dele, cravou a vista no teto. As funções involuntárias de seu corpo diminuíram e adquiriu o aspecto de um morto. Mas sua mente corria a toda velocidade, sua atividade eletroquímica aumentou, os neurônios classificaram sinais, processaram, procuraram... Os impulsos elétricos saltaram abismos sinápticos, cada vez mais velozes.

Por que? Por que?

Seus caminhos cognitivos saíram disparados em todas as direções, cruzaram-se, chisparam. Íons de potássio e sódio colidiram com outros radicais nas células em seu cérebro. Os mecanismos internos falharam, pois não eram capazes de controlar o fluxo de dados. Estava a ponto de sofrer um caos mental e entrar em coma.

Mas sua maravilhosa mente *Mentat* entrou em modo de sobrevivência, enclausurou funções, limitou os danos...

Piter De Vries despertou sobre uma poça de resíduos de drogas. Seu nariz, boca e garganta ardiam.

Ao lado do *Mentat*, o barão passeava de um lado a outro, ao mesmo tempo que o repreendia como a um menino.

— Olhe o que fez, Piter. Toda essa melange desperdiçada, e quase tenho que comprar um novo *Mentat* dos tleilaxu. Não volte a fazer isso!

De Vries se esforçou por levantar-se, tentou contar ao barão sobre a visão, sobre a destruição da Casa Harkonnen.

— Eu... vi...

Mas não pôde articular mais palavras. Demoraria muito tempo para conseguir ordenar frases com coerência.

Pior ainda, apesar daquela desesperada *overdose* não tinha uma resposta para o barão.

# 21

*Muito conhecimento nunca trás soluções simples.*

*Príncipe herdeiro Raphael Corrino*

*Discursos sobre a liderança*

Dentro do círculo ártico de Lankiveil, coberto de gelo, os navios baleeiros comerciais pareciam cidades sobre a água, enormes redes processadoras que sulcavam as águas cinza aço durante meses antes de retornar aos moles do espaçoporto para depositar sua carga.

Abulurd Harkonnen, o meio-irmão mais novo do barão, preferia navios menores com tripulações nativas. Para elas, a caça à baleia era um desafio e uma arte, não uma indústria.

Um vento penetrante agitava seu cabelo loiro ao redor de suas orelhas e ombros, enquanto esquadrihava a distância. O céu era uma sopa de nuvens sujas, mas já se acostumara ao clima. Apesar dos elegantes e caros palácios Harkonnen de outros planetas, Abulurd tinha escolhido este planeta frio e montanhoso como lar.

Estava no mar há uma semana e tentava ajudar à tripulação, apesar de sua aparência ser muito diferente da dos nativos de Lankiveil. Suas mãos estavam doloridas e cobertas de bolhas que logo se transformariam em calos. Os baleeiros budislâmicos pareciam assombrados de seu governador planetário querer trabalhar, mas conheciam suas excentricidades. Abulurd nunca tinha sido propenso à pompa e a cerimônia, ao abuso do poder, à ostentação de riqueza.

Nos mares do norte, as baleias peludas Bjondax nadavam em manadas como bisões aquáticos. As bestas de pelagem dourada

eram comuns; as de manchas de leopardo muito mais raras. Vigias postados em plataformas de observação, exploravam o mar semeado de gelo com binóculos, em busca de baleias solitárias. Baleeiros livres do serviço se alternavam em rezar. Estes caçadores nativos selecionavam suas presas, e só escolhiam às de melhor pelagem, pois eram as mais apreciadas.

Abulurd cheirou o ar salgado e o aroma penetrante do temporal de neve e chuva iminente. Esperava que começasse a ação, uma caçada veloz, quando o capitão e seu imediato vociferariam ordens e tratariam Abulurd como mais um tripulante. Por enquanto, não tinha nada mais a fazer além de esperar e pensar em sua casa...

De noite, quando o navio balançava e oscilava, acompanhado pelo estrondo das partes de gelo que golpeavam o casco reforçado, Abulurd cantava ou jogava uma partida de algum jogo de azar. Recitava os sutras com a tripulação religiosa.

As estufas dos camarotes não se comparavam com as lareiras crepitantes de sua casa imponente em Tula Fjord ou sua romântica dacha particular na entrada do fiorde. Embora gostasse da caça à baleia, Abulurd já sentia falta da seu silenciosa e forte esposa. Emmi Rabban-Harkonnen e ele estavam casados a décadas, e apenas alguns dias de separação bastavam para que seus reencontros fossem mais doces ainda.

Emmi tinha sangue nobre, mas de uma Casa Menor em decadência. Quatro gerações atrás, antes da aliança com a Casa Harkonnen, Lankiveil tinha sido o feudo de uma família insignificante, a Casa Rabban, que se entregara a atividades religiosas. Construíram mosteiros e seminários para retiros espirituais nas montanhas escarpadas, em vez de explorar os recursos do seu planeta.

Muito tempo antes, depois da morte de seu pai, Dmitri, Abulurd e sua esposa tinham passado sete desagradáveis anos em Arrakis. Seu meio-irmão Vladimir tinha consolidado todo o poder da Casa Harkonnen com seu punho de ferro, mas o testamento do seu pai tinha cedido o controle das operações de especiaria a Abulurd, o

filho bondoso e amante dos livros. Abulurd compreendia a importância de sua posição, a riqueza que a melange proporcionava a sua família, embora nunca tivesse dominado os matizes e complexidades políticas do planeta deserto.

Abulurd se vira obrigado a partir de Arrakis em suposta desgraça. Em qualquer caso, dissessem o que dissessem, preferia viver em Lankiveil com poucas responsabilidades, entre gente que compreendia. Sentia pena da gente que padecia sob o jugo do barão no planeta deserto, mas Abulurd jurou fazer tudo quanto pudesse em seu novo lar, embora ainda não se incomodasse em reclamar o título de governador do subdistrito que lhe correspondia por direito. A tediosa política era um desperdício de esforços humanos.

Emmi e ele só tinham um filho, Glossu Rabban, de trinta e quatro anos, o qual, segundo a tradição de Lankiveil, tinha recebido o sobrenome da linhagem de sua mãe. Infelizmente, seu filho tinha uma personalidade dura e apreciava seu tio mais que seus próprios pais. Embora Abulurd e Emmi sempre tivessem desejado ter mais filhos, a linhagem Harkonnen nunca tinha sido muito fértil.

— Albina! — gritou o vigia, um rapaz de olhos penetrantes, cujo cabelo negro pendia em uma grossa trança sobre sua *parka* —. Baleia branca vinte graus a bombordo.

Uma intensa atividade se apoderou da embarcação. Os neuroarpoadores pegaram suas armas, enquanto o capitão aumentava a velocidade. Os homens subiram pelas escadas, faziam viseira com as mãos e cravaram a vista nas águas semeadas de *icebergs* que pareciam pintadas de branco. Tinha passado um dia inteiro desde a última caçada, de modo que as cobertas estavam limpas, os recipientes de processamento abertos e preparados, os homens ansiosos.

Abulurd esperou seu turno de vigia. Viu brilho entre a espuma que podiam pertencer a uma baleia albina, mas na realidade eram pedaços de gelo flutuantes. Por fim, divisou o animal quando emergiu, um arco cremoso de pelagem branca. Era jovem. As

albinas, um estranho fenômeno, as expulsavam do rebanho. Poucas vezes alcançavam a idade adulta.

Os homens se prepararam quando o navio saiu em perseguição de sua presa. As rodas de oração continuavam girando e estalando na brisa.

— Se a capturarmos ilesa — gritou o capitão da ponte com voz estentórea, capaz de partir a capa de gelo —, ganharemos o suficiente para voltar para casa.

Abulurd gostava de ver a alegria e o júbilo em seus rostos. Sentiu-se emocionado, seu coração palpitava para continuar bombeando sangue naquele frio intenso. Nunca aceitava uma parte dos lucros, pois não lhe interessava o dinheiro, e permitia que os homens os dividissem entre eles.

A besta albina, ao notar que era perseguida, acelerou em direção a um arquipélago de *icebergs*. O capitão aumentou a velocidade dos motores. Se a baleia mergulhasse, eles a perderiam.

As baleias peludas passavam meses sob as grossas capas de gelo. Nas águas escuras alimentadas por respiradouros vulcânicos cheios de nutrientes e calor, as baleias devoravam bancos de *krill*, esporos e o rico plâncton do Lankiveil que não necessitava da luz do sol para fotossíntese.

Um dos rifles de longo alcance disparou e plantou um pulsador no lombo do animal. Em reação, a albina mergulhou. O tripulante que manipulava os controles enviou uma descarga elétrica através do pulsador, o que fez a baleia emergir de novo.

O navio girou e por estribor roçou um *iceberg*, mas o casco reforçado aguentou enquanto o capitão realizava a manobra. Dois arpoadores, que agiam com calma e precisão, ocuparam barcos de perseguição, esbeltas embarcações de proa estreita e quilhas corta gelo. Os homens se prenderam com o cinto de segurança, fecharam o dossel protetor transparente e lançaram os barcos ao mar gelado.

As barcos ricochetearam sobre as águas encrespadas, golpearam partes de gelo, mas se aproximaram do seu objetivo. A

primeira embarcação descreveu um círculo e se aproximou da direção oposta. Os arpoadores cruzaram em frente a baleia albina, abriram o dossel e ficaram de pé em seus compartimentos. Com equilíbrio perfeito, cravaram estacas atordoantes na baleia.

A baleia deu meia volta e se dirigiu para o baleeiro. Os arpoadores a perseguiram, mas a barco principal já estava perto o bastante, e quatro arpoadores se inclinaram sobre a coberta. Como legionários romanos peritos na caça de javali, lançaram estacas atordoantes que deixaram a baleia inconsciente. Os dois barcos de perseguição se aproximaram do animal, e os arpoadores deram o golpe de graça.

Mais tarde, enquanto içavam os barcos de perseguição, os marinheiros descenderam pelo casco do navio até a carcaça flutuante para retirar sua pele.

Abulurd tinha presenciado cenas semelhantes muitas vezes, mas sentia aversão pelo processo, de modo que se encaminhou à coberta de estribor e olhou para as cadeias montanhosas de *icebergs* que se elevavam ao norte. Suas formas acidentadas lhe recordaram as rochas escarpadas que formavam as paredes do fiorde onde vivia.

O baleeiro tinha chegado ao extremo norte das águas de caça nativas. Os baleeiros da CHOAM nunca se aventuravam até aquelas latitudes, pois seus enormes navios não podiam navegar naquelas águas traiçoeiras.

Abulurd, sozinho na proa, contemplou maravilhado a pureza do gelo ártico, um brilho cristalino que potencializava a luz do sol. Ouviu o chiado dos *icebergs* ao se chocarem entre si e olhou, sem perceber o que sua visão periférica registrava. Algo mortificava seu inconsciente, até que seu olhar se concentrou em um dos monólitos de gelo, uma montanha quadrada que parecia apenas um pouco mais cinza que as demais. Refletia menos luz.

Forçou a vista, e logo recolheu uns binóculos caídos na coberta. Abulurd ouviu os gritos dos homens enquanto cortavam sua presa. Enfocou as lentes e examinou o *iceberg*.

Contente por ter encontrado uma distração do trabalho sangrento, Abulurd dedicou longos minutos a estudar os fragmentos de gelo flutuantes. Eram muito precisos, muito exatos para haver-se desprendido do *iceberg*.

Então, ao nível da água, viu algo que se assemelhava a uma porta.

Subiu à coberta da ponte.

— Têm trabalho para uma hora mais, não é, capitão?

O homem assentiu.

— Sim. Esta noite voltaremos para casa. Quer participar do trabalho?

Abulurd estremeceu ante a idéia de manchar-se com sangue de baleia.

— Não... Na realidade eu gostaria de usar um dos barcos para explorar... algo que descobri em um *iceberg*.

Em circunstâncias normais teria solicitado uma escolta, mas os baleeiros estavam ocupados. Mesmo nesses mares gelados e inexplorados, Abulurd preferia se afastar do aroma da morte.

O capitão arqueou suas sobrancelhas espessas. Abulurd adivinhou que o homem queria expressar sua contrariedade, mas guardou silêncio. Sua cara larga e esmagada só manifestava respeito pelo governador planetário.

Abulurd Harkonnen sabia dirigir um barco, pois estava acostumado a pilotar uma para explorar as costas de seu fiorde, de modo que declinou a oferta de que outros baleeiros o acompanhassem. Cruzou as águas a pouca velocidade, atento à aparição de pedaços de gelo traiçoeiros. No navio continuava o trabalho, e o ar estava impregnado de um intenso aroma de sangue e vísceras.

Em duas ocasiões, entre aquele labirinto de montanhas flutuantes, Abulurd perdeu de vista seu objetivo, mas no final o localizou. Escondido entre os *icebergs* à deriva, parecia que aquele

fragmento em particular não se movia. Perguntou-se se estaria ancorado.

Aproximou o barco do lado escarpado e a prendeu ao gelo. Uma sensação de irrealidade, como se estivesse perdido, envolvia o estranho monólito. Quando pisou na superfície branca compreendeu até que ponto era estranho aquele objeto.

O gelo não estava frio.

Abulurd se agachou para tocar o que se assemelhavam a fragmentos leitosos de gelo. Golpeou com os nódulos dos dedos. A substância era uma espécie de cristal artificial, um sólido translúcido que possuía a aparência do gelo... Golpeou com mais força, e o *iceberg* ressoou. Muito peculiar.

Dobrou uma curva para chegar ao lugar onde tinha visto uma fileira geométrica de gretas, algo que podia ser uma porta de acesso. Examinou-o até descobrir uma fenda, um painel de acesso que parecia danificado, talvez depois de uma colisão com um *iceberg* real. Localizou um botão de ativação, e a coberta trapezoidal deslizou para um lado.

Deu um salto quando sentiu um forte aroma de canela que reconheceu imediatamente. Tinha-o respirado muitas vezes em Arrakis. Melange.

Aspirou uma profunda baforada para assegurar-se, e depois mergulhou nos corredores escuros. O chão era liso e parecia ter sido pisoteado por muitos pés. Uma base secreta? Um posto de comando? Um arquivo secreto?

Descobriu sala após sala cheias de contêineres de nulentropia, recipientes selados que exibiam o grifo azul da Casa Harkonnen. Um armazém de especiaria colocado aqui por sua própria família... e ninguém lhe havia dito nada. Um mapa mostrava a enorme extensão do armazém submarino. Em Lankiveil, debaixo do nariz de Abulurd, o barão guardava uma enorme quantidade ilegal de especiaria!

Com aquelas reservas de especiaria poderia ter comprado todo esse sistema planetário muitas vezes. A mente de Abulurd era incapaz de assimilar o tesouro que tinha descoberto. Precisava pensar, falar com Emmi. Ela o aconselharia. Juntos decidiriam o que fazer.

Embora considerasse honrada à tripulação do baleeiro, tanta riqueza acumulada tentaria o melhor deles. Abulurd saiu rapidamente, fechou a porta e subiu ao barco.

Depois de retornar ao baleeiro, memorizou as coordenadas. Quando o capitão perguntou se tinha descoberto algo, Abulurd meneou a cabeça e voltou para seu camarote. Temia trair-se diante dos homens. Tinha uma longa viagem antes de encontrar sua esposa. Oh, quanto sentia falta dela, como necessitava do seu conselho.

Antes de zarpar do mole do Fjord Tula, o capitão deu a Abulurd o fígado da baleia, embora fosse pouco comparado com a parte da pele que tinha dado a cada um de seus tripulantes.

Quando Emmi e ele jantaram juntos no pavilhão principal pela primeira vez em uma semana, Abulurd estava nervoso e distraído, à espera de que a *chef* terminasse os preparativos.

O saboroso e fumegante fígado de baleia foi servido em duas bandejas de prata douradas, com guarnição de legumes sortidos, além de um prato de ostras defumadas. A longa mesa tinha capacidade para trinta convidados, mas Abulurd e Emmi estavam sentados um ao lado do outro perto de um extremo, e eles mesmos se serviam das bandejas.

Emmi possuía uma agradável e longo rosto típico de Lankiveil, e um queixo quadrado que não era belo nem gracioso, mas Abulurd a adorava. Seu cabelo era do negro mais profundo e pendia abaixo dos seus ombros, cortado horizontalmente. Seus olhos redondos eram do marrom do jaspe.

Com frequência, Abulurd e sua esposa comiam com outros na sala comunal, e se juntavam as conversas. Mas desde que Abulurd

havia retornado de sua longa viagem no baleeiro, todos sabiam que os dois queriam ficar a sós. Abulurd desejava contar a sua mulher o grande segredo que descobrira no mar de gelo.

Emmi estava em silêncio, absorta. Pensava antes de falar, e não falava a menos que tivesse algo a dizer. Escutava neste momento seu marido sem interromper. Quando Abulurd terminou seu relato, Emma continuou em silêncio, pensando no que tinha ouvido. Abulurd esperou por um longo momento que ela pesasse todas as possibilidades.

— O que vamos fazer, Emmi? — disse por fim.

— Toda essa riqueza foi roubada da parte correspondente ao imperador. Deve estar aqui há anos. — Assentiu para sublinhar suas convicções —. Você não vai querer sujar as mãos com ela.

— Mas meu próprio meio-irmão me enganou.

— Deve ter seus planos. Não lhe disse isso porque sabia que seu sentido da honra o impulsionaria a denunciá-lo.

Abulurd mastigou um pouco de legumes e engoliu, acompanhando-a com vinho branco de Caladan. A Emmi bastava o sinal mais ínfimo para saber o que estava pensando.

— É verdade.

A mulher meditou por um momento.

— Se revelar a existência deste armazém, pode nos prejudicar de muitas maneiras, as pessoas de Lankiveil e a nossa própria família. Oxalá nunca o tivesse descoberto.

Abulurd esquadrinhou seus olhos para ver se algum brilho de tentação os cruzara, mas só viu neles preocupação e cautela.

— Possivelmente Vladimir está sonhando impostos, ou malversando para encher as arcas da Casa Harkonnen — insinuou ela, com expressão mais dura —. Mas continua sendo seu irmão. Se o denunciar ao Imperador, poderia provocar um desastre para sua Casa.

Abulurd grunhiu ao cair perceber outra conseqüência.

— Se o barão for preso, eu teria que controlar todas as posses dos Harkonnen. No suposto caso de que conservássemos o feudo de Arrakis, teria que ir para lá, ou viver em Giedi Prime. — Tomou outro gole de vinho, abatido —. Não me interessa nenhuma das duas opções, Emmi. Eu gosto de viver aqui.

Ela tocou sua mão. Acariciou-a, e ele levou sua mão aos lábios e beijou seus dedos.

— Nesse caso, já tomamos a decisão — disse a mulher — Sabemos que a especiaria está ali... e ali a deixaremos.

## 22

*O deserto é um cirurgião que afasta a pele para deixar à mostra o que há debaixo.*

*Provérbio fremen*

Quando a lua avermelhada se ergueu no horizonte, Liet-Kynes e sete fremen abandonaram as rochas e se encaminharam para as dunas, onde seria mais fácil vê-los. Um a um, os homens fizeram o sinal do punho, de acordo com a tradição fremen ao avistar a Primeira Lua.

— Preparem-se — disse Stilgar momentos depois, com sua cara estreita como um falcão do deserto à luz da lua. Suas pupilas se dilataram, de forma que seus olhos azuis pareciam negros. Envolveu-se em sua camuflagem do deserto, assim como outros guerrilheiros veteranos —. Se diz que quando alguém espera a vingança, o tempo passa devagar mas docemente.

Liet-Kynes assentiu. Estava vestido como um menino de povoado fraco e inchado de água, mas seus olhos eram tão duros como o aço de Velam. A seu lado, seu companheiro de *sietch* e irmão de sangue Warrick, um moço um pouco mais alto, assentiu também. Esta noite, os dois fingiriam ser dois meninos indefesos perdidos no deserto... um alvo irresistível para a ansiada patrulha Harkonnen.

— Fazemos o que deve ser feito, Stil. — Liet apoiou uma mão sobre o ombro acolchoado de Warrick. Estes meninos de doze anos já tinham matado mais de cem Harkonnen por cabeça, e teriam deixado de contar se não fosse por uma amistosa rivalidade —. Confio minha vida a meu irmão.

Warrick cobriu a mão de Liet com a sua.

— Liet teria medo de morrer sem que eu estivesse a seu lado.

— Com ou sem você, Warrick, não penso em morrer esta noite — disse Liet, o que fez seu companheiro rier —. Penso em me vingar.

Depois da orgia de morte que assolara *Bilar Camp*, a ira fremen se estendeu de *sietch* em *sietch*, como água alagando a areia. Graças às marcas de tóptero achadas perto da cisterna oculta, sabiam quem eram os responsáveis. Todos os Harkonnen deviam pagar.

Chegou a notícia aos ouvidos de trabalhadores com aspecto tímido e poeirento, criados que tinham sido infiltrados nas fortalezas dos Harkonnen, até em Carthag e Arsunt. Alguns destes espiões esfregava o chão dos barracões das tropas, utilizando trapos secos e abrasivos. Outros eram vendedores de água que vendiam o prezado líquido às forças de ocupação.

À medida que o relato do povoado envenenado circulava de um soldado Harkonnen a outro, com anedotas cada vez mais exageradas, os informantes fremen descobriram quem extraía maior prazer das notícias. Estudaram a composição das patrulhas e as rotas que seguiam. Ao fim de pouco tempo, tinham descoberto quem eram os soldados Harkonnen responsáveis. E onde podiam encontrá-los...

Com um grito agudo e uma revoada de asas muito finas, um diminuto morcego *distrans* voou dos afloramentos de observação até eles. Quando Stilgar ergueu um braço, o morcego aterrissou sobre seu antebraço, dobrou as asas e esperou uma recompensa.

Stilgar extraiu uma gota de água do tubo que levava na garganta e deixou que caísse na boca aberta do morcego. Depois tirou um fino cilindro, o levou ao ouvido e escutou os complicados e flutuantes chiados do animal. Stilgar afagou sua cabeça, e depois o lançou ao ar da noite, como um falcoeiro faria com sua ave.

Voltou-se para o grupo que aguardava na expectativa com um sorriso de predador em seu rosto.

— Seu ornitóptero foi visto sobre a cordilheira. Os Harkonnen seguem uma rota predizível quando exploram o deserto, mas como faz muito tempo que estão em patrulha, relaxaram. Não percebem seus movimentos repetidos.

— Esta noite cairão em uma teia de morte — disse Warrick do alto da duna, e levantou o punho em um gesto nada próprio de um menino.

Os fremen verificaram suas armas, facas *crys*, e provaram a força das cordas estranguladoras. Apagaram todas marcas de sua passagem com os mantos e deixaram os dois jovens sozinhos.

Stilgar levantou a vista para o céu noturno e um músculo em sua mandíbula vibrou.

— Aprendi isso com *Umma* Kynes. Quando estávamos catalogando líquens, vimos um lagarto das rochas que pareceu desaparecer a frente de nossos olhos. Kynes me disse: “Dou-lhe o camaleão, cuja capacidade de fundir-se com seu ambiente lhe diz tudo que precisa saber sobre as raízes da ecologia e a base da identidade pessoal.” — Stilgar olhou com seriedade para seus homens, e sua expressão mudou —. Não sei muito bem o que queria dizer... mas agora todos temos que nos transformar em camaleões do deserto.

Liet, que usava roupas de cor clara, subiu em uma duna, deixando rastros claros de propósito. Warrick o seguiu com a mesma estupidez, enquanto os outros fremen se estendiam sobre a areia. Depois de tirar os tubos de respiração e cobrir seus rostos com capuzes soltos, agitaram os braços. A areia os engoliu, e ficaram imóveis.

Liet e Warrick alisaram a superfície, sem deixar outra coisa além de seus próprios rastros. Terminaram exatamente quando o tóptero da patrulha zumbiu sobre a linha de rochas, com luzes vermelhas piscando.

Os dois fremen vestidos de branco ficaram imóveis. Suas roupas destacavam-se contra a areia iluminada pela lua. Nenhum

fremen de verdade seria surpreendido dessa forma, mas os Harkonnen ignoravam isso. Não suspeitariam.

Assim que o tóptero apareceu à vista, Liet fez um exagerado gesto de alarme.

— Vamos, Warrick. Temos que dar um bom espetáculo.

Os dois correram como se estivessem em pânico.

Como era de esperar, o tóptero deu uma volta para interceptá-los. Um potente foco varreu o chão, e depois um sorridente fuzileiro apareceu na cabine. Disparou sua arma laser duas vezes, e desenhou uma linha de cristal fundido sobre a superfície da areia.

Liet e Warrick caíram pelo lado íngreme de uma duna. O fuzileiro disparou duas vezes e errou.

O tóptero aterrissou sobre a superfície de uma duna próxima, muito perto de onde Stilgar e seus homens se enterraram. Liet e Warrick trocaram um sorriso e se prepararam para a segunda parte do jogo.

Kiel pendurou seu rifle laser no ombro, ainda quente, e abriu a porta.

— Vamos caçar uns fremen.

Saltou à areia assim que Garan pousou o veículo.

Atrás deles, o recruta Josten procurou sua arma desajeitadamente.

— Seria mais fácil disparar do ar.

— Que tipo de esporte seria esse? — replicou Garan com voz arruda.

— Ou é porque não quer manchar seu novo uniforme de sangue, guri? — acrescentou Kiel sem voltar-se. achavam-se junto ao veículo e olhavam para as dunas iluminadas pela lua, onde dois nômades esqueléticos fugiam, como se tivessem alguma chance de escapar depois que uma nave Harkonnen tivesse decidido caçá-los.

Garan pegou sua arma e os três homens avançaram. Os dois jovens fremen corriam como escaravelhos, mas o cerco dos soldados talvez os impelisse de dar meia volta e render-se... ou melhor ainda, a lutar como ratos encurralados.

— Ouvi histórias sobre esses fremen — disse Josten, ofegante, enquanto corria com os dois homens maiores —. Se diz que os meninos são assassinos, e suas mulheres torturam de formas que nem sequer Piter De Vries poderia imaginar.

Kiel soltou uma gargalhada.

— Temos rifles laser, Josten. O que vão fazer, nos jogar pedras?

— Alguns levam pistolas *maula*.

Garan olhou para o jovem recruta e deu de ombros.

— Por que não volta para tóptero e pega um atordoante? Podemos utilizar outros métodos se a coisa ficar feia.

— Sim — disse Kiel —, assim prolongaremos mais a diversão.

Os dois fremen continuavam correndo, e os Harkonnen cortavam distâncias rapidamente.

Nesse momento Josten correu para o tóptero. Do alto da duna olhou para seus companheiros, e depois seguiu até o aparelho. Quando entrou, viu um homem vestido com cores do deserto. Suas mãos tocavam os controles sem pausa.

— Ei, que diabos...

À luz da cabine viu que o intruso tinha um rosto estreito e enrugado. Seus olhos o cativaram, azul sobre azul, com a intensidade de um homem acostumado a matar. Antes que Josten pudesse reagir, uma presa de aço lhe travou o braço e foi puxado para o interior da cabine. A outra mão do fremen cintilou e viu uma faca curva de um azul leitoso que se abatia sobre ele. Um brilhante pedaço de gelo de dor mergulhou em sua garganta, até a coluna. Então a faca desapareceu, antes que uma gota de sangue pudesse aderir a sua superfície.

Como um escorpião que acaba de liberar seu agulhão, o fremen retrocedeu. Josten caiu para frente, sentindo já a morte vermelha que transbordava de sua garganta. Tentou dizer algo, formular uma pergunta que lhe achava muito importante, mas em vez de palavras brotou um gorgolejo. O fremen puxou algo de seu traje destilador e o apertou contra a garganta do jovem, um pano que absorvia seu sangue à medida que se derramava.

Aquele homem do deserto pretendia salvá-lo? Uma bandagem? Um brilho de esperança brilhou na mente de Josten. Tinha sido todo um engano? Aquele magro nativo tentava corrigir seu erro?

Mas seu sangue fluía com muita rapidez e violência para que alguém pudesse salvá-lo. Enquanto sua vida se apagava, compreendeu que o pano absorvente não tinha em nenhum momento a intenção de conter sua ferida, mas sim de apanhar até a última gota do seu sangue para apoderar-se de sua umidade...

Quando Kiel chegou a uma distância da que podia disparar sem dificuldades contra os dois fremen, Garan olhou para trás.

— Parece que ouvi algo no tóptero.

— É provável que Josten deu uma rasteira em si mesmo — disse o fuzileiro, sem baixar a arma.

Os fremen se detiveram por fim. agacharam-se e tiraram pequenas facas.

Kiel riu.

— O que querem fazer com isso? Palitar os dentes?

— Eu palitarei os dentes do seu cadáver — gritou um dos rapazes —. Usa algum molar de ouro que possamos vender em Arrakeen?

Garan soltou uma risada e olhou para seu companheiro.

— Isto vai ser divertido.

Os soldados entraram na zona lisa arenosa.

Quando estavam a uns cinco metros de distância, a areia que os rodeava explodiu. Formas humanas surgiram do pó, cobertas de

areia, silhuetas humanas bronzeadas, parecendo com cadáveres animados que saiam de um cemitério.

Garan soltou um grito inútil de advertência e Kiel disparou seu rifle, atingindo um dos atacantes no ombro. Então, as formas poeirentas se lançaram para eles. Rodearam o piloto e o impediram de utilizar a arma. Atacaram-no como sanguessugas a uma ferida aberta.

Quando obrigaram Garan a ajoelhar-se, o soldado uivou de terror. Os fremen o prenderam, até que não pudesse fazer outra coisa além de respirar e piscar. E continuar gritando.

Uma das supostas vítimas correu para ele. O jovem, Liet-Kynes, empunhava a pequena faca de que Garan e Kiel zombaram momentos antes. O moço usou a faca com extrema precisão e suavidade, e arrancou os dois olhos de Garan, que se transformou em uma réplica de Édipo.

Stilgar ladrou uma ordem.

— Amarrem-no e o mantenham vivo. Nós o levaremos vivo ao *sietch* da Muralha Vermelha, para que as mulheres o tratem a sua maneira.

Garan gritou outra vez.

Quando os fremen se lançaram sobre Kiel, este respondeu agitando seu fuzil como um pau, mas mãos ansiosas o prenderam, e os surpreendeu soltando o rifle. Os fremen caíram para trás ao perder o equilíbrio.

Kiel pôs-se a correr. Lutar não lhe serviria de nada. Já tinham capturado Garan, e deu por certo que Josten estava morto no tóptero. Correu como nunca em sua vida. Afastou-se das rochas e do tóptero e entrou no deserto. Talvez os fremen o alcançassem, mas teriam que suar.

Kiel corria entre as dunas sem nenhum rumo, só queria fugir para o mais longe possível...

— Capturamos o tóptero intacto, Stil — disse Warrick, vermelho pela descarga de adrenalina e muito orgulhoso de si mesmo. O líder

do comando assentiu, muito sério. A notícia agradaria muito a *Umma Kynes*. Poderia utilizar o tóptero para suas inspeções agrícolas, e não precisava souber de onde tinha saído.

Liet olhou para o cativo cego, cujas cavidades oculares tinham sido cobertas com um pano.

— Vi com meus próprios olhos o que os Harkonnen fizeram em *Bilar Camp*... A cisterna envenenada, a água envenenada. — Já tinham empacotado o outro cadáver na parte posterior do veículo para ser conduzido às destilarias da morte —. Isto não compensa nem a décima parte do sofrimento.

Warrick se aproximou de seu irmão de sangue.

— Tal é meu rancor que nem sequer desejo suas águas para nossa tribo.

Stilgar o fulminou com o olhar, como se tivesse proferido um sacrilégio.

— Preferiria deixar que se mumificassem na areia, que suas águas se perdessem no ar? Seria um insulto para o *Shai-Hulud*.

Warrick inclinou a cabeça.

— Era minha ira que falava, Stil. Perdoe-me. Não falei a sério.

Stilgar levantou a vista para a lua. A emboscada tinha durado menos de uma hora.

— Executaremos o ritual de *tal hai*, para que suas almas nunca descansem. Serão condenadas a vagar pelo deserto durante toda a eternidade. — Sua voz adotou um tom temeroso —. Mas temos que apagar bem nossos rastros, para não conduzir seus fantasmas até nosso *sietch*.

Os fremen murmuraram quando o medo moderou o prazer da vingança. Stilgar entoou o antigo cântico, enquanto outros faziam desenhos na areia, labirínticas formas de poder que atavam os homens condenados às dunas para sempre.

Ainda podiam ver, à luz da lua, a figura em fuga do último patrulheiro.

— Essa é nossa oferenda ao *Shai-Hulud* — disse Stilgar depois de finalizar seu cântico. A maldição do *tal hai* estava completa —. O mundo alcançará o equilíbrio, e o deserto se sentirá satisfeito.

— Corre como um réptil ferido gravemente. — Liet estava muito rígido ao lado de Stilgar, embora ainda fosse pequeno comparado com o líder do comando —. Falta pouco.

Recolheram suas coisas. Os que puderam se apertaram no tóptero, enquanto outros fremen voltavam para a areia. Utilizaram um passo aleatório que tinham praticado muito, para que suas pegadas não produzissem sons estranhos no deserto.

O soldado Harkonnen continuava correndo, tomado pelo pânico. Talvez estivesse alimentando alguma louca esperança de escapar, embora a direção que tinha tomado não conduzisse a nenhum lugar.

Ao fim de poucos minutos, um verme foi atrás dele.

## 23

*O propósito da discussão é mudar a natureza da verdade.*

*Preceito Bene Gesserit*

O barão Vladimir Harkonnen nunca havia sentido tanto ódio por alguém em toda sua vida de maquinações.

Como é possível que essa bruxa Bene Gesserit me tenha feito isto?

Em uma manhã de Giedi Prime, entrou na sala de exercícios de sua fortaleza, fechou as portas com chave e ordenou que ninguém o incomodasse. Impossibilitado de utilizar pesos ou equipamentos de polias devido a seu crescente tamanho, sentou-se no tapete do chão e tentou realizar simples elevações de pernas. Em outro tempo tinha sido a perfeição em forma humana. Agora mal podia levantar uma perna. Sentiu-se enojado de si mesmo.

Durante dois meses, desde o momento em que tinha recebido o diagnóstico do doutor Yueh, tinha desejado arrancar os órgãos de Mohiam um a um. Depois, mantendo-a acordada e consciente através de máquinas que mantivessem suas funções vitais, fazia coisas interessantes enquanto ela olhava... Queimaria seu fígado, obrigaria a bruxa a comer-se seu próprio baço, a estrangularia com suas próprias vísceras.

Agora compreendia a expressão satisfeita de Mohiam no banquete do conde Fenring.

Ela é a culpada por meu sofrimento!

Olhou-se no espelho que abrangia do chão até o teto e deu um salto. Tinha o rosto inchado e torcido. Estendeu seus pesados braços, arrancou o espelho de plaz da parede e o jogou ao chão,

retorceu o material inquebrável até que seu reflexo se tornou ainda mais grotesco.

Era compreensível que Mohiam se sentisse ofendida pela violação, supunha, mas a bruxa o tinha chantageado para copular com ele, exigindo que proporcionasse à maldita Irmandade uma filha Harkonnen... duas vezes! Não era justo. A vítima era ele.

O barão tremia de raiva. Não ousava permitir que seus rivais do Landsraad descobrissem a verdade. Era a diferença entre força e debilidade. Se continuassem acreditando que tinha adquirido aquele aspecto físico corpulento e inchado devido aos excessos, com o fim de alardear de seu êxito, reteria o poder. Se ao contrário descobrissem que uma mulher, que o obrigara a copular com ela, tinha lhe irradiado uma repugnante enfermidade... O barão não poderia suportar.

Sim, ouvir os gritos de Mohiam seria uma saborosa vingança. A mulher era apenas mais um repulsivo apêndice da ordem Bene Gesserit. As bruxas se consideravam superiores, capazes de esmagar quem fosse... inclusive ao chefe da Casa Harkonnen. Deviam ser castigadas, por uma questão de orgulho familiar, de afirmação do poder e da posição social em nome de todo o Landsraad.

Além disso, seria um prazer pessoal.

Mas se agisse precipitadamente nunca conseguiria que lhe proporcionassem uma cura. O doutor Suk afirmara que não existia tratamento conhecido para a enfermidade, que isso estava nas mãos das Bene Gesserit. A Irmandade tinha infligido este sofrimento ao barão, e só elas podiam lhe devolver seu belo corpo de antigamente.

Malditas sejam!

Precisava voltar, entrar em suas mentes diabólicas e descobrir o que havia nelas. Encontraria uma forma de chantageá-las. Arrancaria seus fúnebres hábitos negros e as deixaria nuas, à espera de serem julgadas.

Atirou o espelho sobre o chão de lajes, onde ele deslizou até se chocar contra uma máquina de exercícios. Desprovido de sua bengala, perdeu o equilíbrio, escorregou e caiu.

Era muito para ele...

Depois de acalmar-se, o barão coxeou até seu estúdio e convocou Piter De Vries. Sua voz retumbou nos corredores e os criados correram de um lado para outro, em busca do *Mentat*.

De Vries estivera recuperando-se durante todo um mês de sua estúpida *overdose* de especiaria. O idiota afirmava ter tido uma visão da queda da Casa Harkonnen, mas tinha sido incapaz de oferecer alguma informação útil sobre como podia o barão combater um futuro tão desgraçado.

Agora, o *Mentat* podia compensar este fracasso planejando um golpe contra a Bene Gesserit. Cada vez que De Vries irritava em excesso ao barão, até o ponto de uma execução iminente, conseguia demonstrar que era indispensável.

Como posso fazer mal às bruxas? Como posso mutilá-las, fazer que se retorçam?

Enquanto esperava, o barão olhou para *Harko City*, com seus edifícios manchados de petróleo, sem uma árvore à vista. Geralmente, era uma paisagem que o agradava, mas agora só conseguiu aumentar sua insatisfação. Mordiscou o interior da boca, sentiu que as lágrimas de auto-compaixão retrocediam.

Esmagarei a Irmandade!

Essas mulheres não eram estúpidas. Nem muito menos. Com seus programas de reprodução e suas maquinações políticas tinham integrado a inteligência dentro de suas filas. E para melhorar este esquema tinham pretendido que seus superiores genes Harkonnen se introduzissem em sua ordem. Oh, como as odiava!

Era necessário um plano meticuloso. Truques dentro de truques...

— Meu senhor barão — disse Piter De Vries, que tinha chegado sem ser notado. Sua voz se elevou de sua garganta como uma

víbora ao sair de uma fossa.

O barão ouviu vozes fortes e um estrondo metálico no corredor. Algo golpeou contra uma parede, e um móvel se rompeu. Voltou-se e viu seu sobrinho entrar, e deter-se atrás do *Mentat*. Mesmo caminhando a passo normal, Glossu Rabban parecia chutar o chão.

— Estou aqui, tio.

— Isso é evidente. Deixe-nos. Chamei Piter, não você.

Geralmente, Rabban dedicava seu tempo em Arrakis a cumprir os desejos de seu tio, mas quando retornava a Giedi Prime queria participar de todas as reuniões e discussões.

O barão respirou fundo e repensou.

— Pensando melhor, pode ficar, Rabban. De qualquer modo, tenho que te falar disto.

Afinal, aquele bruto era seu presumido herdeiro, a melhor esperança de futuro para a Casa Harkonnen. Melhor que o pai de Rabban, o cabeça de vento do Abulurd. Como eram diferentes, embora cada um tivesse graves deficiências.

Seu sobrinho sorriu como um cachorrinho patético, feliz de ter sido incluído.

— Me falar do que, tio?

— De que vou ordenar sua execução.

Os olhos azul claro de Rabban se obscureceram por um momento, mas logo voltaram a brilhar.

— Não.

— Por que está tão seguro?

O barão o transpassou com o olhar, enquanto os olhos do *Mentat* seguiam a conversa.

Rabban respondeu.

— Porque se realmente fosses ordenar minha execução, não me avisaria antes.

Um sorriso cruzou o rosto fofo do barão.

— Possivelmente não é tão idiota, afinal.

Rabban aceitou o comentário e se deixou cair sobre uma cadeira cão, e se retorceu até que o animal se acomodou a sua forma. De Vries continuou de pé, observando, esperando.

O barão repetiu os detalhes da enfermidade que Mohiam Ihe tinha irradiado, e de sua necessidade de vingar-se da Bene Gesserit.

— Temos que encontrar uma forma de nos desferrar delas. Quero um plano, um delicioso plano que lhes devolva... o favor que nos fizeram.

De Vries estava de pé, com suas feições efeminadas relaxadas, os olhos desfocados. Em programa *Mentat*, passou mapas e planos por sua mente em hipervelocidade. Sua língua sobressaía entre os lábios manchados de vermelho.

Rabban chutou a cadeira cão com o calcanhar para que se adaptasse a outra postura.

— Por que não um ataque militar em toda escala contra Wallach IX? Podemos destruir todos os edifícios do planeta.

De Vries se remexeu e por uma fração de segundo deu a impressão de que olhava para Rabban, mas foi tão rápido que o barão não teve certeza. Não podia suportar a idéia de que os primitivos pensamentos de seu sobrinho poluíssem os delicados processos mentais de seu valioso *Mentat*.

— Como um touro salusano em meio de uma festa, quer dizer? — disse o barão —. Não, necessitamos de algo mais sutil. Olhe a definição em um dicionário se o conceito Ihe for desconhecido.

Em vez de ofender-se, Rabban se inclinou e entreabriu os olhos.

— Temos... a não-nave.

O barão se voltou a olhar para ele, surpreso. Justo quando pensava que aquele toco era muito curto até para ingressar na

Guarda da Casa, Rabban o surpreendia com uma perspicácia inesperada.

Só tinham se atrevido a utilizar a nave invisível experimental uma vez, para destruir naves tleilaxu e acusar o inexperiente duque Atreides. Como Rabban tinha matado o excêntrico inventor richesiano, não podiam copiar a tecnologia. Mesmo assim, era uma arma cuja existência ninguém suspeitava, nem sequer as bruxas.

— Talvez... a menos que Piter tenha uma idéia diferente.

— Em efeito, meu barão. — As pálpebras de De Vries tremeram, e seus olhos se concentraram —. Resumo *Mentat* — disse, com uma voz um pouco mais empolada do que o normal —. Descobri uma lacuna útil na Lei do Império. Algo intrigante, meu barão.

Citou-a palavra por palavra, como um *tedlegal*, e depois recomendou um plano.

Por um momento todos as dores e sofrimentos corporais do barão desapareceram devido à euforia. voltou-se para seu sobrinho.

— Compreende agora o potencial, Rabban? Preferiria ser famoso pela sutileza que pela força bruta.

Rabban assentiu a contra gosto.

— Mesmo assim, acredito que deveríamos usar a não-nave. Para o caso de...

Ele em pessoa tinha pilotado a nave invisível e lançado o ataque que deveria ter desencadeado uma guerra total entre os Atreides e os tleilaxu.

Como não queria que o *Mentat* se sentisse muito confiante, o barão aceitou.

— Nunca é demais ter um plano de reserva.

Os preparativos foram rápidos e minuciosos. O capitão Kryubi insistiu que seus homens seguissem ao pé da letra as instruções de Piter De Vries. Rabban passeava pelos hangares e barracões como

um senhor da guerra, e conseguia manter um nível de tensão apropriado entre as tropas.

Já tinham solicitado um transporte da Corporação, enquanto uma fragata Harkonnen tinha sido desmantelada e carregada com mais homens e armas normais, junto com a nave ultrasecreta utilizada em uma ocasião, uma década antes.

De um ponto de vista militar, a tecnologia da invisibilidade proporcionava uma vantagem sem comparação na história documentada. Em teoria, permitia que os Harkonnen dessem golpes mortais em seus inimigos sem que pudessem detectá-los. Era inimaginável o que o visconde Moritani de Grumman pagaria por algo assim.

A nave invisível tinha funcionado bem em sua primeira viagem, mas os planos futuros foram postergados, enquanto os técnicos reparavam falhas mecânicas detectadas. Embora a maioria de problemas fossem de pouca importância, outros (relacionados com o gerador de não acampo em si) resistiam aos investigadores. E o inventor richesiano já não estava vivo para oferecer sua ajuda. De qualquer modo, a nave tinha funcionado bem em provas recentes, embora os mecânicos advertissem com a voz tremula que talvez não estivesse totalmente preparada para entrar em combate.

Um dos operários mais lentos teve que ser esmagado lentamente em uma prensa de vapor para animar seus companheiros a cumprir os prazos. O barão tinha pressa.

A fragata carregada até os batentes entrou na órbita geoestacionária de Wallach IX, exatamente acima do complexo da Escola Materna. O barão, de pé na ponte da fragata com Piter De Vries e Glossu Rabban, não transmitiu o menor sinal ao quartel general da Bene Gesserit. Não era necessário.

— Anunciem suas intenções — disse uma voz feminina pelo sistema de comunicações, séria e desanimada. O barão percebera um ápice de surpresa?

— Sua Excelência o barão Vladimir Harkonnen, de Giedi Prime, deseja falar com sua madre superiora por um canal privado — De Vries respondeu em tom formal.

— Não é possível. Não foram estabelecidos contatos prévios.

O barão se inclinou e trovejou no sistema de comunicação.

— Têm cinco minutos para estabelecer uma conexão confidencial com sua madre superiora, ou me comunicarei por uma linha aberta. Poderia ser um pouco... *er*, embaraçoso.

Desta vez a pausa foi mais longa. Momentos antes que se cortasse a comunicação, uma voz diferente, mais áspera, soou no alto-falante.

— Sou a madre superiora Harishka. Estamos falando por minha linha de comunicação pessoal.

— Bem, pois escute com atenção.

O barão sorriu.

De Vries recitou o caso.

— Os artigos da Grande Convenção são muito explícitos no que se refere a delitos graves, madre superiora. Estas leis foram estabelecidas depois dos horrores cometidos por máquinas pensantes contra a humanidade. Um dos delitos mais pesados é o uso de armas atômicas contra seres humanos. Outro é a agressão usando armas químicas.

— Sim, sim. Não sou uma perita em história militar, mas posso encontrar alguém que cite as frases exatas, se assim o desejar. Acaso seu *Mentat* não se ocupa desses detalhes burocráticos, barão? Não entendo o que isto tem a ver conosco. Quer me contar também um conto para dormir?

Seu sarcasmo só podia significar que tinha começado a ficar nervosa.

— “As formalidades tem que obedecidas” — citou o barão —. “O castigo pela violação destas leis é a aniquilação imediata dos perpetradores nas mãos do Landsraad. Todas as Grandes Casas

juraram contribuir com uma força combinada contra a parte infratora.” — Fez uma pausa, e seu tom se tornou mais ameaçador —. As formalidades não foram obedecidas, não é, madre superiora?

De Vries e Rabban trocaram um olhar, sorridentes.

O barão continuou.

— A Casa Harkonnen está disposta a apresentar uma queixa formal ao imperador e ao Landsraad, acusando a Bene Gesserit de uso ilegal de armas biológicas contra uma Grande Casa.

— Até agora só me disse tolices. A Bene Gesserit não aspira o poder militar. — Seu tom era de autêntica perplexidade. Era possível que não soubesse?

— Saiba então, madre superiora: possuímos provas irrefutáveis de que sua reverenda madre Gaius Helen Mohiam me transmitiu propositalmente uma enfermidade biológica, enquanto eu estava rendendo um serviço solicitado pela Irmandade. Pergunte você mesma a essa puta, caso seus subordinados lhe ocultaram esta informação.

O barão não mencionou que a Irmandade o chantageara com informação sobre atividades ilegais de armazenagem de especiaria. Estava preparado para enfrentar o problema se ele surgisse de novo, pois todos os seus depósitos de melange tinham sido transferidos para remotas regiões dos planetas Harkonnen, onde nunca seriam descobertos.

O barão se reclinou em seu assento, satisfeito, enquanto escutava o profundo silêncio. Imaginou o olhar de horror da madre superiora. Fincou um pouco mais a faca.

— Se duvidar de nossa interpretação, leia o texto da Grande Convenção uma vez mais, e veja se quer correr riscos no tribunal do Landsraad. Tampouco esqueça que o instrumento do seu ataque, a reverenda madre Mohiam, foi entregue em uma nave da Corporação. Quando a Corporação souber, não ficará nada satisfeita. — Repicou com os dedos sobre o console —. Mesmo que

sua Irmandade não seja destruída, receberão severas sanções por parte do Império, pesadas multas, talvez a proscricão.

Por fim, com uma voz que quase conseguia dissimular o efeito que as ameaças tinham lhe causado, Harishka disse:

— Exagera suas afirmações, barão, mas desejo ser receptiva. O que quer de nós?

O barão pôde sentir seu estremecimento.

— Descerei em uma lançadeira à superfície e falarei em particular com você. Envie um piloto para nos guiar através dos seus sistemas defensivos planetários.

Não se incomodou em comentar que tinha tomado medidas para transmitir as provas e acusações diretamente a Kaitain, em caso de que algo lhe acontecesse durante esta viagem. A madre superiora já sabia disso.

— É obvio barão, mas não demorará para perceber que tudo isto não passa de um terrível mal-entendido.

— Que Mohiam vá à entrevista. E estejam preparada para me subministrar um tratamento e cura eficazes... do contrário, nem você nem sua Irmandade têm a menor chance de sobreviver a esta derrota.

A madre superiora não pareceu muito impressionada.

— De quanta gente se compõe seu séquito?

— Diga-lhe que trazemos todo um exército — sussurrou Rabban para seu tio.

O barão o afastou para um lado.

— Eu e seis homens.

— Aceitamos sua solicitação de entrevista.

— Posso ir, tio? — perguntou Rabban, quando a comunicação foi cortada.

— Lembra o que disse a respeito da sutileza?

— Procurei a palavra e todas suas definições, tal como me ordenou.

— Fique aqui e pense a respeito, enquanto conferencio com a chefe das bruxas.

Rabban se afastou, irritado.

Uma hora depois, um transportador da Bene Gesserit se acoplou à fragata Harkonnen. Uma jovem de cara estreita e cabelo castanho ondulado saiu à entrada. Usava um vistoso uniforme negro.

— Sou a irmã Cristane. Vou guiá-los até a superfície. — Seus olhos cintilaram —. A madre superiora os aguarda.

O barão avançou com seis soldados armados que tinha escolhido pessoalmente. Piter De Vries falou em voz baixa, para que a bruxa não pudesse ouvir.

— Nunca subestime a Bene Gesserit, barão.

O barão grunhiu e subiu ao transportador.

— Não se preocupe, Piter. Agora as tenho a minha mercê.

## 24

*A religião é a emulação do adulto pela criança. A religião é o enraizamento das crenças passadas: a mitologia, as conjecturas, as hipóteses secretas de confiança no universo, esses manifestos que os homens têm feito em atrás do poder pessoal..., tudo misturado com retalhos de clarividência. E sempre, o mandamento definitivo não verbalizado é "Não fará perguntas!". De qualquer modo, nós as fazemos. Quebramos esse mandamento sem pensar duas vezes. O trabalho que nos propusemos é a liberação da imaginação, a sujeição da imaginação ao sentido de criatividade mais profundo da humanidade.*

*Credo da Irmandade Bene Gesserit*

Lady Margot Fenring, uma bela dama confinada em um mundo desértico, não se queixava do clima rigoroso, do calor extremo nem a falta de diversões na poeirenta cidade fortificada. Arrakeen fora construída sobre antigas salinas, o inóspito deserto se estendia para o sul e as principais elevações, incluindo a Muralha Escudo, que se elevava para o noroeste. Como se achava alguns quilômetros além da incerta fronteira dos vermes, a população nunca tinha sido atacada por um dos gigantescos vermes de areia, mas a possibilidade ainda constituía um tema de preocupação ocasional. E se algo mudasse? A vida no planeta deserto nunca era totalmente segura.

Margot pensou nas irmãs que tinham desaparecido no planeta quando trabalhavam para a Missionaria Protectiva. Haviam entrado no deserto, muito tempo atrás, seguindo as ordens da madre superiora, e ninguém havia tornado a vê-las.

Arrakeen estava imerso nos ritmos do deserto. A aridez e a importância extrema concedida à água, as ferozes tormentas que sopravam como furacões sobre um imenso mar, as lendas de perigos e sobrevivência. Neste lugar, Margot sentia uma grande serenidade e espiritualidade. Era um paraíso onde podia refletir sobre a natureza, a filosofia e a religião, longe do estéril bulício da corte imperial. Tinha tempo para fazer coisas, tempo para descobrir.

O que aquelas mulheres desaparecidas tinham descoberto?

Encontrava-se de pé em um balcão do segundo piso da residência, sob o brilho esverdeado da aurora. Uma tela filtrava o sol nascente e dotava à paisagem de um novo aspecto, deixava profundas sombras nos lugares onde os animais se ocultavam. Viu que um falcão do deserto voava para o horizonte banhado pelo sol, batia suas asas com lentidão. O amanhecer era como um óleo pintado por um dos grandes mestres, uma inundação de cores que definia os telhados da cidade e a Muralha Escudo.

Na distância, em incontáveis *sietches* ocultos na desolação rochosa, habitavam os escorregadios fremen. Tinham as respostas que ela necessitava, a informação essencial que a madre superiora Harishka lhe tinha encarregado de descobrir. Os nômades do deserto seguiam os ensinamentos da Missionaria Protetiva, ou tinham se limitado a matar as mensageiras e roubar sua água?

Atrás dela, a estufa recém terminada tinha sido fechada hermeticamente com uma eclusa pneumática que só se abria para ela. O conde Fenring, ainda adormecido em sua habitação, a ajudara a conseguir algumas das plantas mais exóticas do Império. Mas só ela podia gozar do espetáculo que proporcionavam.

Ultimamente tinha ouvido rumores sobre o sonho fremen de um Arrakis verde, típicos mitos edênicos do tipo propagado frequentemente pela Missionaria Protetiva. Podia ser uma pista das irmãs desaparecidas. Entretanto, não era estranho que um povo enfrentado um ambiente hostil desenvolvesse sonhos particulares de um paraíso, mesmo sem necessidade de as Bene Gesserit os inspirarem. Teria sido interessante comentar essas

histórias com o planetólogo Kynes, e talvez lhe perguntar quem podia ser o misterioso *Umma* dos Fremen. Não tinha nem idéia de como isso tudo estava relacionado.

O falcão do deserto elevou o vôo, aproveitando as correntes de ar quente, e planou.

Margot tomou um gole de chá de melange. O calor tranqüilizador de sua essência de especiaria encheu sua boca. Embora estivesse vivendo em Arrakis há doze anos, consumia especiaria com moderação para não transformar-se em uma viciada cuja cor de olhos se alterava. Não obstante, a melange potencializava pelas manhãs sua capacidade de perceber a beleza natural de Arrakis. Tinha ouvido dizer que a melange nunca parecia igual duas vezes, que era como a vida, mudava a cada vez que alguém a consumia...

A mudança era um conceito essencial do planeta, uma chave para a compreensão dos fremen. Arrakis sempre parecia igual, uma desolação que se estendia até o infinito. Mas o deserto era muito mais que isso. A governanta fremen de Margot tinha sugerido um dia: "Arrakis não é o que parece, minha senhora." Palavras estimulantes.

Alguns diziam que os fremen eram estranhos, desconfiados e fedorentos. Os forasteiros falavam com olho crítico e língua viperina, sem compaixão nem vontade de compreender a população nativa. Entretanto, Margot considerava muito intrigante as peculiaridades dos fremen. Queria descobrir mais sobre sua feroz independência para entender sua forma de pensar e como sobreviviam em Arrakis. Se chegasse a conhecê-los melhor, cumpriria sua missão com mais eficácia.

Poderia descobrir as respostas que necessitava.

Ao estudar os fremen que trabalhavam na mansão, Margot identificou padrões pouco discerníveis em linguagem corporal, inflexão vocal e aroma. Se os fremen tinham algo a dizer, e se pensavam que seu interlocutor merecia saber, revelavam. Do contrário se dedicavam a suas tarefas com diligência, a cabeça

baixa, e desapareciam na tapeçaria de sua sociedade como grãos de areia no deserto.

Para obter respostas, Margot tinha pensado em formular suas perguntas sem dissimulações, exigir informação sobre as irmãs desaparecidas, com a confiança de que os criados da mansão levariam seu pedido ao deserto. Mas sabia que os fremen se limitariam a desaparecer, resistentes a coações.

Possivelmente deveria expor seus pontos vulneráveis para conseguir sua confiança. A princípio, os fremen ficariam surpreendidos, e depois confusos... e possivelmente desejariam colaborar com ela.

Meu único compromisso é com a Irmandade. Sou uma Bene Gesserit leal.

Mas como se comunicar sem ficar em evidência, sem despertar suspeitas? Pensou em escrever uma nota e deixá-la em um lugar onde fosse fácil encontrá-la. Os fremen sempre estavam escutando, sempre recolhiam informação, a sua maneira furtiva.

Não, Margot teria que ser sutil, além de tratá-los com respeito. Teria que incitá-los.

Então recordou uma prática peculiar que a Outra Memória lhe trouxe de séculos atrás... ou se tratava de uma piada que lera enquanto estudava em Wallach IX? Pouco importava. Na Velha Terra, em uma sociedade apoiada na honra conhecida como Japão, existia a tradição de contratar assassinos ninja, sigilosos mas eficazes, afim de evitar problemas legais. Quando uma pessoa desejava contratar os serviços dos misteriosos assassinos, ia a um muro, ficava de cara para ele e sussurrava o nome da vítima e a soma oferecida. Embora invisíveis, os ninjas sempre escutavam, e o contrato era estabelecido.

Na residência, os fremen sempre estavam escutando.

Margot deixou cair seu cabelo loiro sobre os ombros, afrouxou o elegante vestido de seda e saiu ao vestíbulo que dava acesso a seus aposentos. Na imensa mansão, mesmo nas primeiras horas da

manhã, sempre havia gente em movimento, limpando, varrendo, dando brilho.

Margot se deteve no átrio central e ergueu a vista para o teto arqueado. Falou em voz baixa e temperada, sabendo que a arquitetura da antiga residência criava uma galeria de suspiros. Alguns a ouviriam, em diversos lugares. Não sabia quem, nem tampouco tentaria identificá-los.

— As irmãs da Bene Gesserit, às quais represento aqui, tem o maior respeito e admiração pelos costumes fremen. E eu, pessoalmente, estou interessada em seus assuntos. — Esperou a que os tênues ecos desaparecessem —. Se alguém pode me ouvir, talvez eu possua informação sobre o Lisan ao-Gaib, informação que desconhecem neste momento.

O Lisan ao-Gaib, ou Voz do Mundo Exterior, era um mito fremen relacionado com uma figura messiânica, um profeta que guardava surpreendentes paralelismos com os planos da Irmandade. Era evidente que alguma representante anterior da Missionaria Protectiva tinha introduzido a lenda como precursora da chegada do *Kwisatz Haderach* da Bene Gesserit. Tal preparativo se fora realizado em incontáveis planetas do Império. Não havia dúvida de que seus comentários despertariam o interesse dos fremen.

Viu uma sombra fugaz, um manto de cor parda.

Naquele dia, mais tarde, enquanto observava os trabalhadores fremen ocupados em suas tarefas domésticas, Margot pensou que a olhavam com uma intensidade diferente, que a analisavam em vez de desviar seus olhos azuis sobre fundo azul.

Preparou-se para esperar, com a suprema paciência de uma Bene Gesserit.

## 25

*A humilhação é algo que nunca se esquece.*

*REBEC DE GINAZ*

A próxima ilha da escola de Ginaz era os restos de um antigo vulcão, uma crosta erma cheia de água e deixada para secar ao sol tropical. O povoado instalado dentro da terrina da cratera seca parecia outra colônia penal.

Duncan se encontrava em posição de sentido sobre o campo de exercícios de pedra, junto com outros cento e dez jovens, incluído o recruta ruivo de Grumman, Hiih Resser. Dos cento e cinquenta primeiros, trinta e nove não tinham superado as provas iniciais.

Duncan tinha raspado seu cabelo encaracolado negro, e vestia o solto *gi* negro da escola. Cada estudante usava a arma que tinha levado consigo a Ginaz, e Duncan manipulava a espada do velho duque, mas aprenderia a depender sobretudo de suas habilidades e reações, não de um talismã que recordava seu lar. O jovem se sentia satisfeito, forte e disposto. Desejava iniciar seu treinamento, uma vez por todas.

Dentro do complexo da cratera, o treinador chefe dos principiantes se identificou como Jeh-Wu. Era um homem musculoso, de nariz redondo e queixo pequeno, que lhe dava a aparência de uma iguana. Seu longo cabelo escuro estava preso em tranças similares a serpentes.

— A Promessa — disse —. Em uníssono, por favor!

— A memória dos professores espadachins — entoaram Duncan e outros estudantes —, na alma, coração e mente juramos sem

condições, em nome de Jool-Noret. A honra é a essência de nosso ser.

Seguiu um momento de silêncio, enquanto pensavam no grande homem que tinha estabelecido os princípios sobre os quais se fundou Ginaz, e cujos restos sagrados ainda podiam ser vistos no alto edifício administrativo da ilha principal.

Enquanto continuavam firmes, o instrutor foi passando de fila em fila, examinando os candidatos. Jeh-Wu adiantou a cabeça e deteve-se diante de Duncan.

— Desembainhe sua espada. — Falava *ginazee*, e um fino colar púrpura que rodeava seu pescoço traduzia suas palavras para o *galach*.

Duncan obedeceu, e entregou a espada do velho duque com o punho a frente. As sobrancelhas de Jeh-Wu se arquearam sob a massa de tranças que pendiam como nuvens de tormenta sobre sua cabeça.

— Lâmina excelente. Maravilhosa metalurgia. Damacero puro.

Flexionou a folha com perícia, dobrou-a para trás e a soltou, de modo que voltou para sua posição primitiva com uma vibração semelhante a de um diapasão golpeado.

— Diz-se que cada folha de damacero recém forjada é temperada no corpo de um escravo. — Jeh-Wu fez uma pausa. Suas tranças pareciam serpentes dispostas a atacar —. É idiota o bastante para acreditar em idiotices como essa, Idaho?

— Isso depende de se é verdade ou não, senhor.

O professor lhe dedicou por fim um leve sorriso, mas não respondeu a Duncan.

— Percebi que esta é a espada do duque Paulus Atreides, não é assim? — Entreabriu os olhos e falou com voz mais afetuosa —. Procure ser digno dela.

Deslizou-a na bainha de Duncan.

— Aprenderá a lutar com outras armas, até que esteja preparado para esta. Vá ao armeiro e escolha uma espada pesada, e depois vista uma armadura de corpo inteiro, uso medieval. — O sorriso de Jeh-Wu pareceu mais sinistro em seu rosto de iguana —. Precisaré dela para a lição desta tarde. Vou praticar com você.

No campo de pedra-pome e cascalho da cratera, rodeado de imponentes penhascos, Duncan Idaho avançou penosamente com sua armadura de corpo inteiro. A cota entorpecia sua visão periférica e o obrigava a olhar para frente pela ranhura. O metal se grudava a seu corpo, e experimentava a sensação de que pesar centenas de quilos. Sobre sua cota de malha usava ombreiras, garganta, peitilho, perneiras, couraça e faldar. Carregava uma enorme espada, que devia segurar com ambas as mãos.

— Pare aí. — Jeh-Wu apontou uma zona de cascalho calcado —. Pense em como vai lutar com esse adorno. Não é tarefa simples.

Ao fim de pouco tempo, o sol da ilha transformou sua armadura em um forno claustrofóbico. Duncan, que já suava, esforçou-se para atravessar o terreno irregular. Mal podia flexionar braços e pernas.

Nenhum de outros estudantes exibiam armaduras similares, mas Duncan não se sentia afortunado.

— Preferiria usar um escudo pessoal — disse, com a voz afogada pelo casco ressonante.

— Levante sua arma — ordenou o professor.

Duncan, como um prisioneiro encadeado, ergueu desajeitadamente a espada. Com esforço, conseguiu rodear as rígidas manoplas ao redor do pomo.

— Lembre-se, Duncan Idaho, que usa a melhor armadura... Em teoria, a vantagem mais importante. Agora, defenda-se.

Ouviu um grito vindo de um ponto além de seu limitado campo de visão, e de repente se viu rodeado por outros estudantes. Golpeavam-no com espadas convencionais que ressoavam contra a

chapa de aço. Soava como uma chuva de granizo brutal sobre um fino telhado metálico.

Duncan se virou e atacou com sua espada, mas se moveu com excessiva lentidão. O pomo de uma espada se chocou contra seu casco, e seus ouvidos zumbiram. Embora desse outra meia volta, mal podia ver seus competidores através da ranhura do casco, e se esquivaram com facilidade de suas cutiladas. Outra folha golpeou sua ombreira. Caiu de joelhos e lutou por levantar-se.

— Defenda-se, Idaho — disse Jeh-Wu, ao mesmo tempo que arqueava as sobrancelhas em sinal de impaciência —. Não fique parado aí.

Duncan não queria fazer mal a outros estudantes com sua enorme espada, mas nenhum de suas cutiladas alcançaram seu objetivo. Os estudantes carregaram de novo sobre ele. O suor cobria sua pele e pontos negros dançavam ante seus olhos. A atmosfera dentro do casco era asfixiante.

Posso lutar melhor!

Duncan respondeu com mais energia, e os estudantes esquivaram suas cutiladas e golpes laterais, mas a pesada armadura o impedia de mover-se com liberdade. O rugido de sua respiração e o batimento do seu coração soavam ensurdecedores em seus ouvidos.

O ataque prosseguiu, até que por fim ele caiu sobre o cascalho. O professor se adiantou e lhe tirou o pesado elmo. Duncan piscou devido ao sol cegante. Ofegou e sacudiu a cabeça, de forma que gotas de suor saíram projetadas no ar. A pesada armadura lhe esmagava contra o chão como o pé de um gigante.

Jeh-Wu se ergueu sobre ele.

— Tinha a melhor armadura de todos, Duncan Idaho. Também tinha a espada maior. — O professor contemplou sua forma indefesa e esperou que refletisse —. Entretanto fracassou completamente. Importa-se de explicar por que?

Duncan permaneceu em silêncio. Não aduziu desculpas pela vergonha e os abusos que tinha sofrido durante o exercício. Estava claro que um homem devia suportar e superar muitas penalidades durante a vida. Aceitaria a adversidade e a utilizaria para amadurecer. A vida nem sempre era bela.

Jeh-Wu se virou para os outros estudantes.

— Digam-me que lição aprenderam.

Um estudante baixo e de pele escura, vindo do planeta artificial do-Dhanab, ladrou:

— Defesas perfeitas nem sempre significam vantagem. A proteção absoluta pode transformar-se em um obstáculo, porque limita em outros aspectos.

— Muito bem. — Jeh-Wu passou um dedo por uma cicatriz em seu queixo —. Alguém mais?

— A liberdade de movimentos é melhor defesa que uma armadura — disse Hiih Resser —. O falcão está mais a salvo de ataques que uma tartaruga.

Duncan se obrigou a levantar-se, e embainhou a pesada espada com irritação. Sua voz soou rouca.

— E a arma maior nem sempre é a mais mortífera.

O professor olhou para ele, com as tranças caindo ao redor de seu rosto, e lhe deu um sorriso sincero.

— Excelente, Idaho. É possível que consiga aprender algo aqui.

## 26

*Aprenda a reconhecer o futuro da mesma forma que um Timoneiro identifica as estrelas que o guiam e corrija o curso da sua nave. Aprenda com o passado, nunca o utilize como uma âncora.*

*Sigam Visee, Instrutor chefe.  
Escola de Navegantes da Corporação.*

Sob as grutas da cidade de IX, túneis subterrâneos estavam iluminados de vermelho e laranja. Gerações antes, os arquitetos ixianos tinham perfurado poços no manto fundido do planeta, que faziam as vezes de bocas famintas para os refugos industriais. O ar sufocante cheirava a produtos químicos acres e a sulfureto.

Os operários suboides suavam durante seus turnos de doze horas junto aos transportadores automáticos que lançavam refugos nas fogueiras de enxofre. Guardas tleilaxu vigiavam, suados, aborrecidos e distraídos. Operários de rosto inexpressivo se encarregavam dos transportadores, resgatavam objetos valiosos, reluzentes fragmentos de metal precioso, cabos e componentes das fábricas desmontadas.

No trabalho, C'tair roubava o que podia.

O jovem, que passava despercebido em sua fileira, conseguiu apoderar-se de vários cristais valiosos, diminutas fontes de energia, e inclusive um filtro microsensível. Depois do ataque dos Sardaukar contra os lutadores pela liberdade, ocorrido dois meses antes, já não contava com uma rede que lhe proporcionasse os produtos tecnológicos que necessitava. Liberava sozinho sua batalha, mas se negava a reconhecer a derrota.

Durante dois meses tinha vivido em um estado paranóico. Embora ainda mantivesse contatos periféricos nas grutas do porto de entrada e das docas de processamento de recursos, todos os rebeldes que C'tair conhecia, todos os contrabandistas com que tinha tratado, tinham sido assassinados.

Passava o mais despercebido que podia, evitava seus esconderijos anteriores, temeroso de que algum dos rebeldes capturados e interrogados tivesse dado pistas sobre sua identidade. Como até seu contato com Miral Alechem estava quebrado, vivia em absoluta clandestinidade e trabalhava em uma equipe destinada aos poços onde se lançavam os refugos.

A seu lado, um dos operários estava muito nervoso, olhava ao redor uma e outra vez. O homem percebia inteligência em C'tair, embora o jovem de cabelo escuro procurasse evitá-lo. Não estabelecia contato visual, não tentava conversar, embora estivesse claro que seu colega de trabalho assim desejasse. C'tair suspeitava que o homem era outro refugiado, que fingia ser menos do que na realidade era. Mas. C'tair não podia confiar em ninguém.

Insistia em seu porte inexpressivo. Um colega de trabalho curioso podia ser perigoso, talvez um Dançarino Facial. Talvez C'tair precisasse fugir se alguém se aproximasse muito. Os tleilaxu tinham acabado sistematicamente tanto com a classe média ixiana como com os nobres, e não descansariam até ter esmagado o pó que pisavam em suas botas.

Acompanhados de um Amo, guardas uniformizados se aproximaram uma tarde na metade de um turno. C'tair, com o cabelo murcho pendendo sobre seus olhos cansados, estava empapado de suor. Seu colega de trabalho ficou rígido, e depois se concentrou na tarefa que estava executando.

C'tair se sentia resfriado e doente. Se os tleilaxu tinham vindo por ele, se sabiam quem era, o torturariam durante dias antes de executá-lo. Esticou os músculos, preparado para lutar. Talvez pudesse jogar vários deles no poço de magma antes que o matassem.

Entretanto, os guardas se dirigiram ao homem nervoso que C'tair tinha ao lado. O Amo tleilaxu que os guiava se esfregou seus dedos esqueléticos e sorriu. Tinha um nariz largo e queixo estreito. Sua pele cinzenta parecia carente de toda vida.

— Você, cidadão... suboide, ou o que for. Descobrimos sua verdadeira identidade.

O homem levantou a vista, olhou para C'tair como se lhe suplicasse ajuda, mas o jovem esquivou seu olhar.

— Não adiante disfarçar — continuou o Amo tleilaxu com voz untuosa —. Descobrimos seus documentos. Sabemos que é um contador, um daqueles que guardava inventários dos produtos de fabricação ixiana.

O guarda apoiou uma mão no ombro do operário, que se remexeu, tomado pelo pânico. Abandonou todo fingimento.

O Amo tleilaxu se aproximou do desgraçado, mais paternal que ameaçador.

— Julga-nos mau, cidadão. investimos muitos esforços para localizá-lo, porque necessitamos de seus serviços. Os Bene Tleilax, seus novos senhores, precisam de trabalhadores inteligentes que nos ajudem na sede de nosso governo. Precisamos de alguém com seus conhecimentos matemáticos.

O Amo indicou com um gesto a câmara tórrida e fedorenta. O transportador automático continuava funcionando, lançando rochas e fragmentos retorcidos de metal no poço chamejante.

— Este trabalho é indigno do seu talento. Venha conosco, lhe daremos uma tarefa muito mais interessante e valiosa.

O homem assentiu com um ténue sorriso de esperança.

— Sou um bom contador. Poderia ajudar. Poderia ser muito valioso. Devem dirigir isto como se fora um negócio.

C'tair quis pronunciar uma advertência. Como o homem podia ser tão estúpido? Se tinha sobrevivido doze anos sob a opressão tleilaxu, como não percebia que tudo era um truque?

— Vamos, vamos — disse o Amo —. Faremos uma reunião do conselho, e poderá expor suas idéias.

O guarda olhou fixamente para C'tair, e o coração do ixiano deu um salto.

— Está interessado no que estamos falando, cidadão?

C'tair fez um esforço para manter o rosto inexpressivo, para que seus olhos não aparentassem temor, para que sua voz não se alterasse.

— Agora terei mais trabalho.

Olhou para a linha de montagem.

— Então trabalhe mais.

O guarda e o Amo tleilaxu levaram seu cativo. C'tair se reintegrou a sua tarefa. Vigiou os refugos, examinou cada objeto antes que caísse no longo poço.

Dois dias depois, C'tair e sua equipe receberam a ordem de se concentrar no chão da gruta principal para presenciar a execução de um contador “espião”.

Quando topou com Miral Alechem durante sua monótona rotina diária, C'tair dissimulou sua surpresa.

Tinha mudado de trabalho uma vez mais, nervoso pela detenção do contador. Nunca utilizava o mesmo cartão de identificação mais de dois dias seguidos. Passava de uma tarefa a outra, atraía poucos olhares de curiosidade, mas os operários ixianos sabiam que não deviam fazer perguntas. Qualquer desconhecido podia ser um Dançarino Facial infiltrado nas equipes de trabalho, afim de descobrir sinais de descontentamento ou planos secretos de sabotagem.

C'tair devia ter paciência e fazer novos planos. Freqüentava diferentes centros de alimentação, fazia longas filas para receber a comida distribuída aos operários.

Os tleilaxu tinham posto em funcionamento sua tecnologia biológica, e criavam comida irreconhecível em tanques ocultos. Cultivavam hortaliças e raízes ao dividir as células, de maneira que as plantas só produziam tumores disformes de material comestível. Comer se transformou em um processo, não mais uma atividade agradável, apenas mais uma tarefa rotineira.

C'tair recordava os momentos passados no Grande Palácio com seu pai, o embaixador em Kaitain, e sua mãe, uma importante representante dos Bancos da Corporação. Tinham saboreado manjares deliciosos de outros planetas, os mais saborosos aperitivos e saladas, os melhores vinhos importados. Tais lembranças agora lhe pareciam fantasias. Não conseguia recordar o sabor de nenhum daqueles pratos.

Atrasou-se até o final da fila para não ter que suportar a pressa dos outros trabalhadores. Quando recebeu seu prato da garçonete, reparou nos grandes olhos escuros, o cabelo cortado descuidadamente, e o rosto estreito mas atraente de Miral Alechem.

Seus olhares se encontraram, reconheceram-se, mas ambos sabiam que não deviam falar. C'tair olhou para as mesas e Miral levantou sua colher.

— Sente-se nessa, operário. Acaba de ficar livre.

C'tair, sem hesitar, sentou-se no lugar indicado e começou a comer. Concentrou-se no prato, e mastigou lentamente para conceder à moça todo o tempo que necessitasse.

Ao fim de pouco tempo, a fila terminou e o turno de comer finalizou. Miral se aproximou por fim com sua bandeja. Sentou-se, contemplou sua terrina e começou a comer. Embora C'tair não olhasse para ela, logo começaram a murmurar, movendo os lábios o menos possível.

— Trabalho nesta linha de distribuição de comida — disse Miral —. Tive medo de mudar de trabalho e chamar a atenção.

— Tenho montes de cartões de identificação — disse C'tair. Nunca lhe havia dito seu nome verdadeiro, e não pensava em mudar de tática.

— Só restamos nós dois — disse Miral —. De todo o grupo.

— Haverá mais. Ainda tenho alguns contatos. No momento trabalho sozinho.

— Não se pode obter grandes coisas dessa maneira.

— Menos se pode conseguir se estiver morto. — Como ela sorveu sua comida e não respondeu, C'tair continuou —. Lutei sozinho durante doze anos.

— E não consegui grande coisa.

— Nunca será suficiente até que os tleilaxu abandonem IX e nosso povo o tenha recuperado. — Apertou os lábios, temeroso de ter falado com excessiva veemência. Comeu com lentidão de sua terrina —. Nunca me contou no que estava trabalhando, aqueles produtos tecnológicos que roubava. Tem um plano?

Miral olhou fugazmente para ele.

— Estou fabricando um aparelho detector. Tenho que descobrir o que os tleilaxu estão fazendo naquele pavilhão de pesquisa tão vigiado.

— Está protegido por exploratórios — murmurou C'tair —. Já tentei.

— Por isso necessito de um novo aparelho. Acredito que... acredito que essa instalação é o verdadeiro motivo da invasão.

C'tair se mostrou surpreso.

— O que quer dizer?

— Você percebeu que os experimentos dos tleilaxu entraram em uma nova fase? Algo muito misterioso e desagradável está ocorrendo.

C'tair ficou paralisado, com a colher na metade de caminho da boca. Olhou-a, e depois contemplou a terrina quase vazia. Era

preciso que comesse mais devagar se queria acabar aquela conversa sem que ninguém percebesse.

— Nossas mulheres estão desaparecendo — disse Miral, com uma leve ira em sua voz —. Mulheres jovens, férteis e sãs. Vi que desapareciam das listas de trabalhadores.

C'tair não permaneceu em nenhum lugar por tempo suficiente para reparar nesses detalhes.

— Eles as sequestram para os haréns *tleilaxu*? Por que levam mulheres *ixianas* “impuras”?

Em teoria, nenhum forasteiro tinha visto as fêmeas *tleilaxu*. Tinha ouvido dizer que os Bene *Tleilax* guardavam suas mulheres com verdadeiro fanatismo, protegiam-nas da contaminação e das perversões do Império. Possivelmente as ocultavam porque eram tão repelentes como os homens..

Podia ser uma coincidência que todas as mulheres desaparecidas fossem saudáveis e em idade de parir? Essas mulheres dariam estupendas concubinas... mas os mesquinhos *tleilaxu* não pareciam propensos a permitir-se prazeres sexuais extravagantes.

— Acredito que a resposta está relacionada com o que ocorre nesse pavilhão — sugeriu Miral.

C'tair deixou sua colher sobre a mesa. Só restava um último bocado na terrina.

— Só sei que os invasores chegaram com um terrível propósito, não só para apoderar-se de nossas instalações e conquistar o planeta. Suas intenções são outras. Se só desejassem IX para aproveitar-se de seus recursos, não teriam desmantelado tantas fábricas. Não teriam interrompido a produção dos Cruzeiros de última geração, *meks* de combate autônomos e outros produtos que fizeram a fortuna da Casa Vernius.

A jovem assentiu.

— Concordo. Seus propósitos são outros, e estão fazendo isso atrás de escudos protetores e portas fechadas. Possivelmente eu

descubra o que se trata. — Miral terminou de comer e se levantou —. Se conseguir, eu o informarei.

Quando partiu, C'tair sentiu um hálito de esperança pela primeira vez em meses. Ao menos não era o único que lutava contra os tleilaxu. Se outra pessoa estava implicada no esforço, outros estariam formando focos de resistência. Mas fazia meses que não chegavam notícias semelhantes a seus ouvidos.

Suas esperanças desapareceram. Não podia suportar a idéia de aguardar a oportunidade decisiva dia após dia, semana após semana. Talvez tivesse sido muito tímido em suas colocações. Sim, precisava mudar de tática e entrar em contato com alguém do exterior para solicitar ajuda. Teria que ir a forças de outro planeta, por mais perigoso que fosse. Precisava procurar aliados poderosos que o ajudassem a vencer os tleilaxu.

E sabia de alguém que perdia muito mais que ele.

## 27

*O desconhecido nos rodeia em qualquer momento. É aí onde procuramos o conhecimento.*

*Madre superiora Raquella Berto-Anirul  
Oratória contra o medo*

Lady Anirul Corrino esperava junto com uma delegação da corte de Shaddam no trabalhado pórtico do palácio imperial. Cada pessoa estava vestida com extravagante elegância, algumas de uma forma ridícula, enquanto aguardavam a chegada de outro dignatário. Era a rotina diária, mas este convidado era diferente.

O conde Hasimir Fenring sempre fora perigoso.

Lady Anirul entreabriu os olhos para protegê-los do sol da manhã de Kaitain. Sempre imaculada, olhou para os colibri adestrados que sobrevoavam as flores. De sua órbita, os satélites de controle do clima manipulavam a circulação das massas de ar frio e quente para manter uma temperatura ótima ao redor de palácio. Anirul sentiu o delicado beijo de uma brisa cálida sobre as bochechas, o detalhe definitivo em um dia perfeito.

Perfeito... se não fosse pela chegada do conde Fenring. Embora tivesse se casado com uma Bene Gesserit tão ardilosa como ele, Fenring ainda provocava calafrios em Anirul: uma inquietante aura de derramamento de sangue o rodeava. Como mãe Kwisatz, Anirul conhecia até o último detalhe do programa de reprodução da Bene Gesserit, sabia que este homem tinha sido engendrado como Kwisatz potencial, mas saiu deficiente e era um beco biológico sem saída.

Não obstante, Fenring possuía uma mente extraordinariamente aguçada e ambições perigosas. Embora passasse a maior parte de seu tempo em Arrakis, como ministro imperial da especiaria, tinha dominado seu amigo de infância, Shaddam. Anirul detestava esta influência, que nem sequer ela, a esposa do imperador, possuía.

Uma limusine aberta, puxada por dois leões dourados de Harmonthep, aproximou-se pomposamente das portas do palácio. Os guardas a deixaram entrar, e a limusine seguiu o caminho circular entre um estrépito de rodas e enormes patas douradas. Os lacaios se adiantaram para abrir a porta esmaltada do veículo. Anirul esperou com seu cortejo, sorridente como uma estátua.

Fenring desceu. Vestira-se para a recepção com uma levita negra e cartola, bandagem púrpura e dourada, e os chamativos distintivos de sua patente, Como o imperador admirava os adornos suntuosos, o conde se divertia em seguir a corrente.

Tirou o chapéu, fez uma reverência e depois a olhou com seus grandes e brilhantes olhos.

— Minha senhora Anirul, é um prazer vê-la, *hummm?*

— Conde Fenring — disse a mulher com uma breve inclinação de cabeça e um sorriso radiante —. Bem-vindo de novo a Kaitain.

Sem mais palavras nem dissimulações de cortesia, Fenring colocou o chapéu em sua cabeça disforme e pôs-se a andar, pois ia ser recebido em audiência pelo Imperador. Seguiu a distância, flanqueada por outros membros presunçosos da corte.

O acesso de Fenring a Shaddam era direto, e Anirul tinha consciência de que lhe importava muito pouco que o detestasse. Tampouco se perguntava por que formara essa opinião. Desconhecia seu fracasso no plano de reprodução, assim como o potencial que tinha perdido.

Em conivência com a irmã Margot Rashino-Zea, com quem mais tarde se casou, Fenring tinha colaborado em arrumar o matrimônio de Shaddam com uma Bene Gesserit de Patente Oculta, a própria *lady* Anirul. Naquela época, o novo Imperador necessitava de uma

sutil mas poderosa aliança durante a insegura transição posterior à morte de Elrood.

Shaddam não conhecia sua precária posição, nem sequer agora. A explosão de cólera com Grumman era uma manifestação do desassossego que crescia no império, assim como os constantes gestos de desafio, vandalismo e desfiguração dos monumentos dedicados aos Corrino. O povo já não o temia nem respeitava.

Preocupava a Anirul que o imperador pensasse que já não necessitava da influência da Bene Gesserit, e em estranhas ocasiões consultava à anciã Reveladora da Verdade, a reverenda madre Lobia. Além disso, cada vez estava mais irritado com o Anirul por não dar a luz filhos varões, ignorante de que ela obedecia as ordens secretas da Irmandade.

Os impérios se erguem e caem, pensou Anirul, mas a Bene Gesserit permanece.

Enquanto seguia Fenring, viu que andava com passo atlético para o salão do trono do seu marido. Nem Shaddam nem Fenring compreendiam todas as sutilezas e atividades que ocorriam entre bastidores, as quais influenciavam o Império. A Bene Gesserit se destacava na parcela da história, onde o brilho e a pompa das cerimônias careciam de importância. Comparados com a madre Kwisatz Anirul, tanto o imperador Padishah como Hasimir Fenring eram meros aprendizes, e nem sequer sabiam.

Sorriu para si mesma e compartilhou sua diversão com as irmãs na Outra Memória, suas companheiras constantes de milhares de vidas passadas. O milenar programa de reprodução culminaria logo com o nascimento de um Bene Gesserit varão de poderes extraordinários. Ocorreria dentro de duas gerações... se todos os planos funcionassem.

Em Kaitain, enquanto representava seu papel de devota esposa do Imperador, Anirul puxava os fios e controlava todos os esforços. Dava ordens a Mohiam em Wallach IX, que treinava com sua filha secreta, gerada com o barão Harkonnen. Vigia as outras irmãs

enquanto teciam planos para pôr Jessica em contato com a Casa Atreides.

Fenring se movia com ar confiante, pois se orientava no palácio imperial, do tamanho de uma cidade, melhor que qualquer homem, melhor ainda que o próprio imperador Shaddam. Cruzou uma magnífica entrada de lajes incrustadas de jóias e entrou na Câmara de Audiências imperial. A imensa sala guardava alguns tesouros artísticos, de valor incalculável, procedentes de um milhão de planetas, mas já os tinha visto todos. Sem olhar para trás, lançou seu chapéu para um laçao e continuou para o trono. Um longo passeio.

Anirul se ajoelhou junto a uma das grossas colunas de sustentação. Os cortesãos revoavam com porte vaidoso, entravam em gabinetes de conversas privados. Rodeou estátuas de valor incalculável enquanto se dirigia para um gabinete que gozava de uma acústica excelente, e que estava acostumado a utilizar para escutar sem que a vissem.

O imperador Padishah Shaddam IV, octagésimo primeiro Corrino que governava o Império, estava sentado no Trono do Leão Dourado, de um tom verde-azulado e translúcido. Vestia capas de vestimentas militares, carregadas de medalhas, insígnias e cintas. Afligido pelos adornos da patente, mal podia se mover.

Sua velha Reveladora da Verdade, Lobia, estava em um gabinete situado a um lado do trono de cristal. Lobia era o terceiro apoio do trípode de assessores de Shaddam, que incluía o erudito *chambelán* da corte, Ridondo, e Hasimir Fenring (apesar, da divulgada deportação do conde, o imperador poucas vezes o consultava em público).

Shaddam se negou a reparar na presença da sua esposa. As quinze irmãs Bene Gesserit residentes no palácio eram como sombras silenciosas entre as habitações. Como ele queria. Sua lealdade a Shaddam era indisputável, sobretudo depois de seu matrimônio com Anirul. Algumas eram damas de companhia, e

outras cuidavam das filhas reais, Irulan, Chalice e Wensicia, das quais um dia seriam professoras.

O Observador Imperial, tão parecido com um furão, seguiu o tapete vermelho, e depois subiu os longos e baixos degraus do estrado até a base do trono. Shaddam se inclinou quando Fenring se deteve, fez uma profunda reverência e olhou para ele com um sorriso.

Nem sequer Anirul sabia por que o conde tinha vindo com tanta pressa de Arrakis.

Mas o imperador não parecia satisfeito.

— Por ser meu servo, Hasimir, espero que me mantenha informado dos acontecimentos que acontecem em seus domínios. Seu último relatório está incompleto.

— *Hummm*, desculpe-me se Sua Alteza considera que omiti algo importante. — Fenring falava com rapidez, enquanto sua mente repassava as possibilidades e tentava adivinhar o motivo da ira de Shaddam —. Não desejo importuná-lo com trivialidades que eu mesmo posso resolver. — Seus olhos se mexeram de um lado para outro, calculadores —. *Ah*, o que o preocupa, senhor?

— Soube que os Harkonnen estão sofrendo grandes perdas de homens e equipamentos em Arrakis graças a atividades guerrilheiras. A produção de especiaria começou a cair de novo, e fui incomodado com numerosas queixas da Corporação Espacial. Quanto disto é verdade?

— *Hummm*, meu imperador, os Harkonnen choramingam demais. Talvez se trate de uma manobra para subir o preço da melange no mercado livre, ou para justificar uma solicitação de redução das tarifas alfandegárias imperiais. Como o barão explicou?

— Não pude perguntar a ele — disse Shaddam, acionando sua armadilha —. Conforme os informe de um Cruzeiro que acaba de chegar, foi para Wallach IX com uma fragata armada até os dentes. O que está acontecendo?

Alarmado, Fenring arqueou as sobrancelhas e esfregou seu nariz comprido.

— A Escola Materna da Bene Gesserit? Eu, *hummm*, não sabia. O barão não parece ser daqueles que se consultam com a Irmandade.

Anirul, igualmente estupefata, inclinou-se para frente em seu posto de escuta. Para que o barão Harkonnen teria ido a Wallach IX? Para procurar conselho não, certamente, porque jamais tinha ocultado seu desagrado com a Irmandade, depois de que o obrigaram a proporcionar uma filha sã para o programa de reprodução. Para que levaria uma nave militar? Acalmou seu pulso acelerado. Não parecia uma boa notícia.

O imperador soprou.

— Não é muito bom Observador, não é, Hasimir? Por que houve uma extravagante desfiguração de minha mais cara estátua de Arsunt? Isso está em seu pátio traseiro.

Fenring piscou.

— Não fui informado de nenhum vandalismo em Arsunt, senhor. Quando ocorreu?

— Alguém tomou a liberdade de acrescentar genitálias, anatomicamente corretas, a minha efígie, mas como o culpado inseriu um órgão muito pequeno, ninguém o viu até recentemente.

Fenring custou a reprimir a risada.

— Isso é muito, *hummm*, lamentável, senhor.

— Não me parece divertido, sobretudo somado a outros ultrajes e insultos. Faz anos que isto acontece. Quem é o culpado?

De repente, Shaddam se levantou do trono e passou uma mão pelo peitilho do uniforme, agitando as medalhas e insígnias.

— Venha até meu estúdio privado, Hasimir. Temos que falar disto com mais detalhe.

Quando ergueu a cabeça num gesto de altivez imperial, Fenring reagiu com excessiva suavidade. Anirul se deu conta de que,

embora as afrontas que Shaddam tinha mencionado eram muito reais, a discussão fora uma mera manobra para convocar o conde por outros motivos. Algo de que não queriam falar diante dos outros.

Os homens são muito desajeitados quando tentam ocultar segredos.

Embora teria considerado aqueles segredos bastante interessantes, Anirul estava mais preocupada e alarmada com intenções do barão em Wallach IX. A Reveladora da Verdade e ela, em lados opostos do trono imperial, comunicaram-se através de gestos discretos.

Enviaria-se uma mensagem à Escola Materna imediatamente. A ardilosa Harishka gozaria de oportunidades suficientes para preparar uma resposta apropriada.

## 28

*O pensamento, e os métodos de comunicar os pensamentos, criam indevidamente um sistema repleto de ilusões.*

*Doutrina zensunni*

Enquanto a arrogante bruxa Cristane guiava o barão Harkonnen pelo labirinto de corredores invadidos por sombras, sua bengala ressoava como disparos sobre o frio chão de ladrilhos. Com os seis guardas atrás dele, avançava coxeando, tentando não se atrasar.

— Sua madre superiora não tem outra alternativa senão escutar — disse o barão com voz estridente —. Se não consigo a cura necessária, o imperador saberá dos crimes da Irmandade!

Cristane o ignorou. Agitou seu curto cabelo castanho sem olhar para trás.

Fazia uma noite úmida em Wallach IX, e só a brisa fria rompia o silêncio do exterior. Globos amarelos iluminavam os corredores do complexo de edifícios que formavam a escola. Só as sombras se moviam. O barão teve a impressão de entrar em uma tumba, coisa que seria se algum dia apresentasse a denúncia ao Landsraad. Quebrar a Grande Convenção era o delito mais grave que as bruxas podiam cometer. Tinha todas as cartas em sua mão.

Cristane, banhada pela luz tremula dos globos, mal sintonizados, guiou-os até que pareceu perder-se de vista. A jovem olhou para trás, mas não o esperou. Quando um dos guardas tentou ajudar o barão, este afastou o braço e continuou caminhando como podia. Um calafrio percorreu sua espinha dorsal, como se alguém tivesse sussurrado uma maldição em seu ouvido.

A Bene Gesserit contava com habilidades secretas, e devia haver montes de Irmãs naquele antro. E se a madre superiora ignorasse suas acusações? E se a velha bruxa pensava que estava blefando? Nem sequer seus soldados armados poderiam evitar que as bruxas o matassem em seu próprio ninho se decidissem atacar.

Mas o barão sabia que não ousariam agir contra ele.

Onde se esconderam todas as bruxas? Sorriu. Devem estar com medo.

O barão repassou as exigências que apresentaria, três simples concessões e não apresentaria reclamação ao Landsraad: uma cura para sua enfermidade, a entrega de Gaius Helen Mohiam intacta e preparada para humilhações sem conta... e a devolução das duas filhas que lhe tinham obrigado a gerar. O barão sentia curiosidade pelo papel que seus brotos desempenhavam nos planos das bruxas, mas supunha que poderia retirar essa exigência caso necessário. Na realidade, não desejava um par de crianças, mas lhe proporcionavam espaço para negociar.

A irmã Cristane continuou caminhando, enquanto os guardas se atrasavam para não deixar o barão para trás. Dobrou uma esquina e se perdeu nas sombras. Os globos luminosos pareciam muito amarelos, muitos cheios de estática. Começaram a lhe dar dor de cabeça, e não via com clareza.

Quando o séquito do barão dobrou a esquina, só viram um corredor vazio. Cristane tinha desaparecido.

Os frios muros de pedra devolveram os ecos dos passos desconcertados dos soldados. Uma brisa débil, como um fôlego cadavérico, reverberou e se filtrou entre as roupas do barão. Ele estremeceu. Ouviu um ténue suspiro, como pés de roedor, mas não captou nenhum movimento.

— Vá ver o que há mais a frente, e depressa! — Afundou o cotovelo no flanco do chefe —. Para onde ela foi?

Um dos guardas empunhou o rifle laser e correu pelo corredor iluminado por globos. Momentos depois se ouviram seus gritos.

— Aqui não há nada, meu barão. — Sua voz possuía uma qualidade sobrenatural e oca, como se o lugar absorvesse o som e a luz do ar —. Não vejo ninguém.

O barão esperou, alerta. Um fio de suor frio escorria por suas costas, e entreabriu seus olhos negros como uma aranha, mais de consternação que de terror.

— Chequem todos os corredores e habitações dos arredores, e voltem a me informar. — O barão cravou a vista no corredor, decidido a não entrar mais na armadilha —. E tenham a prudência de não começar a disparar mutuamente.

Seus homens desapareceram de vista, e já não ouviram nem seus passos nem seus gritos. O lugar parecia um mausoléu. E fazia um frio de mil demônios. Refugiou-se em um oco e permaneceu em silêncio com as costas apoiadas contra a parede, preparado para proteger-se. Sacou uma pistola de dardos, checkou sua carga de agulhas envenenadas... e conteve o fôlego.

Um globo piscou sobre sua cabeça, perdeu intensidade. Hipnótico.

Um de seus homens voltou a aparecer, sem fôlego.

— Peça que venha comigo, meu senhor. Têm que ver isto.

O homem desceu um breve lance de escada e passou em frente uma biblioteca, onde os videolivros continuavam funcionando. Suas vozes sussurrantes batiam as asas no ar vazio, sem que ninguém as escutasse. Ainda haviam marcas nos almofadões das cadeiras que seus ocupantes tinham utilizado até poucos minutos antes. Todo mundo tinha desaparecido sem se importar em fechar os programas. Os alto-falantes afogados soavam como vozes fantasmagóricas.

A inquietação do barão aumentou enquanto percorria as habitações com os soldados, e depois edifício após edifício. Não encontraram ninguém, nem sequer quando seus homens utilizaram exploratórios rastreadores de vida primitivos. Onde estavam as bruxas? Em catacumbas? Para onde Cristane tinha ido?

As bochechas do barão se acenderam de ira. Como podia apresentar suas exigências à madre superiora se não a encontrava? Harishka tentava ganhar tempo? Ao evitar a confronto, havia frustrado sua vingança. Pensava que ele iria embora sem mais?

Odiava sentir-se impotente. O barão utilizou a bengala para destroçar o leitor mais próximo da biblioteca, e depois quebrou tudo que pôde encontrar. Os guardas, satisfeitos, dedicaram-se a derrubar mesas, estantes e jogar pesados volumes através das janelas acristaladas.

Uma tarefa inútil.

— Basta — ordenou, e voltou sobre seus passos.

Chegou a um amplo escritório. Letras douradas sobre a porta indicavam que era o estúdio da madre superiora. O escuro e gentil escritório estava livre de objetos, sem arquivos nem expedientes. A cadeira estava colocada em ângulo, como se a tivessem jogado para trás com brutalidade. Ainda ardia incenso em um prato de cerâmica, e projetava um tênue aroma. Atirou-o ao chão.

Malditas bruxas. O barão estremeceu. Seus homens e ele saíram da habitação.

Uma vez no exterior, desorientou-se por completo, uma estranha sensação de ter se extraviado. Nem ele nem seus guardas sabiam qual a rota correta para voltar para a lançadeira. O barão cruzou um parque e entrou em um passadiço que rodeava um edifício de estuque e madeira, em cujo interior brilhavam luzes.

No enorme salão, centenas de pratos ainda fumegantes descansavam sobre longas mesas de pranchas, com os bancos dispostos em seu lugar. Não havia ninguém na sala. Nem uma alma.

Um soldado tocou com um dedo uma parte de carne que flutuava em uma terrina de guisado.

— Não toque isso — ladrou o barão —. Pode conter veneno subdermal.

Seria um truque típico das bruxas. O soldado se afastou.

Os olhos claros do chefe do comando inspecionaram tudo ao redor. Seu uniforme estava úmido de suor.

— Estavam aqui faz apenas alguns minutos. Ainda cheira a comida.

O barão amaldiçoou e varreu a mesa com a bengala, jogando pratos, copos e comida no chão. O estrondo despertou ecos nas paredes e chão da sala. Mas não se ouviu nenhum outro som.

Seus homens utilizaram aparelhos de detecção para repassar chãos, paredes e tetos, sem o menor êxito.

— Verifiquem a calibração desses rastreadores de vida. As bruxas têm que estar aqui, malditas sejam!

Enquanto via seus homens trabalhar febrilmente, o barão soltava faíscas. Sua pele formigava. Acreditou escutar uma tênue gargalhada afogada, mas se fundiu com o silêncio sobrenatural.

— Quer que coloquemos fogo neste lugar, meu barão? — perguntou o chefe do comando, ansioso por provocar um incêndio.

O barão imaginou toda a Escola Materna em chamas, a sabedoria, história e registros de reprodução consumidos em um inferno. Talvez as bruxas de hábito negro ficassem presas no interior de seus esconderijos secretos, e seriam assadas vivas. Valeria a pena ver isso.

Mas negou com a cabeça, irritado com a resposta que se viu obrigado a dar. Até que as bruxas lhe proporcionassem a cura que com tanto desespero necessitava, o barão Harkonnen não se atreveria a atacar a Bene Gesserit.

Uma vez obtidos seus propósitos, não obstante... recuperaria o tempo perdido.

## 29

*A realidade não existe, apenas a ordem que impomos a tudo.*

*Aforismos básicos da Bene Gesserit.*

Para a Jessica era um jogo de criança, embora neste jogasse com a vida.

Centenas de irmãs, que se moviam com a rapidez de morcegos, enchiam o salão de jantar, divertidas com as reações do barão. Esquivavam-se como se estivessem brincando de tocar e parar. Algumas se agachavam debaixo das mesas. Jessica e Mohiam estavam apertadas contra a parede. Todas as mulheres tinham passado pelo programa de respiração silenciosa, e se concentravam na ilusão. Nenhuma falava.

Estavam a plena vista, mas os perplexos Harkonnen não podiam vê-las nem as perceber. O barão só via o que as Bene Gesserit queriam que visse.

A madre superiora se erguia à cabeceira da mesa, e sorria como uma colegial cometendo uma travessura. Harishka tinha seus braços sardentos cruzados sobre o peito, enquanto os perseguidores foram ficando cada vez mais nervosos.

Um soldado passou a poucos centímetros de Jessica. Movia um rastreador de vida, e quase a golpeou na cara, mas só viu falsas leituras. No quadrante do exploratório, os dados piscavam e cintilavam, enquanto o soldado passava diante de Jessica, mas não viu nada registrado nas medições. Não era fácil enganar os aparelhos... mas os homens eram diferentes.

A vida é uma ilusão, que tem que se adaptar a nossas necessidades, pensou a jovem, citando uma lição aprendida de sua

professora Mohiam. Todas as acolitas sabiam enganar a vista, o sentido humano mais vulnerável. As irmãs emitiam sons quase inaudíveis, diminuían o ritmo de seus movimentos.

Consciente de que o barão estava a ponto de chegar, a madre superiora tinha reunido às irmãs no são.

— O barão Harkonnen acredita que tem tudo sob controle — havia dito com sua voz quebradiça —. Acredita que nos intimida, mas temos que despojá-lo de sua força, conseguir que se sinta impotente.

“Também estamos ganhando tempo para refletir sobre este assunto... e para que o barão cometa erros. Os Harkonnen não são famosos por sua paciência.”

O torpe barão esteve a ponto de tropeçar com a irmã Cristane, que se afastou a tempo.

— Que demônios foi isso? — O homem virou-se ao notar o movimento do ar, um fugaz aroma de tecido —. Ouvi uma espécie de rangido, como o de um hábito.

Os guardas ergueram as armas, mas não encontraram nenhum alvo. O homem obeso estremeceu.

Jessica trocou um sorriso com sua professora. Os olhos da reverenda madre, geralmente inexpressivos, brilhavam de alegria. De sua mesa elevada, a madre superiora olhava para os homens desconcertados como um ave de rapina.

Em preparação à hipnose maciça que agora dominava o barão e a seus homens, a irmã Cristane se tornou visível para eles, afim de arrastá-los para a armadilha. Mas pouco a pouco, a guia foi tornando invisível, à medida que as irmãs se concentravam naquelas vítimas fáceis.

O barão se aproximou coxeando, com o rosto transformado em uma máscara de fúria desatada. Jessica teve a oportunidade de lhe dar uma rasteira, mas não o fez.

Mohiam se colocou a seu lado, e sussurrou algo em voz baixa e espectral.

— Eles ficarão com medo, barão.

Com um sussurro que só podia chegar aos ouvidos do homem que tanto desprezava, Mohiam criou um murmúrio quase inaudível que transformou as palavras da Lítania Contra o Medo em algo completamente diferente.

— Terão medo. O medo mata a mente. O medo é a pequena morte que provoca a destruição total. — passou ao seu redor, falou na sua nuca —. Será incapaz de enfrentar seu medo. Ele o invadirá e infectará.

O barão agitou a mão, para afugentar um inseto molesto. Parecia preocupado.

— Quando pensamos no caminho do seu medo, não fica nada de você. — A irmã Mohiam se afastou dele em silêncio —. Só a Irmandade permanecerá.

O barão ficou petrificado, com o rosto pálido e as bochechas tremulas. Seus olhos negros olharam à esquerda, onde a irmã Mohiam tinha estado só uns momentos antes. Agitou a bengala nessa direção, com tal força que perdeu o equilíbrio e caiu.

— Tirem-me daqui! — gritou para seus guardas.

Dois soldados se apressaram a pô-lo em pé. O chefe do comando os guiou até as portas principais e saiu para o corredor, enquanto outros guardas continuavam procurando alvos, movendo seus rifles laser de um lado a outro.

O barão vacilou na soleira.

— Malditas bruxas. — Olhou ao redor —. Qual o caminho de volta?

— À direita, meu senhor barão — disse com voz firme o chefe do comando.

Sem que ele soubesse, Cristane lhe sussurrava diretrizes ao ouvido, muito perto dele. Quando chegassem à lançadeira, descobririam que o piloto automático já estava conectado,

preparado para conduzir o barão através do complexo sistema de defesa até a fragata que esperava em órbita.

Derrotado, frustrado, impotente. O barão não estava acostumado a experimentar tais sensações.

— Elas não se atreveriam a me fazer mal — murmurou.

Várias irmãs riram.

Quando os Harkonnen fugiram como cães com o rabo entre as pernas, gargalhadas fantasmagóricas vindas do salão os seguiram.

# 30

*O imobilismo costuma ser confundido com a paz.*

*Imperador Elrood Corrino IX*

Tessia, a nova concubina de Rhombur, passeava com ele de bom humor pelos terrenos do castelo de Caladan. Divertia-se com o fato do príncipe exilado parecer mais um menino nervoso e desajeitado que o herdeiro de uma Casa renegada. Era uma manhã ensolarada, e nuvens preguiçosas sulcavam os céus.

— É difícil reconhecê-lo, meu príncipe, quando me lisonjeia desta maneira.

Caminhavam juntos pelo caminho de uma ladeira em terraços. Era evidente que o jovem se sentia um pouco violento.

— *Er*, antes tem que me chamar de Rhombur.

A moça arqueou as sobrancelhas, e seus olhos cor sépia cintilaram.

— Suponho que por algo se começa.

Rhombur ruborizou, e continuaram passeando.

— Acho que você me seduziu, Tessia. — Arrancou uma margarida e a ofereceu —. Como sou filho de um grande duque, não deveria permitir isso, não é verdade?

Tessia aceitou o presente e guiou a flor a frente do seu rosto singelo mas de expressão inteligente. Devolveu-lhe as pétalas.

— Imagino que viver no exílio tem suas vantagens. Ninguém percebe se o seduziram, não é? — Assinalou-lhe um dedo —. Embora o respeitaria mais se fizesse algo para remediar a desonra

que caiu sobre sua família. Ser otimista não te serviu de nada em todos estes anos, não é assim? Nem confiar em que tudo sairá bem, nem pensar que não há outro remédio que continuar se queixando sem fazer nada. As palavras não substituem os atos.

Rhombur, surpreso pelo comentário, balbuciou uma resposta.

— Mas eu, *er*, solicitei ao embaixador Pilru que apresentasse várias queixas. Meu povo oprimido não vai derrotar os invasores, à espera de minha volta? Tenho a intenção de voltar e limpar o nome de minha família... a qualquer momento.

— Se ficar sentado aqui, esperando que seu povo faça o trabalho, não merece governar esse povo. Não aprendeu nada com Leto Atreides? — Tessia cruzou os braços —. Se quer ser um conde, Rhombur, tem que seguir suas paixões. E conseguir melhores informes de seus espiões.

Rhombur se sentia muito violentado, ferido pela verdade que suas palavras revelavam, mas desorientado.

— Como, Tessia? Não tenho exército. O imperador Shaddam se nega a intervir... e também o *Landsraad*. Só me concederam uma anistia limitada quando minha família foi declarada renegada. *Er*, que mais posso fazer?

A jovem tomou-o pelo cotovelo enquanto continuavam passeando.

— Se me permitir, talvez possa te sugerir algumas possibilidades. Em Wallach IX nos ensinam muitas coisas, incluindo política, psicologia, estratégias... Não esqueça nunca que sou uma Bene Gesserit, não uma criada comum. Sou inteligente e culta, e vejo muitas coisas que você não.

Rhombur tentava recuperar seu equilíbrio mental.

— A Irmandade a preparou para isto? — perguntou, desconfiado —. Foi designada para ser minha concubina com o propósito de me ajudar a reconquistar IX?

— Não, meu príncipe. Tampouco vou fingir que a Bene Gesserit não prefere uma Casa Vernius estável de volta ao poder. Tratar com

os Bene Tleilax é muito mais difícil... e desconcertante. — Tessia passou os dedos por seu curto cabelo castanho, até que pareceu tão desalinhado como as perpétuas grenhas do príncipe —. E de minha parte, preferiria ser a concubina de um grande conde, habitante do lendário palácio de IX, que de um príncipe exilado que vive da benevolência de um duque, generoso.

Rhombur engoliu em seco, arrancou outra margarida e a cheirou.

— Eu também preferiria ser essa pessoa, Tessia.

Leto, acotovelado em um balcão do castelo, olhava para Rhombur e Tessia caminhar de mãos dadas por um campo de flores silvestres, que a brisa do oceano movia. Sentia uma profunda dor em seu coração, uma afetuosa inveja por seu amigo. Parecia que o príncipe ixiano caminhava sobre o ar, como se tivesse esquecido todos os problemas de seu torturado planeta natal.

Sentiu o perfume de Kailea a suas costas, um aroma doce e embriagador que lhe recordava os jacintos e lírios do vale, mas não a tinha ouvido aproximar-se. Olhou para ela, e se perguntou há quanto tempo estava observando-o olhar os amantes inseparáveis.

— Essa garota combina com ele — disse Kailea —. Nunca tinha apreciado muito a Bene Gesserit, mas Tessia é uma exceção.

Leto deu uma risada.

— Parece que ele está fascinado por ela. A demonstração incontrovertível do excelente treinamento para a sedução da Irmandade.

Kailea inclinou a cabeça. Usava uma diadema incrustada de jóias no cabelo, e tinha procurado aplicar o toque de maquiagem mais atraente. Leto sempre a tinha considerado bela, mas naquele momento lhe pareceu... esplendorosa.

— É necessário algo mais que prática de esgrima, desfile e tardes de pesca para fazer meu irmão feliz... ou a qualquer homem.

Kailea saiu para o balcão iluminado pelo sol, e Leto se sentiu incomodado ao perceber que estavam totalmente sozinhos.

Antes da queda de IX, quando ela era filha de uma poderosa Grande Casa, Kailea Vernius lhe parecia muito um casal perfeito. Com o tempo, se os acontecimentos se desenvolvessem com normalidade, o velho duque Paulus e Dominic Vernius talvez teriam arrumado um matrimônio.

Mas as coisas eram muito diferentes agora...

Não podia permitir-se o luxo de envolver-se com uma jovem dama de uma Casa renegada, uma pessoa que, em teoria, seria condenada a morte se alguma vez se implicasse na política imperial. Por ser de origem nobre, Kailea nunca poderia transformar-se em uma amante casual, como as moças do povoado que se estendia sob o castelo de Caladan.

Mas tampouco podia negar seus sentimentos.

E não podia um duque tomar uma concubina se o desejasse? Não seria motivo de vergonha para Kailea, sobretudo tendo em conta sua falta de perspectivas.

— Bem, Leto... o que está esperando? — aproximou-se mais dele, de modo que lhe roçou o braço com um de seus seios. Seu perfume o enjoou com uma descarga de feromonas —. É o duque. Pode conseguir tudo o que quiser.

Kailea arrastou a última palavra.

— E o que te faz pensar que desejo... algo? — Sua voz lhe soou estranhamente oca a seus ouvidos.

A jovem arqueou as sobrancelhas e lhe deu um sorriso tímido.

— A estas alturas, já está acostumado a tomar decisões difíceis, não é?

Leto vacilou. É verdade, o que estou esperando?, pensou.

Ambos se moveram ao mesmo tempo, e ele a recebeu em seus braços com um suspiro, tanto tempo contido, de alívio e paixão contida.

Desde que Leto era pequeno, recordava ter visto seu pai passar os dias ensolarados no pátio do castelo de Caladan, onde escutava pedidos, queixas e bons votos do povo. O barbudo pai de velho Paulus, grande como um urso, tinha-o chamado "o ofício de ser duque". Leto continuava a tradição.

Uma fileira de gente subia o caminho íngreme que conduzia às portas abertas, afim de participar do arcaico sistema mediante o qual o duque resolvia as disputas. Embora existissem sistemas legais eficazes em todas as grandes cidades, Leto o fazia para aproveitar a oportunidade de manter o contato com seu povo. Gostava de responder em pessoa a seus queixa e sugestões. Preferia isso aos estudos, pesquisa de opinião e informe de supostos peritos.

Sentado ao quente sol da manhã, escutava pessoa após pessoa, enquanto a fila ia avançando. Uma anciã, cujo marido se lançara ao mar em plena tormenta, para não retornar jamais, solicitou que o declarasse morto para contrair matrimônio com o irmão do marido. O jovem duque lhe disse que esperasse um mês para ambas as petições, depois do que concordaria com o pedido.

Um menino de dez anos queria dar a Leto um falcão de mar que tinha criado desde seu nascimento. A enorme ave de crista vermelha aferrava a mão, protegida por um punho de couro, do menino, e depois elevou vôo no pátio, descreveu vários círculos (para terror dos pardais que tinham feito seu ninho nos beirais) e voltou para o menino quando este assobiou...

Leto adorava concentrar sua atenção em detalhes pessoais, pois sabia que suas decisões influíam nas vidas de seus súditos. O imenso Império, que em teoria abrangia "um milhão de planetas", parecia muito abstrato, muito grande para influir em seu planeta. Mesmo assim, os sangrentos conflitos que ocorriam em outros planetas (como no caso de Ecaz e Grumman, ou a milenar animosidade entre a Casa Atreides e a Casa Harkonnen) afetavam

seus habitantes de uma forma tão pessoal como o que ocorria em Caladan.

Fazia muito tempo que Leto era um bom partido (muito bom, de fato), e outros membros do *Landsraad* desejavam forjar uma aliança com a Casa Atreides e mesclar linhagens. Seria uma das filhas de Armand Ecaz, ou outra família lhe faria uma oferta melhor? Tinha que render-se ao jogo dinástico que seu pai lhe tinha ensinado.

Fazia anos que desejava Kailea Vernius, mas sua família caíra, sua Casa tinha sido declarada renegada. Um duque da Casa Atreides jamais poderia casar-se com uma mulher semelhante. Seria um suicídio político. Em qualquer caso, isso não significava que Kailea fosse menos bela, menos desejável.

Rhombur, feliz com Tessia, tinha sugerido que Leto tomasse Kailea como concubina ducal. Para Kailea não seria vergonhoso transformar-se na amante escolhida de um duque. De fato, assentaria sua precária posição em Caladan, onde vivia graças a uma anistia provisória, sem a menor garantia...

Em seguida, um homem calvo de olhos entreabertos abriu uma cesta fedorenta. Um par de guardas se lançaram sobre ele, mas retrocederam quando extraiu um peixe podre que devia estar morto a vários dias. Um enxame de moscas zumbiam a seu redor. Quando Leto franziu o sobrecenho, perguntando-se que tipo de insulto era aquele, o pescador empalideceu, ao compreender a impressão que acabava de dar.

— Oh, não, não, meu senhor duque! Não se trata de um presente. Não, olhe... Este pescado tem pústulas. Todas as minhas presas dos mares do sul tinham pústulas. — De fato, o estômago do peixe se via insalubre e leproso —. As algas marinhas estão morrendo. Algo está acontecendo, e pensei que o senhor deveria sabê-lo.

Leto olhou para Thufir Hawat, e chamou o velho guerreiro para que utilizasse suas aptidões de *Mentat*.

— Uma florescência de plâncton, Thufir?

Hawat enrugou a testa enquanto sua mente trabalhava, e depois assentiu.

— O mais provável é que matasse as algas marinhas, que agora estão apodrecendo. Espalham a enfermidade entre os peixes.

Leto olhou para o pescador, que se apressou a tampar a cesta e escondê-la a suas costas para afastar o fedor da poltrona do duque.

— Obrigado, senhor, por chamar nossa atenção sobre isto. Teremos que queimar as ilhas de algas mortas, e talvez acrescentar substâncias nutritivas a água para restaurar o equilíbrio correto entre as algas e o plâncton.

— Perdoe o fedor, meu duque.

O pescador estava nervoso. Um dos guardas de Leto agarrou a cesta e a levou para fora, com o braço estendido para que a brisa do mar absorvesse o cheiro.

— Sem você, possivelmente teria demorado semanas para ser informado do problema. Vá com nossa gratidão.

Graças aos excelentes satélites e estações meteorológicas de Caladan, Leto costumado receber informação (mais precisa e veloz) graças as pessoas que a estes mecanismos.

A próxima mulher queria lhe dar de presente sua melhor galinha. Depois, dois homens se lançaram em uma disputa sobre os limites de seus campos de arroz pundi, e regatearam sobre o valor de um horta arrasada por uma inundação como resultado de uma represa arrebetada. Uma anciã deu a Leto um pulôver tecido a mão. Depois, um orgulhoso pai quis que Leto tocasse a testa de sua filha recém-nascida...

O ofício de ser duque.

Tessia escutava sem ser vista ao lado do salão do apartamento que compartilhava com Rhombur no castelo de Caladan, enquanto Leto e o príncipe falavam de política imperial: o vergonhoso

vandalismo que os monumentos dedicados aos Corrino sofriam, a saúde declinante do barão Harkonnen, os desagradáveis e cada vez mais graves conflitos entre o Moritani e Ecaz (face à força de pacificação Sardaukar destacada em Grumman), e os contínuos esforços dos enviados diplomáticos de Leto para insuflar um ponto de prudência na situação.

A conversa se centrou por fim nas tragédias que tinham atingido a Casa Vernius, no tempo transcorrido desde a conquista de IX. Expressar ressentimento por estes acontecimentos se transformou em uma espécie de rotina para Rhombur, embora jamais encontrasse a coragem para dar o próximo passo e reclamar o que lhe correspondia por direito. A salvo e feliz em Caladan, tinha renunciado a esperança de vingar-se... ou ao menos a tinha deixado para outro dia.

A esta altura, Tessia já estava farta.

Enquanto ainda estava na Escola Materna, tinha lido grossos informes sobre a Casa Vernius. Compartilhava com Rhombur o interesse pela história e a política tecnológica do planeta. Até conhecendo os intrincados planos da Irmandade, experimentava a sensação de que fora feita para ele, e portanto tinha a obrigação de incentivá-lo a agir. Detestava vê-lo estagnado.

Tessia, vestida com um vestido negro e amarelo longo, deixou uma bandeja chapeada com jarras de cerveja negra entre os dois homens. Falou, e sua interrupção os surpreendeu.

— Já prometi minha ajuda, Rhombur. A menos que tente fazer algo por reparar a injustiça cometida contra sua Casa, não volte a se queixar durante uma década. — Tessia ergueu o queixo arrogantemente e deu meia volta —. Por mim, não quero saber de nada mais.

Leto captou o brilho de seus olhos ardentes. Viu, estupefato, que saía da habitação com um leve farfalhar do seu vestido.

— Bem, Rhombur, esperava que uma Bene Gesserit fosse mais... discreta. Sempre é tão descarada?

Rhombur parecia surpreso. Agarrou sua cerveja e tomou um gole.

— Como Tessia conseguiu descobrir, em poucas semanas, o que eu precisava ouvir? — Um fogo iluminou seus olhos, como se a concubina tivesse lançado uma faísca sobre a lenha acumulada em seu interior durante muito tempo —. Talvez você tenha sido muito bondoso durante todos estes anos, Leto. Deu-me todas as comodidades, enquanto meu pai continua escondido, enquanto meu povo continua escravizado. — Piscou —. As coisas não vão solucionar se por si só, não é?

Leto olhou para ele longamente.

— Não, meu amigo. De maneira nenhuma.

Rhombur não podia pedir a Leto que enviasse uma força numerosa em seu nome, porque isso convidaria a uma guerra aberta entre a Casa Atreides e os Bene Tleilax. Leto já tinha arriscado tudo para impedir que isso acontecesse. Nesse momento era apenas um pedaço à deriva.

A resolução apareceu no rosto do príncipe.

— Talvez devesse fazer um gesto fundamental, voltar para meu planeta natal, embarcar em uma fragata diplomática oficial com uma escolta completa (bem, suponho que poderia alugar uma) e aterrissar no porto de entrada de IX. Reclamar meus direitos publicamente, exigir que os tleilaxu renunciem a conquista ilegal do nosso planeta. — Bufou —. O que acha que responderiam?

— Não seja idiota, Rhombur. — Leto meneou a cabeça, perguntando-se se seu amigo falava a sério ou não —. Eles o fariam prisioneiro e realizariam experimentos médicos com seu corpo. Acabaria cortado em doze partes e em uma dúzia de tanques de *axlotl*.

— Infernos vermelhos, Leto, o que posso fazer? — O príncipe, confuso e transtornado, ficou em pé —. Me perdoa? Preciso pensar.

Subiu um curto lance de escada até seu dormitório privado e fechou a porta. Leto contemplou seu amigo enquanto tomava sua

bebida, antes de voltar para seu estúdio e à montanha de documentos que esperavam sua inspeção e assinatura.

Tessia, que vigiava de um balcão elevado, desceu rapidamente a escada e abriu a porta do dormitório. Encontrou Rhombur na cama, contemplando um quadro de seus pais pendurado na parede. Kailea o pintara, quando tinha saudade dos dias no Grande Palácio. No quadro, Dominic e Shando Vernius vestiam seus ornamentos reais, o conde calvo com uniforme branco, o pescoço adornado com as hélices púrpura e vermelhas ixianas, e ela com um vestido de seda *merh* lavanda.

Tessia lhe massageou os ombros.

— Não devia tê-lo envergonhar diante do duque. Sinto muito.

Rhombur percebeu ternura e compaixão em seus olhos cor sépia.

— Por que se desculpa? Tinha razão, Tessia, embora me custe admitir. Possivelmente estou envergonhado. Teria que ter feito algo para vingar meus pais.

— Para vingar todo seu povo... e para libertá-lo. — A jovem emitiu um suspiro de exasperação —. Rhombur, meu verdadeiro príncipe, quer ser passivo, vencido e resignado... ou triunfante? Pretendo te ajudar.

Rhombur sentiu que suas mãos, surpreendentemente fortes, massageavam com perícia seus músculos duros, distendiam-nos e faziam em calor. Seu contato era como uma droga relaxante, e sentiu a tentação de dormir para esquecer seus problemas.

Meneou a cabeça.

— Rendo-me sem lutar, não é?

Os dedos da concubina desceram pela coluna vertebral até a região lombar, o qual o excitou.

— Isso não significa que não possa voltar a lutar.

Kailea Vernius, com expressão perplexa, entregou um brilhante pacote negro ao seu irmão.

— Tem nosso selo familiar, Rhombur. Um Mensageiro acaba de trazê-lo de Impregna City.

Sua irmã tinha olhos verdes e cabelo acobreado preso por pentes de concha vidro. Seu rosto tinha adquirido a exuberante beleza de uma mulher, suavizada pelos contornos da juventude. Para Rhombur ela recordava sua mãe Shando, em um tempo concubina do imperador Elrood.

O príncipe, perplexo, contemplou a hélice do pacote, mas não viu outras marcas. Tessia, vestida com roupa informal e confortável, aproximou-se de Rhombur enquanto este utilizava uma pequena faca de pesca para abrir o pacote. Franziu o sobrecenho quando tirou uma folha de papel riduliano coberta de linhas, triângulos e pontos. Conteve o fôlego.

— Parece uma mensagem codificada, um código de batalha ixiano escrito em uma chave geométrica.

Kailea umedeceu os lábios.

— Nosso pai me ensinou as complexidades dos negócios, mas nada de questões militares. Não pensei que fosse necessitar delas.

— Pode decifrá-lo, meu príncipe? — perguntou Tessia, com uma voz que fez Rhombur perguntar-se se sua concubina Bene Gesserit também possuía aptidões especiais para a tradução.

Coçou seu cabelo loiro emaranhado e pegou uma caderneta.

— *Er*, deixe-me ver. Meu professor particular me ensinou os códigos e fez praticar sem piedade, mas faz anos que nem sequer pensava neles.

Rhombur se sentou no chão com as pernas cruzadas, e começou a escrever o alfabeto *galach* em uma ordem aleatória que tinha memorizado. Traçou linhas e voltou a copiar o conjunto com mais cuidado. Quando velhas lembranças despertaram em sua mente, olhou para o papel e seu pulso se acelerou. Aquilo fora escrito por alguém com conhecimentos especiais. Mas quem?

Em seguida, Rhombur identificou uma regra e transformou uma nova folha em um quadriculado. Escreveu na parte superior o

alfabeto aleatório, com uma letra dentro de cada quadrado, e depois acrescentou uma configuração de pontos de codificação. Colocou a misteriosa mensagem ao lado de sua folha de decodificação, alinhou pontos com letras, e depois foi transcrevendo palavra a palavra.

— Infernos vermelhos!

*Príncipe Rhombur Vernius, conde legal de IX: os usurpadores teilaxu torturam ou executam nossos cidadãos por supostas infrações, e depois utilizam seus cadáveres para horríveis experimentos. Nossas mulheres jovens desaparecem. Nossas indústrias continuam controladas pelos invasores.*

*Não existe justiça em IX, só lembranças, esperanças e escravagismo. Ansiamos o dia em que a Casa Vernius possa esmagar os invasores e nos libertar. Com todo o respeito, solicitamos sua ajuda. Ajude-nos, por favor.*

A nota estava assinada por C'tair Pilru, dos Combatentes Livres de IX.

Rhombur ficou em pé e abraçou sua irmã.

— É o filho do embaixador. Lembra-se, Kailea?

A jovem, com os olhos acesos de felicidade, recordou dos dois gêmeos de cabelo escuro que tinham flertado com ela.

— Um jovem bonito. Seu irmão se transformou em Navegante da Corporação, não é?

Rhombur guardou silêncio. Durante anos tinha sabido que essas coisas aconteciam em seu planeta, mas não queria pensar nisso, com a esperança de que os problemas se solucionariam sozinhos. Como podia entrar em contato com os rebeldes de IX? Como príncipe exilado sem Casa, como podia pôr fim à tragédia? Não queria pensar em todas as possibilidades.

— Não esqueça minhas palavras — disse solenemente —. Vou fazer algo a respeito. Meu povo esperou muito.

Afastou-se de sua irmã, e seu olhar se desviou para Tessia, que o observava.

— Eu gostaria de colaborar — disse a jovem —. Você sabe.

Rhombur abraçou sua irmã e sua concubina em um grande abraço de urso. Por fim sabia qual era seu destino.

# 31

*Para aprender a respeito deste universo, é preciso concentrar-se em descobrir onde o perigo é real. A educação não pode ajudar nesta descoberta. Não é algo que se aprenda. Precisa de objetivos. Em nosso universo, consideramos que os objetivos são produtos finais, e são mortais se nos obcecarmos com eles.*

*FRIEDRE GINAZ,*

*Filosofia do professor espadachim.*

Os ornitópteros de transporte transportaram os estudantes de Ginaz em grupos, e desceram enquanto voavam em paralelo a beira de uma nova ilha, junto a escarpados de lava negra polidos por séculos de cascatas. O montículo de rocha aguçada surgia da água como um dente podre, sem vegetação, sem lugares habitados na aparência. A ilha montanhosa (carente de nome, exceto por sua designação militar), rodeada de águas profundas e traiçoeiras, achava-se no extremo leste do arquipélago.

— Olhe, outro paraíso tropical — disse Hiih Resser.

Duncan Idaho olhou por uma das pequenas janelas, apertado entre seus companheiros, e soube que aquele lugar só traria novas experiências penosas para todos.

Mas ele estava preparado.

O tóptero ganhou altitude e subiu pelo lado exposto ao vento até a boca curva de uma cratera íngreme. As chaminés ainda expeliam fumaça e cinza, e acrescentavam uma capa pesada e quente ao ar úmido. O piloto deu toda uma volta para que pudessem identificar um tóptero reluzente estacionado na borda da cratera. Sem dúvida, o pequeno aparelho seria utilizado em algum

momento do treinamento. Duncan não tinha nem idéia do que lhes estava reservado.

O tóptero se dirigiu para a base do vulcão, onde curvas proeminentes de recifes gretados e fogueiras fumegantes formavam seu acampamento. Tendas coloridas salpicavam as superfícies planas da rocha de lava, e rodeavam um recinto maior. Nem a menor comodidade. Quando aterrissaram, muitos estudantes se precipitaram para escolher sua tenda, mas Duncan não percebeu nenhuma diferença entre elas.

O alto mestre espadachim que os esperava tinha a pele grossa, um arbusto de espesso cabelo cinza que lhe pendia até a metade das costas, e olhos inquietantes muito fundos. Duncan reconheceu, com uma pontada de assombro e respeito, o lendário guerreiro Mord Cour. Quando menino, em Hagal, Cord fora o único sobrevivente de seu povo mineiro massacrado. Tinha sobrevivido como um menino selvagem nos bosques dos penhascos, aprendido a lutar, e mais tarde se infiltrara no grupo de bandoleiros que tinham destruído seu povoado. Depois de ganhar sua confiança, matou sem ajuda o chefe e a todos os bandidos, para integrar-se a seguir nos Sardaukar do imperador. Tinha sido mestre espadachim pessoal de Elrood durante anos, até que por fim se retirou para a academia de Ginaz.

Depois de lhes fazer recitar em uníssono o juramento do mestre espadachim, o lendário guerreiro disse:

— Matei mais pessoas do que conheceram cachorrinhos. Rezem para não se transformarem em uma delas. Se aprenderem, não terei desculpa para matá-los.

— Não necessito de incentivos para aprender — resmungou Resser a Duncan.

O velho ouviu as palavras murmuradas e desviou a vista para o estudante ruivo. Trin Kronos, um dos outros alunos de Grumman (embora menos cordial), soltou uma risada breve na retaguarda do grupo.

Quando Mord Cour cravou seu olhar penetrante em Resser, à espera, Duncan pigarreou e deu um passo adiante.

— Mestre espadachim Cour, ele disse que nenhum de nós necessita de incentivos para aprender com um grande homem como o senhor.

Apertou o pomo da espada do velho duque.

— Ninguém necessita de desculpas para aprender de um grande homem. — Cour virou-se e olhou para os estudantes —. Sabem por que estão aqui? Em Ginaz, refiro-me.

— Porque aqui Jool-Noret começou tudo — disse o aluno de pele escura do-Dhanab.

— Jool-Noret não fez nada — replicou Cour, o que surpreendeu a todos —. Era um tremendo mestre espadachim, perito em noventa e três métodos de luta. Sabia de armas, escudos, táticas e combates corpo a corpo. Uma dúzia de peritos guerreiros o seguiam como discípulos, suplicavam que lhes ensinasse técnicas avançadas, mas o grande guerreiro sempre se negava, sempre os rechaçava com a promessa de que os treinaria quando chegasse o momento adequado. E nunca o fez!

“Uma noite, um meteoro caiu no oceano e enviou uma grande onda contra a ilha onde Jool-Noret morava. A água esmagou sua choça e o matou enquanto dormia. Seus seguidores dó puderam recuperar seu corpo, essa relíquia mumificada que com tanto orgulho lhes mostrarão na ilha administrativa.

— Mas, senhor, se Jool-Noret não ensinou nada, por que a escola de Ginaz foi fundada em seu nome? — perguntou Resser.

— Porque seus discípulos juraram não cometer o mesmo erro. Ao recordar todas as habilidades que tinham desejado aprender de Noret, fundaram uma academia onde pudessem ensinar aos melhores candidatos todas as técnicas de combate que pudessem necessitar. — A brisa carregada de cinzas agitou seu cabelo —. Bem, estão todos dispostos a se transformar em mestres espadachins?

Os estudantes responderam com um sonoro “Sim!”.

Cour meneou sua longa juba cinza e sorriu. As rajadas de vento vindas do oceano soavam como unhas afiadas contra os penhascos de lava.

— Estupendo. Começaremos com duas semanas consagradas ao estudo da poesia.

No refúgio mínimo de suas tendas, os estudantes dormiam sobre as rochas, frias durante a noite, ardentes durante o dia. Nuvens cinzas de cinzas ocultavam o sol. Sentavam-se sem cadeiras, alimentavam-se de comida salgada e seca, bebiam água armazenada em velhas barricas. Tudo tinha um gosto de sulfureto.

Ninguém se queixava das privações. Então, os estudantes já sabiam a que ater-se.

Em seu ambiente duro, aprenderam sobre metáforas e versos. Já na Velha Terra, os samurais tinham valorizado suas proezas na hora de compor *haikus* tanto como sua destreza com a espada.

Quando Mord Cour se erguia sobre uma rocha, junto a uma bebedouro fumegante, e recitava antigos poemas épicos, a paixão que vibrava em sua voz agitava os corações dos alunos. Por fim, quando o ancião percebeu que tinha conseguido encher seus olhos de lágrimas, sorriu e deu uma palmada. Saltou da rocha e anunciou:

— Êxito. Bem, chegou o momento de aprender a lutar.

Duncan, vestido com uma cota de malha de flexoço, cavalgava nos lombos de uma enorme tartaruga que não parava de puxar as rédeas de seu cavaleiro. Preso à cela, com as pernas abertas para abranger a larga carapaça blindada, esgrimia uma lança de madeira com ponta cega metálica. Três competidores, armados de maneira similar, enfrentavam-no.

Tinham extraído as tartarugas de ovos roubados, e as tinham criado em baías protegidas. Os lentos colossos recordavam a Duncan os tempos em que tinha tido que lutar com uma grossa armadura. Não obstante, suas mandíbulas podiam fechar-se como

portas automáticas, e quando queriam as tartarugas eram capazes de correr muito rápido. Duncan deduziu, a partir das placas rotas e estilhaçadas das conchas, que aquelas bestas eram veteranas de mais combates dos que ele tinha vivido.

Deu pequenos golpes com sua lança sobre o carapaça da tartaruga, que saiu disparada para a arreios de Hiih Resser. Agitava sua monstruosa cabeça e procurava morder tudo que estivesse ao seu alcance.

— Vou te derrubar, Resser!

Mas a tartaruga de Duncan decidiu deter-se nesse instante, e não pôde obrigá-la a mover-se de novo. As outras tartarugas tampouco colaboraram.

A justa de tartarugas era a nona prova das dez que os estudantes deviam superar para ser admitidos na próxima fase do treinamento. Durante cinco terríveis dias, respirando o ar impregnado de cinzas, Duncan nunca tinha ficado abaixo do terceiro lugar: em natação, salto em distância, mola de suspensão, funda, tiro de besta, levantamento de pesos, lançamento de faca e espeleologia. Mord Cour, de pé sobre uma rocha elevada, tinha observado todos os exercícios.

Resser, que tinha se transformado em amigo e rival de Duncan, também tinha obtido uma marca respeitável. Outros estudantes de Grumman competiam entre si, congregados ao redor do jactancioso líder Trin Kronos, que parecia muito orgulhoso de si mesmo e de sua herança (embora suas habilidades na luta não parecessem muito superiores às de outros). Kronos se vangloriava de sua vida a serviço da Casa Moritani, mas Resser falava em poucas ocasiões sobre seu lar ou sua família. Estava mais interessado em aproveitar ao máximo sua estadia em Ginaz.

Cada noite, de madrugada, Duncan e Resser trabalhavam na tenda que albergava a biblioteca, com uma montanha de videolivros. Os estudantes de Ginaz deviam aprender história militar, estratégias de batalha e técnicas de combate pessoal. Mord Cour também os incentivara a estudar ética, literatura, filosofia e

meditação... tudo aquilo que não pudera estudar quando era um menino selvagem nas picos de Hagal.

Durante as sessões vespertinas com os mestres espadachins, Duncan Idaho aprendera de cor a Grande Convenção, cujas normas para os conflitos armados formavam a base da civilização imperial, segundo a Jihad Butleriana. A partir desse pensamento ético e moral, Ginaz tinha concebido o Código do Guerreiro.

Enquanto se esforçava por controlar a sua tartaruga rebelde, Duncan esfregou os olhos e tossiu. A cinza que impregnava o ar queimava seu nariz, e lhe picava a garganta. Ao redor, o oceano se chocava contra as rochas. Os fogos vaiavam e cuspiam um fedor similar a ovos podres.

Depois de esporeá-la durante um momento sem o menor êxito, a tartaruga de Resser decidiu por fim avançar, e o ruivo se esforçou por continuar sentado, movendo sua lança na direção correta. Ao fim de pouco, todas as tartarugas começaram a mover-se, mas a uma velocidade mínima.

Duncan esquivou os golpes simultâneos de lança de Resser e de seu segundo oponente, e alcançou o terceiro com o extremo de sua arma, no peito. O aluno caiu no chão e rodou para se esquivar das tartarugas que se aproximavam.

Duncan se inclinou sobre a carapaça de sua montaria, afim de se esquivar de outro golpe de Resser. Depois, sua tartaruga parou para defecar, uma operação que durou algum tempo.

Duncan olhou ao redor, indefeso em suas montaria, e viu que o outro adversário montado perseguia Resser, que se defendia admiravelmente. Quando a tartaruga finalizou sua necessidade, Duncan esperou o momento adequado e se colocou a um lado da carapaça, tão perto dos combatentes como pôde. Justo quando Resser contra-atacava com sua arma e derrubava o outro combatente, ergueu sua lança em sinal de triunfo, tal como Duncan tinha adivinhado. Nesse mesmo momento, Duncan afundou sua lança no flanco do ruivo, que caiu da tartaruga. Só Duncan, o vencedor, continuava montado.

Desmontou, ajudou Resser a levantar-se e lhe sacudiu a areia do peito e pernas. Um momento depois, a tartaruga de Duncan começou a mover-se de novo, em busca de comida.

— Seu corpo é sua melhor arma — disse Mord Cour —. Antes de confiar em que possa usar a espada em uma batalha, devem aprender a confiar em seu corpo.

— Mas professor, ensinou-nos que a mente é a arma decisiva — interrompeu Duncan.

— Corpo e mente formam uma unidade — replicou Cour com voz tão afiada como sua espada —. O que é um sem a outra? A mente controla o corpo, o corpo controla a mente. — Passeava pela praia, e as rochas rangiam sob seus pés calosos —. Tirem a roupa, todos... até as cuecas! Tirem as sandálias e deixem as armas no chão.

Os estudantes, sem questionar as ordens, despiram-se. Cinzas continuavam caindo ao seu redor, e emanações de enxofre brotavam dos fogos como o fôlego do inferno.

— Depois desta prova final, poderão me abandonar, e também a ilha. — Mord Cour umedeceu os lábios com expressão séria —. Seu próximo destino conta com mais florestas e diversões.

Alguns dos estudantes soltaram gargalhadas inquietas devido a prova que os esperava.

— Como todos superaram a prova de pilotar tópteros antes de vir a Ginaz, darei uma explicação breve. — Cour apontou para o penhasco que subia até a beira da cratera, rodeado de uma escuridão cinzenta —. Um aparelho os espera no alto. Viram-no quando os deixaram aqui. O primeiro a chegar poderá voar até seus novos barracões, limpos e confortáveis. As coordenadas já estão introduzidas no console do piloto. Os outros... voltarão para a montanha e acamparão uma vez mais sobre as rochas, sem tendas e sem comida. — Entreabriu os olhos em seu ancião rosto —. Em frente!

Os estudantes puseram-se a correr, utilizando suas reservas de energia para deixar os outros para trás. Embora Duncan não fosse o estudante mais veloz, escolheu a rota com menos paradas. Despenhadeiros íngremes interrompiam algumas trilhas na metade do caminho do cone escarpado, enquanto outras trilhas desembocavam em becos sem saída antes de chegar à cúpula. Alguns terrenos baixos pareciam tentadores, finos regatos e cascatas prometiam uma subida escorregadia e insegura. Depois de ver o tóptero na beira da cratera durante sua viagem de chegada, tinha estudado o penhasco com ávido interesse e se preparou. Recorreu a tudo o que tinha observado e iniciou a subida.

À medida que o terreno se tornava mais íngreme, Duncan alcançou os que tinham se adiantado. Escolhendo ravinas ou leitos, subiu sobre agrupamentos rochosos escarpados, enquanto outros se desviavam por trilhas de cascalho que pareciam fáceis de subir, mas que cediam sob seus pés e os enviavam penhasco abaixo. Correu ao longo de rebordos e rodeou salientes que não conduziam diretamente à cúpula mas proporcionavam um terreno mais acessível e permitiam uma subida mais veloz.

Anos atrás, quando tinha fugido para sobreviver na Reserva Florestal de *Giedi Prime*, Rabban tentara caçá-lo. Em comparação, isto era fácil.

A áspera rocha de lava se cravava nos pés descalços de Duncan, mas contava com uma vantagem sobre seus companheiros: tinha desenvolvido calos durante os anos que tinha passeado descalço pelas praias de Caladan.

Esquivou-se de uma bebedouro quente e subiu por uma greta que proporcionou-lhe um precário apoio para mãos e pés. Teve que apertar-se na greta, procurar proeminências e fendas que lhe permitissem içar-se pouco a pouco. Fragmentos de rocha se desprendiam e caíam.

Pelo resto, estava seguro de que Trin Kronos e outros candidatos egocêntricos fariam o impossível por sabotar a competição, em vez de concentrar-se em acelerar o passo.

Ao cair do sol, chegou a borda do vulcão, o primeiro de sua classe. Tinha subido sem descanso, escalado perigosos penhascos de calhaus, escolhido sua rota com cautela mas sem hesitação. Açoitado por outros competidores, não muito afastados, que subiam por todos os lados do cone, saltou sobre uma chaminé fumegante e correu para o ornitóptero.

Assim que viu o aparelho, olhou para trás e viu que Hiih Resser pisava nos seus calcanhares. A pele do ruivo estava arranhada e coberta de cinza.

— Ei, Duncan!

O ar estava carregado de gases e a cratera expulsava pó. O vulcão rugiu.

Perto da vitória, Duncan acelerou. Resser, ao compreender que não podia ganhar, atrasou-se, ofegante, e reconheceu com elegância a vitória do seu amigo.

Trin Kronos apareceu na cúpula por outra rota alternativa, com o rosto congestionado e iracundo quando viu Duncan tão perto do tóptero. Ao reparar que Resser, seu compatriota de Grumman, reconhecia sua derrota, ficou ainda mais furioso. Embora viessem do mesmo planeta, Kronos estava acostumado a expressar seu desprezo por Resser, para humilhar e amargurar a vida do ruivo.

Nesta classe, sobreviviam os mais aptos, e muitos estudantes tinham desenvolvido uma intensa aversão mútua. Ao ver a forma como Kronos atormentava seu compatriota, Duncan tinha formado uma opinião negativa do filho mimado de um nobre. Assim que Duncan alçasse vôo no tóptero, o mais provável seria que Kronos esperasse seus amigos de Grumman para dar uma surra em Resser e desafogar sua frustração.

Quando Duncan pôs um pé no aparelho vazio, tomou uma decisão.

— Hiih Resser! Se puder chegar antes de que eu ponha o cinto de segurança e decole, estou certo de que o tóptero pode levar nós dois.

Ao longe, Trin Kronos acelerou.

Duncan colocou o cinto de segurança, manipulou os controles de decolagem, enquanto Resser olhava incrédulo.

—Vamos!

O ruivo encontrou novas energias e sorriu. Correu para frente, enquanto Duncan se preparava para decolar. Durante seus anos a serviço do duque, alguns dos melhores pilotos do Império o tinham ensinado a pilotar naves.

Kronos, enfurecido pela decisão de Duncan de quebrar as regras, correu com todas suas forças. O painel de instrumentos do tóptero cintilou. Uma tela iluminada indicou a Duncan que os motores estavam preparados, e ouviu o poderoso vaio de suas turbinas.

Resser saltou sobre os patins do tóptero justo quando Duncan elevava o veículo. O ruivo, ofegante, agarrou-se à borda da porta da cabine e se segurou. Seus pulmões se encheram de ar.

Ao compreender que não poderia chegar ao veículo, Trin Kronos se agachou, agarrou uma rocha do tamanho de um punho e a jogou, atingindo Resser no quadril.

Duncan apertou um botão iluminado de seqüência de ação, e as asas se moveram acima e para baixo até que o aparelho se ergueu acima da calota de lava do vulcão. Resser se içou para o interior da cabine. Se agachou ao lado de Duncan, embora mal houvesse espaço, e se pôs-se a rir.

O ar deslocado pelas asas do ornitóptero esbofeteou decepcionado Kronos. O jovem jogou outra rocha, que ricocheteou sem mais conseqüências no pára-brisa de plaz.

Duncan saudou-i alegremente e jogou em Kronos uma lanterna que tinha encontrado na maleta de emergências do tóptero. O jovem de Grumman a agarrou, sem expressar a menor gratidão pela ajuda dispensada para orientar-se na crescente escuridão. Outros estudantes, esgotados e doloridos, voltavam para o

acampamento a pé para passar uma fria e desventurada noite ao relento.

Duncan estendeu as asas ao máximo e acelerou. O sol mergulhou sob o horizonte, e deixou um brilho roxo-alaranjado sobre a água. A escuridão começou a cair como um pesado pano de fundo sobre a fileira de ilhas que se estendiam a oeste.

— Por que fez isto por mim? — perguntou Resser, enquanto secava o suor da testa —. Em teoria, só um de nós devia superar a prova. O mestre espadachim não nos ensinou a nos ajudar mutuamente.

— Não — disse Duncan com um sorriso —. É algo que os Atreides me ensinaram.

Ajustou a iluminação do painel de instrumentos a um brilho tênue, e voou sob a luz das estrelas para as coordenadas da próxima ilha.

## 32

*Nunca subestime a capacidade da mente humana de acreditar no que quer, mesmo com provas em contrário.*

*CAEDMON ERB,  
Política e realidade*

Em um esforço por compreender como a Irmandade havia evitado suas exigências, o barão e Piter De Vries se reuniram na sala de conferências da fragata militar Harkonnen. A nave se achava em órbita ao redor de Wallach IX, com as armas preparadas mas sem um alvo definido. Durante dois dias, as mensagens enviadas a Bene Gesserit não tinham recebido resposta.

Por sua vez, o *Mentat* não conseguia dizer para onde ou como as bruxas se esconderam: nem probabilidades, nem projeções nem recapitulações. Tinha fracassado. O barão, que não aceitava desculpas para o fracasso (e De Vries tinha fracassado), estava ansioso por matar alguém da forma mais desagradável.

Um cabisbaixo Glossu Rabban, que se sentia como um estranho, estava sentado a um lado, observando-os, e desejava dar alguma opinião.

— Afinal elas são bruxas, não é? — disse por fim, mas seu comentário não interessou ninguém. De fato, ninguém jamais escutava suas idéias.

Rabban, irritado, saiu da sala de conferências, consciente de que seu tio preferia que desaparecesse. Por que estavam discutindo a situação? Rabban não conseguia ficar sentado, sem chegar a lugar nenhum. Tinha a impressão que todos eram uns idiotas.

Como pressuposto herdeiro do barão, Rabban pensava que tinha trabalhado bem para a Casa Harkonnen. Tinha fiscalizado as operações de especiaria em Arrakis, e até lançado o primeiro ataque que deveria desembocar em uma guerra total entre os Atreides e os tleilaxu. Tinha demonstrado seu valor por várias vezes, mas o barão sempre o tratava como se fosse um retardado mental, até chamava de "cérebro de mosquito" na cara.

Se tivessem deixado que eu fosse à escola das bruxas, meu olfato as teria localizado.

Rabban sabia muito bem o que devia fazer. Também sabia que não podia pedir permissão. O barão negaria... e cometeria um grave erro. Rabban solucionaria o problema sem ajuda e depois reclamaria a recompensa. Por fim, seu tio reconheceria seu talento.

Calçando grossas botas negras, o corpulento homem percorreu os corredores da fragata, concentrado na sua missão. A nave se deslocava no silencioso abraço da gravidade. Ouviu fragmentos de conversas quando passava pelos camarotes e postos de guarda. Homens uniformizados de azul corriam de um lado para outro, sempre indiferentes a ele.

Quando deu a ordem, os homens abandonaram suas tarefas e se precipitaram para abrir um biombo. Rabban esperava com os braços cruzados, contente por ver a câmara secreta que albergava uma nave individual, esbelta e polida.

A não-nave experimental.

Tinha pilotado a nave invisível no interior de um Cruzeiro da Corporação, mais de uma década antes, e o aparelho funcionara à perfeição, completamente silencioso e invisível. Pena que o plano tivesse falhado. O erro consistira no planejamento excessivo. E Leto Atreides, maldito fosse, que não agira como se esperava dele.

Desta vez, no entanto, o plano de Rabban seria simples e direto. A nave e seu conteúdo eram invisíveis. Podia ir onde quisesse, observar o que fosse, e ninguém suspeitaria. Espiaria o

que as bruxas estavam tramando, e depois, se quisesse, poderia destruir a Escola Materna.

Acionou os motores do aparelho, e o fundo da fragata se abriu para que pudesse descer. Impaciente, Rabban ativou o gerador de não-campo, e a nave desapareceu no espaço.

Durante o descida para o planeta, todos os sistemas da nave funcionaram como era de esperar. Os problemas ocasionados pelos recentes vôos de teste tinham sido reparados. Sobrevoou uma cordilheira com montanhas cobertas de erva e desceu para os edifícios da Escola Materna. Bem, então as bruxas pensavam que podiam desaparecer quando o barão pedia audiência? Gabavam-se de sua astúcia? Agora, as bruxas se negavam a responder aos pedidos de conferência. Quanto tempo imaginavam que poderiam se esquivar do problema?

Rabban tocou um botão sensor e conectou as armas. Um ataque maciço e inesperado envolveria em chamas bibliotecas, reitorias e museus, até transformá-los em cinzas.

Isso chamará sua atenção.

Perguntou-se se o barão já tinha descoberto sua partida.

Quando a nave silenciosa se dirigiu para o complexo da escola, viu grupos de mulheres passeando pelos terrenos, confiando estupidamente que não precisavam se esconder mais. As bruxas acreditavam que podiam zombar da Casa Harkonnen.

Rabban desceu mais. Os sistemas de armamento estavam prontos. As telas de tiro estavam iluminadas. Antes de reduzir a escombros os edifícios, talvez abatesse algumas mulheres, de uma em uma, só para se divertir. Graças a sua nave silenciosa e invisível, pensariam que o dedo de Deus as fulminara por sua arrogância. Tinha-as no alvo.

De repente, todas as bruxas ergueram os olhos e olharam para ele.

Sentiu algo apertar sua mente. Enquanto olhava, as mulheres brilharam e desapareceram. Sua visão se tornou imprecisa, e sentiu

uma intensa dor de cabeça. Apoiou uma mão contra a têmpora, tentou focar a vista, mas a pressão que atormentava seu crânio aumentou, como se um elefante estivesse chutando sua testa.

As imagens no chão oscilaram. Os grupos de Bene Gesserit apareceram a sua frente de novo, e depois se transformaram em imagens difusas. Tudo flutuava, os edifícios, os acidentes topográficos, a superfície planetária. Rabban mal podia ver os controles.

Desorientado, com a cabeça a ponto de explodir de dor, Rabban agarrou o console de navegação. A não-nave se retorcia como um ser vivo debaixo dele, e começou a girar. Rabban emitiu um grito estrangulado, sem ter consciência do perigo, até que a rede de segurança e a espuma anticolidões se estenderam a seu redor.

A não-nave se chocou contra um pomar de maçãs, abriu uma larga brecha marrom na terra. Depois de uma ruidosa pausa, escorregou por um aterro e pousou sobre um riacho.

Os motores se incendiaram e uma fumaça azul gordurosa invadiu a cabine. Rabban ouviu o vaio dos sistemas de extinção de incêndios, enquanto liberava a espuma e a rede protetora.

Ativou uma escotilha de fuga no ventre da nave, quase asfixiado pela fumaça, e saiu do aparelho caído. Aterrissou de barriga água fumegante do riacho. Meneou a cabeça, aturdido. Voltou a vista para a não-nave e viu que o casco aparecia e desaparecia ante seus olhos.

Atrás dele, montões de mulheres desciam pelo aterro, parecendo caranguejos vestidos de negro...

Quando o barão Harkonnen recebeu a inesperada mensagem da madre superiora Harishka, teve vontade de estrangulá-la. Durante dias, seus gritos e ameaças não tinham recebido resposta. Agora, enquanto passeava pela ponte de comando da fragata, a velha bruxa entrava em contato com ele. Apareceu na tela ovalada.

— Lamento não estar disponível quando veio ver-me, barão, e sinto que nossos sistemas de comunicação estivessem desconectados. Sei que quer falar comigo sobre algo. — Seu tom era enlouquecedoramente plácido —. De qualquer modo, pergunto-me se antes gostaria de recuperar seu sobrinho.

Ao ver que seus lábios magros sorriam debaixo daqueles avessos olhos de cor amêndoa, o barão compreendeu que seu corpulento rosto refletia uma confusão absoluta. Virou-se e olhou para o capitão de suas tropas, e depois para Piter De Vries.

— Onde está Rabban? — Os dois homens sacudiram a cabeça, tão surpresos como ele —. Tragam-me o Rabban!

A madre superiora fez um gesto, e algumas quantas irmãs depositaram o homem a frente da tela. Apesar dos cortes e arranhões ensangüentados em seu rosto, a expressão de Rabban era desafiante. Um de seus braços pendia inerte a um flanco. Tinha as calças rasgadas à altura dos joelhos, e deixavam à mostra várias feridas.

O barão amaldiçoou. O que esse idiota fez agora?

— Sofreu uma espécie de avaria mecânica em sua nave. Vinha nos visitar, talvez? Espionar... ou mesmo atacar? — Em seguida, apareceu na tela uma imagem em vídeo da não-nave destruída, ainda fumegante na beira da horta destrocada —. Pilotava uma nave muito interessante. Veja como aparece e desaparece. Uma espécie de mecanismo de invisibilidade avariado? Muito engenhoso.

Os olhos do barão quase lhe saíram das órbitas. Deuses do inferno, também perdemos a não-nave! Não só a Irmandade tinha capturado seu sobrinho, mas também tinha permitido que a não-nave (a arma secreta mais poderosa dos Harkonnen) caísse nas mãos das bruxas.

Piter De Vries se moveu silenciosamente e sussurrou em seu ouvido, com a intenção de acalmá-lo.

— Respire devagar e profundamente, meu barão. Quer que continue as negociações com a madre superiora?

O barão se acalmou com supremo esforço e se voltou para a tela. Mais tarde se acertaria com Rabban.

— Meu sobrinho é um completo idiota. Não lhe dei permissão para usar a nave.

— Uma explicação muito conveniente.

— Asseguro que ele será severamente castigado por suas ações insensatas. Também pagaremos todos os danos causados à sua escola.

Fez uma careta, mortificado pela facilidade com que tinha reconhecido a derrota.

— Umhas poucas macieiras. Não há motivos para apresentar uma denúncia... ou informar ao *Landsraad*, se o senhor colaborar.

— Colaborar! — As aletas do nariz do barão se dilataram, deu um passo atrás e esteve a ponto de perder o equilíbrio. Tinha provas contra elas —. Seu relatório incluiria um resumo de como sua reverenda madre liberou uma arma biológica contra minha pessoa, violando os princípios da Grande Convenção?

— De fato, nosso relatório incluiria algumas especulações — disse Harishka com um sorriso tenso —. Talvez se recorde de um incidente interessante acontecido alguns anos atrás, quando duas naves *tleilaxu* foram atacadas misteriosamente no interior de um Cruzeiro da Corporação. O duque Leto Atreides foi acusado de ter cometido essa atrocidade, mas negou as acusações, coisa que pareceu ridícula naquele tempo, pois não havia mais naves por perto. Nenhuma nave visível ao menos, descobrimos que também havia uma fragata *Harkonnen* nas cercanias, que se dirigia à coroação do imperador.

O barão se obrigou a permanecer imóvel.

— Vocês não possuem provas.

— Temos a nave, barão. — A imagem do aparelho se materializou na tela de novo —. Qualquer tribunal competente chegaria à mesma conclusão. Esta revelação interessará muito aos

tleilaxu e aos Atreides. E mencionar o interesse da Corporação Espacial.

Piter De Vries passeou a vista entre o barão e a tela, enquanto seu cérebro se esforçava por encontrar uma solução aceitável, sem o menor êxito.

— Isso significará para você a pena de morte, bruxa — disse o barão —. Temos provas de que a Bene Gesserit desencadeou um agente biológico nocivo. Basta que eu pronuncie uma palavra e...

— E temos provas de outra coisa, não é? — interrompeu Harishka —. O que acha, barão? Duas provas se anulam? Ou nossa prova é muito mais interessante?

— Me dêem a cura para minha enfermidade, e considerarei a possibilidade de retirar minhas acusações.

Na tela, Harishka olhou ironicamente.

— Meu querido barão, não existe cura. A Bene Gesserit utiliza medidas permanentes. Não há nada reversível. — Parecia lhe dispensar uma compaixão zombeteira —. Por outro lado, se guardar nossos segredos, nós guardaremos os seus. E poderá recuperar seu fastidioso sobrinho... antes que lhe façamos algo irreversível também.

De Vries interrompeu, consciente de que o barão estava a ponto de explodir.

— Além disso, insistimos na devolução de nossa nave acidentada.

Não podia permitir que a Irmandade tivesse acesso à tecnologia do não campo, embora nem sequer os Harkonnen a compreendessem.

— Impossível. Nenhuma pessoa civilizada desejaria que tal nave de ataque fora reparada. Pelo bem do Império, temos que tomar medidas para deter o desenvolvimento desta tecnologia mortífera.

— Temos mais naves! — disse o barão.

— Ela é uma Reveladora da verdade, meu barão — sussurrou De Vries. A anciã Bene Gesserit observou-os com ar desdenhoso, enquanto o barão suava por encontrar uma resposta melhor.

— O que fará com os restos?

O barão apertou os punhos com tal força que os nódulos rangeram.

— Bem... nós os faremos desaparecer, é claro.

Quando Rabban retornou, o barão o golpeou com a bengala e o encerrou no camarote até voltarem a Giedi Prime. Apesar da sua estúpida impetuosidade, o homem continuava a ser o pressuposto herdeiro da Casa Harkonnen.

Por enquanto.

O barão passeava de um lado a outro e golpeava as paredes, enquanto tentava imaginar o pior castigo que pudesse infligir a seu sobrinho, uma pena adequada pelos incríveis prejuízos que o ataque desajeitado tinha causado. Por fim, encontrou a solução e sorriu.

Assim que voltaram para casa, Glossu Rabban foi enviado ao remoto planeta de Lankiveil, onde viveria com seu tímido pai Abulurd.

## 33

*O comportamento dos Atreides é um exemplo de honra para nossos filhos, e é possível que também seja para nossa origem.*

*Duque LETO ATREIDES*

*Primeiro discurso à Assembléia do Landsraad.*

Dezoito meses haviam se passado.

A lua cheia banhava o castelo de Caladan, e as torres lançavam sombras sobre a beira do escarpado que dominava o mar revolto. Do jardim ornamental, Thufir Hawat via o duque Leto e a Kailea Vernius passear junto à beira do precipício, amantes com má estrela.

Ela era sua concubina oficial, mas sem compromissos, fazia mais de um ano, e às vezes preferiam desfrutar de momentos românticos e tranquilos como este. Leto não tinha a menor pressa em aceitar as numerosas ofertas de alianças matrimoniais que recebia de outras Casas do *Landsraad*.

A constante vigilância de Hawat irritava o duque, que exigia certa privacidade. Mas ao *Mentat*, como chefe de segurança da Casa Atreides, pouco importava. Leto era propenso a colocar-se em posições vulneráveis, a confiar muito nas pessoas que o rodeavam. Hawat preferia incorrer na desaprovação do duque por estar muito alerta, que permitir um erro fatal. O duque Paulus tinha morrido na arena porque Hawat não estivera atento o bastante. Jurou que nunca voltaria a cometer um erro semelhante.

Enquanto Leto e Kailea passeavam na noite fria, Hawat sofria se por acaso o caminho era muito estreito, muito próximo de uma queda mortal. Leto se negava a aceitar corrimões. Queria que o

caminho continuasse exatamente igual como o tinha deixado seu pai, pois o velho duque também tinha passeado pelos promontórios, enquanto refletia sobre assuntos de estado. Era uma questão de tradição, e os Atreides eram homens valentes.

Hawat esquadrinhou a escuridão com lentes infravermelhas, não distinguiu outros movimentos nas sombras além dos de seus guardas postados no caminho e na base da rocha. Indicou a dois de seus homens que mudassem de posições com uma tênue luz infravermelha.

Tinha que estar sempre vigilante.

Leto segurava a mão de Kailea, contemplava suas delicadas feições e o cabelo acobreado que a brisa noturna agitava. A jovem puxou a gola da jaqueta ao redor de sua esbelta garganta. Tão formosa como qualquer outra dama do Império, a irmã de Rhombur se comportava como uma imperatriz. Mas Leto nunca poderia casar-se com ela. Devia permanecer fiel às tradições, como seu pai tinha feito, e seu avô antes que ele. O caminho da honra... e da conveniência política.

Entretanto, ninguém, nem sequer o fantasma de Paulus Atreides, podia opor-se a tal união se algum dia a Casa Vernius recuperasse sua fortuna. Durante meses, com o apoio total de Leto, Rhombur enviara em segredo modestos recursos e alguns equipamentos para C'tair Pilru e os Combatentes pela Liberdade de IX mediante canais ilegais, e em troca tinha recebido fragmentos de informação, inventários, imagens de vigilância. Agora que por fim se pôs em ação, Rhombur parecia mais animado e vivo que nunca.

Leto se deteve no alto do caminho que descia à praia e sorriu, pois sabia que Hawat estava perto, como sempre. Voltou-se para sua concubina.

— Caladan é meu lar desde que era menino, Kailea, e para mim sempre é formoso. Mas já percebi que você não é feliz aqui.

Uma gaivota noturna alçou vôo e os sobressaltou com seus grasnidos.

— Não é culpa sua, Leto. Você já fez muito por meu irmão e por mim. — Kailea não olhava para ele —. Isto não é... o lugar onde eu imaginava que viveria.

—Oxalá pudesse levá-la a Kaitain frequentemente — disse Leto, que conhecia seus sonhos —, para que pudesse desfrutar da corte imperial. Vi como resplandece nos acontecimentos da nobreza. Fica tão radiante que me entristece ter que te devolver a Caladan. Isto carece de encanto, não é o tipo de vida que estava acostumada.

As palavras eram uma desculpa por todas as coisas que não podia lhe oferecer: o luxo, o prestígio, a legitimidade de pertencer a uma Grande Casa de novamente. Perguntou-se se ela compreendia o sentido do dever que o prendia.

A voz suave de Kailea soou vacilante. Toda a tarde tinha estado nervosa. Deteve-se.

— IX desapareceu, Leto, e com ele todo seu encanto. Já aceitei isso. — Voltaram-se para olhar em silêncio o oceano negro como a noite, antes que ela voltasse a falar —. Os rebeldes de Rhombur alguma dia poderão derrotar os tleilaxu, não é?

— Sabemos muito pouco do que está acontecendo ali. Os relatórios são escassos. Acha que é melhor não tentar? — Leto observou-a fixamente com seus olhos cinzas, tentando compreender sua angústia —. Os milagres são possíveis.

Ela aproveitou a oportunidade que esperava.

— Os milagres sim. E agora tenho que te contar um, meu duque. — Ele olhou sem compreender, e os lábios de Kailea se curvaram em um estranho sorriso —. Vou ter teu filho.

Leto ficou atônito. No mar, ao longe, um bando de baleias entoava uma dramática canção como contraponto às bóias sônicas que indicavam a posição dos recifes traiçoeiros. Leto se inclinou e beijou Kailea, saboreou a conhecida umidade de sua boca.

— Está contente? — Sua voz era muito frágil —. Não tentei concebê-lo. Simplesmente aconteceu.

Leto retrocedeu um passo para examinar seu rosto.

— É claro! — Tocou seu estômago com ternura —. Sempre quis ter um filho.

— Talvez seja o momento adequado para me conseguir outra dama de companhia — disse Kailea, angustiada —. Necessitarei de ajuda para os preparativos do parto, e sobretudo quando o menino nascer.

Leto a estreitou entre seus braços fortes.

— Se quer outra dama de companhia, você a terá. — Thufir Hawat se encarregaria de investigar as possíveis candidatas com sua habitual minuciosidade —. Conseguirei dez, se assim desejar!

— Obrigado, Leto. — A jovem ficou nas pontas dos pés para beijá-lo na bochecha —. Mas uma será suficiente.

Pó e calor cobriam tudo. Confiando em que um clima seco seria benéfico para sua estado de saúde, o barão Harkonnen passava mais tempo em Arrakis. Mas ainda se sentia desventurado.

Em seu escritório em Carthag, o barão revisava os informes sobre a coleta de especiaria, tentava imaginar novos métodos de ocultar seus lucros do imperador, da CHOAM e da Corporação Espacial. Devido a seu tamanho cada vez maior, tinham cortado um vão na mesa para acomodar seu estômago. Seus braços flácidos descansavam sobre a superfície suja.

Um ano e meio antes, a Bene Gesserit o encurralara mediante ameaças, tinham-no chantageado sem piedade. Rabban perdera sua não-nave. As bruxas e ele se mantinham a uma distância mútua segura.

Mesmo assim, as feridas supuravam, e cada dia estava mais fraco... e gordo.

Seus cientistas tinham tentado construir outra não-nave, sem a ajuda do gênio richesiano Chobyn, que Rabban assassinara. O

barão se enfurecia cada vez que pensava nas numerosas trapalhadas do seu sobrinho.

Os planos e hologravações do processo de construção original eram defeituosos, ao menos assim afirmavam os cientistas do barão. Como resultado, seu primeiro protótipo novo se chocara nos contrafortes de obsidiana do monte Ebony, e toda a tripulação tinha perecido. Fora um bom castigo.

O barão se perguntou se preferiria uma morte repentina como essa à torturante deterioração e desfalecimento progressivos que o afligia. Tinha investido uma astronômica quantidade de Solaris no laboratório de pesquisas médicas de *Giedi Prime*, com a ajuda reticente e esporádica do doutor Suk richesiano Wellington Yueh, mais interessado em suas pesquisas sobre os *cyborgs* que em encontrar formas de diminuir os sofrimentos do barão. O primeiro ministro richesiano ainda não tinha enviado a fatura por seus serviços, mas ao barão pouco importava.

Apesar de todos os seus esforços não se produziram resultados, e as contínuas ameaças não pareciam servir de nada. Para o barão, o simples ato de caminhar, que antes realizava com graça e elegância sem comparação, constituía agora uma odisséia. Logo, nem a bengala lhe seria suficiente.

— Recebi notícias de um acontecimento interessante, meu barão — disse Piter De Vries entrando nos poeirentos escritórios de Carthag.

O barão franziu o sobrecenho, incomodado pela interrupção. O *Mentat*, coberto com um manto azul claro, ocultou seu sorriso tinto de safo.

— A concubina do duque Leto Atreides solicitou à corte imperial os serviços de uma dama de companhia pessoal. Vim lhes informar o quanto antes. Não obstante, devido à urgência da situação tomei a liberdade de colocar um plano em prática.

O barão arqueou as sobrancelhas.

— Ah, sim? Qual é esse plano tão interessante que necessita de minha aprovação?

— Faz tempo que, certa matrona que vive na casa de Suuwok Hesban, o filho do antigo *chambelán* de Elrood, Aken Hesban, proporcionou-nos excelente informação sobre a família Hesban. Com meu incentivo, a dita matrona, Chiara Rash-Olin, comunicou que está interessada em trabalhar para a Casa Atreides, e vai ser entrevistada em Caladan.

— Para trabalhar no lar dos Atreides? — disse o barão. Viu que um sorriso artiloso se desenhava no magro rosto do *Mentat*, que refletia a satisfação do barão. — Isso proporcionará... oportunidades interessantes.

Kailea esperava no vestíbulo do espaçoporto municipal de Caladan, enquanto passeava por um piso encravado de conchas marinhas e fósseis de pedra calcária. Seguia seu passado o capitão Swain Goire, que Leto tinha nomeado como seu guarda-costas pessoal. O cabelo escuro e as feições magras do militar recordavam a Kailea as de Leto.

Adiantou-se à chegada da lançadeira e sua passageira de Kaitain. Conhecera Chiara, quando a entrevistara a matrona em Caladan. A nova dama de companhia chegava com referências impecáveis, e inclusive tinha trabalhado para a família do *chambelán* do imperador Elrood. Conhecia inúmeras histórias sobre a esplêndida corte de Kaitain. Kailea a aceitara imediatamente.

Não podia compreender por que uma anciã inteligente desejava abandonar a capital imperial por Caladan, humilde em comparação. “Ah, eu amo o mar. E a paz — tinha respondido Chiara —. Quando for mais velha, doce menina, pensará o mesmo.” Kailea duvidava, mas mal podia conter seu entusiasmo pela boa sorte que tivera ao encontrar esta mulher. Tinha esperado com impaciência enquanto Thufir Hawat investigava o passado de Chiara Rash-Olin e a interrogava sobre seus anos de serviços anteriores. Nem sequer o

velho *Mentat* tinha conseguido descobrir uma falha em seu histórico.

À medida que avançava sua gravidez, Kailea tinha contado os dias que faltavam para que Chiara começasse a prestar seus serviços. No dia da chegada, Leto concedia audiência no castelo de Caladan, escutava as queixa e disputas de seu povo, mas Kailea partiu cedo em direção ao espaçoporto, semeado de dirigíveis, tópteros e outros aparelhos.

Kailea, com impaciência mal reprimida, estudava o edifício, reparava em detalhes que antes lhe tinham passado despercebidos. A forma bulbosa original tinha sido modificada com molduras interiores, janelas modernas e adornos, mas seu aspecto ainda era antiquado e pitoresco, ao contrário da maravilhosa arquitetura de Kaitain.

Ouviu um estalo atmosférico, até o notou no chão. Uma franja de luz que combinava o azul e o laranja rasgou a capa de nuvens, devido à descida supersônica da lançadeira em forma de bala. A pequena nave diminuiu a velocidade brutalmente graças aos suspensores de alta potência, para depois pousar sobre o campo. Os escudos piscaram e se apagaram.

— Na hora exata — disse Swain Goire a seu lado. O aprumado capitão era alto e magro, como o herói de um videolivro —. A Corporação se orgulha de sua pontualidade.

— A espera me pareceu interminável.

Kailea correu para os passageiros que desembarcavam.

Chiara não se vestira como uma criada. Usava sobre seu corpo roliço um traje de viagem muito confortável, e o ondulado o cabelo grisalho, rematado por uma boina incrustada de jóias. Suas bochechas rosadas brilhavam.

— É um prazer voltar a vê-la — ronronou Chiara. Aspirou uma profunda baforada do ar úmido e salgado. Seguiam-na oito baús antigravitacionais, a ponto de arrebentar.

Dedicou um breve olhar ao estômago arredondado e os verdes olhos de Kailea.

— Até o momento parece uma gravidez normal — comentou —. Tem muito bom aspecto, querida. Talvez um pouco cansada, mas tenho remédios para isso.

Kailea respondeu com um sorriso radiante. Por fim tinha uma companhia inteligente, alguém provido da sofisticação imperial que a ajudaria com os detalhes problemáticos, assuntos domésticos e decisões comerciais que seu exigente embora amante duque solicitaria.

Enquanto caminhava junto a sua nova dama de companhia, Kailea fez a pergunta que mais lhe interessava.

— Quais são as últimas notícias da corte imperial?

— Oh, querida! Tenho tantas coisas para lhe contar...

# 34

*É terrível que alguém possa enriquecer graças à prática do mal, mas o poder da Verdade e da Justiça reside perdurarem... e em um homem poder dizer delas "são uma herança de meu pai".*

*Calendário da Quinta Dinastia (Velha Terra).*

*A sabedoria do Ptahhotep.*

No que concernia a Rabban, seu tio não podia ter concebido um castigo mais cruel pela perda da não-nave. Ao menos, Arrakis era quente e tinha céus limpos, e *Giedi Prime* oferecia todas as comodidades da civilização.

Lankiveil era atroz.

O tempo se arrastava com tal lentidão que Rabban chegou a apreciar os efeitos geriátricos da melange. Teria que viver mais do que o normal para compensar aquele tempo perdido de forma tão absurda.

Não lhe interessava as fortalezas monásticas isoladas nas montanhas. Da mesma forma, negava-se a ir aos povoados espalhados pelos tortuosos fiordes. Possuíam apenas pescadores fedorentos, caçadores nativos e alguns horticultores que encontravam terra fértil nas rachaduras das escarpadas montanhas negras.

Rabban passava a maior parte do tempo na ilha maior do norte, perto da capa de gelo glacial e longe dos lugares frequentados pelas baleias peludas Bjondax. Não existia civilização sob nenhum conceito, mas ao menos havia fábricas, unidades de processamento e um espaçoporto para enviar ao espaço carregamentos de pele de baleia. Ao menos, podia lidar com gente

capaz de compreender que os recursos e os materiais em bruto existiam para o benefício da Casa que os possuísse.

Vivia em barracões da CHOAM e dispunha de várias habitações espaçosas para si. Embora de vez em quando jogasse cartas com outros trabalhadores, passava quase todo o tempo meditando e pensando em formas de mudar sua vida assim que retornasse a *Giedi Prime*. Em outras ocasiões, Rabban utilizava um chicote de ervas que tinha comprado de um empregado dos Harkonnen e se dedicava a açoitar rochas, pedaços de gelo ou focas preguiçosas que tomavam sol sobre os moles metálicos. Mas isso também acabou aborrecendo-o.

Durante a maior parte de sua sentença de dois anos, manteve-se afastado de Abulurd e Emmi Rabban-Harkonnen, com a esperança de que não soubessem do seu exílio. Por fim, quando Rabban não pôde mais ocultar por sua presença, seu pai foi aos centros de processamento da CHOAM, com a desculpa de uma visita de inspeção.

Abulurd se encontrou com seu filho no edifício dos barracões, com uma expressão otimista em seu rosto de desgraçado, como se esperasse alguma espécie de reunião piegas. Abraçou seu único filho, mas Rabban se afastou rapidamente.

Glossu Rabban, ombros largos, rosto fechado e lábios grossos, apreciava mais sua mãe que seu pai, que tinha braços magros, cotovelos ossudos e grandes nódulos. O cabelo loiro cinza de Abulurd parecia velho e sujo, e seu rosto estava curtido pela intempérie.

Rabban só conseguiu que seu pai partisse, depois de horas de conversa frívola e de prometer que iria morar com eles em Tula Fjord.

Uma semana depois chegou ao pavilhão principal, cheirou o ar acre, sentiu que a umidade lhe entrava nos ossos. Engoliu seu desagrado e contou os dias que faltavam para que o Cruzeiro o levasse de volta para casa.

No pavilhão comiam pratos muito elaborados de pescado defumado, crustáceos ao vapor, *paelha* de frutos do mar, mexilhões e ostras de neve, lulas e caviar *ruh* salgado, acompanhados das verduras amargas e fibrosas que sobreviviam no chão pobre de Lankiveil. A esposa do pescador, uma mulher de cara larga, mãos vermelhas e braços enormes, cozinhava um prato atrás de outro, e servia com orgulho cada um a Rabban. Tinha-o conhecido quando era menino, tentara mimá-lo, e agora repetia a tentativa, embora sem lhe beliscar as bochechas. Rabban a detestava.

Tinha a impressão de que não podia tirar o gosto ruim da boca, nem o cheiro dos dedos e da roupa. Só a fumaça acre das grandes chaminés conseguia aliviar seu nariz angustiado. Seu pai considerava de bom gosto utilizar fogo real em vez de estufas térmicas ou globos de calor.

Uma noite, aborrecido depois de meditar, Rabban se afezrou a uma idéia, seu primeiro brilho imaginativo em dois anos. As baleias Bjondax eram dóceis e fáceis de matar, e Rabban pensou que poderia convencer os nobres ricos das Casas Grandes e Menores a irem a Lankiveil. Recordava como tinha se divertido caçando meninos selvagens na Reserva Florestal ou a emoção de matar um grande verme de areia em Arrakis. Talvez pudesse impor a moda de caçar por esporte aquelas enormes bestas aquáticas. Encheria as arcas dos Harkonnen e transformaria de maneira radical o buraco infernal que Lankiveil era agora.

Até o barão se sentiria satisfeito.

Duas noites antes de voltar para casa, sugeriu a idéia a seus pais. Como uma família ideal, estavam sentados juntos à mesa, atacando outra comida de marinheiro. Abulurd e Emmi não paravam de olhar-se com patéticos suspiros de satisfação. Sua mãe não falava muito, mas sempre apoiava seu marido. tocavam-se com afeto.

— Estou pensando em trazer fães de caça a Lankiveil. — Rabban bebeu um gole de vinho doce da montanha —. Perseguiremos as baleias peludas. Seus pescadores nativos serão nossos guias. Muita

gente de *Landsraad* pagaria generosamente por um troféu semelhante. Será benéfico para todos.

Emmi piscou, olhou para Abulurd e viu que ele ficou boquiaberto. Deixou-lhe dizer o que ambos pensavam.

— Isso é impossível, filho.

Rabban deu um salto quando aquele mequetrefe o chamou de “filho”.

— Tudo que viu são os moles de processamento do norte — explicou Abulurd —, o passo final do negócio da pele de baleia, mas caçar os espécimes adequados é uma tarefa delicada, que exige cuidado e experiência. estive nos navios muitas vezes, e acredite, não é coisa fácil. Matar baleias Bjondax nunca foi considerado... um esporte.

Rabban torceu seus lábios grossos.

— Por que não? Se você é o governador planetário, supõe-se que entenda de economia.

Sua mãe meneou a cabeça.

— Seu pai compreende este planeta melhor que você. Não podemos permitir isso.

Parecia rodeada de um véu impenetrável de segurança em si mesma, como se nada pudesse perturbá-la. Rabban ferveu de raiva contida em sua cadeira, mais aborrecido que enfurecido. Esta gente não tinha direito de lhe proibir nada. Era o sobrinho do barão Vladimir Harkonnen, o suposto herdeiro de uma Grande Casa. Abulurd já tinha demonstrado que não estava à altura da responsabilidade. Ninguém escutaria as queixas de um fracassado.

Rabban se levantou da mesa e foi para sua habitação. Em uma terrina feita de uma concha de abulon, os criados da casa tinham disposto ramos de líquens cheirosos desprendidos do tronco de uma árvore, um adorno típico do Lankiveil. Rabban, tomado pela raiva, derrubou-o e a concha se partiu em mil pedaços contra o chão de madeira.

Os sons ásperos das baleias despertaram de um sonho inquieto. No profundo canal, as baleias ululavam e grasnavam com um som atonal que ressonava no crânio do Rabban.

Uma noite antes, seu pai tinha sorrido nostalgicamente ao escutar os animais. Estava com seu filho no balcão, escorregadio por causa da névoa eterna. Abulurd apontou para os estreitos fiordes onde nadavam as formas escuras e disse:

— Canções de acasalamento. Estão apaixonadas.

Rabban sentia vontade de matar.

Depois de escutar a negativa de seu pai, não entendia como podia descender dessa gente. Tinha suportado as penalidades daquele planeta. Tinha tolerado os repugnantes cuidados de seus pais. Desprezava a forma como tinham renunciado à grandeza que poderiam ter alcançado, para sentirem-se satisfeitos naquele lugar.

O sangue de Rabban começou a ferver.

Consciente de que não poderia dormir com o ruído das baleias, vestiu-se e desceu para o grande salão. Brasas alaranjadas da cavernosa chaminé iluminavam a sala como se o lar estivesse cheio de lava. Alguns criados já deviam estar acordados, mulheres da limpeza nas estadias posteriores, um cozinheiro na cozinha para os preparativos do dia. Abulurd nunca tinha guardas. Os habitantes do pavilhão principal dormiam com a tranqüilidade dos que não abrigam ambições. Rabban detestava tudo aquilo.

Vestiu um casaco, luvas, e saiu para fora. Desceu os toscos degraus até a beira da água, os moles e o abrigo dos pescadores. O frio condensava o ar devido à umidade do ar.

No interior do úmido e fétido abrigo encontrou o que procurava: vibroarpões de ponta dentada para caçar peixes. Suficiente para matar algumas baleias peludas. Poderia ter trazido armas mais pesadas, mas isso teria tirado toda emoção da caça.

As baleias cantavam em uníssono enquanto nadavam pelo plácido fiorde. Seus cantos ressoavam como arrotos nas paredes

dos escarpados. Nuvens escuras ocultavam a luz das estrelas, mas a espectral iluminação bastava para que Rabban visse o que fazia.

Desamarrou um barco de tamanho médio do mole, pequeno o bastante para dirigi-lo sozinho, mas com um casco grosso e massa suficiente para suportar os embates de baleias apaixonadas. Zarpou e acionou o motor, até entrar no profundo canal onde as bestas chapinhavam e brincavam enquanto cantavam. As formas esbeltas sulcavam as águas, emergiam à superfície, bramavam com suas vibrantes membranas vocais.

Segurou os controles com uma mão enluvada e guiou a barco até águas mais profundas, para aproximar-se do bando. Continuaram nadando, indiferentes à sua presença. Algumas até colidiram preguiçosamente com a embarcação.

Viu os adultos manchados como leopardos. Numerosas crias os acompanhavam. Os animais levavam seus filhos com eles quando iam aos fiordes reproduzir-se? Rabban bufou e ergueu o punhado de vibroarpões.

Parou o motor e se deixou levar pela corrente, atento enquanto as baleias se dedicavam a seus assuntos, sem suspeitar do perigo. Os monstros emudeceram, como se tivessem descoberto seu barco, e depois voltaram a uivar de novo. Animais estúpidos!

Rabban lançou o primeiro vibroarpão, uma rápida seqüência de potentes lançamentos. Assim que começou a matança, a canção das baleias mudou de tom.

Abulurd e Emmi, protegidos com grossas batas e sapatilhas, correram para os moles. Criados confusos abriram as luzes do pavilhão principal, e os globos brilharam na escuridão.

Os longos cantos das baleias se transformaram em uma cacofonia de gritos animais. Emmi apertou o braço do seu marido para ajudá-lo a conservar o equilíbrio quando tropeçou na escada que descia à praia. Tentava orientar-se na escuridão, mas as luzes que tinham a suas costas eram muito brilhantes. Só distinguiam

sombras, baleias que se agitavam... e algo mais. Por fim, ativaram o farol luminoso situado ao final do mole, que iluminou todo o fiorde.

Emmi soltou um grito de consternação. Atrás deles, os criados desciam pela escada, alguns providos de paus ou armas toscas, sem saber se receberiam ordens para defender o pavilhão principal.

Uma barco a motor se aproximou, arrastando uma pesada carga para o mole. Quando Emmi lhe deu uma cotovelada, Abulurd subiu ao mole para ver quem estava ao leme da embarcação. Não queria admitir o que já sabia no fundo de seu coração.

— Me joguem uma corda para que possa amarrá-la! — gritou a voz de Glossu Rabban.

Então apareceu sob a luz. Suava por causa do exercício, e tinha tirado a jaqueta. Seus braços, peito e rosto estavam ensanguentados.

— Acho que matei oito. Trouxe duas baleias pequenas, mas precisarei de ajuda para recuperar as outras carcaças. Vocês as esfolam no mole, ou as levam a alguma instalação?

Abulurd só podia olhar, paralisado pelo estupor. A corda caiu de sua mão como uma serpente estrangulada. Rabban se inclinou sobre a amurada do barco, recolheu a corda e a amarrou ao redor de uma coluna.

— Você... as matou? — perguntou Abulurd —. Todas?

Viu os cadáveres flutuantes de duas crias, de pelagem emaranhada e empapado do sangue que brotava de numerosas feridas. A pele estava rasgada. Seus olhos olhavam sem vida como pratos vazios.

— Claro que as matei. — Rabban franziu o cenho —. É isso que se faz quando sai para caçar.

Desceu do barco e ficou imóvel, como se esperasse que lhe felicitassem por sua façanha.

Abulurd abria e fechava os punhos, enquanto uma sensação de indignação e asco desconhecida ia tomando conta dele. Toda sua vida a tinha evitado, mas talvez possuísse o lendário temperamento Harkonnen.

Graças a seus anos de experiência sabia que a caça de baleias Bjondax devia acontecer em certas épocas e lugares, do contrário os grandes rebanhos não voltariam. Rabban não se preocupara em averiguar os dados básicos sobre a questão, não tinha usado nenhuma das técnicas, mal sabia pilotar um navio.

— Você as matou em suas zonas de acasalamento, idiota! — gritou Abulurd, e uma expressão ofendida e surpresa apareceu no rosto de Rabban. Seu pai nunca tinha falado assim antes —. Durante gerações vieram a Tula Fjord para criar seus filhotes e acasalar-se, antes de retornar aos mares árticos. Mas têm muito boa memória, uma memória que dura gerações. Uma vez que o sangue tinja a água, evitam o lugar por tanto tempo como dura a lembrança.

O rosto de Abulurd expressava horror e frustração. Seu próprio filho tinha amaldiçoado aquelas zonas de acasalamento, derramara tanto sangue no fiorde que nenhuma baleia Bjondax voltaria em décadas.

Rabban contemplou as presas que flutuavam junto ao barco, e depois desviou a vista para as águas do fiorde, ignorando seu pai.

— Alguém vai me ajudar, ou tenho que fazer isso sozinho?

Abulurd o esbofeteou e contemplou, com horror e incredulidade, sua mão, assombrado de ter batido em seu filho.

Rabban o fulminou com o olhar. Uma pequena provocação mais e mataria todos os presentes.

Seu pai prosseguiu com voz aflita.

— As baleias não voltarão para reproduzir-se. Não entende? Todos estes povoados do fiorde, toda a gente que vive aqui, dependem do comércio de peles. Sem as baleias, estes povoados morrerão. Todos os edifícios da costa ficarão abandonados. Os

povoados se transformarão em cidades fantasmas da noite para o dia. As baleias não voltarão.

Rabban se limitou a menear a cabeça, sem querer compreender a gravidade da situação.

— Por que se preocupa tanto com essa gente? — Olhou para os criados agrupados atrás de seus pais, homens e mulheres que tinham nascido em Lankiveil sem sangue nobre e perspectivas, simples aldeões, simples trabalhadores —. Não têm nada de especial. Você os governa. Se tempos ruins vierem, que apertem os cintos. É a realidade de suas vidas.

Emmi olhou para ele, e deixou a emoção que sentia extravasar.

— Como te atreve a falar assim? Foi difícil perdoar muitas coisas que você fez, Glossu... mas esta foi a pior.

Rabban não deu sinais de arrependimento.

— Como vocês podem ser tão cegos e idiotas? Não têm idéia do que são, ou de quem sou eu? Somos a Casa Harkonnen! — rugiu —. Me envergonho de ser seu filho.

Sem dizer mais nada se encaminhou para o pavilhão principal, onde se lavou, recolheu seus poucos pertences e se foi. Restava apenas um dia antes que tivesse permissão para abandonar o planeta. Passaria esse tempo no espaçoporto.

Estava ansioso por retornar a um lugar onde a vida fizesse sentido para ele.

## 35

*Um homem que insiste em caçar onde não existem animais, pode ter que esperar eternamente sem ter o menor êxito. A persistência na busca não é suficiente.*

*Sabedoria zensunni das peregrinações.*

Durante quatro anos, Gurney Halleck não tinha descoberto nenhuma pista sobre o paradeiro de sua irmã, mas nunca abandonara a esperança.

Seus pais se negavam a pronunciar o nome de Bheth. Continuavam estudando a Bíblia Católica Laranja durante suas silenciosas e aborrecidas noites, encontravam serenidade ao descobrir trechos que afirmavam seu papel na vida...

Gurney ficou sozinho com sua dor.

Na noite em que recebeu a surra, sem que os habitantes de Dmitri a ajudassem, seus pais tinham arrastado por fim o corpo contundido de Gurney até o interior da moradia pré-fabricada. Guardavam alguns medicamentos, mas uma vida de privações lhes ensinara os rudimentos dos primeiros socorros. Sua mãe o deitou e curou como pôde, enquanto seu pai montava guarda junto às cortinas, esperando em silêncio que os Harkonnen retornassem.

Quatro anos depois, as cicatrizes daquela noite conferiam a Gurney um aspecto mais rude que antes. Uma expressão inquietante se instalou em sua face corada. Quando se movia, sentia dores agudas em seus ossos. Assim que foi capaz, levantou-se e voltou para o trabalho. Os aldeãos aceitaram sua presença sem comentários, e nem sequer demonstrar alívio por sua colaboração.

Gurney Halleck sabia que já não era como eles.

Tampouco desejava voltar ao bar, de modo que passava as noites em casa. Depois de meses de penosos esforços, Gurney conseguiu reparar seu *baliset* e extrair música do instrumento, embora sua escala fosse limitada e não estivesse completamente afinado. As palavras do capitão Kryubi se gravaram a fogo em seu cérebro, mas se negou a deixar de compor canções que interpretava em sua habitação, onde outras pessoas podiam fingir que não as ouviam. Não obstante, a sátira amarga tinha desaparecido de suas letras. Agora, as canções se concentravam nas lembranças de Bheth.

Seus pais estavam tão pálidos e gastos que era incapaz de evocar sua imagem, embora estivessem sentados na habitação ao lado. Entretanto, depois de tantos anos, recordava todos os detalhes do rosto de sua irmã, todos os matizes de seus gestos, seu cabelo enrolado, suas expressões, seu sorriso doce.

Plantou mais flores no jardim, cuidou dos lírios perfumados e das margaridas. Queria conservá-las, conservar a lembrança de Bheth através delas. Enquanto trabalhava, cantarolava suas canções favoritas e experimentava a sensação de que estava com ela. Até imaginava que talvez estivessem pensando um no outro ao mesmo tempo.

Se ela continuasse com vida...

Uma noite, muito tarde, ouviu movimentos no exterior, viu uma forma envolta em sombras que perambulava na escuridão. Pensou que estava sonhando, até que ouviu um rangido e alguém respirar fundo. Levantou-se imediatamente, ouviu que algo se afastava rapidamente.

Havia uma flor sobre o parapeito de sua janela, um lírio perfumado recém cortado, como um totem, uma mensagem. Seu vaso continha um pedaço de papel.

Gurney agarrou o lírio, indignado pelo fato de alguém zombar dele com a flor favorita de Bheth, mas enquanto cheirava a flor,

jogou uma olhar ao papel. Tratava-se de meia página escrita com letra apressada mas feminina. Leu-a com tal rapidez que mal captou a essência da mensagem.

As primeiras palavras eram: “diga a nossos pais que estou viva!”

Gurney amassou o papel, saltou sobre o parapeito da janela e correu pelas ruas de terra. Olhou de um lado para outro e viu uma sombra desaparecer entre dois edifícios. A figura corria para a estrada principal, que conduzia a uma subestação de trânsito e depois entrava em *Harko City*.

Gurney não gritou. Isso só faria o desconhecido se apressar mais. Continuou coxeando, ignorando as dores que afligiam seu corpo ainda não recuperado. Bheth estava viva!

O desconhecido deixou a aldeia para trás e correu para os campos periféricos. Gurney supôs que tinha um pequeno veículo estacionado por perto. Quando o homem se voltou e viu a vaga silhueta que corria para ele, apertou o passo.

Gurney, ofegante, precipitou-se.

— Espere! Só quero conversar com você.

O homem não parou. À luz da lua, viu pés calçados com botas e roupas relativamente elegantes. Não era um camponês, certamente. A vida dura de Gurney tinha transformado seu corpo em uma máquina de músculos e fibras, e rapidamente diminuiu a distância. O desconhecido tropeçou no terreno irregular, o que deu a Gurney o tempo suficiente para lançar-se sobre ele.

O homem tentou se levantar e fugir para os campos, mas Gurney o reteve. Rodaram até cair em uma sarjeta de dois metros de profundidade, onde os aldeãos tinham plantado tubérculos *krall*.

Gurney agarrou o homem pelo peito da camisa e o empurrou contra a parede da sarjeta. Rochas, cascalho e pó caíram a seu redor.

— Quem é? Viu minha irmã? Ela está bem?

Gurney aproximou a luz do seu crono do rosto do homem. Pálido, olhos fundos que se moviam nervosamente. Feições afáveis.

O homem cuspiu terra e tentou remexer-se. Tinha o cabelo muito bem cortado. Sua roupa era a mais cara que Gurney tinha visto em sua vida.

— Onde ela está? — Gurney aproximou a cara e estendeu a nota, como se fosse uma prova acusadora —. De onde saiu isto? O que ela lhe disse? Como sabia do lírio?

O homem resfolegou e liberou um dos seus braços para esfregar um tornozelo dolorido.

— Eu... sou o recenseador Harkonnen deste distrito. Viajo de povoado em povoado. Meu trabalho é contar toda as pessoas que servem ao barão.

Gurney aumentou a pressão sobre a camisa.

— Vejo muita gente. Eu... — Emitiu uma tossezinha nervosa —. Vi sua irmã. Está em um bordel, perto de uma guarnição militar. Pagou-me o dinheiro que economizou durante anos.

Gurney respirou fundo, concentrado em cada palavra.

— Disse-lhe que meus deslocamentos me levariam ao povoado de Dmitri. Deu-me todos seu Solaris e escreveu esta nota. Disse-me o que devia fazer, e eu cumpri minha palavra. — Apartou a mão de Gurney e se levantou, indignado —. Por que você me atacou? Trouxe-lhe notícias de sua irmã.

— Quero saber mais — grunhiu Gurney —. Como posso encontrá-la?

O homem meneou a cabeça.

— Só me pagou para que trouxesse esta nota. Arrisquei minha vida, e agora vai conseguir me delatar. Não posso fazer nada mais por você, nem por ela.

As mãos de Gurney apertaram a garganta do homem.

— Claro que pode. Diga que bordel, que guarnição militar. Prefere correr o risco de ser descoberto pelos Harkonnen... ou que

eu o mate? — Apertou a laringe do homem para dar exemplo —. Diga.

Era a primeira notícia que Gurney tinha recebido de sua irmã em quatro anos, e não ia deixar escapar a oportunidade. Bheth estava viva. Seu coração se inflamou de alegria.

O recenseador arquejou.

— Uma guarnição situada sobre o monte Ebony e o lago Vladimir. Perto, os Harkonnen têm poços de escravos e minas de obsidiana. Os soldados vigiam os prisioneiros. O bordel... — Engoliu em seco, temeroso de revelar a informação —. O bordel serve a todos os soldados. Sua irmã trabalha ali.

Gurney, tremulo, tentou pensar em como cruzar o continente. Tinha poucos conhecimentos de geografia, mas aprender mais. Contemplou a lua desaparecer atrás das nuvens, enquanto começava a conceber um plano provisório para libertar Bheth.

Gurney assentiu e deixou cair os braços. O recenseador saiu da sarjeta e se afastou pelos campos coxeando por causa do tornozelo torcido. Dirigia-se para um grupo de árvores, atrás do qual devia ter escondido um veículo.

Gurney, amortecido e esgotado, deixou-se cair contra a parede da sarjeta. Exalou um profundo suspiro. Pouco importava o homem que tinha escapado.

Finalmente tinha uma pista do paradeiro de sua irmã.

## 36

*O governante eficaz castiga a oposição ao mesmo tempo em que recompensa a colaboração; move suas forças aleatoriamente; oculta os principais elementos de seu poder; põe em marcha um ritmo de contraposição que desequilibra seus oponentes.*

*WESTHEIMER ATREIDES*  
*Elementos da liderança.*

Quando o filho de Leto nasceu, teve a impressão de que o tempo passava mais depressa ainda.

O menino, vestido com uma armadura de brinquedo e provido de um escudo de papel laminado, atacou com ferocidade o touro salusano de pelúcia com sua vara, e depois retrocedeu. Victor, o filho de dois anos do duque Atreides, usava uma boina enfeitada de verde com um emblema vermelho Atreides.

Leto, de joelhos e rindo, movia de um lado a outro o touro de brinquedo para dificultar o trabalho do menino de cabelo negro, que ainda se movia com a insegurança de um bebê.

— Faça o que te ensinei, Victor. — Tentou dissimular seu sorriso com uma expressão muito séria —. Cuidado com a vara. — Fez-lhe uma demonstração —. Segure assim, e afunde-a de lado no cérebro do monstro.

O menino, obediente, tentou de novo, mal era capaz de levantar a arma. A ponta cega da vara ricocheteou na cabeça, perto da marca que Leto tinha desenhado com giz.

— Muito melhor!

Jogou o touro para um lado, agarrou o menino nos braços e o levantou por em cima da cabeça. Victor riu quando Leto lhe fez

cócegas no peito.

— Outra vez? — disse Kailea em tom desaprovador —. Leto, o que está fazendo? — Estava na porta com Chiara, sua dama de companhia —. Não o afeiçoe a essas tolices. Quer que morra como o avô?

Leto se voltou para sua concubina com expressão grave.

— O touro não teve culpa, Kailea. Foi drogado por traidores.

O duque não falou do segredo que ocultava, que sua própria mãe estava implicada na conspiração, e que tinha exilado *lady* Helena a um monastério primitivo com as Irmãs do Isolamento.

Kailea olhou para ele, muito pouco convencida. Leto tentou adotar um tom mais razoável.

— Meu pai acreditava que essas bestas eram nobres e magníficas. Derrotar uma na arena exige muita habilidade, e honra.

— Mesmo assim..., é adequado para nosso filho? — Kailea olhou para Chiara, como se procurasse o apoio da anciã —. Tem apenas dois anos.

Leto remexeu o cabelo do menino.

— Nunca é muito cedo para aprender a lutar. Até Thufir passa. Meu pai nunca me mimou, e eu tampouco penso em fazê-lo com Victor.

— Estou segura de que sabe o que mais lhe convém — disse a jovem com um suspiro de resignação, mas o brilho agitado de seus olhos proclamava o contrário —. Afinal, você é o duque.

— É a hora da aula do Victor, querida.

Chiara consultou seu crono de pulso cravejado de jóias, uma antigüidade richesiana que havia trazido de Kaitain.

Victor, com expressão decepcionada, olhou para seu pai.

— Vá. — Leto afagou suas costas —. Um duque tem que aprender muitas coisas, e nem todas são tão divertidas como esta.

O menino resistiu por um momento, mas depois atravessou a habitação com suas curtas pernas. Chiara, com um sorriso digno de uma avó, pegou-o nos braços e levou-o para a sala-de-aula privada situada na asa norte do castelo. Swain Goire, o guarda encarregado de vigiar Victor, seguiu a dama de companhia. Kailea ficou no quarto de brincar, enquanto Leto apoiava o touro de pelúcia contra a parede, secava o pescoço com uma toalha e bebia um copo de água fresca.

— Por que meu irmão confia sempre em você, e não me conta nada? — Leto viu que sua concubina estava insatisfeita e insegura —. É verdade que essa mulher e ele estão falando de casar-se?

— Não fala a sério... Acredito que é algo que lhe ocorreu de repente. Você sabe como Rhombur é lento na hora de tomar decisões. Algum dia, possivelmente.

Kailea apertou os lábios em desaprovação.

— Mas ela não é mais que uma... Bene Gesserit. Não tem sangue azul.

— Uma Bene Gesserit foi boa o bastante para meu primo, o imperador. — Leto não falou da dor que sentia em seu coração —. Ele é quem tem que decidir, Kailea. Parece que se amam, certamente.

Kailea e ele haviam se distanciado desde o nascimento de seu filho. Ou talvez desde que Chiara chegara com todas as suas intrigas e histórias sobre a corte imperial.

— Amor? Ah, é o único ingrediente necessário para o matrimônio? — Seu rosto escureceu —. O que seu pai diria de tamanha hipocrisia, o grande duque Paulus Atreides?

Leto tentou conservar a calma, aproximou-se da porta do quarto e a fechou para que ninguém pudesse ouvi-los.

— Sabe que não posso tomá-la como esposa.

Recordava as terríveis brigas de seus pais atrás das portas grossas do seu dormitório. Não queria que isso se repetisse com ele e Kailea.

A irritação ocultava a delicada beleza de Kailea. Agitou o cabelo, e seus cachos acobreados caíram sobre seus ombros.

— Um dia nosso filho deveria ser o duque Atreides. Espero que mude de opinião quando até lá.

— É uma questão de política, Kailea. — Leto avermelhou —. Quero muito ao Victor, mas sou o duque de uma Grande Casa. Antes de qualquer coisa devo pensar na Casa Atreides.

Nas reuniões do Conselho do *Landsraad*, outras Casas exibiam suas filhas a Leto, com a esperança de tentá-lo. A Casa Atreides não era a família mais poderosa nem mais rica, mas Leto era apreciado e respeitado, sobretudo depois de seu comportamento valente durante o Julgamento por Confisco. Estava orgulhoso do que havia conseguido em Caladan e desejava que Kailea o apreciasse mais por isso.

— E Victor continuará a ser um bastardo.

— Kailea...

— Às vezes odeio seu pai pelas estúpidas idéias que meteu na sua cabeça. Como não posso oferecer-lhe alianças políticas, e como não possuo dote e posição, não sou aceitável como esposa. Mas como você é um duque, pode ordenar que vá para sua cama sempre que quiser.

Ofendido pela forma que Kailea expressava seu desgosto, Leto imaginou o que Chiara devia cochichar para sua concubina na intimidade de seus aposentos. Não podia haver outra explicação. Leto não gostava da anciã, mas despedi-la acabaria por separá-lo de Kailea. As duas mulheres se davam bem juntas, envolviam-se em longas conversas intelectuais, imitavam o estilo imperial.

Olhou pela janela, e pensou em como ele e Kailea tinham sido felizes alguns anos antes.

— Não mereço isso, sobretudo considerando tudo que minha família fez por você e seu irmão.

— Oh, muitíssimo obrigado. Tampouco prejudicou sua imagem, não é? Ajudar os pobres refugiados de IX para que seu amado povo

veja como seu governante é benevolente. O nobre duque Atreides. Mas nós, que partilhamos da sua intimidade, sabemos que é apenas um homem, não a lenda em que tenta se transformar. Não é o herói do povo, como imagina ser. Se fosse, concordaria...

— Basta! Rhombur tem todo o direito de casar-se com Tessia, se assim desejar. Se assim decidir. A Casa Vernius foi destruída, e para ele não haverá matrimônios políticos.

— A menos que seus rebeldes reconquistem IX — replicou ela —. Leto, me diga a verdade, deseja em segredo que os rebeldes não triunfem, para assim ter sempre uma desculpa para não se casar comigo?

Leto ficou pasmo.

— Mas é claro que não!

Kailea saiu da habitação, ao que parecia convencida de que tinha ganho aquela partida.

A sós, Leto pensou no muito que a jovem tinha mudado. Durante anos estivera apaixonado por ela, muito antes de tomá-la como concubina. Tinha uma relação com ela, embora não tão oficial como Kailea desejava. A princípio se mostrou colaboradora, mas suas ambições dispararam, até complicar suas vidas sem necessidade. Nos últimos tempos, a vira com excessiva frequência pentear-se em frente ao espelho, enfeitar-se como uma rainha... algo que jamais poderia ser. Leto não podia mudar o que ela era.

Mas a alegria que seu filho proporcionava compensava os outros problemas. Queria o menino com uma intensidade que o surpreendia. Só desejava o melhor para Victor, queria que ele se tornasse um homem decente e honrado, à maneira Atreides. Embora não pudesse nomeá-lo oficialmente herdeiro do ducado, Leto tinha a intenção de lhe conceder todos os benefícios, todas as vantagens. Um dia, Victor compreenderia as coisas que sua mãe não assumia.

Enquanto o menino estava sentado em frente a máquina pedagógica, brincando de reconhecer formas e identificar cores, Kailea e Chiara falavam em voz baixa. Victor apertava botões com rapidez, alcançava resultados pouco freqüentes para sua idade.

— Minha senhora, temos que encontrar uma forma de convencer o duque. É um homem teimoso, e tenta forjar uma aliança matrimonial com uma família poderosa. O arquiduque Ecaz o persegue, conforme me disseram, e lhe oferece uma de suas filhas. Suspeito que os pressupostos esforços diplomáticos de Leto para mediar o conflito entre os Moritani e os Ecaz constitui uma cortina de fumaça que oculta suas verdadeiras intenções.

Kailea entreabriu os olhos.

— Leto viaja para Grumman na semana que vem para falar com o visconde Moritani. Ele não tem filhas.

— Ele diz que vai para lá, querida, mas o espaço é imenso, e se Leto se desviar, quem vai saber? Depois de todos os anos que passei na corte imperial, compreendo estas coisas muito bem. Se Leto conseguir um herdeiro oficial, Victor será apenas mais um filho bastardo... e arruinará sua posição.

Kailea inclinou a cabeça.

— Eu disse tudo o que me aconselhou, Chiara, mas me pergunto se não fui muito longe... — Agora que Leto não podia vê-la, expressava todas seus receios e medos —. Me sinto tão frustrada. Parece que não posso fazer nada. Ele e eu fomos muito próximos antes, mas tudo saiu errado. Confiava que ao lhe dar um filho nos aproximáramos novamente.

Chiara umedeceu seus lábios enrugados.

— Ai, querida, em épocas antigas, esses filhos eram chamados de "cimento humano", porque uniam as famílias.

Kailea meneou a cabeça.

— Em vez disso, Victor só fez o problema ficar evidente. Às vezes penso que Leto me odeia.

— Tudo tem solução, se confiar em mim, minha senhora. — Chiara apoiou uma mão tranqüilizadora no ombro da jovem —. Para começar, fale com seu irmão. Pergunte a Rhombur o que ele pode fazer. — Sua voz era doce e razoável —.O duque sempre o escuta.

Kailea se animou.

— Isso poderia funcionar. Tentar não custa nada.

Falou com Rhombur em seus aposentos do castelo. Estava na cozinha com Tessia, e a ajudava a preparar uma salada de hortaliças locais. Rhombur a escudou com atenção enquanto cortava uma cabaça de mar púrpura sobre uma tabela.

Não pareceu compreender a gravidade da situação de sua irmã.

— Não tem direito de se queixar de nada, Kailea. Leto nos tratou como reis... *er*, sobretudo a você.

A jovem emitiu bufou de exasperação.

— Como pode dizer isso? Agora que tenho o Victor, valho muito mais.

Não sabia se devia ir as nuvens ou abandonar-se ao desespero.

Tessia piscou.

— Rhombur, sua única esperança é derrotar os tleilaxu. Assim que recuperar a Casa Vernius, seus outros problemas parecerão irrelevantes.

Rhombur se inclinou para beijar sua concubina na testa.

— Sim, meu amor. Não acha que estou me esforçando? Faz anos que enviamos dinheiro em segredo a C'tair, mas ainda não sei como os rebeldes estão. Hawat enviou outro espião, e o homem desapareceu. IX é um osso duro de roer, tal como nós o desenhamos.

Tessia e Kailea se surpreenderam mutuamente quando responderam em uníssono:

— Precisa se esforçar mais.



# 37

*O Universo funciona sobre um princípio econômico básico: tudo tem um custo. Pagamos para criar nosso futuro, pagamos pelos erros do passado. Pagamos por todas as mudanças que efetuamos... e pagamos também se não quisermos mudar.*

*Anais dos Bancos da Corporação  
Registro Filosófico*

Dizia-se entre os fremen que era preciso respeitar e temer o *Shai-Hulud*, mas antes de fazer dezesseis anos, Liet-Kynes tinha montado vermes de areia muitas vezes.

Durante sua primeira viagem às regiões polares do sul, seu irmão de sangue Warrick e ele tinham convocado um verme atrás de outro, e os tinham montado até esgotá-los. Depois plantavam um martelo de areia, preparados com seus ganchos de ferro, e chamavam o próximo. Todos os fremen confiavam neles.

Durante quatro intermináveis horas, os dois jovens se agacharam com seus traje destiladores sob mantos com capuz, suportando o calor do dia sob um céu de um azul poeirento. Escutavam o rugido da areia abaixo deles, ardente devido à fricção produzida pela passagem do verme.

Longe da linha cartográfica dos sessenta graus das regiões desabitadas, cruzaram a Grande Extensão e os *ergs* desolados, vadearam mares de areia sem trilhas, chegaram ao Equador e continuaram para o sul, para os palmeirais proibidos próximos à calota antártica. Aquelas plantações tinham sido plantadas e cuidadas por Pardot Kynes, na primeira fase de seu sonho de despertar Duna novamente.

O olhar de Liet esquadrinhou a imensidão. Ventos invernais açoitavam a superfície da Grande Extensão, lisa como a superfície de uma mesa. Este deve ser o horizonte da eternidade. Estudou a paisagem austera, as gradações sutis, os afloramentos rochosos. Seu pai lhe dera lições sobre o deserto desde que sua jovem mente fora capaz de compreender a linguagem. O planetólogo o chamava de paisagem implacável, sem pausa... sem vacilação.

Quando anoiteceu o sexto dia de viagem, seu verme começou a dar sinais de esgotamento e nervosismo, ao ponto de tentar meter-se sob a areia, embora seus segmentos sensíveis se mantivessem abertos graças aos ganchos de ferro. Liet indicou a Warrick um recife de rocha com suas rachaduras protegidas.

— Podemos passar a noite ali.

Warrick utilizou suas varas para esporear o verme. Depois tiraram os ganchos de ferro e se prepararam para descer. Como Liet tinha chamado este monstro em particular, indicou por gestos a seu amigo que descesse pelo lombo segmentado.

— O primeiro a subir, o último a descer — disse Liet.

Warrick obedeceu. Desenganchou as caixas de suspensão, carregadas de essência de melange bruta, e as afastou do alcance do monstro. Depois correu para o alto de uma duna. Ao chegar lá ficou imóvel, pensando como a areia, tão silencioso como o deserto.

Liet deixou que o verme se enterrasse na areia e saltou no último momento, vadeando a areia como se fosse um pântano. Seu pai gostava de contar histórias dos pântanos de Bela Tegeuse e Salusa Secundus, mas Liet duvidava que esses planetas possuíssem um pingaço do encanto ou vigor de Duna.

Como filho do *Umma* Kynes, Liet desfrutava de certas vantagens e privilégios. Embora estivesse indo muito bem naquela importante viagem às terras antárticas, sabia que seu direito de nascimento não aumentava suas chances de êxito. Todos os fremen jovens recebiam essas responsabilidades.

A Corporação Espacial exigia seu suborno periódico de especiaria.

Por uma quantidade exorbitante de essência de especiaria, a Corporação fazia a vistas grossas sobre as atividades de terraformação secretas, esquecia os movimentos dos fremen. Os Harkonnen não podiam compreender por que era tão difícil obter projeções meteorológicas e análises cartográficas detalhadas, mas a Corporação sempre negava... porque os fremen nunca esqueciam de pagar a cota.

Quando Liet e Warrick encontraram um canto do recife de lava protegido para montar seu tenda destiladora, Liet tirou os bolos de especiaria com mel que sua mãe tinha feito. Os dois jovens se sentaram, contentes com sua mútua companhia, e falaram das jovens fremen que viviam nos *sietches* que tinham visitado.

Ao longo dos anos, os irmãos de sangue tinham realizado muitos atos valentes, e também muitas imprudências. Algumas tinham convertido em desastres, em outras tinham escapado por um fio, mas Liet e Warrick tinham sobrevivido a todas elas. Os dois tinham colhido numerosos troféus Harkonnen, e recebido cicatrizes em troca.

Riram até bem entrada a noite da ocasião em que tinham sabotado os tópteros Harkonnen, da outra em que tinham forçado o armazém de um rico mercador e roubado guloseimas muito apreciadas, de quando tinham açoitado a miragem de uma escorregadia praia branca salgada, afim de pedir um desejo.

Satisfeitos por fim, os dois dormiram sob a luz das duas luas, com a intenção de despertar antes do amanhecer. Ainda restavam vários dias de viagem.

Uma vez atravessada a fronteira dos vermes de areia, onde a umidade do chão e os longos afloramentos rochosos impediam que os vermes se deslocassem, Liet-Kynes e Warrick continuaram a pé. Guiados por seu sentido da orientação inato, atravessaram *canyons* e planícies gélidas. Em gargantas rochosas com altas paredes conglomeradas, viram antigos leitos de rio secos. Seus narizes

fremen sensíveis eram capazes de detectar um aumento de umidade no ar gélido.

Os dois jovens passaram uma noite no *sietch* das Dez Tribos, onde espelhos fundiam o *permafrost* do chão, produzindo assim água suficiente para que as plantas crescessem cuidadas com o máximo esmero. Tinham plantado hortas, além de palmeiras anãs.

Warrick exibia um largo sorriso. Tirou os plugues do traje destilador do nariz e aspirou uma baforada de ar puro.

— Cheiro de plantas, Liet! Até o ar está vivo. — Baixou a voz e olhou solenemente para seu amigo —. Seu pai é um grande homem.

Os curandeiros tinham uma expressão inquietante mas extasiada em seu rosto, cheios de ardor religioso ao ver que seus esforços frutificavam. Para eles, o sonho de *Umma Kynes* não era um novo conceito abstrato, mas um autêntico futuro próximo.

Os fremen reverenciaram o filho do planetólogo. Alguns se adiantaram para lhe tocar o braço e o traje destilador, como se assim acreditassem estar mais perto do profeta.

— E o deserto se regozijará, e florescerá como uma rosa! — gritou um ancião, citando a Sabedoria *Zensunni* das Peregrinações.

Outros iniciaram um canto ritual.

— O que é mais precioso que a semente?

— A água onde germina a semente.

— O que é mais precioso que a rocha?

— O chão fértil que a cobre.

Continuaram de maneira similar, mas sua adoração incomodou Liet. Warrick e ele decidiram partir assim que as obrigações da hospitalidade permitissem, depois de compartilhar café com o *naib* e dormir bem na noite fria.

A gente do *sietch* das Dez Tribos lhes deu roupas quentes, que até agora não tinham necessitado. Depois, Liet e Warrick

retomaram a marcha de novo, com sua valiosa carga de especiaria concentrada.

Quando os dois jovens chegaram à lendária fortaleza do mercador de água Rondo Tuek, o edifício lhes pareceu muito mais um armazém industrial imundo que um fabuloso palácio, situado entre montanhas de gelo branco. O edifício era quadrado, ligado por numerosos tubos e valas. Maquinas de escavação tinham perfurado o chão duro como o ferro para extrair o gelo enterrado na terra, deixando feias montanhas de detritos.

A neve antiga fora enterrada muito tempo antes em capas de pó grosso e calhaus, o conjunto consolidado por água gelada. Extrair a umidade era uma operação simples: escavavam enormes quantidades de terra e depois a aqueciam para liberar o vapor de água preso.

Liet rompeu um pedaço de terra gelada e a lambeu, sentiu o sabor do sal, assim como do gelo misturado com a areia. Sabia que a água estava ali, mas lhe parecia tão inacessível como se estivesse em um planeta longínquo. Avançaram para o edifício com suas caixas de especiaria destilada.

A instalação era feita de blocos de pseudocimento fabricados a partir dos restos do processo de extração de gelo. As paredes da fortaleza eram brancas e sem adornos, repletas de janelas e reforçadas com espelhos e coletores de energia que absorviam a luz do sol. Fornos de extração de gelo emitiam gases pardos, que impregnavam o ar de pó e areia.

Rondo Tuek era o proprietário de uma opulenta mansão em Carthag, mas se dizia que o mercador de água visitava poucas vezes sua moradia espetacular da cidade. Tuek tinha obtido abundantes benefícios com suas minas de água no sul, que vendia nas cidades do norte e nos povoados das depressões e conchas.

Entretanto, o terrível clima do hemisfério sul, em especial as imprevisíveis tormentas de areia, destruíam um carregamento de cada quatro, e Tuek se via obrigado a comprar sem cessar maquinaria nova, assim como a contratar novas equipes de

trabalhadores. Por sorte para ele, um carregamento de água lhe rendia lucros suficientes para superar as perdas. Poucos empresários desejavam correr tais riscos, mas Tuek tinha contatos secretos com os traficantes, a Corporação e os fremen. De fato se dizia que a extração de água era apenas uma cobertura, um negócio legal que ocultava a atividade que na realidade ganhava dinheiro: atuar como intermediário com os contrabandistas.

Warrick e Liet avançaram lado a lado entre as máquinas barulhentas e os operários de outros planetas, até as portas de entrada. Tuek utilizava sobretudo trabalhadores mercenários que nunca se deslocavam ao norte para passar o tempo na árida realidade de Duna. O mercador de água preferia assim, pois esses homens eram mais capazes de guardar segredos.

Embora Liet fosse mais baixo que Warrick, ergueu-se em toda sua estatura e o precedeu. Um homem vestido com macacão de trabalho e luvas isolantes os ultrapassou indo para seu posto, e olhou de esguelha para eles.

Liet o deteve.

— Somos uma delegação fremen, e viemos ver Rondo Tuek. Eu sou Liet-Kynes, filho de Pardot Kynes, e este é Warrick...

O operário apontou para trás.

— Está lá dentro. Vá procurar.

Encaminhou-se para uma das máquinas que perfuravam a rocha de gelo incrustada de terra.

Liet, desprezado, olhou para seu amigo. Warrick sorriu e lhe deu uma palmada nas costas.

— De qualquer modo, não temos tempo para formalidades. Vamos procurar Tuek.

Entraram no edifício cavernoso como se trabalhassem ali. O ar era frio, embora globos de calor zumbissem nas paredes e cantos. Liet obteve vagas indicações de alguns operários, que apontaram para um corredor e depois para o seguinte, até que os dois se

perderam completamente em um labirinto de escritórios, terminais de controle e armazéns.

Um homem baixo e forte avançou para eles, movendo os braços.

— Não é difícil encontrar dois fremen aqui dentro — disse —. Sou Rondo Tuek. Venham aos meus aposentos privados. — O homem olhou por cima do ombro —. E tragam seu equipamento. Não deixem essas coisas por aí.

Liet tinha visto o homem só uma vez, anos antes, no banquete celebrado por Fenring em sua residência em Arrakeen. Tinha grandes olhos cinzentos, maçãs do rosto finas e um queixo quase inexistente, que transformava seu rosto num quadrado perfeito. Seu cabelo cor de ferrugem começava a rarear no alto, mas crescia com abundância nas têmporas. Era um homem de aspecto estranho que caminhava com um passo estranho, a antítese da graça que caracterizava os fremen.

Tuek os precedeu. Liet e Warrick arrastaram os contêineres. Tiveram que apressar-se para não se atrasar. Tudo naquele lugar parecia ordinário e comum, uma decepção para Liet. Mesmo no *sietch* mais humilde, os fremen tinham tapetes de alegres cores, ou figuras decorativas de arenito esculpido. Em os tetos tinham desenhos geométricos, em algumas ocasiões com mosaicos trançados.

Tuek os guiou até uma longa parede, tão limpa quanto as demais. Olhou para um e outro lado para ver se seus trabalhadores tinham abandonado a área, e depois apoiou a palma contra um leitor. A fechadura se abriu com um vaio e revelou uma cálida câmara repleta de riquezas inimagináveis.

Havia garrafas de cristal do melhor conhaque kirano e vinhos de Caladan alinhadas em nichos. Uma aranha incrustada de jóias lançava uma luz facetada sobre cortinas púrpura que dotavam às paredes de uma suavidade apagada, tão confortável como um útero.

— Ah, os tesouros ocultos do mercador de água — disse Warrick.

As poltronas eram enormes e macias. Havia holos de espetáculos amontoados sobre uma mesa polida. Espelhos no teto refletiam a luz das colunas coríntias luminosas, feitas de alabastro de Hagal opalescente, onde fogos moleculares iluminavam por dentro.

— A Corporação traz poucas comodidades a Arrakis. Os Harkonnen não apreciam os objetos belos, e além deles poucos os podem permitir. — Tuek encolheu seus ombros largos —. E ninguém quer transportá-las através dos infernos do hemisfério sul até minha fábrica.

Arqueou suas sobrancelhas cheias.

— Mas devido a meu acordo com seu povo — acionou um controle para fechar as portas —, a Corporação envia de vez em quando naves e as situa na órbita polar. Lançadeiras me entregam os fornecimentos que necessito. — Afagou os pesados contêineres de carga que Warrick havia trazido —. Em troca de seu... pagamento mensal de especiaria.

— Nós o chamamos de suborno de especiaria — disse Liet.

Tuek não pareceu se ofender.

— Semântica, meu filho. A essência pura de melange que os fremen extraem das profundezas do deserto é mais valiosa que a miséria encontrada pelas equipes Harkonnen no norte. A Corporação destina estes carregamentos para seu próprio uso, mas quem pode compreender o que os Navegantes fazem com ela?

Voltou a dar de ombros.

Tamborilou com os dedos sobre uma caderneta.

— Vou anotar que recebemos seu pagamento mensal. Dei ordens a meu chefe de intendência para que lhes forneça provisões suficientes para sua viagem de volta.

Liet não tinha esperado muitos detalhes de Tuek, e aceitou seu comportamento prático. Não queria ficar ali nem um minuto mais, embora as pessoas das cidades ou dos povoados tivesse prolongado sua estadia para admirar os adornos exóticos e o elegante mobiliário. Liet não tinha nascido para apreciar essas coisas.

Como seu pai, preferia passar o dia no deserto, seu lar.

Se se apressassem, Liet calculava que poderiam chegar ao *sietch* das Dez Tribos ao anoitecer. Desejava o calor do sol, para assim poder flexionar suas mãos congeladas.

Mas era o frio que impressionava Warrick. Ficou imóvel com os braços abertos, as botas de deserto plantadas no chão.

— Você já experimentou isso antes, Liet? — Esfregou a bochecha —. Minha pele está quebradiça. — Respirou fundo e olhou para suas botas —. E se sinto a presença de água. Está aqui, mas... presa.

Contemplou as montanhas pardas das geleiras incrustadas de pó. Warrick era impulsivo e curioso, e pediu a seu amigo que esperasse.

— Terminamos nossa missão, Liet. Não temos tanta pressa para retornar.

Liet parou.

— O que você está tramando?

— Estamos aqui, nas lendárias montanhas de gelo. Vimos os palmeirais e as plantações que seu pai iniciou. Quero dedicar um dia a explorar, a sentir o gelo sólido sob meus pés. Escalar essas geleiras seria o equivalente de escalar montanhas de ouro.

— Não veremos gelo em estado puro. A umidade está congelada no pó e na terra. — Ao ver a expressão ansiosa de seu amigo, a impaciência de Liet desapareceu —. Será como você diz, Warrick. Para que tanta pressas? — Para os dois jovens de dezesseis anos, aquela podia ser uma aventura muito maior, e mais

segura, que seus ataque contra as fortalezas Harkonnen —. Vamos escalar as geleiras.

Caminharam sob a perpétua luz solar apagada do pólo sul. A tundra possuía uma beleza austera, sobretudo para alguém acostumado à realidade do deserto.

Quando deixaram as escavações industriais de Tuek para trás, a fina nuvem de pó e detritos expulsos lançava uma neblina parda sobre o horizonte. Liet e Warrick subiram mais, estilhaçaram rochas e encontraram um filme de gelo. Chuparam fragmentos quebrados do chão congelado, sentiram o sabor amargo de produtos químicos alcalinos, e cuspiram a terra e a areia.

Warrick correu, desfrutando da liberdade. Como fremen, tinham-no preparado para jamais baixar a guarda, mas os caçadores Harkonnen não se aventuravam até o pólo sul. Aqui estavam provavelmente a salvo. Provavelmente.

Liet continuava esquadrinhando o terreno e os penhascos que se elevavam em grandes massas de terra parda congelada. Agachou-se para examinar uma marca quase perceptível, um entalhe ínfimo.

— Warrick, olhe isto.

Estudaram uma pegada impressa na terra esponjosa. Depois de examinar o terreno, descobriram marcas sutis onde outros rastros tinham sido apagados de propósito e com supremo cuidado.

— Quem esteve aqui?

Warrick olhou para ele.

— E por que se escondem? — acrescentou —. Estamos longe da fábrica de água de Tuek.

Liet farejou o ar, esquadrinhou os penhascos e as formações rochosas, e viu um brilho de geada através do manto de frio.

— Possivelmente sejam exploradores que se dirigem para o pólo em busca do gelo mais limpo que poder escavar.

— Nesse caso, por que apagaram seus rastros?

Liet olhou na direção que o rastro indicava, subindo a parede escarpada de um penhasco, salpicada de barro poeirento congelado em formas caprichosas. Em sintonia com os detalhes do ambiente, olhou e estudou cada sombra, cada fenda.

— Algo não se encaixa.

Todos os alarmes em seu corpo dispararam, e indicou com um gesto a Warrick que ficasse em silêncio. Ao não perceber outros sons ou movimentos, os dois avançaram cuidadosamente. Desde pequenos, Liet e Warrick tinham aprendido a mover-se pelo deserto sem fazer ruído nem deixar rastros.

Liet ainda não podia identificar o que lhe parecia fora do lugar, mas a sensação aumentou à medida que se aproximavam. Embora o frio embotasse seus delicados sentidos, avançaram com muito cuidado. Ao subir pelo atalho de pó endurecido pelo gelo, distinguiram o que para olhos fremen era sem dúvida um caminho.

Pessoas haviam subido por esta penhasco.

Os dois jovens tentaram se tornar invisíveis no penhasco, agir como parte da paisagem, mover-se como componentes naturais. Na metade do caminho, Liet observou uma tênue descoloração na parede, uma mancha muito uniforme, muito artificial. Fora bem camuflado, mas com algumas erros visíveis.

Era uma porta oculta, grande o bastante para acolher uma espaçonave. Um armazém secreto de Rondo Tuek? Uma instalação da Corporação, ou um esconderijo de contrabandistas?

Liet permaneceu imóvel. Antes que pudesse dizer algo, outras manchas se abriram junto ao caminho, pedaços de gelo e rocha camuflados com tal destreza que nem sequer ele percebeu. Saíram quatro homens de aspecto rude. Eram musculosos e vestiam uniformes improvisados. E tinham armas.

— Movem-se bem e silenciosamente, rapazes — disse um dos homens. Era alto, com olhos brilhantes e calva reluzente. Um bigode escuro lhe caía até o queixo —. Mas esqueceram que aqui,

no frio, pode-se ver o vapor do seu fôlego. Não tinham pensado nisso, não é?

Um par de homens grisalhos indicaram com suas armas que os cativos entrassem nos túneis da montanha. Warrick apoiou a mão sobre o pomo de sua faca e olhou para seu amigo. Morreriam lutando costas contra costas se necessário.

Mas Liet meneou a cabeça. Os homens não usavam as cores Harkonnen. Em alguns pontos, as insígnias tinham sido arrancadas. Devem ser contrabandistas.

— Somos seus prisioneiros? — perguntou Liet, ao mesmo tempo em que olhava com ar significativo para os fuzis.

— Quero descobrir o erro que cometemos para que nos localizassem com tanta facilidade. — O homem calvo baixou a arma —. Me chamo Dominic Vernius, e são meus convidados... por enquanto.

## 38

*A crescente variedade e abundância de vida multiplica a um nível imenso o número de ambientes aptos para a vida. O sistema resultante é uma rede de fabricantes e usuários, devoradores e devorados, colaboradores e competidores.*

*PARDOT KYNES*

*Relatório ao imperador Shaddam IV.*

Apesar de todas as suas maldades e ardis, do sangue que manchava suas mãos, Hasimir Fenring podia ser maravilhoso com ela. *Lady* Margot sentia falta dele. Ele viajara com o barão Harkonnen para as profundezas do deserto para inspecionar os lugares onde se recolhia a especiaria, depois de ter recebido uma mensagem irada de Shaddam sobre uma queda na produção de melange.

Seu marido, com fria lealdade com seus bem definidos objetivos, tinha cometido numerosas atrocidades em nome do imperador, e ela suspeitava que participara da misteriosa morte de Elrood IX. Entretanto, sua educação Bene Gesserit lhe ensinara a valorizar resultados e conseqüências. Hasimir Fenring sabia obter o que desejava, e Margot o adorava por isso.

Suspirava cada vez que entrava na estufa exuberante que seu marido tinha mandado construir para ela. Vestida com uma confortável mas elegante bata que mudava de cor a cada hora, Margot apertou a palma da sua mão contra a fechadura da porta hermética. Quando atravessou o arco adornado com mosaico e entrou na câmara, aspirou uma profunda baforada de ar. Imediatamente, começou a soar uma música relaxante, um dueto de *baliset* e piano.

As paredes irradiavam a amarelada luz do sol da tarde através de janelas de cristal que filtravam o sol branco de Arrakis e o transformavam em uma evocação dos dias de Kaitain. Grossas folhas ondeavam devido à circulação do ar como bandeiras de cidadãos entusiastas. Durante os últimos quatro anos, as plantas da câmara tinham florescido até o ponto de superar suas mais extravagantes expectativas.

Em um planeta onde cada gota de água era preciosa e os mendigos vagavam pelas ruas pedindo um pouco do prezado líquido, onde vendedores de água vestidos com cores brilhantes agitavam suas campainhas e cobravam preços exorbitantes por um só gole, seu retiro privado era um esbanjamento escandaloso. E valia cada gota. Como seu marido dizia sempre, o ministro imperial da Especiaria podia se permitir.

No fundo do seu passado, entre os ecos de antigas vidas que ainda estavam ao seu dispor, Margot recordou uma esposa presa em um lar estritamente islâmico, uma mulher chamada Fátima em honra à única filha da Mahoma. Seu marido era rico o bastante para manter três esposas, que mantinha presas em sua casa, embora tivesse destinado um pátio para cada uma. Depois da cerimônia matrimonial, Fátima nunca mais havia saído da casa, assim como as outras esposas. Todo seu mundo estava resumido ao pátio exuberante, com suas plantas, flores e o céu no alto. A água que emanava da fonte central proporcionava um acompanhamento musical para os instrumentos que ela tocava. Às vezes, mariposas e colibris se aproximavam para ter um banquete de néctar...

Agora, incontáveis gerações depois, em um planeta que girava ao redor de um sol mais longínquo do que aquela mulher jamais poderia imaginar, Margot Fenring se encontrava em um lugar similar, protegido, belo e cheio de plantas.

Um *servok* automático, provido de longos tubos e mangueiras, umedecia o ar, regava as árvores podadas, samambaias e flores. A fria umidade arrepiava a pele de Margot, seus pulmões a aspiraram. Um luxo semelhante, depois de tantos anos! Levantou uma folha

molhada, afundou os dedos no chão úmido que rodeava a base da planta. Não havia nem sinal dos pulgões mutantes que esta planta transportava quando chegou de seu planeta tropical de origem, Ginaz.

Enquanto examinava as raízes, a voz da reverenda madre Biana lhe falou em sussurros da Outra Memória. A irmã, morta muito tempo atrás, que tinha sido encarregada da Escola Materna dois séculos antes, instruía Margot nos métodos delicados da ciência da horticultura. A música (a canção favorita de Biana, uma enfeiticante melodia trovadoresca de Jongleur) tinha despertado seu fantasma interior.

Até sem a ajuda da memória de Biana, Margot se orgulhava de seu conhecimento sobre as plantas. À estufa chegavam espécimes de todo o Império. Para ela, eram como os filhos que não poderia ter com seu marido, um eunuco genético. Gostava de vê-las crescer e amadurecer em um ambiente tão hostil.

Seu marido também era um especialista em sobreviver em situações hostis.

Acariciou uma folha sedosa e larga. Eu a protegerei.

Margot perdeu a noção do tempo, esqueceu até de ir comer. Uma irmã Bene Gesserit podia jejuar durante uma semana, caso necessário. Estava sozinha com suas plantas, pensamentos e a Outra Memória.

Satisfeita, sentou-se em um banco junto a uma fonte, situada no centro do estufa. Deixou uma filarosa com suas raízes no banco, a seu lado, e fechou os olhos, descansou, meditou...

Quando voltou a si, o sol mergulhara em chamas atrás do horizonte, e lançava longas sombras desde escarpados de rocha para o oeste. As luzes da estufa se acenderam. Sentia-se maravilhosamente descansada. Levou a filarosa ao banco dos vasos de barro e tirou a planta do contêiner, que tinha ficado pequeno. Cantorolou para si a melodia do Jongleur enquanto jogava terra ao

redor das raízes em um vaso de barro novo, em paz consigo mesma.

Margot deu meia volta e ficou surpresa quando viu um homem de pele enrugada a menos de dois metros de distância. Observava-a com seus olhos de um azul intenso. Pareceu-lhe vagamente familiar. Usava uma capa juba, com o capuz arremessado para trás. Um fremen!

Como conseguira entrar, com todos os sistemas de segurança e alarmes da estufa, com a fechadura de palma que só respondia a sua mão? Não o tinha ouvido aproximar-se nem com seus sentidos Bene Gesserit potencializados.

O vaso de barro da filarosa caiu de suas mãos e se quebrou, ao mesmo tempo em que Margot adotava uma postura de combate Bene Gesserit, com seus músculos disciplinados prontos a lançar golpes capazes de estripar um adversário.

— Ouvimos falar de seus estranhos métodos de luta — disse o homem sem se mover —. Mas não são treinadas para utilizá-los precipitadamente.

Margot, cautelosa, respirou devagar. Como podia saber sobre aquilo?

— Recebemos sua mensagem. Desejava falar com os fremen.

Por fim, identificou o homem. Vira-o em Rutii, uma aldeia afastada, durante um de seus deslocamentos. Era um suposto sacerdote do deserto, que abençoava as pessoas. Margot recordou o desagrado do homem quando percebeu que ela o observava. Tinha interrompido suas atividades e partido imediatamente...

Ouviu um ruído entre as folhas. Uma mulher diminuta apareceu, também fremen, também conhecida. Era Shadout Mapes, a governanta, prematuramente envelhecida e enrugada por causa do sol e do vento do deserto. Mapes também tinha descartado sua indumentária habitual, e usava uma capa para viajar pelo deserto.

— Aqui se desperdiça muita água, minha senhora — disse Mapes com voz rouca —. Exibem as riquezas de outros planetas.

Este não é o costume fremen.

— Eu não sou fremen — replicou Margot com brutalidade, pois ainda não estava preparada para atacar com a ordem paralisante da Voz Bene Gesserit. Tinha armas mortíferas a seu dispor que aqueles seres primitivos nem sequer podiam imaginar —. O que querem de mim?

—Você já me viu antes — disse o homem.

— É um sacerdote.

— Sou um coroinha, um ajudante da *Sayyadina* — respondeu o homem sem se mover.

*Sayyadina*, pensou Margot. Seu pulso se acelerou. Era um título que tinha ouvido antes, em referência a uma mulher que se parecia de uma forma estremeceadora com uma reverenda madre. A Missionária Protetiva usava esse nome.

De repente, tudo ficou claro. Mas tinha feito o pedido aos fremen muito tempo antes, e já abandonara a esperança.

— Vocês ouviram minha mensagem. — O sacerdote inclinou a cabeça.

— Disse que têm informação sobre o *Lisan ao-Gaib*. — Pronunciou o termo com grande respeito.

— É verdade. Preciso falar com sua reverenda madre.

Margot recolheu lentamente a planta que deixara cair, para dar-se tempo de recuperar a calma. Deixou no chão os restos do vaso de barro e terra, e depositou a filarosa em um vaso de barro novo, com a esperança de que sobrevivesse.

— *Sayyadina* de outro planeta, precisa vir conosco — disse Mapes.

Margot sacudiu a terra das mãos. Embora não permitisse que o menor brilho de emoção cruzasse seu rosto, seu coração se acelerou de impaciência. Talvez, por fim poderia transmitir alguma informação à madre superiora Harishka. Talvez descobrisse o que

acontecera com as irmãs que um século antes tinham desaparecido nos desertos de Arrakis.

Seguiu os dois fremen e saíram para a noite.

## 39

*Saber o que deveria fazer não é suficiente.*

*Príncipe Rhombur Vernius*

As ondas interpretavam uma lenta canção de ninar sob a barco de vime, e fomentavam uma falsa sensação de paz que se impunha aos pensamentos agitados.

O duque Leto estendeu a mão por cima da amurada e pegou uma esfera flutuante, enredada nas folhas que derivava com ele. Extraiu uma faca cravejada de jóias de sua bainha de ouro e cortou o melão paradan amadurecido da estrutura vegetal submarina.

— Coma um melão, Rhombur.

O príncipe piscou, surpreso.

— *Er*, essa não é a faca do Imperador?

Leto deu de ombros.

— Prefiro ser prático a exibicionista. Tenho certeza que meu primo não se importará.

Rhombur pegou o melão e o girou nas mãos, ao mesmo tempo em que inspecionava a casca sob a nebulosa luz do sol.

— Kailea ficaria horrorizada. Preferiria que depositasse a faca do imperador sobre uma plataforma antigravitacional, dentro de um escudo decorativo.

— Bem, ela não sai muito para pescar comigo.

Como Rhombur não fez o menor movimento para partir o melão, Leto o recuperou, cortou a casca com a ponta da faca de Shaddam e depois o partiu.

— Ao menos não explodirá em chamas se o deixar ao sol — brincou Leto, recordando a jóia coralina que tinha destruído um de seus navios favoritos, e isolado os dois jovens em um recife afastado do continente.

— Isso não tem graça — disse Rhombur, que tinha sido o culpado.

Leto ergueu a faca e observou o brilho da luz sobre o fio.

— Utilizei-a como parte de meu uniforme oficial quando fui visitar o visconde Moritani. Acho que chamou sua atenção.

— É difícil impressionar esse homem — disse Rhombur —. O Imperador finalmente retirou os Sardaukar, e tudo está tranqüilo. *Er*, acha que a inimizade entre os Moritani e os Ecaz já terminou?

— Não. Fiquei com os nervos em frangalhos durante toda minha estadia em Grumman. Acredito que o visconde está esperando o momento adequado.

— E você se intrometeu. — Rhombur cortou com sua faca uma fatia de melão e lhe deu uma dentada. encolheu-se e cuspiu por cima da amurada —. Ainda está verde.

Leto riu de sua expressão e agarrou uma toalha pequena de um armário. secou as mãos e a faca cerimonial, entrou na cabine e ligou os motores.

— Ao menos, minhas obrigações não são tão desagradáveis. É melhor voltarmos para o delta. Prometi que estaria no porto de barcaças ao meio-dia para dar as boas-vindas aos primeiros carregamentos da colheita de arroz pundi deste ano.

— Ai, os perigos e exigências da liderança — disse Rhombur, e entrou também na cabine —. Olhe na geladeira portátil. Trouxe-lhe uma surpresa. Sabe aquela cerveja negra que você gosta tanto?

— Não está se referindo a cerveja Harkonnen...

— Você terá que bebê-la aqui, para que ninguém nos veja. Consegui com um contrabandista. Sem utilizar seu nome, é claro.

— Rhombur Vernius de IX, fico surpreso ao vê-lo confraternizando com contrabandistas e intermediários.

— Como acha que consigo enviar fornecimentos aos rebeldes de IX? Até o momento não fui muito eficaz, mas me pus em contato com as pessoas mais indesejáveis. — Abriu a geladeira e procurou as garrafas sem etiqueta —. E alguns demonstraram ser, *er*, muito engenhosos.

O duque entrou com a barco na corrente, navegando em paralelo a exuberante costa. Thufir Hawat o repreenderia por ter se afastado tanto sem um guarda de honra.

— Suponho que poderia me arrumar um par de garrafas. Desde que os Harkonnen não se levem nem um centavo.

Rhombur tirou duas garrafas da geladeira.

— Nenhum. Por coincidência, foram roubadas durante um incidente na fábrica. Uma interrupção do fornecimento elétrico causou um alvoroço na planta de engarrafamento e, *er*, um par de vacas foram soltas dentro da fábrica, sem que ninguém saiba como. Produziu-se uma tremenda confusão, e muita cerveja se perdeu. Um desperdício trágico. Tantas garrafas se quebraram que seria impossível contar todas.

Leto, de pé em frente aos controles, cheirou o líquido escuro e se conteve de tomar um gole.

— Como sabemos se não está envenenada? Não costumo trazer um detector de venenos a bordo do meu barco.

— Esta colheita foi engarrafada para o barão em pessoa. Só de olhar como está gordo, já se imagina a quantidade que consome.

— Bem, se é boa o bastante para o barão Harkonnen... saúde.

Leto tomou um gole de cerveja, filtrada com cristais de melange para aumentar o sabor.

Rhombur se sentou no banco ao lado de Leto, viu que o duque rodeava uma ponta rochosa e depois se dirigia para um largo delta,

onde convergiam barcaças carregadas de arroz pundi. O príncipe ixiano ainda não provara sua cerveja.

— Isto é um suborno — admitiu —. Quero pedir um favor. Na realidade, dois favores.

O duque riu.

— Por uma garrafa de cerveja?

— *Er*, há mais na geladeira. Escute, preciso ser sincero, Leto. Eu o considero meu melhor amigo. Mesmo que negue, eu compreenderei.

— Continuará sendo meu amigo se disser não aos dois favores?

Leto continuou bebendo. Rhombur passou sua garrafa de uma mão para a outra.

— Quero fazer algo mais importante por IX, algo mais sério.

— Necessita de mais dinheiro? De outra forma posso ajudar?

— Não se trata de dinheiro. Enviei muito dinheiro a C'tair Pilru desde que entrou em contato comigo, a quatro anos. — Ergueu a vista, com o sobrecenho franzido —. Me informaram que os resistentes foram aniquilados, e que restaram poucos sobreviventes. Acredito que a situação é pior do que ele descreve. Chegou o momento de parar de brincar. — Os olhos de Rhombur adquiriram uma expressão mais dura, como a que Leto tinha visto em Dominic Vernius durante a revolta —. Quero enviar armas mais potentes, para mudar a situação atual.

Leto tomou outro longo gole de cerveja.

— Farei o que estiver ao meu alcance, dentro de limites razoáveis, para ajudar a recuperar o que é seu; sempre lhe disse isso. No que está pensando?

— Eu gostaria de enviar explosivos, como os discos de plaz que guarda em seu arsenal. São pequenos e pesam pouco, podem ser disfarçados e enviados com facilidade.

— Quantos?

Rhombur não vacilou.

— Mil.

Leto assobiou.

— Isso provocará uma grande destruição.

— *Er*, esse é o objetivo, Leto.

O duque continuou guiando o barco para a boca do rio.

— E como pensa em entregar esses fornecimentos a IX? Seus amigos contrabandistas podem fazê-los chegar as mãos de C'tair sem que os interceptem?

— Os tleilaxu tomaram o controle há dezesseis anos. Voltam a enviar carregamentos com regularidade, utilizando seus próprios transportes e permissões especiais da Corporação. Foram obrigados a relaxar suas restrições, porque dependem de fornecedores externos para obter materiais brutos e artigos especiais. Todas as naves aterrissam nas plataformas rochosas do cânion do porto de entrada. As grutas ocas são grandes o bastante para albergar fragatas de carga, e os túneis se cruzam com as cidades subterrâneas. Alguns dos capitães de fragata serviram com meu pai há muito tempo, e ofereceram, *er*, sua ajuda.

Leto pensou no conde de IX, calvo e temperamental, que combatera ao lado de Paulus Atreides durante a revolta de Ecaz. Graças à reputação de seu pai como herói de guerra, Rhombur devia ter mais aliados secretos dos que suspeitava.

— Podemos preparar contêineres marcados de uma forma especial e avisar C'tair. Acredito que... poderemos burlar todos os postos de controle. — Enfurecido de repente, descarregou seu punho sobre o banco de madeira —. Infernos vermelhos, Leto, tenho que fazer algo! Estou a quase metade da minha vida sem pisar em meu planeta natal.

— Se outra pessoa me pedisse isto... — Leto se conteve —. É possível... desde que oculte a cumplicidade da Casa Atreides. — Suspirou —. Antes de tomar a decisão, qual é o segundo favor?

O príncipe parecia mais nervoso que antes.

— Pensei muito sobre como pedir isto, e não encontrei palavras precisas. Todo me parecia muito, *er*, falso e manipulador... mas preciso dizer —. Respirou fundo —. É sobre minha irmã.

Leto, que estava a ponto de abrir uma segunda cerveja, parou bruscamente. Seu rosto se escureceu.

— Algumas coisas são questões privadas, até para você, Rhombur.

O príncipe lhe dedicou um sorriso compassivo. Desde que tinha tomado uma Bene Gesserit como concubina e amiga, sua prudência tinha aumentado.

— Vocês se distanciaram, embora não seja culpa de ninguém. Aconteceu, simples assim. Sei que ainda ama minha irmã, e não tente negá-lo. Fez muito pela Casa Atreides, deu sua ajuda à contabilidade e aos assuntos comerciais. Meu pai sempre dizia que era o membro da família com maior instinto para os negócios.

— Seus conselhos sempre eram acertados — disse Leto, ao mesmo tempo em que meneava a cabeça com tristeza —. Mas desde que Chiara chegou, exige cada vez mais ornamentos e enfeites. Mesmo quando os concedo, Kailea parece insatisfeita. Não é... a mesma mulher por quem eu me apaixonei.

Rhombur bebeu de sua cerveja e fez uma careta ao sentir seu gosto amargo.

— Talvez porque deixou de lhe dar oportunidades, deixou de utilizar sua intuição para os negócios. Coloque-a a frente de alguma indústria, melões paradan, arroz pundi, jóias coralinas, e verá como aumenta a produção. Não sei até onde poderia ter chegado se IX não tivesse sido invadido.

Leto afastou a garrafa.

— Ela te pediu que fizesse isto?

— Leto, minha irmã é uma mulher estranha, e peço isso como amigo, além de como seu irmão. — Rhombur afastou seu cabelo

loiro —. Conceda a Kailea a oportunidade de ser algo mais que uma concubina.

Leto olhou para o príncipe exilado, e ficou tão rígido como uma estátua.

— Quer que me case com ela?

Rhombur nunca tinha utilizado sua amizade para pedir uma solução para um problema, e nem sequer tinha passado pela cabeça de Leto negar algo a seu amigo. Mas isto...

Rhombur mordeu o lábio inferior e assentiu.

— Sim, *er*, suponho que isso é o que estou pedindo.

Os dois guardaram silêncio, enquanto o bote balançava. Uma enorme barcaça atravessou o delta em direção aos moles.

Leto espremeu os miolos, e chegou por fim a uma difícil decisão. Respirou fundo.

— Concederei um favor... você tem que escolher qual.

Rhombur engoliu em seco, observou a expressão angustiada de Leto. Ao fim de um momento afastou a vista. Quando ergueu os ombros, Leto não sabia muito bem o que ia dizer. Colocara-o entre a espada e a parede.

Por fim, o príncipe exilado de IX respondeu com a voz tremula.

— Nesse caso, escolho o futuro do meu povo, cuja importância você me ensinou. Preciso desses explosivos. Confio que C'tair Pilru fará um bom uso deles.

Inclinou-se para frente e bebeu um gole da cerveja Harkonnen. Depois apertou o antebraço de Leto.

— Se aprendi algo com os Atreides, é que o povo é o principal, antes dos desejos pessoais. Kailea terá que compreender isso também.

O duque desviou o bote para o canal do rio, em direção às barcaças adornadas com cintas verdes que ondeavam à brisa. Havia gente reunida nos moles, carregando sacos de grãos de Caladan.

Subiam carretas junto à borda do rio, enquanto chegavam barcos dos campos alagados. Alguém lançou foguetes ao ar, que chisparam e explodiram coloridos nos céus nublados.

Leto estacionou o bote junto a uma barcaça já carregada, que estava a ponto de zarpar. Um grande estrado decorativo, rodeado de bandeirinhas verdes e brancas, o esperava.

Leto esqueceu sua discussão com Rhombur, assumiu uma expressão nobre e desfrutou das festividades. Era um de seus deveres tradicionais como duque Atreides.

# 40

*Os fatos não significam nada quando estão nublados pelas aparências. Não subestime o poder da aparência sobre a realidade.*

*Príncipe herdeiro RAPHAEL CORRINO*

*Os rudimentos do poder.*

O barão Harkonnen subiu coxeando ao balcão da torre mais alta da fortaleza familiar, que dominava o caos de *Harko City*. Apoiou-se em sua bengala com o cabo em forma de cabeça de verme de areia, e o odiou.

Não obstante, sem a bengala não podia se mover.

Malditas sejam as bruxas e o que me fizeram! Nunca tinha parado de pensar em como se vingaria, mas como tanto a Irmandade como a Casa Harkonnen possuíam informação para chantagear-se mutuamente, nenhum podia atacar de maneira aberta ao outro.

Tenho que encontrar uma forma mais sutil.

— Piter De Vries! — gritou a qualquer que pudesse ouvi-lo —. Chamem meu *Mentat*!

De Vries sempre estava à espreita perto dele, espiando, maquinando. O barão só precisava gritar, e o *Mentat* pervertido o ouvia. Se os outros o obedecessem tão bem... Rabban, a madre superiora, ou mesmo aquele presunçoso médico Suk...

Tal como esperava, o homem se aproximou nas pontas dos pés, como se se movesse sobre membros de borracha. Carregava um pacote fechado nos braços, bem a tempo. Os engenheiros do barão tinham prometido resultados, e todos sabiam que os esfolaria vivos se falhassem.

— Seus novos suspensores, meu barão. — De Vries fez uma reverência e estendeu o pacote para o enorme vulto do seu amo —. Se os colocar ao redor da cintura, diminuirão o peso de seu corpo e permitirá que se mova com liberdade incomum.

O barão abriu o pacote com suas mãos gorduchas.

— A liberdade de que gozava antes.

Dentro, encaixados em uma correia, havia pequenos globos suspensores autônomos, cada um provido de sua própria fonte de alimentação. Embora não acreditava que enganasse ninguém, ao menos o cinturão suspensor ajudaria a ocultar a gravidade de sua enfermidade. E conseguiria intrigar alguns...

— Talvez seja necessário um pouco de prática antes de utilizá-los...

— Farão que me sinta ágil e são de novo.

O barão sorriu quando sustentou os suspensores diante dele, e depois colocou o cinturão ao redor da cintura, grotescamente torcida. Como seu estômago crescera tanto? Conectou os globos de um em um. A cada novo zumbido, sentia que o peso abandonava seus pés, articulações, ombros.

— *Ahhhhh!*

O barão deu um longo passo e saltou pela habitação como alguém que estivesse explorando um planeta de pouca gravidade.

— Olhe, Piter! Já, já! — Aterrissou sobre um pé, saltou no ar de novo, e chegou quase até o teto. Riu, saltou de novo e girou sobre seu pé esquerdo como um acrobata —. Isto é muito melhor.

O *Mentat* ficou junto à porta, com um sorriso satisfeito.

O barão aterrissou de novo e moveu a bengala de um lado para outro com um som sibilante, como um esgrimista.

— Exatamente o que eu esperava.

Descarregou a bengala com força sobre a superfície da mesa.

— É possível que demore um pouco para se acostumar com os ajustes, meu barão. Não abuse de suas forças — advertiu o *Mentat*, sabendo de que o barão faria justo o contrário.

O barão Harkonnen, com os andar de um bailarino gordo, cruzou a habitação e deu umas palmadas paternais nas bochechas de um estupefato Piter De Vries, para depois encaminhar-se para o balcão.

Enquanto De Vries observava os imprudentes movimentos do homenzarrão, fantasiou que o barão calculava mal seus saltos e saltava pela borda da torre no vazio. Oxalá.

Os suspensores suavizariam um pouco sua queda, mas só podiam diminuir o peso enorme. O barão se estatelaria no longínquo pavimento a uma velocidade um pouco diminuída, mas de qualquer modos se esborracharia contra o asfalto. Uma bonificação inesperada.

Como De Vries era o responsável por fiscalizar as diferentes posses da família, inclusive os armazéns secretos de especiaria como o de Lankiveil, o falecimento do barão lhe permitiria aposentar-se com a propriedade. O idiota do Rabban nem sequer desconfiaria.

Talvez um empurrão na direção adequada...

Mas o barão se segurou ao corrimão do balcão e deu alguns saltos entusiasmados. Contemplou as ruas invadidas pela fumaça e os extensos edifícios. O aspecto da metrópole era negro e imundo, edifícios industriais e torre administrativas que tinham suas raízes em *Giedi Prime*. Além da cidade havia povoados agrícolas e mineiros ainda mais sujos, lugares miseráveis que quase não valia a pena meter na cintura. Abaixo, como piolhos que rastejando pelas ruas, os trabalhadores formigavam entre turno e turno de trabalho.

O barão ergueu a bengala.

— Não preciso mais disso.

Deu um último olhar para as fauces chapeadas do simbólico verme de areia, percorreu com os dedos a madeira polida da

bengala e a jogou no vazio.

Inclinou-se sobre o corrimão para vê-lo cair na rua, com a esperança infantil de que golpearia alguém na cabeça.

Flutuando graças aos globos do cinturão, o barão voltou para a habitação principal, onde um decepcionado De Vries olhava para a beira do balcão. O *Mentat* sabia que nunca poderia conspirar contra o barão, pois seria descoberto e executado. O barão poderia obter outro *Mentat* dos Bene Tleilax quando quisesse, talvez até mesmo um novo *ghola* de Piter De Vries, criado a partir de suas células mortas. Sua única esperança residia em um acidente fortuito... ou na aceleração dos efeitos da enfermidade Bene Gesserit.

— Agora nada poderá me deter, Piter — disse o barão, muito satisfeito —. É melhor que o Império tome cuidado com o barão Vladimir Harkonnen.

— Sim, suponho que sim — disse o *Mentat*.

# 41

*Se te render, já está perdido. Se se recusa a ceder, apesar das probabilidades em contrário, ao menos triunfou em tentar.*

*Duque Paulus Atreides*

Se queria resgatar sua irmã, Gurney Halleck tinha que agir sozinho.

Traçou seus planos com supremo cuidado durante dois meses, temeroso de fazer qualquer movimento, sabendo que Bheth sofria a cada momento, cada noite. Mas seu projeto estava condenado ao fracasso se não levasse em conta todas as possibilidades. Obteve mapas toscos de *Giedi Prime* e desenhou sua rota para o monte Ebony. Lhe pareceu muito muito longe, mais do que tinha viajado em toda sua vida.

Estava tenso, temeroso de que os aldeãos reparassem em suas atividades, mas passavam os dias com a cabeça baixa. Até seus pais falavam pouco com ele, sem perceber seu estado de ânimo, como se seu filho tivesse desaparecido junto com sua filha.

Por fim, mais preparado que nunca, Gurney esperou ao anoitecer. E então, simplesmente, se foi.

Com um saco de tubérculos *krall* e verduras pendurado em um ombro, e uma faca ao cinto, atravessou os campos. Escondeu-se das estradas e patrulhas, dormia de dia e viajava à luz da lua. Duvidava que o perseguissem. Os aldeãos de Dmitri suporiam que o rapaz problemático teria sido sequestrado em plena noite por torturadores Harkonnen. Com sorte, até teriam medo de denunciar seu desaparecimento.

Em várias noites Gurney conseguiu subir em transportes de carga automáticos que se arrastavam para o oeste, na direção correta. Suas formas volumosas levitavam sem parar durante toda a noite. Os transportes o transportaram por centenas de quilômetros, permitiram-lhe descansar, meditar e esperar até que encontrasse o recinto militar.

Escutava durante horas o ruído dos motores suspensores que conduziam produtos ou minerais aos centros de processamento. Sentia falta do seu *baliset*, que fora obrigado a abandonar em casa, porque era muito grande para acompanhá-lo. Quando tinha o instrumento, apesar de todas as suas desgraças, ainda podia compor música. Sentia falta daqueles tempos. Agora, só cantarolava para si mesmo.

Por fim, viu o cone do monte Ebony, os restos ermos e enegrecidos de um vulcão, cujas paredes se quebraram em ângulos agudos. A rocha era negra, como se estivesse coberta de alcatrão.

O recinto militar era um labirinto de edifícios, todos quadrados, sem o menor adorno. Parecia um formigueiro instalado sobre a montanha, longe dos poços de escravos e das minas de obsidiana. Entre os poços de escravos cercados com cercas e o acampamento militar, estendia-se um sem-fim de edifícios, instalações de apoio, pousadas e um pequeno bordel destinado à diversão das tropas Harkonnen.

Até o momento, Gurney tinha passado despercebido. Os amos Harkonnen não poderiam conceber que um trabalhador braçal pisoteado, com pouca educação e recursos, pudesse ousar espionar as tropas com um objetivo pessoal em mente.

Mas tinha que entrar no lugar onde Bheth estava cativa. Gurney se escondeu e esperou, observou o recinto militar e tentou riscar um plano. Lhe ocorreram poucas alternativas.

De qualquer modo, não ia permitir que isso o detivesse.

Um homem de origem humilde e analfabeta não podia confiar em fazer-se passar por alguém que vivesse no recinto, de modo que

Gurney não podia entrar no bordel. Decidiu-se por um ataque ousado. Agarrou um tubo de metal roubado de uma pilha de refugia e segurou a faca na outra mão. Sacrificaria o sigilo em troca da velocidade.

Precipitou-se por uma porta lateral do bordel e correu para o administrador, um ancião aleijado sentado numa cadeira em frente a mesa de recepção.

— Onde está Bheth? — gritou o intruso, surpreso por escutar sua voz depois de tanto tempo. Apoiou a ponta da faca sob o queixo do homem —. Bheth Halleck, onde está?

Gurney vacilou um momento. E se nos bordéis Harkonnen as mulheres não tinham nome? O velho, tremulo, viu a morte nos olhos chamejantes de Gurney, e nas cicatrizes em sua rosto.

— Habitação vinte e uma — grasnou.

Gurney arrastou o administrador, com cadeira e tudo, até um armário, onde o prendeu. Depois, correu pelo corredor.

Vários clientes mal-encarados olharam para ele, alguns meio vestidos com uniformes Harkonnen. Ouviu gritos e golpes atrás das portas fechadas, mas não tinha tempo de investigar as atrocidades. Sua mente estava concentrada em uma única coisa: habitação vinte e uma. Bheth.

Sua visão se reduziu a um ponto de luz, até que localizou a porta. Sua audácia lhe tinha ganho um pouco de tempo, mas não demorariam para chamar os soldados Harkonnen. Não sabia com que rapidez poderia tirar Bheth e esconder-se. Juntos, atravessariam correndo a paisagem e desapareceriam nos terrenos ermos. Depois, não sabia para onde iriam.

Não podia pensar. Só sabia que devia tentar.

O número estava escrito sobre o dintel em *galach* imperial. Ouviu ruído dentro. Gurney utilizou seu braço musculoso e arremeteu contra a porta. estilhaçou-se na ombreira e cedeu com um forte estrondo.

— Bheth!

Lançou um rugido selvagem e irrompeu na habitação mal iluminada, com a faca em uma mão e a clava de metal na outra.

A jovem soltou um grito afogado da cama. Gurney se voltou e viu que estava presa com finos cabos metálicos. Tinham esfregado uma graxa espessa sobre seus seios e na parte inferior de seu corpo, como pintura de guerra, e dois soldados Harkonnen nus interromperam suas atividades como serpentes prontas a dar o bote. Os dois homens seguravam ferramentas de formas estranhas, uma das quais soltava faíscas.

Gurney não quis imaginar o que estavam fazendo, obrigou-se a não pensar nas torturas sádicas que Bheth sofria diariamente. Seu rugido se transformou em um grito estrangulado na garganta quando a viu, e ficou paralisado por causa do estupor. A visão da humilhação de sua irmã, o espetáculo trágico do que lhe tinha acontecido durante os quatro anos transcorridos, condenou ao fracasso sua intenção de resgatá-la.

Vacilou por um instante, boquiaberto. Bheth tinha mudado muito, tinha o rosto gasto e envelhecido, o corpo magro e arroxeadado... tão diferente da moça de dezessete anos que tinha conhecido. Durante a fração de segundo que Gurney permaneceu imóvel, seu ritmo enfurecido se deteve.

Os soldados Harkonnen aproveitaram esse instante para saltar da cama e cair sobre ele.

Mesmo sem manoplas, botas ou armadura, os homens o derrubaram à força de golpes. Sabiam onde deviam golpear. Um dos homens apoiou um aparelho que jogava faíscas contra sua garganta, e todo seu flanco esquerdo ficou paralisado. Agitou-se de forma incontrolável.

Bheth só podia emitir sons sem palavras, enquanto tentava libertar-se dos cabos que a sujeitavam à cama. Gurney reparou em uma cicatriz larga e fina que desenhava uma linha branca ao longo de sua garganta. Não tinha laringe.

Gurney não pôde vê-la quando sua visão se tingiu de púrpura. Ouviu passos pesados e gritos que ressoavam nas paredes. Reforços. Não podia levantar-se.

Compreendeu que tinha fracassado. Eles o matariam, e provavelmente assassinariam Bheth. Se não tivesse vacilado. Aquele instante de hesitação o derrotara.

Um dos homens olhou para ele com uma expressão de fúria. Escorria saliva por um canto da sua boca, e seus olhos azuis, que talvez tivessem sido belos em outro tempo, quando era outra pessoa, olharam-no com ódio. O guarda tomou a faca e o tubo metálico das mãos inertes de Gurney, e os sustentou no alto. Sorridente, o soldado Harkonnen atirou a faca a um lado mas conservou o tubo.

— Sabemos para onde enviá-lo, rapaz — disse.

Ouviu o estranho sussurro de Bheth uma vez mais, mas ela não conseguiu formar as palavras.

Então, o guarda descarregou o tubo metálico sobre a cabeça de Gurney.

# 42

*Os sonhos são tão simples ou complicados como o sonhador.*

*Liet-Kynes*

*Seguindo os passos do meu pai.*

Enquanto homens armados conduziam os dois jovens fremen para o esconderijo no interior da geleira, Liet-Kynes refreou sua língua. Estudava detalhes, tentava compreender quem eram aqueles fugitivos. Seus puídos uniformes púrpura e cobre pareciam imitar um estilo militar.

Os túneis tinham sido escavados em paredes de pó cimentado com *permafrost* e forrados com um polímero transparente. O ar era frio o bastante para que Liet pudesse ver seu fôlego, um dramático aviso da quantidade de umidade que seus pulmões perdiam cada vez que respirava.

— Bem, vocês são contrabandistas? — perguntou Warrick. A princípio tinha a vista cravada no chão pela vergonha de ter sido capturado com tanta facilidade, mas depois se sentiu intrigado e olhou ao redor.

Dominic Vernius observou-os enquanto andavam.

— Contrabandistas... e algo mais, rapazes. Nossa missão vai mais à frente do simples lucro e egoísmo.

Não parecia irritado. Sob o bigode, brilhantes dentes brancos brilharam em um sorriso sincero. Seu rosto projetava franqueza, e sua calva brilhava como madeira polida. Seus olhos cintilavam com algo levemente aparentado com o bom humor, mas o que teria podido ser uma personalidade bondosa guardava agora um vazio,

como se lhe tivessem roubado uma grande parte de seu ser e a tivessem substituído por algo muito inferior.

— Não está dando muitas informações, Dom? — perguntou um homem com a cara picada de varíola, e cuja orelha direita tinha ficado reduzida a uma cicatriz —. Sempre fomos apenas nós, que demonstramos nossa lealdade com sangue, sem forasteiros. Não é, Asuyo?

— Não posso dizer que confio nos fremen menos que nesse Tuek, mas fazemos negócios com ele, não é? — disse outro dos homens, um veterano magro com um arbusto de cabelo grisalho. Sobre seu belo uniforme usado tinha acrescentado velhas insígnias de fila e algumas medalhas —. Tuek vende água, mas é muito... untuoso.

O contrabandista calvo continuou internando-se no complexo sem se deter.

— Johdam, estes meninos nos encontraram sem que eu lhes mostrasse nada. Fomos descuidados. Alegre-se de que sejam fremen, em vez de Sardaukar. Os fremen não amam o Imperador mais que nós, não é, rapazes?

Liet e Warrick se olharam.

— O imperador Shaddam está muito longe, e não sabe nada sobre Duna.

— Tampouco sabe nada de honra. — Uma tempestade cruzou o rosto do homem, mas se acalmou e mudou de assunto —. Ouvi dizer que o planetólogo imperial se integrou na comunidade nativa, que se transformou em um fremen e fala de transformar o planeta. Isso é verdade? Shaddam apóia essas atividades?

— O imperador desconhece nossos planos ecológicos.

Liet ocultou sua verdadeira identidade, não disse nada de seu pai e se apresentou com seu outro nome.

— Meu nome é Weichih.

— Bem, é estupendo ter sonhos grandiosos, impossíveis. — Dominic pareceu ausente por alguns segundos —. Todos os temos.

Liet não estava seguro sobre que ele se referia.

— Por que se escondem aqui? Quem são vocês?

Os outros esperaram por Dominic.

— Faz quinze anos que estamos aqui, e esta é só uma de nossas bases. Temos uma mais importante em outro planeta, mas ainda sinto fragilidade em nosso primeiro esconderijo em Arrakis.

Warrick assentiu.

— Você criou seu próprio *sietch*.

Dominic se deteve ante uma entrada onde largas janelas de plaz apareciam de um profundo abismo entre os altos penhascos. No fundo liso da fissura, uma frota de naves diferentes estavam estacionadas em estrita ordem. Ao redor de um iate, pequenas figuras se apressavam a embarcar caixas antes de se afastar.

— Temos algumas comodidades a mais que em um *sietch*, rapaz, e um aspecto mais cosmopolita. — Examinou os dois fremen —. Mas temos que defender nossos segredos. O que lhes deu a pista? Por que vieram aqui? Como descobriram nossa camuflagem?

Quando Warrick foi falar, Liet o interrompeu.

— E o que receberemos em troca de contar?

— Suas vidas, não é? — grunhiu Asuyo.

Liet negou com a cabeça.

— Poderiam nos matar depois de termos explicado todos os erros que cometeram. São foragidos, não fremen. Por que deveria confiar em sua palavra?

— Foragidos? — Dominic deu uma gargalhada amarga —. As leis do Império causaram mais danos que a traição de uma só pessoa... salvo talvez a do próprio Imperador. O velho Elrood, e agora Shaddam. — Seus olhos atormentados pareciam desfocados —. Malditos Corrino... — afastou-se um passo das janelas —. Não

estão pensando em me denunciar aos Sardaukar, não é, rapazes? Tenho certeza de que há uma recompensa incrível por minha cabeça.

Warrick olhou para seu amigo. A expressão de ambos os era perplexa.

— Nem sequer sabemos quem é, senhor.

Alguns contrabandistas riram. Dominic exalou um suspiro de alívio e depois mostrou um brilho de decepção. Inchou o peito.

— Fui um herói da Revolta Ecazi, casei-me com uma das concubinas do Imperador. Fui derrubado quando invasores conquistaram meu planeta.

A política e a imensidão do Império eram temas que a experiência fremen de Liet não alcançava. De vez em quando, ansiava viajar a outros planetas, embora duvidasse que algum dia tivesse a oportunidade.

O homem calvo golpeou as paredes forradas de polímero.

— Estar dentro destes túneis sempre me recorda IX... — Sua voz, melancólica e oca, emudeceu —. Por isso escolhi este lugar, por isso sempre volto da outra base.

Dominic emergiu de seu sonho, surpreso de ver seus companheiros contrabandistas.

— Asuyo, Johdam, levaremos estes meninos ao meu escritório particular. — Olhou para os dois jovens com um sorriso irônico —. Foi construído como uma imitação de uma câmara do Grande Palácio, tal como eu a recordava. Não tive tempo de pegar os planos quando fugimos.

O calvo os precedeu enquanto recitava a história de sua vida, como se fosse o texto de um videolivro de história.

— Minha esposa foi assassinada pelos Sardaukar. Meu filho e minha filha vivem exilados em Caladan. A princípio, dirigi um ataque contra IX e quase perdi a vida. Perdi muitos de meus homens, e Johdam conseguiu me tirar vivo por pouco. Depois disso

vivo na clandestinidade, fazendo o que posso para prejudicar esses insetos, o imperador Padishah e os renegados do *Landsraad* que me traíram.

Atravessaram hangares de armazenamento, onde havia todo tipo de máquinas em diversas fases de reparação ou soldagem.

— Mas meus esforços não passam de vandalismo, destruir monumentos dos Corrino, desfigurar estátuas, ridicularizar o Imperador... enfim, ser uma moléstia constante para Shaddam. Claro que com sua nova filha Josifa, já são quatro filhas e nenhum herdeiro, tem mais problemas dos que eu posso lhe causar.

Johdam grunhiu.

— Causar problemas aos Corrino se transformou em nossa maneira de viver.

Asuyo coçou seu cabelo grisalho e falou com voz rouca.

— Todos devemos a vida ao conde Vernius muitas vezes, e não vamos permitir que nada lhe aconteça. Renunciei a meu cargo, a meus ganhos, inclusive a uma patente decente no exército imperial, para me unir a este grupo heterogêneo. Não permitiremos que cachorrinhos fremen revelem nossos segredos, não é?

— Podem confiar na palavra de um fremen — disse Warrick, indignado.

— Mas não demos nossa palavra — disse Liet com olhos entreabertos —. Ainda.

Chegaram a uma habitação repleta de belos adornos, mas sem ordem alguma, como se um homem sem cultura tivesse reunido os objetos que podia recordar, embora não combinassem uns com os outros. Moedas de ouro falso transbordavam de arcas, de modo que a habitação parecia a cova do tesouro de piratas. O trato indiferente proporcionado às peças comemorativas, gravadas com a efígie de Shaddam em uma cara e o Trono do Leão Dourado na outra, produzia a impressão de que o homem calvo não sabia o que fazer com todo o dinheiro que tinha roubado.

Dominic afundou uma mão calosa em uma terrina de esferas esmeralda brilhantes, cada uma do tamanho de uma unha pequena.

— Pérolas musgosas de Harmonthep. Shando gostava muito delas, dizia que a cor era de um tom de verde perfeito.

Ao contrário de Rondo Tuek, o calvo não parecia sentir prazer em seus objetos valiosos particulares, mas extraía consolo das lembranças que lhe traziam.

Depois de despedir Johdam e Asuyo, Dominic Vernius se sentou em uma cadeira acolchoada púrpura, e ofereceu almofadões no lado oposto da mesa baixa a seus visitantes. Cores que iam do escarlate ao púrpura corriam como riachos sobre a superfície polida da madeira.

— Madeira de sangue polido. — Dominic repicou sobre a mesa com os nódulos, e uma explosão de cor se espalhou sobre a superfície —. A seiva ainda flui quando alguma luz cálida a esquenta, mesmo anos depois que a árvore foi destruída.

Olhou para as paredes. Vários desenhos toscos de pessoas pendiam em molduras caras, como se Dominic os tivesse desenhado com boa memória mas pouco talento artístico.

— Meus homens lutaram comigo nos bosques de árvores de sangue de Ecaz. Matamos muitos rebeldes, ateamos fogo a sua base oculta no bosque. Vocês viram Asuyo e Johdam. Eram dois de meus capitães. Johdam perdeu seu irmão naqueles bosques... — Respirou fundo. — Isso foi quando derramava sangue pelo imperador de bom grado, quando jurei lealdade a Elrood IX e esperei uma recompensa em troca. Ofereceu-me tudo que eu desejasse, e fiquei com a única coisa que o enfureceu.

Dominic introduziu a mão em uma panela vidrada cheia de moedas de ouro comemorativas.

— Agora faço tudo que posso para irritar o imperador.

Liet franziu o cenho.

— Mas Elrood está morto a muitos anos, desde que eu era um bebê. Shaddam IV se senta agora no Trono do Leão Dourado.

Warrick se acomodou ao lado de seu amigo.

— Não nos chegam muitas notícias do Império, mas isso ao menos sabemos.

— Shaddam é tão mau como seu pai. — Dominic brincava com várias moedas de ouro falso, que tilintavam ao entrecocar-se. Sentou-se muito rígido, como se de repente se deu conta dos muitos anos transcorridos, do tempo que estava escondido —. Muito bem, escutem. Estamos indignados e ofendidos por sua irrupção. Dois garotos... Quantos anos têm, dezesseis? — Um sorriso enrugou as bochechas de Dominic —. Meus homens se sentem envergonhados de que tenham nos descoberto. Eu gostaria muito que saíssem e nos mostrassem o que observaram. Digam seu preço, e lhes será concedido.

A mente de Liet analisava os recursos e habilidades daquele grupo. Havia tesouros por toda parte, mas nenhum deles podia utilizar ninharias como as pérolas verdes. Algumas ferramentas e máquinas podiam ser úteis...

Precavido e pensando nas conseqüências, Liet fez algo muito fremen.

— Concordaremos, Dominic Vernius, mas com a condição de deixarmos em suspense nosso pagamento. Quando desejarmos receber algo de você, pedirei, assim como Warrick. Por enquanto mostraremos a seus homens como tornar o esconderijo invisível. — Liet sorriu —. Até mesmo para olhos fremen.

Bem agasalhados, os contrabandistas seguiram os dois jovens, enquanto estes indicavam os rastros mau apagados, a descoloração da parede glacial, as trilhas muito óbvias que subiam o penhasco rochoso. Mesmo quando os fremen apontaram estes detalhes, alguns dos contrabandistas não viram o que era tão evidente para eles. Mesmo assim, Johdam franziu o sobreceixo e prometeu que efetuará as mudanças sugeridas.

Dominic Vernius meneou a cabeça, assombrado.

— Por mais medidas de segurança que tome, sempre há uma forma de ser invadido. — Apertou os lábios —. Gerações de planejadores tentaram isolar IX à perfeição. Só nossa família real compreendia o sistema global. Que esbanjamento monumental de esforços e Solaris! Supunha-se que nossas cidades subterrâneas eram inexpugnáveis, e descuidamos da segurança. Assim como estes homens.

Deu tapinhas nas costas de Johdam. O veterano de cara picada pela varíola enrugou a testa e voltou ao trabalho.

O homem calvo suspirou outra vez.

— Ao menos, meus filhos se salvaram. — Uma expressão de repugnância se desenhou em seu rosto —. Malditos sejam os asquerosos tleilaxu e maldita seja a Casa Corrino!

Cuspiu no chão, o que surpreendeu Liet. Entre os fremen, cuspir (oferecer a água do corpo) era um gesto respeitoso que só se dedicava a poucos escolhidos. Mas Dominic Vernius utilizara o gesto como uma maldição.

Estranhos costumes, pensou Liet.

O calvo olhou para os dois fremen.

— É muito provável que minha principal base extraplanetária sofra das mesmas deficiências. — aproximou-se mais —. Se algum de vocês desejasse me acompanhar, poderiam inspecionar as outras instalações. Visitamos Salusa Secundus de forma regular.

Liet se animou.

— Salusa? — Recordava que seu pai tinha contado histórias de sua infância no planeta —. Me disseram que é um planeta fascinante.

Johdam, que estava trabalhando perto, soltou uma gargalhada de incredulidade. Esfregou a cicatriz da sobrancelha.

— Não parece mais a capital do Império, certamente.

Asuyo assentiu com a cabeça.

Dominic deu de ombros.

— Sou o líder de uma Casa renegada, e jurei lutar contra o Império. Salusa Secundus me pareceu um bom lugar para me esconder. Quem pensaria em me procurar em um planeta prisão, submetido a mais estrita segurança do imperador?

Pardot Kynes tinha falado do terrível desastre salusano causado pela rebelião de uma família nobre não identificada. Depois de ter sido declarada renegada, tinha lançado armas atômicas proibidas sobre o planeta capital. Alguns membros da Casa Corrino tinham sobrevivido, entre eles Hassik III, que havia reconstruído a dinastia e restaurado o governo imperial em um novo planeta, Kaitain.

Pardot Kynes estava menos interessado na história ou na política que na ordem natural das coisas, como o holocausto tinha transformado um paraíso em inferno. O planetólogo afirmava que, com investimento suficiente e trabalho duro, Salusa Secundus poderia recuperar seu clima e glória anteriores.

— Algum dia, possivelmente, eu gostaria de visitar um lugar tão... interessante.

Um planeta que tanto impressionou meu pai.

Dominic soltou uma gargalhada estentórea e deu tapinhas nas costas de Liet. Era um gesto de camaradagem, embora os fremen se tocassem em escassas ocasiões, exceto durante os duelos a faca.

— Reze para nunca ter que fazê-lo, rapaz — disse o líder dos contrabandistas —. Reze para nunca ter que fazê-lo.

# 43

*A água é a imagem da vida. Viemos da água, adaptados a partir de sua presença que tudo o abrange... e continuamos nos adaptando.*

*Planetólogo Imperial Pardot Kynes*

— Aqui, os fremen não contam com suas comodidades, *lady* Fenring — disse Shadout Mapes enquanto trotava sobre suas pernas curtas. Seus passos eram tão precisos e precavidos que nem sequer levantava pó ao cruzar a planície iluminada pela lua. Em contraste com o úmida estufa, a noite seca conservava muito pouco o calor do dia —. Está com frio?

Olhou para a bela loira Margot, que caminhava orgulhosa a frente do sacerdote. Mapes usava o capuz. Os filtros do traje destilador dançavam em frente ao seu rosto, e seus olhos refletiam a luz da Segunda Lua.

— Não estou com frio — Margot limitou-se a dizer. Como só vestia sua bata, ajustou seu metabolismo para compensar a diferença de temperatura.

— Essas sapatilhas de sola fina que — repreendeu o sacerdote — não são adequadas para viajar pelo deserto.

— Vocês não me deram tempo para trocar de roupa. — Como todas as reverendas madres, tinha calos nos pés devido aos exercícios de luta que devia realizar todos os dias —. Se elas se rasgarem, irei descalça.

Os dois fremen acolheram sua serena audácia com um sorriso.

— Caminha a bom passo — admitiu Mapes —. Não é como os outros imperiais repletos de água.

— Posso ir mais depressa se quiserem — disse Margot.

Shadout Mapes tomou suas palavras como um desafio e adotou uma cadência militar, sem forçar a respiração. Margot imitou cada um de seus passos, quase sem suar. Um ave noturna passou sobre suas cabeças com um guincho.

A estrada sem pavimentar saía de Arrakeen em direção ao povoado de Rutii, entre os contrafortes da Muralha Escudo. O pequeno grupo começou a subir, primeiro um suave aclave rochoso, e depois por um íngreme e estreito atalho que bordejava uma imensa zona escorregadia.

Os fremen se moviam com rapidez e segurança nas sombras. Apesar da sua preparação, Margot tropeçou duas vezes no terreno desconhecido, e seus acompanhantes tiveram que sustentá-la, o que pareceu agradá-los.

Duas horas haviam se passado desde que abandonaram a comodidade e segurança da residência de Arrakeen. Margot começou a utilizar suas reservas corporais, mas sem mostrar o menor sinal de fraqueza. Nossas irmãs perdidas seguiram esse caminho?

Mapes e o sacerdote trocavam palavras em um idioma estranho. A memória profunda de Margot lhe revelou que era *chakobsa*, uma língua falada pelos fremen fazia dúzias de séculos, desde sua chegada a Arrakis. Quando reconheceu uma das frases de Shadout, Margot respondeu.

— O poder de Deus é grande.

Seu comentário pôs nervoso o sacerdote, mas sua companheira sorriu.

— A *Sayyadina* falará com ela.

O caminho se bifurcou várias vezes, e a mulher fremen guiava a pequena comitiva para cima, depois para baixo, ou em sentido lateral descrevendo ziguezagues, para depois subir de novo. Margot identificou os mesmos lugares à luz da lua, e compreendeu que estavam tentando desorientá-la e confundi-la. Com seus poderes

mentais Bene Gesserit, Margot recordaria o caminho de volta até o último detalhe.

Impaciente e curiosa, queria repreender os fremen por aquele exercício tão inútil e aborrecido, mas decidiu não revelar suas habilidades. Depois de anos de espera, seria conduzida a seu mundo secreto, a um lugar proibido aos forasteiros. A madre superiora Harishka iria querer que ela observasse cada detalhe. Talvez Margot obtivesse por fim a informação que procurara durante tanto tempo.

Ao chegar a um saliente, Mapes apertou o peito contra a parede e seguiu um estreito atalho que bordejava um precipício, agarrando-se com os dedos. Margot a imitou sem vacilar. As luzes de Arrakeen cintilavam ao longe, e a aldeia de Rutii se escondia ao pé dos contrafortes.

Quando Mapes se encontrava a vários metros de distância, desapareceu de repente na face rochosa. Margot descobriu a entrada de uma cova, que mal permitia a passagem de uma pessoa. No interior, o espaço se alargava à esquerda, e com a tênue luz viu marcas de ferramentas nas paredes, onde os fremen tinham aumentado a caverna. Densos aromas de corpos sem lavar chegaram ao seu nariz. Shadout fez gestos para que a seguisse.

Quando o sacerdote a alcançou, Mapes abriu o selo de uma porta camuflada, que se abriu para dentro. Ouviram vozes, mescladas com o zumbido de máquinas e os ruídos de muita gente. Globos luminosos, que lançavam uma luz amarelada, flutuavam nas correntes de ar.

Mapes atravessou uma porta coberta de pele e entrou em uma sala onde algumas mulheres manipulavam teares elétricos, para tecer largas mechas de cabelo e algodão do deserto até transformá-los em tecidos. O ar quente estava impregnado de cheiro humano e incenso de melange. Todos os olhos se voltaram para a visitante ilustre.

A sala dos teares se abria para outra estadia, onde um homem cuidava de uma panela metálica suspensa sobre um fogo. A luz das

chamas dançou sobre o rosto enrugado de Mapes, e deu de um brilho feroz aos seus olhos azuis. Margot observava tudo, armazenava detalhes para seu relatório posterior. Jamais tinha imaginado que os fremen ocultassem uma população tão numerosa, um povoado tão grande.

Por fim, desembocaram em uma câmara maior, com chão de terra, cheia de plantas do deserto, separadas por trilhas. Reconheceu saguaro, alfafa silvestre, creosote, ervas de pobreza. Todo um terreno de experimentos botânicos!

— Espere aqui, *lady* Fenring.

Mapes continuou adiante, acompanhada pelo sacerdote. Margot se agachou para examinar os cactos, viu espigas lustrosas, carne firme, novos brotos. Em outra caverna ouviu vozes e cânticos ressonantes.

Percebeu um som tênue, ergueu a vista e viu uma anciã vestida com um hábito negro. A mulher, com os braços cruzados sobre o peito, estava enrugada e magra, tão forte como fio shiga. Usava um colar de aros metálicos cintilantes, e seus olhos escuros pareciam poços escavados em seu rosto.

Algo em seu porte, em sua presença, recordou as Bene Gesserit. Em Wallach IX, a madre superiora Harishka estava se aproximando dos duzentos anos, mas esta mulher parecia ainda mais velha, com o corpo saturado de especiaria, a pele mais envelhecida pelo que pelos anos. Até sua voz era seca.

— Sou a *Sayyadina* Ramallo. Estamos a ponto de iniciar a Cerimônia da Semente. Una-se a nós, se na verdade é quem diz ser.

Ramallo! Conheço esse nome. Margot avançou, disposta a citar as frases secretas que identificariam seu conhecimento da Missionária Protetiva. Uma mulher chamada Ramallo tinha desaparecido nas dunas um século atrás... a última a desaparecer, de uma série de reverendas madres.

— Agora não há tempo para isso, filha — interrompeu a anciã —. Todos estão esperando. Com sua presença, sentem tanta

curiosidade quanto eu.

Margot seguiu a *Sayyadina* até uma ampla caverna onde se reuniam milhares de pessoas. Nunca tinha imaginado que existisse um recinto tão grande dentro das rochas. Como tinham conseguido evitar a vigilância das constantes patrulhas Harkonnen? Não se tratava de um povoado miserável, mas de toda uma cidade oculta. Os fremen guardavam muitos segredos, assim como grandiosos planos, dos quais Hasimir Fenring suspeitava.

Uma muralha de aromas desagradáveis a assaltou. Alguns fremen vestiam túnicas empoeiradas, e outros traje destiladores, abertos no pescoço. De um lado se erguia o sacerdote que a tinha guiado desde Arrakeen.

Não deixei o menor rastro de minha partida na estufa. Se tiverem a intenção de me matar, ninguém jamais saberá, como aconteceu com as outras irmãs. Margot sorriu para si mesma. Não, se sofrer algum mal, Hasimir os encontrará. Possivelmente os fremen pensavam que seus segredos estavam a salvo, mas não eram rivais dignos do seu conde, caso este concentrasse seus esforços e intelecto em localizá-los.

Talvez os fremen não acreditassem, mas Margot sim.

Quando o último habitante do deserto entrou na caverna, Ramallo pegou a mão de Margot em sua mão robusta.

— Venha comigo.

A *Sayyadina* a precedeu pelos degraus de pedra que subiam para uma plataforma rochosa, onde se voltou para a multidão.

Fez-se silêncio na caverna, exceto pelo roçar das roupas, como asas de morcego.

Margot, um pouco nervosa, colocou-se junto à anciã. Tenho a sensação de que vou ser a protagonista de um sacrifício. Empregou exercícios de respiração para acalmar-se. Onda atrás de onda de impenetráveis olhos fremen olhavam para ela.

— *Shai-Hulud* está nos observando — disse Ramallo —. Que os mestres de água se adiantem.

Quatro homens abriram caminho entre a multidão. Cada par levava um pequeno saco de pele entre ambos. Depositaram-nos aos pés de Ramallo.

— Há semente? — perguntou Ramallo.

— Há semente — anunciaram em uníssono. Voltaram-se e desceram.

Ramallo abriu um dos sacos e verteu líquido sobre suas mãos.

— Bendita seja a água e sua semente.

Estendeu as mãos, de onde escorreu um líquido azul, como se as gotas fossem safiras líquidas.

As palavras e a cerimônia surpreenderam Margot, porque se pareciam com a prova de veneno Bene Gesserit, mediante a qual uma irmã se transformava em reverenda madre. Alguns agentes químicos (todos terrivelmente mortíferos) eram utilizados para induzir uma terrível agonia e uma crise mental na irmã. Uma adaptação da Missionária Protetiva? As Bene Gesserit desaparecidas tinham revelado este segredo aos fremen? Nesse caso, que mais o povo do deserto sabia sobre os planos da Irmandade?

Ramallo desenroscou a válvula do saco e o apontou em direção a Margot. Sem vacilar, Margot se ajoelhou e tomou o saco entre suas mãos, mas depois vacilou.

— Se na verdade é uma reverenda madre — sussurrou Ramallo —, beberá esta emanção do *Shai-Hulud* sem sofrer o menor mal.

— Sou uma reverenda madre — disse Margot —. Já passei antes por isso.

Os fremen mantiveram seu silêncio reverente.

— Nunca passou por isso, filha — corrigiu a anciã —. *Shai-Hulud* a julgará.

O saco desprendia o aroma familiar da especiaria, mas com um toque amargo. O acre líquido azul parecia ser o emissário da morte. Embora tivesse superado a Agonia para ser uma reverenda madre, Margot quase tinha morrido durante a cerimônia.

Mas podia fazê-lo outra vez.

A seu lado, a *Sayyadina* desenroscou a válvula do segundo saco. Tomou um gole e virou os olhos.

Não devo temer, pensou Margot. O medo é o assassino da mente... Recitou em sua mente toda a Lítania Contra o Medo, e depois chupou a palha, até extrair uma gota. A quantidade de líquido mais ínfima tocou a ponta de sua língua.

Sentiu um sabor repugnante que penetrou até o fundo de seu crânio. Veneno! Seu corpo estremeceu, mas se concentrou em sua química com um supremo esforço, alterou uma molécula aqui, acrescentou ou tirou um radical ali. Teve que empregar todas as suas faculdades.

Margot soltou a válvula. Sua consciência flutuou, e o tempo perdeu sua eterna progressão cósmica. Abandonou seu corpo, suas capacidades Bene Gesserit tomaram o controle e começaram a alterar a química do veneno mortífero. Margot compreendeu o que devia fazer, transformar o produto químico em algo útil, criar um catalisador que transformasse o resto do líquido que os sacos continham...

O sabor se tornou doce em sua boca.

Cada ato de sua vida até aquele momento se estendeu a frente dela como uma tapeçaria. A irmã Margot Rashino-Zea, agora *lady* Margot Fenring, examinou-se até o último detalhe, cada célula de seu corpo, cada fibra nervosa... cada pensamento que tinha experimentado. No fundo do seu ser, Margot encontrou aquele terrível lugar escuro que nunca podia ver, o lugar que fascinava e aterrorizava todas as de sua espécie. Só o longamente esperado *Kwisatz-Haderach* podia olhar ali. O *Lisan ao-Gaib*.

Sobreviverei a isto, pensou.

A cabeça de Margot ressoava como se tivessem golpeado um gongo em seu interior. Viu uma imagem distorcida da *Sayyadina* Ramallo, que oscilava diante dela. Então, um dos mestres de água avançou e introduziu o extremo da válvula na boca de Margot,

recuperou a gota de líquido transformado, e a seguir a introduziu no saco. A anciã soltou a segunda válvula, e outros mestres de água transportaram o veneno transformado de um contêiner para outro, como fogo que se propagasse por campos de erva ressecada.

As pessoas se apinharam ao redor dos sacos para receber gotas da droga catalisada, roçaram seus lábios no líquido.

— Você colaborou em torná-lo possível para eles — disse Ramallo, e de algum modo a consciência de Margot tomou nota de suas palavras.

Que estranho. Aquilo era tão diferente de tudo que tinha experimentado... mas nem tanto, afinal.

Pouco a pouco, como se um sonhador dançasse em sua consciência, Margot sentiu que se reintegrava à câmara de pedra, e a visão induzida pela droga já era apenas uma lembrança imprecisa. Os fremen continuavam tocando as gotas com os dedos, afastavam-se para um lado para que outros compartilhassem o prezado líquido. A euforia se espalhou pela caverna como a luz do amanhecer.

— Sim, em outro tempo fui uma reverenda madre — disse Ramallo por fim —. há muitos anos conheci sua madre superiora.

Margot, ainda aturdida pelas reverberações da poderosa droga, nem sequer pôde demonstrar surpresa, e a anciã assentiu.

— A irmã Harishka e eu fomos companheiras de classe... há muito, muito tempo. Ingressei na Missionária Protetiva e me enviaram para cá com outras nove reverendas mães. Muitas irmãs de nossa ordem se perderam aqui, assimiladas pelas tribos fremen. Outras morreram no deserto. Eu sou a última. A vida é muito dura em Duna, mesmo para uma Bene Gesserit treinada. Mesmo com a melange, que compreendemos e apreciamos de novas maneiras.

Margot cravou a vista nos olhos de Ramallo e viu compreensão neles.

— Sua mensagem falava do *Lisan ao-Gaib* — disse Ramallo, com voz quebradiça —. Está perto, não é? Depois de tantos

milhares de anos.

Margot falou em voz baixa, enquanto os fremen iam se excitando cada vez mais com o ritual.

— Esperamos que dentro de duas gerações.

— Esta gente esperou muito tempo. — A *Sayyadina* olhou para a euforia que reinava na sala —. Posso lhe revelar segredos Bene Gesserit, filha, mas minha lealdade é dupla. Agora também sou uma fremen, jurei defender os valores das tribos do deserto. Certas confidências não podem ser reveladas a nenhum habitante de outro planeta. Um dia tenho que escolher uma sucessora, uma destas mulheres, sem dúvida.

Ramallo inclinou a cabeça.

— A orgia *tau* do *sietch* é um ponto de fusão entre a Bene Gesserit e os fremen. Muito antes de a Missionária Protetiva chegasse aqui, esta gente tinha descoberto o consumo do narcótico iluminador da consciência de formas mais simples e primitivas.

Nas sombras da grande caverna, os fremen se afastavam, juntos e separados, ofuscados pela droga, alguns elevados à paz interior e ao êxtase, outros impulsionados para membros do sexo oposto em uma frenética copulação. Um tecido de realidade pintado de qualquer maneira pousou sobre eles, transformou suas duras vidas em uma imagem onírica.

— Ao longo dos séculos, irmãs como eu os guiaram a seguir novas cerimônias, e adaptamos os velhos costumes fremen às nossas.

— Consequiste grandes coisas aqui, mãe. Wallach IX se alegrará ao saber.

Enquanto a orgia fremen continuava, Margot experimentou a sensação de que estava flutuando, aturdida e afastada de tudo. A anciã ergueu uma mão semelhante a uma garra para benzê-la, para entregá-la de novo ao mundo exterior.

— Vá e informe Harishka. — Ramallo desenhou um leve sorriso —. E lhe entregue este presente.

Extraiu um pequeno livro encadernado do bolso de seu hábito.

Margot abriu o volume e leu a página do título: Manual do deserto amigo. Debaixo, em letras menores, rezava: “O lugar transbordante de vida. Aqui se encontram o *ayat* e o *burhan* da vida. Acredite, e *ao-Lat* nunca o queimará.”

— É como o Livro do Azhar — exclamou Margot, surpresa ao ver uma edição adaptada aos costumes fremen —. Nosso Livro dos Grandes Segredos.

— Dê meu exemplar sagrado a Harishka. Ela gostará de saber.

Admirado agora com sua presença, o sacerdote de Rutii acompanhou Margot até a residência de Arrakeen. Chegou pouco antes do amanhecer, justo quando o céu começava a se iluminar com tons suaves, e se meteu na cama. Ninguém, exceto Shadout Mapes, sabia que tinha saído da mansão. Permaneceu acordada durante horas, emocionada...

Vários dias depois, com a mente cheia de perguntas, Margot seguiu o caminho que conduzia à cova, graças ao mapa exato que esboçara em sua cabeça. Subiu o caminho que levava a Bordo Oeste da Muralha, seguiu o estreito rebordo que dava acesso à entrada do *sietch*. O calor dificultava sua marcha.

Quando entrou nas sombras da cova, descobriu que o selo de porta tinha desaparecido. Passeou pelas câmaras, descobriu que estavam vazias. Nem máquinas, nem móveis, nem gente. Nenhuma prova. Só os aromas...

— Então não confia completamente em mim, *Sayyadina*... — disse em voz alta.

Margot permaneceu por um longo tempo na caverna onde acontecera a orgia *tau*. Ajoelhou-se onde tinha consumido a Água de Vida, percebeu os ecos das pessoas que tinham vivido ali por tanto tempo. Tudo desaparecido...

No dia seguinte, o conde Hasimir Fenring retornou de suas inspeções no deserto com o barão Harkonnen. Durante o jantar,

satisfeito com sua presença, perguntou a sua adorável esposa o que tinha feito em sua ausência.

— Oh, nada, meu amor — respondeu ela agitando seu cabelo dourado. Roçou sua bochecha com os lábios em um beijo terno —. Cuidei do meu jardim.

## 44

*Persevero na sagrada presença humana. Como eu, você deveria perseverar um dia. Rogo a sua presença. Que o futuro continue a ser incerto, porque é o tecido que recebe nossos desejos. Assim a condição humana confronta sua perpétua condição. Não possuímos mais que este momento, para nos dedicamos continuamente à sagrada presença que compartilhamos e criamos.*

*Benção Bene Gesserit*

— É assim que pomos a prova os humanos, moça.

Atrás da barreira do seu escritório, a reverenda madre Gaius Helen Mohiam parecia uma estranha, com o rosto impenetrável, os olhos negros e desumanos.

— É um desafio que contém a alternativa da morte.

Tensa, Jessica estava de pé diante da Supervisora. Uma garota esquelética com longo cabelo vermelho, em seu rosto se viam as sementes de uma beleza autêntica que não demoraria para florescer. Atrás dela, a acolita que tinha comunicado a ordem da reverenda madre fechou a porta pesada. Ela se fechou com um rangido detestável.

Que tipo de prova me espera?

— Sim, reverenda madre? — Jessica reuniu suas forças e falou com voz serena e firme, enquanto imaginava uma poça pouco profunda de som.

Graças a uma promoção recente, Mohiam adquirira o título de Supervisora Superior da escola Materna de Wallach IX. Mohiam tinha seu próprio escritório particular, com livros antigos em uma

vitruve de plaz transparente à prova de umidade. Sobre sua mesa ampla descansavam três bandejas de prata, e cada uma continha um objeto geométrico: um cubo de metal verde, uma pirâmide de um vermelho intenso e uma esfera dourada. As superfícies dos objetos projetavam raios de luz, que ricocheteavam entre si. Por um longo momento, Jessica contemplou a dança hipnótica.

— Precisa me escutar com supremo cuidado, moça, cada palavra, cada inflexão, cada matiz. Sua vida depende disso.

Jessica baixou as pálpebras. Seus olhos verdes se cravaram nos diminutos olhos da outra mulher, pequenos como os de um pássaro. Mohiam parecia nervosa e assustada, mas por que?

— O que é isso?

Jessica apontou para os estranhos objetos na mesa.

— Está curiosa, não é?

Jessica assentiu.

— São aquilo que você acha que são.

A voz de Mohiam era tão seca como o vento do deserto.

Os objetos giravam de maneira sincronizada, de modo que cada um revelou um buraco escuro em sua superfície, um buraco que correspondia em forma com o próprio objeto. Jessica se concentrou na pirâmide vermelha, com sua abertura em forma de triângulo.

A pirâmide começou a flutuar para ela. Isto é real, ou uma ilusão? Arregalou os olhos, paralisada.

As outras duas formas geométricas seguiram à primeira, até que as três dançaram em frente ao rosto de Jessica. Raios brilhantes saltavam e descreviam coloridos arcos espectrais que emitiam estalos quase inaudíveis.

Jessica sentiu curiosidade mesclada com medo.

Mohiam a fez esperar vários segundos, e depois disse com voz seca:

— Qual é a primeira lição? O que lhe ensinaram desde que era uma menina?

— Os humanos nunca devem se comportar como animais, é claro. — Jessica permitiu que uma insinuação de ira e impaciência se filtrasse em sua voz. Mohiam sabia que era de propósito —. Depois de tudo o que me ensinou, supervisora superior, como pode suspeitar que não sou humana? Quando lhe dei motivo...

— Silêncio. As pessoas nem sempre são humanas.

Rodeou o escritório com a agilidade de um gato e olhou para Jessica através da luz cintilante que saltava entre o cubo e a pirâmide.

A moça sentiu um comichão na garganta, mas não tossiu nem falou. Devido a sua experiência com esta instrutora, sabia que havia algo mais.

— Há séculos, durante a Jihad Butleriana, a maioria das pessoas eram simples autômatos orgânicos, que obedeciam as ordens das máquinas pensantes. Oprimidos, nunca questionavam, nunca resistiam, nunca pensavam. Eram gente, mas tinham perdido a faísca que os tornava humanos. Mesmo assim, um núcleo de sua raça resistia. Lutaram, negaram-se a ceder, e com o tempo eles venceram. Só eles recordavam o que era ser humano. Jamais devemos esquecer as lições desses tempos perigosos.

O hábito da reverenda madre rangeu quando se moveu para um lado, e de repente seu braço se moveu com uma velocidade assombrosa, um movimento impreciso. Jessica viu o extremo de uma agulha apontada para sua bochecha, pouco abaixo do olho direito.

A menina não se moveu. Os lábios ressecados de Mohiam formaram um sorriso.

— Conhece o *gom jabbar*, o inimigo da mão que só mata animais, os que obedecem seu instinto antes da disciplina. Esta ponta está impregnada de metacianureto. A menor espetada, e você morre.

A agulha permanecia imóvel, como se estivesse congelada no ar. Mohiam se aproximou mais do seu ouvido.

— Dos três objetos a sua frente, o primeiro é dor, o outro é prazer, e o terceiro é eternidade. A Irmandade utiliza estas coisas de diversas maneiras e combinações. Para esta prova, tem que escolher a que seja mais profunda para você e experimentá-la, se é que se atreve. Não haverá mais perguntas. A prova consiste nisto.

Sem mover a cabeça, Jessica desviou a vista para examinar cada objeto. Utilizou seus poderes de observação Bene Gesserit (e algo mais, cuja origem não pôde determinar) e intuiu prazer na pirâmide, dor na caixa, eternidade na esfera. Jamais tinha se submetido a uma prova como esta, e nunca tinha ouvido falar dela, embora soubesse do *gom jabbar*, a lendária agulha desenvolvida na antiguidade.

— Esta é a prova — disse a reverenda madre Mohiam —. Se fracassar, eu a espetarei.

Jessica se preparou interiormente.

— E eu morrerei.

Como um abutre, a Supervisora espreitava ao lado da moça, vigiando cada piscada, cada *tic*. Mohiam não podia permitir que Jessica percebesse sua angústia e medo, mas também sabia que devia realizar a prova.

Você não deve falhar, minha filha.

Gaius Helen Mohiam tinha treinado Jessica desde a infância, mas a moça desconhecia seu parentesco, desconhecia sua importância para o programa de reprodução da Irmandade. Desconhecia que Mohiam era sua mãe.

A seu lado, Jessica tinha empalidecido por causa da concentração. O suor brilhava em sua testa. Mohiam estudou as formas geométricas, compreendeu que a moça ainda devia superar vários níveis em sua mente...

Por favor, filha, você tem que sobreviver. Não posso repetir isso. Sou muito velha.

Sua primeira filha do barão era sido fraca e defeituosa. Depois de um terrível sonho profético, Mohiam tinha matado o bebê com suas próprias mãos. Tinha sido uma visão verdadeira, Mohiam estava segura dela. Viu seu lugar na culminação do programa de reprodução milenar da Irmandade. Mas também descobriu, graças a uma surpreendente presciência, que o Império padeceria muita dor e morte, com planetas arrasados, um genocídio quase total... se o programa de reprodução se descarrilasse. Se nascesse a menina inadequada na próxima geração.

Mohiam já tinha assassinado uma de suas filhas, e estava disposta a sacrificar Jessica caso fosse necessário. Melhor matá-la que permitir a explosão de outra terrível *Jihad*.

A grossura de um cabelo separava a agulha envenenada da pele cremosa de Jessica. A garota tremia.

Jessica, concentrava todas as suas forças, com a vista cravada no horizonte, só via letras em sua mente, a Litania Contra o Medo. Não devo temer. O medo é o assassino da mente. O medo é a pequena morte que provoca a destruição total.

Enquanto aspirava uma profunda baforada de ar para acalmar-se, perguntou-se: Qual escolho? Se tomar a decisão incorreta, morrerei. Compreendeu que devia se aprofundar mais, e como em uma revelação, viu como se posicionavam os três objetos na viagem humana: a dor do nascimento, o prazer de uma vida, a eternidade da morte. Mohiam havia dito que devia escolher o mais profundo. Mas só um? Como podia começar, mas pelo princípio?

Primeiro, a dor.

— Vejo que escolheu — disse Mohiam, ao ver que a moça erguia a mão direita.

Jessica introduziu com cautela a mão no cubo verde, através do buraco aberto em um lado. Imediatamente, sentiu que sua pele queimava, abrasava-se, e seus ossos se enchiam de lava. As unhas

dos seus dedos se desprenderam uma a uma, devoradas pelo calor feroz. Jamais em sua vida tinha imaginado tamanha agonia. E continuava aumentando.

Enfrentarei meu medo, e permitirei que passe por mim e através de mim.

Com um esforço supremo, resignou-se a viver sem sua mão e bloqueou os nervos. Se fosse preciso, o faria. Mas então, a lógica se impôs, face à agonia. Não recordava de ter visto irmãs manetas nos corredores da Escola Materna. E se todas as acolitas deviam passar por provas como esta...

Quando o medo tiver passado, não restará nada.

Uma longínqua parte analítica de seu cérebro percebeu que tampouco cheirava a carne queimada, não via fios de fumaça cinza, não ouvia o chiado da gordura ardente na carne em sua mão.

Só eu restarei.

Jessica lutou para controlar seus nervos e bloqueou a dor. Só sentia um frio intumescimento da mão até o cotovelo. Sua mão já não existia. A dor tampouco. Aprofunde mais, aprofunde mais. Momentos depois, já não tinha forma física, separou-se completamente do seu corpo.

Pelo buraco da caixa verde surgiu uma névoa. Parecida com incenso.

— Bem, bem — sussurrou Mohiam.

A névoa, uma manifestação da consciência de Jessica, introduziu-se pelo buraco de uma forma diferente, a entrada da pirâmide vermelha. Uma onda de prazer a invadiu, intensamente estimulante, mas tão assombrosa que mal pôde suportá-la. Tinha ido de um extremo a outro. Tremeu, depois fluiu e ondulou, como a enchente de uma tsunami em um mar imenso. A grande onda subiu cada vez mais...

Mas a névoa de sua consciência, depois de cavalgar sobre a crista de uma onda poderosa, caiu aos tombos por ela...

As imagens desapareceram, e Jessica sentiu as finas sandálias de tecido em seus pés, uma sensação suada e pegajosa de pele contra material, e a dureza do chão que estava abaixo. Sua mão direita... Ainda não podia senti-la, nem tampouco vê-la, nem sequer um coto no extremo do seu punho, porque só seus olhos podiam mover-se.

Olhou para a direita, viu a agulha envenenada junto a sua bochecha, o mortífero *gom jabbar*, e do outro lado a esfera da eternidade. O pulso de Mohiam era firme, e Jessica fixou sua vista no bicudo extremo prateado, o brilhante ponto central do universo, suspenso como uma estrela longínqua. Uma só espetada, e Jessica entraria na esfera da eternidade, em corpo e mente. Não haveria volta. A moça não sentia dor nem prazer naquele momento, só uma imobilidade intumescida, enquanto aparecia o precipício da decisão.

Compreendeu uma coisa: não sou nada.

— Dor, prazer, eternidade... Tudo me interessa — murmurou Jessica por fim, como de uma grande distância —, pois o que é um sem os outros?

Mohiam percebeu que a moça tinha superado a crise, sobrevivido à prova. Um animal não poderia compreender tais complexidades. Jessica relaxou, estremecida. A agulha envenenada retrocedeu.

Para Jessica, a penosa experiência terminou de repente. Tudo o tinha imaginado, a dor, o prazer, um nada. Toda graças ao controle da mente Bene Gesserit, a tremenda capacidade da Irmandade de dirigir os pensamentos e atos de outra pessoa. Uma prova.

Era certo que sua mão tinha entrado no cubo verde? Se convertera em uma névoa? De um ponto de vista intelectual acreditava que não. Mas quando flexionou os dedos da mão, sentiu que estavam rígidos e doloridos.

Com o hábito cheirando a suor, Mohiam tremeu, e por fim recuperou a compostura. Deu a Jessica um abraço rápido e adotou seu comportamento oficial de costume.

— Seja bem-vinda à Irmandade, humana.

# 45

*Combati em grandes guerras para defender o Império e matei muitos homens em nome do Imperador. Assisti a sessões do Landsraad. Viajei pelos continentes de Caladan. Ocupei-me de todos os tediosos assuntos comerciais necessários para governar uma Grande Casa. E mesmo assim, os melhores momentos foram os que passei com meu filho.*

*Duque Paulus Atreides.*

Quando o navio alado ducal desamarrou e entrou no mar, Leto se ergueu na proa e olhou para o antiquíssimo edifício do castelo de Caladan, onde a Casa Atreides tinha governado durante vinte e seis gerações.

Foi incapaz de reconhecer os rostos nas janelas, mas viu uma pequena silhueta em uma janela alta. Kailea. Apesar da sua feroz resistência a que se levasse o pequeno Victor, que ainda não tinha completado dois anos e meio, tinha ido despedir-se à sua maneira silenciosa. Isso animou Leto.

— Posso pegar o leme? — O rosto redondo de Rhombur exibia um sorriso esperançoso. A brisa agitava seu cabelo loiro ingovernável —. Nunca pilotei um navio alado.

— Espere até chegar a mar aberto. — Leto olhou para o príncipe exilado com um sorriso travesso —. Será melhor. Lembra que, em certa ocasião, consegui que nos chocássemos contra os recifes.

Rhombur se ruborizou.

— Aprendi muito desde então. *Er*, bom senso, especialmente.

— É claro que sim. Tessia foi uma boa influência para você.

Quando a concubina Bene Gesserit tinha acompanhado Rhombur aos moles, agarrada ao seu braço, despediu-se dele com um beijo apaixonado.

Em contraste, Kailea tinha se negado a sair do castelo de Caladan para dizer adeus a Leto.

Na popa do navio em forma de V, o pequeno Victor ria, molhava as mãos com a espuma fresca, enquanto o capitão da guarda, Swain Goire, vigiava-o. Goire entretinha o menino, sempre disposto a protegê-lo.

Oito homens acompanhavam Leto e Victor naquela viagem de prazer. além de Rhombur e Goire, levava com ele Thufir Hawat, um par de guardas, um capitão de navio e dois pescadores, Gianni e Dom, com os quais tinha brincado quando era criança. Iriam pescar. Iriam ver os bosques de algas e as ilhas de *kelp*. Leto mostraria a seu filho as maravilhas de Caladan.

Kailea não queria que o menino abandonasse a proteção das muralhas do castelo, onde não se exporia a nada pior que um resfriado comum ou uma corrente de ar. Leto escutara seus protestos em silêncio, consciente de que a travessia no navio não era a causa real, mas apenas a manifestação do momento. Era o mesmo problema de sempre...

Talvez os comentários em voz baixa de Chiara tivessem convencido Kailea de que Leto era o culpado de sua situação.

“Quero ser algo mais que uma exilada!”, gritara durante a última noite que passaram juntos (como se isso tivesse algo que ver com a viagem de pesca). Leto reprimiu o impulso de lhe recordar que sua mãe tinha sido assassinada, seu pai continuava a ser um fugitivo e seu povo continuava escravizado pelos tleilaxu, enquanto que ela era a dama de um duque, vivia em um castelo com um filho são e formoso, e toda a riqueza e enfeites de uma Grande Casa. “Você não deveria se queixar, Kailea”, disse, furioso. Embora não pudesse aplacá-la, Leto desejava o melhor para seu filho.

Sob os céus cobertos de nuvens, respiravam o ar fresco do oceano e se afastavam de terra firme. O navio cortava as águas como uma faca cortaria um bolo de arroz pundi.

Thufir Hawat se mantinha atento dentro da cabine. Examinava os sistemas de sinais e os mapas meteorológicos, sempre atento a qualquer perigo que espreitasse seu amado duque. O Professor de Assassinos se conservava em excelente forma, com a pele enrugada, os músculos tensos como cabos. Sua aguçada mente *Mentat* era capaz de vislumbrar os mecanismos das conspirações inimigas. Estudava as conseqüências da terceira e quarta ordem que Leto, e mesmo de Kailea, com sua mente tão ardilosa para os negócios, não podia compreender.

Na primeira hora da tarde, os homens jogaram as redes. Embora sempre tivesse sido pescador, Gianni não escondia que preferia um bom bife para jantar, regado com um excelente vinho de Caladan. Mas aqui tinham que comer o que o mar proporcionava.

Quando as redes subiram cheias de seres que se agitavam, Victor correu para inspecionar os belos peixes de escamas multicoloridas. Sempre vigilante, Goire não se afastava do menino, e procurava afastá-lo dos peixes com espinhos venenosos.

Leto escolheu quatro peixes carnudos, e Gianni e Dom os levaram a cozinha para limpá-los. Depois, ajoelharam-se junto ao seu filho e ajudaram o menino intrigado a reunir os outros peixes. Juntos, jogaram-nos pela amurada, e Victor aplaudiu quando viu que as esbeltas formas escorregadias desapareciam na água.

Seu curso os conduziu até continentes flutuantes de sargaços entrelaçados, um deserto de um tom marrom esverdeado que se estendia até perder-se de vista. Largos rios corriam entre as brechas dos sargaços. Moscas voavam ao seu redor e depositavam ovos sobre as brilhantes gotas de água. Aves negras e brancas saltavam de folha em folha, devoravam camarões-rosa que serpenteavam entre as capas mornas da superfície. O aroma penetrante de vegetação podre impregnava o ar.

Quando os homens jogaram a âncora entre as algas, falaram e cantaram canções. Swain Goire ajudou Victor a lançar o fio de pescar por cima da amurada, e embora seus anzóis se enredassem nas algas, o entusiasmado menino conseguiu pescar vários peixes. Victor foi correndo até a cabine para mostrar os peixes a seu pai, que aplaudiu a proeza do seu filho. Depois de um dia tão exaustivo, o menino se encolheu em sua cama de armar pouco depois do sol se por, e caiu adormecido.

Leto jogou algumas partidas de cartas com os dois pescadores.

Embora fosse seu duque, Gianni e Dom não fizeram o menor esforço para deixá-lo ganhar. Consideravam-no um amigo, tal como Leto desejava. Mais tarde, quando contaram histórias tristes ou cantaram canções trágicas, Gianni chorou com menor insinuação sentimental.

Já tarde da noite, Leto e Rhombur se sentaram na coberta às escuras e falaram. Rhombur tinha recebido recentemente uma concisa mensagem codificada de C'tair Pilru dizendo que tinha recebido os explosivos, mas nem o menor indício de como os utilizariam. O príncipe desejava ver o que os rebeldes estavam fazendo nas cavernas ixianas, embora não pudesse ir ao planeta. Ignorava o que seu pai teria feito em uma situação similar.

Falaram dos contínuos esforços diplomáticos de Leto para mediar o litígio entre os Ecaz e os Moritani. enfrentava não só à resistência das partes, mas também o próprio imperador Shaddam, que parecia lamentar a intercessão Atreides. Shaddam acreditava que, ao postar uma legião de Sardaukar em Grumman durante vários anos, tinha solucionado o problema. Na realidade, só tinha atrasado as hostilidades. Agora que as tropas imperiais partiram, a tensão aumentava novamente...

Durante um longo tempo de silêncio, Leto olhou para o capitão Goire, que lhe recordou outro de seus amigos e guerreiros.

— Duncan Idaho já está em Ginaz a quatro anos.

— Ele se transformará em um grande mestre espadachim. — Rhombur desviou a vista para o deserto de algas, onde focas peludas entoavam um coro gorgolejante, e se desafiavam na escuridão —. E depois de tantos anos de duro treinamento, será mil vezes mais valioso para você. Logo verá.

— De qualquer modos, sinto falta dele.

Na manhã seguinte, Leto despertou em um amanhecer cinzento e fresco. Aspirou profundas baforadas de ar, e se sentiu descansado e repleto de energia. Descobriu que Victor continuava dormindo, e segurava o canto de uma manta. Rhombur bocejou e se estirou em seu beliche, mas não fez o menor gesto por seguir Leto à coberta. Até em IX, o príncipe nunca tinha sido madrugador.

O capitão do navio já tinha içado a âncora. Seguindo as instruções de Hawat (o *Mentat* dormia em algum momento?), entraram por um amplo canal que atravessava as algas, e saíram de novo para mar aberto. Leto se encontrava de pé na coberta de proa, desfrutando de um silêncio que era rompido apenas pelos motores do navio. Até as aves estavam caladas.

Leto observou estranhos tons de cor nas nuvens longínquas, um grupo de luzes piscantes em movimento como não se recordava de ter visto antes. O capitão, sentado na cabine, aumentou a potência dos motores e o navio acelerou.

Leto farejou o ar, percebeu um aroma metálico de ozônio, mas com uma acidez incomum. Entreabriu seus olhos cinzas, pronto a chamar o capitão. O denso aglomerado de atividade elétrica se movia em direção contrária à brisa, avançava muito próximo da água... como se estivesse vivo.

Está se aproximando de nós.

Entrou na cabine, preocupado.

— Você o viu, capitão?

O homem não afastava os olhos da coluna de direção nem do fenômeno que se precipitava para eles.

— Faz dez minutos que estou observando, meu senhor, e nesse lapso de tempo reduziu a metade da distância.

— Nunca tinha visto nada semelhante. — Leto parou junto à cadeira do capitão —. O que é?

— Tenho minhas suspeitas. — A expressão do capitão traía preocupação e medo. Puxou o acelerador e os motores rugiram com mais potência que nunca —. Acho que deveríamos fugir.

Apontou para a direita, em direção contrária às luzes que se aproximavam.

Leto adotou um tom de voz autoritário, sem a cordialidade que tinha manifestado no dia anterior.

— Explique-se, capitão.

— É um *elecrán*, senhor. Se quer realmente saber.

Leto riu, e depois se calou.

— Um *elecrán*? Isso não é um mito?

Seu pai, o velho duque, gostava de lhe contar histórias quando os dois estavam sentados junto a um fogo na praia, com a noite iluminada somente pelas chamas oscilantes.

“Você se surpreenderia ao saber o que há no mar, garoto — havia dito Paulus, apontando para as águas escuras —. Sua mãe não ficará satisfeita se souber que falei sobre isto, mas acredito que deve saber.” Deu uma longa baforada em seu cachimbo e começou o relato...

O capitão meneou a cabeça.

— Eles não são muitos, meu senhor, mas existem.

E se uma criatura tão elementar era real, Leto sabia a destruição e a morte que era capaz de provocar.

— Dê meia volta, então. Fixe um rumo que nos afaste dessa coisa. Velocidade máxima.

O capitão virou para estibordo, desenhou uma esteira branca na água imóvel, e inclinou a coberta em um ângulo inclinado o

bastante para que os homens caíssem dos beliches. Leto se agarrou a um corrimão da cabine até que seus nódulos se tornarem brancos.

Thufir Hawat e Swain Goire entraram apressados na cabine e perguntaram a causa da emergência. Quando Leto apontou para a popa, os homens olharam através do plaz coberto de bafo das janelas. Goire blasfemou com uma linguagem florida que nunca utilizava diante do menino. Hawat enrugou o sobrecenho, enquanto sua complexa mente de *Mentat* analisava a situação e selecionava a informação que necessitava de seu armazém de conhecimentos.

— A situação é grave, meu duque.

As luzes piscantes e a aparência tempestuosa do estranho ser se aproximaram de sua popa, aumentaram a velocidade, e surgiu vapor da água. A testa do capitão se cobriu de suor.

— Ele nos viu, senhor. — Puxou com tanta força o acelerador que quase saiu com ele na mão —. Nem sequer este navio pode deixá-lo para trás. É melhor preparar-se para o ataque.

Leto soou o alarme. Ao fim de poucos segundos, outros guardas apareceram, seguidos dos dois pescadores. Rhombur chegou com Victor nos braços. O menino, assustado pelo alvoroço, agarrava-se ao rapaz.

Hawat olhou para a popa e entreabriu os olhos.

— Não sei como lutar contra um mito. — Olhou para o duque, como se de alguma forma tivesse falhado —. De qualquer forma, tentaremos.

Goire golpeou com os nódulos uma proteção da cabine.

— Este navio não nos protegerá, não é?

O guarda parecia decidido a lutar contra algo que o duque identificasse como um inimigo.

— Um *elecrán* é um aglomerado de fantasmas que morreram em tempestades em alto mar — disse o pescador Dom, com a voz

insegura quando apareceu à porta da cabine, enquanto os outros saíam à cobertura de popa para enfrentar o ser.

Seu irmão Gianni meneou a cabeça.

— Nossa avó dizia que é a vingança de uma mulher repudiada. Há muito tempo, uma mulher saiu durante uma tempestade e amaldiçoou aos gritos o homem que a abandonara. Foi atingida por um raio, e assim nasceu o *elecrán*.

Os olhos de Leto doíam de olhar para o *elecrán*, uma lula de eletricidade formada por descargas verticais de energia e fogos de gás. Raios caíam sobre a superfície. Névoa, vapor e ozônio o rodeavam como um escudo. À medida que o ser se aproximava da embarcação, aumentava de tamanho, e absorvia a água do mar como um grande gêiser.

— Também ouvi dizer que só consegue manter a forma, só consegue manter-se vivo, enquanto estiver em contato com a água — acrescentou o capitão do navio.

— Essa informação é mais útil — disse Hawat.

— Infernos vermelhos! Não vamos tirar essa maldita coisa da água — disse Rhombur —. Espero que haja outra forma de matá-la.

Hawat ladrou uma ordem rápida, e os dois guardas desencaparam seus rifles laser, armas trazidas a bordo por insistência do *Mentat*. Leto se perguntara para que iriam necessitar dessas armas em uma tranqüila viagem de pesca. Agora, estava contente por tê-las trazido. Dom e Gianni olharam para o ameaçador nó de energia e se refugiaram sob a cobertura.

Swain Goire, depois de olhar para trás por um momento para comprovar que Victor estava com Rhombur, ergueu sua arma. Foi o primeiro a abrir fogo, e lançou uma descarga de luz tremula. A energia alcançou o *elecrán* e se dissipou sem causar o menor dano. Thufir Hawat disparou, assim como o segundo guarda Atreides.

— Não serviu de nada! — gritou o *Mentat* —. Meu duque, permaneça na segurança do camarote.

Mesmo de dentro, Leto sentiu o calor do ar, cheirou o sal queimado e as algas chamuscadas. Raios de energia primária atravessavam o corpo fluido do *elecrán*, que cada vez se aproximava mais do navio, um ciclone de energia em estado puro. Com uma só descarga, poderia destroçar o navio e eletrocutar todos os seus tripulantes.

— Não há segurança em lugar algum, Thufir — gritou Leto —. Não permitirei que essa coisa se apodere do meu filho!

Olhou para o menino, agarrado ao pescoço de Rhombur.

Para exibir seu poder, um raio desceu e tocou o flanco de madeira do navio, como um sacerdote que desse uma bênção. Parte do rebordo metálico da embarcação se volatilizou, enquanto faíscas dançavam ao longo de cada contato condutor. Os motores do navio tossiram e morreram.

O capitão tentou voltar a pô-los em marcha, mas foi recompensado apenas com sons ásperos e metálicos.

Goire parecia disposto a lançar-se sobre a massa, como se isso servisse de algo. Quando o navio parou de avançar, o homem continuou disparando contra o núcleo do *elecrán*, embora sem resultado algum. Leto percebeu que não estavam apontando para onde deviam. O navio, desprovido de energia, estava dando a volta, com a proa apontada para o monstro.

Ao compreender sua oportunidade, Leto abandonou a cabine e correu para a proa bicuda da embarcação. Hawat gritou para conter seu duque, mas Leto ergueu uma mão para proibir sua intervenção. A audácia sempre tinha sido a marca dos Atreides. Rezou para que os contos supersticiosos do capitão não se compuseram só de lendas ridículas.

— Leto! Não faça isso! — gritou Rhombur, ao mesmo tempo em que apertava Victor contra seu peito. O menino gritava e se retorcia, tentava libertar-se do abraço do seu tio e correr para seu pai.

Leto gritou para o monstro e agitou as mãos, com a esperança de distrair o ser, de oferecer-se como isca.

— Aqui! Venha a mim!

Tinha que salvar seu filho, e também seus homens. O capitão ainda estava tentando ligar os motores, mas no momento eles se negavam. Thufir, Goire e os dois guardas correram para Leto.

O duque viu que o ser aumentava. Enquanto se erguia como um *tsunami* iminente no ar, o ser mal mantinha um tênue contato com a água salgada que mantinha a sua existência corpórea. Uma descarga de estática prolongada fez se arreliarem os pelos de Leto, como se um milhão de diminutos insetos estivessem rastejando sobre sua pele.

Tinha que agir no momento certo.

— Thufir, Swain, apontem seus rifles para a água abaixo do monstro. Vaporizem o oceano.

Leto levantou ambos os braços para oferecer-se. Não tinha armas, nada com o que ameaçar o ser.

O brilho do aterrador *elecrán* aumentou de intensidade, uma massa de energia primitiva que se erguia sobre a água. Não tinha cara, nem olhos, nem presas: todo seu corpo era composto de morte.

Hawat deu a ordem quando Leto se jogou na coberta de madeira. Dois rifles laser transformaram a água em espuma e vapor, na base da cinta crepitante de raios. Nuvens de neblina branca subiram ao seu redor.

Leto rodou para um lado, com a intenção de proteger-se. Os dois guardas Atreides também abriram fogo, e vaporizaram as ondas que rodeavam o ser.

O *elecrán* se agitou, como se estivesse surpreso, tentou apoiar-se de novo sobre a água que fervia abaixo dele. Emitiu um grito estremecedor e golpeou o navio duas vezes mais com descargas espasmódicas. Por fim, quando seu contato se cortou definitivamente, o *elecrán* perdeu consistência.

Dissipou-se com uma explosão pavorosa, voltou para reino dos mitos. Uma cascata de água caiu sobre o navio, formigante e efervescente, como se ainda contivesse um pingo da presença do monstro. Gotas quentes ensoparam Leto. O cheiro de ozônio dificultava a respiração.

O oceano recuperou a paz, sereno e silencioso.

Durante a abatida volta do navio aos moles, Leto se sentiu esgotado, mas satisfeito por ter solucionado o problema e salvo seus homens, e sobretudo seu filho, sem uma baixa. Gianni e Dom já estavam improvisando as histórias que contariam em noites de tormenta.

Victor, embalado pelo ruído dos motores, dormiu no regaço do seu pai. Leto contemplava a água que sulcavam. Acariciou o cabelo escuro do menino e sorriu ao ver sua expressão de inocência. Distinguiu nas feições de Victor a linhagem imperial que Leto herdara de sua mãe: o queixo estreito, os intensos olhos cinza claro, o nariz aquilino.

Enquanto estudava o menino adormecido, perguntou-se se amava mais ao Menino que a sua concubina. Às vezes se perguntava se ainda amava Kailea, sobretudo durante o último ano, quando sua vida em comum se azedou, lenta mas inexoravelmente.

Seu pai teria sentido o mesmo seu pai por sua esposa Helena, apanhado como ele em uma relação com uma mulher de expectativas tão diferentes das suas? Como tinha degenerado seu matrimônio até esse extremo? Pouca gente sabia que *lady* Helena Atreides tinha planejado o assassinato do velho duque, tinha tomado as medidas necessárias para que um touro salusano o matasse.

Leto acariciou seu filho com muita suavidade para que ele não despertasse, e jurou que nunca mais permitiria que Victor se expusesse a um perigo tão grande. Seu coração se inchou de amor pelo menino, quase a ponto de explodir. Talvez Kailea tivesse razão. Não devia ter levado o menino naquela viagem.

Depois, o duque entreabriu os olhos e voltou a descobrir o aço da liderança. Ao compreender a covardia de seus pensamentos, Leto mudou de opinião. Não posso super protegê-lo. Seria um grave erro mimar este menino. Só ao enfrentar perigos e desafios, como tinha feito Paulus Atreides com Leto, o pequeno poderia ser um homem forte e inteligente, o líder que devia ser.

Baixou a vista e sorriu para Victor de novo. Afinal, pensou Leto, pode ser que este menino seja duque algum dia.

Percebeu que a linha da costa emergia da bruma matutina, e viu o castelo de Caladan e os moles. Era estupendo voltar para casa.

## 46

*Corpo e mente são dois fenômenos observados em diferentes condições, mas de uma única e idêntica realidade. Corpo e mente são aspectos do ser vivo. Funcionam sob um peculiar sentido da sincronicidade, em que as coisas acontecem juntas e se comportam como se fossem a mesma... mas podem ser concebidas como diferentes.*

*Manual do pessoal médico  
Escola de Ginaz.*

Na manhã chuvosa, Duncan Idaho esperava junto com seus companheiros de classe em um novo terreno de treinamento, uma ilha mais na longa cadeia de salas-de-aula isoladas. Gotas mornas caíam sobre eles das cansativas nuvens tropicais. Parecia que naquele lugar sempre chovia.

O mestre espadachim era um gordo que vestia folgadas calças cáqui. O lenço vermelho apertado ao redor de sua enorme cabeça fazia seu cabelo avermelhado se arrepiar como espinhos com pontas molhadas. Seus olhos eram dardos pequenos, de um castanho tão escuro que era difícil distinguir as íris das pupilas. Falava com uma voz aflautada que surgia de uma caixa de voz sepultada sob sua enorme papada.

Não obstante, quando se movia, o mestre espadachim Rivvy Dinari o fazia com a agilidade e velocidade de um *raptor* no impulso final de um golpe mortal. Duncan não via nada ridículo no homem, e sabia que não devia subestimá-lo. A aparência gorducha era uma ilusão cuidadosamente cultivada.

— Aqui sou uma lenda — havia dito o volumoso instrutor —, e logo saberão por que.

Durante os segundos quatro anos de estudos em Ginaz, os alunos se reduziram a menos da metade dos que tinham chegado no primeiro dia, quando Duncan se viu obrigado a usar uma pesada armadura. Um punhado de estudantes já tinham perecido no treinamento desumano; muitos mais tinham desistido e partido.

— Só os melhores podem ser mestres espadachins — diziam os professores, como se isso explicasse todas as penalidades.

Duncan derrotava os outros estudantes em combate ou nos exercícios mentais tão essenciais para a batalha e estratégia. Antes de abandonar Caladan, tinha sido um dos melhores guerreiros jovens da Casa Atreides, mas jamais tinha imaginado que soubesse tão pouco.

— Os homens que lutam não se moldam com mímicos — tinha recitado o mestre espadachim Mord Cour, uma longínqua tarde —. Em situações de combate reais, os homens se moldam mediante desafios extremos que os empurram ao seu limite.

Alguns dos professores tinham ensinado táticas militares, história da guerra, filosofia e política. Enfrentavam-se em combates de retórica, antes dos combates armados. Alguns eram engenheiros e peritos em mecânica, que tinham ensinado Duncan a montar e desmontar qualquer tipo de arma, a fabricar seus artefatos de matar com os elementos mais escassos. Aprendeu a utilizar e reparar escudos, a desenhar instalações defensivas em grande escala, e a forjar planos de batalha em conflitos em pequena e grande escala.

A chuva repicava cadenciadamente sobre a praia, rochas e estudantes. Rivvy Dinari parecia indiferente à água.

— Durante os próximos seis meses aprenderão de cor o código dos samurais e a filosofia integral do *bushido*. Se insistirem em ser rochas escorregadias, eu serei uma corrente de água. Minarei sua resistência até que aprendam tudo que posso ensinar.

Moveu seus olhos penetrantes como uma descarga de fuzilaria, e deu a impressão de que falava em particular a cada estudante.

Uma gota de chuva pendia da ponta do seu nariz, até que caiu e foi substituída por outra.

— Têm que aprender honra, do contrário não merecem aprender nada.

O sempre mal-humorado Trin Kronos, sem deixar-se intimidar, interrompeu-o.

— A honra não os fará ganhar batalhas, a menos que todos os combatentes concordem em reger-se pelas mesmas normas. Se os encher de regras absurdas, mestre, qualquer inimigo que queira quebrar as normas os derrotará.

Depois de ouvir isso, Duncan Idaho pensou que compreendia alguma das audazes e provocadoras medidas que o visconde Moritani tinha tomado durante seu conflito com Ecaz. Os *grumman* não obedeciam as mesmas regras.

O rosto de Dinari avermelhou.

— Uma vitória sem honra não é uma vitória.

Kronos sacudiu a cabeça, jogando gotas de chuva.

— Diga isso aos soldados mortos do grupo adversário.

Os amigos próximos murmuraram palavras de felicitação por sua resposta. Embora ensopados e sujos de barro, todos conservavam seu orgulho altivo.

A voz de Dinari soou mais estridente.

— Desejam renunciar a toda civilização humana? Preferem se transformar em animais selvagens? — O grandalhão se aproximou mais de Kronos, que vacilou, retrocedeu e pisou em uma poça —. Os guerreiros da escola de Ginaz são respeitados por todo Império. Formamos os melhores guerreiros e os maiores estrategistas, melhores ainda que os Sardaukar do imperador. Necessitamos de uma frota militar em órbita? Necessitamos de um exército preparado para rechaçar os invasores? Necessitamos de um montão de armas para dormir tranquilos à noite? Não! Porque seguimos um código de honra e todo o Império nos respeita.

Kronos o ignorou, ou não reparou no brilho assassino que surgira nos olhos do mestre espadachim.

— Nesse caso têm um ponto fraco: seu excesso de confiança.

Fez-se silêncio, quebrado só pelo constante tamborilar da chuva. Dinari enfatizou suas próximas palavras:

— Mas temos honra. Aprenda a valorizá-lo.

Chovia muito outra vez, seguindo a tônica dos últimos meses. Rivvy Dinari falava em frente as filas de alunos. Apesar da sua corpulência, o mestre espadachim se movia como uma brisa sobre o chão enlameado.

— Se sentirem vontade de brigar, devem se desfazer da angústia. Se estão enfurecidos com seu inimigo, devem se desfazer da ira. Os animais lutam como animais. Os humanos lutam com sutileza. — Furou Duncan com seu olhar azedo —. Limpe sua mente.

Duncan não respirava, não piscava. Todas as células do seu corpo se paralisaram, cada nervo tinha alcançado a êxtase. Uma brisa úmida acariciava seu rosto, mas deixou que passasse ao largo. A chuva constante ensopava suas roupas, sua pele, seus ossos, mas imaginou que fluía através dele.

— Não faça o menor movimento: não pisque, não encha o peito, controle até o último músculo. Seja uma pedra. isole-se do universo consciente.

Depois de meses de rigorosa instrução sob as ordens de Dinari, Duncan sabia diminuir o ritmo de seu metabolismo até alcançar um estado similar à morte, chamado *funestus*. O professor o chamava um processo de purificação destinada a preparar as mentes e os corpos para o ensino de novas disciplinas de luta. Uma vez alcançado, *funestus* lhe proporcionava uma sensação de paz como jamais tinha experimentado, que lhe recordava os braços de sua mãe, sua voz doce e sussurrante.

Embalado no transe, Duncan concentrou seus pensamentos, sua imaginação, seu impulso. Um intenso brilho enchia seus olhos,

mas manteve o controle e se negou a piscar.

Duncan sentiu uma dor aguda no pescoço, a espetada de uma agulha.

— Ah! Ainda sangra — exclamou Dinari, como se sua missão fosse destruir o máximo de candidatos possível —. Portanto, também sangrará na batalha. Não está em um estado de *funestus* perfeito, Duncan Idaho.

Esforçou-se por alcançar o estado de meditação em que a mente controlava sua energia *chi*, até alcançar um estado de repouso e, ao mesmo tempo, encontrar-se completamente preparado para o combate. Procurou o nível de concentração máximo, sem a contaminação de pensamentos confusos e desnecessários. Sentiu que se aprofundava, ouviu a contínua investida verbal de Rivvy Dinari.

— Carrega uma das melhores espadas do Império, a espada do duque Paulus Atreides. — Abateu-se sobre o candidato, que se esforçava por manter sua concentração e serenidade —. Mas tem que ganhar o direito de utilizá-la na batalha. Você adquiriu as habilidades para a luta, mas ainda não demonstrou controlar seus pensamentos. Intellectualizar em excesso diminui a velocidade das reações e as entorpece, amortece os instintos de um guerreiro. Mente e corpo são um, e tem que lutar com ambos.

O corpulento professor caminhou ao sua redor com parcimônia. Duncan cravou a vista à frente.

— Vejo todas as pequenas rachaduras que nem sequer é capaz de perceber. Se um mestre espadachim fracassar, não só se decepciona a si mesmo, mas também põe seus camaradas em perigo, causa opróbrio para sua Casa e se desonra a si mesmo.

Duncan sentiu outra espetada no pescoço, ouviu um grunhido de satisfação.

— Melhor.

A voz de Dinari desapareceu quando foi inspecionar os outros.

Enquanto a incessante chuva caía sobre ele, Duncan manteve o *funestus*. O mundo emudeceu ao seu redor, como o silêncio que precede à tormenta. O tempo deixou de ter significado para ele.

— *Arrr... Uh!*

Com a chamada de Dinari, a consciência de Duncan começou a flutuar, como se estivesse em um navio sulcando um rio rebelde e o mestre o levasse a reboque. Mergulhou e continuou em frente, avançando na corrente para um destino que se encontrava além de sua mente. Estivera naquele rio mental muitas vezes... a travessia, quando passava para a segunda fase da seqüência de meditação. Desprendeuse de tudo o que era velho para poder recomeçar, como uma criança. A água era limpa, transparente e morna ao seu redor, um útero.

Duncan acelerou, e o navio que era sua alma balançou. A escuridão diminuiu e viu um brilho sobre ele, que ia aumentando de intensidade. A luz cintilante se transformou em um brilho aquoso, e se viu como um ponto diminuto que nadava para cima.

— *Arrr... Uh!*

Ao segundo grito de Dinari, Duncan surgiu da água metafórica e retornou à chuva tropical e ao ar suave. Ofegou em busca de fôlego, e tossiu junto com os outros estudantes, para descobrir que estava completamente seco, a roupa, a pele, o cabelo. Antes que pudesse expressar seu assombro, a chuva começou a ensopar suas roupas de novo.

O obeso mestre espadachim contemplava com as mãos enlaçadas os céus cinzentos, deixava que as gotas de chuva caíssem sobre seu rosto como água batismal. Depois, inclinou a cabeça e olhou para os estudantes de um em um, deixando que o prazer transparecesse em seu rosto. Seus estudantes tinham alcançado o *novellus*, a fase final do renascimento orgânico necessário antes de poder iniciar um novo ensino complexo.

— Para dominar um sistema de combate, devem deixar que os dominem. Devem se entregar a ele completamente. — As pontas

soltas e molhadas do lenço vermelho do professor Dinari, atados atrás da sua cabeça, pendiam sobre seu pescoço —. Suas mentes são como argila macia em que se gravam impressões.

— Agora aprenderemos, professor — entoou a classe.

— *Bushido* — disse o professor solenemente —. Onde começa a honra? Os antigos mestres samurais penduravam espelhos em cada um de seus templos Shinto, e pediam a seus partidários que se olhassem neles para ver seus corações, os diversos reflexos de seu Deus. É no coração onde a honra germina e floresce.

Dirigiu um olhar significativo para Trin Kronos e outros estudantes de Grumman, e prosseguiu.

— Recordem-se disto sempre: a desonra é como um corte no tronco de uma árvore. Em vez de desaparecer com a idade, torna-se maior.

Obrigou a classe a repetir três vezes a máxima antes de continuar.

— O código de honra era mais valiosa para um samurai que qualquer tesouro. Nunca se duvidava da palavra de um samurai, seu *bushi no ichi-gon*, como nunca há dúvida sobre a palavra de um mestre espadachim de Ginaz.

Dinari sorriu por fim, expressando seu orgulho.

— Jovens samurais, primeiro aprenderão movimentos básicos com as mãos nuas. Quando tiverem aperfeiçoado estas técnicas, utilizarão armas em suas rotinas. — Dirigiu-lhes um olhar aterrador com seus olhos negros —. A arma é a extensão da mão.

Uma semana depois, os estudantes esgotados se retiraram para suas camas de armar, dentro das tendas plantadas na escarpada borda norte. A chuva tamborilava sobre seus refúgios, e ventos alísios sopravam desde a primeira hora da noite. Esgotados pelo treinamento rigoroso, Duncan se preparou para dormir. Os acessórios da loja matraqueavam, os ilhós metálicos tilintavam contra os nós de corda com um ritmo constante que os embalava. Às vezes, pensava que nunca voltaria a estar completamente seco.

Uma voz ensurdecadora o sobressaltou.

— Todo mundo para fora!

Reconheceu o timbre de voz do mestre Dinari, mas seu tom transmitia algo novo, algo detestável. Outro exercício surpresa?

Os estudantes saíram para a chuva, alguns vestidos com calções, outros nus. Sem vacilar, alinharam-se na formação habitual. A estas alturas, nem sequer sentiam a chuva. Globos luminosos oscilavam ao vento, no extremo dos cabos suspensores.

Ainda vestido com as calças cáqui, um agitado mestre Dinari passeava diante de sua classe como um animal à espreita. Seus passos eram fortes e irados. Pouco se importava em chapinhar em poças de barro. Atrás dele, o motor de um ornitóptero que acabava de aterrissar zumbia, enquanto suas asas articuladas açoitavam o ar.

Um foco estroboscópico vermelho situado sobre o aparelho iluminou a figura esbelta e calva de Karsty Toper, que tinha recebido Duncan em Ginaz. Vestia seu habitual traje negro de artes marciais, agora ensopado, e segurava uma placa diplomática reluzente impermeável à umidade. Sua expressão era dura e preocupada, como se mal pudesse conter sua ira ou indignação.

— Há quatro anos, um embaixador de Grumman assassinou um embaixador ecazi depois de ser acusado de sabotar árvores de madeira de névoa ecazi, e depois tropas grumman realizaram um bombardeio criminoso sobre Ecaz. Estas agressões ruins e ilegais violavam a Grande Convenção, e o imperador estacionou uma legião de Sardaukar em Grumman para impedir mais atrocidades.

Toper fez uma pausa para que os estudantes assimilassem as implicações.

— Terá que seguir as formalidades! — disse Dinari, que parecia muito ofendido.

Karsty Toper avançou e ergueu seu documento de cristal como se fosse um pau. A chuva escorria sobre seu couro cabeludo e por suas têmporas.

— Antes de retirar seus Sardaukar de Grumman, o imperador recebeu promessas de ambos os lados de que todas as agressões mútuas cessariam.

Duncan olhou para os outros estudantes em busca de uma resposta. Ninguém parecia saber do que a mulher estava falando ou por que o mestre espadachim parecia tão enfurecido.

— Agora, a Casa Moritani atacou de novo. O visconde não cumpriu o pacto — disse Toper —, e Grumman...

— Eles não cumpriram sua palavra! — interrompeu o professor Dinari.

— E agentes de Grumman seqüestraram o irmão e a filha mais velha do arquiduque Armand Ecaz e os executaram publicamente.

Os estudantes mumuraram sua desaprovação. Não obstante, Duncan adivinhou que não se tratava de uma simples lição de política. Teve medo do que aconteceria.

À direita de Duncan, Hiih Resser se remexeu nervoso. Usava calças curtas, sem camisa. Duas filas atrás, Trin Kronos parecia satisfeito com o que sua Casa havia feito.

— Sete membros desta classe são de Grumman. Três são de Ecaz. Embora estas Casas sejam inimigas juradas, os estudantes não permitiram que esta inimizade influísse no funcionamento de nossa escola. Devo reconhecer.

Toper guardou no bolso a placa diplomática.

O vento açoitava as pontas do lenço que Dinari usava ao redor da cabeça, mas ele parecia tão forte como um carvalho.

— Embora não tenhamos intervindo nesta disputa, e mantivéssemos completamente afastados da política imperial, a Escola de Ginaz não pode tolerar tal desonra. Até me envergonha cuspir o nome dessa Casa. Todos os alunos de Grumman dêem um passo à frente. Adiante e para o centro!

Os sete estudantes obedeceram. Dois (incluído Trin Kronos) estavam nus, mas ficaram firmes com seus companheiros como se

estivessem vestidos. Resser parecia alarmado e envergonhado. Kronos ergueu o queixo em sinal de indignação.

— Têm que tomar uma decisão — disse Tooper —. Sua Casa violou a lei imperial e se desonrou. Depois de quatro anos em Ginaz, sem dúvida compreenderão a imensa gravidade desta ofensa. Ninguém jamais foi expulso desta escola por motivos políticos. Por conseguinte, podem denunciar a insensata política do visconde Moritani agora mesmo, ou serem expulsos para sempre da academia. — Indicou o ornitóptero que aguardava.

Trin Kronos franziu o sobrecenho.

— Assim, depois de tanta palavrório sobre a honra, pedem que renunciemos à lealdade a nossa Casa, a nossas famílias? De qualquer jeito? — Transpassou com o olhar o obeso professor —. Não pode haver honra sem lealdade. Minha eterna lealdade é para Grumman e a Casa Moritani.

— A lealdade a uma causa injusta é uma perversão da honra.

— Causa injusta? — Kronos avermelhou de indignação —. Não me corresponde discutir as decisões de meu senhor... nem a você tampouco.

Resser tinha a vista cravada à frente.

— Eu escolho ser mestre espadachim, senhor. Eu fico.

O ruivo voltou para o lado de Duncan, enquanto outros grumman olhavam para ele como se fosse um traidor.

Animados pelo exemplo de Kronos, os outros seis se negaram a claudicar.

— Correm um grave perigo ao insultar Grumman — grunhiu Kronos —. O visconde nunca esquecerá sua intromissão.

Suas bravatas não pareceram impressionar o professor Dinari nem Karsty Tooper.

Os grumman se mostravam orgulhosos e arrogantes, embora era evidente que se sentissem incomodados por encontrarem-se em tal situação. Duncan simpatizava com eles, pois compreendia que

eles também tinham feito uma escolha honrosa, uma forma diferente de honra, porque tinham se negado a abominar sua Casa, mesmo face às acusações. Se fosse obrigado a escolher entre a Escola de Ginaz e a lealdade à Casa Atreides, teria escolhido o duque Leto sem vacilar...

Os estudantes de Grumman, a quem só se concedeu alguns minutos para se vestirem e recolher suas posses, subiram a bordo do tóptero. As asas se estenderam, e depois bateram com fúria enquanto o aparelho sobrevoava as águas escuras até que seu foco vermelho desapareceu como uma estrela agonizante.

# 47

*O universo é um lugar inacessível, ininteligível, completamente absurdo... com o que a vida, em especial a vida racional, é inimiga. Não há lugar seguro, nem princípio básico, do que o universo dependa. Só há relações transitivas e encobertas, confinadas em suas dimensões limitadas, e condenadas à mudança inevitável.*

*Meditações desde o Bifrost Eyrie  
texto budislâmico.*

A matança de baleias peludas em Tula Fjord foi só o primeiro na cadeia dos desastres que se abateram sobre Abulurd Harkonnen.

Em um dia ensolarado, quando o gelo e a neve tinham começado a fundir-se depois de um longo e duro inverno, uma terrível avalanche sepultou Bifrost Eyrie, o maior dos retiros de montanha construídos pelos isolados monges budislâmicos. Também o lar ancestral da Casa Rabban.

A neve caiu como um martelo branco e varreu tudo que encontrou em seu caminho . Esmagou edifícios, sepultou milhares de devotos religiosos. O pai de Emmi, Onir Rautha-Rabban, enviou um pedido de auxílio ao pavilhão principal de Abulurd.

Com um nó no estômago, Abulurd e Emmi subiram em um ornitóptero, à frente de transportes maiores cheios de voluntários locais. Abulurd pilotava com uma mão, e segurava com a outra a de sua esposa. Durante um longo momento, estudou o firme perfil do rosto largo da sua mulher, e seu longo cabelo negro. Mesmo que ela não fosse formosa em nenhum sentido clássico, nunca se cansava de olhar para ela, ou de estar com ela.

Voaram ao longo da linha da costa, e depois se internaram nas escarpadas cordilheiras. Muitos retiros isolados careciam de estradas que conduzissem aos penhascos onde estavam assentados. Todos os materiais puros eram extraídos das montanhas. Todos os fornecimentos e pessoas chegavam via tóptero.

Quatro gerações atrás, uma fraca Casa Rabban tinha cedido os direitos industriais e econômicos do planeta aos Harkonnen, com a condição de que os deixassem viver em paz. As ordens religiosas construíram mosteiros e concentraram suas energias em escrituras e sutras, na tentativa de compreender os matizes mais sutis da teologia. Para a Casa Harkonnen nada poderia lhe importar menos.

Bifrost Eyrie fora uma das primeiras cidades, como um sonho do Shangri-La nas cordilheiras. Edifícios de pedra esculpida estavam situados sobre penhascos tão altos que se elevavam sobre as nuvens perpétuas de Lankiveil. Vistos dos balcões de meditação, os picos flutuavam como ilhas em amontoados brancos. As torres e minaretes estavam cobertas de ouro, extraído com grandes sacrifícios de minas longínquas. Cada parede estava gravada com frisos ou talhas que mostravam antigas sagas e metáforas de opções morais.

Abulurd e Emmi iam a Bifrost Eyrie muitas vezes, para visitar o pai da mulher ou retirar-se quando necessitavam de paz interior. Depois de retornar a Lankiveil depois de sete anos no poeirento Arrakis, sua mulher e ele tinham necessitado de um mês em Bifrost Eyrie para limpar suas mentes.

E agora, uma avalanche quase tinha destruído o grande monumento. Abulurd não sabia se suportaria ver o espetáculo.

Estavam sentados muito tensos enquanto o ornitóptero voava. Pilotava o aparelho pelas correntes de ar traiçoeiras. Como havia poucos acidentes geográficos característicos e nenhuma estrada, confiava nas coordenadas do sistema de navegação do tóptero. O aparelho sobrevoou uma cordilheira e desceu para uma concha

ocupada por uma geleira, e depois subiu por um penhasco negro em direção ao lugar onde deveria estar a cidade. O sol era cegante.

Emmi estava com seus olhos de cor jaspe cravados à frente, contava os picos para orientar-se, até que por fim estendeu o dedo para apontar, sem soltar a mão do seu marido. Abulurd reconheceu várias agulhas douradas, as pedras de um branco leitoso de que eram construídos os magníficos edifícios. Um terço de Bifrost Eyrie tinha sido apagada do mapa, como se uma vassoura gigante de neve o tivesse varrido, arrasando todos os obstáculos, fossem penhascos, edifícios ou monges.

O tóptero aterrissou no local onde deveria estar a praça da cidade, limpa agora para acolher os grupos de resgate e salvamento. Os monges e visitantes sobreviventes tinham ido para o campo nevado. Os monges utilizavam ferramentas improvisadas e até mesmo as mãos nuas para resgatar os sobreviventes, mas sobretudo para desenterrar cadáveres congelados.

Abulurd desceu do tóptero e ajudou sua mulher a sair. Tinha medo que suas pernas tremessem tanto como as dela. Embora rajadas geladas lançassem cristais de gelo em seus rostos, as lágrimas que os olhos claros de Abulurd derramavam não eram de frio.

Ao vê-los chegar, o robusto burgomestre Onir Rautha-Rabban se adiantou para recebê-los. Sua boca se abria e fechava sobre um queixo barbudo, mas não podia falar. Por fim, rodeou sua filha com seus grossos braços, e a reteve durante um longo momento. Abulurd também abraçou seu sogro.

Bifrost Eyrie tinha sido famosa por sua arquitetura, pelas janelas de cristais prismáticos que refletiam arco-íris na montanha. As pessoas que habitavam a cidade eram artesãos que criavam objetos preciosos, quae vendiam a clientes ricos de outros planetas. Os mais famosos eram os insubstituíveis livros de caligrafia delicada, assim como adornados manuscritos da enorme Bíblia Católica Laranja. Só as Grandes Casas mais ricas do *Landsraad*

podiam permitir o luxo de uma Bíblia escrita à mão e decorada pelos monges de Lankiveil.

De particular interesse tinham sido as esculturas de cristal *cantarin*, lindas formações de quartzo extraídas de grutas, dispostas com supremo cuidado e sintonizadas com o comprimento de onda apropriada, de modo que a ressonância de um cristal, ao receber um leve golpe, produzia uma vibração no seguinte, e no seguinte, como uma onda de harmonia, uma música que não se parecia com nenhuma outra do Império.

— Mais equipes de trabalho e transporte vêm para cá — disse Abulurd para Onir Rautha-Rabban —. Trazem equipamento e suprimentos de emergência.

— Só o que vemos ao redor é dor e tragédia — disse Emmi —. Sei que é muito para que pense com lucidez, pai, mas se pudermos fazer algo...

O homem da barba grisalha assentiu.

— Sim, há algo que podem fazer, minha filha. — Onir olhou para os olhos Abulurd —. No mês que vem temos que pagar nosso dízimo à Casa Harkonnen. vendemos cristais suficientes, tapeçarias e livros, e já tínhamos juntado a quantidade requerida de Solaris. Mas agora... — Apontou com um gesto para as ruínas que a avalanche tinha deixado —. Tudo está sepultado aí debaixo, e necessitaremos do dinheiro que temos para ajudar...

No acordo original entre a Casa Rabban e a Casa Harkonnen, todas as cidades religiosas de Lankiveil tinham concordado em pagar uma quantia a cada ano. Como resultado, estavam livres de outras obrigações e os deixavam em paz. Abulurd levantou uma mão.

— Não deve se preocupar com isso.

Graças a história de crueldades de sua família, Abulurd sempre tinha procurado viver bem, tratar os outros com o respeito que mereciam. Mas desde a caçada de baleias que seu filho tinha arruinado a zona de acasalamento de Tula Fjord, tinha a impressão

de que estava caindo em um buraco profundo e escuro. Só o amor que compartilhava com Emmi o sustentava, proporcionava-lhe energia e otimismo.

— Leve todo o tempo que necessitar. O importante agora é encontrar aos sobreviventes, e ajudá-los a reconstruir.

Onir Rautha-Rabban parecia muito abatido para chorar. Olhava para as pessoas que trabalhavam na ladeira da montanha. O sol brilhava no céu, de um azul transparente. A avalanche tinha pintado seu mundo de um branco antigo, dissimulando o alcance da desgraça que havia trazido.

Em *Giedi Prime*, na estadia privada onde ia freqüentemente para refletir com seu sobrinho e seu *Mentat*, o barão Harkonnen reagiu ante a notícia com a adequada indignação. Saltava em seu mecanismo antigravitacional, enquanto outros se sentavam em poltronas.

Uma nova bengala, quase decorativa, descansava contra a cadeira, para o caso de precisar agarrá-la e golpear alguém. A bengala tinha como cabeça um grifo Harkonnen, em vez da cabeça de verme de areia que tinha jogado pelo balcão.

Colunas decorativas se erguiam em cada esquina da habitação, de um estilo arquitetônico variado. Uma fonte seca enfeitava um canto. Não havia janelas (poucas vezes o barão se incomodava em admirar a vista), e sentia as lajes frias contra seus pés nus, que tocavam o chão suavemente, graças aos suspensores. Em um canto da habitação havia um poste com a bandeira da Casa Harkonnen apoiada contra a parede, que ninguém nunca se incomodou em endireitar.

O barão olhou para Glossu Rabban.

— Seu pai está exibindo outra vez seu coração mole e sua cabeça fraca.

Rabban deu um salto, temeroso de que o enviassem para colocar Abulurd na linha. Vestia uma jaqueta de pele marrom

acolchoada, sem mangas, que deixava descoberto seus braços musculosos. Tinha o cabelo avermelhado esmagado devido ao capacete que usava com frequência.

— Eu gostaria que parasse de me lembrar que ele é meu pai — disse, com a intenção de apelar a cólera do barão.

— Durante quatro gerações, os ganhos recebidos pelos mosteiros de Lankiveil nunca deixaram que vir. Esse foi nosso acordo com a Casa Rabban. Sempre pagam. Conhecem as condições. E agora, por causa de uma pequena — o barão bufou — avalanche, vão evitar seu dízimo? Como Abulurd pode desculpar seus súditos de suas obrigações? É o governador planetário, e tem responsabilidades.

— Podemos obrigar as outras cidades a pagar mais — sugeriu Piter De Vries. Retorceu-se, quanto mais possibilidades iam a sua mente. levantou-se da poltrona e atravessou a estadia em direção ao barão. A túnica solta se enrolou ao seu redor, enquanto deslizava com a graça e o silêncio de um fantasma vingativo.

— Não concordo em abrir um precedente assim — disse o barão —. Prefiro que nossas finanças sejam perfeitas, e Lankiveil conseguiu manter o acordo até agora.

Serviu-se de uma taça de conhaque *kirano* de uma mesinha auxiliar. Sorveu-o, com a esperança de que o licor de sabor defumado acalmaria a dor em suas articulações. Desde que começara a utilizar o mecanismo preso à cintura, o barão tinha aumentado ainda mais de peso ao ter reduzido a atividade. Sentia o corpo como um peso pendurado em seus ossos.

A pele do barão cheirava a eucalipto, devido aos óleos que acrescentava a seu banho diário. Os massagistas tinham aplicado unguentos a sua pele, mas seu corpo deteriorado ainda se sentia debilitado.

— Se formos permissivos com uma cidade, daremos lugar a uma epidemia de desastres e desculpas.

Fez uma careta, e seus olhos negros se desviaram para Rabban.

— Compreendo que esteja aborrecido, tio. Meu pai é um imbecil.

De Vries levantou um dedo longo e ossudo.

— Deixem-me propor algo, meu barão. Lankiveil é lucrativa graças ao negócio das peles de baleia. Quase todos nossos lucros procedem dessa indústria. As poucas bagatelas e lembranças dos monastérios obtêm abundantes lucros, sim... mas em conjunto, os ganhos são insignificantes. Por uma questão de princípios, exigimos que paguem, mas não necessitamos deles.

O *Mentat* fez uma pausa.

— Qual é sua proposta?

O homem arqueou suas sobrancelhas.

— A proposta, meu barão, é que nesta situação particular, podemos nos permitir dar exemplo.

Rabban soltou uma gargalhada ensurdecadora, similar a de seu tio. Ainda estava ressentido com seu exílio em Lankiveil.

— A Casa Harkonnen controla o dízimo de Rabban-Lankiveil — disse o barão —. Tendo em conta as flutuações do mercado da especiaria, temos que assegurar nosso absoluto controle sobre todas as atividades que nos proporcionam dinheiro. Talvez não fiscalizamos devidamente as atividades do meu meio-irmão. Possivelmente pensa que pode ser tão misericordioso como quiser, e que nós não nos importaremos. É preciso pôr ponto final a este tipo de pensamento.

— O que vai fazer, tio?

Rabban se inclinou e seus olhos de se entreabriram.

— Você vai fazer. Necessito de alguém familiarizado com Lankiveil, alguém que compreenda as exigências do poder.

Rabban engoliu em seco, impaciente, pois sabia o que o esperava.

— Voltará para lá — ordenou o barão —. Mas desta vez não como alguém caído em desgraça. Desta vez tem um trabalho que fazer.

# 48

*A Bene Gesserit não diz mentiras improvisadas. A verdade nos serve melhor.*

*Coda Bene Gesserit*

Numa manhã nublada, o duque Leto estava sentado sozinho no pátio do castelo de Caladan, contemplando um café da manhã intocado de peixe defumado e ovos. Uma bandeja que continha documentos de papel impregnados em metal descansava junto a sua mão direita. Parecia que Kailea se descuidava cada vez mais com os assuntos de negócios cotidianos. Tanto a fazer, e nada interessante.

Do outro lado da mesa estavam os restos do café da manhã de Thufir Hawat. O *Mentat* tinha comido rapidamente e saído para cuidar dos detalhes de segurança necessários para os assuntos de estado do dia. Os pensamentos de Leto continuavam desviando-se para o Cruzeiro que tinha entrado em órbita, e para a lançadeira que logo desceria à superfície.

O que as Bene Gesserit querem de mim? Por que enviam uma delegação a Caladan? Não tinha tido nada a ver com a Irmandade desde que Rhombur tomara Tessia como concubina. Sua representante queria falar com ele sobre um "assunto de extrema importância", mas tinha se negado a revelar nada mais.

Sentia um nó no estômago, e não dormira bem na noite anterior. A loucura do conflito entre os Moritani e os Ecaz pesava de forma constante sobre sua mente. Embora tivesse ganho prestígio no seio do *Landsraad* por seus esforços diplomáticos, sentia-se enojado pelo recente seqüestro e execução dos membros da família do arquiduque. Leto conhecera Sanyá, a filha de Armand Ecaz, a

achara atraente, e até tinha pensado nela como uma boa candidata ao matrimônio. Mas os valentões de Grumman tinham assassinado Sanyá e seu tio.

Sabia que o conflito não se resolveria sem mais derramamento de sangue.

Leto viu que uma mariposa de brilhantes cores laranja e amarelo revoava sobre um vaso com flores colocado no centro da mesa. Por um instante, o belo inseto lhe fez esquecer seus problemas, mas as perguntas não deixavam de vir a sua mente.

Anos antes, na época do Julgamento por Confisco, a Bene Gesserit o ajudara, embora soubesse muito bem que não devia esperar uma generosidade incondicional. Thufir Hawat fizera uma advertência a Leto que este conhecia muito bem: "As Bene Gesserit não são as garotas de recado de ninguém. Fizeram esta oferta porque quiseram, porque de alguma forma as beneficiava."

Hawat estava certo, é claro. A Irmandade era perita em conseguir informação, poder e posição. Uma Bene Gesserit de Fila Oculta estava casada com o imperador. Shaddam IV tinha uma anciã Reveladora da Verdade a seu lado a todo momento. Outra irmã se casou com o ministro da especiaria de Shaddam, o conde Hasimir Fenring.

Por que estiveram sempre tão interessadas em mim?, perguntou-se Leto.

A mariposa pousou sobre a bandeja junto a sua mão e exibiu os belos desenhos de suas asas.

Até com capacidades *Mentat* avançadas, Hawat era incapaz de proporcionar projeções úteis em relação aos motivos da Irmandade. Talvez Leto devesse perguntar a Tessia. Geralmente, a concubina de Rhombur dava respostas diretas. Mas embora Tessia fosse agora um membro da Casa Atreides, a jovem continuava leal à Irmandade. E nenhuma organização guardava melhor seus segredos que a Bene Gesserit.

Com um brilho de cor, a mariposa dançou no ar a frente de seus olhos. Leto estendeu uma mão com a palma para cima, e para sua surpresa, o inseto pousou sobre ela, tão leve que mal sentiu.

— Tem as respostas que estou procurando? É isso que tenta me dizer?

A mariposa depositara toda sua fé nele, convencida de que Leto não lhe faria mal. O mesmo acontecia com a sagrada confiança que o bom povo do Caladan depositava nele. A mariposa saiu voando e aterrissou no chão, à sombra da mesa do café da manhã.

De repente apareceu um criado no pátio.

— Meu senhor, a delegação chegou antes do previsto. Já está no espaçoporto!

Leto se pôs em pé brutalmente e derrubou a bandeja. Caiu sobre as lajes do chão. O criado se apressou a recolhê-la, mas Leto o afastou para um lado quando viu que a mariposa fora esmagada debaixo dela. Seu descuido tinha matado o delicado inseto. Perturbado, ajoelhou-se junto à mariposa por vários segundos.

— Está tudo bem, meu senhor? — perguntou o criado.

Leto se levantou, recolheu a bandeja e compôs uma expressão estóica.

— Informe à delegação que a receberei em meu escritório, em vez de no espaçoporto.

Enquanto o servo saía a toda pressa, Leto recolheu a mariposa morta e a deixou entre duas. Apesar do corpo do inseto estar esmagado, as asas delicadas continuavam intactas. Guardaria-a em um estojo de plaz transparente, para recordar sempre a facilidade com que um momento de descuido podia destruir a beleza...

Com seu uniforme negro, capa verde e distintivo ducal, Leto se levantou de sua mesa de madeira Elacca. Fez uma reverência quando cinco irmãs com hábito negro entraram, conduzidas por uma mulher de cabelo grisalho, bochechas fundas e olhos

brilhantes. Seu olhar se desviou para uma jovem beleza de cabelo brônzeo que estava a seu lado, mas depois se concentrou na líder.

— Sou a reverenda madre Gaius Helen Mohiam. — Seu rosto não manifestava hostilidade, mas tampouco lhe ofereceu um sorriso —. Obrigado por nos permitir falar com você, duque Leto.

— Por regra geral, não concedo audiência quando me avisam com tão pouca antecipação — disse Leto com um frio assentimento. Hawat lhe aconselhara a tentar desconcertar a mulher, se fosse possível —. Entretanto, como a Irmandade não solicita com freqüência minha indulgência, posso abrir uma exceção. — Um criado fechou as portas do estúdio privado quando Leto apontou para seu guerreiro *Mentat* —. Reverenda madre, apresento-lhe Thufir Hawat, meu chefe de segurança.

— Ah, o famoso mestre de Assassinos — disse a mulher e sustentou seu olhar.

— Trata-se apenas de um título informal.

Hawat fez uma reverência, muito desconfiado. A tensão podia ser apalpada no ar, e Leto não sabia como aplacá-la.

Quando as mulheres se sentaram em poltronas amaciadas, Leto se descobriu fascinado pela jovem de cabelo vermelho, que continuava de pé. Tinha talvez uns dezessete anos, seus inteligentes olhos verdes olhavam para ele de um rosto ovalado com um nariz algo arrebitado e boca generosa. Seu porte era majestoso. Tinha-a visto antes? Não estava seguro.

Quando Mohiam desviou a vista para a jovem, que estava imóvel e rígida, trocaram um olhar duro, como se existisse tensão entre ambas.

— Esta é a irmã Jessica, uma acolita de muito talento, treinada em muitas disciplinas. Nós gostaríamos de oferecê-la a seu lar, com nossas saudações.

— Oferecê-la? — disse Hawat com brutalidade —. Como criada, ou espiã?

A moça deu-lhe um olhar irado, mas dissimulou sua indignação.

— Como consorte, ou como concubina. Isto o duque tem que decidir. — Mohiam ignorou o tom acusador do *Mentat* —. As irmãs Bene Gesserit demonstraram seu valor como conselheiras em muitas Casas, incluída a Casa Corrino. — Mantinha concentrada sua atenção em Leto, embora estava alerta a todos os movimentos de Hawat —. Uma irmã pode observar, e conclusões... mas isso não a transforma em uma espiã. Muitos nobres consideram que nossas mulheres são excelentes companheiras, belas, treinadas nas artes...

Leto a interrompeu.

— Já tenho uma concubina, a mãe de meu filho. — Olhou para Hawat e compreendeu que o *Mentat* estava analisando o novo dado.

Mohiam lhe dedicou um sorriso significativo.

— Um homem importante como você pode ter mais de uma mulher, duque Atreides. Ainda não escolheu uma esposa.

— Ao contrário do imperador, eu não mantenho um harém.

As outras irmãs pareciam impacientes, e a reverenda madre exalou um longo suspiro.

— O significado tradicional da palavra "harém", duque Atreides, inclui todas as mulheres pelas quais um homem é responsável, incluídas suas irmãs e mãe, tanto como suas concubinas e esposas. Carece de conotações sexuais.

— Jogos de palavras — grunhiu Leto.

— Desejam praticar jogos de palavras, duque Leto, ou fechar um acordo? — A reverenda madre olhou para Hawat, como se não estivesse segura do que podia dizer diante do *Mentat* —. Um assunto que implica à Casa Atreides chegou a nosso conhecimento. Refere-se a certa conspiração perpetrada contra você há alguns anos.

Com uma sacudida apenas perceptível, Hawat concentrou sua atenção. Leto se inclinou para frente.

— Que conspiração, reverenda madre?

— Antes de lhe revelar esta informação vital, temos que chegar a um acordo. — Suas palavras não surpreenderam Leto —. Pedimos tanto em troca? — Devido à urgência da situação, Mohiam pensou que talvez fosse necessário utilizar a *Voz*, mas o *Mentat* perceberia. Jessica continuava de pé a um lado, em exibição permanente.

— Qualquer outro nobre estaria contente de ter esta menina adorável como parte de seu séquito... em qualquer qualidade.

A cabeça de Leto girava. Está claro que querem ter alguém aqui, em Caladan. Com que propósito? Só para exercer influência? Por que se dão a esse trabalho? Tessia já está aqui, se tanto necessitavam de uma espiã. A Casa Atreides é respeitada e influente, mas não exerce um poder específico no *Landsraad*.

Por que chamei sua atenção?

E por que insistem tanto nesta garota?

Leto rodeou a mesa e apontou para Jessica.

— Venha aqui.

A jovem cruzou o pequeno escritório. Era uma cabeça mais baixa que o duque, de pele imaculada e radiante. Dirigiu-lhe um olhar longo e impertinente.

— Ouvi dizer que todas as Bene Gesserit são bruxas — disse Leto, enquanto passava um dedo pelo vermelho sedoso de seu cabelo.

A jovem sustentou seu olhar e respondeu com voz suave.

— Mas temos corações e corpos.

Seus lábios eram sensuais, tentadores.

— Ah, mas para que foram treinados seu coração e corpo?

Jessica se esquivou da pergunta com tom tranqüilo.

— Foram treinados para serem leais, para oferecer o consolo do amor... para ter filhos.

Leto olhou para Thufir Hawat. O guerreiro, que já não estava em estado de transe *Mentat*, assentiu, para indicar que não se

opunha ao trato. Entretanto, em suas conversas privadas, tinham planejado uma política agressiva com a delegação, para ver como as Bene Gesserit reagiam quando submetidas a pressão, para desorientá-las enquanto o *Mentat* observava. Parecia que aquela era a oportunidade de que tinham falado.

— Não acredito que a Bene Gesserit dê algo em troca de nada — replicou Leto, furioso de repente.

— Mas meu senhor...

Jessica não pôde terminar a frase, porque o duque desembainhou a faca que levava no cinto e apoiou a folha contra sua garganta, ao mesmo tempo em que apertava à moça contra si para imobilizá-la.

Suas companheiras Bene Gesserit não se moveram. Olharam para Leto com irritante serenidade, como se pensassem que Jessica podia matá-lo se assim decidisse. Mohiam observava a cena com olhos impenetráveis.

Jessica jogou a cabeça atrás, para deixar exposta ainda mais sua garganta. Era o costume dos lobos D, conforme lhe tinham ensinado na Escola Materna: mostre sua garganta em sinal de total submissão, e o agressor capitulará.

A ponta da faca de Leto se afundou um pouco mais em sua pele, mas não o suficiente para derramar sangue.

— Não confio em sua oferta.

Jessica recordou a ordem que Mohiam tinha sussurrado em seu ouvido antes de que a lançadeira pousasse no espaçoporto municipal de Baía. "A cadeia não deve se quebrar — havia dito sua mentora —. Tem que nos dar a filha que necessitamos."

Jessica ignorava seu papel no programa de reprodução da Irmandade, e tampouco devia perguntar. Muitas jovens eram atribuídas como concubinas às Grandes Casas, e carecia de razões para acreditar que era diferente das demais. Respeitava suas superiores e se esforçava por demonstrá-lo, mas às vezes, os métodos rigorosos de Mohiam a irritavam. Tinham tido uma

discussão a caminho de Caladan, e as sequelas ainda a incomodavam.

— Poderia matá-la agora — lhe sussurrou Leto ao ouvido.

Mas não podia ocultar, nem a ela nem para as outras irmãs, que sua ira era fingida. Anos atrás, tinha estudado este homem de cabelo escuro, oculta nas sombras de um balcão de Wallach IX.

A jovem apertou o pescoço contra a folha.

— Vocês não matam por matar, Leto Atreides. — O duque retirou o fio, mas seguiu continuou prendendo-a pela cintura —. Não têm nada que temer de mim.

— Fechamos o trato, duque Leto? — perguntou Mohiam, indiferente a seu comportamento —. Asseguro-lhe que nossa informação é muito... reveladora.

Leto não gostava que o encurralassem, mas se afastou de Jessica.

— Você disse que perpetraram uma conspiração contra mim?

Um sorriso apareceu nos cantos enrugados da boca da reverenda madre.

— Antes, você têm que concordar com o trato. Jessica fica aqui e será tratada com o devido respeito.

Leto e seu guerreiro *Mentat* trocaram um olhar.

— Pode viver no castelo de Caladan — disse o duque por fim —, mas não concordo a levá-la para minha cama.

Mohiam deu de ombros.

— Utilize-a como desejar. Jessica é um recurso útil e valioso, mas não desperdice seus talentos.

A biologia seguirá seu curso.

— Reverenda madre, qual é essa informação vital? — perguntou Hawat.

Mohiam pigarreou.

— Falo de um incidente ocorrido há alguns anos, devido ao qual foi falsamente acusado de atacar duas naves tleilaxu. Descobrimos que os Harkonnen estavam implicados.

Tanto Leto como Hawat ficaram tensos. O cenho do *Mentat* se franziu, enquanto se concentrava para armazenar mais dados.

— Têm provas disto? — perguntou Leto.

— Utilizaram uma nave de guerra invisível para disparar contra as naves tleilaxu, para implicá-lo, e assim desencadear uma guerra entre os tleilaxu e os Atreides. Temos os restos dessa nave.

— Uma nave invisível? Nunca ouvi nada semelhante.

— Mas existe. Temos o protótipo, o único de sua espécie. Por sorte, os Harkonnen sofreram problemas técnicos, o que contribuiu para sua... queda... perto de nossa Escola Materna. Também descobrimos que os Harkonnen são incapazes de fabricar outra nave igual.

O *Mentat* a estudou.

— Vocês analisaram a tecnologia?

— A natureza do que descobrimos não pode ser revelada. Uma arma tão temível poderia causar estragos no Império.

Leto soltou uma breve gargalhada, satisfeito por ter obtido por fim uma resposta para a pergunta que o atormentava há quinze anos.

— Thufir, entregaremos esta informação ao *Landsraad*, e limparemos meu nome de uma vez por todas. Reverenda madre, nos proporcione todas as provas e documentação...

Mohiam negou com a cabeça.

— Isso não faz parte de nosso trato. A tempestade passou, duque Leto. Seu Julgamento por Confisco terminou, e foi exonerado da culpa.

— Mas isso não de tudo. Algumas Grandes Casas ainda suspeitam que estive envolvido. Poderiam apresentar provas concludentes de minha inocência.

— Isso significa tanto para você, duque Leto? — Mohiam arqueou as sobrancelhas —. Possivelmente poderiam encontrar uma maneira mais eficaz de solucionar esse problema. A Irmandade não apoiará tal empenho só para gratificar seu orgulho ou salvar sua consciência.

Leto se sentiu indefeso e muito jovem ante ao intenso olhar de Mohiam.

— Como podem me dar semelhante informação e esperar que não a aproveite? Se não ten provas do que dizem, sua informação não serve de nada.

Mohiam franziu o sobrecenho e seus olhos escuros cintilaram.

— Por favor, duque Leto. Será que a Casa Atreides só está interessada em adornos e documentos? Pensei que valorizariam a verdade por ela mesma. Dei-lhe a verdade.

— Isso é o que você diz — Hawat respondeu com frieza.

— O líder sábio compreende a paciência. — Pronta para partir, Mohiam apontou para suas companheiras —. Um dia descobrirão a melhor forma de utilizar esta informação. Mas não desanime. Apenas compreender que o que ocorreu naquele Cruzeiro deveria ser muito valioso para você, duque Leto Atreides.

Hawat esteve a ponto de protestar, mas Leto levantou uma mão.

— Ela tem razão, Thufir. Essas respostas são muito valiosas para mim. — Olhou para a garota de cabelo avermelhado —. Jessica pode ficar aqui.

## 49

*O homem que se rende ao vício da adrenalina se revolta contra toda a humanidade. Revolta-se contra si mesmo. Foge dos problemas solucionáveis da vida e admite uma derrota que suas próprias ações violentas ajudam a criar.*

*CAMMAR PILRU, embaixador ixiano, no exílio.  
Tratado sobre a queda de governos injustos.*

O carregamento secreto de explosivos chegou intacto por meio de equipes de partilha extraplanetárias subornadas, escondido em gavetas, entregues em um mole de carga na entrada da caverna situada nos penhascos do *canyon* do porto de entrada.

C'tair, que trabalhava com os carregadores, localizou as marcas sutis e desviou o contêiner de aspecto inofensivo, como tinha feito tantas vezes. Não obstante, quando descobriu os discos explosivos, empacotados cuidadosamente, ficou atônito. Devia haver mil! Além das instruções de uso dos elementos, não havia mensagem, nem sequer um código, e nenhuma fonte de informação, mas C'tair sabia a identidade do remetente. O príncipe Rhombur nunca tinha enviado tanto material. C'tair sentiu esperanças renovadas, assim como o peso de uma tremenda responsabilidade.

Restavam poucos rebeldes independentes, mas não confiavam em ninguém. C'tair se comportava da mesma forma. Além de Miral Alechem, sentia-se sozinho nesta luta, embora Rhombur e os tleilaxu pensassem, ao que parecia, que existia uma resistência muito mais numerosa e organizada.

Aqueles explosivos lhes dariam a razão.

Durante sua juventude, o príncipe Rhombur Vernius tinha sido um menino gordinho. C'tair recordava-se dele como uma espécie de bufão bondoso, que dedicava mais tempo a recolher espécimes geológicos que a aprender a arte de governar ou os processos industriais ixianos. Pelo visto, para ele sempre havia tempo.

Mas tudo tinha mudado com a chegada dos tleilaxu. Tudo.

Até no exílio, Rhombur ainda conservava códigos de passagem com a administração de embarques, e graças a eles os materiais brutos entravam na cidade-fábrica. Tinha conseguido enviar fornecimentos vitais, e agora os discos explosivos. C'tair jurou que cada um seria utilizado. Agora, sua principal preocupação era esconder os materiais de demolição antes que os preguiçosos suboides ixianos descobrissem o verdadeiro conteúdo do pacote.

Vestido com o uniforme roubado de um operário de nível superior, transportou o carregamento de explosivos à cidade estalactite em um carro antigravitacional, junto com outras entregas. Não correu para seu esconderijo. Sempre mantinha uma expressão vazia e passiva, sem conversar, sem mal responder aos comentários ou insultos dos senhores tleilaxu.

Quando chegou por fim ao nível correto e entrou em seu cubículo, protegido por sensores, através da entrada camuflada, C'tair amontoou os discos, negros e de textura rugosa, e depois se estendeu em sua cama de armar, com a respiração acelerada.

Aquele seria seu primeiro grande golpe em anos.

Fechou os olhos. Momentos depois ouviu um clique na porta, passos e rangidos. Não se moveu nem olhou porque os sons lhe eram familiares, um ápice de consolo para ele em um mundo desumano. Sentiu o tênue e doce perfume da jovem.

Fazia meses que vivia com Miral Alechem. Obstinado-se a sua mútua companhia depois de fazer amor em um túnel às escuras, apressados e nervosos, enquanto se escondiam de uma patrulha Sardaukar. Durante seus anos de patriota ixiano, C'tair tinha resistido ao impulso de criar relações pessoais, contato íntimo com

outros seres humanos. Era muito perigoso, muito perturbador. Mas Miral compartilhava os mesmos objetivos e necessidades. E era tão bonita...

Ouviu que deixava algo no chão com um leve golpe. Beijou-o na bochecha.

— Trouxe algumas coisas, um cabo de alta energia, um equipamento laser, um...

Ouviu que ele respirava fundo.

C'tair sorriu, sempre com os olhos fechados. Ela tinha visto as pilhas de discos.

— Eu também trouxe algumas coisas.

De repente, levantou-se e explicou como os explosivos tinham chegado a suas mãos e como funcionavam. Cada disco negro, do tamanho de uma moeda pequena e cheio de glóbulos detonadores comprimidos, continha potência suficiente para explodir um pequeno edifício. Com apenas um punhado, colocados em lugares estratégicos, causariam tremendos danos.

Os dedos da jovem se aproximaram da pilha, vacilaram. Olhou para ele com seus olhos grandes e escuros, e enquanto isso C'tair pensou nela, como tão freqüentemente fazia. Miral era a melhor pessoa que tinha conhecido em sua vida. Era admirável a tenacidade com que corria riscos comparáveis aos dele. Não o seduzira nem tentara. Sua relação tinha acontecido, simplesmente. Pareciam feitos um para o outro.

Pensou em seu breve amor juvenil por Kailea, a filha do conde Vernius. Tinha sido uma fantasia, uma brincadeira, que possivelmente teria se transformado em realidade se IX não tivesse caído. Entretanto, Miral era toda a realidade que podia tolerar.

— Não se preocupe — a tranquilizou —. Precisa de um detonador para ativá-los.

Apontou para uma caixinha vermelha cheia de temporizadores.

Miral agarrou um disco em cada mão, inspecionou-os como faria um joalheiro de Hagal com novas gemas de fogo. C'tair se atrasou nas possibilidades que desfilavam por sua mente, pontos chave da cidade, lugares onde os explosivos causariam mais estragos aos invasores.

— Já escolhi alguns alvos — disse —. Esperava que você me ajudaria.

A jovem deixou os discos em seu lugar com cautela e depois se jogou sobre o beliche e se abraçaram.

— Você sabe que sim.

Sentiu seu fôlego quente no ouvido. Tiraram a roupa em uma exalação. Depois de fazer amor com uma intensidade atíçada por seus grandes planos, C'tair dormiu mais horas do que estava acostumado a permitir-se. Quando esteve descansado e preparado, Miral e ele repassaram o plano para verificar que tudo estava controlado, que tinham tomado todas as precauções necessárias. Depois de montar várias cargas na habitação, pegaram os outros explosivos e se aproximaram da porta. Examinaram os exploratórios para assegurar-se de que o corredor exterior estava vazio.

Com tristeza, C'tair e Miral disseram adeus em silêncio para a câmara protegida que tinha sido o esconderijo desesperado de C'tair durante tanto tempo. Agora serviria para um último propósito, e lhes permitiria dar um golpe duro dos invasores.

Os Bene Tleilax nunca saberiam o que os golpeará.

C'tair amontoou as caixas de uma em uma, junto com outras gavetas necessárias para os experimentos que os tleilaxu realizavam em seu pavilhão de pesquisas. Uma das caixas estava equipada com discos explosivos, um embarque similar a outros que se estavam sendo carregados no sistema de trilhos automatizado. O pacote seria entregue no coração de sua guarida secreta.

Não se dignou a olhar nem uma vez para a caixa em questão. Limitou-se a empilhá-la com as outras, dispôs disfarçadamente o

temporizador e se apressou a carregar outra caixa. Um dos operários suboides tropeçou, mas C'tair agarrou a caixa do homem e o deixou no automotor, para evitar atrasos. Concedeu-se oportunidades suficientes, mas ainda considerava difícil dissimular seu nervosismo. Miral Alechem se encontrava em um passadiço que corria sob outro edifício. Estaria colocando cargas na base da imensa estrutura onde ficavam os escritórios tleilaxu nos níveis superiores. A estas alturas, já teria escapado.

A plataforma carregada entrou em movimento com um zumbido e acelerou para o complexo de laboratório. C'tair desejava saber o que acontecia por trás daquelas janelas fechadas. Miral não tinha conseguido descobrir, nem tampouco ele. Mas se conformaria causando estragos.

Os tleilaxu, apesar da sua sangrenta repressão, tornaram-se descuidados depois de dezesseis anos. Suas medidas de segurança eram risíveis... e agora lhes demonstraria o erro de seus costumes.

O golpe tinha que ser forte o bastante para que se cambaleassem, porque o próximo atentado não seria tão fácil.

C'tair reprimiu um sorriso de impaciência, enquanto seguia com a vista o vagão. Atrás dele, outros operários começavam a carregar outra plataforma vazia. Olhou para o teto da gruta, para os finos edifícios que se sobressaíam como ilhas invertidas através do céu projetado.

O cálculo do tempo era crucial. As quatro bombas deviam estalar quase ao mesmo tempo.

Seria uma vitória tanto psicológica como material. Os invasores tleilaxu deviam chegar à conclusão de que um movimento de resistência em grande escala e coordenado era o responsável por estes ataques, que os rebeldes contavam com numerosos membros e um plano organizado.

Nunca devem suspeitar que somos apenas dois.

Depois do êxito, talvez outros se lançassem a luta por sua conta e risco. Se gente suficiente entrasse em ação, transformaria a

rebelião em grande escala numa profecia cumprida.

Respirou fundo e se voltou para outros gavetas que esperavam. Não se atrevia a exibir um comportamento que diferente do costumeiro. Módulos de vigilância se moviam sem cessar no alto, com luzes piscantes, e câmaras de observação espiavam até o menor movimento.

Não consultou seu cronômetro, mas sabia que a hora se aproximava.

Quando a primeira explosão estremeceu o chão da caverna, os abúlicos operários interromperam suas tarefas e se olharam, confusos. C'tair sabia que a detonação ocorrida nos poços de eliminação de lixo teria que ser suficiente para derrubar as estadias, para retorcer e destruir as correias transportadoras. Talvez os escombros chegassem a obstruir os poços de magma.

Antes que alguém pudesse reparar em sua expressão satisfeita, os edifícios estalactite do teto explodiram.

Nos níveis administrativos, uma série de discos explosivos destruíram seções inteiras do complexo burocrático. Uma asa do Grande Palácio ficou pendurada por longas vigas mestras e cabos reforçados quebrados.

Caíram entulhos no centro da caverna, e os operários fugiram tomados pelo pânico. Uma luz brilhante e uma nuvem de pó de rocha surgiu das câmaras do teto destroçadas.

Alarmes ensurdecadores retumbaram nas paredes de pedra. Não tinha ouvido tanto barulho desde a rebelião dos suboides. Tudo funcionava perfeitamente.

Fugiu com o resto de seus companheiros, fingindo terror, e se perdeu entre a multidão. Sentiu o cheiro de pó dos materiais de construção e do medo que o rodeava.

Ouviu uma explosão longínqua, vinda da direção do edifício onde Miral trabalhava, e soube que tinha tomado a precaução de afastar-se antes de provocá-la. Por fim, tal como esperava, a vagoneta lotada chegou à zona de carga do pavilhão de pesquisas

secretas. O dispositivo final de discos explodiu em línguas de fogo e nuvens de fumaça negra. O som da detonação ressoou como uma batalha espacial entre os muros grossos.

Os incêndios começaram a propagar-se. Tropas Sardaukar irromperam como escaravelhos enlouquecidos pelo calor, afim de descobrir a origem do ataque. Dispararam para o teto, só para expressar sua ira. Os alarmes estremeciam as paredes. Os tleilaxu gritavam ordens incompreensíveis em seu idioma pelos auto-falantes, enquanto as equipes de operários murmuravam, aterrorizadas.

Mas mesmo no caos, C'tair reconheceu em alguns rostos ixianos uma espécie de satisfação, uma sensação de assombro pela vitória que acabavam de conseguir. Fazia muito tempo que tinham perdido sua vontade de combater.

Agora talvez as recuperassem.

Finalmente, pensou C'tair enquanto piscava e tentava dissimular seu sorriso. Ergueu os ombros, mas os deixou cair para voltar a assumir a expressão de prisioneiro derrotado e colaborador.

Finalmente os invasores tinham recebido um verdadeiro golpe.

# 50

*Não existe modo de trocar informação sem formular opiniões.*

*Axioma Bene Gesserit*

Do balcão de seus aposentos privados, Jessica observou sua antiquada dama de companhia, com suas bochechas rosadas como maçãs, no pátio de práticas próximo ao posto de guarda oeste. Olhou enquanto a mulher ofegante conversava com Thufir Hawat e observou que utilizava muitos gestos para falar. Ambos olharam para sua janela.

O *Mentat* acredita que sou estúpida?

Durante o mês em que Jessica estava vivendo em Caladan, tinham satisfeito suas necessidades com fria precisão, como uma hóspede respeitada, mas nada mais. Thufir Hawat se ocupou em pessoa de velar por seu conforto, e a instalara nos antigos aposentos de *lady* Helena Atreides. Depois de ficarem fechadas durante tantos anos, as habitações precisaram ser arejadas, mas os belos móveis, o enorme banheiro e o solário eram mais do que Jessica necessitava. Uma Bene Gesserit precisava de poucos luxos e comodidades.

O *Mentat* também lhe tinha destinado uma dama de companhia, que revoava a seu redor como uma mariposa e sempre encontrava tarefas que lhe exigissem estar perto de Jessica. Era óbvio que se tratava de uma espiã de Hawat.

Jessica tinha despedido a mulher naquela mesma manhã, sem nenhuma explicação. Sentou-se para esperar as repercussões. Viria o Mestre de Assassinos em pessoa, ou enviaria um representante? Compreenderia sua mensagem implícita? Não me subestime, Thufir Hawat.

Do balcão, viu que concluía sua conversa com a mulher. Afastou-se do posto de guarda com movimentos enérgicos e confiantes, em direção ao castelo.

Um homem estranho, aquele *Mentat*. Enquanto estava na Escola Materna, Jessica tinha estudado o histórico do *Mentat*, e descoberto que tinha passado a metade de sua vida em um centro de preparação *Mentat*, primeiro como estudante e depois como filósofo e tático teórico, antes de ser adquirido para o recém renomado duque Paulus Atreides, o pai de Leto.

Jessica utilizou seus poderes de observação Bene Gesserit para estudar aquele homem flexível e seguro de si mesmo. Hawat não era como os outros graduados das escolas *Mentat*, os tipos introvertidos que fugiam do contato pessoal. Este homem mortífero era agressivo e ardiloso, com uma lealdade fanática à Casa Atreides. Em alguns aspectos, sua natureza letal era similar a do *Mentat* pervertido pelos tleilaxu, Piter De Vries, mas Hawat era o oposto ético do *Mentat* Harkonnen. Tudo era muito curioso.

De forma similar, tinha observado que o Mestre de Assassinos a esquadrinhava através de seu filtro lógico *Mentat*, processava dados sobre ela e chegava a conclusões não confirmadas. Hawat podia ser muito perigoso.

Todos queriam saber por que estava ali, por que a Bene Gesserit a tinha enviado e quais eram suas intenções.

Jessica ouviu um forte golpe na porta e foi abrir. Agora veremos o que tem a dizer. Chega de jogos.

Os lábios de Hawat estavam molhados de suco de safo, e os olhos afundados expressavam preocupação e nervosismo.

— Faça o favor de explicar por que não aceitou a criada que escolhi para você, minha senhora.

Jessica usava um vestido de *sooraso* lavanda, que realçava as curvas de seu corpo esbelto. Sua maquiagem era mínima, apenas um pouco de lavanda ao redor dos olhos e tintura de lábios. Sua expressão não tinha a menor amabilidade.

— Tendo em conta suas proezas lendárias, pensei que seria um homem mais sutil, Thufir Hawat. Se for me espionar, escolhe a alguém mais competente.

O comentário o surpreendeu, e olhou para a jovem com maior respeito.

— Sou o responsável pela segurança do duque, minha senhora, ocupo-me de sua segurança pessoal. Devo tomar as medidas que me pareçam necessárias.

Jessica fechou a porta, e ambos ficaram na entrada, perto o bastante para que qualquer deles desse um golpe mortal no outro.

— *Mentat*, o que sabe da Bene Gesserit?

Um leve sorriso se insinuou em seu rosto enrugado.

— Só o que a Irmandade permite saber aos forasteiros.

— Quando as reverendas mães me trouxeram aqui — disse Jessica em voz mais alta —, ele também se transformou em meu senhor. Acha que represento um perigo para ele? Que a Irmandade agiria diretamente contra um duque do *Landsraad*? Na história do Império, conhece um só exemplo de que algo semelhante tenha acontecido? Significaria o suicídio para a Bene Gesserit. — Dilatou as aletas do nariz —. Pense, *Mentat*! Qual é sua projeção?

— Não tenho informações de que exista tal exemplo, minha senhora — disse Hawat ao cabo de um momento.

— E mesmo assim, encarregou essa puta estúpida de me vigiar. Por que me teme? Do que suspeita? — evitou utilizar a Voz, coisa que Hawat jamais perdoaria. Em vez disso, acrescentou uma ameaça com voz mais serena —: Um aviso, não tente mentir...

Deixe-o pensar que sou uma Reveladora da Verdade.

— Peço desculpas pela indiscrição, minha senhora. Talvez seja um pouco... exagerado quando tenho que proteger meu duque.

Esta jovem é forte, pensou Hawat. O duque poderia ter recebido alguém muito pior.

— Admiro sua devoção para com ele. — Jessica observou que os olhos do *Mentat* se acalmaram, mas sem sinal de medo, somente transparecessem um pouco mais de respeito —. Estou aqui a pouco tempo, enquanto que você serviu três gerações de Atreides. Tem na perna uma cicatriz de um touro salusano, de uma das primeiras tarefas do duque, não é? Não é fácil para você se adaptar a algo novo. — Afastou-se um passo dele, e deixou que um pingo de ressentimento se insinuasse em sua voz —. Até o momento, seu duque me tratou mais como a uma parente distante, mas espero que não me ache desagradável no futuro.

— Não a acha desagradável, minha senhora, mas já escolheu como par Kailea Vernius. Ela é a mãe do seu filho.

Jessica não demorara para descobrir que existiam problemas na sua relação.

— Por favor, *Mentat*, ela não é a concubina que lhe estava destinada, e tampouco sua esposa. Em qualquer caso, não concedeu ao menino o direito de primogenitura. Que mensagem temos que extrair disto?

Hawat ficou rígido, parecia ofendido.

— O pai de Leto o ensinou a utilizar o matrimônio para conseguir vantagens políticas para a Casa Atreides. Tem muitas pretendentes no *Landsraad*. Ainda não decidiu qual é o melhor partido... embora esteja pensando.

— Porque continua pensando. — Jessica indicou que a conversa tinha terminado. Esperou que o homem desse meia volta e então acrescentou —: A partir de agora, Thufir Hawat, escolherei minhas próprias damas de companhia.

— Como quiser.

Depois que o **Mentat** se foi, Jessica analisou sua situação, pensou nos planos a longo prazo mais que na missão que recebera da Irmandade. Podia aumentar sua beleza usando técnicas de sedução Bene Gesserit, mas Leto era orgulhoso e individualista. O

duque podia adivinhar suas intenções, e não gostaria de ver-se manipulado. Mesmo assim, Jessica tinha um trabalho a fazer.

Em alguns momentos fugazes observara que ele olhava para elas com culpa, sobretudo depois de suas discussões com Kailea. Sempre que Jessica tentava aproveitar esses momentos, Leto voltava para sua frieza habitual.

Tampouco ajudava o fato de ocupar os antigos aposentos de *lady* Helena, que Leto era reticente a visitar. Depois da morte de Paulus Atreides, a inimizade entre Leto e sua mãe tinha alcançado extremos radicais, e Helena tinha ido “descansar e meditar” em um remoto retiro religioso. Para Jessica cheirava a castigo, mas não encontrou motivos claros nos registros Atreides. Ocupar aquelas habitações podia significar uma barreira emocional entre ambos.

Leto Atreides era, sem dúvida, elegante e atraente, e para Jessica não haveria nenhum problema em aceitar sua companhia. De fato, desejava estar com ele. Repreendia-se sempre que essas sensações a invadiam, pois acontecia com excessiva frequência. Não podia permitir que os sentimentos a dominassem. O amor não servia de nada à Bene Gesserit.

Tenho um trabalho a fazer, recordou-se. Jessica esperaria o momento oportuno.

# 51

*O infinito nos atrai como um farol na noite, nos cega aos excessos que pode infligir ao finito.*

*Meditações desde Bifrost Eyrie  
texto budislâmico.*

Quatro meses depois do desastre da avalanche, Abulurd Harkonnen e sua mulher embarcaram em uma visita, de que se fez muita publicidade, à cidade das montanhas. A tragédia de Bifrost Eyrie tinha estremecido o coração de Lankiveil e unido o povo.

Emmi e ele, fiéis companheiros, tinham demonstrado sua força combinada. Durante anos, Abulurd preferira ser um governante discreto que nem sequer reclamava o título a que tinha direito. Queria que as pessoas de Lankiveil governassem a si mesmos, se ajudassem mutuamente conforme lhes ditasse o coração. Considerava os aldeãos, caçadores e pescadores uma grande família com interesses comuns.

Depois, falando com serena confiança, Emmi convenceu seu marido de que uma peregrinação pública como governador planetário atrairia a atenção sobre a tragédia da cidade perdida nas montanhas. O burgomestre, Onir Rautha-Rabban, daria-lhes as boas-vindas.

Abulurd e Emmi foram em transporte oficial, flanqueados por criados e servos, muitos dos quais nunca se afastaram dos povoados baleeiros. Os três ornitópteros passaram com parcimônia sobre geleiras e montanhas cobertas de neve, para a linha de penhascos onde se achava a cidade monastério.

Quando o sol se refletiu na neve e os cristais de gelo das cúpulas, o mundo pareceu um lugar antigo e pacífico. Sempre otimista, Abulurd esperava que os habitantes de Bifrost lutariam por um futuro melhor. Tinha escrito um discurso que transmitia basicamente a mesma mensagem. Embora não tivesse muita experiência em dirigir a palavra a multidões numerosas, Abulurd queria ler sua mensagem. Já tinha ensaiado duas vezes diante de Emmi.

A comitiva do governador aterrissou em uma meseta situada em frente aos penhascos de Bifrost Eyrie, e Abulurd e seu séquito desembarcaram. Emmi caminhava ao lado do seu marido, com uma capa azul que lhe dava um aspecto majestoso. Ele segurava seu braço.

As equipes de construção tinham feito progressos assombrosos. Tinham cortado a cunha de neve invasora e escavado os edifícios enterrados. Como a maior parte da maravilhosa arquitetura tinha sido destruída ou desfigurada, os edifícios afetados estavam cobertos com uma rede de andaimes. Peritos trabalhavam dia e noite para colocar bloco sobre bloco, reconstruir e dar glória ao retiro. Bifrost Eyrie nunca voltaria a ser a mesma, mas possivelmente seria melhor que antes, como um ave fênix que renascesse da neve.

O corpulento Onir Rautha-Rabban saiu para recebê-los, vestido com roupas douradas forradas de pele de baleia sabre. O pai de Emmi barbeou sua volumosa barba grisalha depois do desastre. Sempre que se olhava em um espelho, queria recordar as perdas que sua cidade sofrera. Desta vez, a cara larga e quadrada parecia contente, iluminada por um fogo que não estava presente da última vez que tinham estado juntos.

Quando o governador planetário chegou, os operários desceram dos andaimes e se dirigiram para a praça. Uma vez finalizados, os muito altos edifícios olhariam para a praça como deuses das alturas. Mesmo sem terminar, as obras eram impressionantes.

O tempo tinha colaborado desde a avalanche, mas dentro de um ou dois meses a chegada do inverno os obrigaria a cessar seus esforços e a refugiar-se dentro dos edifícios de pedra durante meio ano. Bifrost Eyrie não seeia terminada nesta temporada. Tendo em conta a magnitude das obras, possivelmente nunca acabariam, mas as pessoas continuariam construindo, embelezando sua oração de pedra aos céus do Lankiveil.

Uma vez reunida a multidão, Abulurd levantou as mãos para falar, enquanto ensaiava o discurso em sua mente uma vez mais. Mas todas as palavras se apagaram de sua mente, devido ao nervosismo. Emmi, que parecia uma rainha ao seu lado, tocou-lhe o braço para lhe dar seu apoio. Depois lhe sussurrou as primeiras frases para ajudá-lo a recordar o que devia dizer.

— Meus amigos — disse Abulurd em voz alta, sorrindo para dissimular a vergonha —, os ensinamentos budislâmicos respiram a caridade, trabalho duro, e ajuda aos necessitados. Não pode haver melhor exemplo de sentida colaboração que o trabalho dos voluntários para reconstruir...

Os reunidos começaram a murmurar, apontaram para o céu e sussurraram entre si. Abulurd vacilou de novo e olhou para trás. Nesse momento Emmi gritou.

Uma formação de naves negras apareceu no céu azul em direção às montanhas, aparelhos de ataque com o grifo da Casa Harkonnen. Abulurd franziu o sobrecenho, mais confuso que alarmado. Olhou para sua mulher.

— O que significa isto, Emmi? Eu não chamei nenhuma nave.

Mas ela não sabia mais que ele.

Sete caças perderam altura, e os motores açoitaram o ar com detonações sônicas. Abulurd sentiu um brilho de irritação, temeroso de que os ruídos estrondosos provocassem novas avalanches... até que os canhões das naves se abriram. As pessoas começaram a correr de um lado para outro aos gritos. Alguns em disparada, outros procuravam refúgio. Abulurd não entendia nada.

Três naves penderam sobre a praça, com os canhões preparados.

Abulurd agitou as mãos para atrair a atenção do piloto.

— O que estão fazendo? Tem que haver algum engano.

Emmi o afastou do estrado, onde era um alvo perfeito.

— Não há engano.

Os aldeãos procuravam refúgio enquanto as naves se preparavam para aterrissar na praça. Abulurd estava convencido de que os pilotos teriam aterrissado sobre a multidão se os espectadores não se afastassem.

— Fique aqui — disse para Emmi enquanto corria para três das naves para exigir respostas.

As quatro naves restantes descreveram um círculo no ar e retornaram. Raios laser começaram a cortar a rede de andaimes, como um pescador estripando a suas presas.

— Alto! — gritou Abulurd para os céus, ao mesmo tempo em que fechava os punhos, mas nenhum soldado podia ouvi-lo. Eram tropas Harkonnen, leais a sua família, mas estavam atacando seu povo, os cidadãos de Lankiveil —. Alto! — repetiu, mas teve que retroceder devido às ondas de choque.

Emmi afastou-se para um lado quando uma das naves voou tão baixo que lançou uma corrente de ar quente atravessou seu caminho.

Mais raios laser foram disparados, desta vez contra a massa de gente. A descarga abateu dúzias de pessoas.

Pedaços de gelo se desprenderam das geleiras, blocos branco-azulados cristalinos que caíram com um brilho de vapor, cauterizados da massa principal. Edifícios ficaram esmagados sob a avalanche.

As quatro naves de ataque voltaram pela terceira vez, enquanto outros veículos se estabilizavam no chão. As comportas

se abriram com um vaio para dar passagem a soldados Harkonnen, com uniformes de combate azul escuro com isolamento térmico.

— Sou Abulurd Harkonnen e ordeno que parem!

Depois de rápidos olhares em sua direção, os soldados o ignoraram.

Então, Glossu Rabban desceu do aparelho. Usava o cinturão repleto de armas, e tinha os ombros e o peito cobertos de insígnias militares. Um capacete negro iridescente lhe dava aspecto de gladiador.

Ao reconhecer seu neto, Onir Rautha-Rabban correu para ele, com as mãos enlaçadas, suplicante. Seu rosto refletia ira e horror.

— Basta, por favor! Glossu Rabban, por que faz isto?

Do outro lado da praça, as tropas terrestres abriram fogo com seus rifles contra os aldeãos aterrorizados, que não tinham escapatória. Antes que o ancião burgomestre pudesse chegar o Rabban, uns soldados o levaram arrastado.

Abulurd correu para Rabban com expressão irada. Tropas Harkonnen se dispuseram a interceptá-lo, mas ele gritou:

— Deixem-me passar!

Rabban olhou para ele com frios olhos metálicos. Seus grossos lábios formavam uma linha satisfeita sobre seu queixo quadrado.

— Pai, seu povo tem que aprender que existem coisas piores que os desastres naturais. — Ergueu um pouco o queixo —. Se encontrarem desculpas para não pagar seus dízimos, enfrentarão um desastre sobrenatural: eu.

— Ordene que parem! — Abulurd ergueu a voz, embora se sentisse completamente impotente —. Eu sou o governador deste lugar e este é meu povo.

Rabban olhou-o com asco.

— E necessitam de um castigo para que entendam o comportamento que se espera deles. Não se trata de um tema

complicado, mas é evidente que você não proporciona a inspiração necessária.

Soldados Harkonnen arrastaram Onir Rabban para a beira de um penhasco. Emmi compreendeu suas intenções e gritou. Abulurd se voltou e viu que tinham conduzido seu sogro até o precipício, que terminava em uma sopa de nuvens.

— Não pode fazer isto! — disse Abulurd, estupefato —. Esse homem é o líder legal deste povo. É seu avô.

Sorridente, Rabban sussurrou as palavras sem emoção, sem tom de comando.

— Ah, esperem. Chega.

Os soldados não podiam ouvi-lo. Já tinham recebido suas ordens.

Os guardas Harkonnen agarraram o burgomestre por ambos os braços e o sustentaram como um saco na beirada. O pai do Emmi gritou, agitando braços e pernas. Olhou para Abulurd, com o rosto contraído de incredulidade e horror. Seus olhos se encontraram.

— Oh, por favor, não — sussurrou Rabban de novo, com um sorriso que curvou seus lábios.

Então, os soldados deram um empurrão no ancião, que desapareceu no vazio.

— Muito tarde — disse Rabban dando de ombros.

Emmi caiu de joelhos, tomada por náuseas. Abulurd, que não sabia se a consolava ou se esbofeteava seu filho, continuou paralisado.

Rabban deu uma palmada.

— Já basta! Entrem!

As naves que tinham aterrissado emitiram sinais sonoros. Com precisão militar, as tropas Harkonnen voltaram para suas naves formando filas perfeitas. Abandonaram aos sobreviventes, que corriam entre os cadáveres, procuravam companheiros, entes queridos, qualquer um que necessitasse de assistência médica.

Rabban estudou seu pai da rampa da nave insígnia.

— Agradeça por eu fazer o trabalho sujo. Você foi muito mole com esta gente, e se tornaram preguiçosos.

As quatro naves que voavam completaram outra passada de ataque, derrubando outro edifício. Depois se afastaram e voltaram a agrupar-se no céu.

— Se me obrigar a intervir de novo, terei que ser mais explícito... tudo em seu nome, é claro.

Rabban se voltou e entrou em sua nave.

Abulurd, consternado e desorientado, contemplou com absoluto horror a destruição, os incêndios, os cadáveres carbonizados. Ouviu um grito ingovernável, como um cântico funerário, e compreendeu que surgia de sua própria garganta.

Emmi tinha avançado cambaleante até o bordo do precipício e chorava, enquanto esquadrihava as nuvens onde seu pai tinha desaparecido.

As últimas naves Harkonnen se elevaram no céu mediante suspensores, e chamuscaram a terra da clareira que se estendia em frente a cidade devastada. Abulurd caiu de joelhos, mergulhado em um desespero total. Sua mente estava invadida por um zumbido ensurdecador de incredulidade e dor, dominado pela expressão satisfeita de Glossu Rabban.

— Como pude gerar semelhante monstro?

Sabia que nunca encontraria resposta para essa pergunta.

## 52

*O amor é o maior lucro que um ser humano pode aspirar. É um sentimento que dá lugar à máxima profundidade de coração, mente e alma.*

*Sabedoria zensunni da Peregrinação.*

Liet-Kynes e Warrick passaram uma noite juntos perto de Rocha Estilhaçada, na Depressão Hagga. Tinham assaltado uma das antigas estações de experimentos botânicos, em busca de equipamento utilizável, e além disso tinham feito um inventário de algumas ferramentas e documentos que o deserto tinha conservado durante séculos.

Durante os dois anos posteriores a sua volta das regiões do pólo sul, os jovens tinham acompanhado Pardot Kynes de *sietch* em *sietch* para verificar os progressos de novas e antigas plantações. O planetólogo mantinha uma cova estufa secreta na Depressão de Gelo, um éden cativo que demonstrava as futuras possibilidades do Duna. A água dos precipitadores de orvalho e armadilhas de vento irrigava arbustos e flores. Muitos fremen tinham recebido amostras vindas do projeto da Depressão de Gelo. Tomavam pedaços de fruta como se fosse a sagrada comunhão, fechavam os olhos e respiravam profundamente, saboreando o gosto.

Tudo isto tinha sido promessa de Pardot Kynes... e tudo isto ele lhes dera. Estava orgulhoso de que suas visões estivessem se transformando em realidade. Também estava orgulhoso de seu filho.

— Um dia, você será o planetólogo imperial de Duna, Liet — dizia, e assentia com solenidade.

Embora falasse com paixão sobre o despertar do deserto, contribuindo com ervas e biodiversidade para um ecossistema auto-suficiente, Kynes não podia ensinar nenhuma matéria de uma forma ordenada ou estruturada. Warrick estava atento a cada uma de suas palavras, mas o homem costumava começar por um tema, e depois divagava sobre outros segundo seu capricho.

— Todos fazemos parte de uma grande tapeçaria, e cada um tem que seguir seu próprio caminho — dizia Pardot Kynes, mais satisfeito com suas palavras do que deveria.

Com freqüência, voltava a narrar anedotas de quando tinha vivido em Salusa Secundus, e explorado territórios ermos que não interessavam a ninguém. O planetólogo tinha passado anos em Bela Tegeuse, para ver como a vida vegetal florescia com a fraca luz do sol e do chão ácido. Também tinha viajado a Harmonthep, III Delta Kainsing, Gammont, Poritrin, e a deslumbrante corte de Kaitain, onde o imperador Elrood IX lhe tinha nomeado planetólogo de Arrakis.

Enquanto Liet e Warrick se afastavam de Rocha Estilhaçada, elevou-se um vento forte, um *heinali* ou empurra homens. Liet indicou o abrigo de um afloramento rochoso.

— Vamos procurar refúgio ali.

Warrick, que tinha o cabelo recolhido em um chapéu que caía sobre seus ombros, avançou com dificuldade, a cabeça curvada, ao mesmo tempo em que tirava a mochila. Trabalharam em uníssono, e não demoraram para improvisar um acampamento protegido e camuflado. Ficaram conversando até bem entrada a noite.

Durante esses dois anos, os jovens não tinham falado a ninguém de Dominic Vernius e sua base de contrabandistas. Tinham dado sua palavra ao homem, e guardado o segredo...

Ambos tinham dezoito anos e esperavam casar-se logo, mas Liet, aturdido pelos hormônios próprios de sua idade, não conseguia escolher. Cada vez se sentia mais atraído para Faroula, a filha de Heinar, o *naib* do *sietch* da Muralha Vermelha, uma moça de olhos

grandes e corpo flexível como um junco, embora de caráter imprevisível. Faroula tinha sido educada na sabedoria da botânica, e algum dia seria uma curadora respeitada.

Por sua desgraça, Warrick também desejava Faroula, e Liet sabia que seu irmão de sangue tinha mais possibilidades de reunir coragem para pedir a mão da filha do *naib* antes que ele conseguisse decidir-se.

Os dois amigos dormiram ouvindo os suaves arranhões da areia contra sua tenda...

No dia seguinte, quando saíram, Liet contemplou a extensão da Depressão Hagga. Warrick piscou, deslumbrado pela potente luz.

— *Kull wahad!*

A tormenta de vento noturna tinha varrido o pó de uma ampla praia branca, os restos salobres de um antigo mar seco. O leito do lago brilhava por causa do calor.

— Uma planície de gesso. Algo que poucas vezes se vê — disse Liet, e murmurou —: Meu pai a exploraria e faria a análise.

Warrick falou em voz baixa e admirada.

— Dizem que quem vê um *Biyan*, as Terras Brancas, pode pedir um desejo que lhe será concedido.

Guardou silêncio e moveu os lábios para expressar seus desejos mais ocultos e desejados.

Liet o imitou para não ficar em desvantagem.

— Pedi que Faroula seja minha esposa! — anunciou seu amigo.

Warrick lhe dedicou um sorriso pensativo.

— Má sorte, irmão de sangue: eu pedi o mesmo. — Soltou uma gargalhada e bateu nas costas de Liet —. Parece que nem todos os desejos se tornam realidade.

Ao anoitecer, os dois receberam Pardot Kynes quando chegou ao *sietch* da Rocha do Seio. Os mais velhos do lugar lhe dedicaram uma cerimônia de boas-vinda, muito satisfeitos com o que tinha

obtido. Kynes aceitou sua comemoração com brusca amabilidade, e ignorou muitas das respostas oficiais em sua ânsia por inspecionar tudo.

O planetólogo foi estudar as plantas que cresciam debaixo de brilhantes globos luminosos que simulavam a luz do sol, no interior de fendas rochosas. A areia tinha sido fertilizada com produtos químicos e sedimentos humanos, afim de criar um chão rico. Os habitantes da Rocha do Seio cultivavam mesquita, salvia, coelheiras e saguaros de tronco em forma de acordeão, rodeados de mato. Grupos de mulheres vestidas com mantos iam de planta em planta, como se estivessem celebrando uma cerimônia religiosa, e as regavam com copos de água.

As paredes de pedra do *canyon* obstruído da Rocha do Seio conservavam um pouco de umidade a cada manhã. Precipitadores de orvalho situados na parte superior do *canyon* recapturavam o vapor de água perdida e o devolviam às plantas.

De noite, Kynes passeou de plantação em plantação, e se agachou para estudar folhas e caules. Já tinha esquecido que seu filho e Warrick tinham ido recebê-lo. Sua escolta, Ommun e Turok, montavam guarda, desejosos de sacrificar suas vidas se algo ameaçasse seu *Umma*. Liet reparou na intensa concentração de seu pai, e se perguntou se alguma vez percebeu a lealdade absoluta que inspirava naquela gente.

Na boca do estreito *canyon*, onde alguns pedras brutas e rochas constituíam a única barreira contra o deserto, os meninos fremen tinham prendido globos luminosos que se refletiam na areia. Cada menino esgrimia uma varinha metálica dobrada, encontrada em um esgoto de Carthag.

Liet e Warrick, que desfrutavam de do silêncio da noite, se agacharam sobre uma rocha para observar os meninos. Warrick farejou o ar e examinou o sol artificial que iluminava as plantas e cactos.

— Os pequenos Criadores se sentem atraídos para a umidade como aparas de ferro para um ímã.

Liet já tinha observado a atividade antes, tinha-a praticado quando criança, mas ainda lhe fascinava ver os pequenos tentando capturar trutas de areia.

— Picam com facilidade.

Uma menina se inclinou para deixar cair uma gota de saliva no extremo de sua vara metálica. Depois estendeu o artefato sobre a areia. Os globos luminosos lançavam profundas sombras sobre o terreno irregular. Algo se agitou sob a superfície e surgiu do pó.

As trutas de areia eram animais carnudos sem forma, macios e escorregadios. Seus corpos eram flexíveis quando estavam vivos, mas se tornavam duros e flexíveis quando morriam. Encontravam-se muitos Criadores mortos nos lugares onde se produzia uma explosão de especiaria. Muitos mais perfuravam o chão para capturar a água liberada, e a retinham para proteger ao *Shai-Hulud*.

Uma truta de areia estendeu um pseudópodo para o extremo reluzente da vara. Quando tocou a saliva da menina, esta girou o pau de metal e o ergueu no ar, junto com a truta de areia. Os outros meninos riram.

Um segundo menino se apoderou de outra truta de areia, e os dois correram para as rochas, onde brincaram com suas presas. Podiam aguilhoar e beliscar a carne macia, até extrair umas gotas de calda de açúcar, uma guloseima que tinha encantado Liet quando era menino.

Embora sentisse a tentação de juntar-se ao jogo, Liet se recordou que já era um adulto, um membro de pleno direito da tribo. Era o filho do *Umma Kynes*. Outros fremen franziriam o sobreceño se o vissem envolvido em atividades tão frívolas.

Warrick estava sentado na rocha a seu lado, absorto em seus pensamentos. Olhava para os meninos e pensava em sua futura família. Ergueu a vista para o céu púrpura.

— Dizem que a estação das tormentas é a época mais apropriada para fazer amor.

Enrugou o sobrecenho e apoiou seu estreito queixo sobre as mãos, muito concentrado. Deixara crescer uma barba espaçada.

Liet sorriu. Ele ainda não tinha que barbear-se.

— Chegou o momento de escolhermos uma esposa, Warrick.

Os dois estavam obcecados por Faroula, e a filha do *naib* os deixava fazer a corte, fingindo indiferença ao mesmo tempo em que recebia satisfeita seus cuidados. Liet e Warrick lhe levavam tesouros especiais do deserto sempre que podiam.

— Talvez devêssemos fazer nossa opção segundo o costume dos fremen. — Warrick extraiu de seu cinturão um par de lascas de osso largos como facas —. Atiramos paus de contas para ver quem corteja Faroula?

Liet também possuía um par dos ditos objetos. Seu amigo e ele tinham passado muitas noites de acampamento desafiando-se mutuamente. Os paus de contas eram talhas finas com uma escala de números aleatórios gravados nos lados, os números altos mistuados com os baixos. Os fremen lançavam os paus para cravá-los na areia, e depois liam o número. Quem conseguisse a cifra mais alta, ganhava. Necessitava tanto destreza como sorte.

— Se jogarmos os paus de contas ganharei, é claro — disse Liet com absoluta segurança.

— Duvido.

— Em qualquer caso, Faroula nunca aceitaria esse método. — Liet se recostou contra a fria parede rochosa —. Possivelmente chegou o momento da cerimônia *ahal*, mediante a qual uma mulher escolhe seu par.

— Acha que Faroula me escolheria? — perguntou Warrick, com mais desejo que esperança.

— Claro que não.

— Em quase tudo confio em seu bom julgamento, meu amigo... mas nisto não.

— Talvez eu pergunte quando voltar — disse Liet —. Não poderia desejar melhor marido que eu.

Warrick riu.

— Em quase todos os desafios é um homem valente, Liet-Kynes, mas quando enfrenta uma mulher formosa é um covarde ignominioso.

Liet bufou indignado.

— Fiz um poema de amor para ela. Tenho a intenção de escrevê-lo em uma folha de papel de especiaria e deixá-lo em sua habitação.

— Ah, é mesmo? — zombou Warrick —. Teria a audácia de assiná-lo com seu nome? Qual é esse belo poema que escreveu?

Liet fechou os olhos e recitou:

*Muitas noites sonho junto à água, e escuto os ventos passar ao alto;*

*muitas noites me estendo junto a um ninho de víboras*

*e sonho com Faroula no calor do verão;*

*vejo-a assar pão de especiaria sobre pranchas de ferro ao vermelho vivo;*

*e trançar anéis de água em seu cabelo.*

*A fragrância âmbar de seu busto estremece meus sentidos mais íntimos;*

*embora me atormente e tiranizar, eu não gostaria que fosse diferente.*

*Ela é Faroula, e é meu amor.*

*Um vento tempestuoso ruge em meu coração.*

*Contempla a água transparente do qanat, mansa e trêmula.*

Liet abriu os olhos como se despertasse de um sonho.

— Já ouvi coisas melhores — disse Warrick —. Eu escrevi coisas melhores. Deveria encontrar uma mulher que o aceitasse, apesar de tudo. Mas nunca Faroula.

Liet fingiu ofender-se. Em silêncio, os dois contemplaram as crianças fremen, que continuavam capturando trutas de areia. Sabia que seu pai, nas profundidades do *canyon*, estava tentando imaginar novas formas de potencializar o crescimento das plantas, de acrescentar vegetação suplementar para aumentar o rendimento e reter os nitratos no chão. Suponho que nunca brincou com uma truta de areia em sua vida, pensou.

Warrick e ele pensaram em outras coisas e se concentraram em esquadrihar a noite. Por fim, depois de um longo silêncio, ambos falaram em uníssono, o que os fez rir.

— Sim, perguntaremos quando voltarmos ao *sietch* da Muralha Vermelha.

Enlaçaram as mãos, confiantes... mas aliviados em segredo por ter deixado a decisão em outras mãos.

Os fremen do *sietch* de Heinar celebraram com alvoroço a volta de Pardot Kynes.

A jovem Faroula cruzou os braços, enquanto via o grupo desfilarem através das portas impermeáveis. Seu longo cabelo escuro pendia em cachos sedosos, presos com anéis de água, até seus ombros. Seu rosto era estreito, como o de um elfo. Seus grandes olhos eram atoleiros negros. Um ligeiro rubor dançava sobre suas bochechas bronzeadas.

Primeiro olhou para Liet, e depois para Warrick. Uma expressão séria aparecia em seu rosto, seus lábios mal demonstravam que estava satisfeita em segredo, mais que ofendida, pelo que os dois jovens acabavam de lhe pedir.

— E por que deveria escolher um? — Faroula contemplou os dois pretendentes durante um longo momento, conseguiu que se

retorcessem devido à agonia da impaciência —. De onde vem tanta confiança?

— Mas... — Warrick deu um golpe no peito —. Combati muitos soldados Harkonnen. Cavalguei em um verme de areia até o pólo sul...

Liet o interrompeu,

— Fiz o mesmo que Warrick, e além disso sou o filho do *Umma* Kynes, seu herdeiro e sucessor como planetólogo. Talvez chegue um dia em que abandone este planeta para visitar a corte imperial de Kaitain. Sou...

Faroula desprezou com um gesto impaciente suas bravatas.

— E eu sou a filha do *naib* Heinar. Posso escolher o homem que quiser.

Liet emitiu um grunhido gutural e seus ombros caíram. Warrick olhou para seu amigo, mas se ergueu em toda sua estatura e procurou recuperar sua arrogância.

— Bem, então... escolha!

Faroula riu, tampou a boca e voltou a adotar sua expressão severa.

— Ambos possuem qualidades admiráveis... ao menos algumas. Além disso, suponho que se não tomar uma decisão o quanto antes, acabarão se matando para se exibirem para mim, se pedisse provas como essa. — Agitou a cabeça, e seu longo cabelo tilintou com o movimento dos anéis de água. Levou um dedo aos lábios enquanto refletia. Um brilho travesso apareceu em seus olhos —. Concedam-me dois dias para decidir. Devo meditar. — Como viu que nenhum dos dois se mexia, sua voz adotou um tom mais crispado —: Não fiquem me olhando como cordeiros degolados! Têm trabalho para fazer. Digo-lhes uma coisa: nunca me casarei com um marido preguiçoso.

Liet e Warrick quase tropeçaram quando se esforçaram por ocupar-se em algo que parecesse importante.

Depois de esperar durante dois longos e torturantes dias, Liet descobriu uma nota envolta em sua habitação. Abriu o papel de especiaria, com o coração acelerado e abatido ao mesmo tempo: se Faroula tivesse escolhido a ele, por que não o havia dito em pessoa? Mas quando seus olhos leram as palavras que tinha escrito, seu fôlego se paralisou em sua garganta.

“Espero você na longínqua Cova das Aves. Entregarei-me ao primeiro homem que chegar.”

Era tudo que a nota dizia. Liet olhou para ela durante vários segundos e depois correu pelos corredores do *sietch* até os aposentos de Warrick. Afastou as cortinas e viu que seu amigo estava preparando freneticamente uma bolsa e uma mochila.

— Ela lançou um desafio — disse Warrick sem voltar.

Era uma prova em que os jovens fremen demonstravam sua virilidade. Os dois se olharam, paralisados por um momento.

Depois, Liet deu meia volta e correu para seus aposentos. Sabia muito bem o que devia fazer.

Era uma corrida.

# 53

*É possível embriagar-se com a rebelião pela rebelião em si.*

*Dominic Vernius  
Lembranças de Ecaz.*

Nem sequer dois anos em um poço de escravos Harkonnen dominou o caráter de Gurney Halleck. Os guardas o consideravam um prisioneiro difícil, distinção que ele considerava uma medalha de honra.

Embora o espancassem com regularidade, até lhe deixar a pele arroxeadada, os ossos quebrados e a carne rasgada, Gurney sempre se recuperava. Chegou a conhecer muito bem o interior da enfermaria, e a compreender os métodos milagrosos a que os médicos recorriam para remendar feridas e conseguir que os escravos voltassem a trabalhar.

Depois de sua captura na casa de prazer tinha sido jogado no interior das minas de obsidiana e os poços de gentil, onde se viu obrigado a trabalhar com mais afinco que quando cavava sarjetas para plantar tubérculos *krall*. De todos os modos, Gurney não sentia falta daqueles tempos. Ao menos morreria sabendo que tinha tentado lutar.

Os Harkonnen não se incomodaram em interrogá-lo a respeito de quem era ou por que tinha ido até ali. Consideravam-no mais um corpo produtivo. Os guardas acreditavam que o tinham domesticado, e não lhes importava nada mais...

A princípio, Gurney tinha sido atribuído aos penhascos do monte Ebony, onde seus companheiros de equipe e ele utilizavam detonadores sônicos e perfuratrizes a laser para cortar pedaços de

obsidiana azul, uma substância translúcida que parecia absorver a luz do ar. Gurney e seus companheiros estavam presos uns aos outros mediante grilhões capazes de expulsar fio *shiga*, que seccionava seus membros se lutassem.

A equipe de trabalhadores subiam por caminhos estreitos na montanha na manhã gelada, e trabalhava durante longos dias de sol abrasador. Ao menos uma vez na semana, alguns escravos morriam ou ficavam mutilados por causa de cristais vulcânicos soltos. Os capatazes e guardas não se importavam. Faziam batidas periódicas ao longo de *Giedi Prime* para recrutar mais escravos.

Depois de sobreviver nos penhascos, Gurney foi transferido para uma equipe de trabalho menor nos poços de processamento, onde chapinhava em soluções emulsionantes para preparar peças pequenas de obsidiana destinadas a embarques. Protegido apenas com calças curtas grossas, trabalhava mergulhado até a cintura em um líquido gelatinoso pestilento, uma espécie de leite abrasivo ao qual se acrescentava um componente algo radiativo que ativava o cristal vulcânico. O tratamento conseguia que o produto terminado emitisse uma aura de um azul escuro como a meia-noite.

Amarga ironia, descobriu que só os mercadores de jóias de Hagal vendiam a muito escassa e valiosa "obsidiana azul". Embora se supunha que procedia das minas de Hagal, sua origem era um segredo zelosamente guardado. A casa Harkonnen era a fornecedora do cristal vulcânico, o que lhe proporcionava grandes lucros.

O corpo de Gurney se transformou em uma tapeçaria de pequenos cortes e arranhões. Sua pele desprotegida absorvia a fedorenta e ácida solução. Não havia dúvida de que o mataria dentro de poucos anos, mas suas possibilidades de sobreviver nos poços de escravos também eram escassas. Depois do sequestro de Bheth, seis anos antes, tinha deixado de fazer planos a longo prazo. Não obstante, enquanto chapinhava no líquido e removia os pedaços de obsidiana, afiados como facas, conservava a cabeça

erguida para o céu e o horizonte, enquanto os outros escravos tinham a vista cravada na mistura imunda.

Uma manhã, o supervisor subiu a seu estrado com filtros antidor metidos no nariz. Usava uma túnica azul que deixava à mostra seu peito esquelético e uma barriga avultada.

— Parem de sonhar acordados aí em baixo. Escutem todos. — Ergueu a voz, e Gurney captou algo estranho no timbre das palavras —. Um nobre convidado deve inspecionar nossas instalações. Glossu Rabban, designado pelo barão como seu herdeiro, fiscalizará nossas cotas de produção, e é muito provável que exija mais trabalho de vocês, vermes preguiçosos. Se esforcem hoje, porque amanhã desfrutarão de férias enquanto ele os inspeciona.

O supervisor franziu o sobrecenho.

— E não pensem que não é uma honra. Surpreende-me que Rabban aceite suportar seu fedor.

Gurney entreabriu os olhos. O ignominioso assassino Rabban vinha para cá? Começou a cantarolar uma canção para si, uma das ácidas melodias satíricas que tinha cantado no bar de Dmitri antes do primeiro ataque Harkonnen:

*Rabban, Rabban, o bruto fanfarrão,  
nem um grama de cérebro em sua cabeça, só fruta podre.  
Seus músculos, sua força,  
conseguem que um homem inteligente boceje.  
Sem o barão, é um indigente!*

Gurney não pôde reprimir um sorriso, mas manteve o rosto oculto do supervisor. Não lhe valeria de nada deixar que o homem observasse uma expressão divertida no rosto de um escravo.

Desejava se encontrar cara a cara com aquele criminoso.

Quando Rabban e sua escolta chegaram, carregavam tantas armas que Gurney teve que conter uma gargalhada. Do que tinham medo? De uma turma de prisioneiros extenuados pelo trabalho, obrigado à submissão durante anos?

Os guardas tinham ativado os núcleos dos grilhões e algemas, de modo que o fio *shiga* mergulhava em seus punhos, para recordá-los que um movimento brusco podia cortar a carne até o osso. A intenção era que os prisioneiros se mostrassem passivos, possivelmente até respeitosos, diante de Rabban.

O ancião preso a Gurney tinha umas articulações tão angulosas que parecia um inseto. Tinha perdido o cabelo e tremia devido a uma desordem neurológica. Não compreendia o que acontecia ao seu redor. Gurney sentiu compaixão pelo indivíduo e se perguntou se esse era o destino que o aguardava um dia... se vivesse tanto.

Rabban usava um uniforme negro de pele, acolchoado para acentuar seus músculos e ombros largos. Um grifo azul Harkonnen adornava o lado esquerdo do seu peito. Suas botas negras estavam tão polidas que resplandeciam, e rebites de latão adornavam seu cinturão grosso. O rosto largo de Rabban tinha uma aparência corada, como se tomasse sol com excessiva freqüência, e usava um capacete militar que cintilava à nebulosa luz do sol. Carregava uma pistola de dardos embainhada sobre seu quadril, junto com munição de reserva.

Um desagradável chicote de tintaparra<sup>111</sup> pendia do seu cinto. Sem dúvida Rabban procuraria uma oportunidade de utilizá-lo. Um líquido vermelho negro preso no longo chicote corria como sangue vivo e fazia que as caudas providas de pontas se retorcessem e enrolassem. O líquido (uma substância venenosa que possuía propriedades comerciais como tintura e branqueador) podia causar dores temíveis.

Rabban não pronunciou nenhum discurso diante dos escravos. Seu trabalho não era inspirá-los, devia aterrorizar os capatazes para que obtivessem mais produtividade. Já tinha visto os poços de

escravos, e agora passou ante a fileira de prisioneiros, sem lhes dar atenção.

O supervisor o seguia, tagarelado com uma voz aflautada pelos filtros encaixados em suas fossas nasais.

— Fizemos todo o possível por aumentar a eficácia, lorde Rabban. Alimentamos-lhes apenas com o necessário para que continuem trabalhando no máximo rendimento. Suas roupas são trocadas, mas resistentes. Duram anos, e voltamos a utilizá-las quando os prisioneiros morrem.

O rosto pétreo de Rabban não mostrou a menor satisfação.

— Poderíamos instalar maquinaria — sugeriu o superintendente — para algumas das tarefas mais simples. Isso melhoraria nossa produção...

O homem corpulento o fulminou com o olhar.

— Nosso objetivo não é só aumentar a produção. Destruir estes homens é tão importante quanto isso.

Olhou para eles de um ponto próximo a Gurney e ao prisioneiro espasmódico. Os olhos de Rabban se cravaram no patético prisioneiro. Sacou a pistola de dardos e disparou a queima-roupa. O prisioneiro mal teve tempo de erguer os braços em um gesto de proteção. A chuva de projéteis terminados em agulhas chapeadas atravessou suas mãos e se cravou em seu coração. Caiu morto sem emitir um grito.

— Os fracos esbanjam nossos recursos.

Rabban se afastou um passo.

Gurney não teve tempo de pensar nem fazer planos, mas compreendeu em um impulsivo instante o que podia fazer para devolver o golpe. envolveu os punhos com parte da camisa do prisioneiro morto, para impedir que o fio cortasse sua pele, ergueu-se com um rugido e puxou com todas as suas forças. O fio *shiga* encontrou o obstáculo de seus punhos protegidas e seccionou os punhos do morto.

Utilizou uma das mãos cortadas do morto como manga e se lançou para um atônito Rabban, esgrimindo o fio *shiga*, afiado como uma navalha. Antes de que Gurney pudesse alcançar o jugular do homem, Rabban reagiu com velocidade surpreendente. Gurney perdeu o equilíbrio e só conseguiu atirar ao chão de um golpe a pistola de dardos.

O supervisor gritou e retrocedeu. Rabban, ao ver que tinha perdido a pistola, fustigou a bochecha e a mandíbula de Gurney com seu chicote. Uma das caudas espinhosas esteve a ponto de cravar-se em um olho.

Gurney nunca imaginara que um chicote pudesse fazer tanto estrago, mas quando os cortes se registraram em seus nervos, o líquido agiu como um ácido potente. Sua cabeça explodiu em uma bomba de dor que atravessou seu crânio e mergulhou no centro da sua cabeça. Deixou cair a mão do ancião, que ficou pendurada do fio *shiga* enrolado em um dos seus pulsos.

Gurney recuou, cambaleante. Os guardas se lançaram sobre ele. Outros prisioneiros fugiram gritando de terror. Os guardas se prepararam para matar ao Gurney, mas Rabban levantou uma mão para detê-los.

Gurney apenas sentia a dor em sua bochecha e pescoço, quando o rosto de Rabban se materializou a frente de seus olhos. Não demorariam para matá-lo, mas por enquanto, podia agarrar-se ao ódio que sentia por este... este Harkonnen.

— Quem é este homem? Por que está aqui e por que me atacou?

Rabban fulminou o supervisor com o olhar, este pigarreou.

— Bem... terei que consultar os arquivos, meu senhor.

— Pois vá. Descubra de onde veio. — Rabban sorriu —. E descubra se tem familiares vivos.

Gurney evocou em sua mente a insípida letra de sua canção sarcástica: Rabban, Rabban, o bruto fanfarrão...

Mas quando ergueu os olhos e viu a cara feia do sobrinho do barão, compreendeu que Glossu Rabban riria por último.

# 54

*O que é cada homem, além de uma lembrança para os que o seguem?*

*Duque Leto Atreides*

Uma noite, o duque Leto e sua concubina estavam discutindo aos gritos por mais de uma hora, e Thufir Hawat estava preocupado. Achava-se na asa ducal, perto da porta fechada do dormitório de Leto. Se um dos dois saísse, Hawat se esquivaria por um dos passadiços laterais que perfuravam o castelo. Ninguém conhecia melhor os corredores e caminhos secretos que o *Mentat*.

Algo se chocou contra o chão da habitação. A voz de Kailea se impôs ao tom enfurecido do duque. Hawat não compreendia o que diziam, mas tampouco era necessário. Como chefe de segurança, era responsável pelo bem-estar pessoal do duque. Não queria intervir, mas nas atuais circunstâncias sua principal preocupação era a possibilidade de que Leto e sua concubina se agredissem.

— Não penso me passar a vida discutindo sobre coisas que não podem mudar! — gritou Leto, exasperado.

— Então por que não ordena que matem a mim e ao Victor? Essa seria a melhor solução. Ou nos envie a um lugar onde não tenha que pensar em nós... como fez com sua mãe.

Hawat não ouviu a resposta de Leto, mas sabia muito bem por que o jovem duque tinha banido *lady* Helena.

— Você não é o homem por quem me apaixonei, Leto — continuou Kailea —. É por causa da Jessica, não é? Essa bruxa te seduziu?

— Não seja ridícula. Não visitei sua cama nenhuma só vez desde que chegou, faz um ano e meio, embora tenha todo o direito de fazê-lo.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio. O *Mentat* esperou, tenso.

— A mesma história de sempre — disse por fim Kailea, com um suspiro sarcástico —. Jessica vive aqui só por uma questão política. Não casar-se comigo é só política. Ocultar sua implicação com Rhombur e os rebeldes de IX é só política. Estou farta de sua política. É tão intrigante como qualquer dirigente do Império.

— Eu não sou um intrigante. São meus inimigos que conspiram contra mim.

— As palavras de um verdadeiro paranóico. Agora entendo por que não se casou comigo nem nomeou Victor como seu legítimo herdeiro. É uma conspiração Harkonnen.

O tom razoável de Leto deu passagem a uma explosão de raiva.

— Nunca prometi o matrimônio, Kailea, mas por você não tomei outra concubina.

— E que me importa, se nunca serei sua esposa? — Uma seca gargalhada sublinhou o desprezo das palavras da Kailea —. Sua “fidelidade” é apenas mais uma tentativa de aparentar respeitabilidade... só política.

Leto respirou fundo, como se as palavras tivessem sido um golpe físico.

— Possivelmente tenha razão — admitiu com uma voz tão gélida como o inverno de Lankiveil —. Para que me incomodar tanto? — A porta do dormitório se abriu de repente, e Hawat se fundiu com as sombras —. Não sou seu animal doméstico, nem um idiota, Kailea, sou o duque.

Leto se afastou pelo corredor, murmurando e amaldiçoando. Atrás da porta entreaberta, Kailea rompeu a chorar. Não demoraria

para chamar Chiara, e a anciã gordinha a consolaria por toda a noite.

Hawat seguiu o duque sem ser visto por um corredor atrás de outro, até que Leto entrou nos aposentos de Jessica sem chamar.

Advertida imediatamente por seu treinamento Bene Gesserit, Jessica acendeu um globo azul.

O duque Leto!

Levantou-se na cama com baldaquino que tinha sido de Helena Atreides, mas não fez o menor tentativa de cobrir-se. Usava uma camisola rosa de seda *merh*, muito decotada. Um ténue aroma de lavanda pendia no ar, vindo de um emissor de feromonas oculto na junta do teto. Esta noite, como todas, preparara-se com supremo cuidado... com a esperança de que ele viria.

— Meu senhor? — Viu sua expressão furiosa e preocupada quando entrou no círculo de luz —. Aconteceu algo?

Leto passeou a vista ao redor e respirou fundo, para tentar controlar a adrenalina, a insegurança, a decisão que tinha surgido em seu interior. Gotas de suor cobriam sua testa. Sua jaqueta negra pendia torcida, como se a tivesse posto rapidamente sobre os ombros.

— Vim pelos motivos menos adequados — disse o duque.

Jessica desceu da cama e jogou uma bata verde sobre os ombros.

— Nesse caso, devo aceitar esses motivos e me sentir agradecida. Posso lhe servir algo? No que posso ajudá-lo?

Embora fizesse meses que o esperava, não experimentou nenhuma sensação de triunfo, só preocupação por vê-lo tão agitado.

Leto tirou a jaqueta e se sentou na beira da cama.

— Não estou em condições de me apresentar a uma dama.

Ela lhe massageou os ombros.

— É o duque e está em seu castelo. Pode se apresentar como quiser. — Tocou seu cabelo escuro e acariciou suas têmporas com movimentos sensuais.

Como se imaginasse um sonho, Leto fechou os olhos. Jessica percorreu sua bochecha com um dedo e o apoiou sobre seus lábios para silenciar qualquer palavra. Seus olhos verdes dançaram.

— Seu estado é perfeitamente aceitável para mim, meu senhor.

Quando afrouxou os fechos de sua camisa, Leto suspirou e deixou que o levasse para a cama. Esgotado de mente e corpo, esmigalhado pela culpa, estendeu-se de bruços sobre os lençóis que cheiravam a pétalas de rosa e coriandro. Parecia que se afundava no tecido suave, e se deixou arrastar.

As delicadas mãos de Jessica deslizaram por sua pele nua, e massageou os músculos tensos de suas costas, como se o tivesse feito milhares de vezes. Para a Jessica foi como se aquele momento estivesse programado desde o começo dos tempos.

Por fim, Leto se virou para olhá-la. Quando seus olhos se encontraram, ela viu fogo de novo neles, mas desta vez sem ira. Tampouco se apagou. Tomou-a em seus braços e se fundiram em um beijo apaixonado.

— Me alegre de que tenha vindo, meu duque — disse ela, recordando todos os métodos de sedução que a Irmandade lhe ensinara, mas descobriu que o queria, que falava sério.

— Não deveria ter esperado tanto, Jessica — disse o duque.

Enquanto Kailea chorava, sentia mais ira por seu fracasso que pena por deixar Leto escapar. Ele a decepcionara muito. Chiara lhe tinha recordado uma e outra vez seu berço nobre, o futuro que merecia. Kailea temia que essas esperanças se esfumaçassem para sempre.

A Casa Vernius não estava totalmente morta, e sua sobrevivência talvez dependesse dela. Era mais forte que seu irmão, cujo apoio aos rebeldes era pouco mais que ilusões. Sentia a

absoluta convicção de que a Casa Vernius só sobreviveria graças a seus esforços, e à larga por meio do seu filho Victor.

Estava decidida a conseguir para ele a posição social que lhe correspondia por direito de nascimento. Todo seu amor, todos seus sonhos, dependiam do futuro do menino.

Por fim, já bem entrada a noite, mergulhou em um sono inquieto.

Durante as semanas seguintes, Leto procurou Jessica cada vez com maior freqüência e começou a considerá-la sua concubina. Às vezes irrompia em sua habitação sem dizer uma palavra e fazia amor com feroz intensidade. Depois, satisfeito, abraçava-a durante horas e falava.

Graças a seus talentos Bene Gesserit, Jessica o estudara durante dezesseis meses, e conhecia os problemas de Caladan. Conhecia as dificuldades diárias que Leto Atreides enfrentava como governador do planeta, administrador de uma Grande Casa, membro do *Landsraad*, sempre atento às maquinações políticas e diplomáticas do Império.

Jessica sabia muito bem o que devia dizer, como o aconselhar sem insistir... Pouco a pouco, Leto começou a considerá-la algo mais que uma amante.

Jessica tentava não pensar em Kailea Vernius como uma rival, mas a outra mulher se equivocara ao tentar dobrar a vontade do nobre. Ninguém podia obrigar o duque Atreides a fazer nada.

Às vezes, Leto lhe falava de sua difícil convivência com Kailea enquanto davam longos passeios pelos caminhos do esculpado.

— Têm todo o direito, meu senhor. — O tom da jovem era suave, como uma brisa do verão sobre o mar de Caladan —. Mas parece muito triste. Oxalá pudéssemos fazer algo por ela. Ela e eu poderíamos ser amigas.

Leto olhou-a com expressão perplexa, enquanto o vento desordenava seu cabelo escuro.

— Você é muito melhor que ela, Jessica. Kailea só sente ódio por você.

Jessica tinha visto a profunda dor da mulher ixiana, as lágrimas que tentava conter, os olhares envenenados que lhe lançava.

— É possível que as circunstâncias distorçam seu ponto de vista. Desde a queda da Casa Vernius, sua vida foi difícil.

— E eu procurei facilitá-la. Pus em perigo a fortuna de minha família quando alojei ela e Rhombur quando sua Casa foi declarada renegada. Tive muita consideração com Kailea, mas ela sempre quer mais.

— Em uma época senti afeto por você — disse Jessica —. É a mãe de seu filho.

Leto sorriu com ternura.

— Victor... Ai, esse menino tem feito que valessem a pena todos os momentos passados com sua mãe. — Contemplou o mar em silêncio —. Sua sabedoria é superior a sua idade, Jessica. Possivelmente eu tente uma vez mais.

Ela não sabia o que lhe tinha acontecido, por que lhe tinha enviado de novo aos braços de Kailea. Mohiam a teria repreendido por isso. Mas como podia deixar de animá-lo a pensar com afeto na mãe de seu filho, uma mulher que amara? Apesar de seu treinamento Bene Gesserit, que exigia um controle absoluto sobre as paixões, Jessica se sentia muito unida com seu amante. Talvez demais.

Mas também existisse outra ligação, que remontava a muito tempo atrás. Graças a suas habilidades reprodutivas Bene Gesserit, poderia ter manipulado o esperma de Leto e seus óvulos durante a primeira noite que passaram juntos, para assim conceber a filha que suas superiores lhe tinham ordenado engendrar. Por que não tinha completado as ordens? Por que estava adiando?

Jessica experimentava um torvelinho interior que nublava sua percepção do problema. Acreditava que diversas forças lutavam por assumir o controle. Por um lado, sem dúvida, a Bene Gesserit, uma

presença sussurrante que exigia que cumprisse suas obrigações, seus votos. Mas qual era a força oposta? Não era Leto. Não, era algo muito maior e importante que o amor de duas pessoas em um imenso universo.

Mas não tinha nem idéia do que era.

No dia seguinte, Leto visitou Kailea nos aposentos da torre, onde passava quase todo o tempo, aumentando o abismo que os separava. Quando entrou, ela se virou para ele, disposta a outra explosão de ira, mas Leto se sentou em um sofá, a seu lado.

— Sinto que nossos pontos de vista sejam diferentes, Kailea. — Segurou suas mãos com firmeza —. Não posso mudar de opinião sobre o casamento, mas isso não significa que não a queira.

Ela se soltou, desconfiada.

— O que aconteceu? Jessica o chutou da sua cama?

— Absolutamente. — Leto pensou em contar a Kailea o que a outra mulher lhe havia dito, mas desprezou a idéia. Se Kailea pensasse que Jessica estava por trás daquela decisão, não a aceitaria —. Tomei medidas para te enviar um presente, Kailea.

Ela sorriu, bem a seu pesar. Passara muito tempo desde que Leto a presenteara com quinquilharias caras.

— O que é? Jóias?

Estendeu a mão para o bolso da jaqueta, onde Leto costumava esconder anéis, broches, braceletes e colares para ela. Nos primeiros tempos, ele a tinha animado a procurar novos presentes em sua roupa, um jogo que costumava levar a outras coisas.

— Desta vez não — disse ele com um sorriso agridoce —. Você está acostumada a um lar muito mais elegante que meu austero castelo. Lembra da sala de baile do Grande Palácio de IX, com suas paredes cor anil?

Kailea olhou para ele perplexa.

— Sim, uma obsidiana de um azul muito peculiar. Faz anos que não vejo nada semelhante. — Sua voz adquiriu um tom nostálgico e

distante —. Lembro que quando era menina, com meu vestido de baile, olhava-me nas paredes translúcidas. As numerosas camadas faziam os reflexos parecerem fantasmas. As luzes das aranhas brilhavam como estrelas na galáxia.

— Decidi instalar um revestimento de obsidiana azul na sala de baile do castelo de Caladan — anunciou Leto —, e também em seus aposentos. Todos saberão que o fiz por você.

Kailea não sabia o que pensar.

— É para acalmar sua consciência? — Era um desafio a que a contradissesse —. Acha que é tão fácil?

Ele negou com a cabeça lentamente.

— Superei a ira, Kailea, e só sinto afeto por você. Sua obsidiana azul já foi encomendada a um mercador de Hagal, embora demore alguns meses para chegar.

Caminhou para a porta e se deteve. Ela o seguiu em silêncio. Por fim, respirou fundo como se falar lhe custasse um grande esforço.

— Obrigado — disse quando ele saía.

# 55

*Um homem pode lutar contra o maior inimigo, empreender a viagem mais longa, sobreviver à ferida mais grave, e não obstante sentir-se indefeso nas mãos da mulher que ama.*

## *Sabedoria zensunni da Peregrinação*

Liet-Kynes, quase sem fôlego devido à impaciência, obrigou-se a agir com calma, a não cometer erros. Embora entusiasmado por obter a mão de Faroula, se não se preparasse como devia para o desafio, podia encontrar a morte em vez de uma esposa.

Com o coração palpitante, colocou seu traje destilador e verificou as conexões e fechos para não perder nenhuma gota de umidade. Fez a bagagem, incluindo água e comida extra, e levou um inventário dos objetos que continha em sua mochila: tenda destiladora, parabússola, manual, mapas, *snork* de areia, ferramentas de compressão, faca, binóculos, estojo de reparos.

Por fim, Liet acrescentou os ganchos do produtor e batedores de areia que necessitaria para chamar um verme que o transportasse através da Grande Extensão e do *Erg Habbanya*, até a Crista *Habbanya*.

A Cova das Aves era um local de parada isolado para os fremen que viajavam, para os que não tinham um *sietch* permanente. Faroula teria partido dois dias antes, depois de convocar um verme, algo que poucas mulheres fremen eram capazes de fazer. Saberia que a cova estava vazia. Estaria ali esperando Liet, ou Warrick, ao que chegasse primeiro.

Liet se preparava no quarto contíguo aos aposentos de seus pais. Sua mãe ouviu seus movimentos frenéticos a uma hora muito avançada e afastou as cortinas.

— Por que está se preparando para viajar, meu filho?

Ele a olhou.

— Vou ganhar minha esposa, mãe.

Frieth sorriu.

— Então Faroula lançou o desafio.

— Sim, e tenho que me apressar.

Frieth checou os fechos de seu traje destilador e prendeu a mochila em suas costas, enquanto Liet desdobrava mapas impressos em papel de especiaria, afim de revisar a geografia que só os fremen conheciam. Estudou a topografia do deserto, os afloramentos rochosos, as depressões salgadas. Relatórios climáticos mostravam as zonas mais propícias a tormentas e furacões.

Sabia que Warrick tinha vantagem, mas seu amigo impetuoso não teria tomado tantas precauções. Warrick se lançaria ao desafio e confiaria em suas habilidades fremen, mas os problemas inesperados exigiam tempo e recursos para resolvê-los, e Liet investiu aqueles minutos de atraso em economizar tempo mais tarde.

Sua mãe o beijou na bochecha.

— Lembre-se que o deserto não é seu amigo nem seu inimigo... é apenas um obstáculo. Utilize-o em seu proveito.

— Sim, mãe. Warrick também sabe disso.

Não encontraram Pardot Kynes em nenhuma parte, coisa muito normal. Liet podia ir e vir do *sietch* da Muralha Vermelha antes que o planetólogo começasse a compreender a importância da luta de seu filho.

Quando saiu do *sietch* e parou sobre a colina escarpada, Liet examinou as areias iluminadas pelas luas. Ouviu a vibração de um batedor de areia longínquo.

Warrick já tinha posto mãos à obra.

Liet desceu correndo o penhasco íngreme até a depressão, mas se deteve uma vez mais. Os vermes de areia possuíam amplos territórios que defendiam ferozmente. Warrick já estava chamando um dos gigantescos animais, e passaria muito tempo antes que Liet pudesse atrair um segundo verme para a mesma zona.

Em conseqüência disso, subiu a colina e desceu pelo outro lado, em direção a uma depressão pouco profunda. Liet confiava em procurar uma besta melhor que a de seu amigo.

Enquanto descia o penhasco, usando os pés e mãos, Liet estudou a paisagem que se estendia a frente dele e descobriu uma longa duna virada para o deserto. Seria um bom lugar para esperar. Plantou um batedor e o pôs em funcionamento sem temporizador. Teria vários minutos para atravessar a areia e subir a duna. Na escuridão seria difícil ver as ondulações que indicavam a aproximação de um verme.

Quando ouviu o *tump tump tump* do artefato, tirou ferramentas da mochila, estendeu as varas fustigadoras e os ganchos do produtor e finalmente rodeou os espetos em suas costas. Em todas as ocasiões anteriores em que tinha convocado vermes, tinha contado com vigias e auxiliares, gente que o ajudava se surgissem dificuldades, mas desta vez Liet-Kynes tinha que fazê-lo sozinho. Completou cada fase segundo o ritual familiar, e se dispôs a esperar.

Do outro lado da colina, Warrick já teria montado e correria através da Grande Extensão. Liet confiava em que poderia recuperar o tempo perdido. Demoraria dois, talvez três dias para chegar a Cova das Aves... e nesse tempo podiam acontecer muitas coisas.

Afundou os dedos na areia e adotou uma imobilidade absoluta. Não soprava vento, não se ouvia outra coisa além do batedor, até que por fim percebeu o vaio estático da areia em movimento, o estrondo do gigante que rastejava sob as dunas, atraído pelo batimento do coração regular do batedor. O verme foi se aproximando, precedido por uma crista de areia.

— *Shai-Hulud* enviou um grande Criador — disse Liet com um longo suspiro.

O verme se desviou para o batedor. Seu enorme lombo segmentado se erguia sobre a areia, coberto de refugos.

Liet ficou paralisado por mais um momento, e depois correu com os ganchos do produtor em ambas as mãos. Mesmo com os filtros do traje destilador, sentiu o cheiro de sulfureto, rocha queimada e dos potentes ésteres acres da melange que gotejava do verme.

Correu junto ao animal, enquanto este engolia o batedor. Antes que o verme pudesse enterrar-se de novo, Liet jogou um dos ganchos e cravou sua ponta reluzente na beira de um segmento. Puxou com todas as suas forças e abriu o segmento, para deixar ao descoberto a carne rosada, muito delicada para tocar as areias abrasivas. Depois se agarrou bem.

Para evitar irritações na ferida aberta entre os segmentos, o verme rodou para cima, arrastando Liet com ele. Estendeu a outra mão, cravou um segundo gancho e o afundou mais no segmento. Puxou de novo para alargar a brecha.

O verme se ergueu em reflexo, acovardado por aquela nova ofensa.

Geralmente, no caso de haver outros cavaleiros fremen, estes abriam mais segmentos, mas Liet estava sozinho. Afundou as botas na carne dura do *Shai-Hulud*, ergueu-se um pouco mais e depois plantou separadores para manter aberto o segmento. O verme surgiu da areia, e Liet deu sua primeira aguilhada para obrigar o verme a dar meia volta e dirigir-se para a Grande Extensão.

Liet segurou suas cordas, terminou de plantar seus ganchos, ficou em pé e olhou para o sinuoso arco do verme. O Criador era enorme! Possuía um ar de dignidade, de grande antigüidade, que remontava às raízes do planeta. Jamais tinha visto um ser semelhante. Poderia montá-lo durante muito tempo, a grande velocidade.

Talvez ultrapassasse Warrick...

Seu verme corria sobre as areias enquanto as duas luas se erguiam no céu. Liet estudou seu curso, com a ajuda das estrelas e das constelações, seguindo a cauda do desenho de um camundongo conhecido como *Muad'Dib*, "o que assinala o caminho", de maneira que sempre sabia orientar-se.

Cruzou o rastro ondulante do que talvez fosse outro grande Criador que tinha atravessado a Grande Extensão. Era muito provável que se tratasse do verme de Warrick, pois *Shai-Hulud* poucas vezes viajava sobre a superfície, a menos que o provocassem. Liet confiava que a sorte estivesse ao seu lado.

Depois de muitas horas, a corrida adquiriu uma monótona familiaridade, e foi invadido por um grande torpor. Poderia cochilar se se amarrasse ao verme, mas Liet não se atreveu. Tinha que permanecer acordado para guiar o monstro. Se *Shai-Hulud* se desviasse do caminho correto, Liet perderia tempo, e não podia permitir isso.

Cavalgou no lombo do monstro durante toda a noite, até que a aurora tingiu o céu e apagou as estrelas. Vigiava a aparição de algum tóptero Harkonnen, embora as patrulhas não costumassem cruzar a linha dos sessenta graus.

Continuou cavalgando durante a manhã, até que ao chegar ao ponto mais quente do dia, o enorme verme tremeu, revolveu-se e combateu toda tentativa de continuar. Estava à beira do esgotamento. Liet não se atreveu a insistir. Os vermes podiam correr até morrer, e isso seria um mau presságio.

Desviou o animal para um arquipélago de rochas. Soltou os ganchos e os separadores, correu ao longo dos segmentos anelados e saltou para terra, segundos antes que o verme mergulhasse na areia. Liet se precipitou para as rochas, a única franja de cor escura em uma monotonia de brancos, torrados e amarelos, uma barreira que separava uma enorme depressão de outra.

Se agachou sob uma manta de camuflagem que repelia o calor e dispôs o temporizador da mochila para que despertasse depois de uma hora. Embora seus instintos e sentidos externos continuassem alerta, seu sonho foi profundo e reparador.

Quando despertou, subiu pela barreira de rochas até chegar à beira do imenso *erg Habbanya*. Liet plantou um segundo batedor e chamou outro verme, muito menor, mas de qualquer modo um animal formidável que lhe permitiria prosseguir viagem. Cavalgou durante toda a tarde.

No final da tarde, os olhos penetrantes de Liet distinguiram uma tênue mancha nas ladeiras em sombras das dunas, um verde cinza onde brincos de erva entrelaçavam suas raízes para estabilizar as dunas deslizantes. Os fremen tinham plantado sementes naquele lugar, tinham cuidado delas. Embora só uma dentre mil brotasse e vivesse o suficiente para reproduzir-se, seu pai estava fazendo progressos. Um dia, Duna voltaria a ser verde.

Durante o hipnótico estrondo do avanço do verme, hora atrás de hora, ouviu os sermões de seu pai: "Ancorem a areia, e arrebataremos do vento uma de seus melhores armas. Em alguns dos cinturões climáticos deste planeta, os ventos não superam os cem *klics* por hora. É o que chamamos "lugares de risco mínimo". As plantações dos lados orientados a favor do vento alimentarão as dunas, criarão amplas barreiras e aumentarão o tamanho destes lugares de mínimo risco. Dessa forma, daremos outro pequeno passo para nosso objetivo."

Liet, meio adormecido, meneou a cabeça. Mesmo aqui, sozinho neste deserto imenso, não posso escapar da voz do grande homem... de seus sonhos, de suas lições.

Mas para Liet ainda restavam horas de viagem. Ainda não tinha visto Warrick, mas sabia que havia muitas rotas. Não diminuiu a velocidade. Por fim, distinguiu uma mancha oscilante no horizonte: a Crista Habbanya, onde se achava a Cova das Aves.

Warrick libertou seu último verme e correu com energias renovadas para as rochas, subindo por um caminho não marcado. As rochas eram de um negro esverdeado e um vermelho ocre, reauecidas e erodidas pelas tormentas de Arrakis. A areia empurrada pelo vento tinha erodido a face do penhasco. De onde estava não via a entrada da cova, mas era de esperar, pois os fremen não podiam correr o risco de que olhos forasteiros a localizassem.

Tinha viajado bem e conseguido bons vermes. Não tinha descansado em nenhum momento, pois experimentava a imperiosa necessidade de encontrar Faroula antes de qualquer coisa, de pedir sua mão... mas também de superar seu amigo Liet. Poderia contar uma bela história a seus netos. Nos *sietch* fremen já estariam falando da grande corrida, de que Faroula tinha lançado um desafio incomum para seu *ahal*.

Warrick subiu com as mãos e os pés até chegar a um rebordo. Perto da abertura camuflada, descobriu um estreito rastro de bota feminina. Faroula o fizera, sem dúvida. Nenhum fremen teria deixado essa marca por acidente. Ela o tinha feito de propósito. Avisava que estava ali, esperando.

Warrick titubeou e respirou fundo. Tinha sido uma longa viagem, e esperava que Liet estivesse bem. Havia a possibilidade de que seu irmão de sangue estivesse se aproximando, já que altas rochas impediam Warrick de ver o deserto circundante. Não queria perder seu amigo, nem mesmo por esta mulher. Confiava que não tivessem que brigar.

Mas queria chegar primeiro.

Warrick entrou na Cova das Aves, formou uma clara silhueta perto da borda da entrada. As sombras do interior o cegaram. Por fim, ouviu uma voz de mulher, palavras sedosas que deslizavam pelas paredes da cova.

— Já era hora — disse Faroula —. Estava esperando.

Não disse seu nome, e por um momento Warrick ficou petrificado. Depois Faroula foi a seu encontro, com a cara de elfo, os braços e as pernas longos e musculosos. Seus grandes olhos pareciam cravar-se em seu interior. Cheirava a ervas doces e potentes aromas, além da melange.

— Bem-vindo, Warrick... meu marido.

Pegou sua mão e o conduziu para o interior da cova.

Warrick, nervoso, sem encontrar as palavras adequadas, manteve a cabeça alta e tirou os filtros do nariz, enquanto Faroula desatava os nós de suas botas.

— Cumpro a promessa que fiz — disse, utilizando as palavras rituais da cerimônia matrimonial fremen —. Verto doce água sobre ti neste lugar ao abrigo do vento.

Faroula continuou com a próxima frase.

— Que nada exceto a água prevaleça sobre nós.

Warrick se aproximou um pouco mais.

— Viverá em um palácio, meu amor.

— Seus inimigos serão destruídos — prometeu ela.

— Conheço-o bem.

— É muito certo.

E disseram em uníssono:

— Percorremos este caminho juntos, que meu amor traçou para ti.

Ao final da bênção e da oração, trocaram um sorriso. O *naib* Heinar celebraria uma cerimônia oficial quando retornassem ao *sietch* da Muralha Vermelha, mas ante Deus e seus corações, Warrick e Faroula já estavam casados. Olharam-se nos olhos durante um longo momento, e depois se internaram nas frias profundezas da caverna.

Liet chegou ofegante, suas botas espalhavam calhaus no caminho enquanto subia para a abertura da cova, mas parou

quando ouviu movimentos em seu interior, vozes. Imaginou que Faroula tivesse levado uma acompanhante, talvez uma criada, ou uma amiga... até que reconheceu a segunda voz, masculina.

Warrick.

Ouviu que terminavam a oração matrimonial e soube que, de acordo com a tradição, haviam se casado. Ela era agora a esposa do seu amigo. Por mais que Liet desejasse Faroula, apesar do pedido que tinha feito ao ver o misterioso *Biyán* branco, a tinha perdido.

Deu meia volta em silêncio e se sentou nas sombras das rochas, protegidas do sol. Warrick era seu amigo e aceitou a derrota com elegância, mas também com uma tristeza profunda. Necessitaria de tempo e forças para superar esse golpe.

Liet-Kynes esperou uma hora com a vista cravada no deserto. Depois, sem aventurar-se no interior da cova, desceu até a areia e chamou um verme para que o levasse de volta para casa.

## 56

*Os líderes políticos não reconhecem os usos práticos da imaginação e das idéias inovadoras, até que mãos ensanguentadas as plantam em frente aos seus narizes.*

*Príncipe herdeiro RAPHAEL CORRINO  
Discursos sobre a liderança galáctica.*

Nos estaleiros dos Cruzeiros, situados nas profundas cavernas de IX, globos luminosos lançavam sombras e reflexos ao longo das vigas mestras. As vigas brilhavam através da neblina de uma fumaça cáustica, produto de solda queimado e ligas fundidas. Os capatazes gritavam ordens. Pranchas estruturais eram soldadas com um estrépito que ressoava nas paredes rochosas.

Os operários escravizados trabalhavam o mínimo possível, impediam os progressos e diminuían os lucros dos tleilaxu. Mesmo transcorridos vários meses desde o início da fabricação, o Cruzeiro não era mais que um armação esquelética.

C'tair tinha se juntado à equipe de fabricação, soldava vigas e armações de apoio que reforçavam a enorme área de carga. Hoje tinha que sair para a gruta, para ver o teto artificial.

Onde poderia contemplar o último estágio do seu plano desesperado...

Depois da série de explosões que Miral e ele tinham desencadeado dois anos antes, os tleilaxu tinham adotado um comportamento ainda mais repressivo, mas os ixianos eram imunes a mais penalidades. O exemplo daqueles dois resistentes tinha proporcionado ao povo força para agüentar. "Rebeldes", que agissem sozinhos ou em pequenos grupos com a determinação

adequada, constituíam um exército formidável, uma força que nenhuma repressão podia deter.

O príncipe Rhombur, carente de informação sobre a situação interna de IX, continuava enviando explosivos e outros fornecimentos à resistência, mas só uma mínima quantidade dos embarques tinha chegado às mãos de C'tair e Miral. Os tleilaxu abriam e inspecionavam cada contêiner. Os operários do *canyon* do porto de entrada tinham sido trocados, e os pilotos das naves substituídos. C'tair perdera todos os seus contatos secretos e voltara a ficar isolado.

De qualquer modos, Miral e ele se alegravam quando viam janelas quebradas, carregamentos internos interrompidos e a produtividade diminuída. Apenas uma semana antes, um homem apolítico, que nunca tinha chamado a atenção, tinha sido surpreso pintando letras em um corredor muito freqüentado: MORTE AOS INSETOS TLEILAXU!

C'tair deslizou com agilidade sobre uma viga mestra para chegar até uma plataforma flutuante, onde recolheu um soldador sônico. Subiu em elevador no alto do esqueleto do Cruzeiro e olhou para baixo. Módulos de vigilância se esquivavam do esqueleto da nave e vigiavam as equipes de operários sob as luzes da caverna. Outros membros da equipe de C'tair continuavam com suas tarefas, ignorantes do que ia acontecer. Um soldador coberto com um macacão se aproximou de C'tair, e ao olhar de esguelha percebeu que era Miral, disfarçada. ocupariam-se disto juntos.

Em qualquer momento.

Os holoprojetores embutidos no céu artificial cintilaram. Nuvens do planeta natal dos tleilaxu estavam semeadas de ilhas arranha-céu projetadas para baixo, profusamente iluminadas. Em outro tempo, esses edifícios tinham parecido estalactites de cristal. Agora, pareciam dentes estilhaçados cravados na rocha.

C'tair se agachou sobre a viga, escutando os ruídos de martelo que ressoavam com um estrondo metálico. Parecia um lobo olhando para a lua. À espera.

Depois, a imagem fictícia do céu oscilou, distorceu-se e mudou de cor, como se nuvens alienígenas estivessem se reunindo para produzir uma falsa tormenta. Os holoprojetores piscaram e projetaram uma imagem muito diferente, tomada na longínqua Caladan. O primeiro plano de um rosto invadiu o céu, como se fosse a cabeça de um deus.

Rhombur tinha mudado muito durante seus dezoito anos de exílio. Parecia muito mais amadurecido, muito mais majestoso, com um olhar endurecido e uma grande determinação em sua voz grave.

— Sou o príncipe Rhombur Vernius — trovejou a projeção, e todos ergueram a vista, atemorizados. Sua boca era tão grande como uma fragata da Corporação, seus lábios se abriam e fechavam para emitir palavras que pareciam ordens celestiais —. Sou o legítimo governante de IX, e voltarei para libertá-los dos seus sofrimentos.

Os ixianos lançaram vivas e exclamações entrecortadas. De sua posição elevada, C'tair e Miral viram que os Sardaukar se moviam de um lado a outro tomados pela confusão, e o comandante Garon gritou para suas tropas imporem a ordem. Os tleilaxu saíram das galerias e gesticularam. Os guardas entraram nos edifícios administrativos.

C'tair e Miral desfrutavam do momento, e se permitiram o luxo de trocar um sorriso de alegria.

— Conseguimos — disseram, palavras que só eles ouviram na confusão reinante.

Tinham dedicado semanas a estudar os sistemas para sabotar os controles dos projetores. Não tinha passado pela cabeça de ninguém tomar precauções para evitar tal manobra, tal manipulação do ambiente cotidiano.

No único embarque que chegara a suas mãos, Rhombur Vernius lhes tinha enviado a mensagem gravada, com a esperança de que pudessem difundi-la entre os ixianos leais. O príncipe tinha sugerido

disseminar pôsteres falados ou mensagens codificadas nos sistemas de comunicação habituais da cidade subterrânea.

Mas o casal de guerrilheiros se decidiu por fazer algo muito mais memorável. Tinha sido idéia de Miral, e C'tair aperfeiçoara muitos detalhes.

O rosto de Rhombur era largo e quadrado, seus olhos brilhavam com uma paixão que qualquer líder exilado invejaria. Seu cabelo vermelho e alvoroçado lhe conferia um aspecto nobre, embora informal. O príncipe aprendera muito sobre política durante os anos vividos na Casa Atreides.

— Devem se rebelar e derrotar seus opressores. Eles não têm direito de lhes dar ordens nem de manipular suas vidas. Acabem com esta enfermidade chamada Bene Tleilax. Unam-se e utilizem os meios necessários para...

As palavras de Rhombur foram interrompidas quando alguém manipulou os controles do complexo administrativo principal, mas a voz do príncipe continuou, insistente:

—... voltarei. Só espero o momento oportuno. Vocês não estão sozinhos. Minha mãe foi assassinada. Meu pai desapareceu graças ao Império. Mas ainda restamos minha irmã e eu, e vigio IX. Minha intenção é...

A imagem de Rhombur se apagou e desapareceu por fim. Uma escuridão mais negra que a noite tomou conta da gruta. Os tleilaxu tinham preferido desconectar todo o céu a permitir que o príncipe Rhombur terminasse seu discurso.

Mas C'tair e Miral continuavam sorrindo na penumbra. Rhombur tinha falado o suficiente, e seus ouvintes imaginariam mais do que o príncipe exilado poderia dizer.

Ao fim de poucos segundos, os globos luminosos se acenderam, luzes de emergência que brilharam dentro da caverna. Soaram alarmes, mas os ixianos já estavam conversando entre si, entusiasmados. Atribuíaam as explosões ao poder do príncipe Rhombur Vernius. Tinham visto as constantes interrupções nas

atividades, e o discurso projetado era o gesto mais importante. Era verdade, pensavam. Até era possível que o príncipe Rhombur estivesse entre eles, disfarçado! A Casa Vernius retornaria e expulsaria os malvados tleilaxu. Rhombur devolveria a felicidade e a prosperidade a IX.

Até os suboides estavam alegres. Com amarga ironia, C'tair recordou que aqueles operários fruto da bioengenharia eram também responsáveis pela queda do conde Vernius. Seu descontentamento estúpido, combinado com sua confiança nas promessas dos tleilaxu, tinha provocado o golpe de estado.

A C'tair pouco importava. Aceitaria qualquer aliado que quisesse lutar.

As tropas Sardaukar irromperam e ordenaram que todos voltassem para suas casas. Alto-falantes ensurdecedores decretaram medidas enérgicas e a lei marcial. As rações seriam reduzidas pela metade e os turnos de trabalho aumentariam. Os tleilaxu já tinham feito isso muitas vezes antes.

C'tair seguiu Miral e outros e desceu das vigas do Cruzeiro até a segurança do chão da caverna. Quanto mais os invasores oprimiam, mais os ixianos se indignavam, até que chegariam ao ponto de erupção.

O comandante Cando Garon, chefe das forças imperiais em IX, deu ordens em um projetor de voz com linguagem de batalha. Os Sardaukar dispararam para o ar para assustar os trabalhadores. C'tair se moveu entre seus companheiros e permitiu que o conduzissem até uma zona de arresto temporário. Alguns seriam detidos e interrogados, mas ninguém poderia demonstrar sua implicação, nem a de Miral. Mesmo que os dois fossem executados por isso, suas façanhas haviam valido a pena.

C'tair e Miral, separados na multidão, obedeceram as ordens iracundas dos guardas Sardaukar. Quando C'tair ouviu que os operários repetiam entre sussurros as palavras do Rhombur Vernius, sua alegria e confiança chegaram ao máximo.

Algum dia, muito em breve, IX seria devolvido a seu povo.

# 57

*Os inimigos se fortalecem, os aliados se enfraquecem.*

*IMPERADOR ELROOD IX*

*Pensamentos no leito de morte.*

Depois de recuperar-se dos açoites, Gurney Halleck trabalhou durante dois meses com uma sensação de terror, pior que a experimentada nos poços de escravos. Uma feia cicatriz avermelhada corria ao longo de sua mandíbula, e ainda doía. Embora a ferida tivesse cicatrizado, os resíduos tóxicos ainda pulsavam com um fogo neural, como se um raio intermitente estivesse sepultado dentro de sua bochecha e mandíbula.

Mas era apenas dor. Gurney podia suportá-la. As feridas físicas significavam muito pouco para ele. Transformaram-se em parte de sua existência.

Estava mais apavorado pelo fato de que o castigo tivesse sido tão pequeno depois de atacar Glossu Rabban. O Harkonnen o açoitara, e os guardas lhe tinham dado uma surra a seguir, de modo que ficou internado por três dias na enfermaria, mas tinha sofrido castigos piores por infrações muito menores. O que lhe estavam reservando?

Recordava o brilho de calculada crueldade nos olhos de Rabban. "Investigue os arquivos, descubra de onde é. E se há algum familiar vivo." Gurney temia o pior.

Passava os dias como um autômato junto com os outros escravos, cada vez mais impaciente e com um nó de medo no estômago. Trabalhava uns dias nos penhascos do monte Ebony e outros nos tanques de processamento da obsidiana. Naves de carga

aterrissavam perto da guarnição e os poços de escravos, e levavam contêineres cheios de cristal vulcânico que seria entregue à Casa Hagal.

Um dia, um par de guardas o tiraram bruscamente dos tanques. Seminu, derramando gotas do líquido oleoso sobre os uniformes dos guardas, Gurney foi conduzido aos trancos até a praça onde Glossu Rabban tinha inspecionado os prisioneiros, onde Gurney o atacara.

Viu uma plataforma baixa e, diante dela, uma cadeira. Nem cadeias nem cordas de linho *shiga*... só a cadeira. assustou-se. Não tinha nem idéia do que o esperava.

Os guardas o sentaram na cadeira e depois se retiraram. Um médico da enfermaria estava em posição de sentido perto, e um grupo de soldados Harkonnen entrou na praça. Os outros escravos continuavam trabalhando nos poços e tanques, e Gurney compreendeu que o aguardava um espetáculo reservado exclusivamente para ele. O que tornava a situação fora imensamente pior.

Quanto mais Gurney demonstrava seu nervosismo, mais satisfeitos ficavam os soldados ao negar-se a lhe responder. Guardou silêncio, enquanto o espesso líquido de processamento formava um frágil filme sobre sua pele.

O médico se aproximou, segurando um pequeno frasco amarelo provido de uma diminuta agulha em um extremo. Gurney tinha visto aqueles frascos amarelos na enfermaria, guardados em um estojo transparente, mas nunca lhe tinham administrado nenhum. O doutor golpeou a ponta contra a garganta do prisioneiro, como se estivesse esmagando uma vespa. Gurney deu um salto, com a garganta e os músculos tensos.

Um quente formigamento se estendeu por todo seu corpo. Seus braços e pernas pesaram como pedaços de chumbo. Remexeu-se várias vezes, e depois não pôde mais se mover. Não podia girar o pescoço, fazer caretas, piscar nem mover os olhos.

O doutor moveu a cadeira e virou a cabeça de Gurney como se fosse um manequim, obrigando-o a olhar para a plataforma situada a frente dele. Gurney compreendeu de repente o que era.

Um cenário. E o obrigariam a ver algo.

Glossu Rabban saiu de um edifício anexo, engalanado com seu melhor uniforme e acompanhado do supervisor, que também se vestiu para a ocasião um uniforme escuro. Tinha prescindido de seus filtros nasais.

Rabban se colocou a frente de Gurney, que não desejava outra coisa que ficar em pé de um salto e estrangular o homem. Mas não podia mover-se. A droga o paralisava por completo, de maneira que tentou concentrar em seus olhos tanto ódio quanto pôde.

— Prisioneiro — disse Rabban, com um sorriso obscuro em seus lábios grossos —. Gurney Halleck, do povoado de Dmitri. Depois que me atacou, tivemos o cuidado de localizar a sua família. O capitão Kryubi nos informou sobre as canções zombeteiras que cantava no bar. Embora fizesse anos que ninguém o via no povoado, nenhum aldeão tinha pensado em denunciar seu desaparecimento. Alguns, antes de que morreram torturados, disseram que supunham que o tínhamos seqüestrado durante a noite. Idiotas.

Gurney sentiu pânico, como asas revoando em sua mente. Quis exigir respostas sobre seus cansados e conservadores pais... mas temia o que Rabban ia dizer de qualquer modo. Mal podia respirar. Seu peito sofria espasmos, para combater a paralisia. Enquanto seu sangue fervia e sua fúria aumentava, era quase incapaz de respirar. Começou a enjoar devido a falta de oxigênio.

— Então todas as peças se encaixaram. Descobrimos que sua irmã tinha sido destinada a uma de nossas casas de prazer... e que você não queria aceitar a ordem natural das coisas. — Rabban encolheu seus ombros largos, enquanto seus dedos acariciavam de maneira significativa o látego, mas não o usou —. Todo mundo conhece seu lugar em *Giedi Prime*, mas parece que você não. portanto, decidimos dar-lhe um aviso muito particular. — Exalou um

suspiro afetado para sublinhar sua decepção —. Infelizmente, minhas tropas foram muito... entusiastas quando pediram a seus pais que se reunissem conosco. Temo que seus pais não sobreviveram à visita. Não obstante...

Rabban levantou uma mão, e os guardas se apressaram a cumprir sua ordem. Gurney, fora de seu campo visual, ouviu uma resistência e um grito de mulher, mas não pôde virar a cabeça. Sabia que era Bheth.

Seu coração se paralisou por um instante ao saber que continuava com vida.

Tinha imaginado que os Harkonnen a haviam matado depois que o capturaram na casa de prazer. Mas agora sabia que a tinham reservado para algo muito pior.

Arrastaram-na, apesar da sua resistência, até a plataforma de madeira. Usava apenas uma camisa rasgada. Tinha o cabelo comprido e desgrenhado, os olhos arregalados de medo, e ainda mais quando viu seu irmão. Gurney voltou a fixar-se na cicatriz em sua garganta. Tinham roubado de Bheth a capacidade de falar ou cantar... e tinham destruído sua capacidade de sorrir.

Seus olhares se encontraram. Bheth não podia falar. Gurney, paralisado, não podia lhe dizer nada, nem sequer se mover.

— Sua irmã sabe qual é seu lugar — disse Rabban —. De fato, serviu-nos bastante bem. Examinei os registros para descobrir o número exato. Esta menina proporcionou prazer a quatro mil, seiscentos e vinte soldados.

Rabban afagou o ombro de Bheth. Ela tentou mordê-lo. Rabban lhe tirou a camisa com um puxão.

Os guardas a estenderam sobre a plataforma, nua. Gurney quis fechar os olhos, mas a paralisia o impediu. Embora soubesse muito bem o que a tinham obrigado a fazer durante os últimos seis anos, ver de novo sua nudez o consternou e ofendeu. Tinha o corpo machucado, e sua pele era uma tapeçaria de cores escuras e cicatrizes.

— Poucas mulheres destinadas a nossas casas de prazer duram tanto como ela — disse Rabban —. Esta tem muita vontade de viver, mas seu tempo acabou. Se pudesse falar, confessaria-nos sua felicidade ao render este último serviço à Casa Harkonnen, ao mesmo tempo em que serve de lição para você.

Gurney tentou mover os músculos. Seu coração martelava e a ira estremecia seu corpo. Mas não pôde mover nem um dedo.

O supervisor foi o primeiro. Abriu-se as vestimentas, e Gurney não teve outro remédio senão olhar enquanto aquele homem pançudo violava sua irmã sobre o cenário. Seguiram-no os cinco guardas, que obedeceram a cada ordem de Rabban. O cruel Harkonnen observava tanto Gurney como o espetáculo que se desenvolvia no cenário. Gurney fervia de raiva, desejava desmaiar com todas as suas forças, mas não lhe estava permitida essa opção.

Rabban foi o último, e obteve o maior prazer. Foi enérgico e brutal, embora então Bheth quase tivesse caído na inconsciência. Quando terminou, Rabban fechou as mãos ao redor do pescoço de Bheth, ao redor da cicatriz branca. A jovem se debateu uma vez mais, mas Rabban lhe torceu a cabeça e a obrigou a olhar para seu irmão enquanto apertava sua garganta. Penetrou-a uma vez mais, com muita brutalidade, e depois os músculos de seus braços se esticaram. Apertou mais, e os olhos de Bheth saíram das órbitas.

Gurney foi obrigado a vê-la morrer na sua frente...

Rabban, duplamente satisfeito, levantou-se e voltou a vestir o uniforme. Sorriu para suas duas vítimas.

— Deixem seu corpo aqui — ordenou —. Quanto tempo durará a paralisia dele?

O médico se aproximou, indiferente ao que tinha presenciado.

— Uma hora, duas no máximo, com essa dose tão pequena. Um pouco mais de *kirar* o teria posto em estado de hibernação, coisa que não teria satisfeito seus desejos, senhor.

Rabban meneou a cabeça.

— Deixemos que a veja até que possa se mover outra vez. Quero que reflita sobre sua má conduta.

Rabban riu e partiu, seguido pelos guardas. Gurney ficou sozinho, sentado na cadeira, sem grilhões. Não podia evitar de olhar a forma imóvel de Bheth, com as pernas abertas sobre a plataforma. Saia sangue da sua boca.

Mas nem a paralisia que prendia seu corpo pôde impedir que escorressem lágrimas de seus olhos...

# 58

*O mistério da vida não é um problema que se possa resolver, mas uma realidade que se deve experimentar.*

*Meditações desde Byfrost Eyrie  
texto budislâmico*

Durante um ano e meio Abulurd Harkonnen foi um homem destroçado. Ocultava seu rosto, envergonhado do horror que tinha visto seu filho cometer. Aceitava sua parte de culpa, mas não suportava ver os olhos perturbados da boa gente de Lankiveil.

Tal como temia, depois da matança de baleias Bjondax em Tula Fjord, a pesca tinha sido ruim. Os povoados foram abandonados, e os pescadores e caçadores de baleias se mudaram para outra parte. As aldeias de madeira ficaram vazias, uma réstia de povoados fantasma em baías rochosas.

Abulurd tinha se despedido de seus criados. Emmi e ele fecharam o pavilhão principal, como uma lápide em memória de uma forma de vida idílica em outro tempo. Abandonaram o edifício com a esperança de que os bons tempos voltariam. Por enquanto, sua esposa e ele viviam em uma pequena dacha, em uma língua de terra isolada que entrava nas águas tintas de sangue do fiorde.

Emmi, que tinha sido tão alegre e viva, parecia agora velha e cansada, como se descobrir a natureza corrupta de seu filho lhe tivesse roubado a energia. Sempre estivera ancorada na realidade, mas seus alicerces se romperam.

Glossu Rabban tinha quarenta e um anos, era um adulto responsável por seus atos. Não obstante, Abulurd e Emmi temiam

ter cometido algum erro, não ter instilado nele o sentido de honra e amor por seus súditos...

Rabban em pessoa tinha dirigido o ataque que destruiu Bifrost Eyrie. Abulurd tinha sido testemunha de sua indiferença quando os guardas jogaram seu avô no abismo. Devido à matança de baleias em Tula Fjord, ele sozinho tinha acabado com a economia de toda a costa. Por meio de um representante da CHOAM, descobriram que Rabban se deleitava em torturar e assassinar vítimas inocentes nos imundos poços de escravos de *Giedi Prime*.

Como este homem pode ser carne de minha carne? Durante o tempo passado em sua dacha solitária, Emmi e Abulurd tentaram conceber um filho. Tinha sido uma decisão difícil mas sua esposa e ele compreenderam por fim que Glossu Rabban já não era seu filho. Afastara-se para sempre do seu amor. Emmi tinha tomado uma decisão, e Abulurd não pôde negar seu pedido.

Embora não pudessem emendar os danos provocados por Rabban, possivelmente poderiam ter outro filho, ao qual educariam bem. Emmi, embora forte e sã, já era velha, e a linhagem Harkonnen nunca tinha dado muitos filhos.

Vitória, a primeira esposa de Dmitri Harkonnen, só tinha lhe dado um filho, Vladimir. Depois de um divórcio amargo, Dmitri tinha contraído matrimônio com a jovem e bela Daphne, mas seu primeiro filho, Marotin, tinha sido um deficiente mental falecido com a idade de vinte e oito anos. O segundo filho de Daphne, Abulurd, foi um menino brilhante que se transformou no favorito do seu pai. Tinham rido, lido e jogado juntos. Dmitri tinha instruído Abulurd nas artes da política, e lhe tinha lido os tratados históricos do príncipe herdeiro Raphael Corrino.

Dmitri nunca passava muito tempo com seu primogênito, mas sua amargurada ex-esposa, Vitória, ensinava-lhe muitas coisas. Embora filhos do mesmo pai, Vladimir e Abulurd não podiam ser mais diferentes. Infelizmente, Rabban tinha saído mais ao barão que a seus próprios pais...

Depois de meses de isolamento auto-imposto, Abulurd e Emmi foram de navio até o próximo povoado da costa, onde tinham a intenção de comprar peixe fresco, verduras e provisões que os armazéns da dacha não tinham. Usavam xales tecidos em blusas acolchoadas, sem as jóias cerimoniais ou os adornos de sua posição.

Quando Abulurd e sua esposa atravessaram o mercado, foram imaginando que os tratariam como a simples aldeãos e ninguém os reconheceria. Mas o povo de Lankiveil conhecia muito bem seu líder. Deram-lhe as boas-vindas e os receberam afetuosamente.

Durante os meses seguintes, Emmi falou com as mulheres dos povoados. Elas sabiam do desejo do seu governador de ter outro filho, alguém que seria educado aqui, e não como um Harkonnen. Emmi se negava a se desesperar.

Um dia, enquanto foram às compras, para encher seus cestos de verduras frescas e peixe defumado envolto em folhas de *kelp* salgadas, Abulurd reparou em uma anciã parada no final do mercado. Usava o hábito azul claro de uma monja budislâmica. Os bordados de ouro e as campainhas de cobre que pendiam de seu pescoço significavam que tinha alcançado a posição mais elevada de sua religião, coisa que poucas mulheres conseguiam. Estava rígida como uma estátua, embora não fosse mais alta que outros aldeãos. Não obstante, sua presença a fazia destacar como um monólito.

Emmi olhou para ela com seus olhos escuros, fascinada, e avançou com a esperança e o assombro refletidos em seu rosto.

— Ouvimos falar de você.

Abulurd olhou para sua mulher, sem saber a que se referia.

A monja tirou o capuz e revelou um crânio recém raspado, rosado e pintalgado, como se não estivesse acostumado à exposição ao frio. Quando franziu o sobreceixo, a pele apergaminhada de seu rosto largo se enrugou como papel. Não obstante, falou com uma voz que possuía qualidades hipnóticas.

— Sei o que deseja, e sei que Budalá concede em algumas ocasiões desejos àqueles que considera dignos. — A anciã se aproximou mais, como se fosse compartilhar com eles um segredo. As campainhas de cobre tilintaram tenuemente —. Suas mentes são puras, suas consciências limpas, e seus corações merecedores de tal recompensa. Já sofreram muita dor. — Seus olhos se endureceram como os de um ave —. Mas devem desejar um filho com todas as suas forças.

— Isso é verdade — disseram Abulurd e Emmi em uníssono. olharam-se e sorriram nervosos. Emmi pegou a mão do seu marido.

— Sim, vejo sua sinceridade. Um começo importante.

A mulher murmurou uma bênção. Depois, como um sinal do próprio Budalá, a sopa de nuvens cinzas se entreabriu, e um raio de sol iluminou o povoado. Os clientes do mercado olharam para Abulurd e Emmi com expressão esperançosa e curiosa.

A monja introduziu a mão em seu hábito e extraiu vários pacotes. Sustentou-os no alto, segurando as bordas com os dedos.

— Extratos de molusco — disse —. Madrepérola moído com pó de diamante, ervas secas que só crescem durante o solstício de verão nos campos de neve. São extremamente potentes. Use-o bem. — Entregou três pacotes a Abulurd e outros tantos a Emmi —. Fervam com chá e bebam antes de fazer amor, mas não esbanjem as energias. Vigiem as luas, ou consultem seus calendários se as nuvens forem muito espessas.

A monja explicou com precisão quais eram as fases mais favoráveis da lua, as épocas do ciclo mensal mais adequadas para conceber um filho. Emmi assentiu e pegou os pacotes como se fossem um grande tesouro.

Abulurd se sentiu bastante cético. Tinha ouvido falar de remédios populares e outras superstições, mas a expressão alegre e esperançosa de sua mulher era tal que não se atreveu a manifestar suas dúvidas. Prometeu em silêncio que, por ela, faria tudo o que aquela estranha mulher tinha sugerido.

Com voz ainda mais baixa, mas sem o menor sinal de vergonha, a mulher lhes explicou detalhadamente certos rituais que deviam executar para potencializar o prazer sexual e aumentar as possibilidades de que o esperma se unisse com um óvulo fértil. Emmi e Abulurd escutaram e concordaram em seguir as instruções.

Antes de voltar para seu navio e abandonar a aldeia, Abulurd comprou um calendário de um mascate.

Ao cair a noite, iluminaram as habitações de sua dacha isolada com velas e acenderam um bom fogo na chaminé, até que seu lar se encheu de uma brilhante luz alaranjada. No exterior, o vento tinha dado espaço para um profundo silêncio, como se contivesse o fôlego. A água do fiorde era um espelho escuro que refletia as nuvens. Os picos das montanhas se perdiam no céu nublado.

Ao longe, na curva da baía, distinguiram a silhueta do pavilhão principal, com as janelas e portas fechadas. As habitações estariam geladas, os móveis cobertos com tecidos, as despensas vazias. Os povoados abandonados eram silenciosos avisos dos buliçosos tempos anteriores à derrota das baleias.

Abulurd e Emmi se estenderam na cama de sua lua de mel, feita de madeira de Elacca, dourada e âmbar, belamente esculpida. Envolveram-se em peles macias e fizeram amor com parcimônia e mais paixão do que tinham experimentado em anos. O sabor amargo do estranho chá da monja perdurava em suas gargantas e os excitava como se voltassem a ser jovens.

Depois, abraçados, Abulurd escutou a noite. Ao longe acreditou ouvir os cânticos das baleias Bjondax, na entrada da baía.

Ambos consideraram um bom presságio.

Uma vez cumprida sua missão, a reverenda madre Gaius Helen Mohiam se livrou de seu hábito budislâmico, envolveu as campainhas decorativas que tinha pendurado em sua garganta e guardou tudo. Picava-lhe o couro cabeludo, mas o cabelo não demoraria a crescer.

Tirou as lentes de contato que disfarçavam a cor de seus olhos e a maquiagem que a tinha envelhecido. A seguir esfregou com loções a pele áspera do rosto para protegê-la dos ventos fortes e do frio de Lankiveil.

Estava a mais de um mês no planeta, tempo que empregara para recolher dados e estudar Abulurd Harkonnen e sua mulher. Em uma ocasião, quando estavam no povoado, repetindo sua rotina mais que previsível, entrara em sua dacha para apoderar-se de cabelos, fragmentos de pele e pedaços de unhas cortadas, algo que a ajudasse a determinar a bioquímica precisa de ambos. Tais elementos lhe proporcionaram toda a informação que necessitava.

As peritas da Irmandade haviam analisado todas as possibilidades e estabelecido a forma de aumentar as probabilidades de que Abulurd Harkonnen tivesse outro filho, um varão. O programa de reprodução do *Kwisatz Haderach* necessitava desta linha genética, e os atos de Glossu Rabban tinham demonstrado que era muito ingovernável, além de velho, para constituir o par perfeito da filha que Jessica teria de Leto Atreides, tal como lhe tinha sido ordenado. A Bene Gesserit necessitavam de outra alternativa Harkonnen masculina.

Foi ao espaçoporto de Lankiveil e esperou a próxima lançadeira. Por uma vez, ao contrário de com o malvado barão, não obrigava outros a ter um filho que não desejavam. Abulurd e sua esposa desejavam outro filho mais que qualquer outra coisa, e Mohiam estava contente de utilizar a experiência da Irmandade para manipular suas probabilidades.

Este novo filho, o irmão menor de Glossu Rabban, tinha um destino importante pela frente.

## 59

*A tarefa que nos impusemos é a liberação da imaginação, e a submissão da imaginação à criatividade física do homem.*

*FRIEDRE GINAZ*

*Filosofia do mestre espadachim.*

Um entardecer em outra ilha de Ginaz, com extensões de terra verde inclinada, vales de rochas de lava negra e ganho. Cabanas de bálago e folhas de palmeira se elevavam em clareiras salpicadas de montículos de erva que o vento agitava. Havia canoas nas praias. Os pontos brancos das velas salpicavam as lacunas.

As barcos de pesca fizeram que Duncan Idaho pensasse com saudade em Caladan, seu lar.

Os estudantes que restavam tinham passado por um dia muito pesado dedicado às artes marciais, praticando a arte do equilíbrio. Os alunos lutavam com facas curtas, entre afiadas estacas de bambu cravadas no chão. Dois de seus companheiros de classe tinham sofrido feridas graves ao cair sobre as estacas. Duncan tinha aberto a mão, mas ignorou o corte avermelhado. Ele iria sarar. "As feridas dão melhores lições que os discursos", tinha comentado o mestre espadachim.

Os estudantes tiveram um descanso para receber o correio. Duncan e seus companheiros esperaram ao redor de uma plataforma de madeira, situada em frente a seus barracões provisórios, a que Jeh-Wu, um de seus primeiros professores, chamasse-os pelo nome e distribísse cilindros de mensagens e pacotes de entropia nula. A umidade fazia os longos cachos negros de Jeh-Wu penderem como trepadeiras ao redor de sua cara de iguana.

Tinham passado dois anos desde a terrível noite em que Trin Kronos e outros estudantes de Grumman foram expulsos da Escola de Ginaz. Segundo os escassos informes que chegavam aos alunos, o imperador e o *Landsraad* chegaram a um acordo sobre o castigo que Grumman devia receber pelo seqüestro e assassinato de dois membros da família ecazi. O visconde Moritani, desmedido, continuava com sua política agressiva, enquanto outras Casas aliadas iniciavam sutis maquinações para apresentá-lo como a parte ofendida do litígio.

O nome do duque Atreides se mencionava cada vez mais com admiração. À princípio, Leto tinha tentado mediar o conflito, mas agora apoiava sem reservas ao arquiduque Ecaz, e tinha impulsionado um acordo entre as Grandes Casa para frear a agressão de Grumman. Duncan estava orgulhoso de seu duque, e gostaria de saber mais sobre o que acontecia na galáxia. Desejava voltar para Caladan e apoiar o duque Leto.

Durante seus anos em Ginaz, Duncan tinha se tornado amigo de Hiih Resser, o único grumman que tivera coragem de condenar a agressão de seu planeta. A Casa Moritani cortara todos os vínculos com Resser pelo que considerava uma traição. A cota de Resser era paga agora graças a uma reserva de recursos imperiais, pois seu adotivo o repudiara em público ante a corte do visconde.

Enquanto Duncan esperava junto ao ruivo, estava claro que o jovem não ia receber nenhuma mensagem do exterior, nem então nem nunca.

— Possivelmente você tenha uma surpresa, Hiih. Não tem alguma antiga namorada que te escreva?

— Depois de seis anos? Impossível.

Depois da expulsão dos moritani, Duncan e Resser passavam juntos a maior parte de seu tempo livre. Jogavam xadrez piramidal e pôquer inverso, viajavam ou nadavam no mar bravo. Duncan escrevera ao duque Leto para sugerir que o jovem aluno de Grumman fosse admitido na Casa Atreides.

Resser, como Duncan, era órfão desde os dez anos. Tinha sido adotado por Arsten Resser, um dos principais conselheiros do visconde Hundro Moritani. Resser nunca se deu bem com seu filho adotivo, sobretudo durante a adolescência. Seguindo uma tradição familiar que se cumpria em gerações alternadas, o ruivo tinha sido enviado a Ginaz. Arsten Resser estava convencido de que a academia quebrantaria o espírito do seu filho adotivo rebelde. Em vez disso, Hiih Resser estava em sua melhor forma e tinha aprendido muito.

Quando ouviu seu nome, Duncan se adiantou para receber um pacote pesado.

— Pasteizinhos de melange de sua mãezinha? — zombou Jeh-Wu.

Antes, Duncan teria se enfurecido e atacado ao homem por sua provocação, teria lhe cortado um cacho atrás de outro como caules de aipo. Agora, em vez disso, utilizou palavras diferentes.

— Minha mãe foi assassinada por Glossu Rabban em *Giedi Prime*.

Jeh-Wu pareceu muito incomodado. Resser apoiou uma mão no ombro de Duncan e o devolveu à fila.

— Algo de sua casa? — Afundou os dedos no pacote —. É uma sorte ter alguém que se preocupe com você.

Duncan olhou para ele.

— Caladan é meu lar, depois do que os Harkonnen me fizeram.

Recordou o que Leto havia lhe dito na última manhã, durante o café, quando o duque tinha lhe dado a espada maravilhosa: "Nunca se esqueça da compaixão."

Duncan, guiado por um impulso, estendeu o pacote e olhou para o brasão do falcão vermelho no pacote.

— Fique com o que tiver. A comida, ao menos. As holofotos e mensagens são para mim.

Resser aceitou o pacote com um sorriso, enquanto Jeh-Wu continuava distribuindo cilindros.

— Possivelmente a compartilhe com você, ou não.

— Não me desafie para um duelo, porque perderá.

— Claro, claro — murmurou seu amigo, risonho.

Os dois se sentaram em uma escada dos barracões e contemplaram as barcos de pesca no lago. Resser rasgou o pacote com mais entusiasmo do que Duncan teria usado. Extraiu vários contêineres fechados e olhou através do plaz transparente para as partes de cor laranja que continham.

— O que é isto?

— Melão paradan! — Duncan estendeu a mão para o contêiner, mas Resser o afastou de seu alcance e o examinou com ar cético —. Não ouviu falar deles? O manjar mais doce do Império. Meu favorito. Se soubesse que me enviavam isto... — Resser lhe devolveu o contêiner e Duncan o abriu —. Faz um ano que não via um. As colheitas foram danificadas por causa de um plâncton invasor.

Estendeu uma fatia de fruta em conserva para Resser, que deu uma pequena dentada e se obrigou a engoli-lo.

— Muito doce para meu gosto.

Duncan comeu outro pedaço, e depois mais dois, antes de fechar o contêiner. Para alegria de Resser, encontrou deliciosos bolos de Baía feitos a base de arroz pundi e mel, envoltos em papel de especiaria.

Por fim, descobriu três mensagens no fundo do pacote, escritos a mão sobre um pergaminho que tinha o selo da Casa Atreides. Saudações de Rhombur, animando-o a não se desesperar; uma nota de Thufir Hawat em que expressava quanto ansiava por sua volta ao castelo de Caladan; uma mensagem de Leto, em que prometia considerar a possibilidade de destinar Hiih Resser a Guarda da Casa Atreides, desde que o ruivo completasse com êxito seu treinamento.

Apareceram lágrimas nos olhos de Resser quando seu amigo deixou que lesse as notas. Voltou a cabeça para que Duncan não as visse.

— Faça a Casa Moritani o que fizer — disse Duncan, rodeando as costas de seu amigo com um braço —, você terá um lugar. Quem se atreveria a desafiar a Casa Atreides, sabendo que tem a dois mestres espadachins?

Naquela noite, Duncan sentia tanta saudade de seu lar que não conseguiu dormir, de modo que pegou a espada do velho duque, saiu para o exterior e praticou à luz das estrelas, batendo-se em duelo com inimigos imaginários. Tinha passado muito tempo desde que vira os ondulantes mares azuis de Caladan pela última vez, mas ainda se recordava do lar que escolhera, e quanto devia à Casa Atreides.

## 60

*A natureza se moveu de uma maneira inexplicável para trás e para frente para produzir a maravilhosa e sutil especiaria. Alguém se sente tentado a sugerir que só a intervenção divina pôde produzir uma substância que, por um lado, prolonga a vida humana, e pelo outro, abre as portas interiores da psique aos prodígios do Tempo e da Criação...*

*HIDAR FEN AJIDICA*

*Notas de laboratório sobre a natureza de Melanie*

No espaçoporto subterrâneo de Xuttuth, o pesquisador chefe Hidar Fen Ajidica viu que a nave de Fenring se afastava da parede do *canyon*, uma larga fissura na casca do planeta. Em teoria uma pitoresca garganta vista de cima, a fissura permitia o acesso aos mundos seguros do subsolo. A nave de Fenring se transformou em um ponto luminoso no frio céu azul.

Me livre de boa! Sempre podia esperar que o intrometido observador imperial morresse em uma explosão aérea, mas infelizmente a nave alcançou sua órbita sem problemas.

Ajidica voltou para os túneis e tomou um elevador que desceu às profundezas. Já tivera bastante ar fresco e espaços abertos.

A inesperada visita do ministro da Especiaria tinha consumido dois dias... tempo perdido, no que dizia respeito ao pesquisador chefe. Estava ansioso por retornar para seus experimentos para obter especiaria artificial, que estavam se aproximando da fase final.

Como vou conseguir algo com esse homem me pisando os calcanhares?

Para piorar a situação, um representante tleilaxu chega dentro de uma semana. Agora, parecia que os compatriotas de Ajidica não confiavam nele. Enviavam seus relatórios aos Amos do sagrado planeta natal, que os comentava no *kehl* geral, o conselho mais sagrado de seu povo. Mais inspeções. Mais interferências.

Mas quase alcancei meu objetivo...

Seguindo as minuciosas instruções do pesquisador chefe, os ajudantes do laboratório tinham preparado uma importante modificação nos novos tanques de *axlotl*, os sagrados receptáculos biológicos em que se cultivavam variações de especiaria. Com esses ajustes poderia avançar até a próxima fase: experimentos reais, e depois a produção de *amal*.

No interior do pavilhão de pesquisa, Hidar Fen Ajidica e sua equipe tinham conseguido mais sucessos do que se atrevia a revelar ao inseto do Fenring, e também ao seu povo. Dentro de um ano, dois no máximo, esperava solucionar o escorregadio quebra-cabeças. E então colocaria em prática o plano que já pusera em ação, roubar o segredo do *amal* e utilizá-lo em benefício próprio.

Quando chegasse esse momento, nem sequer as legiões de Sardaukar estacionadas em segredo poderiam detê-lo. Antes que percebessem, Ajidica desapareceria com seu troféu, e depois destruiria os laboratórios. E ficaria com a especiaria artificial.

Havia outras coisas que podiam interferir nos planos de Ajidica, é claro, mas as desconhecia. Havia espiões em Xuttuh. Os Sardaukar e a força de segurança da Ajidica tinham descoberto e executado mais de uma dúzia enviados por diferentes Grandes Casas. Mas também corriam rumores de que uma agente da Bene Gesserit se infiltrara no planeta. Oxalá aquelas bruxas se ocupassem de seus assuntos.

Enquanto voltava de trem para suas instalações de alta segurança, o pesquisador chefe meteu uma pastilha vermelha na boca e a mastigou. A medicação, que tratava sua fobia do mundo subterrâneo, tinha sabor de carne de *bacer* podre tirada de um tanque fedido. Perguntou-se por que os farmacêuticos não

fabricavam medicamentos que tivessem um gosto melhor. Não devia ser mais que uma questão de aditivos.

O pavilhão de investigações era composto de quinze edifícios brancos ligados por passagens elevadas, correias transportadoras e sistemas de vias, todos rodeados por poderosos mecanismos defensivos e janelas reforçadas unidirecionais. Tropas Sardaukar protegiam o complexo.

Ajidica tinha adaptado a ciência genética *tleilaxu* às instalações de fabricação avançadas que a Casa Vernius tinha abandonado depois de sua derrota. Os vencedores se apropriaram de montes de materiais brutos e, graças a intermediários, tinham obtido recursos adicionais de outros planetas. Em troca de suas vidas, certo número de diretores de fábricas e cientistas *ixianos* colaboraram no processo de reciclagem.

O vagão parou em frente as paredes do pavilhão. Depois de atravessar os sistemas de segurança, Ajidica subiu em uma plataforma branca. Dali tomou um elevador até a seção maior, onde novas "candidatas" se adaptavam a tanques de *axotl* modificados. Todo sobrevivente *ixiano* queria saber o que ocorria no interior da instalação secreta, mas ninguém tinha provas. Só suspeitas, e um medo cada vez maior.

No pavilhão de pesquisas, Ajidica contava com a instalação de fabricação mais avançada do Império, incluindo complexos sistemas de manipulação de materiais para transportar amostras. A natureza experimental do Projeto Amal exigia um amplo leque de produtos químicos e espécimes, assim como a eliminação de enormes quantidades de resíduos tóxicos, tudo o que Ajidica realizava com eficácia sem par. Jamais tinha tido acesso a algo tão avançado, nem mesmo no próprio *Tleilax*.

Ajidica atravessou uma porta de biosegurança, entrou em uma imensa sala onde os operários estavam terminando de instalar as conexões preliminares no chão, em preparação dos novos tanques de *axotl*, ainda vivos, que seriam transportados ao pavilhão.

Meus experimentos devem continuar. Depois que eu tiver descoberto o segredo, controlarei a especiaria e poderei destruir todos esses demônios que dependem dela.

# 61

*A liberdade é um conceito escorregadio. Alguns homens se consideram prisioneiros mesmo quando possuem o poder de fazer o que quiserem e irem onde desejarem, enquanto que outros são livres em seus corações, embora estejam presos.*

*Sabedoria zensunni da Peregrinação.*

Gurney Halleck rompeu de propósito o mecanismo da Cuba de processamento de obsidiana, o que provocou uma rachadura no contêiner. O líquido se derramou sobre o chão sujo. Preparou-se para o castigo que o aguardava.

O primeiro passo em seu desesperado e frio plano de fuga. Como era de esperar, os guardas vieram correndo, com os porretes neurônicos e as manoplas preparadas. Dos dois meses transcorridos desde o assassinato de Bheth, os Harkonnen estavam seguros de ter apagado todo hábito de resistência naquele homem de cabelo loiro. Gurney ignorava por que não o tinham matado. Não porque admirassem sua têmpera nem porque fosse um homem duro. O mais provável era que obtivessem um prazer sádico em atormentá-lo e deixar que voltasse a receber mais.

Precisava receber feridas graves, que precisassem de atenção médica. Queria que os guardas lhe fizessem mais dano que de costume, talvez um par de costelas quebradas. Depois, os médicos o tratariam na enfermaria e se esqueceriam dele enquanto sarava. Então seria quando Gurney agiria.

Lutou com os guardas quando atacaram. Outros prisioneiros teriam se rendido em seguida, mas se Gurney não tivesse lutado teria despertado suas suspeitas. Resistiu com ferocidade, mas os

guardas o golpearam, chutaram e amassaram a cabeça contra o chão.

Sentiu-se invadido pelo negrume e dor, à beira das náuseas, mas os guardas, animados pela descarga de adrenalina, não pararam. Sentiu que seus ossos se quebravam. Cuspiu sangue.

Enquanto Gurney perdia a consciência, temeu ter ido muito longe. Talvez desta vez o matassem...

Durante dias, os trabalhadores dos poços de escravos estiveram carregando um embarque de obsidiana azul. O transportador de carga, protegido por uma cerca, esperava no campo de aterrissagem, com as pranchas do casco erodidas devido às numerosas viagens de ida e volta à órbita. Um grupo de guardas vigiavam o carregamento, mas não prestavam muita atenção. Nenhum homem ia por vontade própria ao coração de um poço de escravos, e os guardas estavam convencidos de que nenhum tesouro tentaria o ladrão mais ambicioso do universo.

O abundante embarque tinha sido encomendado pelo duque Leto Atreides, através de mercadores de Hagal. Inclusive Gurney sabia que os Atreides tinham sido durante gerações adversários da Casa Harkonnen. Rabban e o barão se regozijaram ao saber que vendiam um embarque tão caro ao seu maior adversário.

A Gurney só importava que o embarque partisse logo... e isso significava segui-lo para muito longe dos poços de escravos.

Quando recuperou por fim a consciência, descobriu que se encontrava em uma cama da enfermaria. Os lençóis estavam manchados dos pacientes anteriores. Os médicos dedicavam poucos esforços em manter os prisioneiros vivos. Não era econômico. Se os prisioneiros feridos pudessem ser curados com um mínimo de tempo e cuidado, eram devolvidos ao trabalho. Se morressem, as incursões Harkonnen conseguiam substitutos rapidamente.

Gurney permaneceu imóvel e procurou não gemer nem chamar a atenção. Em um beliche adjacente, um homem se retorcia de dor. Com os olhos entreabertos, Gurney viu que a bandagem do coto do

braço direito estava empapado de sangue. perguntou-se por que os médicos se incomodaram. Assim que o supervisor barrigudo visse o escravo mutilado, ordenaria sua execução.

O homem gritou, devido a dor horrível ou por ter tomado consciência do seu destino. Dois médicos o seguraram e injetaram um pulverizador. Não era um mero tranqüilizador. Ao fim de poucos momentos, emitiu um gorgolejo e emudeceu. Meia hora depois, homens uniformizados levaram o corpo, enquanto cantarolavam uma marcha militar, como se repetissem aquele ritual todo o dia.

Um médico se aproximou de Gurney, examinou-o e explorou. Embora emitisse os gemidos apropriados, fingiu que continuava inconsciente. O doutor bufou e se afastou. Com os anos, os médicos já tinham dedicado tempo demais para curar as repetidas feridas de Gurney Halleck.

Quando as luzes se apagaram no complexo, a enfermaria mergulhou em um pesado silêncio. Os médicos se livraram de seus vícios químicos, semuta ou outras drogas dos armazéns farmacêuticos. Realizaram um último exame superficial do paciente semicomatoso. Gurney grunhiu, fingindo estar mergulhado em um pesadelo. Um médico se inclinou sobre ele com uma agulha, provavelmente um sedativo, mas depois meneou a cabeça e partiu. Talvez quisesse que Gurney suasse e despertasse em plena noite.

Assim que os médicos se foram, Gurney abriu os olhos e tocou as bandagens para fazer uma idéia de suas feridas. Vestia apenas uma bata de hospital, remendada e puída, como seu corpo.

Tinha muitas contusões, assim como várias costuras. Sua cabeça doía: uma fratura no crânio, ou ao menos uma comoção cerebral. Entretanto, enquanto lutava, Gurney tinha sabido proteger seus membros. Ainda podia se mover.

Pousou os pés sobre o chão frio e imundo da enfermaria. Teve um acesso de náusea, mas passou. Quando aspirou uma profunda baforada de ar, suas costelas doeram como se o tivessem esfaqueado. Mas ele sobreviveria.

Atravessou a habitação com passo vacilante. Os médicos tinham deixado globos acesos como luzes de emergência. Os pacientes roncavam ou gemiam na noite, mas ninguém reparou nele. Também doía a cicatriz produzida pelo chicote, o que ameaçava lhe provocar uma terrível dor, mas Gurney a ignorou. Agora não.

Plantou-se em frente ao estojo de primeiro socorros e viu uma prateleira com ampolas de *kirar*, a droga que Rabban utilizara para deixá-lo paralisado e indefeso durante a prolongada violação e assassinato de Bheth.

Gurney abriu a tampa do estojo de primeiro socorros e rompeu o fecho. Tentou disfarçar os danos para que os médicos não o descobrissem em seguida.

Como ignorava qual era a dose apropriada, pegou um punhado de ampolas amarelas terminadas em uma agulha. Cada frasco parecia com uma vespa, feita de polímeros macios. Deu meia volta, mas se deteve. Se alguém reparasse no armário forçado e nas ampolas desaparecidas, possivelmente adivinharia o que pretendia, de modo que se apoderou de outras drogas potentes, calmantes e alucinógenos, que atirou no incinerador. Guardou alguns calmantes, para o caso de precisar. Os Harkonnen suporiam que tinha roubado diversas drogas, não só o *kilar*.

Procurou roupas, encontrou um uniforme de cirurgião manchado de sangue e decidiu que era melhor que sua bata. Vestiu-se, mesmo com as dores que atormentavam seu corpo, e depois descobriu algumas cápsulas energéticas, mas não comida sólida. Engoliu os tabletes ovalados, sem saber quanto tempo necessitaria delas para se alimentar. Agachou-se, forçou a porta da enfermaria e saiu para a escuridão, uma sombra entre sombras.

Gurney contornou as cercas eletrificadas que rodeavam o complexo, um sistema destinado mais a intimidar que a reforçar a segurança. Era bastante fácil atravessar as barreiras. Globos luminosos lançavam poças de luz brilhante sobre a zona de aterrissagem, mas os globos estavam sintonizados e colocados

aleatoriamente, de maneira que deixavam longas ilhas de escuridão.

Gurney aproveitou os espaços escuros para se aproximar dos volumosos contêineres cheios de obsidiana, que ninguém vigiava. Abriu uma trava metálica que rangeu. Vacilou, mas qualquer atraso podia ser fatal, de modo que se jogou pelo conduto. Deixou que a trava se fechasse imediatamente.

Deslizou por uma rampa metálica onde suas roupas se engancharam e rasgaram, até aterrissar sobre os montes de obsidiana azul tratada quimicamente. Suas bordas eram cristais afiados, mas para Gurney pouco importava mais alguns cortes e arranhões, tendo em conta o que já tinha sofrido. De qualquer modo, procurou evitar cortes profundos.

Afundou-se ainda mais. Cada pedaço de obsidiana era do tamanho de seu punho ou maior, mas eram irregulares e desiguais. Muitas peças eram longas placas reluzentes. O contêiner estava quase cheio, e as equipes o esvaziariam pela manhã antes que o transportador decolasse. Gurney tentou ocultar-se para que não o vissem.

O peso do cristal vulcânico o oprimiu quando o empurrou por cima de sua cabeça. Mal podia respirar. Sua pele ardia por causa dos cortes, mas foi se aprofundando pouco a pouco, até encolher-se em um canto, de maneira que ao menos dois lados eram de metal sólido. Tentou rodear-se de peças que sustentassem o peso acima. O peso pioraria quando jogassem mais obsidiana sobre ele, mas sobreviveria... e mesmo que não sobrevivesse, aceitaria o risco. Morrer tentando escapar dos Harkonnen era melhor que viver sob seu jugo.

Quando conseguiu colocar alguns pedaços grandes de obsidiana sob peça em que se refugiava, cessou em seus esforços. Não via nada, nem mesmo o tênue brilho azul do cristal ativado. Respirar era quase impossível. Mexeu o braço para extrair as ampolas amarelas de *kirar*. Encheu seus pulmões de ar.

Apenas uma dose da droga não o colocara em um coma bastante profundo, mas três possivelmente o matariam. Segurou-as com uma mão e cravou duas ampolas em sua coxa ao mesmo tempo. Guardou as outras a seu lado, caso necessitasse de mais uma dose durante a viagem.

A paralisia percorreu seus musculares como uma exalação. A droga o mergulharia em estado de hibernação, diminuiria o ritmo de sua respiração e suas necessidades corporais quase até as portas da morte. Talvez, com sorte, o mantivesse vivo...

Embora o duque Atreides ignorasse que tinha um vagabundo no embarque, Gurney Halleck devia sua fuga de *Giedi Prime* ao governador de Caladan, o inimigo dos Harkonnen.

Se conseguisse sobreviver até chegar ao centro de distribuição de Hagal, Gurney confiava em escapar enquanto descarregassem a obsidiana azul para ser cortada, polida e transportada. Fugiria e encontraria um modo de sair do planeta, caso necessário. Depois de sobreviver em *Giedi Prime* durante tantos anos, duvidava de encontrar um lugar pior no Império.

Gurney conjurou a imagem de seu benfeitor involuntário, o duque da Casa Atreides, e notou que um sorriso se formava em seu rosto antes que a hibernação se apoderasse de seu corpo.

## 62

*O paraíso tem que ser o som da água ao correr.*

*Provérbio fremen.*

Liet-Kynes retornou à base de contrabandistas antártica três anos depois que Warrick e ele a descobriram por acaso. Agora que tinha perdido toda esperança de conseguir a mulher que amava, não tinha nada a perder. Por fim, a intenção de Liet era reclamar o pagamento que Dominic Vernius tinha prometido. Pediria ao contrabandista que o tirasse do Duna, que o levasse a outro planeta, longe de casa.

Antes que um orgulhoso e sorridente Warrick voltasse da Cova das Aves com sua bela esposa, Liet desejara desesperadamente esforçar-se por felicitar o casal. Quando os vigias postados no penhasco que dominava o *sietch* anunciaram a chegada de um verme de areia com dois cavaleiros, Liet se retirou para seus aposentos para meditar e rezar. Amava seu irmão de sangue, e também a Faroula, e não guardava ressentimento ou rancor. Os fremen tinham um ditado: "Todo pensamento ruim, por ínfimo que seja, tem que ser eliminado imediatamente, antes de que arraigue."

Abraçara Warrick na entrada do *sietch* da Muralha Vermelha, indiferente ao pó e ao forte aroma de especiaria e suor, produto de muitas horas no lombo de um verme. Observou que uma aura de felicidade rodeava seu amigo.

Por sua vez, Faroula parecia contente. Saudou Liet com formalidade, tal como correspondia a uma mulher recém casada. Liet sorriu para os dois, mas sua recepção agridoce se perdeu na avalanche de felicitações de outros, incluindo a voz áspera de Heinar, pai de Faroula e *naib* do *sietch*.

Poucas vezes Liet-Kynes se aproveitou da fama de seu pai, mas para a celebração nupcial tinha conseguido uma cesta de fruta fresca do estufa da Depressão de Gelo: laranjas, tâmaras e figos, assim como um cacho de bagos Li, procedentes de Bela Tegeuse. Tinha depositado o presente na habitação vazia que Warrick e Faroula compartilhariam, e os esperava quando se retiraram para dormir.

Graças a tudo isso, Liet-Kynes se transformou em um homem mais forte.

Entretanto, durante os meses seguintes, não pôde fingir que não houberam mudanças. Seu melhor amigo estava preso agora a outros compromissos. Tinha uma esposa, e logo, pela graça do *Shai-Hulud*, uma família. Warrick já não podia dedicar muito tempo aos ataques dos comandos que açulavam os Harkonnen.

Mesmo depois de um ano, sua dor não tinha diminuído. Liet ainda desejava Faroula mais que a qualquer outra mulher, e duvidava que se casasse, agora que a tinha perdido. Se continuasse vivendo no *sietch* da Muralha Vermelha, sua tristeza se transformaria em amargura, e não queria sentir inveja de seu amigo.

Frieth compreendia os sentimentos de seu filho.

— Liet, vejo que precisa abandonar este lugar durante algum tempo.

O jovem assentiu, enquanto pensava na longa viagem até as regiões polares.

— Seria melhor que me dedicasse a... outras tarefas.

Apresentou-se como voluntário para entregar o próximo suborno de especiaria a Rondo Tuek, uma árdua travessia que poucos empreendiam de boa vontade.

— Diz-se que não só os ouvidos captam os ecos — disse Frieth —. Os ecos da memória se escutam com o coração. — Sua mãe sorriu e apoiou uma mão magra em seu ombro —. Vá aonde precisar. Eu explicarei tudo ao seu pai.

Liet se despediu do *sietch*, de Warrick e Faroula. Os outros fremen intuíram seu desassossego e desgosto.

— O filho do *Umma* Kynes deseja partir em *hadj* — disseram, como se sua viagem fosse uma espécie de peregrinação santa. E talvez fosse, uma busca de paz interior, de um propósito definido. Sem Faroula, precisava encontrar outra obsessão que o impulsionasse.

Tinha vivido à sombra de Pardot Kynes por toda sua vida. O planetólogo tinha preparado Liet para que fosse seu sucessor, mas o jovem nunca tinha esquadrinhado seu coração para decidir se esse era o caminho que desejava seguir.

Os jovens fremen escolhiam freqüentemente a profissão de seus pais, mas nem todos. O sonho de despertar Duna era poderoso, e inspirava, e exigia, paixões intensas. Mesmo sem seu filho de dezenove anos, *Umma* Kynes ainda contava com seus fiéis lugares-tenentes Stilgar, Turok e Ommun, assim como com os líderes secundários. O sonho não morreria, com independência do que Liet decidisse.

Algum dia, seria seu chefe, mas só se se entregasse de todo coração ao problema. Irei e tentarei compreender o propósito que arde no coração de meu pai.

Tinha decidido voltar a ver Dominic Vernius.

Com a habilidade fremen para seguir rastros por terrenos abruptos ou carentes de sinais, Liet-Kynes contemplou a extensão antártica. Já tinha entregue sua carga de essência de especiaria destilada, que seria transportada em segredo aos agentes da Corporação. Mas em vez de retornar a seu *sietch*, em vez de ir inspecionar os palmeirais, tal como se esperava dele, Liet mergulhou nas regiões polares, em busca dos contrabandistas.

Sob a tênue luz inclinada, tentou distinguir irregularidades na parede da geleira que lhe indicassem o labirinto de cavernas. Agradou-lhe ver que os contrabandistas tinham feito todas as modificações sugeridas por Warrick e ele. Sob a alta linha de rocha

impregnada de gelo encontraria um profundo precipício, em cujo fundo descansavam as naves de Dominic.

Encaminhou-se para a base do penhasco. Suas mãos estavam congeladas, e suas bochechas ardiam por causa do frio. Como ignorava como entrar na base, procurou uma passagem e confiou que os refugiados o veriam e o convidariam a entrar, mas ninguém apareceu.

Liet investiu uma hora tentando fazer que o vissem, gritou e agitou os braços, até que por fim uma pequena rachadura se abriu com um rangido e vários homens saíram apontando fuzis laser.

O jovem Liet-Kynes ergueu o queixo com calma.

— Vejo que continuam tão vigilantes como sempre — disse sarcasticamente —. Parece que necessitam de minha ajuda mais do que eu imaginava. — Como os homens continuassem apontando as armas, Liet franziu o sobrecenho e apontou para o homem com o rosto picado de varíola e que lhe faltava uma sobrancelha, e para o veterano de cabelo grisalho —. Johdam, Asuyo, não me reconhecem? Estou mais velho e mais alto, com um pouco de barba, mas não tão diferente de antes.

— Todos os fremen se parecem — grunhiu Johdam.

— Então todos os contrabandistas são míopes. Vim ver Dominic Vernius.

Agora teriam que matá-lo por saber demais ou levá-lo para dentro. Liet entrou nos túneis, e os contrabandistas fecharam a porta a suas costas.

Quando passaram em frente ao muro de observação, Liet olhou para o fundo do precipício, onde se achava o campo de aterrissagem. Grupos de homens corriam de um lado para outro como formigas, carregando fornecimentos nas naves.

— Estão preparando uma expedição — disse Liet.

Os dois veteranos olharam para ele sem pestanejar. Asuyo, com o cabelo branco mais arrepiado que nunca, inchou o peito para exibir novas medalhas e insígnias que tinha acrescentado a seu

uniforme... mas ninguém parecia impressionado, exceto ele. A expressão de Johdam continuava amargurada e cética, como se já tivesse perdido muitas coisas e só esperasse acabar logo.

Desceram por um elevador a base da fenda e pisaram no cascalho da depressão. Liet reconheceu a figura imponente de Dominic Vernius. Sua calva brilhava sob a tênue luz polar. O líder dos contrabandistas viu o traje destilador do visitante e o reconheceu imediatamente. Agitou uma mão e se aproximou.

— Caramba, moço, voltou a se perder? Foi mais difícil encontrar nosso esconderijo, agora que nos ocultamos melhor?

— Foi mais difícil conseguir que seus homens me vissem — disse Liet —. Seus sentinelas deviam estar dormindo.

Dominic riu.

— Meus sentinelas estão muito ocupados carregando as naves. Temos que subir a um Cruzeiro, onde já reservamos e pagamos pelo espaço de amarração. O que posso fazer por você? Neste momento estamos muito apressados. Liet respirou fundo.

— Você me prometeu um favor. Vim solicitá-lo.

Mesmo surpreso, os olhos de Dominic cintilaram.

— Muito bem. Quase todos que espera um pagamento não demoram três anos para tomar uma decisão.

— Posso muitas habilidades, e posso ser um membro valioso de sua equipe — disse Liet —. Leve-me com você.

Dominic pareceu espantado, mas depois sorriu. Deu uns tapinhas no ombro de Liet.

— Suba a bordo de minha nave capitânia e falaremos do assunto.

Apontou para a rampa que subia a uma fragata muito velha.

Dominic tinha espalhado tapetes e outros objetos por seu camarote particular para que parecesse um lar. O conde renegado indicou a Liet que se sentasse em uma das poltronas de suspensão. O tecido estava puído e manchado, por décadas de muito uso, mas

Liet não se importou. Em um lado do escritório de Dominic brilhava uma holofoto sólida de uma bela mulher.

— Explique-se, rapaz.

— Você disse que um fremen seria útil para reforçar a segurança de sua base em Salusa Secundus.

Dominic enrugou o sobrecenho.

— Um fremen me seria de grande ajuda. — Virou-se para a imagem da mulher, que brilhou como se sorrisse para ele não importava para onde se deslocasse —. O que você acha, Shando, meu amor? Deixamos o menino vir conosco?

Dominic olhou para o holo como se esperasse uma resposta. Liet sentiu um calafrio. O conde ixiano se voltou para ele, sorridente.

— É claro que sim. Fiz um trato, e seu pedido é muito razoável... embora se pudesse duvidar da sua prudência. — Dominic secou uma gota de suor da têmpora —. Qualquer um que deseje ir ao planeta-prisão do imperador necessita de um pouco mais de felicidade em sua vida.

Liet apertou os lábios, mas não entrou em detalhes.

— Tenho meus motivos.

Dominic não insistiu.

Anos antes, seu pai havia se sentido muito afetado pelo que vira em Salusa Secundus, pelas cicatrizes do planeta que ainda perduravam séculos depois do holocausto. Liet precisava ir até ali para compreender suas próprias motivações e fixar o rumo de sua vida. Talvez se passasse uma temporada em Salusa Secundus, entre as rochas escarpadas e as feridas abertas, compreendesse o que tinha despertado em seu pai o interesse pela ecologia.

O contrabandista apertou a mão de Liet.

— Muito bem, trato feito. Qual seu nome?

— Para os forasteiros, Weichih.

— De acordo, Weichih, se for membro de nossa equipe terá que trabalhar como os outros.

Dominic o guiou até a rampa e depois para o exterior.

Os contrabandistas suavam e grunhiam, sem fôlego.

— Antes de terminar o dia partiremos para Salusa Secundus.

# 63

*Olhe em seu interior e verá o universo.*

*Aforismo zensunni*

Arrakis. Terceiro planeta do sistema Canopus. Um lugar muito intrigante.

O Navegante da Corporação D'murr olhava através das janelas de plaz de sua câmara, um simples ponto luminoso no interior do gigantesco Cruzeiro. Muito longe de sua nave, sob um véu marrom de pó açoitado pelo vento, estava Arrakis, única fonte de melange que lhe permitia orientar-se nos intrincados caminhos do universo.

A especiaria me proporciona um imenso prazer.

Uma diminuta lançadeira vinda do pólo sul atravessou a atmosfera do planeta, libertou-se de sua atração e chegou a grande nave em órbita. Quando a lançadeira atracou, uma câmara de vigilância mostrou a D'murr um grupo de passageiros que desembarcava nas zonas comunitárias de atmosfera controlada do Cruzeiro.

Embora a tripulação fosse composta por muitas pessoas, D'murr, como Navegante, tinha que vigiar tudo, o tempo todo. Esta era sua nave, seu lar e seu lugar de trabalho, sua responsabilidade.

No interior de sua câmara selada, o vaio familiar do gás de melange alaranjado mal era audível. Com seu corpo tão deformado, D'murr jamais poderia caminhar pelo planeta deserto, jamais poderia abandonar, de fato, a segurança de sua tanque. Mas só estar perto de Arrakis o acalmava. Com seu cérebro de superior tentou desenvolver uma analogia matemática para explicar esta sensação, mas não chegou a defini-la.

Antes de entrar a serviço da Corporação, D'murr Pilru deveria ter vivido mais, quando ainda era humano. Mas agora era muito tarde. A Corporação tomara conta dele rapidamente, de maneira inesperada, assim que tinha passado no exame de admissão. Não tivera tempo para despedir-se como deveria, para dar por concluídos seus assuntos humanos.

Humano.

Que definição abrangia a palavra? A Bene Gesserit tinha passado gerações lutando com essa mesma pergunta, com todos os matizes, categorias intelectuais e emocionais, as conquistas, os erros. A forma física de D'murr tinha modificado significativamente desde que ingressara na Corporação, mas até que ponto isso importava? Os outros Navegantes e ele haviam transcendido a condição humana, até transformarem-se em algo completamente diferente?

Ainda sou humano. Já não sou humano. Escutou seus próprios pensamentos, confusos e vacilantes.

D'murr observou os novos passageiros através da câmara de vigilância, homens toscos vestidos em roupas escuras, que entravam no salão de passageiros principal. Bolsas de viagem flutuavam atrás deles. Um dos homens, de feições coradas, bigode volumoso e cabeça raspada, lhe pareceu muito familiar...

Ainda lembrava de coisas.

Dominic Vernius. Onde estivera por todos estes anos?

O Navegante emitiu uma ordem com sua diminuta boca em forma de V pelo cintilante alto-falante similar a um globo. A tela mostrou os nomes dos passageiros, mas nenhum lhe era conhecido. O exilado conde Vernius viajava com nome falso, graças as promessas de absoluta confidencialidade da Corporação.

Ele e seus acompanhantes se dirigiam a Salusa Secundus.

Soou um alarme no interior da câmara de navegação. Todas as lançadeiras estavam seguras em seus ancoradouros. Tripulantes da Corporação fecharam as escotilhas de entrada e verificaram os

motores Holtzmann. Um exército de peritos preparou o Cruzeiro para sua decolagem da órbita polar.

Pensava nos tranquilos dias de IX, a época bucólica que havia passado com seus pais e seu irmão gêmeo no Grande Palácio do conde Vernius.

Refugos inúteis da mente.

Como Navegante, efetuava cálculos complexos e se divertia com matemática dimensional. Pilotava Cruzeiros cheios de passageiros e mercadorias por distâncias imensas.

Mas de repente descobria bloqueado, distraído, incapaz de funcionar. Seu cérebro complexo perdia a concentração no meio de preciosas equações. por que sua mente, os restos de seu antigo eu, insistiam em reconhecer aquele homem? Emergiu uma resposta, como um ser que surgisse das profundezas de um oceano escuro: Dominic Vernius representava uma parte importante do passado de D'murr Pilru. Seu passado humano...

Quero dobrar o espaço.

Em vez disso, imagens de um IX desaparecido cruzavam sua mente: cenas do esplendor da corte de Vernius com seu irmão C'tair. Belas moças sorridentes, com trajes caros. A adorável filha do conde. Kailea. Seu cérebro, o grande bastante para abranger o universo, era um armazém de tudo que ele tinha sido, e de tudo aquilo em que se converteria.

Não terminei que evoluir.

Os rostos das moças ixianas se alteraram, transformaram-se nos semblantes carrancudos de seus instrutores da Escola de Navegação da Junção. Suas câmaras herméticas se agruparam a seu redor, seus diminutos olhos escuros o fulminaram por seu fracasso.

Tenho que dobrar o espaço!

Para D'murr esta era a experiência sensual definitiva, de seu corpo, mente e das múltiplas dimensões disponíveis. Entregou-se à Corporação, do mesmo modo que os sacerdotes e monjas da

antigüidade se entregaram a Deus, renunciando às relações sexuais.

Por fim, abandonou suas lembranças humanas e se expandiu para abranger os sistemas estelares, para chegar a eles e mais à frente. Enquanto D'murr guiava o Cruzeiro através do espaço dobrado, a galáxia se transformou em sua mulher... e fez o amor com ela.

## 64

*Um estado de guerra incessante origina suas próprias condições sociais, que foram similares ao longo de todas as épocas. Uma delas é um estado de alerta permanente para repelir um ataque. Outra é o governo autocrático.*

*CAMMAR PILRU, embaixador ixiano no exílio,  
Tratado sobre a queda de governos injustos.*

Para C'tair, os prazeres de sua vida com Miral Alechem duraram pouco. depois da holoprojeção de Rhombur, separaram-se por motivos de segurança e encontraram esconderijos diferentes para viver. Confiavam em aumentar as possibilidades de que um deles, ao menos, sobrevivesse e continuasse sua tarefa. Só se encontravam com regularidade para trocar olhares furtivos e palavras afogadas na cafeteria onde ela trabalhava.

Em uma ocasião, entretanto, quando chegou à hora combinada, havia uma mulher diferente substituindo Miral na esteira de distribuição de comida. Agarrou seu prato de matéria vegetal cortado em pedaços e se sentou à mesa que costumavam compartilhar.

C'tair vigiou a esteira, mas Miral não apareceu. Comeu em um silêncio. Por fim, quando levou os pratos vazios para o lugar onde os operários os lavavam para o turno seguinte, perguntou a uma empregada da cafeteria:

— Onde está a mulher que estava aqui faz três dias?

— Foi embora — foi a resposta brusca. A mulher de rosto quadrado franziu o sobrecenho —. Por que quer saber?

— Não queria incomodar.

Inclinou a cabeça e se afastou um passo. Um guarda tleilaxu o observava. Seus olhos de roedor se entreabriram, e C'tair se afastou cautelosamente para não chamar mais a atenção.

Algo tinha acontecido a Miral, mas não se atrevia a insistir. Não podia perguntar a ninguém.

Quando o guarda foi falar com a garçonete, C'tair acelerou o passo o suficiente para perder-se entre a multidão, depois se desviou por um poço lateral, desceu para os túneis dos suboides e correu até perder-se de vista. Intuícia que algo terrível o espreitava.

Algo muito grave tinha acontecido. Tinham capturado Miral, e agora C'tair estava sozinho novamente, sem uma resistência organizada, sem alguém que lhe servisse de cobertura e ajudasse em sua rebelião particular. Sem recursos exteriores, que chances tinha? Enganara-se durante todos estes anos?

Já tinha trabalhado sozinho antes, tinha dissimulado suas emoções, mas agora seu coração estava cheio de desejo por ela. Às vezes desejava não ter se apaixonado por Miral, porque agora sua preocupação pela jovem era constante. Mas nas horas tranquilas, sozinho em sua cama, agradecia os momentos de amor compartilhados.

Não voltou a vê-la viva.

Como vespas enfurecidas que protegessem uma colméia, os tleilaxu tomaram medidas mais repressivas. Executaram a milhares de operários apoiando-se em simples suspeitas, com o único pretexto de reforçar seu reinado de terror. Depois ficou evidente que para os invasores pouco importava se exterminassem toda a população ixiana. Podiam trazer para sua própria gente: *gholas*, Dançarinos Faciais, o que quisessem.

Logo, o espírito de rebelião ixiano foi esmagado de novo. C'tair não dava um golpe há seis meses. Tinha escapado por pouco de uma armadilha Sardaukar, e isso porque os surpreendera com uma pistola de dardos. Temeroso de que seguissem o rastro de seus

rastros digitais ou mapas genéticos, vivia no temor constante de ser detido.

As coisas não melhoraram.

Depois de projetar a mensagem do príncipe Rhombur, as comunicações com o exterior tinham sido cortadas com mais zelo que antes. Não se permitia a entrada de observadores nem mensagens. Todos os capitães de embarque independentes e operários de transporte eram rechaçados. Não tinha a menor possibilidade de enviar uma mensagem a Rhombur em seu exílio de Caladan. IX se transformou pouco mais que uma caixa negra que produzia tecnologia para os clientes da CHOAM. Sob a supervisão tleilaxu, quase toda a produção era de qualidade inferior e os cancelamentos eram freqüentes, o que tinha afetado de maneira adversa os lucros vindos das vendas. Um pequeno consolo para C'tair.

Isolado novamente, era incapaz de encontrar aliados, incapaz de roubar o equipamento que necessitava. Só tinha uns quantos componentes em seu novo esconderijo, talvez suficientes para utilizar seu transmissor rogo uma ou duas vezes mais. Enviaria um desesperado pedido de ajuda ao seu irmão.

Ao menos, C'tair se jurou que alguém devia saber o que estava acontecendo em IX. Miral Alechem tinha sido seu único brilho de amizade ou ternura, e tinha desaparecido de sua vida. Temia que lhe tivesse ocorrido o pior...

Tinha que transmitir sua mensagem, tinha que encontrar um ouvinte. Apesar do seu entusiasmo, Rhombur não tinha feito grande coisa. Talvez D'murr, com seus talentos de Navegante da Corporação, poderia localizar o desaparecido conde de IX, Dominic Vernius...

As roupas sujas de C'tair cheiravam a graxa e suor. Fazia muito tempo que seu corpo não desfrutava de um bom descanso ou uma comida decente. Faminto, se encolheu no fundo de um contêiner blindado que possuía gavetas herméticas de cronômetros ixianos rechaçados, objetos para medir o tempo que podiam ser

programados para funcionar em qualquer planeta do Império. Tinham afastado os instrumentos para calibrá-los de novo, e tinham acumulado pó durante anos. Os tleilaxu não estavam interessados em brinquedos tecnológicos frívolos.

Trabalhando sob a luz tênue de um globo, C'tair voltou a montar os componentes de seu transmissor rogo. Sentia o gelo do medo no sangue, não pela possibilidade de que os detetives tleilaxu o descobrissem, mas por temor que a rogo não funcionasse. Tinha transcorrido um ano desde que tentara utilizar o aparelho de comunicação, e este era seu último jogo de varinhas de cristal de silício.

Secou uma gota de suor de seu cabelo e introduziu as varinhas no receptáculo. O transmissor tinha sido reparado muitas vezes. Cada vez que o utilizava, C'tair forçava os sistemas até o limite.

Quando eram jovens, seu gêmeo e ele tinham compartilhado uma relação perfeita, uma cumplicidade fraterna que lhes tinha permitido terminar as frases do outro, olhar-se de um extremo a outro de uma habitação e saber o que o outro estava pensando. Às vezes, seu desejo de recuperar aquela empatia era quase insuportável.

Desde que D'murr tinha se transformado em Navegante, os irmãos foram se distanciando cada vez mais. C'tair tinha feito o impossível por manter aquele vínculo frágil, e o transmissor rogo permitia que as duas mentes encontrassem um terreno comum. Mas o rogo ia falhando com o passar dos anos, e estava a ponto de desmoronar-se por completo... assim como C'tair.

Introduziu a última varinha, apertou a mandíbula e ativou a fonte de energia. Confiava que as paredes blindadas do contêiner impedissem qualquer radiação que os exploratórios tleilaxu pudessem detectar. Depois de ativar os discos explosivos, dois anos antes, já não contava com uma habitação a prova de exploratórios. Como resultado, o perigo que corria aumentava dia após dia.

Estava sendo procurado pelo comandante Garon e seus Sardaukar, e a outros como ele, estreitavam o cerco, aproximavam-

se cada vez mais.

C'tair apertou os receptores contra o crânio e aplicou uma capa de gel para melhorar o contato. Tentou estabelecer uma conexão mental com D'murr, procurou os mapas mentais que em outro tempo tinham sido idênticos aos seus. Embora ainda compartilhassem de uma origem comum, D'murr tinha mudado muito... ao ponto de os gêmeos quase parecerem agora ser membros de espécies diferentes.

Sentiu um comichão em sua consciência, e depois um surpreso mas preguiçoso reconhecimento.

— D'murr, você tem que me escutar. Tem que escutar o que vou dizer.

Sentiu certa receptividade nas imagens, e viu em sua mente o rosto de seu irmão, de cabelo escuro, olhos grandes, nariz esmagado, sorriso agradável. Tal como C'tair o recordava dos dias no Grande Palácio, quando tinham assistido a cerimônias diplomáticas e flertado com Kailea Vernius.

Mas depois da imagem familiar, o estupefato C'tair viu uma forma estranha e disforme, uma sombra enorme de seu irmão, de crânio alargado e membros atrofiados, suspenso eternamente em um tanque de gás de melange.

C'tair rechaçou a imagem e se concentrou de novo no rosto humano de seu gêmeo, com independência de que fosse real.

— D'murr, pode ser que esta seja a última vez que falamos.

Queria perguntar a seu irmão se tinha notícias do Império. Sabia algo de seu pai, o embaixador Pilru, exilado em Kaitain? Estava vivo ainda, o embaixador continuaria tentando encontrar apoios, teorizou C'tair, mas depois de tantos anos seria uma causa perdida, quase patética.

C'tair não tinha tempo para conversar. Precisava comunicar a urgência e o desespero do povo ixiano. Todas as outras formas de comunicação tinham sido cortadas, mas D'murr, por meio de seus

contatos com a Corporação, gozava de um tênue vínculo com o cosmos.

Alguém tem que compreender como é desesperada nossa situação!

C'tair falou sem parar, descreveu tudo o que os tleilaxu tinham feito, enumerou os horrores infligidos pelos guardas Sardaukar e pelos fanáticos aos cativos ixianos.

— Tem que me ajudar, D'murr. Encontre alguém que defenda nossa causa perante o Império. — Rhombur Vernius já estava informado da situação, e embora o príncipe tivesse feito tudo quanto pudera, com o apoio secreto dos Atreides, não tinha sido suficiente —. Localize Dominic Vernius. Ele pode ser nossa única chance. Se te lembrar de mim, se recordar da sua família e seus amigos humanos... do seu povo..., rogo que nos ajude. É a única esperança que resta.

Diante dele, quase sem ver, porque sua mente estava muito longe, projetada pelos caminhos do espaço dobrado até seu irmão, C'tair observou que surgia fumaça do transmissor rogo. As varinhas de cristal de silício começaram a tremer e romper-se.

— Por favor, D'murr!

Segundos depois, as varinhas se partiram. Surgiram faíscas de ranhuras abertas no transmissor, e C'tair afastou os conectores de suas têmporas.

Meteu-se o punho na boca para afogar um grito de dor.

Seus olhos se encheram de lágrimas, nascidas da pressão que espremia seu cérebro. Tocou o nariz, as orelhas, e descobriu sangue que brotava dos seios paranasais. Soluçou e mordeu os dedos com força, mas a agonia demorou um tempo para passar.

Por fim, depois de horas de aguda dor, contemplou os cristais enegrecidos de seu transmissor e secou o sangue em seu rosto. levantou-se e esperou a que a dor desaparecesse, mas descobriu que sorria, apesar da dor e do rogo avariado.

Estava seguro de que desta vez tinha conseguido. O futuro de IX dependia do que D'murr fizesse com a informação.

## 65

*Sob um planeta, em suas rochas, terra e capas sedimentárias, encontra-se a memória do planeta, a completa explicação de sua existência, sua memória ecológica.*

*PARDOT KYNES*

*Um manual de Arrakis*

Em apertada formação, naves-prisão imperiais saíram do hangar do Cruzeiro e desceram para o planeta purulento, como uma procissão funerária.

Até do espaço, Salusa Secundus parecia gangrenado, com crostas escuras e uma fina capa de nuvens que recordava um sudário esmigalhado. Segundo os comunicados de imprensa oficiais, os sentenciados enviados a Salusa tinham uma taxa de mortalidade de sessenta por cento no primeiro Ano Padrão.

Depois que o novo carregamento de prisioneiros e fornecimentos partisse para pontos de descarga, os tripulantes da Corporação Espacial mantiveram as portas do hangar abertas pelo tempo suficiente para que outra fragata e duas lanchas rápidas sem distintivos saíssem. Dominic Vernius e seus homens, sem documentar sua passagem, descenderam ao planeta através de um oco na rede de satélites de vigilância.

Liet-Kynes estava sentado em um assento de passageiros da fragata, com os dedos apoiados contra a fria janela de plaz. Estava com os olhos arregalados, como os meninos fremen quando montavam pela primeira vez em um verme. Salusa Secundus!

O céu era de um laranja doentio, com franjas de nuvens pálidas inclusive em pleno meio-dia. O céu estava sulcado por raios,

como se titãs invisíveis estivessem jogando boliches elétricos.

A fragata de Dominic se esquivou das balizas de detecção imperiais e se dirigiu para a zona de aterrissagem. Cruzaram extensões de rocha vitrificada que cintilavam como lagos, embora fossem poças de granito cristalizado. Mesmo depois de tantos séculos, uma espaçada erva marrom crescia nos campos arrasados, como os dedos tortos de homens enterrados vivos.

Liet compreendeu por que seu pai havia se sentido tão comovido pelas feridas abertas daquele lugar maldito. Emitiu um som gutural. Quando Dominic se voltou para ele com expressão de curiosidade, Liet se explicou.

— Em tempos remotos, o povo Zensunni (os fremen) viveu escravizado aqui durante nove gerações. — Contemplou a paisagem ressecada e acrescentou em voz baixa —: Alguns dizem que ainda se pode ver o chão manchado com seu sangue e ouvir seus gritos arrastados pelo vento.

Os ombros largos de Dominic caíram.

— Weichih, Salusa padeceu mais dor e desdita do que merecia.

Aproximaram-se dos subúrbios de uma cidade em outros tempos extensa, que agora parecia uma cicatriz arquitetônica. Cotos de edifícios e colunas de mármore leitoso enegrecidas jaziam como os restos do esplendor que tinha reinado naquele lugar. Para as colinas escarpadas, uma nova muralha ziguezagueava ao redor de uma zona de edifícios intactos até certo ponto, os restos de uma cidade abandonada que tinha sobrevivido ao holocausto.

— Essa muralha foi erguida com o propósito de manter a população cativa — explicou Dominic —, mas quando caiu e os prisioneiros escaparam, os funcionários e administradores a ergueram de novo e se mudaram para cá, onde se sentiam protegidos. — Soltou uma gargalhada amarga —. Quando os prisioneiros perceberam que estavam melhor em um lugar onde ao menos os alimentavam e vestiam, tentaram entrar pela força. — Meneou sua cabeça calva —. Agora, os mais duros aprenderam a

viver ali fora. Outros morrem. Os Corrino importaram animais perigosos, tigres Laça, touros salusanos e outros espécimes, para manter os sobreviventes controlados. Os criminosos condenados são abandonados aqui. Ninguém espera que partam.

Liet estudou a paisagem com olho de planetólogo, e tentou recordar tudo que seu pai lhe ensinara. Percebeu um aroma de umidade acre no ar, mesmo naquele lugar desolado.

— Parece que há bastante potencial, bastante umidade. Poderia haver pequenas plantas, colheitas, ganho. Alguém poderia mudar este planeta.

— Os malditos Corrino não permitiriam. — O rosto de Dominic se escureceu —. Gostam assim, como castigo merecido para os que ousam desafiar o Império. Assim que os prisioneiros chegam começa um jogo cruel. O imperador gosta de saber quem se endurece mais, quem sobrevive mais tempo. Em seu palácio, os membros da corte apostam nos prisioneiros famosos, em quem sobreviverá e quem não.

— Meu pai não me contou isso — disse Liet —. Viveu alguns anos aqui, quando era jovem.

Dominic lhe dedicou um pálido sorriso, mas seus olhos seguiram sombrios e preocupados.

— Seja quem for seu pai, garoto, não devia saber de tudo. — O exilado guiou a fragata sobre as ruínas da cidade exterior até um hangar cujo teto mergulhou em uma teia de vigas oxidadas.

— Como conde de IX, prefiro viver sob o chão. Aí não há por que preocupar-se com as tormentas da aurora.

— Meu pai também me falou das tormentas da aurora.

A fragata entrou no oco escuro do hangar, e continuou descendo para as zonas de armazenamento cavernosas.

— Isto era um depósito imperial, reforçado para armazenar fornecimentos durante muito tempo.

Dominic acendeu as luzes de navegação da fragata e fochos amarelos perfuraram o ar. Uma nuvem de pó que se estava pousando se assemelhava com uma chuva cinza.

As duas lanchas se adiantaram à fragata e aterrissaram antes. Outros contrabandistas saíram da base escondida para bloquear a nave. Descarregaram materiais, ferramentas e provisões. Os pilotos das naves pequenas correram à rampa da fragata, para esperar Dominic.

Enquanto seguia o líder, Liet farejou o ar. Ainda se sentia nu sem o traje destilador e os filtros nasais. O ar cheirava a seco e queimado, impregnado de dissolventes e ozônio. Liet sentia falta do calor da rocha natural, como um *sietch* confortável. A seu redor, muitas paredes estavam cobertas de folhas artificiais de metal ou plas-pedra, para ocultar as habitações que encerravam.

Um homem musculoso apareceu sobre uma rampa que rodeava a zona de aterrissagem. Saltou ao chão de uma escada com uma agilidade felina, embora seu corpo fosse disforme e de aspecto pesado. Uma cicatriz avermelhada desfigurava seu rosto quadrado, e seu cabelo loiro pendia em um ângulo estranho sobre seu olho esquerdo. Parecia um homem desmontado e voltado a montar sem instruções.

— Gurney Halleck! — A voz de Dominic ressonou na zona de aterrissagem —. Venha conhecer nosso novo camarada, nascido e criado entre os fremen.

O homem esboçou um sorriso lupino e se aproximou com surpreendente rapidez. Estendeu uma palma longa e tentou apertar a mão de Liet. Citou uma passagem que Liet reconheceu da Bíblia Católica Laranja.

— Receba a todos aqueles que quer ter como amigos, e lhe dê as boas-vindas tanto com seu coração como com sua mão.

Liet lhe devolveu o gesto e replicou com uma resposta fremen tradicional, no antigo idioma Chakobsa.

— Gurney veio de *Giedi Prime* — disse Dominic —. Escapou escondido em um carregamento destinado a meu velho amigo o duque Leto Atreides, depois mudou de nave em Hagal, perambulou por centros comerciais e espaçoportos, até que encontrou a pessoa adequada, um dos nossos.

Gurney deu de ombros. Estava suando, e sua roupa estava desalinhada porque estivera praticando com a espada.

— Pelos infernos, me escondi em lugares cada vez mais miseráveis durante meio ano, até que por fim encontrei estes valentões... no lugar mais fedido.

Liet entreabriu os olhos desconfiado, ignorando a brincadeira.

— Você vem de *Giedi Prime*? O planeta Harkonnen? — Seus dedos se desviaram para seu cinturão, onde levava sua faca *crys* embainhada —. Matei centenas de demônios Harkonnen.

Gurney captou o movimento, mas cravou a vista no fremen barbudo.

— Então você e eu seremos grandes amigos.

Mais tarde, quando Liet se sentou com o bando de contrabandistas no bar da base subterrânea, escutou as discussões, as gargalhadas, as histórias que contavam, as fanfarrônicas e as mentiras descaradas.

Abriram catas garrafas de uma colheita muito especial e foram passando copos de um potente licor âmbar.

— Conhaque imperial, rapaz — disse Gurney, ao mesmo tempo que estendia um copo para Liet, que teve problemas para engolir o líquido espesso —. A remessa privada de Shaddam, vale dez vezes seu peso em melange. — O homem das cicatrizes lhe piscou um olho com ar conspirador —. Tomamos emprestado de um embarque vindo de Kirana, pegamos a reserva destinada ao imperador e a substituímos por garrafas de vinagre. Suponho que logo saberemos dos resultados.

Dominic Vernius entrou na sala e todos os contrabandistas o saudaram. Usava um colete feito de seda *merh* marrom, forrado de pele de baleia negra. Várias holoimagens de sua amada esposa flutuavam perto dele como fantasmas, para que pudesse vê-la em qualquer direção em que se movesse.

Estava à vontade na fortaleza oculta, mas Liet esperava sair para explorar a paisagem salusana, como seu pai tinha feito. Primeiro, não obstante, Liet prometera utilizar suas habilidades fremen para estudar a base secreta, ajudar a camuflá-la e protegê-la de observadores, embora concordasse com Dominic Vernius quando dizia que pouca gente se incomodaria em procurar um esconderijo naquelas paragens.

Ninguém vinha por vontade própria a Salusa Secundus.

Na parede da sala de jantar, Dominic guardava um antiquíssimo mapa de como tinha sido o planeta em seus dias de glória, quando era a capital de um império interestelar. As linhas estavam riscadas com metal dourado, os palácios e as cidades marcados com jóias, calotas polares feitas de opala de fôlego de tigre, e mares traçados de madeira azul elaccana petrificada.

Dominic afirmava (produto de sua imaginação mais que de provas documentais) que o mapa tinha pertencido ao príncipe herdeiro Raphael Corrino, o lendário estadista e filósofo que vivera milhares de anos antes. Dominic expressou seu alívio pelo fato de que Raphael ("o único Corrino bom da turma") não tivesse vivido para ver o que tinha acontecido com sua amada capital. Toda aquela magnificência de conto de fadas, todos aqueles sonhos, visões e boas obras tinham sido arrasados pelo fogo nuclear.

Gurney Halleck pulsou as cordas de seu *baliset* novo e entoou uma canção triste. Liet prestou atenção à letra, sensível e perturbadora, pois evocava imagens de pessoas e lugares desaparecidos.

*Oh, pelos dias dos tempos passado,*

*acaricia com doce néctar  
meus lábios outra vez.*

*Lembranças amadas saboreadas e sentidas...  
Os sorrisos e beijos de deleite, inocência e esperança.  
Mas só vejo véus e lágrimas,  
e as tenebrosas e sombrias  
profundezas da dor,  
da fadiga e da desesperança.  
É mais prudente, meu amigo,  
olhar para outra parte,  
para a luz, e não para a escuridão.*

Cada homem extraiu sua própria interpretação da canção, e Liet viu lágrimas nos olhos de Dominic, que tinha a vista cravada nos holorretratos de Shando. Liet se encolheu ao presenciar tanta emoção, pouco frequente entre os fremen.

O olhar distante de Dominic só estava concentrada em parte no mapa da parede.

— Em algum lugar dos arquivos imperiais, sem dúvida coberto de pó, está o nome da família renegada que utilizou aqueles artefatos atômicos proibidos para devastar um continente.

Liet estremeceu.

— No que estavam pensando? Por que, mesmo sendo renegados, fizeram algo tão terrível?

— Fizeram o que deviam fazer, Weichih — Johdam disse com brutalidade, enquanto esfregava a cicatriz da sobrancelha —. Desconhecemos o preço do desespero.

Dominic se afundou ainda mais em sua cadeira.

— Alguns Corrino, malditos sejam e seus descendentes, saíram ilesos. O imperador sobrevivente, Hassik III, transferiu sua capital para Kaitain... e o Império continua. Os Corrino continuam. E obtiveram um irônico prazer ao transformar o inferno de Salusa Secundus em seu planeta prisão particular. Cada membro daquela família renegada foi capturado e jogado aqui para receber uma morte horrível.

O veterano Asuyo assentiu com seriedade.

— Diz-se que seus fantasmas ainda passeiam pelo lugar, não é?

Liet, surpreso, compreendeu que o exilado conde Vernius se identificava com aquela família desesperada, já esquecida depois de tantos séculos. Embora Dominic parecesse bondoso, Liet tinha descoberto os padecimentos sofridos por aquele homem: sua mulher assassinada, seus súditos esmagados sob a tirania dos tleilaxu, seu filho e sua filha obrigados a viver exilados em Caladan.

— Aqueles renegados... — disse Dominic com uma luz estranha nos olhos —. Eu não teria sido tão descuidado como eles na hora do extermínio.

## 66

*Um duque tem que tomar sempre o controle de seu lar, pois se não governar a seus íntimos, não poderá governar um planeta.*

*Duque PAULUS ATREIDES*

Pouco depois da refeição de meio-dia, Leto estava sentado no chão atapetado do quarto de jogos. Balançava seu filho de quatro anos e meio sobre o joelho. Embora fosse grande para aquele jogo, Victor ainda gritava de alegria. O duque via através das janelas de plaz blindadas o céu azul de Caladan, que beijava o mar no horizonte, sobrevoado por nuvens brancas.

Kailea o observava da porta.

— Ele é muito grande para isso, Leto. Para de tratá-lo como um bebê.

— Parece que Victor não concorda.

Lançou o menino ainda mais para o alto, o que provocou mais gargalhadas.

A relação de Leto com Kailea tinha melhorado nos últimos seis meses, desde que tinham instalado as fabulosas paredes de obsidiana azul. Agora, a sala de jantar e os aposentos privados de Kailea rivalizavam em esplendor com o Grande Palácio. Não obstante, o humor de Kailea tornou a azedar nas últimas semanas, enquanto refletia (sem dúvida açulada por Chiara) sobre quanto tempo passava com Jessica.

Leto já não se importava com suas queixa. Escorregavam-lhe como chuva da primavera. Em contraste, Jessica não lhe pedia nada. Sua ternura e sugestões ocasionais lhe enchiam de energia e

permittedam que cumprisse seus deveres de duque com compaixão e retidão.

Pelo bem de Kailea, e pelo de Victor, Leto não danificou a reputação da concubina. O povo amava seu duque, e este deixava que acreditasse na felicidade de conto de fadas que reinava no castelo, assim como Paulus tinha fingido um plácido matrimônio com *lady* Helena. O velho duque o chamava “política do dormitório”, a aflição de todos os líderes do Império.

— Ai, por que me esforço em falar com você, Leto? — disse Kailea, sem se mover da porta —. É como discutir com uma pedra!

Leto deixou de balançar Victor e olhou para ela com dureza. Manteve um tom neutro.

— Não tinha percebido que estava fazendo um esforço.

Kailea resmungou um insulto e se afastou pelo corredor. Leto fingiu perceber.

Kailea viu seu irmão, carregando um *baliset* ao ombro, e correu para alcançá-lo. Ao vê-la, Rhombur sacudiu a cabeça. Ergueu uma mão para deter a inevitável corrente de lamentos.

— O que foi agora, Kailea? — Tocou com uma mão as cordas do *baliset*. Thufir Hawat lhe ensinava a tocar o instrumento de nove cordas —. Encontrou um novo motivo de irritação, ou estou errado?

Seu tom a deixou atônita.

— É assim que saúda sua irmã? Faz dias que me evita.

Seus olhos esmeralda cintilaram.

— Porque não faz outra coisa além de se queixar. Leto não se casará com você... Suas brincadeiras com Victor são muito bruscas... *Er*, passa muito tempo com Jessica... Deveria te levar a Kaitain com mais frequência... Não sabe utilizar bem o guardanapo. Estou farto de tentar mediar a relação dos dois. — Meneou a cabeça —. Para cúmulo, parece te irritar que eu seja feliz com Tessia. Pare de culpar os outros, Kailea. É você a responsável por sua felicidade.

— Perdi muito nesta vida para ser feliz.

Kailea ergueu o queixo.

Rhombur se enfureceu.

— Você é tão egocêntrica que não vê que perdi tanto quanto você? Mas eu não deixo que isso me corroa a cada dia.

— Não tivemos por que perdê-lo. Ainda pode fazer mais pela Casa Vernius. — Kailea estava envergonhada da ineficácia do seu irmão —. Fico feliz que nossos pais não estejam aqui para ver isto. Você é um péssimo príncipe, irmão.

— Agora fala um pouco como Tessia, embora ela o diga de uma maneira menos insultante.

Kailea emudeceu quando Jessica saiu de um passadiço e se desviou para o de quarto de jogos. Kailea fulminou a outra concubina com o olhar, mas Jessica sorriu. Depois de entrar no quarto de jogos, fechou a porta.

Kailea se vorou para seu irmão.

— Meu filho Victor é o futuro e a esperança de uma nova Casa Atreides — disse com brutalidade —, mas você não pode entender este simples fato.

O príncipe ixiano se limitou a sacudir a cabeça, entristecido.

— Tento ser agradável com ela, mas é inútil — disse Jessica —. Mal me dirige a palavra, e a forma que me olha...

— Basta. — Leto exalou um suspiro de cansaço —. Sei que Kailea está prejudicando minha família, mas não posso expulsá-la daqui. — Estava sentado no chão, enquanto seu filho brincava com carros e ornitópteros de brinquedo —. Se não fosse por Victor...

— Chiara está sempre cochichando em seu ouvido. Os resultados são evidentes. Kailea é um barril de pólvora a ponto de explodir.

O duque Leto, que sustentava um tóptero de brinquedo nas mãos, olhou-a como se estivesse interessado.

— Ela só está demonstrando rancor, Jessica. Você me decepcionou. — Seu rosto se endureceu —. As concubinas não governam esta Casa.

Como sabia que Jessica tinha sido treinada durante anos na Bene Gesserit, surpreendeu-se ao ver que toda cor desaparecia de seu rosto.

— Meu senhor, eu... não disse por isso. Sinto muitíssimo.

Fez uma reverência e saiu da habitação. Leto contemplou o brinquedo, e depois o menino. Sentia-se desorientado.

Um momento depois, oculta como uma sombra, Jessica observou Kailea no vestíbulo do castelo, falando aos sussurros com Swain Goire, o guarda que dedicava quase todo seu tempo a vigiar Victor. A lealdade e dedicação de Goire ao duque sempre tinham sido evidentes, e Jessica tinha comprovado quanto adorava seu pequeno tutelado.

Goire parecia violentado pelos cuidados que recebia da concubina ducal. Como por acidente, os seios da Kailea roçaram seu braço, mas o homem se afastou.

Como tinha sido adestrada nas complexidades da natureza humana pela Bene Gesserit, Jessica só se sentiu surpresa que Kailea tivesse demorado tanto em tentar vingar-se de Leto.

Duas noites depois, sem que nem mesmo Thufir Hawat soubesse, Kailea entrou silenciosamente no dormitório de Goire.

## 67

*Criamos nosso futuro graças a nossas crenças, que controlam nossas ações. Um sistema de crenças forte o bastante, uma convicção poderosa o bastante, pode conseguir algo. Assim criamos nossa realidade consensuada, incluídos nossos deuses.*

*Reverenda madre RAMALLO  
Sayyadina dos fremen.*

A sala de práticas da nova ilha de Ginaz era tão luxuosa que não teria desafinado em nenhuma sede do *Landsraad*, nem sequer no palácio imperial de Kaitain.

Quando Duncan Idaho pisou no reluzente chão de madeira dura, um revestimento de pranchas claras e escuras polidas à mão, olhou ao redor, maravilhado. Uma dúzia de imagens refletidas olharam para ele dos espelhos que iam do chão ao teto, com marcos de ouro forjado. Tinham se passado sete anos desde que estivera em um cenário tão elegante, o salão dos Atreides onde Thufir Hawat o treinava.

Ciprestes inclinados pelo vento rodeavam por três lados a magnífica instalação de treinamento, com uma praia de pedras no quarto. O ostentoso edifício era surpreendente por seu contraste com os primitivos barracões dos estudantes. Dirigido pelo mestre espadachim Whitmore Bludd, um homem calvo com uma marca de nascimento púrpura na testa, a ornamentação da sala teria feito Mord Cour rir.

Apesar de ser um consumado duelista, o afetado Bludd se considerava um nobre e se rodeava de coisas formosas, mesmo naquela remota ilha de Ginaz. Abençoado com uma fortuna familiar

inesgotável, Bludd investira seu dinheiro em transformar aquela instalação no lugar mais “civilizado” do arquipélago.

O professor era descendente direto do Porce Bludd, que lutara com valentia durante a Jihad Butleriana. antes das façanhas que lhe tinham proporcionado fama e facilitado sua vida, Porce Bludd transportava meninos órfãos de guerra a planetas refugio, pagando os enormes custos com sua enorme herança. Em Ginaz, Whitmore Bludd nunca esquecia sua herança, nem tampouco permitia que outros a esquecessem.

Enquanto Duncan esperava com outros no salão, que cheirava a limão e azeite da Carnaúba, todo aquele luxo lhe pareceu muito estranho. Retratos de nobres com aspecto mal-humorado eram exibidos nas paredes. Uma enorme chaminé, digna de um pavilhão de caça real, erguia-se até o teto. Um arsenal continha filas de espadas e outros elementos de esgrima. O cenário palaciano implicava um exército de servos, mas Duncan não viu ninguém mais além dos alunos, dos ajudantes de instrução e do próprio Whitmore Bludd.

Depois de permitir que os estudantes ficassem boquiabertos e vacilantes, o professor Bludd se plantou a frente deles. Vestia calças lavanda, rodeadas nos joelhos, e meias embutidas em umas curtas botas negras. O cinturão era largo, com uma fivela quadrada do tamanho de sua mão. A blusa tinha um pescoço alto e fechado, mangas largas, punhos estreitos e adornos de encaixe.

— Eu lhes ensinarei esgrima, senhores — disse —. Nada de brutalidades absurdas com escudos corporais, facas *kindjal* e transformadores de energia. Não, sob nenhum conceito! — Desembainhou uma espada fina como um látego, com um punho em forma de sino e uma seção transversal triangular. Açoitou o ar com ela —. A esgrima é o esporte, não, a arte de manobrar uma espada de folha cega. É uma dança de reflexos mentais tanto como corporais.

Embainhou a espada e ordenou aos estudantes que trocassem suas roupas por um elegante uniforme de esgrima: arcaicos trajes

de mosqueteiro com botões cravejados, punhos rendados, volantes e outros adornos.

— O mais apropriado para exibir a beleza da esgrima — disse Bludd.

A essas alturas, Duncan tinha aprendido que jamais devia vacilar na hora de seguir instruções. Calçou umas botas de pele de bezerro altas até os joelhos com esporas de cavaleiro, e ficou uma jaqueta de veludo azul, com pescoço de encaixe e volumosas mangas brancas. Por fim, vestiu um galhardo chapéu de feltro de aba larga, adornado com uma pluma rosa de peru de Parella.

Hiih Resser e ele trocaram olhares e caretas de um extremo a outro da sala, divertidos. O traje parecia mais apropriado para um baile de máscaras que para um duelo.

— Senhores, aprenderão a lutar com graça e astúcia. — Whitmore Bludd passeava de um lado a outro, satisfeito com a elegância que o rodeava —. Compreenderão a arte de um duelo. Transformarão cada movimento em uma forma de arte. — O afetado mas corpulento professor sacudiu um fio de sua camisa franzida —. Agora que só resta um ano de treinamento, cabe pensar que estão muito por cima de disputas de taberna e reações instintivas. Aqui não nos rebaixaremos à barbárie.

O sol da manhã se filtrava por uma janela alta e estreita e se refletia nos botões de estanho de Duncan. Como se sentia ridículo, examinou-se no espelho de parede. Logo ocupou seu posto habitual na formação.

Quando os outros estudantes se alinharam, o professor Bludd inspecionou seus uniformes, emitindo suspiros e ruídos de desaprovação. Alisou rugas, ao mesmo tempo que repreendia aos jovens por punhos mau abotoados e criticava seu traje com surpreendente severidade.

— A esgrima dos mosqueteiros terranos é a décima quinta disciplina de luta que aprenderão. Entretanto, conhecer os movimentos não significa que compreendam o estilo. Hoje lutarão

entre si, com toda a graça e sentido cavalheiresco que a esgrima exige. Suas espadas não terão um botão na ponta, e não usarão máscaras protetoras.

Indicou fileiras de espadas situadas entre cada fila de espelhos, e os estudantes avançaram para pegá-las. Todas as espadas eram idênticas, de noventa centímetros de comprimento, flexíveis e afiadas. Os estudantes as esgrimiram. Duncan desejava utilizar a espada do velho duque, mas a lendária arma fora feita para outro tipo de combate.

Bludd bufou e agitou sua espada no ar para captar sua atenção.

— Têm que lutar com a máxima habilidade, mas insisto que não devem ferir ou fazer sangrar o adversário. Nem sequer um arranhão. Não, sob nenhum conceito! Tampouco poderão danificar a indumentária. Aprendam o ataque perfeito e a defesa perfeita. Estocada, parada, estocada. Pratiquem o controle supremo. Cada um será responsável por seus camaradas. — Seu gélido olhar azul escorregou sobre os alunos e a marca de nascimento de sua testa escureceu —. Qualquer homem que me falta, qualquer um que provoque uma ferida ou se deixe ferir, será eliminado da próxima rodada de competições.

Duncan inspirou lentamente e se concentrou no desafio.

— Isto será uma demonstração de sua arte — disse Bludd, enquanto percorria a sala com suas botas negras —. É o delicado balé do combate pessoal. O objetivo consiste em tocar seu adversário com a maior quantidade de vezes possíveis sem o ferir.

O professor pegou seu chapéu e o vestiu.

Indicou retângulos de combate marcados no chão de *parquet*.

— Preparados para o combate.

Duncan não demorou para derrotar três competidores, em teoria fáceis, mas seu quarto adversário, Iss Opru (um hábil estilista de Dha-nab), foi um rival difícil. Mesmo assim, não estava versado

o bastante em técnicas ofensivas e defensivas, e Duncan o venceu por um ponto.

Em um retângulo de combate próximo, um estudante caiu de joelhos, sangrando por uma ferida no flanco. Os ajudantes se apressaram a tirá-lo em uma maca. Seu oponente, um terrazi de cabelo comprido até os ombros, contemplou sua espada à espera do castigo. Whitmore Bludd lhe arrebatou a espada e lhe açoitou as costas, como se fosse um látigo de metal.

— Ambos são uma desgraça para sua escola, ele por se deixar ferir e você por não saber se conter.

O terrazi se encaminhou sem pigarrear para o banco dos perdedores.

Dois servis com *libré*, os primeiros que Duncan via, precipitaram-se a limpar o sangue e polir o *parquet*, em preparação para o próximo combate. A luta continuou.

Duncan Idaho, junto com Resser e outros dois finalistas suados, esperava ofegante no centro da sala. Frustrados e incomodados, tinham chegado a detestar seus trajes extravagantes, mas até o momento nenhum dos finalistas tinha recebido nem um arranhão, e suas roupas continuavam incólumes.

— Idaho e Resser, venham aqui! Eddin e Kaba, ali! — gritou o professor Bludd, indicando seus respectivos retângulos de combate.

Os estudantes tomaram posições. Resser olhou para Duncan, mais como adversário que como amigo. Duncan se agachou, flexionou os joelhos e se balançou sobre os calcanhares. inclinou-se com o braço um pouco dobrado, estendeu a espada para Resser e lhe dedicou uma breve saudação. O ruivo grumman o imitou, com expressão confiante. Bateram-se muitas vezes com uniforme de proteção, providos de outras armas, sempre muito igualados. A velocidade de Duncan costumava compensar a estatura e alcance superiores do larguirucho Resser. Entretanto, agora deviam obedecer as regras de esgrima de Bludd, sem infligir nem receber arranhões, nem sequer danificar os trajes caros e anacrônicos.

Duncan não disse nada, balançando-se sobre seus pés. A flexível espada falaria por ele. O suor empapava seu cabelo negro sob o chapéu de feltro e a ridícula pluma de peru. Cravou a vista em seu adversário sardento.

— *En Garde* — disse Bludd. Seus olhos azuis cintilaram quando ergueu a espada.

Ao sinal de início, Resser se lançou para frente. Duncan desviou a espada do seu inimigo com um som de sinos cantarinas, deu meio passo à direita e respondeu com uma estocada precisa, que o alto grumman desviou com perícia. As espadas entrechocaram com estrépito.

Os dois homens estavam suados e ofegantes, com o rosto inexpressivo enquanto se moviam dentro dos limites marcados no *parquet*. Até o momento, Resser não tinha feito nada estranho, como de costume. Duncan confiava valer-se dessa característica para derrotar seu adversário.

Como se lesse os pensamentos de seu amigo, de repente o ruivo atacou com a fúria de um guerreiro possuído, tocou uma, duas vezes em Duncan, com o cuidado de não feri-lo, mas também confiante em que Duncan apresentaria uma defesa perfeita.

Duncan nunca tinha visto tal energia em seu amigo, e esquivou com esforço uma série de estocadas bem dirigidas. Retrocedeu, à espera de que Resser se cansasse. O suor escorria por suas bochechas.

Não obstante, Resser insistiu em seu ritmo frenético, como sob a influência de um estimulante. Suas espadas entrechocaram de novo. Duncan não podia desviar sua atenção nem um ápice para observar os progressos do outro par, mas ouviu um grito e um último entrechocar de espadas, sinal de que os outros dois opositores tinham finalizado.

O professor Bludd dedicou toda sua atenção ao combate entre Duncan e Resser.

A ponta do ruivo o tocou na camisa acolchoada, e segundos depois na testa. Resser ia acumulando pontos, sem deixar arranhões, conforme mandavam as normas. Quatro pontos, e com cinco ganharia a aposta. Se tivesse sido um duelo de morte, já estaria morto.

Bludd, como um ave de rapina a espera de um festim, vigiava cada movimento.

Sob a pressão de Resser, parecia que os músculos de Duncan o traíam e impediam de pôr em prática suas habilidades costumeiras. Olhou para a espada que empunhava na mão direita e procurou recursos e energia em seu interior, para logo recorrer a tudo que tinha aprendido nos sete anos de treinamento em Ginaz. Luto pela Casa Atreides. Posso ganhar.

Resser dançava a seu redor e o punha em ridículo. Duncan diminuiu a velocidade de sua respiração, assim como a dos batimentos de seu coração. Maximize o *chi*, pensou, e viu em sua mente a energia que fluía por caminhos precisos em seu corpo. Devo ser um mestre espadachim para defender meu duque. Não quero fazer só uma bela exibição para agradar meus instrutores.

Resser não obteve nenhum ponto mais, pois Duncan se esquivava. O *chi* aumentou, acumulou pressão, à espera do momento preciso em que deveria liberar-se. Duncan concentrou a energia e a dirigiu a um objetivo preciso...

E atacou. Confundiu o larguirucho ruivo com movimentos sintetizados de diferentes técnicas de luta. Girou sobre si mesmo, lançou chutes, utilizou sua mão livre como uma arma. Por um momento ambos saíram dos limites do retângulo. Duncan atacou de novo. Um murro na têmpora de Resser, que lhe tirou o chapéu, um chute no estômago, e tudo sem derramar sangue.

Resser, aturdido, caiu ao chão. Duncan afastou a espada de seu rival com um chute, saltou sobre ele e apoiou a ponta de sua arma na garganta do grumman. Vitória!

— Deuses do inferno! O que está fazendo? — O professor Bludd apartou Duncan com um tranco —. Caipira! — Atirou a espada para um lado e esbofeteou Duncan duas vezes —. Isto não é uma briga de rua, idiota! Hoje estamos praticando a esgrima dos mosqueteiros.

Duncan esfregou o rosto. No calor do combate tinha lutado pela sobrevivência, ignorando as frívolas restrições impostas pelo instrutor.

Bludd esbofeteou Duncan várias vezes mais, cada vez com mais força, como se o estudante lhe tivesse insultado. Resser não parava de protestar.

— Não houve nada. Não estou ferido. Ele demonstrou sua superioridade e eu não soube me defender. Duncan retrocedeu, humilhado.

A raiva de Bludd não se apaziguou.

— Talvez pense que é o melhor estudante da classe, Idaho, mas para mim é um fracasso.

Duncan se sentia como um menino pequeno, encurralado em um canto por um adulto provido de um cinturão. Quis revoltar-se, enfrentar aquele homem de aspecto ridículo, mas não se atreveu.

Recordou que o colérico Trin Kronos tinha utilizado o mesmo raciocínio com o obeso professor Riwy Dinari. Se o rodearem com regras absurdas, serão derrotados por qualquer inimigo disposto a quebrar as normas. Seu objetivo principal era defender seu duque de qualquer ameaça possível, não brincar de espadachins disfarçado.

— Pense no motivo de ser um fracasso — trovejou Whitmore Bludd —, e depois me explique.

Pergunte aos soldados mortos do lado perdedor. Duncan se espremeu os miolos. Não queria ser um eco do malcriado Kronos, embora sua ideologia lhe parecesse muito mais coerente que antes. As normas podiam ser interpretadas de maneira diferente, segundo o propósito a que servissem. Em algumas situações não existia o

bem ou o mal absoluto, apenas simples pontos de vista. Em qualquer caso, sabia o que seu instrutor desejava ouvir.

— Sou um fracasso porque minha mente é imperfeita.

Sua resposta pareceu surpreender o homem musculoso, mas um sorriso estupefato se formou pouco a pouco no rosto de Bludd.

— Muito correto, Idaho — disse —. Agora, vá para lá com os perdedores.

## 68

*Adivinhação: O tempo?*

*Resposta: Uma jóia brilhante multifacetada.*

*Adivinhação: O tempo?*

*Resposta: Uma pedra escura, que não reflete nenhuma luz visível.*

*Sabedoria fremen, do jogo das adivinhações.*

Rhombur Vernius, com o *baliset* pendurado no ombro por uma correia de pele, descia o caminho em ziguezague que conduzia até a base do penhasco negro. O castelo de Caladan se abatia sobre a rocha e estendia suas torres para os amontoados e o céu cerúleo. Uma forte brisa acariciava seu rosto.

Em uma daquelas torres, sua irmã passava muito tempo refletindo. Quando parou para olhar para trás, viu Kailea em seu balcão. Agitou a mão em saudação com alegria forçada, mas ela não respondeu. Fazia meses que mal se dirigiam a palavra. Desta vez, sacudiu a cabeça e decidiu não permitir que seu desprezo o incomodasse. As expectativas de sua irmã não eram coerentes com sua realidade.

Era um quente dia da primavera, e gaivotas cinzas sobrevoavam a espuma. Igual a um pobre pescador, Rhombur vestia uma camisa de manga curta com listras azuis e brancas, calças de pescador e boina azul sobre seu cabelo loiro. As vezes Tessia passeava pela borda com ele, mas em outras ocasiões deixava que refletisse a sós.

O príncipe ixiano, preocupado com o mau gênio de Kailea, desceu uma escada de madeira que corria paralela ao escarpado. Prestou atenção à parte escorregadia, coberta de musgo, do caminho. Era uma rota traiçoeira, mesmo quando fazia bom tempo. Um passo em falso, e se precipitaria para as rochas. Arbustos verdes se aferravam às rachaduras da parede rochosa. O duque Leto, assim como seu pai antes dele, preferia deixar o caminho tal como estava, com uma manutenção mínima. “A vida de um líder não deve ser muito branda”, costumava dizer os Atreides.

Em vez de comentar suas preocupações com Tessia, Rhombur decidiu relaxar em um barco, navegando sozinho e tocando o *baliset*. Como não confiava em seu talento musical, preferia praticar longe de Caladan, onde nenhum ouvido crítico poderia escutar.

Depois de chegar ao desembarcadouro principal, desceu por uma escada de madeira até um mole onde uma lancha a motor balançava a mercê da maré. Uma insígnia ixiana púrpura e cobre se destacava na proa, sobre letras que davam à embarcação o nome de seu pai desaparecido: Dominic.

Cada vez que Rhombur via o nome, sonhava que seu pai ainda estava vivo em algum lugar do Império. O conde da Casa Vernius tinha desaparecido, e com o passar do tempo toda esperança de localizá-lo desapareceu. Dominic nunca tinha enviado uma nota, não entrara em contato com ninguém. Tem que estar morto.

Rhombur deixou o instrumento sobre o mole. Uma vela da popa tinha perdido um parafuso, de maneira que subiu a bordo e abriu uma caixa de ferramentas que guardava na cabine, onde encontrou outro parafuso e um chave de fenda.

Gostava de cuidar da manutenção de seu barco, e às vezes lhe dedicava horas de trabalho. Lixava, pintava, envernizava, substituía acessórios, instalava novos aparelhos eletrônicos e acessórios de pesca. Tudo era muito diferente da vida tranquila que tinha em IX. Quando voltou para mole e se ocupou do reparo simples, Rhombur desejou ser o líder que seu pai tinha sido.

As probabilidades disso eram virtualmente nulas.

Embora Rhombur se esforçasse por ajudar os misteriosos rebeldes de IX, fazia mais de um ano que não recebia notícias deles, e lhe haviam devolvido sem entregar embarques de armas e explosivos que tinha enviado, graças aos subornos pagos aos trabalhadores. Nem mesmo os mais cotados contrabandistas tinham conseguido entregar o material na cidade subterrânea.

Ninguém sabia o que acontecia em IX. C'tair Pilru, seu principal contato com os lutadores pela liberdade, tinha emudecido. Como Dominic, era muito possível que C'tair tivesse morrido e que a valente revolta tivesse sido esmagada. Rhombur carecia de meios para saber, para quebrar a inexpugnável segurança tleilaxu.

Rhombur ouviu passos no mole e se surpreendeu ao ver que sua irmã se aproximava. Kailea usava um vestido dourado e prateado. Um broche de rubis rodeava seu cabelo castanho avermelhado. Rhombur observou que tinha as duas panturrilhas arranhadas e arroxeadas, e que a prega do vestido estava sujo de terra.

— Tropecei no caminho — explicou.

Devia ter corrido atrás dele para alcançá-lo.

— Não devia descer aos moles. — Rhombur forçou um sorriso —. Você gostaria de passear de barco comigo?

Kailea negou com a cabeça.

— Vim me desculpar, Rhombur. Lamento ter sido tão rude com você. Evitei-o, mal nos vimos.

— E me fulminou com o olhar — acrescentou o príncipe.

Os olhos esmeralda de Kailea cintilaram, mas se conteve a tempo.

— Isso também.

— Desculpas aceitas.

Terminou de prender a vela e entrou na cabine de Dominic para guardar as ferramentas. Ele a esperou no mole.

— Rhombur. — Kailea começou com aquele tom queixoso que significava que queria algo, embora sua cara só refletisse inocência —. Tessia e você estão tão unidos... Oxalá minha relação com o Leto fosse igual.

— As relações necessitam de manutenção — disse Rhombur —. *Er*, como este barco. Com tempo e carinho poderia diminuir suas diferenças.

A boca de Kailea se torceu em uma careta.

— É que não pode influenciar mais o Leto? Isto não pode continuar assim eternamente.

— Influenciar Leto? Fala como se quisesse se desfazer dele.

Sua irmã não lhe deu uma resposta direta.

— Victor deveria ser seu herdeiro legal, não um bastardo sem sobrenome, sem título nem propriedades. Deveria dizer algo diferente a Leto, tentar outra coisa.

— Infernos vermelhos, Kailea! Tentei cinqüenta vezes e de cinqüenta maneiras diferentes, e sempre recebo um "não" como resposta. Por sua culpa é possível que tenha perdido meu melhor amigo.

O sol sobre a pele de Kailea parecia o brilho de um fogo longínquo.

— E o que importa a amizade, quando estamos falando do futuro da Casa Vernius, a Grande Casa de nossos antepassados? Pense nas coisas importantes, Rhombur.

O príncipe adotou uma expressão impenetrável.

— Você transformou esta situação em um problema que nunca deveria ter sido suscitado. Você sozinha, Kailea. Se não podia aceitar as limitações, por que concordou em ser a concubina de Leto? Os dois pareciam muito felizes a princípio. Por que não lhe pede perdão? Por que não aceita a realidade de uma vez? Por que não faz um esforço? — Rhombur sacudiu a cabeça e contemplou o anel em sua mão direita —. Não penso questionar as decisões de

Leto. Pode ser que não concorde com suas razões, mas as compreendo. Ele é o duque Atreides, e temos que respeitar seus desejos.

A expressão de Kailea se transformou em um sorriso desdenhoso.

— Você não é um príncipe. Chiara diz que nem sequer é um homem.

Levantou um pé e chutou o *baliset*, mas cega pela raiva perdeu o equilíbrio e só o roçou. O instrumento caiu na água.

Rhombur soltou um xingamento e se inclinou sobre o bordo do mole para recuperá-lo, ao mesmo tempo que Kailea partia. Enquanto o jovem secava o instrumento com uma toalha, viu que sua irmã subia rapidamente o íngreme atalho que conduzia ao castelo. Tropeçou, recuperou o equilíbrio e seguiu seu caminho, tentando conservar a dignidade.

Não era de estranhar que Leto preferisse à serena e inteligente Jessica. Kailea, antes tão doce e terna, transformara-se em uma mulher dura e cruel. Não a conhecia mais. Suspirou. Eu a amo, mas não gosto do que se tornou.

## 69

*Desafiar à sabedoria aceita sobre a qual descansa a paz social exige um tipo de valentia desesperado e solitário.*

*Príncipe herdeiro RAPHAEL CORRINO  
Em defesa da mudança ante a tradição.*

Os altos edifícios governamentais de Korrinth, a capital de Kaitain, ergueram-se ao redor de Abulurd Harkonnen como uma fantasia induzida pelas drogas. Nem em seus sonhos mais desmedidos tinha imaginado tantos arranha-céu, incrustações de jóias e lajes de pedra preciosa.

Em *Giedi Prime*, onde tinha crescido sob o olhar vigilante de seu pai, Dmitri, as cidades estavam superpovoadas, com instalações funcionais mais dedicadas à indústria que à beleza. Mas aqui tudo era muito diferente. Bandeiras de cores brilhantes presas aos altos edifícios se retorciam na brisa sob um céu sempre azul. Cintas prismáticas sulcavam os céus e projetavam arco-íris sobre as lajes do chão. Era evidente que Kaitain estava mais preocupada com a aparência que com o conteúdo.

Passada uma hora, a luz cegante dos céus perfeitos aturdiu Abulurd, e sentiu uma incomoda dor na nuca. Tinha saudades dos céus fechados de Lankiveil, as brisas úmidas que impregnavam os ossos e o quente abraço de Emmi.

Mas lhe aguardava uma importante tarefa, uma entrevista na reunião diária do conselho do *Landsraad*. Parecia uma mera formalidade, mas estava decidido a cumpri-la, pelo bem de sua família e de seu filho recém-nascido, e mudaria sua vida para sempre. Abulurd estava impaciente por viver nos dias vindouros.

Percorreu o passeio caminhando rapidamente, sob as bandeiras das Casas Grandes e Pequenas, que a suave brisa agitava. Os imponentes edifícios pareciam ainda maiores e majestosos que os escarpados dos fiordes de Lankiveil.

Tinha tomado a precaução de levar sua melhor capa de pele de foca, adornada com pedras preciosas e amuletos esculpidos à mão. Abulurd tinha ido a Korrinth como representante legal da Casa Harkonnen para reclamar seu título de governador do subdistrito de Rabban-Lankiveil. Sempre estivera em seu direito, mas nunca tinha se importado.

Como apareceu sem escolta ou séquito de aduladores, os funcionários e empregados não deram atenção a Abulurd. Olharam pelas janelas, continuaram sentados nos balcões ou perambularam de um lado para outro com documentos importantes escritos em folhas de cristal riduliano. Para eles era invisível.

Ao se despedir no espaçoporto de Lankiveil, Emmi o obrigara a ensaiar seu discurso. Segundo as normas do *Landsraad*, Abulurd tinha autoridade para solicitar uma audiência e apresentar seus documentos no registro. Outros nobres considerariam insignificante seu pedido, até mesmo corriqueiro. Mas significava muito para ele, e o tinha atrasado por muito tempo.

Durante os meses de gravidez de Emmi, feliz de novo, haviam retornado a abrir o pavilhão principal e tentado contribuir com vida e cor a sua existência. Abulurd subvencionava indústrias, enchia as águas de peixes para que os pescadores subsistissem até que as baleias Bjondax decidissem retornar.

Cinco meses antes, Emmi tinha dado a luz no maior segredo a um menino são. Chamaram-no de Feyd-Rautha, em parte para honrar a memória de seu avô Onir Rautha-Rabban, o burgomestre assassinado de Bifrost Eyrie. Quando Abulurd segurou seu filho nos braços, viu uns olhos vivos e inteligentes e uma curiosidade insaciável, feições deliciosas e uma voz forte. No fundo de seu coração, era seu único filho.

Emmi e ele procuraram à velha monja budislâmica responsável pela gravidez. Queriam lhe agradecer e pedir que abençoasse o bebê, mas não a encontraram.

Abulurd desejava fazer algo em Kaitain que beneficiasse seu novo filho, mais do que a bênção de uma monja pudesse obter. Se tudo corresse bem, o pequeno Feyd-Rautha gozaria de um futuro diferente, não poluído pelos crimes da dilatada história da Casa Harkonnen. Seria educado para transformar-se em um bom homem.

Abulurd, erguido em toda sua estatura, entrou na Sala da Oratória do *Landsraad*, e passou sob uma arcada de coral jaspeado que se elevava sobre sua cabeça como uma ponte cruzando um abismo montanhoso. Depois de chegar a capital, tinha marcado uma entrevista com um escriba imperial para acrescentar seu nome à agenda. Quando Abulurd se negou a subornar o funcionário, o secretário de entrevistas foi incapaz de encontrar um horário até o final de uma longa sessão, três dias depois.

E Abulurd esperou. Desprezava a corrupção burocrática e preferia padecer desconfortos a ter que render-se aos infaustos costumes da corte de Shaddam IV. Desagradavam-lhe as viagens longas, preferia ficar em casa e ocupar-se de seus problemas, ou entreter-se em jogos de mesa com Emmi e os servos, mas as exigências da nobreza o obrigavam a fazer muitas coisas que lamentava.

Talvez hoje conseguisse mudar a situação a seu favor.

Na Sala de Oratória, as reuniões se celebravam com representantes das Casas Grandes e Menores, diretores da CHOAM e outros funcionários importantes que careciam de títulos de nobreza. Os assuntos do Império não paravam nunca.

Abulurd imaginava que sua aparição despertaria pouca espera. Não tinha avisado de antemão o seu meio-irmão, e sabia que o barão se zangaria quando soubesse, mas Abulurd se internou na enorme sala, orgulhoso e confiante, e mais nervoso que nunca. Vladimir teria que aceitar os fatos.

O barão tinha outros problemas e obrigações. Sua saúde tinha decaído muito com os anos, e tinha engordado a tal ponto que caminhava com ajuda de suspensores. Abulurd ignorava como o barão continuava em frente, pois pouco sabia das motivações do seu meio-irmão.

Abulurd se sentou em silêncio na galeria e conectou a agenda para ver as reuniões que estavam com uma hora de atraso, tal como era de esperar, supôs. Aguardou, com as costas erguida no banco de plastipetra, escutou as aborrecidas resoluções comerciais e as emendas carentes de importância a leis que não fingia apoiar, nem sequer compreender.

Face à luz que entrava pelas vidraças e pelas estufas montadas sobre a pedra fria, aquela enorme sala lhe parecia muito estéril. Só queria voltar para casa. Quando anunciaram por fim seu nome, Abulurd devolveu sua atenção à realidade e avançou para o estrado dos oradores. Seus joelhos tremiam, mas tentou disfarçar.

Os membros do Conselho estavam sentados em seus bancos elevados, vestidos com roupas cinzas oficiais. Abulurd olhou para trás e viu assentos vazios na seção reservada aos representantes Harkonnen. Ninguém tinha se incomodado em assistir essa insignificante sessão matutina, nem sequer Kalo Whylls, o embaixador de *Giedi Prime*. Ninguém tinha pensado em informar a Whylls que os assuntos do dia implicavam à Casa Harkonnen.

Perfeito.

Titubeou ao recordar a última vez que tinha tentado dirigir a palavra a um grupo de gente, os cidadãos que estavam reconstruindo Bifrost Eyrie, e os horrores de que tinham sido objeto antes que pudesse pronunciar seu discurso. Respirou fundo e se preparou para dirigir a palavra ao presidente, um homem magro de cabelo preso em tranças e olhos fundos. Não recordava de que Casa era.

Entretanto, antes que Abulurd pudesse falar, o Moderador debulhou seu nome e títulos de uma longa e aborrecida lista. Abulurd ignorava que tantas palavras seguissem seu nome, já que

era uma pessoa de pouca importância no sistema. Não obstante, parecia impressionante.

Por outra parte, nenhum dos sonolentos membros do Conselho parecia muito interessado. Passaram os papéis entre eles.

— Senhorias — começou —, senhores, vim apresentar uma solicitação oficial. Preenchi os formulários apropriados para reclamar o título a que tenho direito como governador do subdistrito de Rabban-Lankiveil. Na prática o exerci durante anos, mas nunca havia... entregue os documentos pertinentes.

Quando começou a especificar seus raciocínios e justificações com voz apaixonada, o presidente do Conselho ergueu uma mão.

— Seguiu os procedimentos oficiais para solicitar uma audiência, e as comunicações oficiais foram enviadas. — Remexeu os documentos que tinha a frente —. Vejo que o imperador também recebeu a comunicação.

— Exato — disse Abulurd, sabendo de que a mensagem enviada a seu meio-irmão tinha seguido uma rota lenta e tortuosa a bordo de um Cruzeiro, uma destreza necessária.

O presidente ergueu uma folha de pergaminho.

— Segundo este documento, foi expulso de seu posto em Arrakis pelo barão Harkonnen.

— Sem que eu protestasse, Senhora. E meu meio-irmão não apresentou objeções a meu comparecimento hoje. — O que era verdade. A mensagem ainda não tinha chegado a seu destinatário.

— Tomamos nota, Abulurd Harkonnen. — O presidente baixou a vista —. Tampouco vejo que o imperador tenha apresentado objeções.

O pulso de Abulurd se acelerou quando viu que o presidente estudava os papéis, as notificações oficiais. Esqueci de algo?

Por fim, o presidente elevou a vista.

— Tudo está em ordem. Aprovado.

— Trago... uma segunda solicitação — anunciou Abulurd, um pouco aborrecido pela rapidez e facilidade com que se desenvolviam os acontecimentos —. Desejo renunciar oficialmente a meu sobrenome Harkonnen.

Aquilo causou certo alvoroço entre os presentes.

Armou-se de coragem para pronunciar as palavras que tinha ensaiado tantas vezes com o Emmi, e a imaginou ao seu lado.

— Não posso aprovar os atos dos membros de minha família — disse, sem nomeá-los —. Tenho um filho recém-nascido, Feyd-Rautha, e desejo que cresça sem mácula, sem a mancha negra do sobrenome Harkonnen.

O presidente do Conselho se inclinou para frente, como se visse Abulurd pela primeira vez.

— Tem consciência do que está dizendo, senhor?

— Completamente — disse Abulurd, surpreso pela energia de sua voz. Seu coração se inchou de orgulho —. Cresci em *Giedi Prime*. Sou o segundo filho de meu pai, Dmitri Harkonnen. Meu meio-irmão, o barão, governa todas as propriedades Harkonnen como deseja. Só peço conservar Lankiveil, o lugar que considero meu lar.

Sua voz se suavizou, como se pensasse que um raciocínio compassivo pudesse comover os homens que o escutavam.

— Não quero participar da política galáctica nem governar planetas. Servi vários anos em Arrakis e descobri que eu não gostava daquilo. Não me interessa a riqueza, o poder ou a fama. Que tais coisas continuem controladas por aqueles que as desejam. — Sua voz se quebrou —. Não quero que minhas mãos voltem a se manchar de sangue, nem tampouco as de meu filho recém-nascido.

O presidente se levantou com solenidade e se elevou em toda sua estatura.

— Renuncia a toda relação com a Casa Harkonnen definitivamente, incluindo os direitos e privilégios que lhe correspondem?

Abulurd assentiu com vigor, sem se importar com os murmúrios que se erguiam na sala.

— Completamente, e sem a menor hesitação.

Aquela gente teria assunto durante dias, mas pouco lhe importava. Então, já estaria a caminho de casa, para reunir-se com Emmi e seu filho. Não desejava outra coisa que uma vida normal e tranqüila, plena de felicidade. O resto do *Landsraad* podia continuar sem ele.

— A partir de agora adotarei o honorável sobrenome de minha esposa, Rabban.

O presidente do Conselho descarregou seu martelo sônico, que ressoou na sala.

— Tomamos nota. O Conselho aprova seu pedido. Enviaremos imediatamente um aviso a *Giedi Prime* e ao imperador.

Enquanto Abulurd ficava atônito por sua boa sorte, o moderador chamou o próximo representante, e foi despedido sem mais.

Saiu do edifício rapidamente, deixando a Sala da Oratória a suas costas. O sol banhava seu rosto de novo e ouviu o tinido de fontes e a música das cometas. Caminhava com passo vivo e sorria como um idiota.

Outros teriam tremido ao tomar essa decisão, mas Abulurd Rabban não sentia medo. Tinha conseguido tudo que esperava, e Emmi também se sentiria satisfeita.

Correu para meter na bagagem as poucas posses que havia trazido e se encaminhou para o espaçoporto, ansioso por retornar ao tranqüilo e isolado Lankiveil, onde poderia começar uma vida nova e melhor.

# 70

*Não existe o que se denominam leis da natureza. Trata-se tão somente de uma série de leis relativas à experiência prática do homem com a natureza. São leis das atividades do homem. Mudam à medida que as atividades do homem mudam.*

*PARDOT KYNES*

*Um manual de Arrakis*

Depois de seis meses em Salusa Secundus, a paisagem indomável e inquietante, as ruínas antigas e as profundas feridas ecológicas assombravam ainda Liet-Kynes. Tal como seu pai havia dito, era fascinante.

Nesse ínterim, em seu esconderijo subterrâneo, Dominic Vernius estudava a documentação e analisava informes roubados sobre as atividades da CHOAM. Gurney Halleck e ele tinham estudado manifestos de carga da Corporação Espacial para decidir a melhor forma de sabotar entendimentos comerciais, de forma que prejudicassem mais ao imperador. Seus contatos e espiões ocasionais, que lhe tinham proporcionado poucos detalhes sobre a situação em IX, desapareceram. De vez em quando tinha recebido informes sobre seu lar ancestral, mas até essa fonte secara.

Os olhos avermelhados e a testa sulcada de rugas de Dominic demonstravam o pouco que dormia ultimamente.

Por sua vez, Liet viu por fim além das intrigas do povoado do deserto e as rivalidades entre os clãs por controlar as areias repletas de especiaria. Estudou a política praticada entre as Casas

Grandes e Menores, os magnatas navais e as famílias poderosas. O Império era muito mais imenso do que tinha imaginado.

Também começou a perceber a magnitude do que seu pai tinha conseguido em Duna, e sentiu um maior respeito por Pardot Kynes.

Liet imaginava o que seria devolver Salusa Secundus a glória que tinha desfrutado tanto tempo antes, no momento gélido do Império. Havia muitas coisas que devia compreender, muitas perguntas sem resposta.

Com algumas instalações meteorológicas estrategicamente situadas, além de colonos dispostos a voltar a plantar pradarias e bosques, Salusa Secundus voltaria a viver e respirar de novo. Mas a Casa Corrino se negava a investir nessas atividades, mesmo face as possíveis recompensas. De fato, parecia que seus esforços eram dirigidos a conservar Salusa tal como tinha sido durante séculos.

Por que?

Como forasteiro no planeta, Liet passava a maior parte do seu tempo livre com uma equipe de sobrevivência, vagava pela paisagem arrasada, se esquivava das ruínas das cidades destruídas, cujos antigos edifícios governamentais do Império estavam habitados por prisioneiros: altos museus, salões enormes, grandes câmaras com os tetos caídos. Durante todos os séculos que Salusa tinha sido um planeta-prisão ninguém tinha tentado reconstruí-lo. As paredes estavam inclinadas ou ruídas. Os tetos apresentavam enormes buracos.

Liet dedicara suas primeiras semanas a estudar a base subterrânea dos contrabandistas. Ensinou aos endurecidos veteranos a apagar os sinais de sua presença, a alterar o hangar para que parecesse habitado por um punhado de ferozes refugiados, afim de não atrair mais que um olhar superficial. Quando os contrabandistas ficaram ocultos sem perigo algum e Dominic ficou satisfeito, o jovem fremen saiu para explorar sozinho, como seu pai tinha feito...

Liet, que procurava mover-se sem deixar rastros de sua passagem, subiu em um penhasco que dominava uma depressão. Com os binóculos viu gente perambulando sob o sol abrasador, soldados com uniformes de cor torrada e parda, camuflagem para o deserto utilizado pelos Sardaukar do imperador. Jogos de guerra extravagantes, para variar.

Uma semana antes, tinha visto os Sardaukar desalojar um refúgio de prisioneiros entrincheirados em ruínas isoladas. Liet passeava pelas cercanias e viu os Sardaukar atacar providos de escudos corporais, lança-chamas e outras armas primitivas, que utilizaram contra os sentenciados. A batalha se prolongou durante horas, enquanto Sardaukar bem preparados lutavam corpo a corpo com prisioneiros que saíam de seu refúgio.

Os homens do imperador tinham matado muitos prisioneiros, mas alguns tinham combatido muito bem, e tinham abatido vários Sardaukar, recolhido suas armas e prolongado a batalha. Quando só restavam algumas dúzias dos melhores lutadores, dispostos a morrer, os Sardaukar plantaram uma bomba atordoante. Depois que as tropas se refugiaram atrás das barricadas, um farol de luz intensa, combinado com a força motivacional de um campo Holtzman, deixou inconscientes os prisioneiros sobreviventes e permitiu que os Sardaukar invadissem sua fortaleza improvisada.

Liet tinha se perguntado por que os soldados imperiais não tinham plantado um atordoante desse o primeiro momento. Mais tarde, perguntou-se se o propósito dos Sardaukar não seria o de fazer um crivo dos prisioneiros e selecionar os melhores candidatos.

Dias depois, alguns cativos sobreviventes se achavam na depressão, vestidos com objetos puídos, os restos de uniformes de prisioneiros. Os Sardaukar formavam suas fileiras ordenadas ao redor, uma armadilha humana. Armas e peças de equipamento pesado estavam situadas em posições estratégicas ao redor do perímetro, unidas com puas e cadeias metálicas.

Parecia que os homens estavam treinando, tanto prisioneiros como Sardaukar.

Agachado no alto do penhasco, Liet se sentia vulnerável sem seu traje destilador. O sabor seco da sede arranhava sua garganta, recordava-lhe o deserto, seu lar, mas não levava um tubo de água no pescoço para beber algumas gotas do líquido precioso.

Na primeira hora daquele dia tinham distribuído outro carregamento de melange tirado de contrabando de Duna e o tinham vendido aos prisioneiros fugitivos que odiavam os Corrino tanto como Dominic. Na sala de descanso, Gurney Halleck tinha levantado uma taça de café enfeitada com melange para saudar seu líder.

Tocou as cordas de seu *baliset* e cantou com sua voz rouca e descarada (se não melódica, ao menos exuberante):

*Oh, taça de especiaria  
que me transporta  
além de minha carne  
até uma estrela longínqua.  
Melange, chamam-na...  
Melange! Melange!*

Os homens prorromperam em vivas e Bork Qazon, o cozinheiro, serviu-lhe outra taça de café especiado. O corpulento Scien Traf, antigo engenheiro ixiano, de tapinhas nas costas de Gurney, e Pen Barlow, em outros tempos comerciante, sempre com um sorriso na boca, soltou uma gargalhada estentórea.

A canção tinha despertado em Liet o desejo de caminhar pelas areias de especiaria, de saborear o intenso aroma de canela que projetava o verme de areia sobre quem o montava. Talvez Warrick quisesse acompanhá-lo até o *sietch* da Muralha Vermelha, uma vez que retornassem de Salusa. Ao menos esperava. Fazia muito tempo que não via seu amigo e irmão de sangue.

Warrick e Faroula tinham casados há quase um ano e meio. Talvez ela já estaria grávida. A vida de Liet teria sido diferente se tivesse conseguido sua mão...

Agachado nas rochas de um penhasco elevado de um planeta diferente, enquanto espiava os misteriosos movimentos das tropas imperiais, Liet ajustou as lentes de alta definição, afim de obter a melhor vista possível. Enquanto os Sardaukar atravessavam a depressão, estudou a velocidade e precisão com que se moviam.

De qualquer modo, pensou Liet, um grupo desesperado de fremen bem armados poderia derrotá-los.

Por fim, os prisioneiros sobreviventes foram conduzidos até o campo de treinamento preparado em frente aos novos barracões Sardaukar, tendas de liga amontoadas como *bunkers* sobre o chão plano, e cujos lados metálicos refletiam a luz do sol. Parecia que os soldados estavam pondo a prova os prisioneiros, desafiando-os a realizar os exercícios tão bem como eles. Quando um homem vacilava, os Sardaukar o matavam com um raio púrpura de fuzil laser. Os outros continuavam.

Liet-Kynes desviou a vista para o céu bilioso, que mostrava sinais que lhe tinham ensinado a reconhecer. O ar parecia espesso como uma sopa, enquanto se tingia de um laranja intenso bordejado de franjas verdes, como o produto de uma indigestão. Massas de raios sulcavam o céu. Blocos de estática semelhantes a gigantescos flocos de neve guiavam o fluxo de vento para a depressão.

Liet, graças a histórias relatadas por Gurney Halleck e outros contrabandistas, conhecia os perigos de expor-se a uma tormenta da aurora, mas uma parte dele, a parte curiosa herdada de seu pai, contemplava fascinado a perturbação elétrica e radiativa que se aproximava. A tempestade vinha acompanhada por nuvens de cor exótica, ar ionizado e funis em forma de cone conhecidos como o vento martelador.

Inquieto, descobriu rachaduras no afloramento rochoso que tinha abandonado. As fendas proporcionavam refúgio a qualquer

fremen provido de recursos, mas as tropas careciam de proteção. Acaso se consideravam capazes de sobreviver a um poder tão elementar?

Ao ver que as nuvens e as descargas se aproximavam, os prisioneiros esfarrapados começaram a romper filas, enquanto as tropas uniformizadas continuavam em posição de sentido. O comandante ladrou ordens, talvez que voltassem para seus postos. Segundos depois, uma poderosa rajada de vento precursor esteve a ponto de derrubar o homem de sua plataforma de suspensão. O comandante ordenou que todo mundo se refugiassem em seus *bunkers* metálicos.

Os Sardaukar desfilaram em filas escuras. Alguns prisioneiros tentaram imitar os soldados, enquanto outros fugiam em direção aos refúgios reforçados.

A tormenta da aurora se desencadeou segundos depois que a última tenda se fechou. Como um ser vivo, assolou a depressão, projetando raios multicoloridos. Um gigantesco punho de vento golpeou o chão. Outro esmagou uma das tendas, junto com todos os seus ocupantes.

Um ar crepitante se precipitou para o penhasco. Embora não estivesse em seu planeta, Liet tinha intuído a natureza mortífera das tormentas desde que era menino. Mergulhou na fenda rochosa. Ao fim de alguns momentos ouviu o uivo demoníaco, o estalo do ar, as descargas de raios, os embates do vento martelador.

Pela estreita fresta de céu visível entre as rochas, Liet viu um caleidoscópio de cores cegantes. Se encolheu em seu refúgio, mas pressentiu que estava a salvo.

Respirou com calma, esperou com paciência a que a tormenta se afastasse e contemplou a frenética intensidade do fenômeno atmosférico. Salusa tinha muitas semelhanças com Duna. Os dois eram planetas cruéis, com terras implacáveis e céus implacáveis. Em Duna, tormentas ferozes também podiam remodelar a paisagem, esmagar um homem ou esfolá-lo.

Ao contrário, neste lugar, aqueles ventos terríveis tinham sentido para ele, vinculados como estavam ao mistério e a grandeza de Duna.

Liet desejava abandonar Salusa Secundus, retornar a seu planeta natal com Dominic Vernius. Precisava voltar a viver no deserto, seu lar.

Quando chegou o momento oportuno, Dominic Vernius embarcou parte de seu bando a bordo da fragata, acompanhado por duas lanchas menores. Dominic pilotava sua nave capitania, e a estacionou em seu ancoradouro do Cruzeiro da Corporação.

O conde renegado foi para seu camarote para relaxar e pensar. Embora estivesse manobrando às sombras do Império a anos, um simples mosquito que incomodava Shaddam IV, nunca tinha dado um golpe claro e decisivo. Sim, tinha roubado um embarque das medalhas comemorativas do imperador. Sim, fizera flutuar o hilariante globo caricato sobre o estádio piramidal de Harmonthep. Sim, tinha gravado a mensagem de cem metros de altura na parede de granito do *canyon* ("Shaddam, descansa bem sua coroa sobre sua cabeça bicuda?"), e tinha desfigurado dúzias de estátuas e monumentos.

Mas com que fim? IX continuava perdido, e não tinha recebido novas notícias sobre a situação do planeta.

No princípio do seu exílio auto-imposto, Dominic tinha reagrupado suas tropas, homens selecionados devido a sua lealdade em campanhas passadas. Ao recordar como tinham derrotado anos antes os rebeldes de Ecaz, tinha dirigido uma pequena força, bem armada e preparada, em um ataque contra os tleilaxu.

Com armas e a vantagem da surpresa, Dominic acreditara poder abrir caminho e derrotar os invasores. No *canyon* do porto de entrada, seus homens tinham saído das naves, disparando fuzis laser, mas tinham topado com a inesperada defesa dos Sardaukar

do imperador. Os malditos Corrino! Por que tinham enviado suas tropas a IX?

Anos atrás, o elemento surpresa se virou contra Dominic, e os soldados imperiais tinham matado uma terça parte de seus homens. Ele mesmo tinha sido ferido nas costas por metralha e dado por morto. Só Johdam o tinha arrastado até uma de suas naves, e tinham batido em desesperada retirada.

Na fortaleza secreta de Dominic escondida no pólo sul de Arrakis, seus homens lhe haviam devolvido à vida. Como tinha tomado precauções para ocultar a identidade da força atacante vingadora (afim de evitar repercussões negativas para o povo ixiano se o ataque fracassasse, ou para seus filhos em Caladan), os tleilaxu nunca tinham sabido quem era o autor da tentativa fracassada.

Como resultado da derrota, Dominic tinha jurado a seus homens que jamais tentaria recuperar seu planeta hereditário em uma ação militar que só poderia terminar de maneira lamentável.

Por pura necessidade, Dominic tinha decidido utilizar outros meios.

Entretanto, suas sabotagens e atos de vandalismo não tinham servido de grande coisa. Shaddam IV nem sequer sabia que o conde Vernius estava comprometido. Embora prosseguisse a luta, Dominic se sentia pior que morto: era irrelevante. Tombou-se no camarote da fragata, analisou tudo que tinha obtido... e tudo que tinha perdido. Com um holorretrato sólido de Shando sobre um pedestal próximo, podia olhá-la e quase imaginar que estava com ele.

Sua filha Kailea devia ser uma jovem atraente a estas alturas. perguntou-se se teria se casado, talvez com alguém da corte de Leto Atreides... mas não com o duque, certamente. A ênfase Atreides sobre os matrimônios políticos era bem conhecida, e a princesa de uma Casa renegada carecia de dote. Do mesmo modo, embora Rhombur fosse velho o bastante para transformar-se em conde da Casa Vernius, o título não tinha valor algum.

Contemplou o holograma de Shando, afligido pela tristeza. E em meio a sua dor, alguém falou.

— Dominic... Dominic Vernius. Conheço sua identidade.

Levantou-se, estupefato, e se perguntou se tinha mergulhado em algum abismo de loucura. A boca de Shando se movia mecanicamente. O holo de seu rosto se virou, mas sua expressão não mudou. Seus olhos não se concentraram nele. Continuou falando.

— Uso esta imagem para me comunicar com você. Devo te transmitir uma mensagem de IX.

Dominic tremeu ao se aproximar da imagem.

— Não, sou o Navegante deste Cruzeiro. Escolhi falar mediante esta holoimagem porque é difícil comunicar-me de outra maneira.

Dominic, que resistia a acreditar isso, reprimiu um pavor supersticioso. Ver a imagem de Shando se mover, ver como o rosto ganhava vida de novo, produziu-lhe um temor visceral.

— Seja lá quem for, o que quer de mim?

— Meu irmão C'tair Pilru, envia estas palavras de IX. Suplica-me que lhe transmita esta informação. Não posso fazer outra coisa além de informar.

A holoimagem de Shando moveu os lábios com mais rapidez e utilizou uma voz diferente desta vez, para repetir as palavras que C'tair tinha enviado em sua mensagem desesperadora seu irmão Navegante. Dominic escutou, cada vez mais horrorizado, e descobriu a natureza exata dos danos que os usurpadores tleilaxu tinham infligido a seu amado planeta e a seu povo.

A ira se apoderou dele. Quando suplicara ajuda durante os primeiros ataques tleilaxu, o maldito imperador Elrood IX tinha ignorado o assunto, garantindo assim a derrota da Casa Vernius. Amargurado por sua perda, Dominic só lamentava que o ancião tivesse morrido antes de ter descoberto uma forma de assassiná-lo.

Mas agora Dominic percebia que o plano imperial era muito mais amplo e insidioso. No fundo, toda a conquista tleilaxu tinha sido uma conspiração imperial, apoiada por tropas Sardaukar quase vinte anos depois. Elrood tinha planejado o conflito desde o começo, e seu filho Shaddam perpetuava o esquema ao oprimir os súditos da Casa Vernius.

A voz de Shando mudou de novo, retornando às palavras mais desconexas do Navegante.

— Em minha rota, posso deixá-lo em Xuttuh, antes conhecido como IX.

— Faça isso — disse Dominic com ódio no coração —. Desejo ver os horrores com meus próprios olhos, e depois eu... — levou-se a mão ao peito, como se fizesse um juramento a Shando —. Eu, lorde Dominic, conde da Casa Vernius, vingarei os sofrimentos do meu povo.

Quando o Cruzeiro entrou em órbita, Dominic se reuniu com Asuyo, Johdam e os outros.

— Retornem a Arrakis. Vão a nossa base e continuem nosso trabalho. Eu vou em uma lancha. — Contemplou o pedestal como se visse sua esposa sobre ele —. Tenho coisas a fazer.

Os dois veteranos expressaram surpresa e confusão, mas Dominic descarregou um murro sobre a mesa.

— Nada de discussões! Tomei uma decisão.

Fulminou seus homens com o olhar, que ficaram assombrados ao ver aquela transformação de sua personalidade.

— Mas para onde vai? — perguntou Liet —. O que pensa em fazer?

— Vou para IX.

# 71

*O poder é utilizado com muita suavidade. Aferrar-se a ele com excessiva força equivale a deixar-se dominar pelo poder, e assim transformar-se em sua vítima.*

*Axioma Bene Gesserit*

O barão não recebeu nada bem as notícias referentes a seu irmão.

No espaçoporto de *Harko City*, alguns homens estavam carregando sua fragata particular com as comodidades, provisões e pessoal que necessitaria para a viagem a Arrakis. Afim de que a coleta de especiaria fosse realizada sem interrupções, tinha que passar meses no inferno do deserto, afim de impor sua lei e evitar que os contrabandistas e os malditos fremen roubassem tudo. Não obstante, depois dos prejuízos que Abulurd tinha causado anos antes, o barão tinha transformado o planeta mais importante do Império de um ponto de vista econômico em uma gigantesca fábrica de dinheiro. Seus lucros não paravam de aumentar.

E agora, quando parecia que tudo ia bem, defontava-se com aquilo. Abulurd, apesar da sua estupidez, tinha o incrível talento de colocar tudo a perder quando menos devia.

Piter De Vries, que intuía o desgosto de seu superior, aproximou-se silenciosamente, para ajudá-lo ou ao menos dar essa impressão. Mas sabia que não devia aproximar-se muito. Tinha sobrevivido durante anos graças a capacidade de evitar a ira do barão, mais que qualquer outro *Mentat* anterior do seu amo. Quando era mais jovem e magro, Vladimir Harkonnen era capaz de saltar como uma cobra e golpear uma pessoa na laringe para deixá-

la sem respiração. Mas agora se tornara tão gordo e corpulento que De Vries podia ficar fora de seu alcance com toda facilidade.

O barão estava sentado na sala de contabilidade da fortaleza. Sua mesa ovalada de pláz negro estava tão polida que se poderia patinar sobre ela. Um enorme globo de Arrakis se erguia em um canto, um objeto artístico que qualquer família nobre teria cobiçado. Entretanto, em vez de exibi-lo nas reuniões do *Landsraad* ou em acontecimentos sociais, o barão o guardava em seus aposentos privados para que ninguém mais pudesse desfrutar do globo.

— Piter, o que vou fazer? — Apontou para um montão de cilindros recém chegados por meio de um Mensageiro —. A CHOAM exige uma explicação, e me adverte em termos muito pouco sutis que esperam continuar recebendo os carregamentos de pele de baleia, apesar da “mudança de liderança”. — Bufou —. Como se tivesse reduzido nossas cotas! Recordam-me que a produção de especiaria em Arrakis não é o único produto vital que a Casa Harkonnen controla. Ameaçaram revogar meu cargo de diretor da CHOAM se não conseguir cumprir minhas obrigações.

Jogou um cilindro mensageiro contra a parede. O objeto deixou uma marca branca na pedra.

Agarrou um segundo cilindro.

— O imperador Shaddam quer saber por que meu meio-irmão renunciou ao sobrenome Harkonnen e tomou o controle do governo do subdistrito.

Lançou o cilindro contra a parede. chocou-se com um ruído ainda mais forte que o anterior, ao lado da primeira marca branca. Agarrou um terceiro.

— A Casa Moritani de Grumman oferece apoio militar encoberto no caso de que decida lançar uma ação direta. — O terceiro cilindro foi parar contra a parede —. A Casa Richese, a Casa Mutelli... Todos mortos de curiosidade, todos divertindo-se às minhas costas!

Continuou jogando cilindros até deixar a mesa vazia. Um dos tubos rodou até Piter, que o recolheu. — Não abriu este, meu senhor.

— Bem, faça-o por mim. Dirá o mesmo que outros.

— É claro. — O *Mentat* cortou com uma de suas longas unhas o selo da cápsula e tirou a tampa. Extraíu uma folha de papel *instroy*, leu-a, e sua língua apareceu entre os lábios —. De nosso agente em Caladan.

O barão se animou.

— Espero que sejam boas notícias.

De Vries sorriu enquanto traduzia a mensagem cifrada.

— Chiara se desculpa por não ter enviado mensagens antes, mas está fazendo progressos com a concubina Kailea Vernius, colocando-a contra o duque.

— Bem, é alguma coisa. — O barão esfregou sua queixo —. Preferia receber a notícia do assassinato de Leto. Essa sim teria sido uma boa nova!

— Chiara gosta de fazer as coisas a sua maneira, sem precipitar-se. — A mensagem *instroy* desapareceu. De Vries fez uma bola e o atirou a um lado, junto com o cilindro —. Não estamos seguros se chegará muito longe, meu senhor, pois se atem a certas... normas... em questões reais. Espionar é uma coisa. Assassinar, outra muito distinta, e é a única que poderia burlar a segurança de Thufir Hawat.

— De acordo, de acordo. — Já tinham discutido sobre o assunto em outras ocasiões. O barão ficou em pé —. Ao menos estamos incomodando o duque em sua própria casa.

— Talvez devêssemos fazer algo mais que isso com Abulurd.

Auxiliado pelo sistema suspensor preso à cintura, o obeso barão calculou mal a força de seus braços e esteve a ponto de cair. De Vries não disse nada, mas assimilou o dado para realizar uma análise *Mentat* assim que seu amo pedisse.

— Talvez. — A cara do barão avermelhou —. O irmão mais velho de Abulurd era um idiota. Literalmente, quero dizer. Um demente babão que nem sequer era capaz de vestir-se, embora sua mãe aceitasse tudo com um sorriso, como se valesse a pena investir tantos recursos em mantê-lo com vida.

Sua cara bochechuda se tingiu de raiva.

— Agora parece que Abulurd é tão demente quanto o outro, mas de uma maneira mais sutil.

Descarregou sua palma sobre a negra superfície oleosa e deixou uma marca que foi apagada lentamente pelos sistemas de autolimpeza do móvel.

— Nem sequer sabia que a pura estava grávida. Agora Abulurd tem outro filho, um doce bebê, e roubou o que lhe corresponde por direito de nascimento. — O barão sacudiu a cabeça —. Esse menino poderia ser um líder, outro herdeiro Harkonnen... mas o idiota de seu pai lhe toma tudo.

De Vries tomou mais precauções que de costume para manter-se afastado do barão, no lado oposto da mesa ovalada.

— Meu senhor, pelo que sei, Abulurd se ateve escrupulosamente às leis. Segundo as normas do *Landsraad*, está autorizado a solicitar e receber uma concessão que poucos de nos teríamos parado para pensar. Possivelmente não o consideremos sensato, mas Abulurd tinha direito como membro da Casa Harkonnen...

— Eu sou a Casa Harkonnen! — rugiu o barão —. Ele não tem nenhum direito, a menos que eu o diga. — Rodeou a mesa. O *Mentat* temeu que o corpulento barão o atacasse. Em troca, caminhou para a porta da câmara —. Vamos ver Rabban.

Percorreram os corredores da fortaleza até um elevador blindado onde desceram até uma arena fechada. Glossu Rabban trabalhava com o guarda da Casa para preparar o combate de gladiadores previsto para a noite, uma tradição que o barão tinha

estabelecido como prelúdio de todas as suas longas viagens a Arrakis.

No arena, escravos silenciosos limpavam os assentos e varriam o lixo. Os espetáculos do barão sempre atraíam multidões, e os utilizava para impressionar os convidados de outras Grandes Casas. As portas de aço do poço dos gladiadores estavam fechadas. Atrás delas aguardavam os animais enjaulados. Hirsutos trabalhadores de torso nu passavam a mangueira por redis vazios de bestas ou escravos mortos, e depois pulverizavam inibidores de cheiro.

Suado, embora não parecesse fazer grande coisa, Rabban se destacava em meio aos homens. Vestia um colete de couro sem mangas. Contemplava a atividade com os braços cruzados e os grossos lábios apertados. Outros trabalhadores rastelavam a areia da arena para recolher fragmentos de osso e espadas quebradas.

Kryubi, o capitão da guarda, dirigia seus soldados. Decidia onde colocar cada homem armado afim de proporcionar uma presença militar impressionante, em vista às festividades iminentes.

O barão desceu a cascata de degraus graças a seu cinturão suspensor, atravessou uma cancela de ferro e saiu à arena. Seus pés mal tocavam o chão, e se movia com a graça de uma bailarina. Piter De Vries o seguia com um passo similar.

Kryubi avançou e o saudou.

— Meu barão — disse —, tudo está preparado. O acontecimento desta noite será espetacular.

— Como sempre — disse De Vries, enquanto um sorriso deformava seus lábios manchados de safo.

— Quantas bestas temos? — perguntou o barão.

— Dois tigres Laça, meu senhor, um urso deka e um touro salusano.

O barão inspecionou a pista com olhos cintilantes e assentiu.

— Esta noite estou cansado. Não quero um combate longo. Solte as bestas e cinco escravos escolhidos ao mesmo tempo. Será

uma luta geral.

Kryubi saudou militarmente.

— Como desejar, meu senhor.

O barão se voltou para seu *Mentat*.

— O sangue escorrerá esta noite, Piter. Possivelmente me distrairá de pensar no que eu gostaria de fazer a Abulurd.

— Prefere só se distrair, meu barão? — perguntou o *Mentat* —. Ou prefere... satisfação? Por que não se vingar de Abulurd?

Um momento de hesitação.

— A vingança me sentaria muito bem, Piter. Rabban!

Seu sobrinho se virou e os viu. Atravessou a pista de areia em direção aos dois homens.

— Piter te contou o que o idiota do seu pai nos fez agora?

O rosto de Rabban mudou.

— Sim, tio. Às vezes me pergunto como consegue semelhante idiota consegue se manter vivo.

— É certo que não compreendemos Abulurd — disse De Vries —, mas uma das leis mais importantes da política sugere que para esmagar um inimigo tem que o compreender, descobrir suas fraquezas. Descobrir onde pode lhe fazer mais mal.

— A fraqueza de Abulurd reside em seu cérebro — resmungou o barão —. Ou talvez em seu coração sentimental.

Rabban soltou uma risada estridente.

O *Mentat* ergueu um dedo comprido.

— Pense nisto. Seu filho recém-nascido, Feyd-Rautha Rabban, é agora seu ponto mais vulnerável. Abulurd deu um passo extraordinário afim de, e citarei suas palavras, "educar o menino tal como é devido". Pelo visto, isto significa muito para ele.

O barão olhou para seu sobrinho.

— Nós não gostaríamos que o irmãozinho de Rabban saísse como Abulurd, não é?

Rabban lançou um olhar furioso ao pensar na possibilidade.

De Vries continuou, com voz tão suave como gelo.

— Portanto, o que é o mais terrível que poderia acontecer a Abulurd nestas circunstâncias? O que lhe causaria maior dor e desespero?

Um sorriso frio cruzou o rosto do barão.

— Brilhante pergunta, Piter. Por isso viverá outro dia. Dois dias, de fato. Hoje me sinto generoso.

A expressão de Rabban não mudou. Ainda não tinha compreendido. Por fim, começou a rir.

— O que deveríamos fazer, tio?

A voz do barão adquiriu um tom sinistramente doce.

— Todo o possível para conseguir que seu novo irmãozinho seja “educado como é devido”. Claro que, sabendo das decisões equivocadas que seu pai tomou, não podemos permitir que Abulurd Rabban corrompa este pirralho. — Olhou para o *Mentat* —. Por conseguinte, nós temos que educá-lo.

— Prepararei os documentos imediatamente, meu senhor barão — disse De Vries com um amplo sorriso.

O barão gritou para que Kryubi se aproximasse e se voltou para seu sobrinho.

— Pegue todos os homens que necessitar, Rabban. E não seja muito discreto. Abulurd tem que compreender claramente as conseqüências dos seus atos.

# 72

*Ninguém determinou ainda o poder da espécie humana... o que pode realizar com o instinto, e o que é capaz de obter com a determinação racional.*

## *Análise objetivo Mentat das capacidades humanas*

Pilotada por Dominic Vernius, a lancha deslizou sob a rede de detecção ixiana, oculta atrás de nuvens. Sobrevoou a baixa altura a antiga superfície de seu planeta natal perdido, absorveu a vista das montanhas e cascatas, os sombrios bosques de pinheiro que se aferravam aos penhascos de granito.

Como antigo senhor de IX, Dominic conhecia mil maneiras de entrar. Confiava que ao menos uma funcionasse.

Reprimiu lágrimas de medo e seguiu adiante, concentrado em seu ponto do destino. IX era conhecido no Império por sua indústria e tecnologia, pelos maravilhosos produtos que exportava e a CHOAM distribuía. Muito tempo antes, a Casa Vernius tinha decidido deixar a superfície impoluta, sepultar clandestinamente as instalações de produção, o que aumentava a segurança e protegia os valiosos tesouros ixianos.

Dominic recordava os sistemas defensivos que ele mesmo tinha desenhado e estabelecido, assim como os colocados gerações antes. A ameaça de espionagem tecnológica de rivais como Richese sempre tinha bastado para que os ixianos estivessem em guarda. Os usurpadores tleilaxu teriam montado seus próprios dispositivos de segurança, mas não teriam descoberto todos os truques pessoais de Dominic. Tinha-os oculto muito bem.

Um comando de assalto organizado estava condenado ao fracasso, mas o conde Vernius confiava em que poderia infiltrar-se

em seu planeta. Tinha que vê-lo com seus próprios olhos.

Embora cada uma das entradas secretas ao reino subterrâneo significasse um ponto fraco no sistema de segurança geral, Dominic tinha compreendido a necessidade das saídas de emergência e rotas secretas que só ele e sua família conheciam. No coração da cidade de Vernii, sua amada capital, havia numerosas câmaras protegidas com escudos de força, túneis ocultos e saídas de fuga. Os filhos de Dominic, junto com o jovem Leto Atreides, tinham-nas utilizado durante a revolta sangrenta. Dominic utilizaria agora uma das portas secretas para entrar.

Conduziu o aparelho sobre uma série de poços de ventilação mau escondidos, dos quais surgia vapor como gêiseres termais. Nas planícies se abriam amplos poços e plataformas de carga para o embarque de materiais, com destino a outros planetas. Neste profundo *canyon* repleto de árvores, estreitos salientes e terrenos baixos permitiam que aterrissassem naves de vez em quando. Dominic esquadrinhou o terreno até que localizou os sinais sutis, as árvores caídas, as manchas em escarpadas paredes rochosas.

A primeira porta camuflada estava selada, e o túnel cheio do que deviam ser metros de plasmento sólido. Na segunda porta havia armadilhas explosivas, mas Dominic localizou as conexões antes de introduzir sua contra-senha. Não tentou desarmar o engenho, mas continuou seu caminho.

Dominic temia o que podia encontrar em sua cidade, antes tão bela. Além da horripilante mensagem que o patriota ixiano C'tair Pilru tinha irradiado, seus próprios investigadores subornados ecoaram os rumores sobre as condições em IX. Não obstante, tinha que saber o que os tleilaxu e os malditos Corrino faziam a seu amado planeta.

Então, todos pagariam caro.

Em seguida, Dominic pousou a lancha em uma pequena fenda rodeada de abetos escuros. Com a esperança de manter-se dentro da rede de vigilância, saiu e permaneceu imóvel, cheirou o ar limpo, o aroma das agulhas de pinheiro, a umidade da água que corria

perto. Nas grutas que se estendiam sob quilômetros de rocha, o ar seria morno e estaria poluído pelos produtos químicos. Quase podia ouvir e sentir sons familiares, um leve frenesi de atividade, uma vibração quase imperceptível sob seus pés.

Localizou a comporta de entrada coberta de arbustos do poço de escape, e manipulou os controles depois de cuidadosa inspeção. Se os tleilaxu tinham descoberto esta, tinham sido muito minuciosos. Mas não encontrou sinais de armadilhas nem explosivos. Aguardou, com a esperança de que os sistemas funcionassem.

Por fim, depois que o vento fresco arreliou sua pele, subiu a um elevador autoguiado, programado para transportá-lo à rede de covas e um armazém secreto situado na parte posterior do que tinha sido o Grande Palácio. Era uma das diversas estadias que tinha preparado para "contingências" em sua juventude. Isso tinha sido antes da revolta ecazi, antes que se casasse, muito antes da conquista tleilaxu. Era segura.

Dominic sussurrou o nome de Shando e fechou os olhos. O elevador desceu a velocidade aterradora, e esperou que as sabotagens de C'tair não tivessem prejudicado estes sistemas ocultos. Respirou fundo várias vezes, evocou imagens de seu passado na tela de projeção de suas pálpebras. Ansiava retornar à mágica cidade subterrânea, mas também temia a crua realidade que o aguardava.

Quando o elevador se deteve, Dominic saiu armado com um fuzil laser. Também carregava uma pistola de dardos na cintura. O armazém cheirava a pó e mofo da inatividade. Ninguém tinha entrado ali fazia muito tempo.

Avançou com cautela, aproximou-se do armário oculto onde tinha guardado um par de macacões como os que utilizavam os operários de nível médio. Com a esperança de que os tleilaxu não tivessem imposto mudanças drásticas nos uniformes de trabalho, vestiu-se e deslizou a pistola laser em uma capa presa a sua pele, sob a roupa.

Assim disfarçado, consciente de que não podia voltar atrás, Dominic percorreu os escuros passadiços e localizou uma plataforma de observação com paredes de plaz. depois de duas décadas, olhou pela primeira vez à cidade subterrânea remodelada.

Piscou, incrédulo. O esplêndido Grande Palácio tinha sido despojado de todo seu mármore resplandecente, e uma explosão tinha destruído uma asa completa. O enorme edifício parecia um armazém com sombras disformes de grandeza, transformado em uma feia coelheira de escritórios burocráticos. Pelas janelas de plaz viu repugnantes tleilaxu dedicados a seus assuntos se movimentando como baratas.

No céu projetado viu aparelhos oblongos cobertos de luzes piscantes, que seguiam rotas aleatórias e espiavam todos os movimentos. Módulos de vigilância. Equipamento militar desenhado pelos ixianos para ser enviado a zonas de batalha. Agora, os tleilaxu utilizavam a mesma tecnologia para espionar seu povo, para mantê-lo atemorizado.

Dominic, enojado, mudou-se para outras plataformas de observação situadas no teto da gruta, atravessando grupos de gente. Contemplou seus olhos arregalados e rostos gastos, tentou recordar-se que era seu povo, e não imagens de um pesadelo. Teve vontade de falar com eles, assegurar que logo faria algo, mas não podia revelar sua identidade. Ainda não sabia muito bem o que tinha acontecido desde que sua família e ele tinham sido declarados renegados.

Estes ixianos leais tinham dependido de Dominic Vernius, seu conde por direito próprio, mas ele tinha falhado. Tinha fugido, abandonando-a a própria sorte. Uma sensação de culpa o inundou. Sentiu um nó no estômago.

Dominic examinou a cidade, procurou os melhores pontos de observação, localizou as instalações industriais fortemente guardadas. Algumas estavam fechadas e abandonadas, outras rodeadas de campos de segurança. No chão da gruta, suboides e habitantes ixianos trabalhavam juntos como escravos.

Acenderam-se luzes nos balcões do alterado Grande Palácio. Os alto-falantes retumbaram. As palavras ressoaram, sincronizadas, de modo que os ecos se propagaram como ondas de força pela gruta.

— Povo de Xuttuh — disse uma voz com forte sotaque em *galach* —, continuamos descobrindo parasitas em nosso meio. Faremos o que for preciso para extirpar este câncer de conspiradores e traidores. Os Bene Tleilax têm atendido suas necessidades com generosidade, e lhes concedemos um papel em nossa sagrada missão. Portanto, castigaremos aqueles que se afastarem de suas sagradas tarefas. Devem compreender e aceitar seu novo lugar no universo.

Dominic viu como esquadrões de soldados rodeavam as equipes de trabalhadores. As tropas usavam os uniformes cinza e negro Sardaukar, e mortíferas armas imperiais. Shaddam já nem tentava dissimular sua implicação. Dominic teve que controlar sua ira.

Em um balcão do Grande Palácio, um par de aterrorizados prisioneiros flanqueados pelos Sardaukar foram empurrados por senhores tleilaxu. O alto-falante retumbou de novo.

—Estes dois foram capturados no ato de cometer sabotagem contra indústrias essenciais. Durante o interrogatório identificaram outros conspiradores. — Seguiu uma pausa —. Podem contar que haverá mais execuções ao longo da semana.

Ouviram-se gritos isolados de protesto. Os guardas Sardaukar empurraram os prisioneiros para a beira do balcão.

— Morte a nossos inimigos!

Os guardas imperiais os jogaram pela borda do balcão, e a multidão se afastou. As vítimas caíram com gritos horríveis que cessavam bruscamente.

Dominic contemplou a cena com fúria e horror. Muitas vezes fora até aquele mesmo balcão para rezar. Dirigiu-se a seus súditos dali, elogiando-os por seu trabalho, tinha prometido recompensas maiores pela produtividade. O balcão do Grande Palácio deveria ser

um lugar para que as pessoas vissem a bondade de seus líderes, não uma plataforma de execuções.

No chão, os Sardaukar dispararam seus fuzis laser para sossegar as vozes de protesto e impôr ordem entre o povo enfurecido.

A voz imaterial anunciou um castigo final.

— Durante as próximas três semanas, as rações serão reduzidas em vinte por cento. A produtividade não mudará, do contrário se imporão novas restrições. Se houver voluntários para identificar mais conspiradores, nossa recompensa será generosa.

Os senhores tleilaxu deram meia volta com uma revoada de seus hábitos e seguiram os guardas Sardaukar ao interior do palácio profanado.

Dominic, enfurecido, teve vontade de abrir fogo sobre os Sardaukar e os tleilaxu, mas só conseguiria um ataque simbólico, e preferiu não revelar sua identidade com um gesto tão inútil.

Doía-lhe a mandíbula de tanto apertar os dentes. Apertou o corrimão e percebeu que estivera nessa mesma plataforma de observação, muito tempo antes, com sua nova esposa *lady* Shando. Tinham contemplado a enorme caverna de mãos dadas. Ela olhava tudo com olhos brilhantes, vestida com roupas elegantes da corte imperial de Kaitain.

Mas o imperador nunca tinha esquecido o insulto de ser abandonado. Elrood tinha esperado muitos anos pelo momento de vingar-se, e IX tinha pago por isso.

O peito de Dominic se esticou. Tivera tudo: riqueza, poder, um planeta próspero, uma esposa perfeita, uma família maravilhosa. Agora, a cidade subterrânea apresentava profundas feridas e não restava nada de seu antigo esplendor.

— Ai, olhe o que fizemos, Shando — sussurrou com voz entristecida, como se estivesse com ela —. Olhe o que fizemos.

Permaneceu na cidade de Vernii por tanto tempo como ousou, enquanto as rodas da vingança giravam em sua mente. Quando

estava preparado para partir, Dominic Vernius sabia exatamente o que faria para devolver o golpe.

A história nunca esqueceria sua vingança.

# 73

*O poder e o engano são ferramentas da política, sim. Mas lembre-se que o poder engana quem o exerce. Faz-lhe acreditar que pode superar os defeitos de sua ignorância.*

*Conde FLAMBERT MUTELU*

*Discurso na Sala da Oratória do Landsraad.*

Uma vez mais, Abulurd desfrutava das plácidas noites de Lankiveil. Não lamentava ter renunciado a seus poderosos contatos familiares. Estava contente.

Os fogos que ardiam nas chaminés das grandes estadias esquentavam o pavilhão principal de Tula Fjord, restaurado e redecorado. Emmi e ele, acomodados na sala comunal contigua a grande cozinha, sentiam-se satisfeitos, com o estômago cheio depois da comida que tinham compartilhado com os criados para celebrar o reencontro. Tinham localizado e recuperado quase todo o pessoal antigo. Por fim, Abulurd olhava o futuro com esperança.

Naquela mesma manhã, duas baleias Bjondax tinham sido avistadas na boca do fiorde. Os pescadores informavam que as pescas recentes tinham sido as melhores do ano. O tempo, geralmente rude, tinha dado passagem a uma brusca queda de temperatura que havia coberto os penhascos com uma fina capa de neve. Sob os céus noturnos nublados, sua brancura acrescentava um tom azulado às sombras.

Feyd-Rautha estava sentado em um tapete tecido a mão ao lado de Emmi. De caráter alegre, o menino era propenso às risadas e variadas expressões faciais. Feyd agarrou um dedo de sua mãe quando esta o sustentou erguido e deu seus primeiros passos,

pondo a prova seu equilíbrio. O alegre menino já possuía um pequeno vocabulário, que empregava com freqüência.

Para continuar a celebração, Abulurd estava pensando em tirar alguns instrumentos antigos e tocar música popular, mas então se ouviu um ruído desagradável, o zumbido de motores.

— São navios?

Quando os criados se calaram, distinguiu o som de motores náuticos.

A cozinheira tinha entrado com uma bacia grande na sala de estar contígua à zona comunal, onde utilizava uma faca plana para abrir ostras e jogar seu conteúdo em uma panela de caldo. Ao ouvir o ruído, secou as mãos em uma toalha e olhou pela janela.

— Luzes. Navios estão chegando. Estão muito rápido, em minha opinião. Lá fora está escuro. Podem se chocar contra algo.

— Acendam os globos da casa — ordenou Abulurd —. Temos que dar as boas-vindas a nossos visitantes.

Uma grinalda de luz rodeou o edifício de madeira e lançou um brilho quente sobre os moles.

Três embarcações se dirigiam para o pavilhão principal, paralelas à borda. Emmi agarrou o pequeno Feyd. Seu rosto largo, geralmente serena, tingiu-se de inquietação, e olhou para seu marido. Abulurd fez um gesto para aplacar seus temores, embora sentisse um nó em seu estômago.

Abriu as grandes portas de madeira quando navios couraçados atracaram no mole. Soldados Harkonnen uniformizados desembarcaram, e suas pesadas botas ressoaram. Abulurd retrocedeu um passo quando as tropas subiram pela escada para ele, com as armas penduradas ao ombro mas preparadas para ser utilizadas.

Abulurd pressentiu que sua paz estava a ponto de terminar. Glossu Rabban saltou ao mole. Seguiu à vanguarda de seus homens com passos ágeis.

— Emmi, é... é ele.

Abulurd não pôde pronunciar o nome de seu filho. mais de quatro décadas separavam Glossu Rabban de seu irmão pequeno, em quem seus pais tinham depositado todas as suas esperanças. O bebê parecia muito vulnerável. A casa de Abulurd carecia de defesas.

Guiado por um impulso irracional, Abulurd fechou a pesada porta e a trancou, o que só serviu para provocar os soldados, que abriram fogo e a destruíram. Abulurd retrocedeu para proteger sua mulher e filho. A velha madeira se estilhaçou com um som aterrador, como o da tocha do verdugo.

— É assim que me dá as boas-vindas, pai?

Rabban soltou uma sonora gargalhada enquanto abria caminho entre a fumaça e os restos chamuscados.

Os criados começaram a correr de um lado para outro. Atrás da panela de caldo, a cozinheira segurava sua faca como uma arma patética. Dois criados saíram de outras habitações armados de arpões e facas de pesca, mas Abulurd levantou as mãos para que mantivessem a calma. Os soldados Harkonnen os matariam a todos, como em Bifrost Eyrie, se não dirigisse a situação com diplomacia.

— É assim que pede as boas-vindas, filho? — Abulurd indicou os restos da porta —. Com soldados armados e navios militares que irrompem em plena noite?

— Meu tio me ensinou a me apresentar como é devido.

Os soldados permaneciam imóveis, com as armas à vista de todos. Abulurd não sabia o que fazer. Olhou para sua esposa, que continuava sentada junto ao fogo, abraçando o bebê. A julgar pelo brilho angustiado de seus olhos, Abulurd sabia que se arrependia de não ter escondido o menino em alguma parte do pavilhão.

— Esse é meu novo irmão Feyd-Rautha? Parece muito efeminado. — Rabban deu de ombros —. Mas é sangue do meu sangue... Suponho que tenho que amá-lo.

Emmi abraçou o menino com mais força e afastou o cabelo para trás dos ombros, cabelo que era ainda negro apesar da sua idade avançada. Olhou para Rabban furiosa, irada pelo que via e torturada pelos restos do amor que sentia por seu filho.

— Esperemos que seja só sangue o que compartilhem. Não aprendeu a ser cruel nesta casa, Glossu. Nem de mim nem de seu pai. Sempre o amamos, apesar da dor que nos causou. — Levantou-se e deu um passo para ele, e Rabban avermelhou de ira quando retrocedeu um passo sem querer —. Como é possível que tenha se tornado assim?

Ele a fulminou com o olhar.

Emmi baixou a voz, como se estivesse formulando a pergunta para si mesma, não a ele.

— Onde nós erramos? Não entendo.

Seu rosto largo e simples adotou uma expressão de amor e compaixão, mas se endureceu quando Rabban soltou uma gargalhada cruel para dissimular sua confusão.

— Não? Vocês também me decepcionaram. Meus próprios pais, e nem sequer me convidam para a cerimônia de batismo de meu irmão pequeno. — Avançou uns passos —. Deixe-me abraçar o pirralho.

Emmi retrocedeu para proteger o filho bom do mau. Rabban fingiu tristeza e se aproximou mais. Os soldados Harkonnen ergueram as armas.

— Deixe sua mãe em paz! — disse Abulurd. Um dos soldados levantou uma mão para impedir que se precipitasse para frente. Rabban se virou para ele.

— Não posso ficar de braços cruzados e permitir que um demente intrometido como você corrompa meu irmão, pai. O barão Vladimir Harkonnen, seu meio-irmão e chefe de nossa Grande Casa, já apresentou os documentos e recebeu a plena aprovação do Landsraad para educar Feyd-Rautha em sua casa em Giedi Prime. — Um guarda tirou um cilindro de pergaminho e o jogou aos pés de

Abulurd, que se limitou a olhá-lo —. Adotou o menino formal e legalmente.

Rabban sorriu ao ver a expressão horrorizada de seus pais.

— Do mesmo modo que já me adotou. Sou seu herdeiro designado, o na-barão. Sou um Harkonnen de pura cepa, como o barão. — Estendeu seus braços grossos. As tropas prepararam suas armas, mas Emmi retrocedeu para o fogo —. Como vêem, não têm nada com que se preocupar.

Rabban moveu a cabeça e fez um sinal a dois dos homens mais próximos, que abriram fogo sobre a cozinheira, que sustentava ainda a pequena faca curva. Durante a breve estadia de Rabban no pavilhão, a mulher lhe tinha preparado muitos pratos, mas os raios de fuzil a abateram antes que pudesse pestanejar. A mulher deixou cair a faca e caiu sobre a bacia. Ostras e água se derramaram sobre o chão de madeira.

— A quantos mais me obrigará a matar, mãe? — disse Rabban, quase em tom queixojo, com as mãos ainda estendidas —. Sabem que o farei. Me entregue meu irmão.

O olhar de Emmi se desviou de Rabban para os criados aterrorizados, depois para o menino e por fim pousou em Abulurd, que não teve a coragem de olhá-la aos olhos. Só pôde emitir um grito afogado.

Embora sua mãe não desse sinais de render-se, Rabban arrebatou o menino. Ela não opôs resistência por temor que assassinassem a toda a gente da casa, como os soldados Harkonnen tinham massacrado os inocentes trabalhadores de Bifrost Eyrie.

Incapaz de suportar que arrebatassem a seu filho, Emmi emitiu um soluço, como se as âncoras que sempre lhe tinham proporcionado energia e estabilidade se partissem. O menino rompeu a chorar ao ver o rosto inexpressivo de seu irmão maior.

— Não pode fazer isto! — exclamou Abulurd, a quem os soldados seguiam sem deixar acontecer —. Sou o governador deste

planeta. Denunciarei-o ao Landsraad.

— Já não tem direitos legais. Não denunciemos seu título absurdo de governador planetário, mas quando renunciou ao sobrenome Harkonnen perdeu seu título. — Rabban segurava o menino o mais longe possível, como se não soubesse o que fazer com uma criança. O documento de pergaminho continuava aos pés de Abulurd —. Você não é nada, pai. Absolutamente nada.

Voltou para a porta destroçada sem soltar o menino. Abulurd e Emmi, afligidos de dor, lançaram-se atrás dele gritando, mas os guardas apontaram as armas.

— Não, não matem mais ninguém — disse Rabban —. Quando partirmos, eu gostarei de escutar os lamentos de toda a casa.

Os soldados desceram para os moles e subiram aos navios couraçados. Abulurd segurava Emmi com força, balançava-a de um lado para outro, e se sustentaram mutuamente como duas árvores caídas. Seus rostos estavam sulcados de lágrimas, seus olhos totalmente abertos e frágeis. Os criados lançavam gritos de angústia.

Os navios cruzaram as águas negras de Tula Fjord. Abulurd ofegou, incapaz de respirar. Emmi se estremeceu em seus braços e ele tentou consolá-la, mas se sentia impotente, inútil e esmagado. Emmi olhava para suas mãos abertas e calosas, como se esperasse ver o menino nelas.

Ao longe, embora soubesse que era sua imaginação, Abulurd acreditou ouvir os soluços do menino por cima do rugido dos navios.

# 74

*Nunca procure a companhia de alguém com quem não queira morrer.*

*Provérbio fremen*

Quando Liet-Kynes retornou de Salusa Secundus para a base dos contrabandistas no pólo sul de Duna, encontrou seu amigo Warrick esperando.

— Olhe para você! — disse com uma gargalhada o fremen mais alto. Warrick jogou para trás seu capuz e correu sobre o cascalho que cobria o fundo da gruta escondida. Abraçou Liet e deu tapas rudes em suas costas —. Está repleto de água... e limpo. — Enrugou o nariz —. Não vejo as marcas do traje destilador. Limpou-se completamente do deserto?

— Nunca tirarei o deserto do meu sangue. — Liet apertou a mão do seu amigo —. E você... você amadureceu.

— A felicidade da vida de casado, meu amigo. Faroula e eu temos um filho que se chama Liet-chih em sua honra. — deu um murro na palma —. E continuei lutando contra os Harkonnen a cada dia, enquanto você se tornava macio e mimado entre esses forasteiros.

Um filho. Liet sentiu uma pontada de tristeza por ele, mas foi substituída por uma sensação de autêntica alegria por seu amigo e de gratidão pela honra do nome.

Os contrabandistas descarregaram sua carga com pouca conversa e brincadeiras. Estavam inquietos e preocupados porque Dominic Vernius não os acompanhara a Arrakis. Johdam e Asuyo gritavam ordens para que guardassem o material trazido de Salusa

Secundus. Gurney Halleck ficara em Salusa para fiscalizar as operações dos contrabandistas.

Warrick estava a cinco dias na base antártica. Comia a comida dos contrabandistas e os ensinava a sobreviver nos desertos de Duna.

— Acho que nunca aprenderão, Liet — sussurrou com desprezo —. Por mais tempo que vivam aqui, sempre serão forasteiros.

Enquanto entravam nos túneis principais, Warrick lhe deu notícias. Tinha levado duas vezes o suborno de especiaria a Rondo Tuek para tentar descobrir quando seu amigo retornaria. Tinha lhe parecido uma eternidade.

— O que te impulsionou a ir a um lugar como Salusa Secundus?

— Era uma viagem que devia fazer — respondeu Liet —. Meu pai cresceu ali, e falava dele muito freqüentemente. Mas agora retornei, e minha intenção é ficar. Duna é meu lar. Salusa foi... uma distração interessante.

Warrick coçou seu cabelo comprido, emaranhado e encaracolado pelas muitas horas utilizando o capuz do traje destilador. Não havia dúvida de que Faroula guardava seus aros de água, como qualquer esposa deveria fazer. Liet se perguntou qual seria o aspecto atual da jovem.

— Então voltará para o *sietch* da Muralha Vermelha, para seu lar? Faroula e eu sentimos sua falta. Entristeceu-nos que se afastasse de nós.

— Fui um estúpido — admitiu Liet —. Queria passar um tempo a sós para pensar em meu futuro. Muitas coisas mudaram, e aprendi muito. — Forçou um sorriso —. Acredito que agora compreendo melhor meu pai.

Os olhos azuis de Warrick se de arregalaram.

— Quem duvidaria de *Umma* Kynes? Fazemos sua vontade.

— Sim, mas ele é meu pai, e queria compreendê-lo.

Da altura em que se encontravam, contemplaram os aterros da calota polar.

— Quando estiver preparado, meu amigo, chamaremos um verme e voltaremos para o *sietch*. — Warrick umedeceu os lábios com expressão irônica —. Se é que ainda se lembra de como pôr um traje destilador.

Liet soprou e foi a seu armário, onde tinha guardado o equipamento do deserto.

— Pode ser que tenha me vencido na corrida até a Cova das Aves — olhou de soslaio para seu amigo —, mas ainda posso chamar um verme maior.

Despediram-se dos outros contrabandistas. Embora os endurecidos homens tivessem sido companheiros de Liet durante quase um ano, não se sentia unido a eles. Eram militares, leais a seu chefe e acostumados à vida militar. Falavam sem cessar de outras épocas e de batalhas em outros planetas, de façanhas ao lado do conde Vernius pela glória do Império. Não obstante, suas paixões se amarguraram, e agora se limitavam a fazer o que podiam para incomodar Shaddam...

Liet e Warrick cruzaram a extensão gelada, mas evitaram o pó e a terra das indústrias do mercador de água. Warrick se voltou para olhar o terreno frio, desprovido de marcas características.

— Vejo que lhes ensinou algumas coisas, mais do que lhes ensinamos na primeira vez. Seu esconderijo já não é tão evidente como antes.

— Você percebeu, não é? — disse Liet, satisfeito —. Com um bom professor fremen, até eles podem aprender o evidente.

Chegaram por fim à fronteira do deserto, plantaram o batedor e chamaram um verme. Ao fim de pouco, dirigiam-se para os territórios indômitos em que o pó, as tormentas e as caprichosas tempestades climáticas sempre tinham desalentado às patrulhas Harkonnen.

Enquanto suas montarias sulcavam a areia em direção às regiões equatoriais, Warrick falou pelos cotovelos. Parecia mais feliz, mais informado de histórias e anedotas humorísticas que nunca.

Liet, que ainda sentia uma dor surda no coração, escutou-o falar de Faroula e de seu filho, de sua vida em comum, de uma viagem que tinham feito ao *sietch* Tabr, do dia que tinham passado em Arrakeen, da ocasião em que quiseram ir ao projeto da estufa da Depressão de Gelo...

Enquanto isso, a mente de Liet vagava. Se tivesse chamado um verme maior, ou se apressado mais, ou descansado menos, talvez tivesse chegado primeiro. Os dois jovens tinham pedido o mesmo desejo no Biyan, o leito do lago que tinha ficado a descoberto, tanto tempo antes (casar-se com a mesma garota), e o desejo só tinha sido concedido a Warrick.

Era a vontade do *Shai-Hulud*, como diziam os fremen. Liet tinha que aceitar.

Acamparam ao cair a noite. Sentaram-se sobre a cúpula de uma duna e contemplaram as estrelas na escuridão. Depois se meteram na tenda destiladora. Com o contato suave do deserto, Liet-Kynes dormiu melhor que em muitos meses...

Viajaram com rapidez. Dois dias depois, Liet descobriu que tinha saudades do *sietch* da Muralha Vermelha, saudar sua mãe, Frieth, contar a seu pai o que tinha visto e feito em Salusa Secundus.

Mas naquela tarde, Liet reparou em uma mancha parda no horizonte. Tirou os filtros e inalou ozônio, e a eletricidade estática do ar arrepiou seu pêlo.

Warrick franziu o sobrecenho.

— É uma grande tormenta, Liet, e se aproxima rapidamente. — Deu de ombros com otimismo forçado —. Talvez seja apenas um vento *heinali*. Poderemos superá-lo.

Liet guardou seus pensamentos para si, pois não desejava mencionar suas desagradáveis suspeitas. Mencionar más possibilidades podia atrair o mal.

Mas quando o fenômeno se aproximou e se ergue poderosamente no céu, Liet disse o evidente.

— Não, meu amigo, é uma tormenta Coriolis.

Recordou sua experiência de anos atrás no módulo meteorológico com seu pai, e ainda mais recente, a tormenta de aurora de Salusa Secundus. Mas isto era pior, muito pior.

Warrick olhou para ele e se agarrou ao lombo do verme.

— *Hulasikali Wala*. O vento do demônio em pleno deserto.

Liet estudou a nuvem que se aproximava. Nos níveis superiores, a escuridão era causada por diminutas partículas de pó lançadas a grandes altitudes, enquanto que perto do chão os ventos levantavam a areia, mais pesada e abrasiva. *Hulasikali Wala*, pensou. Era o termo fremen que designava as mais poderosas tormentas Coriolis. O vento que come a carne.

O verme de areia começou a mostrar-se agitado e inquieto, reticente a continuar. Quando a mortífera tormenta se aproximasse, o animal mergulharia sob o chão, por mais ganchos e separadores que aplicassem a seus segmentos.

Liet examinou as dunas que se estendiam como um oceano interminável em todas as direções. Nada além de deserto.

— Nem montanhas nem abrigo.

Warrick não respondeu, e continuou procurando alguma irregularidade na penumbra que os rodeava.

— Ali! — ergueu-se sobre o lombo do verme e apontou com um dedo —. Um pequeno afloramento rochoso. Vamos.

Liet forçou a vista. O vento já lhe lançava pó no rosto. Só via um diminuto ponto negro pardo, uma proeminência rochosa, como um pedra bruta perdida que se sobressaía da areia.

— Não parece grande coisa.

— É o único que há, meu amigo.

Warrick obrigou o verme a desviar-se para o pequeno afloramento antes que a tormenta explodisse.

A areia, empurrada a grande velocidade, açoitou seus rostos e irritou seus olhos. Colocaram os filtros bem encaixados nas fossas nasais e a boca fechada, e cobriram o rosto com capuzes, mas Liet ainda experimentava a sensação de que a areia penetrava pelos poros de sua pele.

O vento rouco sussurrou em seus ouvidos, e depois aumentou de volume, como o fôlego de um dragão. Os campos elétricos lhe produziram náuseas e dor de cabeça, que só diminuiria se se cobrisse bem sobre a areia. Algo impossível naquela desolação.

Quando se aproximaram do afloramento rochoso, o coração de Liet deu um salto. Tratava-se de uma simples curva de lava endurecida, exposta aos ventos abrasivos. Do tamanho apenas de uma tenda destiladora, com bordas rugosas, rachaduras e fendas. Não era grande o bastante para alojar os dois.

— Warrick, isto não vai nos servir. Temos que encontrar outra maneira.

Seu companheiro se virou para ele.

— Não há outra maneira.

O verme resistia a tomar a direção que Warrick lhe açulava. Quando se aproximaram mais de seu improvável refúgio, a tormenta se ergueu sobre eles como um gigantesco muro marrom no céu. Warrick liberou os ganchos.

— Agora, Liet! Temos que confiar em nossas botas, em nossas habilidades e no *Shai-Hulud*.

Liet soltou seus ganchos. O verme mergulhou na areia e Liet se deixou cair para não ser apanhado no redemoinho.

A tormenta Coriolis se precipitava para eles com um som seco e sibilante, remexia a areia e uivava como um animal enfurecido. Liet já não podia diferenciar o céu do deserto.

Lutaram contra o vento e subiram à rocha. Só havia uma rachadura que podia alojar um homem encolhido, protegido por sua capa.

Warrick a examinou e voltou para a tormenta. Ergueu a cabeça.

— Tem que aproveitar o refúgio, meu amigo. É seu.

Liet se negou.

— Impossível. Você é meu irmão de sangue. Tem uma esposa e um filho. Tem que voltar para eles.

Warrick lhe dirigiu um olhar frio e distante.

— E você é o filho de *Umma* Kynes. Sua vida é mais valiosa que a minha. Aproveite o refúgio antes que a tormenta mate nós dois.

— Não deixarei que sacrifique sua vida por mim.

— Não o deixarei escolher.

Warrick deu meia volta, mas Liet o agarrou pelo braço.

— Não! Como escolhem os fremen em situações como esta? Como decidimos a melhor maneira de guardar a água para nossa tribo? Eu digo que sua vida é mais valiosa que a minha, porque tem uma família. Você diz que eu sou mais valioso por ser meu pai quem é. Não temos tempo para solucionar este problema.

— Então, Deus escolherá — disse Warrick.

— De acordo. — Liet tirou um pau do cinto —. E tem que obedecer a decisão. — Quando Warrick franziu o sobrecenho, Liet engoliu em seco —. E eu também.

Ambos tiraram seus paus, voltaram-se para a duna e protegeram o ângulo de lançamento do vento. A tormenta se aproximava, um universo rodopiante de escuridão eterna. Warrick foi o primeiro a lançar, e a ponta bicuda do seu dardo se afundou na superfície macia. Sete.

Quando Liet lançou seu pau, pensou que ganhasse seu amigo morreria. E se perdesse, morreria ele. Mas não lhe ocorria outro método.

Warrick se ajoelhou no lugar onde os paus se afundaram. Liet correu para seu lado. Seu amigo não o enganaria, porque isso era um anátema para os fremen. Mas tampouco confiava nos olhos nublados de Warrick, irritados pelo pó. Seu pau estava inclinado em um ângulo, e revelava a cifra: nove.

— Você ganhou. — Warrick se voltou para ele —. Tem que entrar no refúgio, meu amigo. Não temos tempo para discutir, nem para nos atrasar.

Liet piscou e estremeceu. Falhavam-lhe os joelhos, e estava a ponto de desabar por causa do desespero.

— Isto não pode ser. Nego-me a aceitar.

— Não tem alternativa. — Warrick o empurrou para a rocha —. São os caprichos da natureza. Ouviu seu pai falar do assunto com bastante freqüência. O meio ambiente tem seus riscos, e hoje a sorte não nos favoreceu.

— Não posso fazer isso — gemeu Liet, ao mesmo tempo que afundava os saltos na areia, mas Warrick o empurrou com violência para as rochas.

— Vá! Não me obrigue a morrer inutilmente!

Liet avançou para a rachadura como se estivesse em transe.

— Entre comigo. Compartilharemos o refúgio.

— Não há espaço suficiente. Olhe bem.

O uivo da tormenta alcançou o clímax. Pó e areia os aguilhoavam como balas. Ambos se falavam com gritos, apesar de estarem separados por uma distância ínfima.

— Tem que cuidar de Faroula — disse Warrick —. Se discutir comigo e morrer aqui, quem cuidará dela e do meu filho?

Liet abraçou seu amigo, consciente de que estava derrotado, de que não podia fazer nada mais. Warrick o empurrou para o

interior da rachadura. Liet tentou acomodar-se, com a esperança de que sobrasse espaço para Warrick.

— Pegue minha capa! Cubra-se. Ela o protegerá.

— Cale-se, Liet. Precisaré dela para sobreviver. — Warrick olhou para ele. O vento furioso agitava seu traje destilador e a capa —. Pense assim: serei um sacrifício para *Shai-Hulud*. Talvez minha vida alcance sua misericórdia.

Liet se esmagou contra as rochas, quase incapaz de mover-se. Sentiu o aroma da eletricidade atmosférica provocada pela tormenta de areia, viu seus chiados no muro de areia que se aproximava. Era a manifestação mais violenta que Duna podia oferecer, muito pior que qualquer outro fenômeno de Salusa Secundus, nada comparável em todo o universo.

Liet estendeu a mão. Warrick a apertou sem pronunciar palavra. Liet já sentia a pele corroída. O vento o mordiscava como dentes diminutos. Quis se aproximar de Warrick, lhe proporcionar um pouco de abrigo na rachadura, mas seu amigo se negou. Já tinha tomado sua decisão e não havia alternativa.

O furacão lançou suas garras. Liet não podia manter os olhos abertos e tratou de encolher-se mais dentro da rachadura.

Quando a tormenta aumentou de intensidade, a mão de Warrick se soltou da sua. Liet tentou recuperá-la mas a força do vento o esmagou contra a rocha. Só via as forças do Coriolis. O pó o cegava.

Nem sequer pôde ouvir o grito de Warrick.

Depois de horas naquele inferno, Liet saiu. Seu corpo estava coberto de pó, com os olhos avermelhados e quase cego, as roupas rasgadas por causa das rochas e dos dedos do vento. Ardia-lhe a testa, sentia-se doente e chorou de desespero. A seu redor, o deserto parecia limpo, renovado. Liet chutou o chão com suas botas *temag*, desejou destruí-lo, impulsionado pela raiva e dor. E então se voltou.

Embora fora impossível, viu a figura de um homem, uma silhueta que se erguia sobre uma duna, com uma capa puída que batia as asas a seu redor. O furacão tinha destroçado parte de seu traje destilador.

Liet ficou petrificado, perguntou-se se seus olhos o enganavam. Uma miragem? Acaso o fantasma de seu amigo havia retornado para atormentá-lo? Não, era um homem, um ser vivo que lhe dava as costas.

Warrick.

Liet gritou e correu pela areia, deixando profundos rastros. Subiu a duna, rindo e chorando ao mesmo tempo, incapaz de acreditar em seus olhos.

— Warrick!

O outro fremen continuou imóvel. Não se precipitou para receber seu amigo, mas sim continuou olhando para o norte, para seu lar.

Liet era incapaz de imaginar como Warrick tinha sobrevivido. A tormenta Coriolis destruía tudo que encontrava em seu caminho, mas aquele homem continuava de pé. Liet gritou uma vez mais e chegou aos tombos na cúpula da duna. Recuperou o equilíbrio e agarrou o braço de seu amigo.

— Warrick! Você está vivo!

Warrick se virou lentamente para ele.

O vento e a areia lhe tinham arrancado a metade da pele. O rosto de Warrick estava esfolado em parte, e as bochechas deixavam à mostra seus dentes. Tinha perdido as pálpebras e seu olhar cego contemplava sem piscar a luz do sol.

Os ossos apareciam no dorso de suas mãos, e os tendões de sua garganta subiram e desceram como polias e cabos quando moveu a mandíbula e falou com uma voz monstruosa, mutilada.

— Sobrevivi, e vi. Mas talvez tivesse sido melhor morrer.



# 75

*Se um homem for capaz de aceitar seus pecados, sobreviverá.  
Se um homem não pode aceitar seus pecados, sofre consequências insuportáveis.*

*Meditações desde Byfrost Eyrie*

*Texto budislâmico.*

Abulurd Harkonnen esteve a ponto de enlouquecer durante os meses posteriores ao seqüestro do seu filho. Isolou-se do mundo uma vez mais. Todos os criados foram despedidos. Sua esposa e ele carregaram em um ornitóptero suas mais apreciadas posses.

Depois reduziram a cinzas o pavilhão principal. As paredes, teto e vigas arderam como velas. A madeira rugiu e chispou como uma pira funerária. O edifício de madeira tinha sido o lar de Abulurd e Emmi durante décadas, um refúgio de felicidade e belas lembranças. Mas o abandonaram sem vacilar.

Emmi e ele voaram sobre as montanhas até aterrissarem em uma das silenciosas cidades da montanha, um lugar chamado Veritas, que significa "verdade". A comunidade budislâmica, que parecia uma fortaleza, tinha sido construída sob um saliente de granito, uma plataforma rochosa que sobressaía da massa montanhosa. Ao longo dos séculos, os monges tinham escavado uma rede de túneis e celas onde os devotos podiam alojar-se e meditar.

Abulurd Harkonnen tinha que meditar muito, e os monges o aceitaram de bom grado.

Embora não fossem religiosos e nem sequer observassem os princípios do *budislam*, Abulurd e Emmi passavam muito tempo

juntos em silêncio. Consolavam-se mutuamente, depois de tanta dor e sofrimento. Queriam compreender por que o universo se empenhava em atormentá-los, mas nenhum dos dois encontrou resposta.

Abulurd acreditava que era bondoso, que no fundo era um bom homem. Tentava fazer tudo certo. Não obstante, encontrava-se mergulhado em um poço de demônios.

Um dia estava sentado em sua câmara de paredes de pedra, onde a luz era tênue e piscava, vinda de velas que projetavam uma fumaça perfumada. Estufas ocultas em nichos nas rochas esquentavam a habitação. Vestia roupas simples e folgadas, e estava mergulhado em seus pensamentos.

Emmi, ajoelhada a seu lado, acariciou a manga de sua blusa. dedicava-se a escrever poesia, os versos descobertos nos sutras budislâmicos, mas as palavras e metáforas eram tão incisivas e dolorosas que Abulurd não podia lê-los sem sentir a ardência das lágrimas. Emmi deixou em um lado os pergaminhos e as plumas.

Os dois contemplaram as velas oscilantes. Os monges cantavam em algum salão, e a pedra propagava a vibração de seus cânticos. Os sons apagados se transformaram em tons hipnóticos.

Abulurd pensava em seu pai, um homem com quem se parecia muito, de cabelo comprido, pescoço grosso e corpo esbelto. O barão Dmitri Harkonnen sempre usava roupa folgada para parecer mais impressionante do que na realidade era. Tinha sido um homem duro, que tomara decisões difíceis para aumentar a fortuna familiar. Cada dia constituía um esforço por aumentar a riqueza da Casa Harkonnen, por elevar a posição de sua família no *Landsraad*. Receber o feudo siridar de Arrakis tinha engrandecido o sobrenome Harkonnen entre as famílias nobres.

Ao longo das eras transcorridos desde a batalha de Corrin, a linhagem Harkonnen ganhou uma reputação de crueldade, mas Dmitri tinha sido muito menos duro que a maioria de seus antecessores. Daphne, sua segunda esposa, tinha-lhe abrandado grandemente. Mais adiante, Dmitri mudou de maneira perceptível,

ria de boa vontade, demonstrava amor por sua nova esposa e dedicava muito tempo a seu filho menor Abulurd. Até amava ao atrasado mental Marotin, quando em gerações anteriores dos Harkonnen teriam acabado com a vida do menino em um simulacro de piedade.

Infelizmente, quanto mais afetuoso Dmitri se tornava, mais desumano se mostrava seu filho mais velho Vladimir, como em resposta. A mãe de Vladimir, Vitória, fazia todo o possível por inculcar uma ânsia infinita de poder em seu filho.

Somos tão diferentes.

Enquanto meditava, concentrado nas cores das chamas das velas, Abulurd não se arrependeu de ter se negado a seguir os passos de seu meio-irmão. Carecia de coração e estômago para executar as atrocidades que tanto deleitavam o barão.

Enquanto escutava as vibrações longínquas da música dos monges, Abulurd pensou em sua árvore genealógica. Nunca tinha entendido por que seu pai lhe tinha posto o nome de Abulurd, um nome tingido de desprezo e infâmia desde o desenlace da Jihad Butleriana. O primeiro Abulurd Harkonnen tinha sido repudiado por covardia depois da batalha de Corrin, caído para sempre em desgraça.

Tinha sido a vitória final dos humanos contra as máquinas pensantes. Na última batalha, ocorrida na lendária ponte de Hrethgir, o insultado Abulurd fizera algo que lhe rendera a censura de todas as partes vitoriosas. Tinha gerado a milenar inimizade entre os Harkonnen e os Atreides. Mas os detalhes eram escassos e não existiam provas.

O que meu pai sabia? O que fez o outro Abulurd na batalha de Corrin? Que decisão tomou na ponte?

Talvez Dmitri não o considerasse motivo de opróbrio. Talvez os vitoriosos Atreides se limitaram a reescrever a história, mudado o relato dos fatos depois de tantos séculos para denegrir a reputação

dos Harkonnen. Desde a Grande Revolta, os mitos tinham deformado a história e ocultado a verdade.

Abulurd estremeceu, respirou fundo, aspirou o aroma do incenso que as velas emitiam.

Ao perceber a inquietação do seu marido, Emmi lhe acariciou a nuca e lhe deu um sorriso agridoce.

— Demorará certo tempo — disse —, mas acredito que neste sagrado lugar encontraremos um pouco de paz.

Abulurd assentiu e engoliu em seco.

Agarrou a mão de Emmi e beijou a pele áspera de seus dedos.

— Pode ser que me tenham despojado de minha riqueza e poder, querida minha, pode ser que tenha perdido meus dois filhos... mas ainda tenho você. E você vale mais que todos os tesouros do Império. — Fechou seus olhos azuis —. Oxalá pudéssemos fazer algo por compensar Lankiveil, para compensar toda essa gente que sofreu tanto por ser como sou.

Apertou os lábios e seus olhos se cobriram de uma fina capa de lágrimas que não podia ocultar as imagens: Glossu Rabban coberto de sangue de baleia peluda e piscando à luz do foco que iluminava o mole... Bifrost Eyrie arrasado pelas tropas de Rabban... a expressão de incredulidade de Onir Rautha-Rabban pouco antes de ser jogado no abismo pelos guardas... até a pobre cozinheira. Abulurd recordava o cheiro de carne queimada, o ruído da panela derrubada ao cair, a água derramada sobre o chão de madeira, absorvida pelo avental da mulher morta quando caiu sobre ele. O menino chorando...

Quanto tempo fazia que a vida não era agradável e plácida? Quantos anos tinham transcorrido desde que tinha ido caçar baleias com os cordiais pescadores, quando tinham caçado a uma baleia albina...

Recordou de repente do *iceberg* artificial, o enorme e ilegal depósito de especiaria oculto nas águas árticas. Um tesouro

Harkonnen inimaginável. Não havia dúvida de que seu meio-irmão tinha escondido esse depósito diante do seu nariz.

Levantou-se e sorriu. Olhou para sua esposa, que não compreendia sua alegria.

— Já sei o que podemos fazer, Emmi!

Aplaudiu, entusiasmado pela perspectiva. Ao menos tinha descoberto uma forma de compensar seu povo, a quem sua própria família tinha tratado com tanta crueldade.

A bordo de um cargueiro quebra-gelo que não tinha anunciado seu curso nem irradiado sinal de localização, Abulurd se encontrava no comando de um grupo de monges budislâmicos, uma tripulação baleeira e os antigos criados de sua casa. Sulcavam as águas cobertas de massas de gelo, escutando o ruído dos fragmentos gelados ao roçarem-se, como pedras de argamassa.

Uma neblina noturna de cristais de gelo suspensos derivava sobre as águas e esfumava os faróis da embarcação, que procurava a ancoragem do *iceberg* artificial. Utilizavam sonares e exploratórios, e riscavam um mapa dos montículos flutuantes. Assim que descobrissem o que procuravam, localizar ao falso seria muito simples.

Nas horas anteriores ao amanhecer, a embarcação amarrou junto à escultura de poliéster que tanto se parecia com gelo cristalino. Assombrando os operários, baleeiros e monges se internaram como intrusos nos corredores que se estendiam sob a água. Dentro, intocados durante anos, descansavam contêineres da preciosa especiaria melange, transportada em segredo desde Arrakis para ser armazenada em Lankiveil. O resgate de um imperador.

No princípio de seu prolongado reinado, Elrood IX tinha promulgado severas restrições contra reservas como essa. Se alguma vez a descobrissem, o barão seria castigado severamente,

deveria pagar uma multa imensa e talvez perderia seu cargo de diretor da CHOAM, e inclusive seu quase feudo de Arrakis.

Durante alguns momentos de desesperada esperança, Abulurd tinha pensado em chantagear seu meio-irmão e exigir que devolvessem seu filho, sob a ameaça de revelar a reserva de especiaria ilegal. Como já não era um Harkonnen, Abulurd não tinha nada a perder, mas sabia que a longo prazo não serviria de nada. Esta era a única forma de extrair algum bem do pesadelo.

A equipe furtiva utilizou plataformas suspensoras e uma fileira de homens para carregar o navio de melange. Mesmo caído em desgraça, Abulurd ainda conservava seu título de sub-governador do distrito. Sondaria seus contatos anteriores. Encontraria contrabandistas e mercadores que o ajudariam a desprender-se da reserva. Demoraria meses, mas a intenção de Abulurd era obter bons Solaris em troca dela, que distribuiria como lhe parecesse justo. Tudo em benefício de seu povo.

Emmi e ele tinham considerado, mas descartado, a idéia de investir em um bom sistema defensivo para Lankiveil. Mesmo com toda aquela especiaria, era impossível construir algo capaz de opor-se ao poder da Casa Harkonnen. Não, tinham uma idéia melhor.

Enquanto meditavam na cela do monastério, Emmi e ele tinham desenvolvido um complexo plano. Distribuir tamanha riqueza constituiria uma tarefa monumental, mas Abulurd contava com colaboradores de confiança e sabia que conseguiria.

O dinheiro da especiaria seria enviado a cidades e povoados, distribuído em centenas de cidadelas montanhosas e aldeias de pescadores. As pessoas reconstruiriam seus templos budislâmicos. Substituiriam seus antigos equipamentos de pesca por outros melhores, alargariam ruas e moles. Todos os pescadores nativos receberiam um barco novo.

O dinheiro seria distribuído em milhares de peças pequenas para que fosse impossível recuperá-lo. A reserva de especiaria aumentaria o nível de vida da pobre gente desse planeta, seus

súditos, proporcionaria-lhes comodidades que jamais tinham imaginado.

Quando o barão descobrisse o que seu meio-irmão tinha feito, jamais poderia reclamar sua fortuna perdida. Seria como tentar capturar o mar com um copo...

Enquanto o quebra-gelo voltava para as aldeias do fiorde, Abulurd se erguia na proa, sorria face à gelada névoa e estremecia de impaciência. Sabia o bem que faria com seu esforço daquela noite.

Pela primeira vez em anos, Abulurd Harkonnen se sentiu muito orgulhoso.

## 76

*A capacidade de aprender é um dom; a faculdade de aprender é uma aptidão; a vontade de aprender é uma opção.*

*REBEC DE GINAZ*

Hoje, os aprendizes de mestre espadachim viveriam ou morreriam em função do que tinham aprendido.

De pé junto a um variado mostruário de armas, o lendário Mord Cour conferenciava em voz baixa com o professor Jeh-Wu. O campo de provas estava úmido e escorregadio devido à chuva caída ao amanhecer. As nuvens ainda não tinham se afastado.

Logo serei um mestre espadachim, de corpo e mente, pensou Duncan.

Aqueles que superassem (sobrevivessem?) esta fase ainda deveriam enfrentar uma intensa bateria de exames orais, que abrangiam a história e a filosofia das disciplinas de luta que tinham estudado. Depois, os vencedores retornariam à ilha principal, contemplariam os restos sagrados de Jool-Noret e voltariam para casa.

Como mestres espadachins.

— Um tigre em um braço e um dragão no outro — gritou Mord Cour. Seu cabelo prateado tinha crescido dez centímetros desde que Duncan o tinha visto pela última vez na ilha vulcânica —. Os grandes guerreiros encontram uma forma de superar qualquer obstáculo. Só um verdadeiro grande guerreiro é capaz de sobreviver ao Corredor da Morte.

Dos cento e cinquenta alunos que tinham começado na classe, só restavam cinquenta e um, e cada baixa ensinava uma nova lição

a Duncan. Hiih Resser e ele, em teoria os dois melhores estudantes, erguiam-se lado a lado, como faziam a anos.

— O Corredor da Morte?

Resser tinha perdido o lóbulo da orelha esquerda em um exercício de luta com facas. Como pensava que a cicatriz lhe dava aspecto de guerreiro veterano, o ruivo tinha recusado qualquer cirurgia plástica que reparasse os danos.

— Uma mera hipérbole — disse Duncan.

— Acha mesmo?

Duncan respirou fundo e se concentrou na presença consoladora da espada do velho duque em sua mão. A corda rodeada ao pomo cintilava à luz do sol. Uma espada orgulhosa. Tinha jurado ser digno dela, e estava contente de empunhá-la agora.

— Depois de oito anos, é muito tarde para desistir — disse.

O percurso exterior de treinamento, rodeado por uma cerca de força, estava oculto dos alunos. Para sobreviver aos obstáculos e chegar ao final do percurso deveriam enfrentar *meks* assassinos, holoilusões sólidas, armadilhas explosivas e outros artefatos. Seria sua última prova física.

— Adiantem-se e escolham suas armas! — gritou Jeh-Wu.

Duncan prendeu duas facas curtas ao cinturão, além da espada do velho duque. Agarrou uma pesada maça, mas a trocou por uma longa lança de batalha.

Jeh-Wu agitou seus longos cachos escuros e avançou alguns passos. Embora sua voz fosse dura, aparecia nela um ápice de compaixão.

— Talvez alguns considerem cruel esta última prova, pior que qualquer situação de combate real. Mas os guerreiros têm que temperar-se na forja dos verdadeiros perigos.

Enquanto esperava, Duncan pensou em Glossu Rabban, que não tinha mostrado a menor compaixão quando caçava homens em

*Giedi Prime*. Os monstros verdadeiros como os Harkonnen podiam inventar exercícios sádicos muito piores que os imaginados por Jeh-Wu. Inalou uma profunda baforada de ar, tentou dominar o medo e se imaginou sobrevivendo à odisséia.

— Quando Ginaz entrega um mestre espadachim a uma Casa nobre — continuou o velho Mord Cour —, dele dependem suas vidas, sua segurança, sua fortuna. Como carregam esta responsabilidade, nenhuma prova pode ser muito difícil. Alguns de vocês morrerão hoje. Não tenham dúvida. Nossa obrigação é entregar somente os melhores lutadores ao Império. Não há volta.

As comportas se abriram. Os ajudantes gritaram os nomes de um em um, foram lendo de uma lista, e vários alunos desapareceram atrás da barreira sólida. Resser foi um dos primeiros a ser chamado.

— Boa sorte — disse Resser. Duncan e ele se despediram com o semiaperto de mãos do Império e, sem olhar para trás, o ruivo atravessou o detestável portal.

Oito anos de rigoroso treinamento culminavam naquele momento.

Duncan esperou atrás de outros estudantes, alguns cobertos de suor nervoso, outros lançando bravatas. Mais alunos atravessaram a porta. Sentiu um nó de impaciência no estômago.

— Duncan Idaho! — gritou por fim um dos ajudantes.

Através da abertura, Duncan viu que o estudante anterior se esquivava se armas jogadas contra ele vindas de todas as direções. O jovem desapareceu de sua vista entre obstáculos e *meks*.

— Venha, venha. É fácil — grunhiu o ajudante —. Hoje já temos um par de sobreviventes.

Duncan rezou uma oração silenciosa e se precipitou para o desconhecido. A porta se fechou a suas costas com um estalo.

Concentrado no que estava fazendo, com a mente travada em um estado temporal de reações fotos instantâneas, ouviu um murmúrio de vozes que enchiam sua cabeça: Paulus Atreides Ihe

dizia que podia obter tudo que se propusesse; o duque Leto o aconselhava a não desistir, seguir o caminho da moralidade e jamais esquecer a compaixão; Thufir Hawat o aconselhava a vigiar todos os pontos do perímetro hemisférico que rodeava seu corpo.

Dois *meks* espreitavam a cada lado do corredor, monstros metálicos com sensores que seguiam todos os seus movimentos. Duncan pôs-se a correr, parou-se de repente, fez uma finta, lançou-se para frente e deu uma cambalhota.

Vigie todos os pontos. Duncan deu meia volta, atacou com sua lança, ouviu que golpeava metal, desviando uma arma dos *meks*, um dardo que lhe tinham lançado. Perímetro perfeito. Balançou sobre os pés, pronto a sair disparado em qualquer direção.

Recordou as palavras de seus instrutores: o encaracolado Mord Cour, Jeh-Wu, com sua cara de iguana, o obeso Riwy Dinari, o pomposo Whitmore Bludd, e mesmo o severo Como Reed, guardião da ilha prisão.

Sua professora de tailandês-chi tinha sido uma jovem atraente, com um corpo tão flexível que parecia composto inteiramente de fibra. Sua voz doce tinha um tom duro. "Espere o inesperado." Palavras simples mas profundas.

As máquinas de combate continham mecanismos ativados por sensores óticos que seguiam seus movimentos, tanto se fossem rápidos como cautelosos. Não obstante, de acordo com as normas butlerianas, os *meks* não podiam pensar como ele. Duncan afundou a ponta de sua lança em um *mek*, deu meia volta e aplicou o mesmo tratamento ao outro. Virou-se e se esquivou por pouco das facas empaladoras que lançavam.

Enquanto avançava, examinava o caminho de madeira que pisava com seus pés nus, em busca de botões de pressão. As pranchas estavam manchadas de sangue. A um lado do caminho viu um corpo mutilado. Não parou para identificá-lo.

Mais adiante, jogou facas contra os olhos de outros *meks* para cegá-los. Derrubou outros com chutes vigorosos. Quatro eram só

holoprojeções, o que percebeu ao observar sutis diferenças de luz e reflexo, um truque que Thufir Hawat lhe ensinara.

Um de seus instrutores tinha sido um rapaz com cara de menino e instintos assassinos, um guerreiro ninja que ensinava métodos silenciosos de assassinato e sabotagem, a suprema habilidade de fundir-se com as sombras e atacar no silêncio mais absoluto. “Às vezes pode fazer a declaração mais dramática com um toque invisível”, o ninja havia dito.

Duncan, depois de sintetizar oito anos de treinamento, traçou paralelismos entre as diversas disciplinas, similaridades de método e diferenças. Algumas técnicas eram muito úteis para suas circunstâncias atuais, e sua mente começou a selecionar os métodos apropriados para cada desafio.

Deixou para trás o último *mek* morto. Seu coração martelava em seu peito. Duncan desceu até a borda escarpada, seguindo os indicadores, ainda limitado pela falta de força. Suspensores vermelhos o guiaram sobre um lago branco-azulado de gêiseres e águas termais vulcânicas, mas as ondas do mar transparente lambiam a borda da concha rochosa e esfriavam um pouco a água.

Mergulhou e nadou até túneis de lava submarinos onde borbulhava água mineral. Quase a ponto de afogar-se, sulcou as águas reaquecidas até emergir em outro lago de águas termais, onde *meks* de aspecto feroz se lançaram para ele.

Duncan lutou como um animal selvagem até que compreendeu que sua missão era atravessar aquele Corredor da Morte, não derrotar todos os adversários. Parou chutes, repeliu os *meks* e continuou correndo pelo caminho, para as terras altas selvagens e a próxima fase...

Uma ponte de corda estava estendida sobre um profundo abismo, um teste difícil de equilíbrio, e Duncan sabia que pioraria. Apareceram holobestias sólidas projetadas em metade do caminho, prontas para atacá-lo. Agitou sua lança e as golpeou.

Mas Duncan não caiu. O pior inimigo de um aprendiz é sua mente. Concentrou sua mente, ofegante. O desafio é controlar o medo. Jamais devo esquecer que não são adversários reais, por mais sólidos que pareçam seus golpes.

Tinha que utilizar todas as aptidões aprendidas, sintetizar as diversas técnicas e sobreviver, como em uma batalha real. A Escola de Ginaz podia ensinar métodos, mas não havia duas situações de combate idênticas. As armas principais de um guerreiro são a agilidade física e mental, combinada com a adaptabilidade.

Concentrou-se na rota direta que saltava o abismo, deu um passo atrás de outro. Utilizou sua lança para derrubar seus adversários irrealis e chegou ao extremo da ponte, suado e esgotado, quase desmaiando.

Mas seguiu adiante. Até o final.

Correu por uma breve garganta rochosa (o lugar ideal para uma emboscada). Viu poços e rampas. Quando ouviu uma salva de disparos, rolou, e depois voltou a ficar em pé. Um dardo voou para ele, mas usou a lança comi vara e saltou sobre o obstáculo.

Quando pousou os pés no chão, um torvelinho de movimento se precipitou para seu rosto. Ergueu a lança na horizontal ante seus olhos e sentiu dois fortes impactos na madeira. Um par de diminutos *meks* voadores se incrustaram na lança, como pontas de flecha autoguiadas.

Viu mais sangue no chão, e outro corpo mutilado. Embora não devesse pensar nos companheiros caídos, lamentou a perda de outro estudante com talento que tinha investido tanto tempo e esforços no treinamento... apenas para tombar ali, no último desafio. Tão perto.

Às vezes vislumbrava observadores de Ginaz do outro lado da cerca de força, que seguiam seus passos, e outros professores, muitos dos quais recordava. Duncan não se permitiu pensar em como seus companheiros tinham se saído. Ignorava se Resser continuava vivo.

Até o momento tinha utilizado as facas e a lança, mas não a espada do velho duque. Era uma presença tranqüilizadora, como se Paulus Atreides o acompanhasse em espírito e sussurrasse conselhos ao longo do caminho.

“Um jovem com colhões tão grandes como os seus tem que fazer parte da minha casa”, havia-lhe dito o velho duque.

Duncan enfrentou ao obstáculo final, um enorme caldeirão fundo de óleo fervente que bloqueava todo o caminho. O final do Corredor da Morte.

Tossiu por causa da fumaça acre e tampou a boca e o nariz com sua camisa, mas não podia ver. Piscou para conter as lágrimas e estudou o caldeirão enterrado, que parecia a boca de um demônio furioso. Um estreito rebordo rodeava o caldeirão, escorregadio por causa do óleo derramado, que desprendia vapores nocivos.

O obstáculo final. Duncan devia ultrapassá-lo, fosse como fosse.

Atrás dele, uma alta cancela metálica se ergueu no caminho para impedir que voltasse. Estava trancada com fio *shiga* e não havia forma de subir por ela.

Tampouco tinha intenção de voltar.

“Nunca discuta com seus instintos, rapaz”, tinha-lhe aconselhado Paulus Atreides. O duque, guiado por seu instinto, tinha dado refúgio ao jovem em sua casa, apesar de saber que Duncan tinha vindo de um planeta Harkonnen.

Duncan se perguntou se poderia saltar sobre o caldeirão, mas não viu o outro lado por causa das chamas e da fumaça. E se o caldeirão não fosse redondo, mas de forma irregular, para enganar um estudante que acreditasse nisso? Truques e mais truques.

Tratava-se de uma holoprojeção? Mas sentia o calor, a fumaça o fazia tossir. Jogou sua lança, que ricocheteou com um ruído metálico contra um flanco metálico.

Ouviu o chiado de placas metálicas a suas costas, voltou-se e viu que a enorme cancela avançava para ele. Se não se movesse, a barreira o empurraria para o caldeirão.

Desembainhou a espada do velho duque e esfaqueou o ar. A arma lhe pareceu inútil. Pense!

Esperem o inesperado.

Estudou a cerca de força que tinha à direita. Recordou suas sessões em Caladan com Thufir Hawat. A espada lenta penetra o escudo corporal, mas tem que mover-se à velocidade precisa, nem muito depressa nem muito devagar.

Agitou a espada no ar para praticar. Poderia romper a barreira e atravessá-la? Se uma espada lenta penetrava o escudo, a energia da barreira podia deslocar-se, mudar. A ponta afiada da espada podia distorcer o campo, abrir um oco. Mas quanto tempo permaneceria alterado um escudo se uma espada o penetrasse? Poderia atravessar a abertura temporária antes que o escudo se fechasse de novo?

A porta metálica continuava aproximando-se, empurrava-o para o caldeirão. Mas não se decidia a agir.

Duncan pensou em como por em prática o que tinha pensado. Suas opções eram limitadas. Avançou para a barreira e se deteve quando cheirou o ozônio e sentiu o estalar da energia em sua pele. Tentou recordar uma oração que sua mãe lhe cantava, antes que Rabban a assassinasse, mas só conseguiu recuperar fragmentos sem sentido.

Segurou a pesada espada do velho duque e atravessou a cerca de força como se fosse uma parede de água, moveu a espada para cima e sentiu as ondulações do campo. Era como estripar um peixe.

Depois se impulsionou para frente, seguiu a ponta da espada, dominou a resistência e caiu sobre uma superfície de lava negra, bastante aturdido. Rolou e ficou em pé, ainda com a espada, pronto para enfrentar aos mestres caso tivesse quebrantado as regras. De

repente, viu-se livre do perigo do caldeirão fumegante e da porta móvel.

— Excelente! Temos outro sobrevivente.

Como Reed, liberado de suas obrigações na ilha prisão, correu para apertar Duncan em um abraço de urso.

O mestre Mord Cour e Jeh-Wuno estavam muito longe, com expressões satisfeitas. Duncan nunca os tinha visto tão risonhos.

— Era a única saída? — perguntou enquanto tentava recuperar o fôlego e olhava para o professor Cour.

O ancião explodiu em gargalhadas.

— Você descobriu uma das vinte e duas, Idaho.

Outra voz interveio.

— Quer voltar para descobrir as outras possibilidades?

Era Resser, que sorria de orelha a orelha. Duncan embainhou a espada do velho duque e abraçou seu amigo.

# 77

*Como definir o Kwisatz Haderach? O varão que está em todas partes ao mesmo tempo, o único homem capaz de transformar-se no ser humano mais poderoso de todos, que combina antepassados masculinos e femininos tornando-os inseparáveis.*

*Libero Azhar  
da Bene Gesserit.*

Sob o palácio imperial, em uma rede de canais de água e lagos ligados, duas mulheres nadavam com trajes de banho negros. A mais jovem nadava lentamente, atrasava-se para ajudar a anciã caso ela se cansasse. Seus trajes impermeáveis, escorregadios como óleo e quentes como um útero, ofereciam flexibilidade e conforto, pois cobriam o peito, o estômago e as coxas.

Apesar de algumas mulheres Bene Gesserit utilizarem roupas normais, e mesmo vestidos deliciosos em ocasiões especiais como bailes imperiais e acontecimentos festivos, eram aconselhadas a cobrirem seu corpo sempre. Contribuía para alimentar a mística e diferenciava as Irmãs.

— Já não... posso... nadar como antes — resfolegou a reverenda madre Lobia, enquanto Anirul a ajudava a entrar no maior dos sete lagos, um oásis de água fumegante de vapor, perfumada com ervas e sais. Não fazia muito tempo, a reveladora da verdade Lobia sempre fora capaz de superar Anirul com toda facilidade, mas agora, superados os cento e setenta anos de idade, sua saúde tinha declinado. Uma morna condensação gotejava do teto de pedra arqueado, como chuva tropical.

— Está indo muito bem, reverenda madre.

Anirul segurou o braço da anciã e a ajudou a subir a escada de pedra.

— Nunca minta para uma Reveladora da Verdade — disse Lobia com um sorriso enrugado. Seus olhos amarelados dançaram, mas ofegava em busca de ar —. Sobretudo à Reveladora da Verdade do imperador.

— Não acha que a esposa do imperador merece um pouco de indulgência?

A anciã riu.

Anirul a ajudou a acomodar-se em uma cadeira de forma adaptável e lhe entregou uma toalha. Lobia se estendeu com a toalha em cima dela e apertou um botão que ativava a massagem corporal da cadeira. Suspirou quando os campos elétricos acariciaram seus músculos e centros nervosos.

— Estão fazendo os preparativos para minha substituição — disse Lobia com voz sonolenta, por cima do zumbido da cadeira —. Vi os nomes das candidatas. Será estupendo voltar para a Escola Materna, embora duvide que volte a vê-la. Em Kaitain o clima é perfeito, mas sinto falta do frio e da umidade de Wallach IX. Não lhe parece estranho?

Anirul se sentou na beira da cadeira, viu a idade no rosto da Reveladora da Verdade e ouviu o murmúrio onipresente das vidas acumuladas em seu interior. Por ser a mãe *Kwisatz* secreta, Anirul vivia com uma clara e estridente presença da Outra Memória em sua cabeça. Todas as vidas do longo caminho de sua herança falavam nela, contavam-lhe coisas que a maioria das Bene Gesserit ignoravam. Lobia, apesar da sua idade avançada, não sabia tanto a respeito da idade como Anirul.

Minha sabedoria é superior a minha idade. Não era arrogância, mas uma sensação do peso da história e dos acontecimentos que a acompanhava.

— O que o imperador fará sem você a seu lado, reverenda madre? Depende de você para saber quem mente e quem diz a

verdade. Não é uma Reveladora da Verdade comum, sob nenhum conceito.

Lobia, relaxada pela massagem, adormeceu ao seu lado.

Anirul refletiu sobre as camadas de segredo da Irmandade, a estrita divisão em categorias de informação. A Reveladora da Verdade adormecida era uma das mulheres mais poderosas do Império, mas nem mesmo Lobia conhecia a verdadeira natureza da missão de Anirul; de fato, sabia muito pouco sobre o programa *Kwisatz Haderach*.

Do outro lado dos lagos subterrâneos, Anirul viu que seu marido Shaddam saía de uma sauna, molhado e envolto em uma toalha. Antes que a porta se fechasse viu suas acompanhantes, duas concubinas nuas do harém real. Todas as mulheres começavam a parecer iguais, mesmo com seus poderes de observação Bene Gesserit.

Shaddam não tinha muito apetite sexual por Anirul, embora ela conhecesse técnicas para agradá-lo. Seguindo as ordens da madre superiora, tinha dado a luz recentemente uma quarta filha, Josifa. Shaddam tinha ficado mais furioso a cada menina que nascia, e agora procurava exclusivamente às concubinas. Ao compreender que Shaddam vivia sob o entristecedor peso do longo reinado de Elrood, Anirul se perguntou se seu marido mantinha tantas concubinas para tentar competir com o fantasma do seu pai. Ele era competente?

Enquanto o imperador caminhava pomposo da sauna até um dos lagos de água fria, deu as costas a sua esposa e mergulhou com um leve chapinhar. Emergiu e nadou vigorosamente para os canais de água. Gostava de percorrer a nado o perímetro do palácio dez vezes ao dia, no mínimo.

Oxalá Shaddam dedicasse tanta atenção a governar o Império como com suas diversões. De vez em quando, Anirul o punha a prova sutilmente e descobria que sabia menos que ela a respeito das alianças interfamiliares e das manipulações que aconteciam ao seu redor. Uma falha grave. Shaddam tinha aumentado o número

de Sardaukar, embora não o bastante, e sem nenhum plano global. Gostava de usar o uniforme, mas carecia do aspecto, a visão militar e mesmo do talento para mover seus soldadinhos de brinquedo pelo universo de uma maneira produtiva.

Anirul ouviu um grito agudo e viu uma diminuta forma negra nas colunas de pedra que se erguiam sobre os canais. Um morcego *distrans* voou para ela com outra mensagem de Wallach IX. O diminuto animal tinha sido transportado até Kaitain e deixado em liberdade. Lobia nem se moveu, e Anirul sabia que Shaddam não retornaria antes de meia hora. Estava sozinha.

A mãe *Kwisatz* ajustou suas cordas vocais e imitou o grito do morcego. Pousou sobre sua palma úmida. Examinou seu focinho, os dentes afiados, os olhos parecidos com diminutas pérolas negras. Anirul concentrou sua atenção e emitiu outro chiado, e o morcego respondeu com um guincho, um estalo de sinais comprimidos codificados no sistema nervoso do roedor.

Anirul o decifrou em sua mente. Nem sequer a Reveladora da Verdade Lobia conhecia o código.

Era um relatório da madre superiora Harishka, que lhe comunicava a culminação de noventa gerações de cuidadoso planejamento genético. A irmã Jessica, filha secreta de Gaius Helen Mohiam e do barão Vladimir Harkonnen, não conseguia realizar sua sagrada missão de gerar uma filha Atreides. Negava-se, prorrogava o acontecimento de propósito? Mohiam havia dito que a jovem era ferosa e leal, embora às vezes teimosa.

Anirul imaginava que a próxima filha no caminho genético já estaria concebida a estas alturas, a penúltima filha, que seria a mãe da arma secreta. Jessica deitava-se a algum tempo deitando-se com Leto Atreides, mas ainda não ficara grávida. Algo intencional de sua parte? As análises tinham demonstrado que a jovem era fértil, e além disso era uma sedutora treinada. O duque Leto Atreides já tinha um filho.

Por que demora tanto?

Não era uma boa notícia. Se a tão esperada filha dos Harkonnen e os Atreides não nascesse logo, a madre superiora chamaria Jessica de volta a Wallach IX e descobriria o motivo.

Anirul considerou a possibilidade de libertar o morcego, mas decidiu não correr o risco. Rompeu com um movimento dos dedos o frágil pescoço do animal e jogou o pequeno cadáver no reciclador de matéria que havia atrás do lago.

Anirul deixou Lobia dormindo em sua cadeira de massagem e voltou correndo para o palácio.

# 78

*Abra feridas em minha carne e escreve nelas com sal!*

*Lamento fremen.*

Apesar de Liet-Kynes ter apenas um estojo de primeiros socorros em sua mochila, Warrick sobreviveu.

Liet, cego de dor e culpa, amarrou seu amigo no lombo de um verme. Durante a longa viagem de volta ao *sietch*, Liet compartilhou sua água e fez o que pôde por reparar o traje destilador de Warrick.

Quando chegaram ao *sietch* da Muralha Vermelha, houve muitos lamentos e choro. Faroula, mestra no uso das plantas medicinais, nunca se afastou do seu marido. Cuidou dele hora após hora, enquanto ele seguia curvado em um torpor cego, agarrando-se à vida.

Embora tivessem enfaixado seu rosto, a pele de Warrick nunca se regeneraria. Liet tinha ouvido que os magos genéticos dos Bene Tleilax podiam criar novos olhos, novos membros, nova pele, mas os fremen nunca aceitariam esse milagre, nem para salvar um dos seus. Os anciões do *sietch* e as crianças faziam sinais protetores perto das cortinas que cobriam os aposentos de Warrick, para repelir um feio demônio.

Heinar, o *naib* torto, foi ver seu genro desfigurado. Faroula, ajoelhada junto ao leito de seu marido, parecia transida de dor. Seu rosto de elfo, antes sempre disposto a sorrir ou a lançar uma resposta inteligente, estava gasto. A impotência se refletia em seus grandes olhos. Embora Warrick não tivesse morrido, usava um lenço *nezhoni* amarelo, a cor do duelo.

O *naib*, orgulhoso e aflito, convocou um conselho de anciões no qual Liet-Kynes contou o que tinha acontecido, para que os fremen pudessem compreender e honrar o grande sacrifício de Warrick. O jovem deveria ser considerado um herói. Terei que escrever poemas e canções em sua honra. Mas Warrick tinha cometido um terrível erro: não morrera.

Heinar e o conselho fizeram os preparativos para um funeral fremen. Era apenas questão de tempo, disseram. O homem mutilado não podia sobreviver.

Mas o fez.

Cobertas de emplastos, as feridas de Warrick pararam de sangrar. Faroula lhe deu de comer, freqüentemente com o Liet a seu lado, ansioso por ser útil. Mas nem sequer o filho de *Umma* Kynes pôde fazer o milagre que seu amigo necessitava. O filho de Warrick, Liet-chih, muito pequeno para compreender, tinha ficado aos cuidados de seus avós.

Embora Warrick parecesse um cadáver, não cheirava a infecção, as feridas não supuravam, não se via nem sinais de gangrena. Estava se curando, mesmo com os fragmentos de osso que estavam ao descoberto. Seus olhos cegos nunca podiam fechar-se para dormir em paz, embora a noite da cegueira sempre o acompanhasse.

Liet sussurrava para seu amigo, contava-lhe histórias de Salusa Secundus, recordava os tempos em que tinham atacado as tropas Harkonnen, quando tinham se oferecido como isca para matar os exploradores inimigos que tinham envenenado os poços de Bilar Camp.

Warrick continuava imóvel, hora após hora, dia após dia.

Faroula abaixou a cabeça e falou com uma voz que mal conseguia escapar de sua garganta.

— O que fizemos para ofender o *Shai-Hulud*? Por que nos castigou assim?

Durante o silêncio pesado em que Liet tentava encontrar uma resposta para essas perguntas, Warrick se remexeu no cama de armar. Faroula lançou uma exclamação afogada e deu um passo atrás. Seu marido se levantou. Seus olhos carentes de pálpebras se moveram como se enfocassem a parede do fundo.

E falou, movendo os tendões que sustentavam suas mandíbulas. Seus dentes e língua formaram palavras.

— Tive uma visão. Agora sei o que devo fazer.

Durante dias, Warrick coxeou, lenta mas decididamente, pelos passadiços do *sietch*. Cegado pela areia, orientava-se pelo tato, via com olhos interiores místicos. Pego às sombras, parecia a paródia de um cadáver. Falava com voz lenta e tênue, mas suas palavras transmitiam uma energia premente.

As pessoas queriam fugir, mas não podiam afastar-se quando ele entoava:

— Quando a tormenta me engoliu, no momento em que deveria ter encontrado a morte, uma voz me sussurrou do vento carregado de areia. Era *Shai-Hulud* em pessoa, e me contou por que devia suportar esta tribulação.

Faroula, ainda de amarelo, tentava arrastar seu marido até seus aposentos.

Embora os fremen evitassem falar com ele, sentiam-se compelidos a escutar. Se um homem podia receber uma visão sagrada, por que não Warrick, depois do que tinha padecido no coração da tormenta? Era uma simples coincidência que tivesse sobrevivido ao impossível? Ou demonstrava que *Shai-Hulud* tinha planos para ele, um fio na tapeçaria cósmica? Se alguma vez tinham visto um homem meio doido pelo dedo de fogo de Deus, esse era Warrick.

Entrou sem vacilar na sala onde Heinar estava reunido com o conselho de anciões. Os fremen emudeceram, sem saber como reagir. Warrick ficou na soleira.

— Têm que afogar um Criador — disse —. Chame à a *Sayyadina* para que presencie a cerimônia da Água de Vida. Tenho que transformá-la para poder continuar meu trabalho.

Deu meia volta e se afastou arrastando os pés. Heinar e seus companheiros ficaram confusos e pasmos.

Nenhum homem tinha tomado a Água de Vida e sobrevivido. Era uma substância para reverendas madres, uma poção mágica e venenosa para a qual não estava preparado.

Warrick entrou em uma sala comunal onde os adolescentes introduziam especiaria pura em tubos. As mulheres solteiras coalhavam melange destilada para a produção de plástico e combustível. Um tear elétrico apoiado contra uma parede emitia um ritmo hipnótico. Outros fremen reparavam e verificavam os complexos mecanismos de trajes destiladores avariados.

Cozinhas esquentavam papa e purê de batatas, que os membros do *sietch* tomavam a meio-dia como frugal refeição. Comidas mais fortes eram servidas depois do ocaso, quando a temperatura do deserto descia. Um ancião de voz nasal debulhava um triste lamento que narrava os séculos de peregrinação que os *Zensunni* tinham suportado antes de chegar ao planeta deserto. Liet estava sentado com dois guerrilheiros de Stilgar e bebia café especiado.

Toda atividade se interrompeu quando Warrick chegou e começou a falar.

— Vi um Duna verde, um paraíso. Nem sequer *Umma* Kynes conhece a grandeza que *Shai-Hulud* me revelou. — Sua voz era como um vento frio que soprasse através de uma cova —. Ouvi a Voz do Mundo Exterior. Tive uma visão do *Lisam ao-Gaib* aquele que esperamos. Vi o caminho, tal como promete a lenda e a *Sayyadina*.

Sua audácia levantou murmúrios entre os fremen. Conheciam a profecia. As reverendas madres a tinham ensinado durante séculos, e a lenda tinha passado de tribo a tribo, de geração em geração. Os

fremen tinham esperado tanto tempo que alguns eram céticos, mas outros estavam convencidos...,e aterrados.

— Devo beber a Água de Vida. Vi o caminho.

Liet conduziu seu amigo até seus aposentos, onde Faroula estava falando com seu pai. Quando levantou a vista, tinha uma expressão resignada e os olhos avermelhados de tanto chorar. Seu filho, sentado em um tapete próximo, rompeu a chorar.

Ao ver Liet e Warrick juntos, o velho *naib* se voltou para sua filha.

— Assim tem que ser, Faroula — disse Heinar —. Os anciões decidiram. É um sacrificio tremendo, mas se ele for o único, se na verdade é o *Lisan ao-Gaib*, temos que fazer o que diz. Daremo-lhe a Água de Vida.

Liet e Faroula tentaram dissuadir Warrick de sua obsessão, mas o jovem persistiu em sua crença. Olhou-os com seus olhos cegos.

— É meu *mashad* e meu *mihna*. Minha prova espiritual e minha prova religiosa.

— Como sabe que não foram apenas ruídos estranhos o que ouviu no vento? — insistiu Liet —. Warrick, como sabe que não está se enganando?

— Porque sei.

E vendo seu beatífica expressão de convicção não tiveram outra alternativa senão acreditar.

A reverenda madre Ramallo viajou de um *sietch* longínquo para presidir a cerimônia e encarregar-se dos preparativos. Os homens fremen se apoderaram de seu pequeno verme cativo, de só dez metros de comprimento, e o afogaram em água extraída de um *qanat*. Quando o verme morreu e exalou sua bÍlis venenosa, os fremen verteram o líquido em uma jarra flexível e o prepararam para a cerimônia.

Em meio daquele revôo, o planetólogo Kynes retornou de suas plantações, tão absorto em suas preocupações que não

compreendeu o significado do acontecimento, só que era importante. Balbuciou desculpas desajeitadas a seu filho e expressou tristeza pelo que tinha acontecido a Warrick, mas Liet percebeu que os cálculos e análises em escala planetária continuavam ocupando sua mente. Seu projeto de terraformação não podia deter-se nem um momento, nem sequer pela possibilidade de que Warrick fosse o Messias anunciado que transformaria e unificaria os fremen em uma força de combate.

A população do *sietch* da Muralha Vermelha se reuniu em sua enorme sala de reuniões. Warrick se adiantou na plataforma elevada de onde Heinar dirigia a palavra a sua tribo. O homem desfigurado ia acompanhado pelo *naib* e pela poderosa *Sayyadina* que tinha servido esta gente durante gerações. A anciã Ramallo parecia tão endurecida e apergaminada como um lagarto do deserto.

A *Sayyadina* chamou os mestres de água e recitou as palavras rituais. Os fremen as repetiram, mas com maior angustia que de costume. Alguns acreditavam com convicção que Warrick era tudo que afirmava. Outros se limitavam a ter fé.

Desta vez, não obstante, os fremen sabiam o que estava em jogo.

Contemplaram a face mutilada de Warrick, que se erguia impassível e decidida. Olhavam com medo e esperança, perguntavam-se se aquele jovem mudaria suas vidas... ou sofreria um fracasso horripilante, como outros homens em gerações anteriores.

Liet estava ao lado de Faroula e seu filho, observando de uma fila avançada. Faroula tinha os lábios apertados, os olhos fechados. Liet sentia o medo que projetava, e sentiu vontade de consolá-la. Temia que o veneno matasse seu marido, ou que sobrevivesse e continuasse sua penosa vida cotidiana?

A *Sayyadina* Ramallo terminou sua bênção e estendeu um frasco a Warrick.

— Deixemos que *Shai-Hulud* julgue agora se sua visão é correta, se é o *Lisan ao-Gaib*, a quem durante tanto tempo aguardamos.

— Vi o *Lisan ao-Gaib* — disse Warrick, e baixou a voz para que só a mulher pudesse ouvir —: Não disse que era eu.

Os ossos e tendões da mão de Warrick se moveram quando segurou a boquilha flexível e a inclinou para seus lábios. Ramallo apertou os flancos da bolsa, e deixou cair um jorro de veneno na boca de Warrick.

O jovem engoliu convulsivamente.

Os fremen guardaram silêncio, uma multidão que tentava compreender. Liet acreditou ouvir todos os corações pulsando em uníssono. Experimentou o sussurro de cada inalação, intuiu o sangue que pulsava em seus próprios ouvidos. Esperou e observou.

— O falcão e o camundongo são um — disse Warrick, enquanto esquadrinhava o futuro.

Ao fim de alguns momentos, a Água de Vida começou a exercer seu efeito.

Todos os sofrimentos anteriores de Warrick, toda a terrível angustia padecida durante a tormenta e depois, eram só o prólogo da morte horrível que o aguardava. O veneno impregnou as células de seu corpo e as acendeu.

Os fremen acreditavam que a visão espiritual do homem desfigurado tinha lhe enganado. Delirava e se agitava.

— Não sabem o que criaram. Nascido da água, morre na areia!

A *Sayyadina* Ramallo retrocedeu, como um ave predadora que visse a presa voltar-se contra ela. O que significa isto?

— Acreditam que podem controlá-lo... mas se enganam. — A mulher escolheu as palavras com cautela, interpretou-as por meio de seu antigo filtro da *Panoplia Propheticus* —. Diz que pode ver o que outros não. Viu o caminho.

— *Lisan ao-Gaib!* Será tudo que sonhamos. — Warrick padeceu de náuseas tão violentas que suas costelas rangeram como ramos. Saiu sangue de sua boca —. Mas não era o que esperávamos.

A *Sayyadina* levantou suas mãos como garras.

— Viu o *Lisan ao-Gaib*. Ele já vem, e será tudo o que tínhamos sonhado.

Warrick gritou até ficar sem voz, agitou-se, esperneou e contorsionou-se até perder o domínio dos músculos, até que seu cérebro foi devorado. Os habitantes de *Bilar Camp* tinham consumido a Água de Vida muito diluída, e mesmo assim tinham padecido uma agonia terrível. Para Warrick, uma morte tão cruel teria parecido uma bênção.

— O falcão e o camundongo são um!

Incapaz de ajudá-lo, os fremen só podiam olhar, abatidos. As convulsões de Warrick se prolongaram durante horas e horas, mas Ramallo ainda demorou mais em interpretar as inquietantes visões do jovem.

# 79

*A pedra é pesada e a areia também, mas a ira de um louco é mais pesada que ambas.*

*Duque LETO ATREIDES*

Quando um sombrio e nervoso Dominic Vernius retornou à base polar de Arrakis, seus homens correram para receber. Não obstante, ao ver sua expressão souberam que seu líder não trazia boas notícias.

Sob a cabeça calva e a testa, seus olhos estavam afundados e perturbados. Sua pele tinha envelhecido prematuramente, como se lhe tivessem despojado de toda cor e energia, deixando só uma vontade de ferro. Seu último vestígio de esperança desapareceu e a vingança ardia em seu olhar.

O veterano Asuyo, vestido com uma pesada jaqueta de pele sintética, aberta na frente para revelar seu peito coberto de pêlo branco, estava na plataforma de aterrissagem, com expressão preocupada. Coçou a cabeça.

— O que aconteceu, Dom? O que aconteceu?

Dominic Vernius continuou com a vista cravada nas paredes do precipício, que se ergueram como fortalezas a seu redor.

— Vi coisas que nenhum ixiano deveria presenciar. Meu amado planeta está tão morto como minha esposa.

Saiu de sua nave vazia, aturdido, e se internou no labirinto de passadiços que seus homens tinham escavado nas paredes geladas. Mais contrabandistas saíram para recebê-lo e pedir notícias, mas ele continuou sem responder. Os homens sussurraram entre si, confusos.

Dominic vagou de um passadiço a outro, sem seguir uma direção concreta. Deixou escorregar os dedos sobre as paredes, ao mesmo tempo que imaginava as covas de IX. deteve-se, respirou fundo e entreabriu os olhos. Por pura força de vontade, tentou recriar em sua mente a glória da Casa Vernius, as maravilhas da cidade subterrânea de Vernii, o Grande Palácio, os edifícios invertidos como estalactites, de arquitetura cristalina.

Apesar de séculos de feroz competição com Richese, os ixianos tinham sido os mestres indiscutíveis da tecnologia e inovação. Mas em apenas alguns anos os tleilaxu tinham arruinado aqueles lucros, cortado o acesso a IX, e até mesmo expulso o Banco da Corporação, o que forçava os financistas a negociar em lugares escolhidos pelos tleilaxu.

Na juventude, durante a revolta de Ecaz, Dominic Vernius tinha dado tudo por seu imperador. Tinha lutado, suado e sangrado para defender a honra dos Corrino. Tinha transcorrido tanto tempo, como se fosse em outra vida...

Naquele tempo, os separatistas ecazi tinham tido muito sonhos mau aconselhados, violentos mas ingênuos guerrilheiros que tive que esmagar para que não abrissem um mal precedente em outros planetas instáveis do império galáctico.

Dominic tinha perdido muitos homens bons naquelas batalhas. Tinha enterrado camaradas. Tinha presenciado as horríveis mortes de soldados que seguiam suas ordens. Recordou ter atravessado o campo, semeado de tocos de um bosque queimado junto ao irmão de Jodham, um homem inteligente e valente. Gritando, tinham disparado contra o grupo de resistentes. O irmão de Jodham tinha caído. Dominic pensou que tinha tropeçado em uma raiz enegrecida, mas quando se abaixou para levantá-lo, só encontrou um fumegante coto onde devia estar a cabeça, consequência de um disparo de artilharia fotônica.

Dominic tinha ganho a batalha naquele dia, ao custo de quase um terço de seus homens. Suas tropas tinham conseguido aniquilar os rebeldes ecazi, e por isso recebeu muitas condecorações. Os

soldados caídos receberam fossas comuns em um planeta muito distante de seus lares.

Os Corrino não mereciam esses sacrifícios.

Graças a suas façanhas, a importância da Casa Vernius na junta diretiva da CHOAM tinha aumentado. Nas celebrações da vitória, com um arquiduque de Ecaz muito jovem sentado de novo no Trono de Mogno, tinha sido um convidado de honra em Kaitain. Ao lado de Elrood, Dominic tinha percorrido corredores transbordantes de cristal, metais preciosos e madeira polida. Sentou-se em mesas que pareciam ter quilômetros de comprimento, enquanto no exterior as massas aclamavam seu nome. Ergueu-se com orgulho sob o Trono do Leão Dourado, enquanto o imperador lhe punha a Medalha de Valor, e prendia outras nas jaquetas de seus lugares-tenentes.

Dominic tinha se transformado em um herói como resultado dessas batalhas, ganhara a lealdade de seus homens, que a tinham demonstrado durante anos, mesmo neste lugar miserável. Não, os Corrino não mereciam nada disso.

No que está pensando, Dominic? A voz pareceu sussurrar em sua cabeça, um doce tom melodioso que lhe pareceu estranhamente familiar, embora quase esquecido.

Shando. Mas era impossível. No que está pensando, Dominic?

— O que vi em IX eliminou meus últimos vestígios de medo. Matou minha contenção — disse em voz alta, embora ninguém o ouvisse, exceto a etérea presença de sua dama adorada —. Decidi fazer algo, meu amor, algo que deveria ter feito vinte anos.

Durante o dia antártico, que se prolongava por meses, Dominic não consultava a passagem das horas ou semanas em seu cronômetro. Pouco depois de retornar de IX, com planos formados em sua mente, partiu sozinho. Vestido com roupas de operário, solicitou uma audiência com o mercador de água Rondo Tuek.

Os contrabandistas pagavam com generosidade pelo silêncio de Tuek, e o barão industrial estabelecia contatos secretos com a Corporação para mandar transportes a outros planetas. A Dominic nunca tinha interessado obter lucros, e só roubava Solaris do tesouro imperial para incomodar os Corrino, de forma que nunca se arrependeu de pagar os subornos. Gastava o que era necessário para fazer o que desejava.

Nenhum dos habitantes de outros planetas que trabalhavam na fábrica de processamento de água o reconheceram, embora alguns lançassem olhares de desaprovação para Dominic quando entrou no complexo e insistiu em ver o mercador de água.

Tuek o reconheceu, mas não conseguiu dissimular sua surpresa.

— Passaram alguns anos desde a última vez que se deixou ver por aqui.

— Necessito da sua ajuda — disse Dominic —. Quero comprar mais serviços.

Rondo Tuek sorriu e seus olhos cintilaram. Coçou a espessa mecha de cabelo que crescia em um lado da cabeça.

— Sempre me sinto feliz de vender. — Indicou um corredor —. Acompanhe-me, por favor.

Quando dobraram uma esquina, Dominic viu que um homem se aproximava. Sua pesada *parka* branca estava aberta na frente e carregava um pacote de expedientes de plex, que folheava enquanto andava. Tinha a cabeça inclinada.

— Lingar Bewt — disse Tuek —. Tome cuidado ou tropeçará com você.

Embora Dominic tentasse se esquivar, o homem não prestava atenção e o roçou. Bewt se abaixou para recuperar um expediente que tinha caído. Seu rosto, fofo e redondo, estava muito bronzeado. Tinha papada e pança. Não era material militar.

Enquanto o absorto homem continuava seu caminho, Tuek disse:

— Bewt se encarrega de toda minha contabilidade e embarques. Não sei o que faria sem ele.

Já no interior do escritório privado de Tuek, Dominic mal olhou para os tesouros e obras de arte.

— Necessito de um transportador pesado, sem identificação. Tenho que subir a bordo de um Cruzeiro sem que se mencione meu nome.

Tuek enlaçou as mãos e piscou várias vezes. Um leve *tic* em seu pescoço fazia sua cabeça se mover de um lado a outro.

— Descobriu um bom veio, não é? Quanta especiaria tirou? — O homem rechonchudo se inclinou para frente —. Posso ajudá-lo a vender. Tenho contatos...

Dominic o interrompeu.

— Não se trata de especiaria. E não haverá uma porcentagem para você. Isto é um assunto pessoal.

Decepcionado, Tuek se reclinou em seu assento com os ombros caídos.

— De acordo. Por um preço. Podemos negociar, conseguirei um transportador grande. Proporcionaremos o que precisar. Deixe-me entrar em contato com a Corporação e conseguir lugar a bordo do próximo Cruzeiro. Qual é seu destino final?

Dominic desviou a vista.

— Kaitain, é claro... a casa dos Corrino. — Piscou e se sentou muito rígido —. Em qualquer caso, não é assunto seu, Tuek.

— Não — admitiu o mercador de água, e meneou a cabeça —. Não é assunto meu. — A preocupação cruzou seu rosto, e se esqueceu de seu hóspede para remexer papéis e atender os assuntos que enchiam seu escritório —. Volte dentro de uma semana, Dominic, e lhe entregarei todo o equipamento que necessitar. Fixamos o preço agora?

Dominic nem sequer olhou para elr.

— Cobre o que considerar justo.

Dirigiu-se para a porta, ansioso por retornar a sua base.

Dominic convocou seus homens na sala maior da base e falou com voz sombria e lúgubre, enquanto descrevia os horrores que tinha presenciado em IX.

— Faz muito tempo que os trouxe para cá, arrebatei-os de seus lares e vidas, e concordaram em se unir a mim. Aliamo-nos contra os Corrino.

— Sem lamentar, Dom — interrompeu Asuyo.

Dominic continuou com sua voz monótona.

— Queríamos nos transformar em lobos, mas somos apenas mosquitos. — Apoiou sua mão na mesa e respirou fundo —. Mas isso vai mudar.

Sem mais explicações, o conde renegado abandonou a sala. Sabia onde tinha que ir e o que devia fazer. Seus homens o seguiriam ou não. Eles escolheriam, porque se tratava de sua batalha pessoal. Tinha chegado o momento de saldar contas com os Corrino.

Internou-se na fortaleza, percorreu corredores escuros cujo piso estava coberto de areia e pó. Pouca gente entrava ali. Tinham passado anos desde a última vez que tinha pisado nos armazéns blindados.

Não faça isso, Dominic. A voz sussurrante aguilhoou de novo sua mente. Um calafrio percorreu sua espinha. Parecia-se muito com a de Shando. Sua consciência tentava fazer que reconsiderasse a decisão. Não faça isso.

Mas o momento de tomar uma decisão firme naquele assunto tinha passado muito tempo antes. Os milhares de anos de governo Corrino depois da Jihad Butleriana haviam deixado uma cicatriz profunda na história. A Casa Imperial não merecia estar no poder. Na linha divisória com o antigo Império, aquela outra família renegada, fosse qual fosse seu sobrenome, fossem quais fossem suas motivações, não tinha terminado o trabalho. Embora Salusa

Secundus continuasse destruída, os outros renegados não se esforçaram o suficiente.

Dominic daria um passo mais no caminho da vingança.

Ao chegar às portas seladas do armazém mais profundo, teclou o código correto antes de apoiar a palma sobre a placa do exploratório. Ninguém mais tinha acesso a esta câmara.

Quando as comportas se abriram, viu a coleção de armas proibidas, os artefatos atômicos que tinham sido o último recurso da Casa Vernius, guardados durante milênios. A Grande Convenção proibia de maneira terminante a utilização de tais engenhos, mas Dominic já não se importava. Não tinha nada a perder.

Absolutamente nada.

Depois da conquista tleilaxu, Dominic e seus homens tinham recuperado as reservas secretas de uma lua situada no sistema ixiano, para depois as transportar para cá. Percorreu com o olhar toda a parafernália. Encerrados em contêineres selados havia ogivas de combate, mataplanetas, queimadores de pedra, engenhos que incendiariam a atmosfera de um planeta e transformariam Kaitain em uma pequena estrela de vida curta.

Tinha chegado a hora. Em primeiro lugar, Dominic iria a Caladan para ver seus filhos pela última vez e despedir-se deles. Até agora não quisera correr o risco de chamar a atenção sobre eles ou incriminá-los. Rhombur e Kailea tinham sido beneficiados com uma anistia, no entanto ele continuava a ser um fugitivo procurado.

Mas os visitaria uma única vez, com a maior discrição. Era justo fazê-lo depois de tantos anos. Depois descarregaria seu golpe final e seria o vencedor definitivo. Toda a estirpe corrupta dos Corrino se extinguiria.

Mas a voz de Shando, que ressoava em sua consciência, estava cheia de tristeza e pesar. Apesar de tudo o que tinham sofrido, não concordava. Você sempre foi um homem teimoso, Dominic Vernius.

## 80

*A inovação e a ousadia criam heróis. A adesão insensata a normas periclitadas sozinho cria políticos.*

*Visconde Hundro Moritani*

Na noite seguinte à prova do corredor da morte, os mestres espadachins se reuniram em uma longa sala de jantar com os quarenta e três sobreviventes da classe original de cento e cinquenta. Os estudantes foram tratados como colegas, pois por fim ganharam o respeito e a camaradagem dos seus instrutores. Mas a que preço...

Serviram saborosa cerveja de especiaria fria. Havia peças extraplanetárias em pratos de porcelana. Os instrutores orgulhosos passeavam entre os alunos que haviam modelado durante oito anos. Duncan Idaho pensou que a alegria desmedida dos estudantes revelava certa histeria. Alguns pareciam atordoados, se moviam pouco, enquanto outros bebiam e comiam sem controle.

Em menos de uma semana se reagrupariam no edifício de administração do edifício principal, onde até teriam que superar uma rodada de exames, uma comprovação formal do conhecimento intelectual que haviam adquirido dos professores. Mas depois da mortífera corrida de obstáculos, responder a algumas perguntas parecia pouco emocionante.

Duncan e Resser, liberados da tensão contida, beberam muito. Durante anos de rigoroso treinamento só haviam comido o suficiente para fortalecer-se e não toleravam o álcool. A cerveja de especiaria lhes subiu à cabeça.

Duncan ficou sentimental quando recordou o esforço, a dor, os companheiros caídos.

Resser se regozijava de seu triunfo. Sabia que seu pai adotivo esperava que fracassasse. Depois de separar-se de seus compatriotas grumman e negar-se a abandonar o treinamento, o ruivo tinha ganho tanto as batalhas físicas como psicológicas.

Muito depois de as luas amarelas terem passado sobre suas cabeças, deixando um rastro de estrelas piscantes, a festa terminou. Os estudantes (contundidos, cheios de cicatrizes e bêbados) foram-se de um em um, dispostos a enfrentar encarniçada batalha contra a ressaca. dentro das cabanas principais havia pratos e copos quebrados. Não restava nada de comida ou bebida.

Hiih Resser saiu descalço com Duncan para o negrume da noite. Encaminharam-se para as cabanas onde se alojavam com passo vacilante.

Duncan apoiava a mão sobre o ombro de seu amigo em gesto de amizade, mas também para não perder o equilíbrio. Não compreendia como o enorme professor Riwy Dinari caminhava com tanta agilidade.

— Bem, quando tudo isto tiver acabado, virá comigo ver o duque Leto? — Duncan formou as palavras com cautela —. Lembre-se que a Casa Atreides agradecerá a chegada de dois mestres espadachins, se Moritani não o quiser.

— A Casa Moritani não me quer, não depois que Trin Kronos e outros abandonaram a escola — disse Resser.

Duncan não viu lágrimas nos olhos de seu amigo.

— Que estranho — disse —. Poderiam ter celebrado conosco esta noite, mas escolheram outro caminho.

Os dois amigos desceram o penhasco até a praia. As cabanas pareciam muito longínquas, e apagadas.

— Mas tenho que voltar para lá, enfrentar minha família, para mostrar o que consegui.

— Pelo que sei do visconde Moritani, isso parece perigoso. Suicida até.

— Mesmo assim, tenho que fazê-lo. — voltou-se para Duncan nas sombras, mais animado —. Depois irei ver o duque Atreides.

Duncan e ele esquadriharam a escuridão, tentaram acostumar sua vista à penumbra enquanto tropeçavam.

— Onde estão essas cabanas?

Ouviram ruído de gente mais adiante e o entrecocar de espadas. Sinais de alarme dispararam na mente nublada de Duncan, mas com muita lentidão para que reagisse.

— Aí estão Resser e Idaho.

Uma luz cegante feriu seus olhos como puas de gelo luminosas, e levantou a mão para protegê-los do brilho.

— Peguem-nos!

Duncan e Resser, desorientados e surpreendidos, tropeçaram quando se voltaram para lutar. Um grupo de guerreiros irreconhecíveis vestidos de negro caiu sobre eles, providos de armas e paus. Duncan, que estava desarmado, apelou para as habilidades que Ginaz lhe ensinara e se defendeu lado a lado com seu amigo. A princípio se perguntou se se tratava de mais uma prova, uma última surpresa que os professores tinham preparado depois de tratar com atenção os estudantes com a celebração.

Então, uma espada lhe produziu uma leve ferida no ombro, e não se conteve mais. Resser gritou, não de dor mas de ira. Duncan girou sobre si mesmo com mãos e pés. Ouviu que um braço se quebrava e sentiu que uma de suas unhas rasgava uma garganta.

Mas os inimigos lhe golpearam a cabeça e os ombros com varas atordoantes. Um atacante lhe golpeou a nuca com um pau. Resser caiu ao chão com um grunhido, e quatro homens se jogaram sobre ele.

Duncan tentou repelir seus atacantes para ajudar seu amigo, mas lhe alcançaram as têmporas com os varas atordoantes. Uma negrume absoluto inundou sua mente.

Quando recuperou a consciência, preso e amordaçado, Duncan viu uma barco perto da borda. Mais longe, sem luzes de navegação, o casco em sombras de uma embarcação muito maior balançava na maré. Seus captores o jogaram sem cerimônias a bordo do barco. A forma imóvel de Hiih Resser caiu a seu lado.

— Não tente se soltar desses nós de fio *shiga*, se não quiser perder os braços — grunhiu uma voz profunda em seu ouvido. Sentiu que a fibra mordida sua pele.

Duncan apertou os dentes, e tentou rasgar a mordaca. Viu poças de sangue na praia, arma quebradas e abandonadas na maré. Os atacantes subiram as formas envoltas de onze cadáveres a bordo do barco. Resser e ele tinham lutado bem, portanto, como verdadeiros mestres. Possivelmente não eram os únicos cativos.

Os homens levaram Duncan aos trancos até uma abarrotada e fedorenta coberta inferior, onde tropeçou com outros homens jogados sobre as pranchas, alguns companheiros de classe. Na escuridão, viu medo e raiva em seus olhos. Muitos estavam arroxeados, e as piores feridas estavam enfaixadas com trapos.

Resser despertou a seu lado com um leve gemido. A julgar pelo brilho de seus olhos, Duncan compreendeu que o ruivo também tinha analisado a situação. Como se pensassem o mesmo, rolaram no fundo do barco, costas contra costas. Com dedos inchados manipularam os nós que prendiam o outro, para tentar se soltar. Um dos homens amaldiçoou e lhes separou com um chute.

Na parte dianteira do barco, os homens falavam em voz baixa com forte sotaque. Sotaque grumman. Resser continuou lutando com suas ligaduras, e um dos homens lhe deu outro chute. O motor foi ligado, um fraco ronronar, e a pequena embarcação sulcou as ondas.

O detestável navio escuro os esperava.

# 81

*Com quanta facilidade a dor se transforma em ira, e a vingança se impõe à discussão.*

*Imperador PADISHAH HASSIK III*

*Lamento por Salusa Secundus*

Em uma câmara de teto abobadado em sua residência de Arrakeen, Hasimir Fenring contemplava um quebra-cabeças complicado: uma holo-representação de formas geométricas, linhas, cones e esferas que se encaixavam e balançavam perfeitamente, mas só quando todos os eletropotenciais estavam separados por distâncias iguais.

Durante sua juventude se divertira com jogos similares na corte imperial de Kaitain. Fenring ganhava com freqüência. Naqueles anos tinha aprendido muito de política e poderes em conflito; de fato, tinha aprendido mais que Shaddam. E o príncipe herdeiro percebera.

“Hasimir, você é muito mais valioso para mim longe da corte imperial — havia dito Shaddam quando o tirou de cena —. Quero-o em Arrakis, vigiando esses patifes Harkonnen para que não diminuam a cota de especiaria que recebo, ao menos até que os malditos tleilaxu terminem suas investigações.”

A brilhante luz de sol amarela se filtrava pelas janelas da cúpula, distorcida pelos escudos da casa que paravam o calor, ao mesmo tempo que protegiam a mansão de possíveis ataques das turfás. Fenring não suportava as temperaturas elevadas de Arrakis.

Durante dezoito anos, Fenring tinha construído sua base de poder em Arrakis. Na residência vivia com todas as comodidades e

prazeres que podia extrair daquela terrina de pó. Sentia-se bastante satisfeito.

Colocou uma vara cintilante sobre um tetraedro e ajustou a peça na posição correta.

Willowbrook, o chefe da sua guarda, escolheu aquele momento para entrar e pigarrear, o que quebrou a concentração de Fenring.

— O mercador de água Rondo Tuek solicita audiência, meu senhor conde.

O conde, aborrecido, desconectou o quebra-cabeças antes que as diversas peças caíssem sobre a mesa.

— O que ele quer, *hummm*?

— “Assuntos pessoais”, ele disse. Mas acrescentou que era importante.

Fenring tamborilou com seus longos dedos sobre a mesa, no lugar onde antes tinha brilhado o quebra-cabeças. O mercador de água nunca solicitara uma audiência particular. Para que Tuek viera? Deve querer algo.

Ou sabe de algo.

O mercador assistia a todo tipo de banquetes e reuniões sociais. Como sabia onde residia o poder em Arrakis, proporcionava à mansão de Fenring extravagantes quantidades de água, mais do que os Harkonnen recebiam em Carthag.

— *Hummm*, despertou minha curiosidade. Faça-o entrar, e procure impedir que nos incomodem durante quinze minutos. — O conde umedeceu os lábios —. *Hummm*, depois decidirei se ele deve ser dispensado.

Momentos depois, Tuek entrou na câmara com passo vivo, oscilando os braços enquanto andava. Ajeitou seu cabelo cinza, e depois fez uma reverência. Parecia cansado depois de subir tantos degraus. Fenring sorriu, pois aprovava a decisão de Willowbrook de obrigá-lo a subir a pé em vez de lhe oferecer o elevador privado que o teria conduzido até esse nível.

Fenring continuou onde estava, mas não indicou a seu visitante que se sentasse. O mercado de água usava seu manto prateado oficial, com um pesado colar de platina esculpido com areia, sem dúvida uma tentativa desajeitada de arte típica de Arrakis.

— Têm algo para mim? — perguntou Fenring ao mesmo tempo que dilatava as aletas do nariz —. Ou deseja algo de mim, *hummm*?

— Posso lhe dar um nome, conde Fenring — disse Tuek —. Quanto ao que desejo em troca... — deu de ombros —. Espero que me pague o que considerar justo.

— Desde que nossas expectativas estejam em proporção. Qual é esse nome... e por que deveria me interessar?

Tuek se inclinou para frente como uma árvore a ponto de cair.

— É um nome que não ouviu falar em anos. Suspeito que o considerará interessante. Sei que o imperador também.

Fenring esperou com impaciência. Tuek continuou.

— O homem procura não chamar a atenção em Arrakis, embora faça o possível por perturbar suas atividades. Deseja vingar-se de toda a Casa Imperial, embora sua disputa tenha sido com Elrood IX.

— Oh, todos tinha disputas com Elrood — disse Fenring —. Era um abutre odioso. Quem é este homem?

— Dominic Vernius — respondeu Tuek.

Fenring se levantou de sua cadeira, com os olhos arregalados.

— O conde de IX? Acreditava que tinha morrido.

— Seus caçadores de recompensas e Sardaukar nunca o pegaram. Esteve escondido aqui, em Arrakis, com alguns contrabandistas. Faço pequenos negócios com ele de vez em quando.

Fenring bufou.

— Não me informou imediatamente? Desde quando sabe?

— Meu senhor Fenring — disse Tuek —, Elrood assinou os documentos contra a Casa renegada, e está morto a muitos anos.

Em minha opinião, Dominic parecia inofensivo. Já perdeu tudo... e outros problemas exigiam minha atenção. — O mercador de água respirou fundo —. Agora, entretanto, a situação mudou. Considero meu dever informá-lo, porque sei que é o braço direito do imperador.

— E o que mudou, *hummm*?

As engrenagens da mente de Fenring tinham começado a girar. A Casa Vernius tinha desaparecido muito tempo antes. Os Sardaukar tinham assassinado *lady* Shando. Exilados em Caladan, os filhos de Vernius não eram considerados nenhuma ameaça.

Mas um Dominic Vernius furioso e vingativo podia causar desastres, sobretudo tão perto das areias ricas em especiaria. Fenring devia refletir.

— O conde Vernius solicitou um transporte pesado. Parecia... muito transtornado, e pode ser que planeje algum ataque. Em minha opinião, isto poderia significar um plano para assassinar o imperador. Por isso vim aqui vê-lo.

Fenring arqueou as sobrancelhas e sua testa se enrugou.

— Porque pensa que lhe pagaria mais que a soma de todos os subornos de Dominic?

Tuek estendeu as mãos e respondeu com um sorriso de indiferença, mas não negou as acusações. Fenring sentiu respeito por ele. Ao menos, agora os motivos estavam claros.

Passou um dedo por seus finos lábios, enquanto continuava meditando.

— Muito bem, Tuek. Me digam onde se encontra o esconderijo do barão renegado. Detalhe explícitos, por favor. E antes de ir, passe por minha tesouraria. Faça uma lista de tudo o que quiser, todos os desejos ou recompensas que possa imaginar, e eu escolherei. Concederei algo equivalente ao valor de sua informação.

Tuek fez uma reverência.

— Obrigado, conde Fenring. É um prazer servi-lo.

Depois de lhe dar os detalhes que conhecia sobre a base antártica dos contrabandistas, Tuek retrocedeu para a porta, exatamente quando Willowbrook voltava a entrar, completado o prazo de quinze minutos.

— Willowbrook, leve meu amigo às salas do tesouro. Sabe o que tem que fazer, *hummm*? Deixe-me em paz durante o resto da tarde. Tenho que pensar muito.

Depois que os homens saíram e a porta da habitação se fechou, Fenring passeou de um lado para outro, cantarolando para si. Sorria algumas vezes e em outras franzia o sobrecenho. Por fim, voltou a ligar o quebra-cabeças. Ajudaria a relaxar e concentrar sua mente.

Fenring adorava as maquinações, as conspirações. Dominic Vernius era um adversário inteligente e pletórico de recursos. Tinha se esquivado da detecção imperial durante anos, e Fenring pensava que seria muito satisfatório deixar que o conde renegado tivesse parte ativa em sua própria destruição.

O conde Fenring manteria os olhos abertos, estenderia a teia, mas deixaria que Vernius desse o próximo passo. Assim que o renegado tivesse seus planos prontos, Fenring interviria.

Seria um prazer dar corda suficiente ao nobre fugitivo para que se enforcasse...

## 82

*O Paraíso a minha direita, o Inferno a minha esquerda, e atrás o Anjo da Morte.*

*Adivinhação fremen*

Fiel a sua palavra, o mercador de água conseguiu um transportador sem registro para Dominic Vernius. Lingar Bewt o pilotou desde Carthag até a instalação antártica, e entregou o cartão de controle da nave com um tímido sorriso. Dominic, acompanhado de seu lugar-tenente Johdam, voou com a nave até o campo de aterrissagem secreto do precipício. O antigo conde de IX guardou silêncio durante a maior parte da viagem.

O transportador era velho e emitiu estranhos ruídos quando atravessaram a atmosfera. Johdam amaldiçoou-o e deu uma palmada sobre os painéis de controle.

— Maldita porcaria. Com certeza não funcionará por mais de um ano, Dom. É sucata.

Dominic lhe dirigiu um olhar distante.

— Será suficiente, Johdam.

Anos antes, estava ao lado de Johdam quando uma chama lhe queimou a face. Depois, o veterano tinha salvado a vida de Dominic durante o primeiro ataque abortado contra IX. A lealdade de Johdam nunca fraquejaria, mas tinha chegado o momento que Dominic lhe devolver a liberdade.

Quando Johdam avermelhou de ira, a malha da cicatriz adquiriu um tom pálido e cerúleo.

— Sabe quantos Solaris Tuek nos cobrou por este lixo? Se tivéssemos um equipamento como este em Ecaz, os rebeldes

teriam nos vencido a pedradas.

Tinham quebrado juntos a lei imperial durante muitos anos, mas Dominic tinha que fazer o resto sozinho. Sentia-se estranhamente satisfeito com a decisão que tomara, e falou com voz serena e segura.

— Rondo Tuek sabe que não lhe pagaremos mais os subornos habituais. Quer ganhar o máximo possível.

— Mas está zombando de nós, Dominic!

— Escute. — Aproximou-se mais de seu lugar-tenente. O transporte vibrou quando se preparou para aterrissar —. Não importa. Nada importa. Tenho o suficiente... para fazer o que devo fazer.

O suor molhava a testa de Johdam quando a nave se deteve no fundo da fissura. O lugar-tenente baixou a rampa de aterrissagem com movimentos tensos e espasmódicos. Dominic percebeu insegurança e impotência no rosto do homem. Sabia que Johdam não só estava furioso pelo que o mercador de água tinha feito, mas também pelo que Dominic Vernius pensava em fazer.

Dominic desejava libertar IX e seu povo, fazer algo positivo para compensar todas as maldades cometidas pelos conquistadores tleilaxu e os invasores Sardaukar. Mas não podia fazer isso. Agora não.

Só possuía a capacidade de destruir.

O antigo embaixador ixiano Cammar Pilru tinha dirigido repetidas súplicas ao *Landsraad*, mas se transformara em uma piada tediosa. Nem sequer os esforços de Rhombur (realizados com o apoio secreto dos Atreides) tinham servido de nada. Preciso destruir a raiz do problema.

Dominic Vernius, antigo conde de IX, enviaria uma mensagem que o Império não esqueceria.

Depois de tomar sua decisão, Dominic guiara seus homens até as profundezas da fortaleza e aberto a câmara blindada. Ao contemplar os artefatos atômicos acumulados, os contrabandistas

ficaram petrificados. Todos tinham temido este dia. Tinham servido sob as ordens do conde renegado por tempo suficiente para não necessitar de explicações detalhadas.

— Primeiro irei a Caladan e depois a Kaitain, sozinho — Dominic anunciara —. Escrevi uma mensagem para meus filhos, e quero vê-los uma vez mais. Passou muito tempo, e preciso fazer isto. — Olhou para os contrabandistas de um em um —. São livres para fazer o que desejarem. Sugiro que liquidem nossas reservas e abandonem esta base. Voltem com Gurney Halleck para Salusa, ou retornem para suas famílias. Troquem de nome, apaguem tudo rastro de sua passagem por aqui. Se eu triunfar, nosso bando não terá motivos para existir.

— E todo o *Landsraad* pedirá aos gritos nosso sangue — grunhiu Johdam.

Asuyo tentou dissuadir Dominic, utilizando um tom militar, um oficial raciocinando com seu comandante, mas o conde não quis escutar. Não tinha nada a perder e estava ansioso por vingança. Talvez se aniquilasse o último dos Corrino, seu fantasma e o de Shando poderiam descansar em paz.

— Carreguem estas armas a bordo do transportador — disse —. Eu mesmo o pilotarei. Um Cruzeiro da Corporação chega dentro de dois dias.

Olhou para seus homens, inexpressivo.

Alguns pareciam emocionados. Havia lágrimas em seus olhos, mas sabiam que era inútil discutir com o homem que os guiara em inúmeras batalhas, o homem que em outro tempo dirigira as indústrias de IX.

Sem brincadeiras nem conversa, os homens começaram a carregar as armas atômicas lentamente, pois temiam o momento de finalizar a tarefa.

Dominic observou os progressos durante todo o dia, sem comer nem beber. Ogivas de combate fechadas em contêineres metálicos

foram colocadas sobre plataformas e transportadas por túneis até o campo de aterrissagem da fissura.

Dominic imaginava que via Rhombur e falava com ele sobre liderança. Queria conhecer as aspirações de Kailea. Seria maravilhoso voltar a vê-los. Tentou imaginar o aspecto dos seus filhos, seus rostos, quão altos eram. Tinham família própria, seria avô? Tinham passado mais de vinte anos desde que os vira pela última vez, depois da queda de IX.

Seria perigoso, mas Dominic tinha que arriscar-se. Eles queriam que o fizesse. Tomaria todas as precauções possíveis. Sabia como seria difícil que do ponto de vista emocional, e prometeu para si mesmo que seria forte. Se Rhombur descobrisse o que tramava (devia contar a seu filho?), o príncipe desejaria acompanhá-lo e combater em nome de IX. Qual seria a reação de Kailea? Tentaria dissuadir seu irmão de que o acompanhasse? Talvez.

Dominic decidiu que seria melhor não revelar seus planos a seus filhos, porque poderia lhes causar problemas. O melhor seria não dizer nada.

Havia outro filho, que também desejava localizar. Sua amada Shando tinha dado a luz um filho antes de casar-se com Dominic. O menino, gerado em segredo quando era concubina no palácio imperial, era de Elrood, mas o tinham tirado pouco depois de nascer. Em sua posição, Shando não pudera conservar seu filho, e apesar de seus persistentes pedidos de informação nunca descobriram o que tinha acontecido com ele. Tinha desaparecido.

Asuyo e Johdam, incapazes de presenciar os preparativos, ocuparam-se de dividir os tesouros e provisões entre os homens. Asuyo se despojou em público de suas medalhas e insígnias, que jogou no chão. Todos deveríamos abandonar a base imediatamente e dispersar pelo Império.

Johdam fazia o inventário da especiaria acumulada, e com dois homens conduziu uma expedição até as instalações do mercador de água, com a intenção de transformar a mercadoria em dinheiro, que utilizariam para comprar passagens, identidades e lares.

Nas últimas horas Dominic esvaziou seus aposentos, abandonou tesouros inúteis, conservou muito poucas coisas. Os holo-retratos de Shando e as lembranças de seus filhos significavam mais para ele que qualquer riqueza. Ele os devolveria a Rhombur e Kailea, para que tivessem uma lembrança de seus pais.

Dominic cheirou a fria solidão que tinha sido seu lar durante tantos anos e se fixou em detalhes que não tinha captado desde que construía a fortaleza. Estudou rachaduras nas paredes, pontos amassados do chão e do teto... mas por dentro só sentiu fracasso e vazio. Só conhecia uma maneira de enchê-lo: com sangue. Os Corrino pagariam.

Depois, seus filhos e o povo de IX sentiriam orgulho dele.

Quando só restavam três ogivas de combate e um queimapedras para carregar, Dominic saiu para o pálido sol antártico, uma fatia de luz que penetrava na fissura. Tinha planejado cada passo de seu ataque à capital imperial. Seria uma surpresa absoluta. Shaddam não teria tempo de esconder-se debaixo do Trono do Leão Dourado. Dominic não pronunciaria discursos grandiosos e eloquentes, não se regozijaria do seu triunfo. Ninguém saberia de sua chegada. Até o final.

Elrood IX já tinha morrido, e o novo imperador Padishah só tinha uma esposa Bene Gesserit e quatro filhas pequenas. Não seria difícil exterminar à estirpe Corrino. Dominic Vernius sacrificaria sua vida para destruir a Casa Imperial que tinha governado durante milhares de anos, desde a batalha de Corrin, e para ele seria um prazer.

Respirou fundo. Voltou a cabeça, olhou para as alturas da fissura e viu que a lançadeira de Johdam aterrissava, de volta da fábrica de água de Tuek. Ignorava quanto tempo ficara imóvel como uma estátua, enquanto seus homens se moviam ao seu redor.

Uma voz o tirou de sua concentração. Johdam corria para ele com o rosto congestionado.

— Fomos traídos, Dom! Fui até as instalações do mercador de água e as abandonaram. Todos os trabalhadores se foram. A fábrica está fechada. Partiram a toda pressa.

— Não querem estar nas cercanias, senhor — acrescentou Asuyo, ofegante —, porque sabem que algo vai acontecer.

Seu porte tinha mudado. Inclusive sem medalhas, Asuyo parecia outra vez um oficial do exército, preparado para enfrentar um combate sangrento.

Alguns contrabandistas gritaram de raiva. A expressão de Dominic se tornou impenetrável e sombria. Deveria ter imaginado. Depois de tantos anos de colaboração e assistência, não podia confiar em Rondo Tuek.

— Recolham o que puderem. Vão para Arsunt, Carthag ou Arrakeen, mas partam antes que termine o dia. Troquem de identidade. — Dominic apontou para o velho transportador —. Quero carregar as últimas ogivas e decolar. Não penso em renunciar minha missão. Meus filhos estão me esperando.

Menos de uma hora depois, durante os preparativos finais de evacuação e partida, chegaram naves militares, todo um esquadrão Sardaukar em tópteros de ataque, em vôo rasante. Lançaram bombas de choque que racharam as paredes geladas. Grossos raios laser reduziram os penhascos a pó e vapor, liberaram gelo e lançaram rochas ao ar.

As naves Sardaukar mergulharam como peixes predadores no abismo. Lançaram mais explosivos e destruíram quatro naves de transporte estacionadas sobre o cascalho solto.

Asuyo correu para o tóptero mais próximo e saltou dentro. Ligou os motores, como se já confiasse em receber outra medalha de coragem. Quando subiu, as torres de armamento se acenderam. Asuyo amaldiçoou pelo comunicador a traição de Tuek, e também dos Sardaukar. Antes de que pudesse fazer um só disparo, as naves imperiais o volatilizaram no céu.

Transportes de tropas aterrissaram e homens armados saíram como insetos enlouquecidos, armados com facas e pistolas.

Os Sardaukar transformaram em escória os tanques dos motores. As armas atômicas ficaram presas dentro da nave. Agora, o conde renegado nunca poderia decolar, nem chegar a Kaitain. Ao ver o enxame de tropas imperiais, Dominic compreendeu que nem ele nem seu bando de contrabandistas poderiam fugir.

Johdam rugiu como um comandante militar e conduziu sua última carga. O homem correu sem se proteger, disparando contra os Sardaukar. Os homens do imperador, utilizando facas ou as mãos nuas, aniquilavam todos os contrabandistas que encontravam. Para eles, esta atividade era como um treinamento, e parecia que o faziam por puro prazer.

Johdam retrocedeu com os poucos sobreviventes até os túneis, onde se protegeram e defenderam. Em um *déjà vu* aterrador da rebelião ecazi, Dominic viu que um Sardaukar vaporizava a cabeça de Johdam, como tinha acontecido com seu irmão.

Dominic só contava com uma oportunidade. Não seria a vitória que tinha sonhado, e Rhombur e Kailea nunca saberiam, mas frente a alternativa do fracasso total se decidiu por outra medida desesperada. De qualquer modo, seus homens e ele iriam morrer.

Por honra, queria lutar ao lado de seus homens, combater até a morte com cada um deles, no que, ao final, seria um gesto inútil. Eles sabiam, e ele também. Os Sardaukar eram representantes do imperador, o que proporcionava a Dominic Vernius a oportunidade de dar um simbólico golpe mortal. Por IX, por seus filhos, por ele.

Quando o fogo concentrado começou a derrubar as paredes do precipício, Dominic voltou para a base. Alguns dos seus homens seguiram-no, com a confiança de que os conduziria a um refúgio. Silencioso e sombrio, não lhes assegurou nada.

Os Sardaukar entraram na instalação e avançaram em formação de ataque pelos passadiços, abatendo tudo o que cruzava seu caminho. Não era necessário fazer prisioneiros para interrogar.

Dominic retrocedeu até os corredores interiores, para a câmara blindada. Era um corredor sem saída. Os homens aterrorizados que o seguiam compreenderam suas intenções.

— Nós os conteremos enquanto pudermos, Dom — prometeu um homem. Seu companheiro e ele tomaram posições em ambos os lados do corredor, com suas quase inúteis arma preparadas —. Daremos o tempo suficiente.

Dominic se deteve por um momento.

— Obrigado. Não falharei.

— Nunca o fez, senhor. Todos conhecíamos os riscos quando nos unimos a você.

Chegou à porta aberta da câmara justo quando uma forte explosão soava atrás dele. As paredes caíram, seus homens e ele ficaram presos. Mas tampouco tinha intenção de ir a parte alguma.

Os Sardaukar atravessariam a barreira em poucos minutos. Tinham farejado o sangue de Dominic Vernius e não parariam até apanhá-lo.

Permitiu-se um sorriso sem alegria. Os homens de Shaddam teriam uma surpresa.

Dominic utilizou a fechadura de palma para fechar as portas da câmara, apesar de ver a barricada interior ardendo. As paredes afogaram os sons do exterior.

Dominic se voltou e olhou para os restos do seu arsenal atômico. Escolheu um queima-pedras, uma arma pequena cuja potência podia ser calibrada para destruir todo um planeta, ou só arrasara uma zona determinada.

Os Sardaukar começaram a golpear a pesada porta, enquanto tirava o queima-pedras do seu estojo e estudava os controles. Nunca pensou que conheceria o funcionamento daquelas armas. Eram engenhos cataclísmicos que nunca deveriam ser utilizados, cuja mera existência deveria bastar para desencorajar qualquer agressão. Segundo a Grande Convenção, o uso de armas atômicas

reuniria as forças militares combinadas do *Landsraad* para destruir a família atacante.

Os homens do corredor já estavam mortos. Dominic não tinha nada a perder.

Preparou o mecanismo ativador do queima-pedras para que só vaporizasse as cercanias da base. Não era necessário aniquilar todos os inocentes de Arrakis.

Isso era próprio dos Corrino.

Sentia-se como um antigo capitão de navio que afundava com sua embarcação. Dominic só lamentava uma coisa: que não tivesse a oportunidade de despedir-se de Rhombur e Kailea, de lhes dizer quanto os amava. Teriam que seguir adiante sem ele.

Com os olhos nublados pelas lágrimas, pensou em ver de novo uma imagem tremula de Shando, seu fantasma... ou talvez fosse só seu desejo. A dama moveu a boca, mas Dominic não soube se o estava repreendendo por sua imprudência ou estava dando as boas-vindas.

Os Sardaukar abriram caminho através da parede de gelo, desinteressando-se pela porta. Quando entraram na câmara, satisfeitos e vitoriosos, Dominic não disparou sobre eles. Limitou-se a olhar para o tempo que restava no queima-pedras.

Os Sardaukar também viram.

Depois tudo ficou vermelho vivo.

# 83

*Se Deus desejar que pereça, consegue guiar seus passos até o lugar de seu falecimento.*

*Cântico do Shariat.*

Apesar de todos os atentados que C'tair Pilru cometera durante seus vinte anos de guerrilheiro em IX, nunca se atrevera a disfarçar-se de Mestre Tleilaxu. Até agora.

Só e desesperado, não lhe ocorreu outra coisa. Miral Alechem tinha desaparecido. Os outros rebeldes estavam mortos, e tinha perdido todo contato com os apoios exteriores, os contrabandistas, os oficiais de transporte ansiosos por aceitar subornos. As jovens continuavam a desaparecer, e os tleilaxu agiam com absoluta impunidade.

Odiava todos eles.

C'tair esperou em um corredor deserto dos níveis administrativos e matou o Mestre mais alto que pôde encontrar. Preferia não recorrer ao assassinato para conseguir seus objetivos, mas não se incomodou com isso. Algumas ações eram necessárias.

Comparados com o sangue que manchava as mãos dos tleilaxu, seu coração e sua consciência estavam limpos.

Roubou as roupas e os cartões de identidade do homem, e se preparou para descobrir o segredo do pavilhão de investigações dos Bene Tleilax. Por que IX era tão importante que o imperador enviava seus Sardaukar para dar apoio aos invasores? Para onde tinham levado todas as mulheres cativas? Tinha que ser algo mais que uma questão política, mais que a mesquinha vingança do pai de Shaddam contra o conde Vernius.

A resposta devia estar no laboratório de alta segurança.

Miral suspeitava há muito tempo que se tratava de um projeto biológico ilegal, com apoio secreto imperial, talvez algo que violasse as normas da Jihad Butleriana. Por que, se não fosse isso, os Corrino arriscavam tanto durante tanto tempo? Por que tinham investido tanto no planeta conquistado, ao mesmo tempo que os lucros ixianos diminuíaam?

Decidido a descobrir as respostas, vestiu o hábito do Mestre tleilaxu assassinado. Depois jogou o cadáver nos poços que conduziam ao núcleo fundido do planeta, onde se eliminava o lixo.

Em um armazém secreto aplicou produtos químicos em seu rosto e mãos para tornar sua pele mais pálida, e outras substâncias no rosto para adotar o tom cinzento e a aparência enrugada de um Mestre tleilaxu. Usava sandálias de sola fina para diminuir a estatura, e caminhava um pouco curvado. Não era um homem grande, e o fato de os tleilaxu não serem muito observadores isso o ajudava. C'tair precisava ter muito cuidado com os Sardaukar.

Consultou seus arquivos, aprendeu de cor as contra-senhas e ordens que lhe tinham gritado durante anos. Seus cartões de identidade e os perturbadores de sinais deveriam lhe bastar para superar qualquer exame. Mesmo ali.

Adotou um ar altivo para completar o disfarce, saiu de sua câmara oculta e entrou na gruta maior. Subiu a bordo de um transporte. Depois de passar seu cartão pelo exploratório da porta, teclou as coordenadas do pavilhão de investigações.

A bolha se fechou e o separou do resto do transporte. O veículo cruzou o vazio sobre os caminhos entrecruzados dos módulos de vigilância. Nenhuma câmara se voltou para ele. A bolha de transporte reconheceu seu direito a viajar até o complexo do laboratório. Não soaram alarmes. Ninguém lhe deu atenção.

Abaixo, os operários se dedicavam a suas tarefas, vigiados por um número de Sardaukar cada vez mais elevado. Não se

incomodavam em observar os transportes que atravessavam o céu da gruta.

C'tair passou por sucessivas portas guardadas e campos de segurança, e por fim entrou na labiríntica massa industrial. As janelas estavam fechadas, uma luz alaranjada brilhava nos corredores. O ar era quente e úmido, com um leve cheiro de carne podre e resíduos humanos.

Continuou andando e procurou dissimular o fato de que estava desorientado e inseguro a respeito de seu destino. C'tair ignorava onde se encontravam as respostas, mas não se atreveu a vacilar ou aparentar confusão. Não queria chamar a atenção de ninguém.

Tleilaxu cobertos com seus hábitos foram de habitação em habitação, absortos em seu trabalho. Mantinham o capuz, e C'tair os imitou, contente pela camuflagem. Agarrou uma folha de cristal riduliano, escrita em um código estranho que não pôde decifrar, e fingiu estudá-los.

Escolhia corredores aleatoriamente, mudava de rota cada vez que ouvia gente aproximar-se. Vários homens de pouca estatura cruzaram com ele, falando com veemência em seu idioma tleilaxu, ao mesmo tempo que gesticulavam com suas mãos de dedos longos. Não lhe deram atenção.

Localizou os laboratórios biológicos, as instalações de pesquisa com mesas de plaz e cromo e exploratórios cirúrgicos, visíveis através de portas abertas que pareciam protegidas por aparelhos de detecção especiais. Suado e atemorizado, seguiu os corredores principais que conduziam ao coração do pavilhão de pesquisas.

Por fim, C'tair descobriu um nível mais elevado, uma galeria de observação com janelas. O corredor que corria sob seus pés estava deserto. O ar tinha um aroma metálico, de produtos químicos e desinfetantes, um ambiente esterilizado.

E um tênue mas indubitável aroma de canela.

Olhou pela janela para a enorme galeria central do complexo do laboratório. A imensa câmara era tão grande como um hangar

de naves espaciais, com mesas e contêineres que pareciam ataúdes... fila após fila de "espécimes". Contemplou horrorizado as tubulações e tubos de ensaio, todos os corpos. Todas as mulheres.

Mesmo sabendo como os tleilaxu eram maus, nunca imaginara tal pesadelo. A surpresa secou suas lágrimas, que se transformaram em ácido urticante. Abriu e fechou a boca, mas não pôde formar palavras. Sentia vontade de vomitar.

No gigantesco complexo viu por fim o que os tleilaxu estavam fazendo com as mulheres de IX. E uma delas, mal reconhecível, era Miral Alechem.

Afastou-se da janela, enojado. Tinha que escapar. O peso do que tinha visto ameaçava esmagá-lo. Era impossível, impossível, impossível! Tinha o estômago revirado, mas não ousou manifestar nenhuma fraqueza.

De repente, um guarda e dois pesquisadores tleilaxu apareceram por uma esquina e avançaram para ele. Um dos investigadores disse algo em seu idioma gutural. C'tair não respondeu. Afastou-se, cambaleante.

O guarda, alarmado, gritou com ele. C'tair se desviou por um corredor lateral. Ouviu um grito, e seu instinto de sobrevivência se impôs ao seu mal-estar. Depois de ter chegado tão longe, tinha que escapar. Nenhum forasteiro suspeitava do que acabava de ver com seus próprios olhos.

A verdade era muito pior do que imaginara.

C'tair, perplexo e desesperado, voltou para os níveis inferiores, em direção às redes de segurança externas. Atrás dele, vários guardas correram para as galerias de observação que acabava de abandonar, mas os tleilaxu ainda não tinham dado o alarme. Talvez não quisessem interromper a rotina diária, ou eram incapazes de acreditar que um escravo demente tivesse conseguido penetrar em sua zona de segurança mais restrita.

Tinham reconstruído a asa do pavilhão de pesquisa destruída com discos explosivos três anos antes, mas a rede de vias

autoguiadas tinha sido transferida para um portal diferente. Correu nessa direção, com a esperança de encontrar um sistema de segurança mais leve.

Chamou uma bolha de transporte, entrou com a ajuda de seu cartão de identidade roubada e afastou brutalmente um guarda que tentou interrogá-lo. Depois se afastou da instalação secreta em direção ao complexo de trabalho mais próximo, onde poderia livrar-se do seu disfarce e misturar-se com os outros operários.

Ao fim de pouco tempo, uma estridente sirene soou atrás dele, mas então já tinha escapado do complexo e da polícia secreta tleilaxu. Só ele tinha uma pista do que os invasores estavam fazendo, o motivo da conquista de IX.

De qualquer modo, saber disso não o consolava. Jamais, desde o começo de sua luta solitária, havia se sentido tão desesperado.

# 84

*A traição e o pensamento veloz derrotarão as normas rígidas. Por que deveríamos ter medo de aproveitar as oportunidades que se apresentam?*

*Visconde, HUNDRO MORITANI*

*Resposta aos requerimentos do tribunal do Landsraad.*

Na cobertura do navio misterioso, um gigante de olhos arregalados olhou para os cativos.

— Observe esses supostos mestres espadachins! — Riu com tanta força que perceberam seu hálito pútrido —. Adoentados e covardes, debilitados pelas normas. Contra algumas varas atordoantes e um punhado de soldados mau treinados, do que servem?

Duncan estava ao lado de Hiih Resser e outros quatro estudantes de Ginaz, feridos e contundidos. Tinham solto suas ligaduras de linho *shiga*, mas um pelotão de soldados armados até os dentes, uniformizados com as *librés* amarelas de Morítani, vigiavam-nos de perto. O céu nublado trouxe a noite uma hora antes do habitual.

A cobertura do navio estava limpa, como uma sala de exercícios, embora escorregadia por causa da espuma do mar. Os alunos mantinham o equilíbrio, como se fosse mais um exercício, enquanto seus captores grumman se seguravam a velas e corrimões. Alguns pareciam enjoados. Entretanto, Duncan tinha vivido uma dúzia de anos em Caladan, e se sentia muito à vontade a bordo de um navio. Não viu nada que pudesse servir de arma aos prisioneiros.

O detestável navio atravessava os canais do arquipélago. Duncan se perguntou como os grumman tinham ousado cometer tamanha afronta, mas a Casa Moritani já tinha desprezado todas as normas do Império e lançado ataques traiçoeiros contra Ecaz. Era evidente que, depois de que a Escola de Ginaz tivesse expulso os estudantes de Grumman, sua ira explodira. Como era o único que restava, Hiih Resser sofreria um tratamento mais atroz que seus companheiros. Quando olhou para o rosto torcido e contundido do ruivo, Duncan compreendeu que Resser também sabia.

O homem gigantesco que se erguia a frente deles tinha uma barba presa em tranças que iam dos maçãs do rosto até o queixo, e cabelo escuro que caía sobre seus ombros largos. Jóias de fogo em forma de lágrima pendiam de suas orelhas. Tinha entrelaçadas em sua barba fios de um verde intenso parecidos com ramos pequenos. Nos extremos ardiam lentamente brasas que lançavam uma fumaça fedorenta, que rodeava seu rosto. Estava armado com duas diminutas pistolas maula, encaixadas em seu cinturão. Identificou-se como Grieu.

— Do que lhes serviu todo este treinamento? Embebedam-se, abrandam-se e deixam de ser super-homens. Fico feliz que meu filho se retirasse antes, sem perder mais tempo.

Outro jovem robusto com a blusa amarela moritani saiu dos camarotes. Duncan reconheceu Trin Kronos, quando parou ao lado do barbudo.

— Retornamos para ajudá-los a celebrar o fim de seu treinamento, e para ensiná-los que nem todo mundo necessita de oito anos para aprender a lutar.

— Vamos ver como combatem — disse Grieu —. Minha gente precisa praticar um pouco.

Os homens e mulheres moritani se moveram com agilidade felina. Usavam espadas, facas, lanças, arcos e até mesmo pistolas. Alguns estavam vestidos com uniformes de artes marciais, outros como mosqueteiros da Velha Terra ou piratas, como se zombassem dos costumes de Ginaz. Como brincadeira, jogaram duas espadas

de madeira para os cativos. Resser se apoderou de uma, e Klaen, um estudante de Ghusuk aficionado à música, agarrou a outra. Eram brinquedos pouco adequados para enfrentar pistolas maula, pistolas de dardos e flechas.

A um sinal do hirsuto Grieu, Trin Kronos se plantou a frente dos estudantes de Ginaz e os olhou com ar depreciativo. Deteve-se em frente a Resser, depois a frente de Duncan e por fim continuou até o próximo estudante, Iss Opru, um nativo do-Dhanab. — Este será o primeiro. Como aquecimento.

Grieu emitiu um grunhido de aprovação. Kronos tirou Opru da fila com um tranco, e o empurrou até o centro da coberta. Os outros alunos ficaram tensos.

— Me dêem uma espada — disse Kronos sem se virar. Tinha os olhos cravados em Opru. Duncan viu que o estudante tinha adotado uma posição de combate perfeita, agachado e preparado para reagir. Os grumman acreditavam que tinham a vantagem do seu lado.

Assim que esgrimiu a espada, Trin Kronos provocou o cativo, agitou a ponta a frente de seu rosto e lhe cortou alguns cabelos com um golpe.

— O que vai fazer agora, espadachim? Eu tenho uma arma, e você não.

Opru nem sequer se encolheu.

— Eu sou uma arma.

Quando Kronos continuou a aossá-lo, Opru se agachou de repente sob a espada e golpeou o punho de Kronos com o canto da mão. O jovem convencido gritou e deixou cair a arma. Opru se apoderou do pomo antes que a arma tocasse o chão, rodou sobre a coberta e ficou em pé de um salto.

— Bravo — disse o gigante, enquanto Kronos uivava e massageava a mão —. Filho, você tem que aprender. — Grieu afastou o jovem com um empurrão —. Afaste-se, para que não lhe façam mais mal.

Opru segurava sua espada, com os joelhos flexionados, pronto para lutar. Duncan ficou tenso, com Resser a seu lado, enquanto esperava para ver o desenlace do jogo. Outros cativos se prepararam para atacar.

Opru descreveu um círculo no centro da coberta. Erguia-se nas pontas dos pés, com a vista cravada no gigante barbudo.

— O que é bonito? — Grieu imitou seus movimentos para observá-lo melhor. Uma fumaça acre surgia das brasas de sua barba —. Observem sua postura perfeita, tirada de um livro de texto. Se tivessem ficado na escola, e agora se pareceriam com ele.

Trin Kronos extraiu uma pistola maula do cinturão de seu pai com o braço são.

— Por que preferir a forma ao resultado? — Apontou a pistola —. Eu prefiro ganhar.

E disparou.

Nesse instante os cativos compreenderam que seriam executados. Sem vacilar, antes que o corpo do Opru tocasse a coberta, os estudantes se lançaram à ofensiva com violência. Dois grumman morreram com o pescoço quebrado antes de perceber o que acontecera.

Resser rodou a sua direita, ao mesmo tempo um projétil ricocheteava na coberta e saía disparado para as ondas. Duncan se precipitou na direção oposta, enquanto os soldados moritani disparavam suas armas.

O grosso dos combatentes grumman se reuniu atrás do gigantesco Grieu, e depois rodearam os cativos restantes. Alguns se separaram do grupo para atacar os estudantes que se encontravam no centro, e depois retrocederam sob uma chuva de golpes e chutes.

O gigante assobiou em sinal de brincadeira.

— Isso é estilo.

Klaen, o estudante de Chusuk, correu com um grito estremecedor, e se precipitou sobre os dois homens mais próximos armados com arcos. Levantou a espada de madeira para desembaraçar-se das flechas, e depois deu um golpe de flanco que arrancou os olhos de um inimigo. O grumman desabou sobre a coberta gritando. Atrás de Klaen, um segundo estudante, Hiddi Aram de Balut, utilizou o nativo de Chusuk como escudo para repetir um exercício que tinham praticado um ano antes. Desta vez, Klaen soube que ia ser sacrificado.

Os dois homens providos de arcos dispararam várias vezes. Sete flechas se cravaram nos ombros, peito, estômago e pescoço de Klaen, mas seu impulso o empurrou para frente, e enquanto desabava Hiddi Aram saltou sobre seu camarada caído e se chocou contra o arqueiro mais próximo. Com uma velocidade vertiginosa, arrebatou o arco de mãos de seu atacante. Restava uma flecha no arco, e virou-se para cravá-la no pescoço do segundo arqueiro.

Atirou o arco vazio e agarrou o segundo antes que tocasse a coberta, mas o barbudo Grieu perfurou a testa do estudante de Balut com um projétil de sua segunda pistola maula.

Produziu-se um confuso tiroteio e Grieu gritou como um possesso:

— Não disparem uns nos outros, idiotas!

A ordem chegou muito tarde. Um grumman caiu com um projétil no peito.

Antes que Hiddi Aram parasse de se mover, Duncan se lançou para o estudante de Chusuk, arrancou uma flecha de seu corpo e se precipitou para o moritani mais próximo. O inimigo o atacou com uma espada larga, mas Duncan foi mais veloz e afundou a flecha ensangüentada sob o queixo do inimigo. Ouviu um movimento, agarrou o homem agonizante e o fez girar para que suas costas recebessem o impacto de três disparos.

Hiih Resser, armado só com sua espada de madeira, emitiu um grito aterrador e agitou a arma. Com seus potentes músculos

golpeou a cabeça do grumman mais próximo, com tal força que lhe abriu o crânio, ao mesmo tempo que a folha de madeira se estilhaçava e partia. Quando o grumman desabou, Resser virou-se e afundou o extremo quebrado da espada de brinquedo no olho de outro atacante.

O outro estudante sobrevivente (Wod Sedir, sobrinho do rei de Niushe) fez voar pelos ares de um chute uma pistola maula fumegante. Seu inimigo a tinha disparado repetidas vezes, mas tinha errado. Wod Sedir lhe quebrou o pescoço com o calcanhar, apoderou-se da pistola e se voltou para os outros grumman, mas a pistola estava descarregada. Ao fim de poucos segundos várias pistolas de dardos o atingiram.

— Isso demonstra que a pistola sempre vence à espada — disse Grieu Kronos.

Transcorridos menos de trinta segundos, Duncan e Resser se encontraram lado a lado, encurralados no extremo do navio. Eram os únicos sobreviventes.

Os assassinos moritani se aproximaram deles, providos de um arsenal de armas. Vacilaram e olharam para seu líder à espera de ordens.

— Sabe nadar, Resser? — perguntou Duncan, enquanto jogava um olhar para as altas e escuras ondas.

— Mais que me afogar — disse o ruivo.

Viu que os homens sacavam suas pistolas de projéteis, sopesou a possibilidade de agarrar um inimigo e lançá-lo sobre a coberta, mas chegou à conclusão de que era impossível.

Os grumman apontaram de uma distância prudente. Duncan empurrou Resser sobre o corrimão e se lançou atrás dele. Ambos caíram ao mar enfurecido, longe de qualquer margem visível, no momento exato que começava o tiroteio. Os dois jovens mergulharam a grande profundidade e desapareceram.

Os atacantes correram em volta da amurada do navio e esquadriharam o mar, mas não viram nada. A corrente do fundo

devia ser terrível.

— Esses dois estão perdidos — disse Trin Kronos, carrancudo, enquanto massageava a mão.

— Sim — respondeu o barbudo Grieu —. Teremos que jogar os cadáveres dos outros onde possam ser encontrados.

# 85

*Toda tecnologia é suspeita e tem que ser considerada potencialmente perigosa.*

*JIHAD BUTLERIANA,  
Manual para nossos netos.*

Quando a terrível notícia chegou à base dos contrabandistas em Salusa Secundus, Gurney Halleck passava o dia sozinho, na cidade-prisão destruída. Estava sentado sobre os restos de um antigo muro, enquanto tentava compor uma balada com seu *baliset*. Os tijolos que o rodeavam tinham se transformado em curvas vitrificadas depois da explosão atômica.

Cravou a vista em uma elevação e tentou imaginar o elegante edifício imperial que se elevou sobre ela. Sua rouca mas potente voz acompanhava os tom do *baliset*. Procurou obstinadamente por um tom menor.

As nuvens de cor doentia e o ar nebuloso o deixavam no estado de ânimo adequado. De fato, sua música melancólica devia-se muito ao clima, embora os homens ocultos na fortaleza subterrânea amaldiçoassem as tormentas caprichosas.

Aquele inferno era melhor que os poços de escravos de *Giedi Prime*.

Um ornitóptero cinza se aproximou do sul, um aparelho sem identificação que pertencia aos contrabandistas. Gurney olhou pela extremidade do olho quando aterrissou do outro lado das ruínas.

Concentrou-se nas imagens que desejava evocar em sua balada, a pompa e a cerimônia da corte real, os seres exóticos que tinham viajado até ali vindos de planetas longínquos, a elegância

de seus objetos e maneiras. Tudo desaparecido. Esfregara a cicatriz da mandíbula. Ecos de tempos passados começaram a tingir as trevas perpétuas de Salusa com suas cores gloriosas.

Ouviu gritos longínquos e viu que um homem subia correndo o penhasco até ele. Era Bork Qazon, o cozinheiro, que agitava os braços e gritava. Manchas de molho cobriam seu avental.

— Gurney! Dominic morreu!

Pendurou o *baliset* no ombro, estupefato, e saltou para o chão. Gurney estremeceu quando Qazon lhe contou a trágica notícia que o tóptero havia trazido: Dominic Vernius e todos os seus camaradas tinham morrido em Arrakis, vítimas de um incidente atômico, ao que parecis quando eram atacados pelos Sardaukar.

Gurney não quis acreditar.

— Os Sardaukar... utilizaram armas atômicas?

Assim que a notícia chegasse a Kaitain, os Mensageiros Imperiais a espalhariam para satisfação de Shaddam. O imperador escreveria sua história falsa, transformaria Dominic em um criminoso odioso, fugitivo durante décadas.

O cozinheiro meneou a cabeça, boquiaberto, com os olhos avermelhados.

— Eu diria que Dominic o fez. Pensava utilizar o arsenal da família para um ataque suicida contra Kaitain.

— Isso é uma loucura. — Estava desesperado.

— Armas atômicas... contra os Sardaukar do imperador. — Gurney sacudiu a cabeça e compreendeu que era preciso tomar decisões —. Tenho a sensação de que isto não terminou, Qazon. Temos que abandonar este acampamento, e depressa. Temos que nos dispersar. Eles nos perseguirão para se vingar.

A notícia da morte de seu líder emocionou os homens. Assim como aquele planeta ferido jamais recuperaria sua glória, tampouco o fariam os restos do bando de contrabandistas. Os homens não

poderiam continuar sem Dominic. O conde renegado era sua força motriz.

Quando escureceu, sentaram-se ao redor de uma mesa e discutiram sobre seus planos. Alguns sugeriram que Gurney Halleck fosse seu novo líder, agora que Dominic, Asuyo e Johdam tinham morrido.

— Continuar aqui é perigoso — disse Qazon —. Não sabemos o que os imperiais descobriram a respeito de nossas operações. E se fizeram prisioneiros e os interrogaram?

— Temos que fundar uma nova base para continuar nosso trabalho — disse outro homem.

— Que trabalho? — Perguntou um dos veteranos —. Nos unimos porque Dom nos chamou. Vivemos por ele. Não está mais entre nós.

Enquanto os contrabandistas discutiam, os pensamentos de Gurney iam para os filhos do líder caído, que viviam como hóspedes da Casa Atreides. Quando sorriu, notou uma dor residual na cicatriz. Afastou-a de sua mente e pensou na ironia: o duque Atreides também o resgatara do poço de escravos Harkonnen sem saber, ao encomendar um embarque de obsidiana azul no momento certo...

Tomou uma decisão.

— Não irei com vocês a uma base nova. Vou para Caladan. Penso em oferecer meus serviços ao duque Leto Atreides, e me reunir com Rhombur e Kailea.

— Está louco, Halleck — disse Scien Traf, enquanto mordiscava uma lasca resinosa —. Dom insistiu em que nos mantivéssemos afastados de seus filhos, para não colocá-los em perigo.

— O perigo morreu com ele — disse Gurney —. Passaram-se vinte anos desde que a família foi declarada renegada. — Entreabriu seus olhos azuis —. Em função da rapidez com que o imperador deve reagir, verei os dois meninos antes que ouçam a versão deformada dos acontecimentos. Os herdeiros de Dominic

têm que saber a verdade sobre o acontecido a seu pai, não o lixo que transmitirão os Mensageiros oficiais.

— Já não são crianças — disse Bork Qazon —. Rhombur tem mais de trinta anos.

— Sim — disse Pen Barlow. Deu uma profunda baforada em seu cachimbo e exalou fumaça escura —. Recordo quando eram pequenos, como animaizinhos que brincavam de correr pelo Grande Palácio.

Gurney se levantou e apoiou o *baliset* sobre o ombro.

— Irei para Caladan e explicarei tudo. — Cabeceou em direção a seus companheiros —. Alguns de vocês continuarão o negócio, não tenho dúvida. Fiquem com o resto dos equipamentos, com minha bênção... Não quero mais ser um contrabandista.

Quando chegou ao espaçoporto municipal de Caladan, Gurney Halleck levava apenas uma bolsa com algumas mudas, um montão de Solaris (sua parte dos lucros do bando de contrabandistas) e seu amado *baliset*. Também levava notícias e lembranças de Dominic Vernius, suficientes, confiava, para ganhar o acesso ao castelo ducal.

Durante a viagem tinha bebido muito e jogado nos cassinos do Cruzeiro, seduzido por aeromoças Wayku. Tinha conhecido uma atraente mulher de Poritrin, que tinha concluído que as canções e o bom humor de Gurney compensavam seu rosto sulcado de cicatrizes. Alojou-se com ele por vários dias, até que o Cruzeiro entrou na órbita de Caladan. Por fim, Gurney lhe deu um beijo de despedida e embarcou na lançadeira.

No frio e úmido Caladan gastou seu dinheiro rapidamente para tornar-se apresentável. Sem país nem família, nunca tivera motivos para economizar. “O dinheiro foi inventado para ser gasto”, dizia sempre. Seria um conceito estranho para seus pais.

Depois de atravessar uma série de pontos de segurança, Gurney se encontrou por fim no salão de recepções do castelo. Viu

que um homem corpulento e uma bela jovem se aproximavam dele. Distinguiu uma semelhança com Dominic em suas feições.

— Vocês são Rhombur e Kailea Vernius?

— Sim.

O homem tinha cabelo loiro ondulado e um rosto largo.

— Os guardas disseram que têm notícias de nosso pai — interveio Kailea —. Onde ele esteve por todos estes anos? Por que não nos enviou nenhuma mensagem?

Gurney segurou seu *baliset*, para criar coragem.

— Ele foi assassinado em Arrakis, durante um ataque dos Sardaukar. Dominic era o chefe de uma base de contrabandistas nesse planeta, e de outra em Salusa Secundus.

Nervoso, pulsou uma corda sem querer, e depois outra.

Rhombur se jogou em uma cadeira e esteve a ponto de cair, mas recuperou o equilíbrio. Com a vista cravada à frente, sem deixar de piscar, estendeu a mão para segurar a de Kailea. Ela a apertou.

Gurney continuou.

— Eu trabalhava para seu pai e... e agora não tenho para onde ir. Pensei que devia vir vê-los e explicar onde esteve durante estas duas últimas décadas, o que fez... por que teve que manter-se afastado. Só pensava em protegê-los.

Lágrimas correram pelas faces de ambos os filhos. Depois do assassinato de sua mãe, acontecido anos antes, a notícia se amoldava a um roteiro muito familiar. Rhombur abriu a boca para dizer algo, mas as palavras não surgiram, e voltou a fechá-la.

— Minha habilidade com a espada é comparável a de qualquer homem da guarda da Casa Atreides — afirmou Gurney —. Vocês têm inimigos poderosos, mas não permitirei que lhes façam nenhum mal. É o que Dominic desejava.

— Faça o favor de ser mais concreto. — Outro homem apareceu por uma entrada lateral situada à direita de Gurney, alto e

magro, de cabelo escuro e olhos cinzas. Vestia uma jaqueta militar negra com a insígnia de um falcão vermelho na lapela —. Queremos ouvir toda a história, por mais dolorosa que seja.

— Gurney Halleck, este é o duque Leto Atreides — disse Rhombur depois de secar as lágrimas —. Ele também conhecia meu pai.

Leto recebeu um vacilante aperto de mão do áspero visitante.

— Lamento ser portador de notícias tão terríveis — disse Gurney. Olhou para Rhombur e Kailea —. Recentemente, Dominic voltou a IIX, depois de receber espantosas notícias. E o que viu ali o horrorizou tanto que voltou transformado em um homem destruído.

— Havia muitas formas de entrar — disse Rhombur —. Pontos de acesso de emergência que só a família Vernius conhecia. Eu também me lembro delas. — Voltou-se para Gurney —. O que ele tentava fazer?

— Pelo que sei, preparava-se para atacar Kaitain com as armas atômicas da família, mas os Sardaukar descobriram o plano e fizeram uma emboscada em nossa base. Dominic ativou um queima-pedras e destruiu a todos.

— Nosso pai esteve vivo por todo este tempo — disse Rhombur, e olhou para Leto. Seu olhar esquadrinhou as entradas arqueadas, os largos salões do castelo, como se esperasse ver Tessia —. Estava vivo, mas nunca nos procurou. Oxalá eu pudesse lutar a seu lado, ao menos uma vez. Oxalá tivesse estado com ele.

— Príncipe Rhombur, se é que posso chamá-lo assim, todos os que estavam com ele morreram.

O mesmo transporte que tinha trazido Gurney Halleck tinha levado também a uma Mensageiro oficial do arquiduque Armand Ecaz. A mulher tinha cabelo marrom muito curto, e vestia o respeitado uniforme da terceira idade com galões e dúzias de bolsos.

Chegou até o salão de banquetes onde se encontrava Leto, conversando com um criado que estava dando brilho às caras paredes de obsidiana azul. Graças a Gurney Halleck, Leto sabia agora que a obsidiana azul não procedia de Hagal, mas dos poços de escravos Harkonnen. Mesmo assim, Gurney lhe tinha pedido que não as retirasse.

Leto se voltou e saudou a Mensageira, mas a mulher procedeu com presteza a identificar-se e lhe entregou um cilindro selado, para depois esperar a que o duque o abra. Falou muito pouco.

Temendo mais más notícias, como sempre que chegava um Mensageiro, Thufir Hawat e Rhombur apareceram de portas opostas. Leto respondeu seus olhares de interrogação com o cilindro fechado.

O duque aproximou uma das pesadas poltronas da mesa de jantar, que arranhou o chão de pedra. Os trabalhadores continuaram dando brilho à parede de obsidiana. Leto suspirou, sentou-se na poltrona e abriu o cilindro. Seus olhos cinzas leram a mensagem, enquanto o príncipe e o *Mentat* aguardavam em silêncio.

Por fim, Leto olhou para o retrato do velho duque pendurado na parede, frente à cabeça dissecada do touro salusano que o matara na arena.

— Bem, aqui há matéria para refletir.

Não deu mais explicações, como se preferisse receber conselho do finado Paulus.

Rhombur se remexeu, nervoso.

— O que aconteceu, Leto?

Ainda tinha os olhos avermelhados.

O duque deixou o cilindro sobre a mesa e o agarrou antes que rolasse.

— A Casa Ecaz sugeriu oficialmente uma aliança matrimonial com os Atreides. O arquiduque Armand oferece a mão de sua

segunda filha, Ilesa. — Bateu no cilindro com o dedo que usava o anel de selo ducal. A filha mais velha do arquiduque tinha sido assassinada pelos grumman de Moritani —. Também inclui uma lista das posses ecazi e um dote.

— Mas não há imagem da filha — disse Rhombur.

— Já a vi. Ilesa é bastante bonita.

Falava em tom distraído, como se tais detalhes não influíssem em sua decisão.

Dois servos deixaram de dar brilho aos móveis, estupefatos para ouvir a notícia, e depois voltaram para sua tarefa com energias renovadas.

Hawat franziu o sobrecenho.

— Não há dúvida de que as renovadas hostilidades também preocupam o duque. Uma aliança com os Atreides tornaria Ecaz menos vulnerável a uma agressão Moritani. O visconde pensaria duas vezes antes de enviar tropas grumman.

Rhombur meneou a cabeça.

— *Er*, eu disse que a simples intervenção do imperador nunca solucionaria o conflito entre essas duas Casas.

Leto tinha o olhar cravado na distância, enquanto sua cabeça girava.

— Ninguém disse o contrário, Rhombur. No momento, não obstante, acredito que os grumman estão mais irritados com a Escola de Ginaz. As últimas notícias que recebi dizem que a Escola provocou o visconde Moritani no *Landsraad*, quando o chamou de cão covarde.

A expressão de Hawat era grave.

— Meu duque, não deveríamos nos distanciar disto? A disputa se prolonga há anos. Quem sabe o que farão a seguir?

— Já fomos muito longe, Thufir, não só por nossa amizade com Ecaz, mas também com Ginaz. Não posso continuar neutro. Depois de ter examinado os informes sobre as atrocidades grumman,

somei minha voz a um voto de censura do *Landsraad*. — Permitiu-se um sorriso. Além disso, naquele momento estava pensando em Duncan.

— Temos que estudar a oferta de matrimônio com muita cautela — insistiu o *Mentat*.

— Minha irmã não vai gostar disto — murmurou Rhombur. Leto suspirou.

— Faz anos que Kailea não gosta de nada. Sou um duque. Tenho que pensar no que mais convém à Casa Atreides.

Leto convidou Gurney Halleck para jantar com eles.

Pela tarde, durante horas, o fanfarrão refugiado tinha desafiado e trocado bravatas com vários dos melhores guerreiros Atreides, e tinha vencido a quase todos.

Agora, nas horas de repouso, Gurney demonstrou ser um grande contador de histórias, e relatou as façanhas de Dominic Vernius a seus ansiosos ouvintes. Estava sentado na longa mesa do salão de banquetes, entre a cabeça do touro salusano e o quadro do velho duque, vestido de matador.

Com voz sombria, o contrabandista falou de seu ódio visceral pelos Harkonnen. Voltou a falar do embarque de obsidiana azul, parte do qual adornava o salão, que tinha facilitado sua fuga dos poços de escravos.

Mais tarde, em outra demonstração de seu domínio da esgrima, Gurney utilizou uma espada do velho duque para lutar contra um adversário imaginário. Carecia de elegância, mas contava com considerável energia e notável precisão.

Leto assentiu para si mesmo e olhou para Thufir Hawat, que umedeceu os lábios em sinal de aprovação.

— Gurney Halleck — disse Leto —, se desejar ingressar no guarda da Casa Atreides, consideraria-o uma honra.

— Dependendo de uma profunda investigação de suas origens, é claro — acrescentou Hawat.

— Nosso perito em armamento, Duncan Idaho, está em uma escola de Ginaz, embora esperemos que retorne logo. Poderá ajudá-lo em algumas de suas tarefas.

— Está se preparando para ser um mestre espadachim? Não serei eu quem se intrometerá em seu trabalho. — Gurney sorriu. Estendeu uma mão para Leto —. Por minhas lembranças de Dominic, eu gostaria de servir aqui, junto aos filhos de Vernius.

Rhombur e Leto apertaram sua mão, e deram as boas-vindas a Gurney Halleck à Casa Atreides.

## 86

*Os centros do poder tentam indevidamente aproveitar qualquer novo conhecimento para satisfazer seus desejos. Mas o conhecimento não pode ter desejos arraigados, nem no passado nem no futuro.*

*DMITRI HARKONNEN*

*Lições para meus filhos.*

O barão Vladimir Harkonnen tinha dedicado toda sua vida à busca de novas experiências. Satisfazia-se em prazeres hedonistas (mantimentos saborosos, drogas exóticas, homossexualidade), em descobrir coisas que nunca tinha feito.

Mas um bebê na fortaleza Harkonnen... Como ia controlar isso?

Outras Casas do *Landsraad* adoravam as crianças. Uma geração antes, o conde Libam Richese se casara com uma filha imperial e gerado onze filhos. Onze! O barão escutara canções insípidas e sentimentais relatos que alimentavam uma falsa impressão da alegria que proporcionavam as risadas das crianças. Custava-lhe entender, mas por fidelidade a sua Casa, pelo futuro dos negócios Harkonnen, jurou fazer o impossível. Seria um modelo para o pequeno Feyd-Rautha.

O menino, que logo que contava um ano, confiava muito em sua habilidade para caminhar, atravessava as habitações dando tombos, corria muito antes de dominar seu sentido de equilíbrio, e era o teimoso bastante para continuar avançando mesmo que tropeçasse com algo. Feyd possuía uma curiosidade insaciável, investigava cada habitação, cada armário. Agarrava o primeiro objeto que encontrava e o metia na boca. O menino se assustava com facilidade e chorava sem parar.

Às vezes, o barão o esbofeteava e tentava obter uma resposta que não fossem gorjeios absurdos. Em vão.

Um dia, depois de tomar o café da manhã, levou a menino a um balcão elevado de uma torre alta da fortaleza. O pequeno Feyd viu o sol avermelhado, filtrado através de uma neblina produzida pela fumaça, que iluminava a abarrotada cidade industrial. Do outro lado das fronteiras de *Harko City*, povoados mineiros e agrícolas produziam o material bruto que fazia funcionar *Giedi Prime*, mas o povo continuava descontente, e o barão tinha que exercer um controle férreo, dar exemplo, impor a disciplina necessária.

Enquanto o barão deixava vagar seus pensamentos, esqueceu-se do menino. Feyd, com uma rapidez assombrosa, correu para a beira do balcão, e se inclinou entre os barrotes. O barão, indignado, precipitou-se, e conseguiu agarrar o menino antes que Feyd se inclinasse muito sobre o precipício.

Gritou com o bebê e o ergueu à altura de seus olhos.

— Como pode fazer essa estupidez, idiota? Não entende as conseqüências? Se cair ficará em pedaços!

Todo aquele sangue Harkonnen, cultivado com tanto esmero, desperdiçado...

Feyd-Rautha olhou para ele com olhos arregalados e emitiu um som grosseiro.

O barão levou a menino para dentro. Como medida de precaução, tirou um globo suspensor de seu cinturão e o prendeu às costas do bebê. Embora agora caminhasse com mais dificuldade, e sentisse a tensão em seus músculos degenerados e os membros pesados, ao menos tinha controlado Feyd. O menino, que flutuava ao meio metro do chão, parecia achar isso interessante.

— Venha comigo, Feyd — disse o barão —. Quero te mostrar os animais. Você vai gostar.

Feyd seguiu seu tio, que ofegava e resfolegava, por corredores e lances de escada descendentes, até chegar ao nível do circo. O menino ria enquanto flutuava. O barão o empurrava de vez em

quando para que continuasse em movimento. Os braços e pernas de Feyd se agitavam no ar como se nadasse.

Na zona das jaulas que rodeava a arena, o barão Harkonnen puxou o menino por túneis baixos feitos de vime e argamassa, uma construção primitiva que dotava o lugar com a aparência de uma guarida. Recintos protegidos com barrotes continham palha podre e excrementos de animais criados e treinados para lutar contra as vítimas escolhidas pelo barão. Os rugidos dos animais torturados ressoavam nas paredes. Garras afiadas arranhavam o piso de pedra. Bestas enfurecidas se lançavam contra os barrotes.

O barão sorriu. Era bom manter a raia os predadores.

Era uma delícia contemplar as bestas. Com seus dentes, chifres e garras podiam destroçar um homem. De qualquer modo, os combates mais interessantes tinham lugar entre competidores humanos, soldados profissionais contra escravos desesperados aos quais se prometera a liberdade, embora nenhum a conseguisse. Valia a pena conservar a vida de qualquer escravo capaz de derrotar um assassino Harkonnen treinado, para que lutasse várias vezes.

Enquanto continuava avançando pelos túneis mal iluminados, o barão contemplou o rosto fascinado do pequeno Feyd. Viu nele todo um futuro de possibilidades, outro herdeiro da Casa Harkonnen que talvez superasse a seu irmão Rabban, o qual era malvado e cruel, as carecia da mente tortuosa que o barão preferia.

Em qualquer caso, seu sobrinho ainda era útil. De fato, Rabban tinha executado muitas tarefas brutais que desagradavam até mesmo o barão. Com muita freqüência, agia como uma massa de carne sem cérebro.

O estranho par se deteve ante uma jaula, onde um tigre Laça passeava de um lado a outro, com os olhos entreabertos e o nariz triangular dilatado, quando farejou carne tenra e sangue quente. Aquelas bestas ferozes eram as preferidas nos combates de gladiadores, fazia séculos. O tigre era uma massa de músculos, e cada fibra estava cheia de uma energia assassina. Seus tratadores

o alimentavam, mas só para conservar sua força... afim de que o tigre se deleitasse com a carne rasgada de suas vítimas.

De repente, o animal se precipitou para os barrotes da jaula com as presas à mostra. Estendeu uma pata cheia de garras afiadas.

O barão se afastou, sobressaltado, e puxou Feyd. O menino, que oscilava sobre seu globo de suspensão, continuou flutuando até se chocar contra a parede, o que o surpreendeu ainda mais que a fúria do predador. Feyd uivou com tal energia que seu rosto avermelhou.

O barão segurou seu sobrinho pelos ombros.

— Calma, calma — disse em tom brusco mas tranqüilizador —. Não aconteceu nada. — Mas Feyd continuava gritando, o que enfureceu seu tio —. Já mandei se calar! Não há motivo para chorar.

O menino não pensava o mesmo.

O tigre rugiu e se lançou de novo contra os barrotes.

— Silêncio, eu disse! — O barão não sabia o que fazer. Nunca lhe tinham ensinado a cuidar de bebês —. Chega!

Só fez Feyd chorar com mais entusiasmo.

Pensou nas duas filhas que tinha gerado com a bruxa Bene Gesserit, Mohiam. Durante seu desastroso enfrentamento com as bruxas em Wallach IX, há sete anos, tinha exigido que devolvessem sua filha, mas agora compreendeu a bênção de as reverendas mães terem criado esses... esses seres imaturos.

— Piter! — gritou a plenos pulmões, e se lançou para o comunicador da parede. Esmagou-o com o punho —. Piter De Vries! Onde está meu *Mentat*?

Gritou até que a voz anasalada do *Mentat* respondeu pelo alto-falante.

— Já vou, meu barão.

Feyd continuava chorando. Quando o barão o pegou de novo, descobriu que o menino urinara e defecara nas fraldas.

— Piter!

Momentos depois, o *Mentat* apareceu pelos túneis. Devia estar perto, à espreita do barão, como sempre.

— Sim, meu barão?

Enquanto o menino continuava mugindo sem pausa, o barão o depositou nos braços de Piter.

— Cuide dele. Obrigue-o a parar de chorar.

O *Mentat*, pego de surpresa, olhou para o pequeno Harkonnen e piscou várias vezes.

— Mas meu barão, eu...

— Faz o que mandei! É meu *Mentat*. Tem que saber tudo o que eu peço.

O barão apertou as mandíbulas e reprimiu um sorriso de satisfação ao ver o desconcerto do *Mentat*.

Piter De Vries segurou Feyd-Rautha bem longe de si, como se fosse um espécime estranho.

— Não me desaponte, Piter.

O barão se afastou, coxeando um pouco devido à ausência de um globo de suspensão.

De Vries ficou com o menino nos braços, sem saber como acalmar seu choro.

# 87

*Os presunçosos não fazem outra coisa além de construir muros de castelos, atrás dos quais tentam esconder suas dúvidas e temores.*

*Axioma Bene Gesserít*

Kailea, encerrada em seus aposentos privados do castelo de Caladan, onde chorava a morte do seu pai, apoiou os dedos sobre a pedra fria do parapeito de uma janela e contemplou o mar cinza.

Dominic Vernius era um enigma para ela, um líder valente e inteligente que permanecera oculto durante vinte anos. Tinha fugido da rebelião, abandonado sua esposa a mercê dos assassinos imperiais renunciado ao que correspondia a seus filhos por direito de nascimento, ou tinha lutado na clandestinidade durante todo esse tempo para devolver o poder à Casa Vernius? E agora estava morto. Seu pai. Um homem forte, vital. Custava acreditar. Kailea compreendeu que jamais poderia retornar a IX nem recuperar o que era dele.

E para finalizar, Leto estava pensando em casar-se com outra filha de Ecaz, a irmã mais nova da que tinha sido raptada e assassinada pelos grumman. Leto não respondia as perguntas que Kailea lhe fazia. Era uma "questão de estado", havia lhe dito na noite anterior em tom arrogante. Não era um assunto que pudesse discutir com uma simples concubina.

Fui sua amante durante mais de seis anos. Sou a mãe de seu filho, a única que merece ser sua esposa.

Seu coração se transformou em um lugar vazio, uma cavidade negra que só lhe proporcionava desespero e sonhos quebrados. Isso terminaria algum dia? Depois que assassinaram a filha mais velha

de Ecaz, Kailea tinha acreditado que Leto se entregasse a ela, por fim, em corpo e alma. Mas ainda sonhava com uma aliança matrimonial que reforçasse o poder político, militar e econômico da Casa Atreides.

Abaixo, os escarpados negros estavam molhados pela névoa que as ondas lançavam. As gaivotas gritavam e mergulhavam em busca de peixes. Manchas verdes de algas se aferravam aos ocos das rochas. Os recifes faziam as águas se transformarem em espuma, como um caldeirão fervente.

Minha vida é amaldiçoada, pensou. Roubaram-me tudo o que era meu.

Voltou-se quando Chiara entrou em seus aposentos privados sem chamar. Kailea ouviu o tinido de taças e pratos sobre uma bandeja, cheirou o café especiado que a mulher tinha preparado. A dama de companhia se movia ainda com uma velocidade e agilidade impróprias para sua aparência. Chiara deixou a bandeja sem fazer ruído, levantou a cafeteira e encheu duas taças. Acrescentou açúcar à sua e nata e a de Kailea.

A princesa ixiana pegou a taça e tomou um gole delicado, procurando dissimular seu prazer. Chiara bebeu sem reprimir-se e se sentou em uma cadeira, como se fosse uma igual a concubina do duque.

Kailea fez uma careta.

— Você toma muitas liberdades, Chiara.

A dama de companhia olhou para a jovem, que deveria ser uma candidata matrimonial de primeira categoria para qualquer Grande Casa.

— Prefere uma acompanhante, *lady* Kailea, ou um criado mecânico? Sempre fui sua amiga e confidente. Por acaso sente saudades dos *meks* autônomos de que dispunha em IX?

— Não se gabe de conhecer meus desejos — disse Kailea com voz afligida —. Choro a morte de um grande homem, vítima da traição imperial.

Os olhos de Chiara cintilaram quando respondeu.

— Sim, e sua mãe também foi assassinada por eles. Não pode contar com seu irmão para nada, exceto para falar. Nunca recuperará seu reino. Você, Kailea — a mulher agitou seu dedo grosso em direção a ela —, é o que resta da Casa Vernius, a alma e o coração de sua grande família. — Acha que não sei?

Kailea se voltou e olhou pela janela de novo. Não podia encarar a anciã, nem a ninguém, nem sequer a seus temores íntimos.

Se Leto se casar com a filha do arquiduque... Sacudiu a cabeça, furiosa. Seria ainda pior que conviver com a puta da Jessica.

O mar de Caladan se estendia para o horizonte, e o céu estava coberto de nuvens que pressagiavam a escuridão do inverno. Pensou em sua precária posição com Leto. Ele a tinha colocado sob sua proteção quando era pouco mais que uma menina, a protegera depois da destruição do seu mundo... mas aqueles tempos eram coisa do passado. O afeto, o amor, que tinha florescido entre eles estava morto e enterrado.

— Teme que o duque aceite a proposta e contraia matrimônio com Ilesa Ecaz, é claro — acrescentou Chiara com voz doce, compassiva como uma faca longa e afiada. Sabia exatamente como tocar seu ponto mais fraco.

Embora envolvido com Jessica, Leto ainda ia a seu leito de vez em quando, como por obrigação. E a aceitava, como se fosse seu dever. Sua honra Atreides nunca permitiria repudiá-la completamente, por mais que seus sentimentos tivessem mudado. Leto tinha escolhido um método de castigo mais sutil, ao conservá-la a seu lado, mas impedindo que alcançasse a glória que merecia.

Oh, quanto ansiava viajar a Kaitain! Kailea desejava usar trajes elegantes, jóias preciosas e trabalhadas. Desejava ser atendida por dúzias de donzelas, em vez de uma só acompanhante que ocultava uma língua afiada com voz de mel. Quando olhou para Chiara,

reparou no reflexo impreciso das feições da anciã, o cabelo primorosamente penteado que potencializava sua aparência nobre.

A resplandecente parede de obsidiana azul de Kailea, adquirida pelo Leto por um preço exorbitante, tinha sido um maravilhoso complemento ao castelo de Caladan. Leto a chamava sua “superfície contemplativa”, onde Kailea via sombras apagadas do mundo que a rodeava e pensava em suas implicações. A obsidiana azul era tão pouco freqüente que poucas Casas do *Landsraad* exibiam se quer um só adorno, mas Leto tinha comprado toda aquela parede, assim como as pedras do salão de jantar.

Kailea franziu o sobrecenho. Chiara dizia que Leto apenas tinha tentado comprar sua satisfação, obrigá-la a aceitar a situação e silenciar suas queixas.

E agora Gurney Halleck havia lhe dito que aquela estranha substância procedia de *Giedi Prime*. Ai, a ironia! Sabia que a notícia devia ter ferido o coração infiel do duque.

Chiara estudou a expressão de sua senhora, adivinhou os pensamentos, com freqüência verbalizados, que corroíam sua mente, e compreendeu que estratégia devia utilizar.

— Antes que Leto possa casar-se com a filha do arquiduque Ecaz, deve ter em conta suas prioridades dinásticas, minha senhora.

Estava de pé junto ao muro de obsidiana azul, e seu reflexo estava distorcido, uma figura retorcida que parecia presa no interior do brilho impreciso do cristal vulcânico.

— Esqueça do seu irmão e do seu pai, até mesmo de você. Têm um filho do duque Leto Atreides. Seu irmão e Tessia não têm filhos, de maneira que Victor é o verdadeiro herdeiro da Casa Vernius, e em potencial, da Casa Atreides também. Se algo acontecesse ao duque antes que pudesse contrair matrimônio e gerar outro filho, Victor se transformaria na Casa Atreides. E como o menino só tem seis anos, você seria regente durante muitos anos, minha senhora. Tudo se encaixa.

— O que quer dizer com “se algo acontecesse ao Leto”? — Seu coração deu um salto. Sabia muito bem o que a anciã estava sugerindo.

Chiara terminou seu café, e se serviu de uma segunda taça sem pedir permissão.

— O duque Paulus morreu por causa de um acidente durante uma tourada. Vocês estavam presentes, não é?

Kailea recordou da aterradora imagem do velho duque lutando com um touro salusano na arena. O trágico acontecimento tinha feito que Leto ocupasse o trono ducal antes do tempo. Ela era uma adolescente naquele tempo.

Chiara estava insinuando que não fora um acidente? Kailea tinha escutado rumores, mas os tinha considerado simples produtos de ciúmes. A anciã não insistiu no tema.

— Sei que não deve levar a ideia a sério, querida. Falei por falar.

Entretanto, Kailea era incapaz de expulsar aqueles pensamentos insidiosos de sua cabeça. Não lhe ocorria outra maneira de seu filho se tornar o líder de uma Grande Casa do *Landsraad*. Do contrário, a Casa Vernius se extinguiria. Fechou os olhos com força.

— Se Leto concordar em casar-se com Ilesa Ecaz, ficarão sem nada. — Chiara pegou a bandeja pronta para partir. Tinha plantado as sementes e completado sua missão —. Seu duque já passa a maior parte do seu tempo com a puta Bene Gesserit. Vocês não significam nada para ele. Duvido que se lembre das promessas que fez em momentos de paixão.

Kailea piscou, surpresa, e se perguntou como Chiara podia saber dos segredos de quarto que lhe tinha sussurrado ao ouvido. Mas a idéia do duque Atreides acariciando a jovem e ruiva Jessica, com sua boca viciosa e cara ovalada, transformou sua irritação pela rabugice da Chiara em ódio para com Leto.

— Devem se fazer uma pergunta difícil, minha senhora. A quem deve lealdade? Ao duque Leto ou a sua família? Como ele não lhe deu seu sobrenome, sempre será uma Vernius.

A anciã levantou a bandeja e partiu sem se despedir, sem perguntar a sua senhora se necessitava de algo mais.

Kailea contemplou as bagatelas que restavam das terríveis perdas que tinha padecido: sua nobre Casa, a elegância do Grande Palácio, as possibilidades de integrar-se na corte imperial. Com uma pontada no coração, viu um dos desenhos que tinha feito de seu pai, o que lhe recordou a risada de Dominic, as lições que lhe tinha dado sobre a arte dos negócios. Depois, com igual desgosto, pensou em seu filho Victor e em tudo o que jamais possuiria.

Para Kailea, o mais duro era tomar a horrível decisão. Depois, tudo seria questão de detalhes.

*O indivíduo é a chave, a efetiva unidade definitiva de todo processo biológico.*

*PARDOT KYNES*

Durante anos, Liet-Kynes tinha desejado a bela Faroula com todo seu coração. Mas quando por fim confrontou a perspectiva de casar-se com ela, só sentiu um grande vazio e o peso da obrigação. Para guardar as formas, esperou que transcorressem três meses da morte de Warrick, embora Faroula e ele soubessem que sua união estava selada.

Fizera um juramento de morte a seu amigo.

Segundo o costume fremen, os homens tomavam as esposas e filhos daqueles a quem venciam em duelos de facas ou em combate singular. Entretanto, Faroula não era um *ghanima*, um troféu de guerra. Liet tinha falado com o *naib* Heinar, tinha declarado seu amor e dedicação, chamado as solenes promessas que tinha feito a Warrick, no sentido de que cuidaria de sua esposa como a mais apreciada das mulheres, e aceito a responsabilidade de adotar seu filho pequeno.

O ancião Heinar o examinara com seu único olho. O *naib* sabia o que tinha acontecido, conhecia o sacrifício que Warrick fizera durante a tormenta Coriolis. Para os anciões do *sietch* da Muralha Vermelha, Warrick tinha perecido no deserto. As visões que, segundo ele, tinha recebido de Deus, demonstraram-se falsas, porque não tinha superado a prova. Heinar deu sua permissão e Liet-Kynes se preparou para contrair matrimônio com a filha do *naib*.

Sentado em sua habitação, atrás das cortinas de fibra de especiaria tingida, Liet meditava sobre seu matrimônio iminente. A superstição fremen não permitia que visse Faroula durante dois dias antes da cerimônia oficial. O homem e a mulher deviam submeter-se a rituais de purificação *mendi*. Esse tempo era dedicado ao embelezamento e a escrever declarações de devoção, promessas e poemas de amor que mais tarde compartilhariam.

Agora, não obstante, Liet estava imerso em seus pensamentos, perguntava-se se era o causador da tragédia. Foi por culpa do fervente desejo que havia verbalizado ao ver o Biyan branco? Tanto Warrick como ele tinham desejado casar-se com a jovem. Liet tinha tentado aceitar seu fracasso com elegância na Cova das Aves, reprimido a voz interior egoísta que nunca lhe permitia esquecer quanto a tinha desejado.

Meus desejos secretos causaram essa tragédia?

Agora, Faroula seria sua esposa... mas era uma união nascida da tristeza.

— Perdoe-me, Warrick, meu amigo.

Continuou sentado em silêncio, deixando transcorrer o tempo, até que chegasse a hora da cerimônia. Dadas as circunstâncias, não a esperava ansiosamente.

As cortinas se afastaram e a mãe de Liet entrou. Frieth sorriu com compaixão e compreensão. Levava um frasco fechado muito adornado, feito de peles e selado com resina de especiaria impermeável. Segurava-o como se fosse um tesouro, um presente de valor incalculável.

— Trouxe-lhe algo, querido, em preparação para o casamento.

Liet afastou seus pensamentos perturbados.

— Nunca tinha visto isso.

— Diz-se que quando uma mulher acredita que um destino especial aguarda seu filho, quando pressente que ele fará grandes coisas, ordena às parteiras que destilem e conservem o líquido amniótico do parto. Uma mãe tem que entregá-lo a seu filho no dia

de suas bodas. — Estendeu-lhe o frasco —. Guarde-o bem, Liet. É a mistura definitiva de sua essência e da minha, do tempo em que compartilhamos um corpo. Agora, misturará sua vida com outra. Dois corações, quando se unem, podem produzir a força de mais de dois.

Liet, tremulo de emoção, aceitou o frasco.

— É o maior presente que posso te fazer — disse Frieth —, neste dia importante mas tão difícil.

Liet olhou-a nos olhos. Os sentimentos que a mãe captou em seu olhar a sobressaltaram.

— Não, mãe. Você me deu a vida, e essa é a maior bênção.

Quando o casal se deteve em frente aos membros do *sietch*, a mãe de Liet e as mulheres mais jovens esperaram nos lugares designados enquanto os anciões se adiantavam para falar em nome do jovem. Liet-chih, o filho de Warrick, esperava em silêncio ao lado da sua mãe.

Pardot Kynes, que tinha suspenso nesse dia o trabalho de terraformação, sorria como nunca. Surpreendia-se com o orgulho que sentia de que seu filho se casasse.

Kynes recordava seu próprio casamento, celebrado nas dunas à noite. Isto ocorrera muito tempo antes, pouco depois de sua chegada a Arrakis, e tinha passado a maior parte do tempo distraído. As garotas fremen solteiras tinham dançado como *dervixes* e cantado sobre a areia. A *Sayyadina* tinha pronunciado as palavras da cerimônia.

Seu matrimônio com Frieth tinha ido muito bem. Tinha um filho estupendo, ao qual educara para que um dia continuasse seu trabalho. Kynes sorriu para Liet, cujo nome procedia, recordou de repente, do assassino Uliet, a quem Heinar e os anciões tinham enviado a para matá-lo, quando os fremen o consideravam um forasteiro, um estranho de costumes e sonhos aterradores.

Mas aquele assassino compreendera a grandeza da visão do planetólogo e se jogado sobre sua própria faca. Os fremen viam presságios em tudo, e após esse fato dispensaram a Pardot Kynes os recursos de dez milhões de fremen. A transformação de Duna (as plantações e a conquista do deserto) tinha acontecido em um ritmo notável.

Ao ver que Liet olhava com olhos afogueados para sua futura esposa, Pardot se sentiu perturbado pela exibição de seu coração ferido. Amava seu filho de uma maneira diferente, como uma extensão de si mesmo. Pardot Kynes queria que Liet assumisse a tarefa de planetólogo quando chegasse o momento.

Ao contrário de seu pai, Liet parecia muito vulnerável aos sentimentos. Pardot amava sua esposa, pois cumpria seu papel tradicional de companheira fremen, mas seu trabalho era mais importante que a relação matrimonial. Sonhos e idéias lhe tinham cativado. Sentia paixão pela transformação do planeta em um éden exuberante. Mas nunca havia se sentido absorvido por uma pessoa.

O próprio *naib* Heinar oficiou a cerimônia, pois a velha *Sayyadina* não pudera realizar a viagem. Enquanto Kynes escutava o casal pronunciar seus votos, experimentou uma estranha sensação, uma grande preocupação pelo estado mental de seu filho.

— Satisfaça-me como seus olhos, e eu te satisfarei como seu coração — disse Liet.

— Satisfaça como seus pés, e eu te satisfarei como suas mãos — respondeu Faroula.

— Satisfaça-me como seu sonho, e eu te satisfarei como sua vigília.

— Satisfaça-me como seu desejo, e eu te satisfarei como sua necessidade.

Heinar segurou as mãos dos noivos, juntou-as e levantou-as, para que todo o *sietch* o visse.

— Agora estão unidos na Água.

Iniciou-se um coro de vivas, que aumentou de intensidade até ressoar nas paredes. Liet e Faroula pareciam aliviados.

Mais tarde, depois da celebração, Pardot se encontrou com seu filho em um corredor. Segurou os ombros de Liet desajeitadamente, numa paródia de abraço.

— Estou muito feliz por você , filho. — Procurou as palavras adequadas —. Deve estar muito feliz. Há muito tempo que desejava essa garota, não é?

Sorriu, mas um brilho de ira cruzou os olhos de Liet, como se seu pai tivesse lhe dado uma bofetada injusta.

— Por que me atormenta, pai? É que ainda não fez o suficiente?

Pardot, estupefato, retrocedeu e soltou seu filho.

— O que quer dizer? Estou felicitando-o por seu casamento. Não é a mulher que sempre desejou? Pensei...

— Assim não! Como posso ser feliz com essa sombra que pende sobre nós? Possivelmente desaparecerá dentro de alguns anos, mas agora sinto muita dor.

— Liet, meu filho...

A expressão de Pardot revelou a Liet tudo que precisava saber.

— Não entende nada, não é, pai? O grande *Umma* Kynes. — Soltou uma amarga gargalhada —. Com suas plantações, dunas, suas estações meteorológicas, e seus mapas climáticos. Está tão cego... Sinto pena de você.

O planetólogo se esforçou em encontrar algum significado nessas palavras enfurecidas, como as peças de um quebra-cabeças.

— Warrick... seu amigo. — Fez uma pausa —. Morreu em um acidente, não é? Durante a tormenta...

— Pai, você não sabe de nada. — Liet abaixou a cabeça —. Tenho orgulho de seus sonhos para Duna, mas vê todo nosso

planeta como um experimento, um campo de provas onde brinca com teorias, onde coleciona dados. Não percebe que não são experimentos? Que não são peças de provas, mas pessoas? São fremen. Aceitaram-no, deram-lhe uma vida, deram-lhe um filho. Eu sou fremen.

— Bem, e eu também — disse Pardot em tom indignado.

— Só os está utilizando! — replicou Liet com voz oca.

Pardot, surpreso, não respondeu.

A voz de Liet aumentou de volume. Sabia que os fremen ouviriam fragmentos da discussão, e a fricção entre o profeta e seu herdeiro os inquietaria.

— Falou-me durante toda a vida, pai. Não obstante, quando recordo de nossas conversas, só o vejo recitando relatórios sobre estações botânicas e discutindo novas fases da vida vegetal adaptada. Você disse alguma vez algo sobre minha mãe? Falou-me alguma vez como pai, em vez de como a um... colega?

Liet deu um golpe no peito.

— Compartilho seu sonho. Vejo os prodígios que alcançou nos cantos ocultos do deserto. Compreendo o potencial que aguarda sob as areias de Duna. Mas mesmo que consiga tudo o que deseja, perceberá? Tenta pôr um rosto humano em seus planos e olhe quem receberá os benefícios de seus esforços. Olhe para o rosto de um menino. Olhe para os olhos de uma anciã. Viva a vida, pai!

Pardot, impotente, deixou-se cair sobre um banco apoiado contra a parede.

— Eu... Minhas intenções eram boas — disse com voz estrangulada. Seus olhos brilhavam com lágrimas de vergonha e confusão —. Você é na verdade meu sucessor. Em alguns momentos me perguntei se chegaria a aprender suficiente sobre planetologia... mas agora vejo que estava errado. Compreende mais coisas das que eu jamais saberei.

Liet se sentou ao lado do seu pai. O planetólogo, vacilante, apoiou uma mão sobre o ombro de seu filho, desta vez com mais

sentimento. Liet lhe tocou a mão e contemplou com assombro fremen as lágrimas que escorriam pelas bochechas de seu pai.

— Você é na verdade meu sucessor como planetólogo imperial — disse Pardot —. Você compreende meu sonho, mas contigo ele será ainda maior, porque tem coração além de visão.

## 89

*A boa liderança é quase invisível. Quando tudo funciona corretamente, ninguém percebe o trabalho de um duque. Por isso tem que dar ao povo algo que o regozije, algo do que falar, algo que recordar.*

*Duque PAULUS ATREIDES*

Kailea viu sua oportunidade durante um interminável jantar familiar celebrado na sala de banquetes do castelo de Caladan. Leto estava sentado no trono ducal com aspecto feliz, na cabeceira da longa mesa onde os criados depositavam sopeiras cheias de guisado de pescado especiado, o mais apreciado pelas classes inferiores de pescadores e aldeãos.

Leto comia com apetite. Talvez lhe recordasse sua infância, quando andava solto pelos moles, subia a bordo dos navios de pesca e saltava seus estudos sobre a liderança de uma Grande Casa. Na opinião de Kailea, o velho duque Paulus tinha permitido a seu único herdeiro passar muito tempo com plebeus, sem lhe inculcar a sabedoria dos matizes políticos. Para ela, estava muito claro que o duque Leto nunca tinha aprendido a governar sua casa e a lutar com forças tão díspares como a Corporação, a CHOAM, o imperador e o *Landsraad*.

Victor estava sentado ao lado de seu pai, em uma cadeira acolchoada um pouco elevada para que pudessem comer à mesma altura. O menino sorvia sua sopa, imitando seu pai, no entanto Leto se esforçava em fazer ainda mais ruído. Naquele ambiente elegante, incomodava em especial a Kailea que seu filho tentasse imitar as maneiras grosseiras do pai. Algum dia, quando o menino se transformasse no verdadeiro herdeiro Atreides e Kailea fora

regente, educaria-o para que soubesse apreciar as obrigações de seu cargo. Victor herdaria o melhor da Casa Atreides e da Casa Vernius.

Outros comensais partiam pedaços de pão e bebiam cerveja amarga do Caladan, embora Kailea soubesse que havia excelentes vinhos na adega. Não participava das conversas, mas comia com lentidão. A vários assentos de distância, Gurney Halleck havia trazido seu novo *baliset* e os entreteria durante a sobremesa. Como este homem tinha sido íntimo de seu pai, sentia-se satisfeita com sua companhia, embora Gurney não se mostrasse muito amistoso com ela.

Sentado em frente a ela, Rhombur parecia muito feliz com sua concubina Tessia e tratava de comer ainda mais que Leto. Em sua cadeira, Thufir Hawat estava mergulhado em seus pensamentos, estudava os comensais e esquecia sua comida. O olhar do *Mentat* deslizava de rosto em rosto, e Kailea tentou evitar o contato visual.

No meio da mesa se sentava Jessica, para demonstrar que eram iguais. Que cara mais dura! Kailea tinha vontade de estrangulá-la. A bela Bene Gesserit comia com movimentos comedidos, tão segura em sua posição que não exibia o menor acanhamento. Viu que Jessica estudava o rosto de Leto, como se fosse capaz de ler todos os matizes de sua expressão com a mesma facilidade que as palavras impressas em um carretel de linho *shiga*.

Naquela noite, Leto os convocara para jantar juntos, embora Kailea não lembrasse de nenhuma ocasião especial, aniversário ou festividade queria celebrar. Suspeitava que o duque tinha tramado algum plano impossível, que insistiria em levar a cabo por mais conselhos que ela ou quem quer que fosse lhe desse.

Globos luminosos flutuavam sobre a mesa como elementos decorativos, e rodeavam os braços invertebrados do detector de venenos que pendia sobre a comida, como um inseto. O detector era um artefato necessário, tendo em conta a retorcida política do *Landsraad*.

Leto terminou sua terrina e secou a boca com um guardanapo de linho bordado. Reclinou-se em sua cadeira com um suspiro de satisfação. Victor o imitou, embora ainda restassem dois terços de guisado em sua pequena terrina. Depois de ter decidido que canção tocaria depois de jantar, Gurney Halleck olhou para seu baliset de nove cordas apoiado contra a parede.

Kailea observou os olhos cinzas de Leto, viu que se desviavam de um extremo do salão a outro, do retrato de Paulus Atreides até a cabeça de touro dissecada, com os chifres ainda manchados de sangue. Ignorava o que o duque estava pensando, mas quando olhou para o outro lado da mesa, os olhos verdes de Jessica se encontraram com os seus, como se soubesse o que Leto estava a ponto de fazer. Kailea desviou a vista e franziu o sobrecenho.

Quando Leto se levantou, Kailea soltou um suspiro. Estava a ponto de iniciar algum de seus intermináveis discursos ducais, tentando inspirá-los sobre as boas coisas da vida. Mas se a vida era tão boa, Por que seus dois pais tinham sido assassinados? Por que seu irmão e ela, herdeiros de uma Grande Casa, continuavam no exílio, em vez de desfrutar do que deveria ser dele?

Dois criados correram para retirar os pratos e o pão restante, mas Leto os despediu com um gesto, para poder falar sem que o interrompessem.

— A semana que vem é o vigésimo aniversário da tourada em que meu pai morreu. — Olhou para o retrato de matador —. Em conseqüência, estive pensando nos grandes espetáculos que o duque Paulus oferecia aos seus súditos. Amavam meu pai por isso, e acredito que já é hora de que eu também ofereça um esplêndido espetáculo, como seria de esperar de um duque de Caladan.

Imediatamente, Hawat ficou em guarda.

— Qual é sua intenção, meu duque?

— Nada tão perigoso como uma tourada, Thufir. — Leto sorriu para Victor, e Rhombur —. Mas quero fazer algo do que a gente fale durante muito tempo. Parto logo para o Conselho do *Landsraad*, em

Kaitain, para iniciar uma nova missão diplomática no conflito entre os moritani e os ecazi, sobretudo agora que talvez formemos uma aliança mais forte com Ecaz.

Calou-se por um momento, parecia envergonhado.

— Como despedida, nosso maior dirigível realizará um magnífico desfile sobre os campos. Meu povo verá as bandeiras e a nave, e desejará boa sorte a seu duque na missão. Passaremos sobre as frotas de pesca e depois voaremos terra adentro, sobre as colheitas de arroz pundi.

Victor aplaudiu, enquanto Gurney assentia em sinal de aprovação.

— Será um espetáculo maravilhoso!

Rhombur apoiou os cotovelos na mesa e descansou sua mandíbula quadrada nas mãos.

— *Er*, Leto, Duncan Idaho não volta logo de Ginaz? Estará fora quando chegar, ou poderemos combinar sua volta com a mesma celebração?

Leto meneou a cabeça.

— Faz tempo que não sei de nada. Não o esperamos até dentro de um par de meses.

Gurney deu uma palmada sobre a mesa.

— Deuses do inferno! Se voltar como um mestre espadachim de Ginaz depois de oito anos de treinamento, esse homem merece uma recepção para ele sozinho, não acham?

Leto riu.

— É claro que sim, Gurney! Haverá tempo para isso quando eu voltar. Com você, Thufir e Duncan como protetores, jamais precisarei temer nem um arranhão de um inimigo.

— Um inimigo pode atacar de outras formas, meu senhor — disse Jessica em tom de advertência.

Kailea ficou rígida, mas Leto não percebeu. Em vez disso olhou para a bruxa.

— Sou muito consciente disso.

As engrenagens já giravam na mente de Kailea. Ao terminar o jantar, desculpou-se e foi ver Chiara para lhe contar o que o duque Leto pensava fazer.

Naquela noite, Leto dormiu em uma cama de armar do hangar do espaçoporto municipal de Caladan, enquanto os criados de sua casa faziam os preparativos do acontecimento, enviavam convites e reuniam provisões. Ao fim de poucos dias, o dirigível iniciaria seu majestoso e colorido desfile.

Só em seus aposentos, Kailea chamou Swain Goire e o seduziu, como tinha feito em numerosas ocasiões. Fez amor com ele com uma paixão feroz que surpreendeu e esgotou o capitão da guarda. Parecia-se muito com Leto, mas era um homem muito diferente. Depois, quando adormeceu a seu lado, roubou-lhe uma diminuta chave codificada de um bolso oculto em seu grosso cinturão de couro. Embora a utilizasse poucas vezes, passaria muito tempo antes que Goire se desse conta de seu desaparecimento.

Na manhã seguinte, apertou o pequeno objeto na palma da mão de Chiara e fechou os dedos da anciã sobre ele.

— Isto lhe dará acesso ao arsenal Atreides. Tome cuidado.

Os olhos negros de Chiara cintilaram, e guardou a chave em dobras secretas de suas roupas.

— Eu me encarregarei do resto, minha senhora.

## 90

*A guerra, como principal desastre ecológico de qualquer era, só reflete o estado em grande escala dos assuntos humanos, onde o organismo total chamado "humanidade" encontra sua existência.*

*PARDOT KYNES*

*Reflexões sobre o desastre de Salusa Secundus.*

Na ilha administrativa de Ginaz, os cinco mestres espadachins mais prestigiosos se encontravam e julgavam aos outros estudantes na fase do exame oral, fazendo-lhes perguntas de história, filosofia, táticas militares, *haiku*, música e mais, segundo os requisitos e tradições da escola.

Mas se estava vivendo uma ocasião trágica e sombria.

Todo o arquipélago vivia tomado pela agitação, indignada e dolorida pelos seis estudantes assassinados. Os grumman, para aumentar sua barbárie, tinham jogado quatro cadáveres na corrente, perto do centro de treinamento principal, os quais tinham sido arrastados até a praia. Aos outros dois, Duncan Idaho e Hih Resser, estavam desaparecidos no mar.

No último piso da torre central, os mestres estavam sentados, com suas espadas cerimoniais estendidas a frente deles sobre a superfície com a ponta para fora, como os raios de um sol. Cada estudante que parava em frente da mesa via as pontas ameaçadoras enquanto respondia a perguntas severas.

Todos tinham sido aprovados. Karsty Toper e a administração da escola dariam os passos necessários para que os estudantes aprovados retornassem a seus lares, onde poriam em prática o que tinham aprendido. Alguns já tinham partido para o espaçoporto.

E os mestres ficaram para analisar as conseqüências.

O gordo Riwy Dinari estava sentado no centro, com a espada do duque Paulus Atreides e uma faca moritani incrustada de jóias, encontradas entre as posses de Idaho e Resser. A seu lado, Mord Cour tinha inclinada sua cabeça grisalha.

— Muitas vezes enviamos os objetos pessoais dos estudantes caídos, mas nunca tinha acontecido algo assim.

O robusto professor Como Reed, embora endurecido pela vigilância de sua ilha-prisão durante anos, não podia deixar de chorar. Meneou a cabeça.

— Se os estudantes de Ginaz morrem, deveria acontecer durante o treinamento, nunca nas mãos de assassinos.

Ginaz tinha apresentado protestos oficiais, proferido insultos e censuras elegantes, mas nada disso tinha impressionado o visconde Hundro Moritani. Nunca tinha compensado de maneira satisfatória seus brutais ataques contra Ecaz. O *Landsraad* e o imperador estavam deliberando sobre a melhor forma de reagir, e os líderes de muitas Grandes Casa viajavam a Kaitain para falar com o Conselho. Mas nunca tinham ido além de censuras, multas e reprimendas, mesmo com um “cão louco” como o visconde.

Os grumman acreditavam que sempre podiam sair-se bem com seus atos.

— Sinto-me... violado — disse Jeh-Wu, com os cachos pendendo desordenadamente —. Ninguém jamais ousou fazer algo semelhante a um mestre espadachim.

O afetado Whitmore Bludd se sentou muito rígido e brincou com os botões de sua camisa.

— Proponho darmos o nome dos estudantes assassinados a seis de nossas ilhas. A história recordará o crime covarde, e honraremos os seis.

— Honra? — Riwy Dinari deu uma palmada na mesa e as espadas tilintaram —. Como pode utilizar essa palavra neste contexto? Ontem à noite estive três horas junto à câmara funerária

de Jool-Noret, rezando e perguntando o que ele faria em uma situação parecida.

— E ele respondeu? — Jeh-Wu se levantou com o sobrecenho franzido e foi olhar pela janela, para o espaçoporto e os recifes espumantes —. Jool-Noret nunca deu lições a ninguém, nem sequer em vida. afogou-se em uma marejada e seus discípulos tentaram imitá-lo. Se Noret não ajudou seus seguidores mais próximos, menos nos ajudará.

Bludd soprou, ofendido.

— O grande homem ensinava mediante o exemplo. Uma técnica muito válida para os que são capazes de aprender.

— E tinha honra, como os antigos samurais — disse Dinari —. Depois de dezenas de milhares de anos, tornamo-nos menos civilizados. Esquecemos.

Mord Cour olhou para o professor obeso.

— Está esquecendo a história, Dinari. Pode ser que os samurais tivessem honra, mas assim que os britânicos chegaram ao Japão com canhões, os samurais se extinguiram ao cabo de uma geração.

Como Reed elevou a vista, com o rosto enxuto desolado sob a capa nevada de cabelo emaranhado.

— Por favor, não adianta discutirmos entre nós, ou os grumman terão nos vencido.

Jeh-Wu bufou.

— Já nos venceram...

Um alvoroço na porta os interrompeu. Voltou-se, e os outros quatro professores ficaram em pé, surpresos.

Duncan Idaho e Hih Resser, sujos e desalinados, empurraram três empregados uniformizados que tentavam impedir sua passagem e irromperam na sala, espancados e mancando, mas ainda com fogo nos olhos.

— Chegamos tarde? — perguntou Resser com um sorriso torcido.

Como Reed correu para abraçar Duncan, e depois a Resser.

— Estão vivos, meus filhos!

Até Jeh-Wu esboçou um sorriso de assombro e alívio em sua cara de lagarto.

— Um mestre espadachim não faz gracinhas — comentou, mas Como Reed o ignorou.

O olhar de Duncan se iluminou quando viu a espada do velho duque sobre a mesa semicircular. Avançou um passo e olhou para o sangue que saía de um corte na tíbia esquerda e ensopava a perna da sua calça.

— Resser e eu não estudamos muito durante os últimos dias, mas pusemos em prática os conhecimentos adquiridos.

Resser mal podia se manter em pé, mas Duncan o segurou. Depois de beber copos de água que Mord Cour lhes deu, explicaram que tinham saltado pela amurada em alto mar, que nadaram e se ajudaram mutuamente para se afastar do grande navio escuro. Tinham permanecido flutuando durante horas, graças a todo o aprendizado durante oito anos de rigoroso treinamento. Procuraram guiar-se pelas estrelas, até que por fim as ondas e as correntes os transportaram até uma das numerosas ilhas, civilizada, por sorte. Ali tinham obtido auxílio e roupa seca, assim como transporte.

Embora a odisséia tivesse afetado em parte seu bom humor, Resser ainda conseguiu levantar o queixo.

— Queremos solicitar oficialmente um adiamento de nossos exames finais, senhores...

— Um adiamento? — Perguntou Como Reed, outra vez com lágrimas nos olhos —. Sugiro uma dispensa. Não há dúvida de que este par demonstrou sua coragem e valor para nossa inteira satisfação.

Whitmore Bludd, indignado, puxou sua barba.

— Temos que seguir as normas.

O velho Mord Cour olhou-o incrédulo.

— Por acaso os grumman não nos ensinaram a estupidez de obedecer as normas cegamente?

Os outros quatro professores se voltaram para Riwy Dinari para ouvir sua opinião.

Por fim, o professor corpulento ficou em pé e olhou para os estudantes desalinhados. Apontou a espada do velho duque e a faca cerimoniosa moritani.

— Idaho, Resser, empunhem suas armas.

Os mestres pegaram suas armas. Duncan levantou a espada do velho duque, e Resser a faca. Os cinco professores formaram um círculo, incluindo os dois estudantes, e estenderam suas folhas para o centro, uma sobre outra.

— Apóiem as pontas sobre as outras — disse Mord Cour.

— Vocês agora são mestres espadachins — anunciou Dinari com sua paradoxal voz fina. O homenzarrão embainhou a espada, tirou o lenço vermelho e o amarrou à cabeça de Duncan. Como Reed rodeou o seu no cabelo vermelho de Resser.

Depois de oito anos, a onda de triunfo e alívio esteve a ponto de custar a Duncan um desmaio, mas imobilizou suas pernas com esforço e continuou de pé. Resser e ele se deram as mãos para celebrar seu triunfo, tingido de tragédia. Duncan desejava retornar a Caladan.

Eu não falhei, duque Leto.

Então ouviram um som como o de ar ao rasgar-se, uma sucessão de estalos sônicos de uma nave que penetrava na atmosfera. Inesperadas sirenes se dispararam dos recifes que rodeavam a ilha central. Muito perto uma explosão ressoou nas paredes dos edifícios da administração.

Os professores correram para o balcão que dominava o complexo. Nuvens de fumaça se erguiam de duas ilhas próximas, do outro lado do canal.

— Naves couraçadas! — disse Como Reed. Duncan viu formas negras predadoras que desciam para lançar sua carga de explosivos, e depois se afastavam.

Jeh-Wu falou, enquanto coçava o cabelo.

— Quem ousaria nos atacar?

Para Duncan, a resposta era evidente.

— A Casa Moritani não terminou ainda conosco.

— Eles se opõe a toda guerra civilizada — disse Riwy Dinari —. Não a declararam, não seguiram as formas prescritas.

— Depois do que fizeram a Ecaz, e a nós, já sabemos que o visconde Moritani não se importa com as normas — disse Resser, enojado —. Não entendem como funciona sua mente.

Mais bombas explodiram.

— Onde está nossa defesa anti-aérea? — Whitmore Bludd parecia mais irritado que indignado —. Onde estão nossos tópteros?

— Nunca ninguém atacou a Escola de Ginaz — disse Como Reed —. Somos neutros em política. Nossa escola serve a todas as Casas.

Duncan compreendeu que suas normas, regras e estruturas tinham cegado os professores. Arrogância! Nunca tinham pensado em seus pontos vulneráveis, face ao que ensinavam a seus estudantes.

Dinari apoiou um binóculo contra as dobras de gordura em seu rosto. Ajustou as lentes e, ignorando a nave couraçada que voltava, examinou a praia da ilha administrativa.

— Comandos inimigos invadiram a praia, estão aterrissando em frente ao espaçoporto. Aproximam-se com artilharia portátil.

— Devem ter chegado em um submarino — disse Jeh-Wu —. Não se trata de um ataque improvisado. Investiram muito tempo preparando-o.

— Esperavam uma desculpa — acrescentou Reed, com o cenho carregado.

As naves atacantes se aproximaram mais, finos discos negros cujos escudos defensivos brilhavam.

Para Duncan, os mestres pareciam indefesos, quase patéticos, ante esta situação inesperada. Seus exercícios hipotéticos eram muito diferentes da realidade. Pegou a espada do velho duque.

— Essas naves não tem tripulação, são fabricadas para lançar bombas e artefatos incendiários — disse Duncan com frieza, enquanto uma chuva de bombas caía dos discos. Os edifícios situados ao longo da praia se incendiaram.

Os professores orgulhosos gritaram e saíram correndo do balcão, com Duncan e Resser entre eles.

— Temos que chegar a nossos postos de guarda, organizar a defesa! — gritou Dinari.

— O resto dos novos licenciados está no espaçoporto — recordou Resser —. Poderão nos ajudar.

Como Reed, Mord Cour e Jeh-Wu, desorientados mas tentando recuperar-se, sobretudo diante dos espavoridos funcionários e administradores, correram pelo corredor principal, enquanto Riwy Dinari demonstrava a velocidade com que podia mover seu corpo volumoso. Desceu rapidamente por uma escada e saltou de patamar em patamar. Whitmore Bludd o seguia.

Depois de trocar um olhar rápido, Duncan e Resser seguiram os dois professores que tinham utilizado a escada. Uma explosão próxima sacudiu o edifício administrativo, e os dois jovens cambalearam, mas seguiram adiante. O ataque continuava no exterior.

Os novos mestres atravessaram uma porta e entraram no vestíbulo central, onde se reuniram com Dinari e Bludd. Duncan viu através das janelas de plaz os edifícios que ardiam lá fora.

— Temos que chegar a seu centro de comando — disse a seus mestres —. Necessitamos de armas para lutar. Há tópteros de

ataque no espaçoporto?

Resser empunhou sua faca cerimonial.

— Eu lutarei aqui mesmo, se se atreverem a enviar alguém contra nós.

Bludd parecia nervoso. Tinha deixado cair sua capa na escada.

— Não se conformarão com isso. Qual é seu objetivo? A câmara, é obvio! — Apontou para um ataúde negro situado sobre uma plataforma que dominava o vestíbulo —. Os restos de Jool-Noret, o objeto mais sagrado de todo Ginaz. Não há pior insulto para nós. — Voltou-se para seu enorme companheiro com a cara congestionada —. Seria como se os grumman nos tivessem atingido no coração.

Duncan e Resser se olharam, perplexos. Conheciam as histórias sobre o lendário guerreiro, mas enfrentando este ataque sanguinário, as bombas que explodiam, os gritos dos civis que corriam em busca de refúgio nas ruas da ilha, a nenhum dos dois se importava muito com a antiga relíquia.

Dinari cruzou o vestíbulo como uma nave de batalha, a toda velocidade.

— À câmara! — gritou. Bludd e os outros tentaram alcançá-lo.

A famosa câmara mortuária estava rodeada de plaz blindado transparente e um campo Holtzman. Os dois professores, esquecendo toda presunção de arrogância, subiram a escada correndo e apoiaram a palma contra um painel de segurança. O escudo desapareceu e as barreiras de plaz blindado se ergueram.

— Carregaremos o sarcófago — gritou Bludd para Duncan e Resser —. Temos que conservá-lo a salvo. É a alma da Escola de Ginaz.

Sem deixar de olhar ao redor, para o caso de aparecerem atacantes, Duncan balançou a espada do velho duque.

— Peguem a múmia se quiserem, mas se apressem.

Resser se plantou a seu lado.

— Temos que sair daqui e encontrar naves para contra-atacar.

Duncan confiava que outros defensores de Ginaz já teriam reagido contra os atacantes.

Enquanto os professores de maior idade, ambos homens robustos, levantavam o ataúde adornado e o transportavam para a duvidosa segurança do exterior, Duncan e Resser lhes deram passagem. Lá fora, os discos negros continuavam lançando sua chuva indiscriminada de bombas.

Um tóptero com o distintivo da escola aterrissou na praça, diante do edifício administrativo. Fechou as asas até antes que os motores deixassem de zumbir. Meia dúzia de professores saltaram do aparelho, vestidos com uniformes e lenços vermelhos, com rifles laser pendurados do ombro.

— Temos o corpo de Noret! — Bludd gritou com orgulho e pediu ajuda aos gestos —. Venham em seguida.

Soldados com o uniforme amarelo de Moritani atravessaram a praça correndo. Duncan gritou uma advertência, e os professores dispararam contra os atacantes. Os soldados responderam com suas armas. Dois professores foram acertados, incluído Como Reed. Quando uma bomba lançada do ar explodiu, Mord Cour caiu ao chão, ferido nos braços e no torso por fragmentos de pedra que tinham saído disparados. Duncan ajudou o instrutor a ficar em pé e o meteu no tóptero.

Quando Cour entrou, um atacante golpeou Duncan nas pernas. O jovem mestre caiu ao chão, rolou e ficou em pé de um salto. Antes que pudesse sacar sua espada, uma mulher grumman com um gi amarelo de artes marciais mergulhou sob sua guarda e o cortou com facas parecidas com garras fixas em seus dedos. Como não podia utilizar a espada a uma distância tão pequena, agarrou a atacante pelo cabelo e puxou-a para trás com violência, até que ouviu seu pescoço se partir. A assassina desabou inerte.

Mais grumman atacaram o tóptero.

— Vão! — Gritou Resser —. Leve o maldito ataúde!

Duncan e ele enfrentaram o outro inimigo.

Um homem barbudo atacou com uma lança elétrica, mas Duncan esquivou o golpe e saltou para um lado. Sua mente acelerou quando seus oito anos de treinamento lhe proporcionaram a resposta correta. A raiva ameaçou dominá-lo ao recordar os estudantes assassinados a bordo do navio escuro. Suas retinas ardiavam com as imagens vividas das bombas, do fogo e dos inocentes assassinados.

Mas recordou a advertência de Dinari: com a ira chega o erro. Em um instante uma reação fria, quase instintiva o inundou. Com a força de sua vontade, Duncan Idaho golpeou com dedos de aço o peito do homem e lhe destruiu o coração.

Então, um jovem cauteloso se afastou da luta, magro e musculoso, com sua mão direita engessada. Trin Kronos. O grumman segurava uma *katana* na mão sã.

— Pensei que os dois estariam alimentando os peixes, como os outros quatro exemplos que demos.

Olhou para os bombardeiros. Outra enorme explosão destruiu um edifício baixo.

— Enfrente a mim, Kronos — disse Resser, ao mesmo tempo que desembainhava sua faca cerimonial —. Ou é muito covarde sem seu pai e uma dúzia de guardas armados?

Trin Kronos brandiu sua *katana*, mas pensou melhor e a jogou para um lado.

— Uma arma muito boa para um traidor. Teria que me livrar dela depois de sujá-la com seu sangue. — Tirou uma faca —. Uma adaga é mais fácil de substituir.

As bochechas de Resser avermelharam, e Duncan retrocedeu para observar o combate.

— Jamais teria renunciado à Casa Moritani se me tivessem dado algo em que acreditar — disse Resser.

— Acredite no aço frio de minha folha — replicou Kronos com um sorriso cruel —. Sentirá que é muito real quando atravessar seu coração.

Os dois descreveram círculos cautelosos, sem deixar de observar-se. Resser levantou sua arma com uma sólida postura defensiva, Kronos lançava navalhadas agressivas mas ineficazes.

Resser atacou, retrocedeu e deu um chute violento que teria derrubado seu inimigo, mas Kronos se esquivou como uma serpente. Resser virou-se e recuperou o equilíbrio, ao mesmo tempo que parava uma navalhada.

A zona que rodeava os dois combatentes estava limpa. Nas ruas próximas, outros atacantes grumman continuavam sua ofensiva, e disparavam projéteis das janelas elevadas. No tóptero, o mestre espadachim tentava subir o sarcófago ao aparelho enquanto repelia outros atacantes.

Kronos fez uma finta, atacou os olhos de Resser com a ponta de sua arma e depois procurou sua garganta. Resser se jogou para um lado, mas seu pé escorregou em uma parte de rocha solta e caiu ao chão.

Kronos se jogou sobre ele como um leão, mas Resser parou um golpe mortal com sua faca e desviou a adaga de seu atacante. A seguir cravou sua faca no bíceps de Kronos e lhe fez um corte do cotovelo até o antebraço.

Kronos retrocedeu com um grito e contemplou o rio escarlate que escorria para sua mão ilesa.

— Bastardo traidor!

Resser ficou em pé de um salto e recuperou o equilíbrio.

— Sou órfão, mas bastardo não. — Seus lábios se curvaram em um sorriso fugaz.

Kronos compreendeu que tinha perdido a luta de facas. Sua expressão se endureceu. Golpeou o gesso da sua mão com o pomo da faca. O gesso se partiu pela metade e uma pistola de dardos

saltou para sua mão. Kronos sorriu e apontou a arma preparada para disparar toda a carga de dardos no peito de Resser.

— Ainda insiste em seguir suas regras absurdas, não é?

— Eu não — disse Duncan Idaho de trás, enquanto dava um cutilada com a espada do velho duque, que se afundou entre as omoplatas de Trin Kronos e saiu por seu peito, atravessando seu coração. Kronos vomitou sangue e estremeceu, surpreso pelo objeto afiado que tinha brotado de seu esterno.

Quando Kronos desabou morto, Duncan arrancou a espada. Contemplou a sua vítima e a arma.

— Os grumman não são os únicos a quebrar as normas.

Resser tinha empalidecido depois de compreender a inevitabilidade de sua morte assim que viu a pistola escondida no gesso de Kronos.

— Duncan... você o matou pelas costas.

— Salvei a vida de um amigo — replicou Duncan —. Nas mesmas circunstâncias, faria o mesmo quantas vezes fossem necessárias.

Dinari e Bludd conseguiram subir por fim a sagrada relíquia a bordo do tóptero. Raios laser sulcavam o céu, enquanto os defensores de Ginaz disparavam com pontaria mortal. Os dois jovens estavam esgotados, mas os professores os subiram a bordo do tóptero.

O aparelho se ergueu no ar. As asas se desdobraram em toda sua envergadura e levaram os passageiros e o cadáver de Jool-Noret para longe dos edifícios principais. Enquanto Duncan se agachava sobre a plataforma metálica, Riwy Dinari lhe rodeou as costas com um braço.

— Demonstraram seu valor, rapazes.

— Qual é a causa do ataque? Orgulho ferido? — perguntou Duncan, tão encolerizado que sentia vontade de cuspir —. Um motivo absurdo para iniciar uma guerra.

— Há poucos motivos lógicos para iniciar uma guerra — disse Mord Cour.

Whitmore Bludd tamborilou sobre o plaz transparente.

— Olhem.

Um enxame de naves de Ginaz disparavam raios laser contra os aparelhos inimigos e as tropas terrestres.

— Nossos novos mestres espadachins retomaram o controle junto com seus companheiros do espaçoporto — disse Cour.

Depois de um disparo direto, uma das naves sem tripulação explodiu e caiu. Os professores levantaram os punhos dentro do tóptero.

O aparelho se transformou em uma bola de fogo ao tocar o chão, e uma segunda nave caiu no mar. Outras naves foram alcançadas por raios laser. O tóptero de Duncan se lançou contra um esquadrão de comandos grumman e os volatilizou. O piloto deu a volta para atacar de novo.

— Os grumman esperavam um trabalho fácil — comentou Whitmore Bludd.

— E o demos — grunhiu Jeh-Wu.

Duncan contemplou a carnificina e procurou não compará-la com toda a elegância aprendida durante seus oito anos na escola de Ginaz.

# 91

*Vigie as sementes que semeia e as colheitas que colhe. Não amaldiçoe a Deus pelo castigo que inflige a si mesmo.*

*Bíblia Católica Laranja*

Kailea, mediante o emprego de uma atitude indignada da qual até *lady* Helena teria se sentido orgulhosa, convenceu Leto a não incluir seu filho no grande desfile.

— Não quero que Victor se exponha a nenhum perigo. Esse dirigível não é seguro para um menino de seis anos.

Thufir Hawat se transformou em um aliado inesperado, e apoiou as preocupações de Kailea, até que Leto se rendeu. Tal como ela tinha esperado...

Depois da capitulação do duque, Kailea ajudou Rhombur a salvar a situação.

— Você o tio do Victor. Por que não partem em uma... expedição de pesca? Pegue um navio e navegue perto da costa, sempre acompanhado de um bom número de soldados. Estou segura de que o capitão Goire adoraria acompanhá-los.

Rhombur sorriu.

— Talvez vamos colher jóias coralinas outra vez.

— Com meu filho não — Kailea se apressou a retificar.

— *Er*, de acordo. Levarei-o às fazendas flutuantes de melões paradan, e talvez a algumas áreas onde possamos olhar os peixes.

Swain Goire se encontrou com Rhombur nos moles e ambos limpam a adega da pequena e bem preparada lancha a motor Dominic. Como iam passar vários dias fora, proveram-se de sacos

de dormir e comida. No espaçoporto, a tripulação do duque trabalhava para aprontar o enorme dirigível. Impaciente por partir, Leto estava absorto nos preparativos finais.

Enquanto o trabalho continuava no navio, o entusiasmo de Victor foi diminuindo. A princípio, Rhombur pensou que o menino ainda se recordava do encontro com o *elecrán*, mas depois percebeu que Victor olhava sem cessar para a plataforma onde seu pai estava a ponto de embarcar. Bandeiras Atreides ondeavam ao vento, gallardetes verdes e negros que refletiam o sol.

— Preferiria estar com meu papai — disse Victor —. Pescar é divertido, mas ir em um dirigível é melhor.

Rhombur se apoiou contra a amurada do navio.

— Concordo com você, Victor. Oxalá houvesse alguma forma de irmos com ele.

O duque Leto ia pilotar a nave, acompanhado por uma escolta de cinco soldados leais. Com o limite de peso permitido no aparelho, mais leveiro que o ar, precisava ser prudente.

Swain Goire deixou cair uma caixa de provisões sobre coberta, secou o suor da testa e sorriu para o menino. Rhombur sabia que o capitão era mais leal ao menino que a qualquer lei ou amo. A adoração pelo filho de Leto apareceu no belo rosto de Goire.

— *Er*, capitão, me permita pedir sua opinião. — Rhombur olhou para Victor e depois para Goire —. Foi responsabilizado pela segurança deste menino, e nenhuma só vez evitou seu dever nem dedicou menos que toda a atenção a sua missão.

Goire ruborizou, envergonhado. Rhombur continuou.

— Você apóia os temores de minha irmã, Victor correria perigo se acompanhasse Leto a bordo do dirigível?

Goire riu, ao mesmo tempo que desprezava a idéia com um gesto.

— Certamente que não, meu senhor príncipe. Se existisse algum perigo, Thufir Hawat não permitiria que o duque fosse, e eu

tampouco. Hawat me encarregou da supervisão da segurança do dirigível antes de sua partida, ao mesmo tempo que seus homens e ele checam a rota de vôo para descartar emboscadas. Apostaria minha vida nisso.

— Eu penso o mesmo. — Rhombur esfregou as mãos e sorriu —. Portanto, existe algum motivo concreto que explique a insistência de Kailea para irmos pescar, em vez de seguir com nossos planos?

Goire umedeceu os lábios e meditou na pergunta. Evitou os olhos de Rhombur.

— Às vezes *lady* Kailea se mostra... excessiva em sua preocupação pelo menino. Acredito que imagina ameaças onde não existem.

O pequeno Victor passeava seu olhar entre os dois homens, sem compreender os matizes da discussão.

— Se posso falar com total sinceridade, capitão, não entendo por que não o promoveram ainda. — Rhombur baixou a voz —. Por que não permitimos que Victor se reúna ao pai em segredo? Não deveria perder este magnífico desfile. Afinal, ele é o filho do duque. Tem que participar dos acontecimentos importantes.

— Estou de acordo... mas há o problema do peso. O dirigível tem uma capacidade limitada de passageiros.

— Bem, se não existir nenhum perigo, retiremos dois membros da guarda de honra, para que meu querido sobrinho — Rhombur apertou o ombro de Victor — e eu nos reunamos ao duque. Ainda ficam três guardas, e eu também sei lutar, caso necessário.

Goire, embora se sentisse inquieto, não encontrou motivos para desprezar a sugestão, sobretudo depois de ver a expressão satisfeita de Victor. Sua resistência desapareceu.

— O comandante Hawat não gostará da mudança de planos, e *lady* Kailea tampouco.

— É certo, mas você está encarregado da segurança da nave, não é? — Rhombur desprezou com um gesto a preocupação —.

Além disso, Victor não será um bom líder se o superproteger desta maneira. Tem que sair para o mundo e aprender da vida, diga minha irmã o que disser.

Goire se agachou em frente ao menino e o tratou como a um homenzinho.

— Victor, me diga a verdade, quer ir pescar, ou...

— Quero ir no dirigível. Quero estar com meu pai e ver o planeta. — lia-se uma firme determinação em seus olhos.

Goire se levantou. Por um momento sustentou o olhar de Victor. Desejava fazer tudo que estivesse ao seu alcance para que fosse feliz.

— Essa é a resposta que necessitava. Está decidido. — Olhou para o espaçoporto, onde o dirigível esperava —. Vou cuidar dos preparativos.

Temerosa de que sua conduta a delatasse, Kailea se fechou em uma das torres do castelo, com a desculpa de que estava doente. Despediu-se oficialmente de um preocupado Leto e partiu a rapidamente antes que pudesse olhá-la nos olhos... embora a verdade fosse que ele não lhe dava muita atenção.

Uma multidão festiva contemplava o desfile, que ao fim de pouco tempo se elevaria no céu do castelo de Caladan. O falcão Atreides estava pintado em um vermelho brilhante sobre o volumoso flanco do dirigível, ao qual seguiam diversas naves menores mas de desenho similar, todas muito adornadas. O dirigível desdobrou velas para captar o vento e se esticou contra seus cabos como uma gigantesca abelha. A brisa leve agitava as bandeiras Atreides.

O vulto da nave era espaço vazio, bolsas fechadas de gás, mas tinham enchido de provisões o diminuto compartimento de passageiros na barriga da nave. Velas guia ondeavam como asas de mariposa nos lados. Thufir Hawat tinha explorado em pessoa a rota

proposta, percorrido estradas e enviado guardas e inspetores para verificar se nenhum assassino se postara no caminho.

Kailea mordeu o lábio enquanto olhava pela janela. Embora mal ouvisse a fanfarra de despedida de Leto, viu figuras de pé em estrados, que saudavam antes de subir ao dirigível.

Sentiu um nó no estômago.

Repreendeu-se por não ter conseguido binóculos, mas isso teria levantado suspeitas. Uma preocupação absurda. Os criados da casa teriam suposto que queria ver seu "amado" duque partir. O povo de Caladan ignorava tudo sobre o lado escuro de sua relação. Em sua ingenuidade, só imaginava histórias românticas.

Kailea viu que a equipe de trabalhadores soltava os cabos. O dirigível, com a ajuda de bóias de suspensão, deixou-se levar pelas correntes de ar. A nave contava com sistemas de propulsão para serem utilizados em caso de emergência, mas Leto preferia que a gigantesca nave se movesse a favor dos ventos sempre que fosse possível.

Embora estivesse sozinha, Kailea tentou apagar toda expressão de seu rosto, toda emoção de sua mente, e tampouco quis recordar os bons momentos compartilhados com seu amante. Tinha esperado muito tempo, e sempre soubera que as coisas não sairiam como desejava.

Rhombur, apesar de seus contatos com alguns rebeldes, não tinha obtido nada em IX. E tampouco seu pai em todos seus anos de suposta luta clandestina contra a Casa Corrino. Dominic tinha morrido e Rhombur se conformava em ser o parceiro anônimo de Leto, enfeitado por sua mulher Bene Gesserit. Carecia de ambições.

Kailea não podia aceitar isso.

Agarrou o parapeito de pedra, enquanto o glorioso desfile de aeronaves sobrevoava Baía City em direção às terras baixas. Os aldeões estariam afundados até os joelhos em seus campos pantanosos, e levantariam a vista para ver seu duque passar. Os

lábios de Kailea formaram uma linha reta e apertada. Aqueles cultivadores de arroz pundi desfrutariam de um espetáculo que não esperavam...

Chiara lhe contara os detalhes do plano só depois de tê-lo posto em marcha. Como em outro tempo tinha sido a amante de um perito em munições, Chiara tinha disposto uma armadilha, com explosivos roubados do arsenal Atreides. Não haveria chances de sobrevivência nem esperança de resgate.

Kailea fechou os olhos, assustada. As engrenagens estavam em marcha e não podia fazer nada para impedir o desastre. Nada. Depois, seu filho seria o novo duque e ela a mãe regente. Ai, Victor, faço isto por você.

Ouviu passos, e se surpreendeu de ver Jessica aparecer na porta de sua habitação, recém retornada do lançamento da nave. Kailea olhou para sua rival com expressão impenetrável. Por que ela não tinha acompanhado Leto? Isso teria solucionado todos os seus problemas.

— O que quer? — perguntou Kailea.

Jessica era magra e delicada, mas Kailea sabia que nenhuma jovem treinada pela Bene Gesserit podia ser inofensiva. Não havia dúvidas de que era bruxa e poderia matar Kailea em um instante com suas artes. Prometeu a si mesma se livrar daquela sedutora assim que o peso e a responsabilidade da Casa Atreides recaíssem sobre seus ombros. Serei regente por meu filho.

— Agora que o duque se foi e nos deixou sozinhas, chegou o momento de conversarmos. — Jessica observou a reação de Kailea —. Já postergamos isso durante muito tempo.

Kailea teve a sensação de que estavam direcionando cada nervo do seu rosto e dos dedos, cada *tic* e cada gesto. Diziam que as Bene Gesserit podiam ler a mente, embora elas o negassem. Kailea estremeceu e Jessica avançou um passo.

— Vim aqui porque necessito privacidade — disse Kailea —. Meu duque partiu e quero estar a sós.

Jessica franziu o sobrecenho. Seus olhos verdes a olharam com intensidade, como se tivessem detectado algo. Kailea se voltou, porque se sentia nua. Como aquela jovem podia deixá-la em evidência com tanta facilidade?

— Pensei que seria melhor falar com toda franqueza — continuou Jessica —. É possível que Leto resolva casar-se logo. E não será com nenhuma de nós.

Mas Kailea não queria ouvir nada disso. Deseja fazer as pazes comigo? Pedir permissão para amar Leto? A idéia lhe provocou um fugaz sorriso.

Antes que Kailea pudesse responder, voltou a ouvir passos, desta vez de pés calçados com botas. Swain Goire entrou na habitação. Parecia preocupado, e estava com o uniforme desarrumado. Deteve-se por um momento quando viu Jessica na habitação, como se fosse a última pessoa que tivesse esperado encontrar com Kailea.

— Sim, capitão, o que houve? — disse Kailea com brutalidade.

O homem se esforçou por encontrar as palavras adequadas, tocou seu cinturão e moveu a mão para o diminuto bolso onde guardava sua chave codificada do arsenal.

— Temo que... perdi algo.

— Capitão Goire, por que não está com meu filho? — Kailea desviou sua ira para ele, com a esperança de distrair Jessica —. Você e o príncipe Rhombur deviam ter partido horas atrás na excursão de pesca.

O guarda evitou seu olhar, enquanto Jessica os observava e tomava nota de cada movimento. O coração de Kailea palpitou: Suspeita de algo? E nesse caso, o que fará?

— Acredito que... perdi uma peça importante de meu uniforme, minha senhora — balbuciou Goire, envergonhado —. Não pude encontrá-la e me sinto preocupado. Queria procurá-la em todos os lugares possíveis.

Kailea se aproximou dele com o rosto ruborizado.

— Não respondeu a minha pergunta, capitão. Os três deveriam ter ido pescar. Atrasaram a viagem de meu filho para que pudesse ver seu pai partir? — Levou um dedo aos lábios apertados —. Sim, entendo que Victor teria gostado de ver o desfile. Leve-o já. Eu não gostaria que perdesse a excursão de pesca com o tio. A perspectiva o tinha entusiasmou.

— Seu irmão solicitou uma ligeira mudança de planos, minha senhora — disse Goire, incomodado com a presença de Jessica e por ter sido pilhado em falta —. Programamos outra excursão de pesca para a semana que vem, mas Victor desejava muito acompanhar o duque Leto. Não há muitos desfiles como este. Não tive coragem de negar.

Kailea virou-se, horrorizada.

— O que quer dizer? Onde está Victor? Onde está Rhombur?

— A bordo do dirigível, minha senhora. Informarei Thufir Hawat...

Kailea se precipitou para a janela, mas a enorme nave e seus acompanhantes já se perdiam de vista. Golpeou repetidas vezes com o punho o plaz transparente e lançou um estremecedor uivo de desespero.

## 92

*Todos os homens sonham com o futuro, mas nem todos o veremos.*

*TIO HOLTZMAN,  
Especulações sobre o tempo e espaço*

A bordo do dirigível, Leto relaxou no assento de comando. A nave sobrevoava a cidade e se encaminhava para as zonas agrícolas circundantes. Reinava uma grande paz. Moveu os lemes, mas deixou que os ventos a empurrassem a seu capricho. Viu largos rios, espessos bosques e pântanos.

Victor olhava com atenção pelas janelas, apontava coisas e fazia centenas de perguntas. Rhombur respondia, mas deixava que Leto o fizesse quando um acidente geográfico ou uma aldeia ultrapassavam seus conhecimentos.

— Me alegro de que esteja aqui, Victor.

Leto remexeu o cabelo do menino.

Havia três guardas a bordo, um no camarote principal e outros nas saídas de proa e popa. Usavam uniformes negros, com os galões que ostentavam o falcão vermelho da guarda de honra Atreides. Como tinha substituído um dos membros, Rhombur vestia o mesmo uniforme. Até Victor, que também tinha substituído um guarda devido às limitações de peso, levava os mesmos galões em sua réplica da jaqueta negra do duque. Eram muito grandes para seu tamanho, mas tinha insistido em usá-las, a nave era fácil de manejar, pois fora desenhada para viagens de lazer. Leto se prometeu que viajaria mais com o menino. Quem sabe traria Jessica com ele, e Kailea também.

Sim, Kailea... Victor deveria ver seus pais passar mais tempo juntos, apesar das suas diferenças políticas ou dinásticas. Leto ainda sentia afeto por ela, apesar de Kailea o rechaçar em cada ocasião. Ao recordar como seus pais tinham sido cruéis um com o outro, não desejou deixar tal herança a Victor.

A princípio tinha sido um descuido, piorado por sua teimosia quando Kailea se empenhou em exigir que contraísse matrimônio com ela, mas compreendeu que ao menos teria que tê-la nomeado como sua concubina oficial e dado a seu filho o sobrenome Atreides. Leto ainda não tinha decidido aceitar a oferta oficial de matrimônio do arquiduque Ecaz com Ilesa, mas um dia encontraria uma consorte aceitável do ponto de vista político entre as candidatas do *Landsraad*.

Rhombur começou a entoar canções populares, versos que tinha aprendido dos nativos. Nos últimos meses, Gurney Halleck e ele tinham feito duetos de *baliset*, cantando melodias e baladas. Naquele momento, Rhombur cantarolava com sua voz pouco afinada, sem nenhum acompanhamento.

Quando ouviu uma canção famosa, um dos guardas se uniu a ele. O homem se criara nos campos de arroz pundi antes de ingressar no exército Atreides, e ainda recordava das canções que seus pais lhe tinham ensinado. Victor tentou cantar com eles e se juntou ao estribilho quando pensou que recordava da letra.

Ao final, aborrecido de canções e da pouca velocidade do dirigível, Victor voltou o olhar para ver as velas que ondeavam no exterior. Leto lhe cedeu o controle por alguns segundos. O menino ficou fascinado quando viu que a nave obedecia as suas ordens.

Rhombur riu.

— Algum dia você será um grande piloto, rapaz, mas não deixe que seu pai lhe ensine. Eu sei mais de pilotar que ele.

Victor passeou o olhar entre seu tio e seu pai, e Leto soltou uma gargalhada quando o viu meditar seriamente sobre o comentário.

— Victor, pergunte a seu tio como fez para incendiar nosso bote, e como o encalhou nos recifes.

— Você me disse que o encalhasse nos recifes — se defendeu Rhombur.

— Estou com fome — disse Victor, o que não surpreendeu Leto. O menino gozava de um insaciável apetite, e cada dia ficava mais alto.

— Vá olhar nas despensas da parte posterior da ponte — disse Rhombur —. Guardamos ali nossos lanches.

Victor obedeceu, ávido por explorar.

O dirigível passou sobre os campos de arroz pundi, campos verdes alagados separados por canais. Por eles navegavam barcaças cheias de sacos de grão. O céu estava espaçoso, os ventos eram suaves. Leto não podia imaginar um dia melhor para voar.

Victor subiu por um saliente para alcançar os armários mais altos, e procurou nas prateleiras. Estudou as imagens icônicas das etiquetas. Não sabia ler todas as palavras em *galach*, mas reconheceu letras e compreendeu o propósito de certas coisas. Descobriu carnes secas e *uluus*, bolos de bagos envoltos que foram servir de prostre para a noite. Escolheu um pacote de *uluus*, que saciou sua fome, mas continuou explorando.

Com a curiosidade própria de um menino, Victor se aproximou de uma fileira de receptáculos abertos na parte inferior da parede da casquinha, que se apoiava contra a massa do dirigível. Identificou o símbolo vermelho e soube que eram medicamentos de primeiros socorros. Tinha visto essas coisas antes, e contemplado com estupor os médicos da Casa enfaixar cortes e arranhões.

Abriu o primeiro receptáculo e extraiu fornecimentos médicos. Uma placa solta no fundo emitia um ruído intrigante, de modo que a afastou e descobriu outro compartimento. Atrás dos fornecimentos de emergência, Victor descobriu algo que tinha luzes piscantes, um contador luminoso, mecanismos de transferência de

impedância conectados com grupos de caixas vermelhas que armazenavam energia, e tudo preso junto.

Olhou-o durante um longo tempo, fascinado.

— Tio Rhombur! Venha ver o que encontrei!

Rhombur sorriu e cruzou a coberta, disposto a explicar ao menino o que tivesse descoberto.

— Aí, atrás dos estojos de primeiro socorros. — Victor apontou com um dedo —. É luminoso e bonito.

Rhombur se agachou para olhar. Victor, orgulhoso, afundou a mão ainda mais.

— Olhe como piscam todas essas luzes. Peguei para que o veja melhor.

O menino pegou o engenho, e Rhombur respirou fundo de repente.

— Não, Victor! É uma...

O filho do duque Leto puxou dos condutores de impedância, e ativou o temporizador. Os explosivos detonaram.

# 93

*O conhecimento é implacável.*

*Bíblia Católica Laranja*

Quando as chamas brotaram na popa da cabine, a onda de choque golpeou Leto como um meteoro.

Uma massa de carne queimada e destrocada se chocou contra a janela que havia a seu lado e caiu ao chão. Muito grande para ser um menino, muito pequeno para ser um homem (um homem inteiro), deixou uma mancha de fluidos corporais enegrecidos.

Um calor abrasador se elevou ao seu redor. A parte posterior do dirigível foi engolida por chamas alaranjadas.

Leto lutou com os lemes, enquanto a nave ferida estremecia. Não parava de olhar pela extremidade do olho a forma irreconhecível que havia a seu lado.

Agitou-se. Quem era? Não sabia.

Um desfile de imagens espantosas passou por suas retinas, mas mal duraram uma fração de segundo. Ouvia um grito que mudou brutalmente, e depois desapareceu quando a silhueta convulsa de um homem foi absorvida por um buraco aberto na parte inferior da cabine. Todo o corpo do homem estava em chamas. Tinha que ser Rhombur ou um dos três guardas.

Victor se encontrava no centro da explosão...

Nunca mais o verei.

A nave começou a cair quando o gás inflamável foi consumido dentro do corpo do dirigível. O tecido se rasgou e as chamas branco-amarareladas alcançaram maior virulência. A cabine se encheu de fumaça.

Leto sentia a pele arder, e compreendeu que seu uniforme negro não demoraria para queimar. Atrás dele, os restos do corpo emitiram um miado de dor... Não identificou o número de braços e pernas, e seu rosto era uma massa sanguinolenta de pele retorcida, irreconhecível.

A nave ia cair.

Abaixo, os campos de arroz pundi se estendiam entre rios sinuosos, represas e plácidas aldeias. As pessoas se reuniram, agitavam gallardetes para saudar sua passagem. Mas quando viram a bola de fogo, como o martelo de Deus, correram para procurar refúgio. As naves de escolta davam voltas ao redor do dirigível em chamas, mas não podiam fazer nada.

Leto arrancou sua mente da paralisia (Rhombur! Victor!) Quando viu de repente que a nave se precipitava para um povoado. Cairia no meio da gente reunida.

Lutou como um possesso com os lemes para mudar o ângulo de descida, mas as chamas consumiam os sistemas hidráulicos e devoravam o esqueleto. Quase todos os aldeãos se dispersaram tomados pelo pânico. Outros se limitaram a continuar olhando, conscientes de que não poderiam escapar a tempo.

Leto, que no fundo do seu coração sabia que Victor estava morto, sentiu-se tentado a deixar-se mergulhar nas chamas e na explosão. Podia fechar os olhos e reclinar-se no assento, deixar que a gravidade e o calor o esmagassem e incinerassem. Seria tão simples render-se...

Mas quando viu toda aquela gente ali embaixo, continuou lutando com os controles. Tinha que haver alguma forma de alterar o curso e salvar o povoado.

— Não, não, não... — gemeu com voz gutural.

Leto não sentia dor física, só uma pena que atravessava seu coração como uma faca. Não suportava pensar em tudo o que perdera, não podia desperdiçar nenhum momento de reflexos e

habilidade. Estava lutando pelas vidas da gente que acreditava e confiava nele.

Por fim, um dos lemes girou e o nariz do aparelho se elevou um pouco. Abriu um painel de emergência situado debaixo dos controles, e viu que suas mãos estavam vermelhas e cobertas de bolhas. As chamas se aproximavam cada vez mais. Entretanto, puxou as alavancas vermelhas com todas as suas forças, com a esperança de que os controles e cabos continuassem ativos.

À medida que o incêndio se propagava, braçadeiras de metal se abriram. O dirigível se soltou da cabine. As velas guia se romperam e foram arrastadas pelo vento, algumas chamuscadas, outras em chamas, semelhantes a cometas sem fios.

A cabine caiu, e os restos da bolsa do dirigível, livre repentinamente do peso dos passageiros e da cabine, ergueram-se como um cometa ardente no céu. A cabine se inclinou em um ângulo mais pronunciado. estenderam-se asas e frearam o descida. Os mecanismos de suspensão danificados tentaram funcionar.

Leto empurrou com força a barra de controle. O ar quente estava fundindo seus pulmões cada vez que respirava. As árvores que ladeavam as ilhas dos pântanos se ergueram para ele. Seus ramos eram dedos rígidos com pontas afiadas, um bosque de garras. Emitiu um uivo sem palavras...

Nem mesmo o fim do velho duque na praça de touros seria considerado mais espetacular que seu último brilho de glória...

No último instante, Leto arrancou um pouco de potência dos motores e suspensores danificados. Roçou o povoado, chamuscou telhados e caiu nos campos de arroz.

A cabine golpeou o solo molhado como um antigo projétil de artilharia. Barro, água e árvores quebradas saltaram pelos ares. As paredes se torceram e caíram.

O impacto jogou Leto de seu assento para a janela dianteira e caiu ao chão. Água marrom penetrou pelas aberturas da cabine, até

que por fim, com um estridente estrépito, os restos da cabine pararam.

Leto deslizou para uma escuridão piedosa...

# 94

*Os maiores e mais importantes problemas da vida não podem ser solucionados. Só podem ser curados com o tempo.*

*Irmã JESSICA  
anotação em seu diário pessoal.*

Sob uma ligeira chuva tropical, os mestres espadachins sobreviventes passeavam pelo que tinha sido a histórica praça central da Escola de Ginaz.

Duncan Idaho, já curtido na batalha, estava entre eles. Tinha atirado a blusa destruída. A seu lado, Hiih Resser conservava a camisa, embora estivesse empapada em sangue, sobretudo de suas vítimas. Agora, os dois eram mestres de pleno direito, mas não desejavam celebrar seu triunfo.

Duncan só desejava voltar para casa, para Caladan.

Embora tivesse transcorrido mais de um dia desde o ataque grumman, os bombeiros e as equipes de resgate continuavam trabalhando entre as ruínas, com a ajuda de cães e furões treinados, mas os sobreviventes sepultados eram poucos.

A metralha tinha destruído a outrora bela fonte da praça. Por toda parte se viam escombros fumegantes. O cheiro de morte e fogo pendia no ar, e nem as brisas marinhas o tinham dissipado.

Os soldados moritani tinham tentado um golpe. Não tinham feito preparativos (nem tinham fôlego) para uma batalha prolongada. Pouco depois que os guerreiros de Ginaz tomaram suas armas para se defender, os grumman abandonaram seus mortos. Desprezaram suas naves danificadas e correram para as fragatas que os esperavam. Sem dúvida, o visconde Moritani já estaria

justificando seus atos vis, e celebrando em privado seu ataque covarde, por mais sangue de seus homens que se derramasse.

— Estudamos e ensinamos técnicas de combate, mas Ginaz não é um planeta militar — disse Whitmore Bludd. Suas roupas elegantes estavam sujas de fuligem e barro —. Nos esforçamos por ser independentes das questões políticas.

— Deixamo-nos levar pelas hipóteses e nos surpreenderam dormindo — disse Jeh-Wu, dirigindo por uma vez seu habitual sarcasmo contra si mesmo —. Teríamos matado qualquer estudante novo por tamanha arrogância. E nós somos culpados dela.

Duncan, muito cansado, olhou para aqueles homens que tinham sido tão orgulhosos e viu seu aspecto derrotado.

— Ginaz nunca deveria ter sido o objetivo de uma agressão. — Rivvy Dinari se agachou para recolher uma parte de metal que tinha feito parte de uma escultura ornamental —. Supusemos...

— Supuseram... — interrompeu Duncan, e não souberam o que responder.

Duncan e seu amigo ruivo pegaram o cadáver de Trin Kronos e o jogaram nas ondas, perto do centro de treinamento principal, o mesmo lugar onde os seqüestradores tinham jogado os cadáveres de suas outras quatro vítimas. O gesto parecia justo, a reação simbólica apropriada, mas não obtiveram a menor satisfação.

Os guerreiros menearam a cabeça, desalentados, enquanto inspecionavam o edifício administrativo danificado. Duncan jurou não esquecer jamais a arrogância dos professores, que tantos problemas tinha causado. Até os antigos compreendiam o perigo da presunção, do orgulho à queda. Por acaso os homens não tinham aprendido nada em milhares de anos?

— Confiávamos que a lei imperial nos protegeria — disse o ferido Mord Cour com voz fraca. Parecia muito diferente do homem que tinha ensinado poesia épica, cujas histórias lendárias faziam chorar os estudantes. Estava com os dois braços enfaixados —. Mas

os grumman a ignoraram. profanaram nossas tradições mais sagradas, cuspiram nos alicerces do Império.

— Ninguém luta respeitando as regras — disse Duncan, incapaz de reprimir sua amargura —. O próprio Trin Kronos nos disse isso. Mas não o escutamos.

A face bochechuda de Riwy Dinari avermelhou.

— A Casa Moritani receberá uma palmada na mão — disse Jeh-Wu, com os lábios apertados —. Serão multados, talvez sofram um embargo, mas continuarão rindo de nós.

— Como vão respeitar as proezas de Ginaz? — lamentou-se Bludd —. A escola caiu em desgraça. O dano infligido a nossa reputação é imenso.

Mord Cour ergueu a vista para o céu nebuloso, e seu longo cabelo cinza pendeu como um sudário ao redor de sua cabeça.

— Temos que reconstruir a escola. Como fizeram os seguidores de Jool-Noret, depois de que o professor se afogou.

Duncan estudou o velho professor, recordou sua tumultuosa vida depois que seu povoado fora arrasado, quando vivera como um animal nas montanhas de Hagal, para depois retornar, unir-se aos bandidos que tinham assassinado seus vizinhos e sua família e aniquilá-los. Se alguém era capaz de realizar uma tarefa tão drástica, esse era Cour.

— Nunca mais ficaremos tão indefesos — prometeu Riwy Dinari com voz rouca de emoção —. Nosso primeiro-ministro prometeu estacionar duas unidades de combate aqui, e vamos comprar um esquadrão de *minisubs* para patrulhar as águas. Somos mestres espadachins, retos em nossa missão, e o inimigo nos pegou de surpresa. Estamos envergonhados. — Deu uma patada em uma parte de metal —. A honra está se extinguindo. Para onde irá parar o Império?

Duncan, abismado em seus pensamentos, rodeou uma poça de sangue que brilhava sob a chuva. Resser se agachou para examiná-

la, como se pudesse obter alguma informação, se quem caíra era inimigo, aliado ou civil.

— Teremos que fazer muitas perguntas — disse Bludd com tom desconfiado —. Temos que averiguar o que aconteceu na realidade. — Inchou o peito —. E o faremos. Sou um soldado antes de ser um educador.

Seus companheiros emitiram grunhidos de aprovação.

Duncan viu algo que brilhava em uma pilha de escombros e se agachou para recolhê-lo. Era um bracelete de prata, e o limpou em sua manga. Dele pendiam espadas, Cruzeiros da Corporação e ornitópteros em miniatura. Duncan o entregou a Dinari.

— Esperemos que não fosse de uma menina — disse o homem corpulento.

Duncan já tinha visto quatro crianças mortas desenterradas dos escombros, filhos e filhas de empregados da Escola. A cifra final de vítimas se elevaria a vários milhares. Podia ser conseqüência do único insulto da expulsão dos estudantes de Grumman, um ato justificável em resposta ao odioso ataque da Casa Moritani contra inocentes civis ecazi, provocado pelo assassinato de um embaixador em um banquete celebrado em Arrakis que por sua vez tinha sido atizado por suspeitas sobre sabotagem de colheitas?

Mas os estudantes de Grumman tinham escolhido entre ficar ou partir. Tudo era absurdo. Trin Kronos tinha perdido a vida por isso, e muitos com ele. Quando tudo isso terminaria?

Apesar de tudo, Resser queria voltar para Grumman, embora parecesse um ato suicida. Ali devia enfrentar seus próprios demônios, mas Duncan esperava que sobrevivesse e que se unisse ao duque Leto. Afinal, era um mestre espadachim.

Alguns professores sugeriram sem muita convicção oferecer seus serviços como mercenários a Ecaz. Outros insistiram que primeiro tinham que recuperar a honra. Em Ginaz se necessitavam de guerreiros treinados para reconstruir a Escola destruída. A prestigiosa academia demoraria anos para recuperar-se.

Mas, embora Duncan experimentasse uma profunda sensação de desolação e ira pelo acontecido, devia sua lealdade ao duque Leto Atreides. Durante oito anos, Duncan tinha se forjado em fogo como a folha de uma espada. E esta espada tinha jurado defender à Casa Atreides.

Voltaria para Caladan.

# 95

*Quem busca significados onde eles não existem? Seguiria um caminho que não conduz a nenhuma parte?*

*Interrogadores da escola Mentat*

Os pesadelos eram horríveis, mas despertar era muito pior.

Quando Leto recuperou a consciência no hospital, o enfermeiro da noite o saudou, disse-lhe que era afortunado por estar vivo. Leto não se sentiu tão afortunado. Ao ver sua expressão abatida, o enfermeiro disse:

— Há uma boa notícia. O príncipe Rhombur sobreviveu.

Leto respirou fundo e teve a impressão de que engoliu cristal moído. Sentiu o gosto de sangue no paladar.

— E Victor?

Mal pôde pronunciar as palavras. O enfermeiro sacudiu a cabeça.

— Sinto muito. — Depois de uma sombria pausa acrescentou —: O senhor necessita de mais descanso. Não quero perturbá-lo com detalhes sobre a bomba. Haverá tempo depois. Thufir Hawat está investigando. — Colocou a mão no bolso da sua bata —. Vou lhes dar um tranquilizante.

Leto negou com a cabeça.

— Dormirei sem ajuda.

Victor morreu!

O enfermeiro concordou a contra gosto, mas lhe disse que não saísse da cama. Uma unidade de chamada que se ativava mediante a voz flutuava sobre a cama. Leto só tinha que falar.

Victor morreu. Meu filho! Leto já sabia, mas agora devia enfrentar a terrível realidade. Uma bomba. Quem pôde fazer semelhante coisa?

Mesmo com as ordens do médico, o teimoso duque viu que o enfermeiro da noite entrava em um quarto do outro lado do corredor para atender outro paciente. Rhombur? De sua cama, Leto só podia ver um pedaço da porta aberta.

Levantou-se na cama, indiferente à dor. Com os movimentos de um *mek* avariado, afastou os lençóis que cheiravam a suor e remédios e baixou as pernas para o frio chão.

Onde estava Rhombur? Todo o resto podia esperar. Tinha que ver seu amigo. Alguém matou meu filho! Leto experimentou uma onda de ira e sentiu uma aguda pontada na cabeça.

Enfocou os olhos, deu um passo e depois outro... Tinha as costelas enfaixadas e seus pulmões queimavam. O bálsamo de *plaspel* o fazia sentir o rosto rígido, como se fosse de pedra macia. Não se olhou em um espelho para investigar o alcance de suas feridas. Não lhe preocupavam as cicatrizes, absolutamente. Nada podia curar os danos irreparáveis que sua alma tinha sofrido. Victor estava morto. Meu filho, meu filho!

Por incrível que parecesse, Rhombur tinha sobrevivido, mas onde estava?

Uma bomba no dirigível.

Leto avançou um passo mais, afastando-se do aparelho de diagnóstico colocado junto a sua cama. Lá fora, uma tormenta desabou, e gotas de chuva se cochavam contra as janelas. As luzes do hospital estavam ao mínimo. Saiu da habitação, cambaleante.

Ao chegar à habitação em frente, apoiou-se contra a ombreira para não cair, e piscou antes de avançar para a luz intensa do interior, onde brilhavam globos luminosos mais brancos e frios. Era uma habitação grande, dividida por uma cortina escura que oscilava nas sombras. Sentiu aromas penetrantes de produtos químicos e sistemas de purificação de ar.

Desorientado, não pensou em conseqüências nem implicações. Só sabia com certeza, como um sino que dobrasse em sua mente, que Victor estava morto. Seria uma conspiração criminosa dos Harkonnen contra a Casa Atreides? Um ataque vingativo dos tleilaxu contra Rhombur? Alguém quisera eliminar o herdeiro de Leto?

Era difícil que o duque pudesse analisar esses temas devido aos medicamentos que tinham lhe dado e ao atordoamento provocado pela dor. Mal era capaz de conservar a energia mental suficiente para passar de um momento ao próximo. O desespero era como uma manta ensopada que o asfixiava. Apesar da sua determinação, Leto se sentiu tentado a mergulhar em um consolador poço de rendição. Tenho que ver Rhombur.

Abriu a cortina e entrou. A tênue luz, um módulo de cuidados intensivos em forma de ataúde estava conectado com tubos e cabos. Leto concentrou seus esforços e avançou trabalhosamente, ao mesmo tempo que amaldiçoava a dor que entorpecia seus movimentos. Um fole mecânico bombeava oxigênio na câmara selada. Rhombur jazia dentro.

— Duque Leto!

Sobressaltado, reparou na mulher que se erguia junto ao aparelho envolta no hábito Bene Gesserit, escuro como as sombras. O rosto de Tessia estava desprovido de seu humor agudo e da beleza serena, desprovido de vida.

Perguntou-se quanto tempo a concubina de Rhombur o estava acompanhando. Jessica tinha lhe falado das técnicas Bene Gesserit, que permitiam às irmãs permanecer acordadas durante dias. Leto percebeu que nem sequer sabia quanto tempo tinha transcorrido desde que o tinham tirado dos restos do dirigível. A julgar pelo aspecto de Tessia, duvidava que tivesse descansado um momento desde o desastre.

— Vim... ver Rhombur — disse.

Tessia retrocedeu um passo e apontou para o módulo. Não ajudou Leto, e ao final o duque se aproximou do sarcófago. apoiou-se contra as juntas metálicas.

Leto inclinou a cabeça, mas fechou os olhos até que superou o enjôo e a dor diminuiu... e até que se armou de coragem para ver o que tinha acontecido ao seu amigo.

Abriu os olhos. E se encolheu de horror.

Tudo que restava de Rhombur Vernius era uma cabeça esmagada, assim como quase toda a coluna vertebral e parte do peito. O resto (membros, pele, alguns órgãos) tinha sido arrancado pela força da explosão ou reduzido a cinzas pelas chamas. Por sorte estava em coma. Era a massa de carne rasgada que tinha visto na coberta do dirigível.

Leto tentou pensar na oração apropriada da Bíblia Católica Laranja. Sua mãe teria sabido o que dizer, embora sempre lhe tivesse aborrecido a presença dos filhos de Vernius. *Lady* Helena afirmaria que era um castigo de Deus, porque Leto tinha ousado dar asilo a exilados de uma Casa sacrílega.

Os sistemas de manutenção de sinais vitais e os transformadores conservavam Rhombur vivo, prendiam sua alma atormentada no interior daqueles restos corporais que ainda se aferravam à existência.

Por que? Perguntou-se Leto. Por que aconteceu isto? Quem nos tem fez isto?

Ergueu a vista e viu a expressão impenetrável de Tessia. Devia estar usando todo seu treinamento Bene Gesserit para dominar sua angústia.

Embora fosse uma concubina de conveniência, Rhombur a amava com todo seu coração. Os dois tinham deixado florescer sua união, ao contrário de Leto e Kailea, e ao contrário de seus pais, cujo matrimônio nunca tinha gerado um afeto verdadeiro.

— Thufir Hawat e Gurney Halleck estiveram no lugar do acidente durante dias — disse Tessia —. Estão investigando os

restos para descobrir o culpado. Sabe da bomba?

Leto assentiu.

— Thufir encontrará as respostas. como sempre. — Obrigou-se a pronunciar as palavras, a formular a pergunta que mais temia —: E o cadáver de Victor...?

Tessia afastou a vista.

— Encontraram... seu filho. O capitão da guarda, Swain Goire, esforçou-se em conservar todo o possível... embora não sei para que. Goire também amava o menino.

— Sei — disse Leto.

Contemplou a estranha forma vermelha e rosa contida dentro do aparelho que a mantinha com vida, incapaz de reconhecer seu amigo. O módulo se assemelhava tanto com um ataúde, que Leto quase se imaginou enterrando-o. Possivelmente seria o melhor.

— Posso fazer algo por ele... ou se trata de um exercício inútil?

Viu que os músculos se esticavam nas bochechas de Tessia, e seus olhos sépia se endureceram e cintilaram. Sua voz se transformou em um sussurro.

— Nunca abandonarei a esperança.

— Meu senhor duque! — A voz alarmada do enfermeiro da noite adquiriu um tom de repreensão quando entrou na habitação —. Não deve se levantar, senhor. Têm que recuperar suas forças. Sofreu graves ferimentos e não posso permitir...

Leto levantou uma mão.

— Não me fale de feridas graves quando estou ao lado do módulo de manutenção vital de meu amigo.

O rosto magro do enfermeiro avermelhou, e assentiu, mas tocou a manga de Leto com uma mão delicada.

— Por favor, meu senhor. Não vim comparar feridas. Meu dever é procurar que o duque da Casa Atreides se cure o quanto antes. Esse também é seu dever, senhor.

Tessia tocou o aparelho de manutenção vital e olhou para Leto.

— Sim, Leto. Ainda têm responsabilidades. Rhombur jamais permitiria que jogasse tudo pela amurada por causa de seu estado.

Leto deixou que o tirassem da habitação, caminhando com cuidado. Sabia que devia recuperar as forças, mesmo que fosse apenas para compreender o desastre.

Meu filho, meu filho! Quem cometeu esta canalhice?

Kailea, fechada em seus aposentos, esperou durante horas. Não falou com ninguém, não foi ver o duque, seu irmão nem a ninguém. Não podia enfrentar a verdade, a culpa monstruosa, a vergonha irredimível.

Seria só questão de tempo até que Thufir Hawat descobrisse sua culpa. Até o momento ninguém havia verbalizado suspeitas dirigidas a ela... mas logo começariam os falatórios, as fofocas, ao longo do castelo. As pessoas se perguntariam por que evitava o duque Leto.

E por isso, depois de descobrir o horário das medicações e calcular quando poderia Leto detectar a culpa assassina em seus olhos, Kailea abriu a porta de seus aposentos e caminhou com passo inseguro para o hospital. Ao cair do sol, a luz visível através das janelas tinha tingido de vermelho as massas de nuvens, como seu cabelo. Mas não viu nenhuma beleza no ocaso, só sombras entre as paredes.

Os médicos lhe deram passagem, e se retiraram da habitação para lhe facilitar intimidade com o duque. A compaixão que expressavam seus rostos lhe partiu o coração.

— Ele sofreu uma recaída, *lady* Kailea — disse o doutor —. Tivemos que lhe administrar mais calmantes, e é possível que esteja muito adormecido para falar.

Kailea manteve sua altivez. Seus olhos inchados se secaram quando se armou de coragem.

— Não obstante, verei-o. Ficarei ao lado de Leto todo o tempo que puder, com a esperança de que esteja consciente de minha presença.

O doutor se recordou que devia fazer algo em outro lugar.

Kailea se aproximou da cama com passo lento, como se seus pés pesassem muito. A habitação cheirava a feridas e dor, a medicamentos e desespero. Olhou para o rosto arroxeadado e queimado de Leto e tentou de recordar a raiva que sentia por ele. Pensou de novo nas coisas terríveis que Chiara lhe havia dito, as variadas formas com que Leto Atreides tinha traído todas as suas esperanças, destruído seus sonhos.

Mesmo assim, recordava perfeitamente a primeira vez que tinham feito amor, quase acidentalmente, depois de o duque ter bebido muita cerveja de Caladan com Goire e os guardas. Leto tinha derramado uma jarra sobre si, rindo, e depois saiu tropeçando pelo corredor. Ali topou com Kailea, que não conseguia dormir e estava vagando pelo castelo. Ao reparar em seu estado, tinha repreendido o duque com afeto e o conduzido a seus aposentos privados.

Sua intenção era fazê-lo deitar e partir. Nada mais, embora tivesse fantasiado com isso muitas vezes. A atração que Leto sentia por ela era evidente fazia muito tempo... depois de tudo o que tinham passado, como pudera acreditar que o odiava?

Enquanto olhava para ele, indefeso e ferido, recordou o quanto gostava de brincar com seu filho. Ela tinha se negado a aceitar o quanto adorava seu filho, porque não queria acreditar.

Victor! Fechou os olhos com força e apertou as mãos contra o rosto. As lágrimas escorregaram sobre suas palmas.

Leto se remexeu, meio adormecido, e olhou para ela com seus olhos avermelhados. Demorou um longo tempo, mas ao final a reconheceu. Seu rosto pareceu livre de barreiras e do peso da liderança, e só revelava emoção.

— Kailea! — grasnou.

A jovem mordeu o lábio, sem atrever-se a responder. O que podia dizer? Ele a conhecia muito bem... Ele descobriria!

— Kailea... — Uma terrível angustia embargava sua voz —. Oh, Kailea, mataram Victor! Alguém matou nosso filho. Oh, Kailea, quem pôde fazer semelhante coisa? Por que?

Esforçou-se por conservar os olhos abertos, combatendo a bruma dos medicamentos. Kailea levou o punho à boca e mordeu os dedos até que sangraram.

Incapaz de suportar seu olhar por mais um momento, deu meia volta e saiu da habitação.

Swain Goire, cego de raiva, subiu os largos degraus que conduziam aos aposentos isolados da torre. Dois guardas estavam apostados na porta.

— Afastem-se — Goire ordenou.

Os guardas se negaram.

— *Lady* Kailea nos deu ordens — disse o oficial *Levenbrech* da esquerda, com a vista baixa, temeroso de opor-se a seu superior —. Deseja sofrer sua pena em solidão. Não comeu nem aceitou visitas. Ela...

— Quem lhe dá ordens, *Levenbrech*? Uma concubina, ou o chefe das tropas de nosso duque?

— Você, senhor — respondeu o soldado da direita, olhando para seu companheiro —. Mas nos põem em uma situação delicada.

— Estão dispensados — ladrou Goire —. Vão agora mesmo. Eu assumo a responsabilidade. — E em voz mais baixa acrescentou como se falasse consigo mesmo —: Sim, eu assumo a responsabilidade.

Abriu a porta, entrou e a fechou com estrépito.

Kailea vestia uma velha camisola clara. Seu cabelo avermelhado pendia desalinhado e tinha os olhos avermelhados e inchados. Estava ajoelhada sobre o chão de pedra, indiferente ao

frio úmido que penetrava pela janela aberta. A lareira estava apagada.

Em suas bochechas havia arranhões vermelhos, como se tivesse tentado arrancar os olhos e tivesse perdido a coragem. Olhou para ele com uma expressão de patética esperança, quando viu alguém que talvez lhe oferecesse compaixão.

Kailea se levantou, pouco mais que o fantasma de si mesma.

— Meu filho morreu, meu irmão foi mutilado até ficar irreconhecível. — Seu rosto parecia uma caveira —. Swain, meu filho morreu.

Deu um passo para ele e estendeu as mãos como em busca de consolo. Sua boca esboçou uma paródia de sorriso suplicante, mas o homem não se moveu.

— Roubaram-me a chave do arsenal — disse —. A tiraram do cinturão do meu uniforme pouco depois que Leto anunciou seus planos para o desfile.

Kailea se deteve a um metro do seu amante.

— Como pode pensar nessas coisas quando...

— Thufir Hawat descobrirá o que aconteceu! — Rugiu Goire —. Agora sei quem pegou a chave, e sei o que significa. Seus atos a condenam, Kailea. — Estremeceu, desejando arrancar-lhe o coração com as mãos nuas —. Seu próprio filho! Como pôde fazer isso?

— Victor morreu — soluçou Kailea —. Como pode pensar que eu planejei isso?

— Queria matar o duque, não é? Vi seu pânico quando descobriu que Rhombur e Victor estavam com ele no dirigível. Quase todos os servos já suspeitam que estava envolvida.

Seus olhos flamejaram e seus músculos se esticaram, mas continuou imóvel como uma estátua.

— E você me transformou também em responsável. A segurança do dirigível era minha responsabilidade, mas demorei para compreender a importância da chave desaparecida. Tentei me

convencer de que a perdera, neguei-me a considerar outras possibilidades... Deveria ter dado o alarme. — Abaixou a cabeça e continuou falando com a vista cravada no chão —. Devia ter confessado nossa relação ao duque a muito tempo, e agora você manchou minhas mãos de sangue, assim como as tuas. — Fez uma careta quando olhou para ela, enojado, e sua vista se tingiu de púrpura. A habitação girou ao seu redor —. Traí meu duque muitas vezes, mas esta foi a pior. Poderia ter impedido a morte de Victor se... pobre menino.

Kailea o atacou de repente e se apoderou da faca que Goire levava no cinto. Extraiu-a da bainha e a ergueu com os olhos chamejantes.

— Se está se sentindo tão mal, Swain, jogue-se sobre sua própria arma como um bom guerreiro, como um leal soldado Atreides. Pegue-a. Afunda a folha em seu coração, e assim não sentirá mais dor.

Goire olhou para faca mas não se moveu. Ao fim de um comprido momento, deu meia volta, como se convidasse Kailea a cravar-lhe a faca nas costas.

— A honra exige justiça, minha senhora. Verdadeira justiça, não uma saída fácil. Confessarei meus atos ao duque. — Olhou para trás enquanto se encaminhava para a porta —. Preocupe-se com sua própria culpa.

Kailea ficou com a faca na mão. Quando fechou a porta, Goire ouviu Kailea chorando, suplicando-lhe que voltasse. Mas o capitão a ignorou e partiu da torre.

Quando Kailea pediu ver sua dama de companhia, Chiara entrou na habitação, aterrorizada mas sem ousar atrasar-se. O vento assobiava através da janela aberta da torre, pela qual também penetrava o som das ondas que se quebravam contra as rochas longínquas. Kailea tinha a vista cravada na distância, e a brisa agitava sua camisola como um sudário.

— Me... chamou, minha senhora?

A anciã ficou perto da porta, e deixou que seus ombros caíssem para aparentar submissão. Arrependeu-se de não ter trazido uma bandeja com café de especiaria ou os doces favoritos de Kailea, uma oferenda de paz para acalmar os fogos instintivos da mulher.

— Vamos falar do seu plano estúpido, Chiara?

A voz de Kailea soou oca e fria. voltou-se com uma expressão que anunciava a morte.

Os instintos da dama de companhia lhe aconselharam a fugir do castelo, a desaparecer em Baía City e tomar um transporte para *Giedi Prime*. Podia solicitar a clemência do barão Harkonnen e gabar-se da angústia que causara ao duque, embora só com êxito parcial. Mas Kailea a paralisara, como uma serpente quando hipnotiza sua presa.

— Eu... sinto muitíssimo, minha senhora. — Chiara inclinou a cabeça e adotou um tom implorante —. Choro o sangue inocente que foi derramado. Ninguém poderia prever que Victor e Rhombur se juntassem ao desfile. Não deviam...

— Silêncio! Não quero desculpas. Sei tudo o que aconteceu, tudo o que saiu errado.

Chiara emudeceu. Estava muito nervosa, pois sabia que estavam sozinhas na habitação. Se os guardas se mantivessem em seus postos, tal como tinha ordenado, se tivesse pensado em armar-se antes de vir...

Não tinha previsto muitas coisas.

— Quando penso em todos estes anos, Chiara, lembro dos comentários que fez, todas aquelas insinuações insidiosas. Agora, seu significado está transparente, e o peso da evidência é uma avalanche contra você.

— O que... o que quer dizer, minha senhora? Só me dediquei a servi-la desde...

Kailea a interrompeu.

— Foi enviada aqui para semear a discórdia, não é? Tentou me voltar contra Leto desde o dia em que nos conhecemos. Para quem trabalha? Os Harkonnen? A Casa Richese? Os tleilaxu? — Os olhos fundos e as bochechas arranhadas se destacavam em seu rosto pálido e inexpressivo —. Tanto faz, o resultado é o mesmo. Leto sobreviveu e meu filho morreu.

Avançou um passo para a anciã, que utilizou seu tom de voz mais compassivo como um escudo.

— Sua dor a impulsiona a dizer e pensar coisas terríveis, querida minha. Tudo foi um terrível equívoco.

Kailea se aproximou mais.

— Agradeça uma coisa, Chiara. Durante muitos anos a considerei minha amiga. Victor morreu imediatamente e sem sofrer dor. Por isso lhe garanto uma morte misericordiosa.

Extraiu a faca que tinha arrebatado de Swain Goire. Chiara retrocedeu, e ergueu as mãos para se proteger.

Mas Kailea não vacilou. Precipitou-se para frente e afundou a faca no peito de Chiara. Tirou-a e voltou a cravá-la para assegurar-se de que atravessava o coração da mulher traiçoeira. Depois deixou cair a faca ao chão, enquanto Chiara desabava como um saco sobre as lajes.

O sangue salpicou a bela parede de obsidiana azul, e Kailea se ergueu e olhou seu reflexo. Não gostou do que viu.

Kailea se aproximou da janela aberta. O frio picou sua pele, mas sentia o corpo úmido, como se estivesse coberto de sangue. Segurou a pedra do parapeito e cravou a vista no horizonte, onde se fundia com o mar. As ondas lambiam a base do esculpado.

A maravilhosa cidade estalactite de IX iluminou em sua mente. Tinha passado muito tempo desde que dançava nos salões do Grande Palácio, com seus maravilhosos vestidos de seda *merh*. Junto com seu irmão e os gêmeos Pilru tinha admirado a enorme gruta onde os Cruzeiros eram construídos.

Como uma oração, Kailea Vernius recordou tudo o que tinha lido e todas as imagens vistas na corte imperial de Kaitain, o espetacular palácio, os jardins, os fogos musicais. Tinha desejado passar a vida no encantamento que correspondia a seu título, princesa de uma Grande Casa do *Landsraad*. Mas, Kailea nunca tinha alcançado as alturas ou os prodígios que desejava.

Por fim, deixando atrás de si só amargas lembranças, subiu no parapeito e estendeu os braços para voar...

*Os humanos não devem comportar-se como animais.*

*Doutrina Bene Gesserit*

Embora Abulurd conservasse oficialmente o título de governador do subdistrito de Lankiveil, ao menos em teoria, Glossu Rabban controlava o planeta e sua economia. Divertia-lhe deixar que seu pai mantivesse o título, pois não mudava a realidade de quem detinha o poder.

De qualquer modo, o que o velho louco podia fazer, encerrado em um monastério das montanhas?

Rabban desprezava os céus melancólicos, as baixas temperaturas e a gente primitiva, com seu peixe fedorento. Odiava-o porque o barão o obrigara a passar anos aqui, depois de sua fracassada missão em Wallach IX. Mas sobretudo odiava o planeta porque a seu pai gostava tanto dele.

Por fim, Rabban decidiu inspecionar o remoto armazém clandestino de especiaria, oculto décadas antes. Gostava de olhar seus tesouros de vez em quando, para comprovar que estavam seguros. Todos os registros documentários tinham sido apagados, todas as testemunhas eliminadas. Não existia a menor prova de que o barão tivesse acumulado tanta melange em segredo durante seus primeiros tempos em Arrakis.

Rabban montou uma expedição e desceu sobre a zona continental do norte, onde tinha passado dois anos nas cidades portuárias industriais e nas fábricas de processamento de pele de baleia. Acompanhado por dez soldados, navegou pelos mares do norte em um navio confiscado de uma pescaria. Seus exploratórios e técnicos sabiam onde procurar o *iceberg* artificial. Rabban os

deixou trabalhar enquanto se acomodava em seu camarote e bebia muito conhaque kirana. Sairia a coberta quando o objetivo estivesse à vista, mas não tinha nenhum interesse em cheirar a névoa salgada ou congelar as pontas dos dedos até que fosse necessário.

O *iceberg* sintético era perfeito como qualquer outro bloco ártico, flutuante. Quando o navio jogou âncora, Rabban subiu a bordo do *iceberg*, abriu a escotilha secreta e entrou nos túneis azuis.

Só para encontrar o enorme armazém completamente vazio. Quando Rabban gritou, o som ressoou nos túneis.

— Quem fez isto?

Mais tarde, o navio se afastou do *iceberg*. Rabban se erguia na proa, tão furioso que o frio e a umidade já não o afetavam. O navio se encaminhou para os fiordes rochosos, onde os soldados Harkonnen invadiram os patéticos povoados pesqueiros. Pareciam muito mais bonitos do que Rabban recordava: as casas novas, os equipamentos brilhantes e funcionais. Os barcos de pesca e os arranjos, assim como os armazéns, eram modernos e bem cuidados.

Os soldados se apoderaram imediatamente dos aldeãos e os torturaram um após outro, até que a mesma resposta se repetiu uma e outra vez. Rabban tinha suspeitado antes de ouvir o nome balbuciado entre lábios ensangüentados e dente quebrados.

Abulurd.

Deveria ter adivinhado.

Na cidade de Veritas desabou um forte vento invernal. Os monges budislâmicos utilizavam água pura das fontes montanhosas para reforçar a estrutura e beleza de seu belo monastério. O coração ferido de Abulurd se recuperou tudo que era possível. Vestido com casaco e grossas luvas, segurava uma mangueira e molhava a beira da abertura da cova.

Seu fôlego se condensava em vapor, e a pele gelada de suas bochechas parecia a ponto de rachar, mas sorria enquanto movia a mangueira e acrescentava volume a prismática muralha de gelo. A barricada crescia pouco a pouco, como uma cortina ao redor da gruta, uma cúpula que cintilava ao sol, ao mesmo tempo que parava os ventos que assobiavam ao redor dos penhascos. Carrilhões e veletas tilintavam no exterior da gruta e ao longo dos penhascos. Contribuíam com energia e criavam música ao mesmo tempo.

Abulurd cortou a água para que os monges pudessem aproximar-se com pedaços de cristal colorido, que dispuseram na água gelada para criar um caleidoscópio de tons brilhantes. retiraram-se, e Abulurd jogou água de novo, afim de cobrir as lascas de cristal. À medida que a cortina gelada crescia, as jóias pintavam de arco-íris a cidade que se estendia sob o saliente.

Depois que a barreira de gelo se estendeu meio metro mais, o abade de Veritas tocou um gongo para dar por terminado o trabalho. Abulurd cortou a água e se sentou, esgotado mas orgulhoso de seu trabalho.

Tirou as luvas grossas e sacudiu a jaqueta acolchoada para romper a crosta de gelo. Depois, entrou em uma cozinha portátil fechada com janelas de plaz transparente.

Quando vários monges chegaram para servir os trabalhadores, Emmi se aproximou dele com uma terrina de pedra cheia de sopa. Abulurd aplaudiu o banco, e sua mulher se sentou com ele. O caldo era delicioso.

De repente, pelas janelas viram que uma rajada de raios laser estilhaçavam a barreira de gelo. Depois de uma segunda salva, uma nave de assalto Harkonnen apareceu diante do saliente, com as armas ainda fumegantes, e limpou a zona para poder passar sob o teto.

Os monges se dispersaram, gritando. Os trabalhadores deixaram cair uma mangueira e a água se espalhou sobre o chão de pedra.

Abulurd experimentou uma horrível sensação de *déjà vu*. Emmi e ele tinham vindo a Veritas para viver em paz, em segredo. Não queriam nenhum contato com o mundo exterior, sobretudo com os Harkonnen. Sobretudo com seu filho mais velho.

A nave arranhou o chão rochoso quando aterrissou. A escotilha se abriu com um vaio, e Glossu Rabban foi o primeiro a sair, flanqueado por soldados armados até os dentes, embora nenhum monge de Veritas tivesse recorrido à violência, nem sequer para defender um dos seus. Rabban brandia seu chicote.

— Onde está meu pai? — perguntou, enquanto guiava seus homens para a cozinha. Sua voz soou como duas rochas se entrecrocando. Os intrusos rasgaram a fina porta de plaz, e um vento frio penetrou no interior.

Abulurd se levantou, e Emmi o agarrou com tal brutalidade que derrubou o prato de sopa. Caiu ao chão e se quebrou. Ergueu-se vapor do caldo derramado.

— Estou aqui, filho — disse Abulurd, erguido em toda sua estatura —. Não precisa quebrar nada mais.

Tinha a boca seca de medo. Os monges se afastaram, e se alegrou de que nenhum tentasse falar, porque Glossu Rabban, seu filho demoníaco, não tinha escrúpulos de disparar contra inocentes.

O homem virou-se. Franziu suas espessas sobrancelhas, e seu rosto se escureceu ainda mais. Avançou com os punhos fechados.

— O que fez com o depósito de especiaria? Torturamos as pessoas de sua aldeia de pescadores. — Seus olhos brilharam de prazer —. Todos deram seu nome. E depois torturamos mais alguns, só para ter certeza.

Abulurd se adiantou, afastando-se de Emmi e dos outros monges. Seu cabelo grisalho e loiro pendia sobre suas orelhas, empapado no suor do seu trabalho.

— Usei o depósito para ajudar o povo de Lankiveil. Depois de todos os danos que causou, eu lhes devia.

Tinha tentado preparar-se para esta eventualidade, montar um sistema de defesa passiva eficaz que lhes protegesse da ira Harkonnen. Tinha acreditado que Rabban não descobriria o roubo da especiaria até que tivesse preparado os monges. Mas não tinha atuado com rapidez suficiente.

Emmi correu para ele, com o rosto avermelhado e o cabelo negro jogado para trás.

— Basta! Deixe seu pai em paz.

Rabban não virou a cabeça nem afastou seus olhos de Abulurd. Estendeu seu braço musculoso e golpeou sua mãe. A mulher retrocedeu, cambaleante, e segurou o nariz enquanto o sangue escorria entre seus dedos e por sua bochecha.

— Como ousa bater em sua mãe?

— Baterei em quem me der vontade. Parece que você não compreende quem manda aqui. Não sabe o idiota patético que é.

— Estou envergonhado do que você se tornou.

Abulurd cuspiu no chão, enojado. Sua reação não impressionou Rabban.

— O que fez com nosso depósito de especiaria? Para onde o levou?

Os olhos de Abulurd despediram fogo.

— Ao menos uma vez, o dinheiro Harkonnen serviu para algo bom, e você nunca o recuperará.

Rabban se adiantou com a velocidade de uma víbora e agarrou a mão de Abulurd. Puxou-o para ele.

— Não vou perder tempo com você — disse, com voz profunda e ameaçadora. Retorceu o dedo indicador de Abulurd e o quebrou como um ramo seco. Depois, quebrou-lhe o polegar.

Abulurd sentiu náuseas de dor. Emmi ficou em pé e gritou. O sangue cobria sua boca e queixo.

— O que fez com a especiaria?

Rabban quebrou dois dedos da outra mão de seu pai.

Abulurd olhou para seu filho sem pestanejar, agüentando a dor que atormentava suas mãos.

— Distribuí todo o dinheiro através dúzias de intermediários. Gastamos os créditos aqui, em Lankiveil. Construímos novos edifícios, compramos maquinaria nova, mantimentos e remédios de comerciantes extraplanetários. transportamos parte de nossa gente para outros planetas, para lugares melhores.

Rabban não acreditava em seus ouvidos.

— Gastou tudo?

Havia melange suficiente para financiar várias guerras em grande escala.

A risada de Abulurd foi um som leve, quase histérico.

— Cem Solaris aqui, mil ali.

Rabban estava a ponto de explodir, porque sabia que seu pai era capaz de ter feito o que afirmava. Nesse caso, o tesouro de especiaria estava perdido. Rabban nunca o recuperaria. Sim, poderia obter algo dos aldeãos, mas nunca recuperaria tudo o que tinha perdido.

As ondas de raiva ameaçavam arrebentar um vaso sangüíneo do cérebro de Rabban.

— Eu o matarei por isso. — Disse com absoluta segurança.

Abulurd contemplou o rosto de seu filho deformado pelo ódio, um completo desconhecido. Apesar de tudo o que Rabban tinha feito, depois de tanta corrupção e maldade, Abulurd ainda lembrava dele como um menino travesso, ainda recordava quando era um bebê nos braços de Emmi.

— Não, você não me matará. — A voz de Abulurd era mais forte do que tinha imaginado —. Por mais vil que seja, mesmo com as maldades que o barão tenha lhe ensinado, não pode cometer um ato tão atroz. Sou seu pai. Você é um ser humano, não uma besta.

Aquelas palavras desencadearam a última avalanche de emoções descontroladas. Rabban agarrou a garganta de seu pai com ambas as mãos. Emmi gritou e se jogou sobre seu filho psicótico, mas foi como tentar derrubar uma árvore. As poderosas mãos de Rabban apertaram e apertaram.

Os olhos de Abulurd saíram de suas órbitas, e tentou de defender-se com seus dedos quebrados.

Os grossos lábios de Rabban se curvaram em um sorriso. Esmagou a laringe de Abulurd e lhe quebrou o pescoço. Soltou-lhe com uma careta de desagrado, e o corpo de seu pai caiu ao chão de pedra, enquanto os monges e sua mãe gritavam.

— De agora em diante me chamarão de A Besta.

Satisfeito com o novo nome que tinha escolhido, Rabban indicou a seus homens que o acompanhassem. Depois voltaram para as naves.

# 97

*Evitar morrer não é o mesmo que "viver".*

*Ditado Bene Gesserit*

Até a habitação mais tétrica do castelo de Caladan era uma melhora comparada com o hospital, e Leto tinha sido transportados à deliciosa suíte Paulus. A mudança de lugar, graças as lembranças que despertava, tinha a intenção de contribuir para sua recuperação.

Mas cada dia parecia o mesmo, cinza, interminável e desesperado.

— Chegaram milhares de mensagens, meu duque — disse Jessica com forçada alegria, embora seu coração sofresse por ele. Utilizou o toque mínimo de Voz manipuladora. Apontou para os cartões, cartas e cubos de mensagem que descansavam sobre uma mesa próxima. Ramos de flores adornavam a habitação, combatiam o cheiro dos medicamentos. Algumas crianças tinham feito desenhos para o duque —. Seu povo sofre com você.

O corpo queimado e mutilado de Rhombur continuava conectado a um módulo de manutenção vital no hospital. O príncipe ainda se agarrava à vida, embora estivesse melhor no depósito de cadáveres. Sobreviver assim era pior que a morte.

Ao menos, Victor está em paz. E Kailea também. Só sentia pena por ela, repugnância pelo que tinha feito.

Leto voltou a cabeça em direção a Jessica. Seu rosto expressava uma profunda tristeza.

— Os médicos fizeram o que ordenei? Tem certeza?

Obedecendo as ordens do Leto, o cadáver de seu filho tinha sido posto em suspensão criogênica no depósito de cadáveres. Era uma pergunta que fazia todo dia. Parecia esquecer a resposta.

— Sim, meu duque. — Jessica ergueu um pacote que um de seus súditos enviara, com a intenção de afastar sua mente da dor insuportável —. É de uma viúva do continente oriental. Diz que seu marido era funcionário a seu serviço. Note na holofoto. Ela segura uma placa que lhe deram, em honra aos serviços que seu marido prestou à Casa Atreides. Agora, seus filhos anseiam trabalhar para você. — Jessica acariciou seu ombro, e depois tocou o sensor que desconectava a holofoto —. Todos desejam que se recupere.

Os cidadãos tinham depositado velas e flores pelo caminho que subia até o castelo de Caladan. Montanhas de flores se amontoavam debaixo das janelas, para que a brisa do mar transformasse o perfume. As pessoas cantavam onde pudesse ouvi-las. Alguns tocavam a harpa ou o *baliset*.

Jessica desejava que Leto saísse e saudasse a multidão. Queria que se sentasse em seu trono do pátio e escutasse os pedidos, queixas e elogios do povo. Levaria os objetos de seu cargo, pareceria maior que qualquer outro ser humano, como o velho duque lhe tinha ensinado. Leto precisava distrair-se e seguir adiante, e talvez o ritmo da vida cotidiana começasse a curar seu coração destrozado. O ofício da liderança.

Seu povo necessitava dele.

Jessica ouviu um grasnido em frente a janela, e viu que era um falcão marinho, com cabos atados a suas patas. Um adolescente segurava o cabo, e olhava esperançoso para a diminuta janela do castelo. Jessica tinha visto Leto falando com o rapaz em uma ocasião, um dos aldeões amigo do duque. O falcão passou de novo em frente a habitação de Leto, esquadrinhou o interior, como se a multidão concentrada abaixo pudesse ver através dos olhos da ave.

O rosto do duque mergulhou em uma profunda melancolia, e Jessica olhou-o com amor. Não posso protegê-lo do mundo, Leto. Sempre tinha se assombrado com sua fortaleza de caráter. Agora,

preocupava-se com a fragilidade de seu espírito. Embora teimoso e inflexível, o duque Leto Atreides tinha perdido a vontade de viver. O homem que tanto admirava estava morto na prática, apesar de seu corpo estar se recuperando.

Não podia permitir que morresse, não só porque a Bene Gesserit lhe tinha ordenado que concebesse uma filha dele, mas porque ansiava ver Leto recuperado e feliz de novo. Em silêncio, prometeu que faria todo o possível por ele. Murmurou uma oração Bene Gesserit.

— Grande Mãe, cuide daqueles que são dignos de ti.

Durante os dias seguintes se sentou e conversou com Leto repetidamente. O duque respondeu aos serenos e generosos cuidados de Jessica, e começou a melhorar pouco a pouco. A cor retornou a seu rosto magro. Sua voz adquiriu maior energia, e as conversas ficaram cada vez mais longas.

Mesmo assim, seu coração estava morto. Tinha sido informado da traição de Kailea, do assassinato de sua dama de companhia, e de que a mulher a que amara se jogou por uma janela. Mas não sentia raiva por ela, nem obsessão por vingar-se... só uma tristeza doentia. A faísca de amor e paixão tinha desaparecido de seus olhos.

Mas Jessica não se rendia, nem deixava que ele o fizesse.

Pôs um alimentador de aves no balcão, e Leto via freqüentemente carriças, pardais e tentilhões. Deu nome aos pássaros que vinham com freqüência. Para um homem sem o treinamento Bene Gesserit, a capacidade do duque para distinguir animais tão similares impressionava Jessica.

Uma manhã, quase um mês depois da explosão do dirigível, Leto disse a Jessica:

— Quero ver o Victor. — Sua voz era peculiar, carregada de sentimento —. Agora sou capaz de fazê-lo. Me leve até ele, por favor.

Sustentou seu olhar. Jessica viu em seus olhos que nada poderia dissuadi-lo.

Tocou-lhe o braço.

— Ele está... muito pior que Rhombur. Não precisa fazer isso, Leto.

— Sim, Jessica... Devo fazê-lo.

Na cripta, Jessica pensou que o cadáver de Victor parecia quase plácido, conservado no ataúde criogênico. Talvez fosse porque Victor, ao contrário de Rhombur, estava a salvo em um lugar onde a dor não podia alcançá-lo.

Leto abriu a tampa e estremeceu quando introduziu a mão entre a névoa gelada. Apoiou a mão direita sobre o peito envolto do menino. E falou com seu filho morto, fez isso mentalmente, porque não pronunciou qualquer palavra. Seus lábios mal se moveram.

Jessica testemunhou a dor de Leto. Victor e ele não poderiam mais passar momentos juntos. Nunca poderia ser o pai que o menino merecia.

Apoiou a mão sobre o ombro de Leto para consolá-lo. Seu coração se acelerou e procurou acalmá-lo, com técnicas Bene Gesserit. Entretanto, não conseguiu. Ouviu um murmúrio e uma agitação dentro de sua psique, nas profundezas mais recônditas de sua mente. O que era? Não podiam ser os ecos da Outra Memória, porque ainda não era uma reverenda madre. Mas intuiu que as antigas irmãs estavam preocupadas com algo muito grave, que transcendia os limites normais. O que está acontecendo aqui?

— Agora já não tenho a menor dúvida — disse Leto, como se estivesse em transe —. A Casa Atreides está amaldiçoada... e esteve assim desde os tempos de Agamenon.

Quando levou Leto do depósito de cadáveres, Jessica teve que tranquilizá-lo, dizer que estava equivocado. Quis recordar ao duque

tudo o que sua família tinha obtido, o respeito que alcançara por todo Império.

Mas não encontrou as palavras. Tinha conhecido Rhombur, Victor e Kailea. Não podia discutir com os temores de Leto.

# 98

*Somos humanos e carregamos todo o peso de ser humano.*

*Duque LETO ATREIDES*

A chuva repicava nas janelas da habitação de Leto, enquanto pensamentos encadeados desfilavam por sua mente. A tormenta fazia eco com seu estado de ânimo.

Leto tremia em uma cadeira alta que parecia diminuí-lo. Com os olhos fechados, imaginou o rosto de Victor, o cabelo e as sobrancelhas negras do menino, a curiosidade insaciável, a risada pronta e exuberante... a jaqueta ducal infantil e os galões muito grandes que usava no momento de sua morte.

Os olhos de Leto se acostumaram à escuridão. Imaginou que as sombras adotavam formas. Por que não pude ajudar meu filho?

Abaixou a cabeça e falou em voz alta, conversou com fantasmas.

— Se pudesse fazer algo por Victor, por menor que fosse, venderia todas as posses da Casa Atreides.

Sua dor ameaçava enlouquecê-lo.

Ouviu alguém batendo na porta com força. Devia ser Thufir Hawat. Leto se moveu lentamente, sem forças. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Em qualquer outro momento teria a cortesia de receber seu Mestre de Assassinos como merecia... mas agora não, em plena noite.

Hawat abriu a porta.

— Meu duque — disse. Cruzou a habitação e estendeu um cilindro de mensagem prateada —. Este documento acaba de chegar ao espaçoporto.

— Mais condolências? Pensei que todas as Casas do *Landsraad* as tinham enviado. — Leto não conseguia focar seus olhos —. Não me atrevo a esperar que sejam boas notícias.

— Não, meu duque. — O rosto enrugado de Hawat pareceu afrouxar-se —. É dos Bene Tleilax.

Depositou o cilindro nas mãos tremulas de Leto.

Leto rompeu o timbre com o cenho franzido e leu a mensagem, perversa em sua simplicidade, espantoso pela promessa. Tinha ouvido falar de tais possibilidades, práticas sinistras que provocavam calafrios de repugnância em qualquer ser humano normal. Oxalá fosse certo. Tinha evitado pensar nos tleilaxu, mas agora os anões apresentavam a oferta.

Hawat esperava, disposto a servir seu duque, e mal dissimulava seu medo.

— Thufir... Eles se oferecem para cultivar um *ghola* do Victor, ressuscitá-lo de suas células mortas, para que... volte a viver.

Nem mesmo o *Mentat* pôde ocultar seu estupor.

— Meu senhor! Não deve nem pensar...

— Os tleilaxu poderiam faxê-lo, Thufir. Poderia recuperar meu filho.

— A que preço? Acaso mencionam? Isto cheira mau, senhor. Esses homens odiosos destruíram IX. Ameaçaram matá-lo durante o Julgamento por Confisco. Jamais ocultaram seu ódio pela Casa Atreides.

Leto contemplou a mensagem.

— Ainda acreditam que disparei contra suas naves dentro do Cruzeiro. Agora, graças a Bene Gesserit, sabemos quem foi o verdadeiro culpado. Poderíamos contar aos tleilaxu sobre os Harkonnen e sua nave invisível...

O *Mentat* ficou rígido.

— Meu senhor, a Bene Gesserit se negou a nos entregar provas. Os tleilaxu nunca acreditariam sem provas.

Leto falou com voz tênue e desesperada.

— Mas não existe outra chance. Por meu filho negociarei com quem for, pagarei qualquer preço.

Desejava ouvir de novo a voz do menino, ver seu sorriso, sentir o contato de seu mão.

— Devo lembrá-lo que, embora um *ghola* possa ser uma cópia exata em todos os aspectos, o novo menino não possuiria as lembranças de Victor, nem sua personalidade.

— Mesmo assim, não seria melhor que ter só lembranças e um cadáver? Desta vez o nomearei como meu herdeiro legítimo.

A idéia o encheu de um pesar incomensurável. Um *ghola* de Victor cresceria normalmente, ou estaria influenciado pelo conhecimento do que era? E se os Bene Tleilax, tão hábeis em criar *Mentats* pervertidos, manipulassem a estrutura genética do menino? Um complô secreto para atacar o duque através da pessoa que mais amava.

Não obstante, Leto correria o risco de condenar-se por Victor. Estava impotente ante a decisão. Não tinha alternativa.

Hawat falou com voz rouca e tensa.

— Meu senhor, como seu *Mentat*, como seu amigo, aconselho contra esta decisão precipitada. É uma armadilha. Sabe que os tleilaxu pretendem apanhá-lo em seu teia venenosa.

Leto se aproximou mais do Mestre de Assassinos. Hawat retrocedeu quando percebeu a fúria demente que brilhava nos olhos de Leto. Parecia não ter escutado seus protestos.

— Thufir, não posso confiar esta missão a outra pessoa senão a você. — Respirou fundo. O desespero ardia como fogo em sua corrente sangüínea —. Entre em contato com os tleilaxu. Diga-lhes que desejo... — mal pôde pronunciar as palavras — conhecer suas condições. — Seu sorriso provocou um calafrio em Hawat —. Pense nisso, Thufir. Recuperarei meu filho!

O velho guerreiro apoiou uma mão robusta sobre o ombro de Leto.

— Descanse, meu senhor, e reflita nas implicações do que sugere. Não devemos oferecer nossas gargantas aos Bene Tleilax. Imagine o preço. O que pedirão em troca? Aconselho-o a rechaçar esta idéia como impossível.

— Eu sou o duque da Casa Atreides — gritou Leto —. Só eu dito o que é possível aqui.

O tortura de sua vida destruída nublou sua concentração. Havia círculos escuros sob seus olhos.

— Estamos falando de meu filho, meu filho morto, e ordeno que me obedeça. Entre em contato com os tleilaxu.

O dia da chegada de Duncan Idaho deveria ter sido celebrado por todo o planeta, mas a tragédia do dirigível tinha entristecido a todo Caladan.

Um Duncan muito mudado desembarcou no espaçoporto municipal de Caladan e aspirou uma profunda baforada de ar salgado. Olhou ao redor com olhos faiscantes e expressão ansiosa. Viu Thufir Hawat, com o uniforme negro adornado com medalhas militares, à frente de uma guarda de honra. Quantas formalidades! Ajudantes com uniformes vermelhos avançaram para a rampa para escoltar os passageiros até as alfândegas.

Hawat mal reconheceu o recém-chegado. Os cachos negros juvenis de Duncan se transformaram em cabelo espesso e áspero, e sua tez estava bronzeada e avermelhada. O jovem, muito mais musculoso que antes, movia-se com graça atlética, com cautela mesclada com confiança. Usava com orgulho calças cáqui de Ginaz e um lenço vermelho. A espada do velho duque pendia a seu lado, um pouco mais usada, mas recém polida e afiada.

— Thufir Hawat, você não mudou nada, velho *Mentat!*

Duncan correu a apertar a mão do guerreiro.

— Você, entretanto, mudou muito, Duncan Idaho. Ou devo chamá-lo de mestre espadachim Idaho? Me lembro do pirralho que

se entregou à mercê do duque Paulus. Acredito que está um pouco mais alto.

— E mais sábio, espero.

O *Mentat* fez uma reverência.

— Temo que os acontecimentos nos obrigaram a adiar uma celebração de boas-vindas em sua honra. Permita que um de meus homens o acompanhe ao castelo. Leto se alegrará ao ver sua cara de novo. Sargento Vitt, acompanhe Duncan, por favor.

Hawat subiu a rampa e abordou a lançadeira, afim de partir para o Cruzeiro em órbita. Ao ver a expressão perplexa do jovem, Hawat compreendeu que Duncan não sabia nada a respeito da tragédia. Não tinha conhecido o filho de Leto, embora não havia dúvida de que soubesse da existência do menino através da correspondência.

— O sargento Vitt lhe explicará tudo — acrescentou o *Mentat* com o mais lúgubre dos tons.

O sargento, um homem corpulento com cavanhaque, concordou.

— Temo que será a história mais triste que contei.

Sem mais explicações, Hawat entrou na lançadeira, carregando uma bolsa de documentos que o duque enviava aos tleilaxu.

O *Mentat* passou a língua pelo interior da boca e tocou uma zona dolorosa onde lhe tinham implantado um minúsculo injetor. O aparelho projetava um minúsculo mas potente jorro de anti-sépticos, antitoxinas e antibióticos cada vez que mastigava algo. Tinham-lhe ordenado que se reunisse cara a cara com os tleilaxu, e nem sequer um Mestre de Assassinos podia imaginar as enfermidades e venenos que aquela gente odiosa podia utilizar contra ele.

Hawat estava decidido a não permitir que se aproveitassem da situação, face às rigorosas instruções do duque Leto. Discordava com veemência da decisão de Leto, mas devia tirar o máximo partido da situação.

Nas masmorras do castelo de Caladan, depois de um campo de contenção, Swain Goire tinha a vista cravada na escuridão, pensava em outros tempos, em outros lugares. Vestido com um magro uniforme de prisioneiro, tremia por causa da umidade.

Por que sua vida tinha mudado de maneira tão drástica? Tinha lutado por melhorar sua situação. Tinha jurado lealdade ao duque. Tinha amado tanto o pequeno Victor...

Sentado em seu beliche, embalava o hipoinjetor em sua mão, acariciava com o polegar a fria superfície de pláz da manga. Gurney Halleck o tinha passado às escondidas, para facilitar ao capitão da guarda caído em desgraça uma saída honrosa. A qualquer momento, Goire podia injetar veneno nas veias. Se tivesse a coragem... ou a covardia...

Em sua mente, os anos se fundiram como se estivessem derretidos por um raio laser. Goire recordou que tinha crescido na pobreza em Impregna Bay, ganho dinheiro para sua mãe e duas irmãs menores como pescador. Nunca tinha conhecido seu pai. Com a idade de treze anos, Goire conseguira um emprego nas cozinhas do castelo de Caladan, limpando fornos e despensas, esfregado chão. O *chef* era severo mas bondoso, e o ajudara ao jovem.

Quando Goire fez dezesseis anos, pouco depois da morte do velho duque, ingressou na guarda e foi subindo de patente até transformar-se em um dos homens de confiança do duque Leto. O duque e ele diferiam poucos meses, e por diferentes caminhos amaram a mesma mulher: Kailea Vernius.

E Kailea tinha arruinado suas vidas antes de lançar-se de uma janela.

Durante o minucioso interrogatório de Thufir Hawat, Goire não tinha dado desculpas. Confessou tudo, até mesmo como tinha contribuído com delitos adicionais para aumentar sua culpa, com a esperança de sobreviver à dor, ou morrer dela. Devido a sua loucura, tinha permitido a Kailea o acesso a chave do arsenal, e

assim Chiara obteve os explosivos. Nunca conspirou para matar o duque, pois o amava e ainda era assim.

Depois, Gurney Halleck lhe entregara o veneno.

— Aceite a única alternativa que resta — disse, sem a menor sombra de compaixão —. A alternativa da honra.

Deixou o hipoinjetor na cela de Goire e se foi.

Goire acariciou com um dedo a agulha. Com apenas uma espetada, poria fim a sua vida arruinada. Respirou fundo, fechou os olhos. Lágrimas correram sobre suas bochechas.

— Espere, Swain.

Faixas de luz se acenderam no teto. Abriu os olhos e viu a agulha afiada. Suas mãos tremiam. Voltou-se pouco a pouco para a voz.

O campo de contenção se apagou, e o duque Atreides entrou, seguido de Halleck, que parecia aborrecido. Goire ficou petrificado, com o injetor estendido a frente dele. Apenas a visão do duque, ainda enfaixado, mal recuperado de suas piores feridas, esteve a ponto de lhe matar. Aguardou resignado o castigo que Leto decretasse.

O duque fez o pior que podia imaginar. Apoderou-se do injetor.

— Swain Goire, é o homem mais digno de compaixão — disse Leto em voz baixa, como se lhe tivessem arrebatado a alma —. Amava meu filho e jurou protegê-lo, mas contribuiu para a morte dele. Amava Kailea, e me traiu com minha própria concubina que afirmava me amar. Agora Kailea morreu, e jamais poderá recuperar minha confiança.

— Nem a mereço.

Goire olhou para os olhos de Leto, atormentado pela angústia.

— Gurney quer que eu o execute... mas não vou permitir isso — disse Leto, cada palavra como um murro —. Swain Goire, sentencio-o a viver... a viver com o que fez.

O homem guardou silêncio durante um longo momento, estupefato. Brotaram lágrimas de seus olhos.

— Não, meu duque. Não, por favor.

Gurney Halleck o fulminou com o olhar.

— Swain, não acredito que volte a trair a Casa Atreides, mas seus dias no castelo de Caladan terminaram. Enviarei-o ao exílio. Irá sem nada, além de seus crimes.

Halleck não pôde mais se conter.

— Mas, senhor, não pode deixar este traidor vivo, depois de tudo o que fez! Isso é justiça?

Leto lhe dirigiu um olhar frio e duro.

— Gurney, isto é justiça no mais puro sentido da palavra... E um dia meu povo compreenderá que não havia castigo mais apropriado.

Goire se deixou cair contra a parede. Respirou fundo e conteve um gemido.

— Um dia, meu senhor, eles o chamarão de Leto o Justo.

# 99

*Nenhuma pessoa pode saber o que há no coração de outra.  
Todos somos Dançarinos Faciais no fundo da alma.*

*Manual secreto tleilaxu*

Sob o sol de Thalim, os Bene Tleilax fechavam seus planetas aos forasteiros, mas permitiam que representantes seletos aterrissassem em zonas de quarentena específicas, onde não haviam objetos sagrados. Assim que Thufir Hawat partisse, os tleilaxu desinfetariam cada superfície que houvesse meio tocado.

A cidade principal de Bandalong distava cinqüenta quilômetros do complexo do espaçoporto, construída em uma planície desprovida de estradas e vias férreas. Quando a lançadeira desceu, Hawat estudou a imensa extensão e calculou que Bandalong albergava milhões de pessoas. Mas o *Mentat*, um forasteiro, não podia ir à cidade. Conduziria seus assuntos em um dos edifícios do espaçoporto. E depois, voltaria para Caladan.

Hawat estava entre a dúzia de passageiros da lançadeira, a metade dos quais eram tleilaxu. Os outros pareciam homens de negócios que iam comprar produtos biológicos, como olhos novos, órgãos sãos, *Mentats* pervertidos, ou um *ghola*, assim como Hawat.

Quando saiu para a plataforma, um homem de pele cinzenta correu para interceptá-lo.

— Thufir Hawat, *Mentat* dos Atreides? — O diminuto homem exibiu uns dentes afiados quando sorriu —. Sou Wykk. Acompanhe-me.

Sem lhe apertar a mão nem esperar resposta, Wykk conduziu Hawat por uma passarela em espiral até uma rede de rios subterrâneos, onde abordaram um barco automático. De pé na coberta, agarraram-se aos corrimões quando a embarcação acelerou na água lamacenta, deixando uma considerável esteira atrás.

Depois de desembarcar, Hawat se abaixou para seguir seu guia até um vestíbulo imundo, em um dos edifícios periféricos do espaçoporto. Três tleilaxu estavam falando. Outros atravessavam o vestíbulo a bom passo. Não viu mulheres em nenhuma parte.

Uma máquina mensageira (de fabricação ixiana?) deteve-se ante o tleilaxu. Este recolheu um cilindro metálico de uma bandeja e o entregou ao *Mentat*.

— A chave de sua habitação. Deve ficar no hotel.

Hawat observou hieróglifos no cilindro que não reconheceu, e um número em *galach* imperial.

— Dentro de uma hora se encontrará com o Mestre aqui. — Wykk indicou uma das portas, através da qual se viam várias mesas alinhadas —. Se não se apresentar à entrevista, enviaremos investigadores para buscá-lo.

Hawat estava muito rígido, resplandecente em seu uniforme militar.

— Serei pontual.

Sua habitação consistia de uma cama, lençóis manchados e dejetos de inseto nos parapeitos das janelas. Thufir analisou a habitação com um exploratório manual em busca de microfones ou câmaras ocultas, mas não descobriu nenhum, o que devia significar que eram muito sutis para que seu exploratório o detectasse, ou de fabricação esotérica.

Apresentou-se à entrevista dez minutos antes e viu que o restaurante estava ainda mais sujo que a habitação: toalhas manchadas, serviços de mesa sem lavar, copos rachados. Um murmúrio de conversa flutuava no ar, em um idioma que não

entendeu. Todos os aspectos do lugar tinham sido pensados para que os visitantes se sentissem incomodados, para forçá-los a partir o mais rápido possível.

Essa era a intenção de Hawat.

Wykk saiu detrás de um mostrador e o conduziu até uma mesa situada junto a uma ampla janela de plaz. Já havia outro homem diminuto sentado à mesa, que tomava colheradas de sopa. Vestido com uma jaqueta vermelha, calças largas e sandálias, levantou a vista sem se incomodar em secar a sopa que gotejava do seu queixo.

— Mestre Zaaf — disse Wykk, e indicou uma cadeira do outro lado da mesa —, apresento-lhe Thufir Hawat, representante dos Atreides. Em relação a nossa proposta.

Hawat limpou migalhas da cadeira antes de sentar-se à mesa muito pequena para um homem de seu tamanho. Reprimiu qualquer amostra de nojo.

— Em honra a nossos convidados de outros planetas, preparamos uma deliciosa sopa de *bacer* — disse Zaaf.

Um escravo mudo chegou com uma sopeira e verteu o líquido em uma terrina. Outro escravo deixou cair pedaços de carne sanguinolenta diante de ambos os homens. Ninguém se incomodou em identificar a carne.

Sempre consciente da segurança, Hawat olhou ao redor e não viu detectores de veneno. Suas defesas lhe bastariam.

— Não tenho muita fome, considerando a mensagem difícil que trago de meu duque.

O Mestre Zaaf ficou esmiuçando um pedaço de carne com suas pequenas mãos, e o meteu na boca. Fez ruídos grosseiros enquanto comia, como se tentasse ofender Hawat.

Zaaf limpou o queixo com a manga. Olhou para o *Mentat* com os olhos negros cintilantes.

— É habitual compartilhar a comida durante este tipo de negociações. — Trocou seu prato e a terrina pelos de Hawat, e começou outra vez —. Coma, coma!

Hawat utilizou uma faca para cortar uma parte pequena de carne. Só comeu o que a cortesia exigia, e sentiu que o injetor implantado em sua boca funcionava com cada pedaço. Engoliu com dificuldade.

— Trocar os pratos é uma antiga tradição — disse Zaaf —, nossa maneira de mostrar se a comida está envenenada. Neste caso, você, como convidado, devia ter insistido, não eu.

— Não esquecerei disso — respondeu Hawat, e se ateu a suas instruções —. recebemos recentemente uma oferta dos tleilaxu para cultivar um *ghola* do filho de meu duque, falecido em um terrível acidente. — Hawat extraiu um documento dobrado do bolso da jaqueta, passou-o por cima da mesa, e este se manchou imediatamente de gordura e sangue —. O duque Atreides me pediu que pergunte suas condições.

Zaaf mal olhou para o documento, e depois o deixou a um lado para concentrar-se em sua carne. Comeu tanto quanto quis, e depois a mudou de um lugar a outro com um líquido turvo de uma taça. Agarrou o documento e ficou em pé.

— Agora que confirmamos seu interesse, decidiremos o preço que consideramos aceitável. Fique em sua habitação, Thufir Hawat, e aguarde nossa resposta.

Aproximou-se mais do *Mentat*, e Hawat distinguiu o ódio mais encarniçado para os Atreides atrás de suas pupilas.

— Nossos serviços não são baratos.

# 100

*Os humanos são propensos a exigir coisas impossíveis de nosso universo, a formular perguntas absurdas. Com excessiva frequência, fazemos tais perguntas depois de adquirir uma experiência dentro de um marco ou referência que mantém escassa ou nula relação com o contexto onde se formula a pergunta.*

*Observação zensunni*

Em uma de suas poucas tardes de descanso, enquanto tomava sol no pátio de sua propriedade richesiana, a mente do doutor Wellington Yueh seguia preocupada com mapas nervosos e diagramas de circuitos. O laboratório artificial que era a lua de Korona sulcava o céu em uma órbita baixa, coisa que fazia duas vezes ao dia.

Depois de oito anos, Yueh quase tinha esquecido suas experiências desagradáveis com o barão Vladimir Harkonnen. O médico Suk tinha alcançado muitos lucros no ínterim, e suas pesquisas eram mais interessantes que uma simples enfermidade.

Yueh tinha investido o pagamento extravagante do barão nas instalações do laboratório que rodeavam sua nova propriedade em Richese, e conseguira grandes avanços no desenvolvimento de *cyborgs*. Assim que tivesse solucionado o problema do receptor eletronervoso biológico, daria novos passos com rapidez. Novas técnicas, novas tecnologias e, para alegria dos richesianos, novas oportunidades comerciais.

O primeiro-ministro Ein Calimar já tinha obtido humildes benefícios do projeto, e vendia em segredo os desenhos de Yueh para mãos, pés, ouvidos e olhos ópticos-sensores biônicos. Era o empurrão que a economia richesiana necessitava.

O agradecido primeiro-ministro tinha recompensado o médico com uma elegante vila e uma imensa extensão de terreno na península da Manhã, junto com toda uma dotação de criados. Wanna, a mulher de Yueh, desfrutava da casa, sobretudo da biblioteca e dos lagos de meditação, enquanto o médico passava a maior parte de seu tempo nas instalações de pesquisa.

Depois de tomar um gole de chá de flores, o médico viu que um ornitóptero branco e dourado aterrissava sobre uma ampla extensão de grama situada junto à beira da água. Um homem vestido com um traje branco desceu e subiu um suave pendente em sua direção, com passo ligeiro apesar da sua avançada idade. A luz do sol se refletiu nas lapelas douradas.

Yueh se levantou da cadeira e inclinou a cabeça.

— A que devo a honra de sua visita, primeiro-ministro Calimar?

O corpo envelhecido de Yueh era magro e robusto, e seu longo cabelo escuro estava preso em um rabo-de-cavalo por um só aro de prata.

Calimar se sentou a uma mesa sombreada. Enquanto escutava cantos de pássaros gravados que emitiam alto-falantes ocultos nos arbustos, despediu com um gesto um criado que chegava com uma bandeja de bebidas.

— Doutor Yueh, eu gostaria que refletisse sobre o problema Atreides, e sobre Rhombur Vernius, que está gravemente ferido.

Yueh acariciou seu longo bigode.

— Trata-se de um caso infeliz. Muito triste, pelo que me contou minha esposa. A concubina de Rhombur também é uma Bene Gesserit, como minha Wanna, e sua mensagem era muito desesperada.

— Sim, e talvez pudesse ajudá-lo. — Os olhos de Calimar cintilaram por trás de seus óculos —. Estou seguro de que obteria um preço extravagante.

O pedido não agradava Yueh, que se sentia satisfeito em sua propriedade, mas recordou quanto havia por fazer. Não queria

mudar suas instalações, sobretudo para o chuvoso Caladan, mas tinha começado a aborrecer-se neste planeta tão parecido com um parque, ainda mais porque não encontrava outros desafios além do trabalho iniciado há anos.

Pensou nas lesões de Rhombur.

— Jamais realizei uma substituição tão completa de um corpo humano. — passou um dedo pelo bigode —. Será uma tarefa formidável, e exigirá grande parte de meu tempo. Talvez tenha que me instalar em Caladan.

— Sim, e o duque Atreides pagará com generosidade. — Os olhos de Calimar continuavam brilhando atrás de seus óculos —. Não podemos desperdiçar uma oportunidade como esta.

O salão principal do castelo de Caladan parecia muito grande, assim como o trono ducal, do qual Paulus Atreides tinha administrado justiça durante tantos anos. Leto parecia incapaz de encher os imensos espaços que o rodeavam, ou o de seu coração. De qualquer modo, tinha saído de seus aposentos. Era um progresso, ao menos.

— Duncan Idaho me informou que algo a preocupa muito, Tessia. — Leto olhou para a esbelta mulher que se erguia diante dele, de cabelo castanho muito curto —. Pediu que viesse um médico Suk, um especialista em *cyborgs*?

Tessia, que vestia um manto de veludo resplandecente, remexeu-se sobre seus pés e assentiu. Não afastou seus olhos sépia dele, os quais projetavam uma determinação quase desafiante.

— Disseram-me que encontrasse uma forma de ajudá-lo. Foi o que fiz. É a única chance de Rhombur. — Seu rosto se ruborizou —. Por que negar-lhe isso?

Duncan Idaho, o novo mestre espadachim, vestido com o uniforme negro e vermelho Atreides, franziu o cenho.

— Falou em nome do duque, fez promessas sem avisá-lo antes? Não é mais que uma concubina...

— Meu duque me deu permissão para dar os passos necessários. — Tessia se voltou para Leto —. Prefere que Rhombur continue como está, ou quer pedir aos tleilaxu que cultivem partes do corpo substitutivas? Meu príncipe preferiria morrer, se essa fosse a única alternativa. Os experimentos com *cyborgs* do doutor Yueh nos oferecem outra possibilidade.

Enquanto Duncan continuava carrancudo, Leto assentiu sem perceber. Estremeceu ao pensar nas mudanças que o corpo de seu amigo sofreria.

— Quando o médico Suk deve chegar?

— Dentro de um mês. Rhombur continuará em manutenção vital até esse momento, e o doutor Yueh necessita tempo para construir os componentes que compensarão as... perdas de Rhombur.

Leto respirou fundo. Tal como seu pai tinha insistido muitas vezes, um líder sempre devia manter o controle, ou dar a impressão de que o fazia. Tessia agira impulsivamente, falado em seu nome, e Duncan Idaho tinha razão em zangar-se. Mas Leto jamais se oporia a pagar todos os Solaris necessários para ajudar Rhombur.

Tessia se ergueu em toda sua estatura, e o amor que brilhou em seus olhos era autêntico.

— Há complexidades políticas que devem ser levadas em conta, senhor — advertiu Duncan Idaho —. Vernius e Richese foram rivais durante gerações. Pode se tratar de uma conspiração.

— Minha mãe era uma Richese — disse Leto —, e portanto, eu também, embora pelo ramo feminino. O conde Libam, um simples pavão de Richese, não se atreveria a nos atacar.

Duncan franziu o sobrecenho.

— Os *cyborgs* se compõem de partes vivas, uma mescla de corpo e máquina.

Tessia não recuou.

— Enquanto nenhuma das partes imitar o funcionamento de uma mente humana, não temos nada a temer.

— Sempre há algo que temer — disse Duncan, pensando na inesperada emboscada e matança de Ginaz. Desejava falar como Thufir Hawat, que ainda não tinha retornado das negociações com os tleilaxu —. Os fanáticos não examinam as provas com racionalidade.

Leto ainda não se recuperara totalmente de suas feridas. Exalou um suspiro de cansaço e ergueu uma mão para silenciar o jovem, antes que continuasse discutindo.

— Basta, Duncan, Tessia. Claro que pagaremos. Se houver uma possibilidade de salvar Rhombur, nós a aproveitaremos.

Em uma tarde nublada, Leto estava sentado em seu estúdio tentando concentrar-se nos negócios de Caladan. Durante anos, mesmo quando sua relação se deteriorara, Kailea tinha trabalhado mais do que Leto tinha suspeitado. Suspirou e voltou a repassar os números.

Thufir Hawat irrompeu na habitação, recém-chegado do espaçoporto. Muito preocupado, o *Mentat* deixou cair um cilindro de mensagem selada sobre a mesa e retrocedeu, enojado.

— Dos tleilaxu, senhor. Suas condições.

O duque Leto levantou o cilindro, olhou com ar pensativo para Hawat, em busca de alguma pista, alguma reação. Atemorizado de repente, abriu o cilindro. Uma folha de papel caiu com tanta suavidade como se fosse feita de pele humana. Leu as palavras rapidamente, e seu pulso se acelerou.

“Aos Atreides: depois do seu ataque contra nossas naves de transporte e sua tortuosa fuga através da justiça, os Bene Tleilax aguardaram a oportunidade da desforra.”

As palmas das suas mãos se umedeceram de suor quando continuou. Leto sabia que Thufir Hawat discordava da idéia de oferecer aos tleilaxu informação sobre a nave de ataque invisível Harkonnen. Se muita gente soubesse da perigosa tecnologia, podia cair em mãos erradas. Por enquanto, os restos pareciam a salvo com as Bene Gesserit, que não tinham aspirações militares.

Não obstante, uma coisa era certa: os tleilaxu nunca acreditariam sem provas.

“Podemos lhe devolver seu filho, mas em troca de um preço. Não serão Solaris, especiaria, nem outros produtos valiosos. Exigimos que nos entregue o príncipe Rhombur, o último membro da linhagem Vernius e a única pessoa que continua ameaçando nossa posse do Xuttuh.”

— Não... — sussurrou Leto. Hawat observava-o como uma estátua sombria.

Continuou lendo.

“Garantimos que Rhombur não sofrerá danos físicos, mas têm que tomar uma decisão. Só assim recuperará seu filho.”

Hawat fervia de cólera quando Leto terminou de ler.

— Deveríamos ter suspeitado. Eu deveria ter previsto.

Leto estendeu o pergaminho a frente dele e falou com voz quase inaudível.

— Deixe-me pensar, Thufir.

— Pensar? — Hawat indagou surpreso —. Meu duque, não pode nem cogitar...

Ao ver o olhar do Leto, o *Mentat* emudeceu. Fez uma reverência e saiu do estúdio.

Leto contemplou as terríveis condições até que seus olhos arderam. Durante gerações, a Casa Atreides tinha defendido a honra, pelo bem da justiça e da integridade. Sentia uma profunda obrigação para com o príncipe exilado.

Mas por Victor... Victor.

De qualquer forma, não seria preferível que Rhombur tivesse morrido? Sem substitutos *cyborg* desumanos? Enquanto Leto refletia sobre isto, sentiu um silêncio escuro em sua alma. A história o julgaria severamente por vender Rhombur para seus inimigos? Seria conhecido como Leto o Traidor, em vez de Leto o Justo? Era uma alternativa impossível.

A intensa solidão da liderança o envolveu.

No fundo de sua alma, no núcleo onde só ele podia encontrar a verdade absoluta, o duque Leto Atreides vacilou.

O que é mais importante, meu filho ou meu melhor amigo?

# 101

*O ego é apenas um fragmento da consciência que nada no oceano das coisas escuras. Somos um enigma para nós mesmos.*

*O Manual Mentat*

Jessica estava em seus aposentos deitada junto ao duque Leto em sua ampla cama, e tentava acalmar seus pesadelos. Certo número de cicatrizes em seu peito e pernas necessitavam de mais curativos de nova pele para curá-las completamente. Quase todo o corpo de Leto tinha curado, mas a tragédia o devorava, além da terrível decisão que devia tomar.

Seu amigo ou seu filho?

Jessica tinha certeza de que ver um *ghola* de Victor todos os dias aumentaria sua dor, mas até o momento fora incapaz de dizer o que pensava. Procurava as palavras adequadas, o momento adequado.

— Duncan está zangado comigo — disse Leto, e desviou a vista de seus olhos verdes —. E Thufir também, e até é provável que Gurney. Todos se opõe às minhas decisões.

— São seus conselheiros, meu senhor — disse a jovem com cautela —. Essa é a função deles.

— Neste assunto tive que lhes dizer que calassem suas opiniões. Sou eu quem deve tomar a decisão, Jessica, mas o que devo fazer? — O rosto do duque se nublou de ira, e seus olhos se escureceram —. Não tenho mais opções, e só os *tleilaxu* podem fazê-lo. Sinto muitas saudades de meu filho. — Seus olhos suplicaram compreensão, apoio —. Como posso escolher? Como posso negar? Os *tleilaxu* me devolverão Victor.

— Ao preço de Rhombur... e talvez ao preço de sua alma. Sacrificar seu amigo por uma falsa esperança... Temo que será sua perdição. Não faça isso, Leto, rogo-lhe.

— Rhombur devia ter morrido quando a nave caiu.

— Talvez, mas isso estava nas mãos de Deus, não nas suas. Ele ainda vive. Apesar de tudo, ainda possui a vontade de viver.

Leto meneou a cabeça.

— Rhombur nunca se recuperará de suas feridas. Nunca.

— Os experimentos com *cyborgs* do doutor Yueh lhe darão uma oportunidade.

Leto a fulminou com o olhar, na defensiva de repente.

— E se as partes robóticas não funcionarem? E se Rhombur as recusar? Possivelmente estaria melhor morto.

— Se o entregar aos tleilaxu, nunca lhe proporcionariam uma morte piedosa. — Jessica fez uma pausa e sugeriu em tom suave —: Talvez deveria ir vê-lo outra vez. Olhem para seu amigo e escute o que seu coração lhes diz. Olhe para Tessia, esquadrinhe seus olhos. Depois, fale com Thufir e Duncan.

— Não preciso lhes dar explicações, nem a eles nem a ninguém. Sou o duque Leto Atreides!

— Sim, você é. E também é um homem. — Jessica se esforçou por controlar suas emoções. Acariciou-lhe o cabelo —. Leto, sei que age impulsionado pelo amor, mas às vezes o amor guia uma pessoa pelo caminho errado. O amor pode cegá-lo para a verdade. Segue o caminho errado, meu duque, e no fundo de seu coração sabe disso.

Embora ele lhe desse as costas, não desistiu.

— Nunca deve amar os mortos mais que aos vivos.

Thufir Hawat, preocupado como sempre, acompanhou o duque ao hospital. O módulo de manutenção vital de Rhombur estava

coberto de tubos intravenosos, cateteres e exploratórios. O zumbido da maquinaria ressoava na habitação. Hawat baixou a voz.

— Isto só pode conduzir à sua ruína, meu duque. Aceitar a oferta dos tleilaxu seria uma traição, uma ação desonrosa.

Leto cruzou os braços sobre o peito.

— Você serviu à Casa Atreides durante três gerações, Thufir Hawat, e se atreve a pôr em dúvida minha honra?

O *Mentat* insistiu.

— Os médicos tentam estabelecer um sistema de comunicação com o cérebro de Rhombur. Logo poderá falar de novo, e lhe dirá com suas próprias palavras...

— Sou eu quem deve tomar a decisão, Thufir. — Os olhos de Leto pareciam mais escuros que de costume —. Fará o que eu disser, ou terei que conseguir um *Mentat* mais dócil?

— Como ordenar, meu duque. — Hawat fez uma reverência —. Não obstante, seria melhor deixar que Rhombur morresse agora, antes de permitir que caia nas mãos dos tleilaxu.

O doutor Yueh e sua equipe tinham concordado em adiantar sua chegada para começar o complicado processo de reconstruir Rhombur parte por parte. Em um amálgama de engenharia e tecnologia médica, o médico Suk entrelaçaria máquina com tecido, e tecido com máquina. Novo e velho, duro e macio, capacidades perdidas restauradas. Se Leto desse permissão, o doutor Yueh e sua equipe brincariam de ser Deus.

Brincariam de ser Deus.

Os Bene Tleilax também faziam isso. Mediante outras técnicas, podiam devolver o perdido, o morto. Só necessitavam de umas poucas células, conservadas com supremo cuidado...

Leto respirou fundo e se aproximou do módulo. Olhou o horror enfaixado, os restos queimados de seu amigo. Tocou a escorregadia superfície de cristal, com uma estranha mescla de medo e fascinação. As lágrimas escorreram por suas bochechas.

Um *cyborg*. Rhombur o odiaria por isso, ou lhe agradeceria? Ao menos, conservaria a vida. Mais ou menos.

O corpo de Rhombur estava tão retorcido e mutilado que não parecia mais humano. Tinham adaptado objetos de vestir à massa de carne e osso, estreitos fragmentos de malha sobressaíam pelos tubos e as capas. Tinha uma parte da cabeça e do cérebro esmagados, e só restava um olho injetado em sangue... desfocado. A sobrancelha era loira, a única sugestão de que se tratava na verdade do príncipe Vernius.

Nunca devem amar os mortos mais que aos vivos.

Leto apoiou uma mão sobre a barreira de plaz transparente. Viu os cotos dos dedos e a fusão de carne e metal onde tinha usado seu anel de jóias de fogo.

— Não o decepcionarei, amigo — Leto prometeu num sussurro —. Conte comigo.

Nos barracões da guarda, dois homens estavam sentados a uma mesa de madeira, enquanto iam consumindo uma garrafa de vinho de arroz pundi. Embora a princípio não se conhecessem, Gurney Halleck e Duncan Idaho já conversavam como amigos de toda a vida. Tinham muitas coisas em comum, sobretudo um intenso ódio pelos Harkonnen... e um amor sem limites por Leto.

— Estou muito preocupado com ele. Esse assunto do *ghola*... — Duncan meneou a cabeça —. Não confio em *gholas*.

— Nem eu, amigo.

— Esse ser seria um pálido aviso da pior época que Leto viveu, sem lembranças de sua existência anterior.

Gurney bebeu um longo gole de vinho, levantou o baliset e começou a tocar.

— E o preço... Sacrificar Rhombur! Mas Leto não quis me escutar.

— Leto já não é o mesmo de antes.

Gurney parou de tocar.

— E quem seria... depois de tanto sofrimentos?

O Mestre tleilaxu Zaaf chegou a Caladan, acompanhado de dois guarda-costas com armas escondidas. Altivo e desdenhoso, caminhou até Thufir Hawat, que esperava no salão principal do castelo, e elevou a vista para o *Mentat*, muito mais alto.

— Vim buscar o corpo do menino, afim de prepará-lo para nosso tanque de *axotl*. — Zaaf entreabriu os olhos, confiante de que Leto se renderia a suas exigências —. Também tenho tudo preparado para transportar a unidade de manutenção vital de Rhombur Vernius até as instalações médicas e experimentais de Tleilax.

Ao observar o *rictus* de sua boca, Hawat soube que aqueles monstros cometeriam atrocidades com o corpo destruído de Rhombur. Experimentariam, cultivariam clones das células vivas, e talvez torturassem também os clones. Com o tempo, a terrível decisão atormentaria Leto. A morte seria melhor para seu amigo que isto.

O representante tleilaxu cutucou mais a ferida.

— Meu povo pode fazer muitas coisas com a genética das famílias Atreides e Vernius. Temos em perspectiva muitas... opções.

— Aconselhei o duque Leto contra esta decisão.

Hawat sabia que deveria enfrentar a ira de Leto, mas como o velho Paulus costumava dizer, “qualquer homem, inclusive o próprio duque, tem que antepor o bem da Casa Atreides ao seu próprio”.

Hawat se demitiria, caso necessário.

Naquele momento, Leto entrou na sala, com um ar de confiança em si mesmo que Thufir não tinha observado fazia muitas semanas. Gurney Halleck e Jessica o seguiam. O duque, com uma inexplicável energia em seu rosto, olhou para Hawat e dedicou uma

inclinação mal esboçada ao embaixador tleilaxu, tal como mandavam as formalidades diplomáticas.

— Duque Atreides — disse Zaaf —, é possível que este acordo comercial crie uma ponte sobre o abismo entre sua Casa e nosso povo.

Leto olhou para o homenzinho.

— Infelizmente, esse abismo nunca será transposto.

Hawat ficou em guarda quando o duque se aproximou mais de Zaaf. Gurney Halleck também parecia disposto ao assassinato. Trocou olhares nervosos com Hawat e Jessica. Quando os guarda-costas tleilaxu ficaram tensos, o guerreiro *Mentat* se preparou para uma batalha dura e sangrenta.

— Recusa nosso acordo? — perguntou o representante tleilaxu, carrancudo.

— Não há acordo a recusar. Decidi que seu preço é muito alto, para Rhombur, para Victor e para minha alma. Sua viagem foi em vão. — A voz do duque era forte e firme —. Não cultivarão um *ghola* de meu filho primogênito, e não se apropriarão de meu amigo, o príncipe Vernius.

Thufir, Hawat e Jessica, estupefatos, contemplaram a cena...

Uma determinação implacável se refletia no rosto de Leto.

— Compreendo seu contínuo e mesquinho desejo de vingança contra mim, embora o Julgamento por Confisco me exonerou de toda culpa. Jurei que não ataquei suas naves dentro do Cruzeiro, e a palavra de um Atreides vale mais que todas as leis do Império. Sua negativa em acreditar demonstra sua estupidez.

O tleilaxu pareceu indignar-se, mas Leto continuou com uma voz fria e cortante, que deteve Zaaf antes de emitir o menor som.

— Encontrei a explicação para o ataque. Sei quem o fez, e como, mas por carecer de provas materiais, informar-lhe não serviria de nada. Em qualquer caso, a verdade não interessa aos Bene Tleilax, só o preço que podem me tirar. E não o pagarei.

Hawat assobiou, e os guardas, sempre alertas, entraram para controlar os guarda-costas tleilaxu, enquanto Gurney e Hawat se colocavam a cada lado do furioso Amo Zaaf.

— Receio que não necessitamos dos serviços dos tleilaxu. Nem hoje nem nunca — disse Leto, e deu meia volta, despedindo-se do embaixador sem cerimônia —. Volte para casa.

Hawat acompanhou com supremo prazer o homenzinho até as portas do castelo.

# 102

*O indivíduo é afligido pela assustadora descoberta de sua mortalidade. A espécie, entretanto, é diferente. Não precisa morrer.*

*PAKDOT KYNES*

*Um manual do Arrakis.*

De todos os projetos de demonstração ecológica que Pardot Kynes tinha criado, a estufa oculta na cova da Depressão de Gelo era seu favorito. Kynes reuniu uma expedição para visitar o lugar, junto com seu lugar-tenente Ommun e quinze seguidores fremen.

Embora não fizesse parte de sua agenda habitual de plantações ou inspeções, Pardot queria ver a cova, com sua água, colibris, umidade que caía do teto, frutas frescas e flores coloridas. Todo isso representava sua visão do futuro de Duna.

O grupo de fremen chamou um verme para que os conduzisse até além da linha de sessenta graus que rodeava as zonas habitadas do norte. Apesar dos anos em que vivia no planeta, Kynes nunca aprendera a montar um verme, de modo que Ommun lhe trouxe um palanquim. O planetólogo montava como uma velha, mas sem a menor vergonha. Não tinha nada a demonstrar.

Em uma ocasião, muito tempo atrás, quando Liet era um menino de um ano, Pardot tinha a sua esposa e o menino à Depressão de Gelo. Frieth, uma mulher que poucas vezes expressava assombro ou estupor, ficou estupefata ao ver a estufa,

A espessa folhagem, as flores e as aves. Pouco antes, entretanto, a caminho da caverna secreta, uma patrulha Harkonnen os atacara. Frieth, graças a seu treinamento fremen e sua rapidez de pensamento, tinha salvo seu marido e seu filho.

Kynes parou de pensar e coçou a barba, enquanto se perguntava se algum dia tinha lhe agradecido...

Desde o dia do casamento do seu filho com Faroula, quando Liet lhe tinha admoestado por sua distração e frieza inconsciente, Kynes tinha pensado muito e repassado as realizações de sua vida: seus anos em Salusa Secundus e Bela Tegeuse, suas audiências com Elrood na corte em Kaitain, suas décadas em Duna como planetólogo imperial...

Tinha dedicado sua carreira a encontrar explicações, a examinar a complexa tapeçaria do ambiente. Compreendia os ingredientes, o poder da água, do sol e do clima, até os organismos do chão, plâncton, líquens, insetos... Como tudo se relacionava com a sociedade humana. Kynes compreendia como as peças se juntavam, ao menos em termos gerais, e estava entre os melhores planetólogos do Império. Chamavam-lhe "leitor de planetas", e o imperador o escolhera para esta missão tão importante.

E não obstante, como podia se considerar um observador imparcial? Como podia se excluir complexa rede de interações que se formava em cada planeta, em cada sociedade? Ele mesmo era uma peça do projeto global, não um pesquisador imparcial. Os cientistas sabiam a milhares de anos que um observador influi no resultado de um experimento... e Pardot Kynes tinha influenciado nas mudanças de Duna.

Como podia tê-lo esquecido?

Depois que Ommun o ajudou a desmontar do verme, a pouca distância da Depressão de Gelo, conduziram-lhe até o penhasco verde e negro que rodeava a cova. Kynes imitou seus movimentos erráticos, até que suas pernas começaram a doer. Nunca seria um verdadeiro fremen, ao contrário de seu filho. Liet possuía todos os conhecimentos de planetologia que seu pai lhe tinha legado, mas o jovem também compreendia a sociedade fremen. Liet era o melhor de ambos os mundos. Pardot só desejava que os dois levassem a melhor.

Ommun subiu o penhasco a grandes pernadas. Kynes nunca teria sido capaz de encontrar o atalho que corria entre as rochas, mas tentou apoiar os pés nos mesmos salientes, nas mesmas pedras lisas, como fazia seu lugar-tenente.

— Depressa, *Umma* Kynes. — Ommun estendeu sua mão —. Não devemos permanecer muito tempo à descoberto.

Fazia muito calor, e o sol queimava o penhasco. Recordou que tinha fugido de uma patrulha Harkonnen fazia muito tempo, com Frieth. Quantos anos tinham se passado?

Kynes pôs o pé em um amplo saliente e rodeou uma curva de pedra parda, até que viu a entrada camuflada que impedia a migração da umidade da cova. Atravessaram-na.

Kynes, *Ommun* e os quinze fremen golpearam suas botas *temag* contra o chão e sacudiram o pó de seus trajes destiladores. Imediatamente, Kynes tirou os filtros do nariz. Outros fremen o imitaram, inalaram grandes baforadas de umidade e cheiro de plantas. Conservou os olhos entreabertos, aspirou a ambrósia das flores, frutos e fertilizantes, das grossas folhas verdes e polens dispersos.

Quatro membros da expedição nunca tinham ido até a caverna, e se precipitaram para frente como peregrinos atrás de um altar venerado. *Ommun* olhou ao seu redor, respirou fundo, orgulhoso de ter participado daquele projeto sagrado desde o primeiro momento. Cuidava de Kynes como uma mãe, e procurava garantir que o planetólogo tivesse sempre o que necessitava.

— Estes trabalhadores substituirão os que estão aqui — disse *Ommun* —. Estabelecemos turnos menos numerosos, porque este lugar sobreviveu, como você disse. A Depressão de Gelo é um ecossistema independente. Agora, não precisa de tanto trabalho para conservá-lo.

Kynes sorriu orgulhoso.

— Como estava previsto. Algum dia, todo Duna será assim, auto-suficiente. — Soltou uma breve gargalhada —. Então, o que os

fremen farão para se manter ocupados?

As aletas do nariz de Ommun se dilataram.

— Este planeta ainda não nos pertence. Antes, teremos que nos desfazer dos malditos Harkonnen.

Kynes piscou e assentiu. Mal pensava nos aspectos políticos do processo. Para ele se tratava apenas de um problema ecológico, não humano. Outra coisa que tinha ignorado. Seu filho tinha razão. O grande Pardot Kynes tinha uma visão limitada, vislumbrava o caminho que conduzia a um futuro... mas sem ver as armadilhas que o espreitavam.

Entretanto, tinha realizado o trabalho ecológico importante. Tinha sido o instigador, o motor da mudança.

— Eu gostaria de ver todo este planeta envolto em uma rede de plantas — disse.

Ommun murmurou um som de aprovação. Tudo que Kynes dissesse era importante, e valia a pena recordar. Entraram na caverna para ver os jardins.

Os fremen conheciam sua missão, e continuariam plantando durante séculos, se fosse necessário. Graças às qualidades geriátricas de sua dieta rica em especiaria, alguns membros da geração mais jovem possivelmente veriam a culminação do grande plano. Kynes se conformava em ver os indícios da mudança.

O projeto da Depressão de Gelo era uma metáfora de todo Duna. Seu plano estava tão internalizado na psique fremen, que continuaria em frente mesmo sem seu guia. Aquela gente assumira o sonho, e o sonho não morreria.

Dali em adiante Kynes seria pouco mais que um símbolo, o profeta da transformação ecológica. Sorriu para si mesmo. Talvez agora tivesse tempo para ver as pessoas que o rodeavam, conhecer sua esposa, com quem tinha casado vinte anos antes, e passar mais tempo com seu filho...

No interior da caverna, examinou árvores anãs carregadas de limões, limas e as laranjas redondas conhecidas como *portyguls*.

Ommun caminhava a seu lado, inspecionava os sistemas de irrigação, os fertilizantes, os progressos das plantações.

Kynes se recordava de ter mostrado a Frieth os *portyguls*, na primeira vez que tinham visitado a cova, e o olhar de prazer no rosto de sua esposa quando provou a fruta doce como o mel. Tinha sido uma das experiências mais maravilhosas de toda sua vida. Kynes contemplou a fruta e decidiu que levaria alguns exemplares para ela.

Quando foi a última vez que lhe dei um presente? Não se lembrava.

Ommun se aproximou das paredes de pedra calcária, tocou-as com os dedos. A rocha cretácea era macia e úmida, pois não estava acostumada a tanta umidade. Distinguiu com seus olhos agudos linhas preocupantes no teto e na parede, rachaduras que não deveriam existir.

— *Umma* Kynes — disse —, estas rachaduras me preocupam. A integridade desta cova não é... confiável, diria eu.

Enquanto os dois homens olhavam, uma das rachaduras se abriu visivelmente.

— Tem razão. É possível que a água faça que a rocha se expanda e assente... Há quantos anos?

O planetólogo arqueou as sobancelhas.

Ommun calculou.

— Vinte, *Umma* Kynes.

Uma rachadura se espalhou pelo teto com um som estrondoso. Outras a seguiram, como uma reação em cadeia. Os fremen levantaram a vista atemorizados, e depois olharam para Kynes, como se o grande homem pudesse evitar o desastre.

— Acho que deveríamos sair da caverna. Agora. — Ommun segurou o braço do planetólogo —. Temos que evacuar o lugar até ter certeza que é seguro.

Outro estrondo ressoou no coração da montanha, quando fragmentos de rocha se deslocaram e tentaram encontrar um novo ponto estável. Ommun puxou o planetólogo, enquanto outros fremen fugiam para a saída.

Mas Kynes vacilou, liberou seu braço do aperto do lugar-tenente. prometera a si mesmo que levaria alguns *portyguls* para Frieth, para lhe mostrar que a amava de verdade... mesmo após muitos anos sem lhe dar atenção.

Correu para a árvore e arrancou algumas frutas. Ommun se precipitou para ele. Kynes apertou os *portyguls* contra o peito, muito contente de ter se lembrado de algo tão importante.

Stilgar deu a notícia a Liet-Kynes.

Em seus aposentos, Faroula estava sentada à mesa com seu filho Liet-chih, enquanto catalogava os potes de ervas que tinha reunido ao longo dos anos. Isolava os potes com resina e verificava a potência das substâncias. Liet-Kynes, sentado em um banco perto de sua esposa e seu filho adotivo, lia um documento que detalhava o inventário da especiaria e as reservas Harkonnen.

Stilgar afastou a cortina e ficou imóvel como uma estátua. Cravou a vista na parede do fundo, sem piscar.

Liet intuiu imediatamente que algo acontecera. Tinha lutado ao lado deste homem, atacado armazéns Harkonnen, matado inimigos. Ao ver que o homem não falava, Liet se levantou.

— O que aconteceu, Stil? O que ocorreu?

— Terríveis notícias — respondeu por fim o homem —. Seu pai, *Umma* Kynes, morreu na caverna da Depressão de Gelo. Ommun, ele e a maioria dos trabalhadores foram apanhados quando o teto desabou. A montanha caiu sobre eles.

Faroula soltou uma exclamação afogada. Liet descobriu que não podia pronunciar a menor palavra.

— Isso é impossível — disse por fim —. Restava muito trabalho por fazer. Havia...

Faroula deixou cair um dos potes. Ele quebrou-se em mil pedaços e espalhou folhas verdes sobre o chão.

— *Umma* Kynes morreu entre as plantas que eram seu sonho — disse.

— Um final digno — disse Stilgar.

Liet continuou sem fala durante um momento. Lembranças e desejos desfilaram por sua mente enquanto escutava sua esposa e Stilgar. Soube naquele momento que o trabalho de Pardot Kynes devia continuar.

O *Umma* tinha treinado bem seus discípulos. Liet-Kynes continuaria seguindo seus passos. A julgar pelo que Faroula acabava de dizer, supôs que a história da trágica morte do profeta, seu martírio, seria transmitida de geração em geração. E não deixaria de aumentar.

Um final digno, com efeito.

Recordou algo que seu pai havia dito: "O simbolismo de uma crença pode sobreviver mais que a própria crença."

— Não pudemos recolher a água dos mortos para nossa tribo — disse Stilgar —. Muita terra e rocha cobria os cadáveres. Temos que deixá-los em sua tumba.

— Como deve ser — disse Faroula —. A Depressão de Gelo será um altar. *Umma* Kynes morreu com seu lugar-tenente e seus seguidores, entregou a água de seu corpo ao planeta que amava.

Stilgar entreabriu os olhos e olhou para Liet.

— Não permitiremos que a visão do *Umma* morra com ele. Tem que continuar sua obra, Liet. Os fremen escutarão o filho do *Umma*. Obedecerão suas ordens.

Liet-Kynes assentiu, aturdido, e se perguntou se sua mãe já sabia da notícia. Tentou ser valente, ergueu os ombros, enquanto as implicações abriam caminho em sua mente. Não só continuaria a

ser o emissário dos fremen no projeto de terraformação... Tinha uma responsabilidade ainda maior. Seu pai apresentara os documentos pertinentes fazia muito tempo, e Shaddam IV os aprovara sem comentários.

— Agora eu sou o planetólogo imperial — anunciou —. Juro que a transformação de Duna continuará.

# 103

*O homem quando enfrenta uma decisão de vida ou morte tem que comprometer-se, ou do contrário continuará preso no pêndulo.*

*De Na casa de meu pai  
da princesa Irulan.*

A estátua do bisavô paterno de Leto, o duque Miklos Atreides, erguia-se no pátio do hospital de Baía City, manchada pelo tempo, musgo o guano. Quando Leto passou em frente a imagem de seu antepassado, que não tinha conhecido, inclinou a cabeça em sinal de respeito e depois subiu uma escada com degraus de mármore.

Embora coxeasse um pouco, Leto tinha se recuperado quase completamente das feridas físicas. Uma vez mais, podia enfrentar cada novo dia sem a negrume do desespero. Quando chegou ao último piso do centro médico, não estava cansado.

Rhombur tinha acordado.

O médico pessoal do duque, que continuara tratando Rhombur até a iminente chegada do médico Suk, recebeu-o.

— Começamos a nos comunicar com o príncipe, meu duque.

Enfermeiros com bata branca aguardavam ao redor da unidade de manutenção vital. As máquinas zumbiam, como faziam todos os dias há meses. Mas agora era diferente.

O médico deteve o Leto antes que se precipitasse para a unidade.

— Como já sabe, ele sofreu graves traumatismos na parte direita da cabeça do príncipe, mas o cérebro humano é um instrumento muito notável. O cerebelo do Rhombur já transferiu as funções de controle para outras regiões. A informação flui através

de atalhos neurais. Acredito que isto facilitará grandemente a tarefa da equipe *cyborg*.

Tessia se inclinou sobre a unidade e esquadrinhou o interior.

— Eu o amo, Rhombur. Não deve preocupar-se com isso.

Em resposta, palavras sintetizadas surgiram de um alto-falante.

— Eu... também... te... amo... e... sempre... o... farei.

As palavras eram claras e precisas, inconfundíveis, mas com uma breve pausa entre cada uma, como se Rhombur ainda não tivesse se acostumado aos processos da linguagem.

O duque ficou transtornado. Como pude pensar sequer por um momento em entregá-lo aos tleilaxu?

A unidade estava aberta, revelava os restos de Rhombur, cobertos de tubos, cabos e conexões.

— A princípio — disse o médico —, só pudemos falar com ele utilizando um código ixiano, pulsações e golpes. Mas agora, conseguimos conectar o sintetizador de voz com seu centro da linguagem.

O único olho do príncipe estava aberto, e mostrava vida e consciência. Durante longos momentos, Leto contemplou o rosto quase irreconhecível, e não soube o que dizer.

O que está pensando? Desde quando está consciente do que lhe aconteceu?

Palavras sintetizadas surgiram pelo alto-falante.

— Leto... amigo... Como... estão... os... leitos... de... jóias... coralinas... este... ano? Já... foi... mergulhar... ?

Leto riu, quase enjoado de alívio.

— Melhor que nunca, príncipe. Iremos juntos... logo. — De repente, as lágrimas alagaram seus olhos —. Eu sinto muito, Rhombur. Só merece a verdade.

Os restos do corpo do Rhombur não se moveram, e Leto só observou um músculo espasmódico que se agitava sob sua pele. A

voz artificial do alto-falante não comunicava sentimentos nem inflexões.

— Quando... for... um... cyborg... criaremos... um... traje... especial. Iremos... mergulhar... outra... vez. Você... Verá.

Fosse como fosse, o príncipe exilado tinha aceito as dramáticas mudanças sofridas por seu corpo, até a perspectiva dos substitutos *cyborg*. Seu bom coração e otimismo contagiante tinham ajudado Leto a superar os piores momentos posteriores à morte do velho duque. Agora, Leto lhe devolveria o favor.

— Notável — disse o médico.

O olho de Rhombur não se separava do Leto.

— Quero... uma... cerveja... Harkonnen.

Leto riu. Tessia lhe apertou o braço. O príncipe ainda deveria suportar oceanos de dor, tanto físicos como psíquicos.

Rhombur pareceu intuir o pesar de Leto, e sua fala melhorou um pouco.

— Não... fique... triste... por mim. Alegre-se. Aguardo... com ânsia... minhas... partes *cyborg*. — Leto se aproximou mais —. Sou... ixiano... Estou... acostumado... às máquinas.

Tudo parecia muito irreal a Leto, impossível. E não obstante, estava acontecendo. Ao longo dos séculos, as tentativas de construir um *cyborg* sempre tinham falhado, quando o corpo rejeitava as partes sintéticas. Os psicólogos afirmavam que a mente humana se negava a aceitar uma intrusão mecânica tão drástica. O medo introjetado remontava aos horrores da era pré-butleriana. Em teoria, o médico Suk, com seu intensivo programa de pesquisa em Richese, tinha solucionado estes problemas. Só o tempo o diria.

Mas embora os componentes funcionassem como se prometia, Rhombur funcionaria pouco melhor que os antigos *meks* ixianos. A adaptação não seria fácil, e um controle delicado nunca seria possível. Em vista das feridas e sequelas, Tessia o abandonaria e retornaria à Irmandade?

Desde pequeno, Leto tinha escutado fascinado as histórias que Paulus e seus soldados veteranos contavam sobre homens gravemente feridos que tinham realizado façanhas incríveis. Leto nunca tinha presenciado com seus próprios olhos.

Rhombur Vernius era o homem mais corajoso que Leto conheceria.

Duas semanas depois, o doutor Wellington Yueh chegou de Richese, acompanhado por sua equipe de vinte e quatro homens e mulheres, e duas lançadeiras carregadas com equipamento médico e fornecimentos.

O duque Leto Atreides fiscalizou em pessoa o desembarque do grupo. O esquelético Yueh mal teve tempo de apresentar-se, pois imediatamente foi cuidar da descarga das caixas cheias de instrumentos e próteses.

Caminhões terrestres transportaram o pessoal e o carregamento até o centro médico, onde Yueh insistiu em ver o paciente imediatamente. O médico Suk olhou para Leto quando entraram no hospital.

— Deixarei-o novo, senhor, embora demorará certo tempo para acostumar-se com seu novo corpo.

— Rhombur o obedecerá em tudo.

Tessia não se apartou do lado de Rhombur. Yueh avançou agilmente para a unidade, estudou as conexões, as leituras de diagnósticos. Depois, olhou para o príncipe, que o contemplou com seu único olho, mergulhado em carne rasgada.

— Prepare-se, Rhombur Vernius — disse Yueh acariciando seu longo bigode —. Tenho a intenção de fazer a primeira intervenção cirúrgica amanhã.

A voz sintética de Rhombur flutuou na habitação, mais suave agora que a estava controlando.

— Desejo... apertar... sua mão.



# 104

*O amor é uma força antiquíssima, que cumpriu um propósito em seu tempo, mas já não é essencial para a sobrevivência da espécie.*

*Axioma Bene Gesserit*

Leto olhou do alto do escarpado e viu que a guarda havia sido dobrada na praia, tal como tinha ordenado, sem mais explicações. Preocupado com o estado mental do duque, Gurney, Thufir e Duncan o espiavam como falcões Atreides, mas Leto sabia como escapar dele.

O sol brilhava em um céu azul espaçoso, mas uma sombra pendia sobre ele. O duque vestia uma blusa branca de manga curta e calças azuis, roupa confortável sem os distintivos de sua posição. Respirou fundo e olhou ao longe. Talvez pudesse ser apenas um homem durante um breve momento.

Jessica correu até alcançá-lo, embelezada com um vestido decotado.

— No que está pensando, meu senhor?

Seu rosto mostrava uma profunda preocupação, como se temesse que saltasse para o abismo, assim como Kailea. Talvez Hawat a tivesse enviado para vigiá-lo.

Ao ver os homens agrupados na praia, Leto sorriu. Sem dúvida tentariam segurá-lo com seus braços se caísse.

— Estou distraíndo os homens, para poder me exercitar. — Olhou para o rosto ovalado de sua concubina. Não seria fácil enganar Jessica, com seu treinamento Bene Gesserit, e sabia que

não devia tentar —. Já estou farto de conversa, conselhos e pressões... Tenho que escapar para encontrar um pouco de paz.

Ela tocou seu braço.

— Se não os distrair, insistirão em enviar um cortejo de guardas para que me acompanhem. — Duncan Idaho começou a treinar as tropas em técnicas que tinha aprendido na escola de Ginaz. Leto se virou para ela—. Agora, poderei escapar.

— Ah! Para onde vamos? — perguntou Jessica sem a menor vacilação. Leto franziu o sobrecenho, mas ela o interrompeu antes que pudesse protestar —. Não permitirei que vá sozinho, meu senhor. Prefere ir com todo o corpo de guarda, ou só comigo?

Leto meditou e, com um suspiro, apontou para o hangar de tópteros situado na beira das pistas de aterrissagem próximas.

— Suponho que é melhor que todo um exército.

Jessica o seguiu. Leto ainda sentia ondas de dor. O fato de ter pensado em pagar o execrável preço exigido pelos tleilaxu em troca de um *ghola* de Victor demonstrava como estivera perto da loucura. Mas no final, Leto tomara a decisão correta.

Confiava em que fosse o primeiro passo para a cura.

Dentro do hangar havia diversos ornitópteros, alguns com as cobertas dos motores abertas. Os mecânicos trabalhavam sobre plataformas de suspensão. Leto se encaminhou para um tóptero de casco esmeralda com os falcões vermelhos Atreides na parte inferior das asas. Tinha uma cabine com dois assentos, um atrás do outro.

Um homem com macacão cinza tinha a cabeça colocada dentro do compartimento dos motores, mas a tirou quando o duque se aproximou.

— Alguns ajustes finais, meu senhor.

Tinha o lábio superior barbeado e uma barba grossa rodeava seu rosto, o que lhe dava um aspecto simiesco.

— Obrigado, Keno. — Distraído, o duque acariciou o flanco da nave —. O tóptero de corridas do meu pai — explicou a Jessica —. Ele o chamava de Falcão Verde. Eu aprendi a pilotar com ele. — Permitiu-se um sorriso agridoce —. Thufir ficava uma fera ao ver o duque e seu único filho correndo perigo conscientemente. Acredito que meu pai fazia isso só para irritá-lo.

Jessica examinou o estranho aparelho. Suas asas eram estreitas e curvadas para cima, com o focinho dividido em duas seções aerodinâmicas. O mecânico terminou seus ajustes e fechou a coberta do motor.

— Preparado para partir, senhor.

Depois de ajudar Jessica a acomodar-se no assento de trás, o duque Leto subiu ao da frente. Um cinto de segurança lhes rodeou pela cintura automaticamente. As turbinas rugiram, e conduziu o tóptero até uma ampla pista de asfalto. Keno os saudou com a mão. Um vento quente revolveu o cabelo de Jessica, até que a coberta de *plexplaz* da cabine se fechou.

Leto manipulou os controles com perícia, ignorando a presença de Jessica. As asas verdes se dobraram para a decolagem, e suas delicadas folhas encaixaram entre si. As turbinas rugiram, e o aparelho ergueu vôo.

Leto estendeu um pouco as asas, girou com brutalidade à esquerda e desceu até a praia, onde seus soldados aguardavam em formação. Levantaram a vista com expressão surpreendida quando viram seu duque passar.

— Verão que voamos para o norte costeando a borda — gritou Leto para Jessica —, mas quando nos perdermos de vista, iremos para oeste. Não poderão... não poderão nos seguir.

— Estaremos sozinhos.

Jessica confiava que o estado de ânimo do duque melhoraria com esta viagem improvisada, mas ela ficaria com ele apesar de tudo.

— Sempre me sinto sozinho — respondeu Leto.

O ornitóptero sobrevoou campos de arroz pundi e pequenas fazendas. As asas se estenderam ao máximo e começaram a bater como os apêndices de um grande pássaro. Viram hortas, o estreito rio Syubi e uma modesta montanha do mesmo nome, o ponto mais elevado da planície.

Voaram em direção oeste por toda tarde sem divisar nenhum outro avião. A paisagem mudou, tornou-se mais escarpada e montanhosa. Depois de divisar um povoado situado junto a um lago alpino, Leto examinou os instrumentos e mudou de direção. Ao fim de pouco tempo, as montanhas deram lugar a planícies cobertas de erva e *canyons* abruptos. Leto reduziu a extensão das asas e se desviou à direita para descer para um desfiladeiro profundo.

— O *canyon* de Agamenon — disse Leto —. Vê os terraços? — Apontou para um lado —. Foram construídas pelos primeiros habitantes de Caladan, cujos descendentes ainda vivem aí. Os forasteiros quase nunca os vêem.

Jessica distinguiu um homem de pele marrom, rosto estreito e escuro, antes que se escondesse em um oco rochoso.

Leto continuou descendo, para um largo rio de água transparente. À luz do dia que desfalecia, voaram, sobre a corrente, entre as paredes da garganta.

— É muito bonito — disse Jessica.

O rio minguava em um *canyon* lateral, flanqueado por praias arenosas. O ornitóptero pousou sobre uma das bordas com suavidade.

— Meu pai e eu vínhamos pescar aqui.

Leto abriu uma escotilha lateral do tóptero e tirou uma espaçosa autotenda, que se montou e estabilizou com estacas na areia. Baixaram um colchão pneumático e um saco de dormir duplo, assim como sua bagagem e rações alimentícias.

Ficaram sentados por um momento na borda, conversando, enquanto as sombras do entardecer pousavam sobre a garganta e a temperatura caía. Se encolheram juntos, e Jessica apoiou seu

cabelo avermelhado contra seu pescoço. Grandes peixes saltavam em direção contrária à corrente.

Leto teimou em seu silêncio sombrio, o que fez Jessica esquadrihar seus grandes olhos cinzentos. Quando notou que os músculos de sua mão se esticavam, deu-lhe um longo beijo.

Contra seu treinamento na Irmandade, de todos os sermões que Mohiam tinha lhe dado, Jessica tinha quebrado uma das principais normas da Irmandade. Apesar das suas intenções, apesar da sua lealdade à Irmandade, apaixonara-se por este homem.

Abraçaram-se, e Leto contemplou o rio durante um longo momento.

— Vejo Victor, Rhombur... as chamas. — Apoiou a cabeça contra suas mãos —. Pensei que poderia escapar dos fantasmas se viesse aqui. — Olhou para ela, com expressão desolada —. Não devia permitir que me acompanhasse.

O vento começou a soprar com força no *canyon* estreito, açoitou a tenda, e grossas nuvens apareceram no céu.

— É melhor entrarmos antes que a tormenta chegue.

Correu para fechar a escotilha do tóptero, e quando retornava começou a chover com força. Escapou da água por pouco.

Compartilharam uma ração alimentícia quente dentro da tenda, e mais tarde, quando Leto se deitou para dormir, ainda preocupado, Jessica se aproximou e começou a beijar-lhe o pescoço. A tormenta desabou com toda sua violência, como se exigisse sua atenção. A tenda batia e matraqueava, mas Jessica se sentia a salvo e quente.

Quando fizeram amor, Leto se agarrou a ela como um náufrago a uma balsa, com a esperança de encontrar uma ilha de segurança no furacão. Jessica respondeu ao seu desespero, com medo da sua intensidade, quase incapaz de estar à altura daquela explosão de amor. Leto parecia uma tormenta também, descontrolada e elementar.

A Irmandade nunca tinha lhe ensinado a dominar algo assim.

Jessica, rasgada emocionalmente, mas decidida, deu a Leto o presente mais prezado que podia oferecer. Manipulou a química do seu corpo ao modo Bene Gesserit, imaginou a fusão do esperma de Leto e seu óvulo... e se permitiu conceber um filho.

Embora tivesse recebido instruções explícitas da Irmandade de conceber apenas uma filha, Jessica tinha atrasado o momento e refletido durante meses antes da sua decisão. Compreendeu que não podia continuar sendo testemunha da angústia de Leto. Tinha que fazer isto por ele.

O duque Leto Atreides teria outro filho.

# 105

*Como meus filhos me recordarão?*

*Esta é a verdadeira medida de um homem.*

*ABULURD HARKONNEN*

A nave industrial se erguia no céu plúmbeo, a pouca distância da fortaleza do barão. Dentro da área de carga da nave, Glossu Rabban pendia com os braços e pernas aberto. Suas mãos e tornozelos estavam presos por grilhões, nada mais impedia que caísse nas ruas de *Harko City*. Seu uniforme azul estava rasgado, e tinha o rosto contundido e ensanguentado por causa da luta com os soldados do capitão Kryubi, os quais o tinham preso seguindo as ordens do barão. Foram necessários sete ou oito dos guardas mais fortes para controlar a Besta, e não tinham sido cuidadosos. Agora, preso, o homem puxava de um lado a outro, em busca de algo que morder, algo em que cuspir.

O barão Harkonnen se apoiou contra um corrimão, enquanto o vento penetrava pela escotilha aberta, e olhou friamente para seu sobrinho. Os olhos negros do barão eram como poças profundas.

— Dei permissão para matar meu irmão, Rabban?

— Era apenas seu meio-irmão, tio. Era um imbecil! Pensei que seria melhor...

— Nunca tente pensar, Glossu. Não serve para isso. Responda a minha pergunta. Dei permissão para matar um membro da família Harkonnen?

Como a resposta não veio com a velocidade necessária, o barão moveu uma alavanca do painel de controle. O grilhão do tornozelo esquerdo de Rabban se abriu, e uma perna ficou

pendurada sobre o abismo. Rabban se retorceu e gritou, incapaz de fazer qualquer coisa. O barão considerava a técnica primitiva mas eficaz, um bom método de aumentar o medo.

— Não, tio, não me deu permissão!

— Não o que?

— Não, tio... Quero dizer, meu senhor!

O homem corpulento fez uma careta de dor quando se esforçou por encontrar as palavras corretas, pois não conseguia compreender o que seu tio desejava.

O barão falou por uma unidade de comunicação com o piloto da nave.

— Leve-nos sobre minha fortaleza e fique a cinquenta metros sobre o terraço. Creio que o jardim de cactos precisa de um pouco de fertilizante.

Rabban olhou para ele com expressão aflita.

— Matei meu pai porque era um ser fraco. Durante toda sua vida, seus atos desonraram a Casa Harkonnen.

— Quer dizer que Abulurd não era forte... como você e eu.

— Não, meu senhor barão. Não estava à altura de nós.

— E agora decidiste se chamar Besta. É isso correto?

— Sim. *Er*, quero dizer, sim, meu senhor.

Através da escotilha aberta, o barão Harkonnen viu as agulhas da fortaleza. Bem abaixo havia um jardim onde às vezes se dava de presente esplêndidos banquetes, em meio àquelas plantas do deserto.

— Se olhar para baixo, Rabban... sim, acredito que agora tem uma boa perspectiva, verá certas modificações que fizemos no jardim esta manhã.

Enquanto falava, os extremos metálicos de lanças do exército surgiram da terra, entre saguaros espinhosos.

— Está vendo o que plantei para você?

Rabban, que pendia dos três grilhões restantes, retorceu-se para olhar. Seu rosto expressou um horror absoluto.

— Observe que as lanças estão dispostas formando um alvo no seu centro. Se o jogar bem, você se empalará exatamente no centro. Se errar um pouco, ainda podemos ganhar pontos, porque cada lança há um número escrito nela. — acariciou o lábio superior —. *Hummm*, talvez poderíamos jogar escravos em nossos espetáculos. Um conceito emocionante, não acha?

— Meu senhor, não me faça isto, por favor. Precisa de mim!

O barão olhou para ele sem a menor emoção.

— Por que? Já tenho seu irmão, Feyd-Rautha. Nomearei-o como meu herdeiro. Quando tiver sua idade, não cometerá tantos erros como você, tenho certeza.

— Tio, por favor!

— Tem que aprender a prestar atenção no que digo, sempre e em todo momento, Besta. Nunca falo em vão.

Rabban se retorceu e as cadeias tilintaram. Um ar frio penetrava no hangar, enquanto tentava desesperadamente pensar em algo a dizer.

— Quer saber se é um bom jogo? Sim, *er*, meu senhor, é muito engenhoso.

— Assim sou um homem inteligente por tê-lo inventado? Muito mais inteligente que você, não é?

— Imensamente mais inteligente.

— Então, nunca tente se opor a mim. Compreendeu? Sempre estarei dez passos a sua frente, preparado com surpresas que jamais poderia imaginar.

— Compreendo, meu senhor.

— Muito bem — disse o barão, que sentia prazer com o terror que via no rosto do seu sobrinho —. Agora o soltarei.

— Espere, tio!

O barão tocou um botão do painel de controle, e os grilhões de ambos os braços se abriram, deixando Rabban suspenso de cabeça para baixo no ar, preso apenas pelo grilhão do tornozelo direito.

— Caramba. Acho que me enganei de botão?

— Não! — Gritou Rabban —. Está me dando uma lição!

— E a aprendeu?

— Sim, tio! Deixe-me voltar. Farei sempre o que disser.

— Leve-nos a nosso lago privado — disse o barão pelo comunicador.

A nave sobrevoou a propriedade até parar sobre as águas pestilentas de um lago artificial. Seguindo ordens, o piloto desceu a uma distância de dez metros da água.

Ao ver o que o esperava, Rabban tentou agarrar o grilhão restante.

— Isto não é necessário, tio! Eu aprendi...

O resto da frase de Rabban se perdeu em um ressoar de correntes quando o outro grilhão se abriu. O homem caiu na água, agitando braços e pernas.

— Acredito que nunca tive a chance de perguntar — gritou o barão enquanto Rabban se precipitava no lago —. Sabe nadar?

Os homens de Kryubi estavam postados ao redor do lago com equipes de resgate, para o caso de necessidade. Afinal o barão não podia pôr em perigo a vida de seu único herdeiro preparado. Embora jamais admitisse isso a Rabban, estava satisfeito com a perda de seu irmão Abulurd, ele era muito mole. Era necessário ter colhões para matar o próprio pai, colhões e falta de escrúpulos. Boas características Harkonnen.

Mas eu sou ainda mais desumano, pensou o barão enquanto a nave se dirigia para a pista de aterrissagem. Acabo de demonstrar isso, para impedir que tente me matar. A Besta Rabban só tem que perturbar os fracos. E só quando eu o mandar.

Mesmo assim, o barão enfrentava um desafio muito maior. Seu corpo continuava degenerando a cada dia que passava. Tinha tomado complementos energéticos que colaboravam para manter afastados a fraqueza e o inchaço, mas cada vez era necessário consumir mais e mais pastilhas para obter o mesmo resultado, sem conhecer os efeitos secundários.

O barão suspirou. Era muito difícil automedicar-se, quando não havia bons médicos à mão. A quantos tinha matado por incompetência? Tinha perdido a conta.

# 106

*Alguns dizem que a espera por algo é melhor que esse próprio algo. Em minha opinião, trata-se de uma completa tolice. Qualquer idiota é capaz de imaginar uma recompensa. Eu prefiro o tangível.*

*HASIMIR FENRING,  
Cartas de Arrakis*

A mensagem confidencial chegou à residência de Arrakeen por uma rota tortuosa, de um Mensageiro a outro, de Cruzeiro a Cruzeiro, como se o pesquisador chefe Hidar Fen Ajidica quisesse atrasar a entrega da notícia a Hasimir Fenring.

Muito estranho, já que os tleilaxu estavam vinte anos atrasados.

Ansioso por ler o conteúdo do cilindro, ao mesmo tempo que já pensava em uma série de castigos se Ajidica se atrevesse a dar mais desculpas, Fenring correu para seu estúdio privado, situado no piso mais alto da mansão.

A que mentiras chorosas recorrerá agora esse anão?

Atrás das janelas protegidas por escudos de força, que suavizavam o brilho do sol, Fenring se entregou ao tedioso processo de decodificar a mensagem, enquanto cantarolava para si mesmo. O cilindro tinha sido codificado geneticamente para que só respondesse a seu tato, uma técnica tão sofisticada que se perguntou se os tleilaxu lhe estavam fazendo uma demonstração de suas habilidades. Os anões não eram incompetentes... só irritantes. Supôs que a carta estaria infestada de mais pedidos de material de laboratório, assim como de mais promessas vazias.

Até decodificadas, as palavras careciam de sentido, e Fenring compreendeu que precisavam de uma segunda decodificação. Experimentou uma de onda de impaciência, e depois passou outros dez minutos lutando com as palavras.

Quando o verdadeiro texto saiu à luz por fim, Fenring o contemplou com seus grandes olhos. Piscou duas vezes, e voltou a ler a nota de Ajidica. Assombroso.

O chefe da guarda, Willowbrook, apareceu na porta, picado pela curiosidade. Conhecia as freqüentes conspirações e a missão secreta do conde, mas também era consciente de que não devia fazer muitas perguntas.

— Quer que peça um café, senhor Fenring?

— Afaste-se — disse Fenring sem se virar —, do contrário ordenarei que o transfiram para o quartel general dos Harkonnen em Carthag.

Willowbrook afastou-se rapidamente.

Fenring se sentou com a mensagem nas mãos, memorizou cada palavra e destruiu o papel. Adoraria transmitir a notícia ao imperador. Finalmente. Seus lábios se curvaram em um sorriso.

O plano fora posto em andamento antes mesmo da morte do pai de Shaddam. Agora, depois de décadas, o trabalho tinha dava resultados.

“Conde Fenring, temos a satisfação de informar que a seqüência final de desenvolvimento parece satisfazer nossas expectativas. Estamos seguros de que o Projeto Amal culminou em êxito, e a próxima rodada de análises o demonstrará. Esperamos iniciar a produção em grande escala dentro de poucos meses.

“O imperador não demorará a contar com seu fornecimento de melange barato e inesgotável, um novo monopólio que porá a seus pés os grandes poderes do Império. Todas as operações de coleta de especiaria em Arrakis perderão importância.”

Fenring tentou conter um sorriso de satisfação. Aproximou-se da janela e contemplou as ruas poeirentas de Arrakeen, a aridez e

o calor impossíveis. Entre as massas de gente, viu soldados Harkonnen com seu uniforme azul, mercadores de água vestidos com cores vivas e equipamentos de recoletores de especiaria, altivos pregadores e mendigos esfarrapados, uma economia apoiada em um só recurso: a especiaria.

Logo nada disso importaria a ninguém. Arrakis, e a melange natural, passariam a ser uma curiosidade histórica. O planeta deserto não interessaria a ninguém... e ele poderia dedicar-se a coisas mais importantes.

Aspirou uma profunda baforada de ar. Seria estupendo afastar-se desta rocha.

# 107

*Embora a morte cancele tudo, a vida neste mundo é algo glorioso.*

*Duque PAULUS ATREIDES*

Um homem não deveria assistir ao funeral de seu filho.

De pé na proa da barcaça funerária Atreides, o duque Leto usava um uniforme branco, com todos os distintivos que simbolizavam a morte de seu filho. A seu lado, Jessica tinha posto o hábito negro da Bene Gesserit, que não podia ocultar sua beleza.

Atrás, um cortejo de embarcações seguia à barcaça funerária, todas adornadas com flores e cintas coloridas para celebrar a vida de um menino cujos dias tinham finalizado de forma trágica. Soldados Atreides flanqueavam as cobertas dos navios de escolta, com escudos cerimoniais metálicos que cintilavam quando raios de sol atravessavam a capa de nuvens.

Leto tinha a vista fixa no horizonte, e protegia os olhos com a mão. Victor tinha amado o mar. Ao longe, onde as águas se fundiam com o horizonte curvo, Leto viu tormentas elétricas e fragmentos de céu, talvez uma congregação de *elecrons* que tinham ido para acompanhar a alma do menino até um novo lugar sepultado sob as ondas...

Durante gerações de Atreides, a vida tinha sido reverenciada como a bênção máxima. Os Atreides tinham se importavam com o que um homem fazia quando estava vivo, acontecimentos que podiam experimentar com clareza e desfrutar com todos os seus sentidos. As realizações de uma pessoa possuíam muito maior significado que qualquer vida futura duvidosa. O tangível era mais importante que o intangível.

Oh, como sinto falta de meu filho.

Durante os poucos anos que tinha compartilhado com Victor, tinha tentado instilar energia no menino, como seu pai tinha feito com ele. Cada pessoa devia ter a capacidade de contar com seus próprios recursos, afim de confiar em seus camaradas mas nunca demais.

Hoje necessito de toda a minha energia.

Um homem não deveria assistir ao funeral de seu filho. A ordem natural se quebrara. Embora Kailea não fosse sua esposa, e Victor não fosse o herdeiro ducal oficial, Leto não podia pensar em nada mais terrível que pudesse acontecer a uma pessoa. Por que tinha sobrevivido, por que devia suportar aquela horrível sensação de perda?

O cortejo de barcos se dirigiu para os leitos de jóias coralinas, onde Leto e Rhombur tinham ido mergulhar anos atrás, onde Leto teria levado seu filho algum dia. Mas Victor não lhe tinha concedido o tempo suficiente. Leto nunca poderia cumprir as promessas que fizera ao menino, com palavras e com o coração...

A barcaça funerária Atreides tinha várias cobertas de altura, um monumento flutuante impressionante. Na cobertura superior, faróis de concha de *kabuzu* gigantes, de quinze metros de altura, queimavam óleo de baleia. O cadáver de Victor jazia em um ataúde dourado rodeado de suas coisas favoritas, um touro salusano de pelúcia, uma vara com plumas e ponta de borracha, videolivros, jogos, conchas marinhas que colecionava. Representantes de muitas Grandes Casas tinham enviado presentes. As lembranças e presentes quase ocultavam o corpinho conservado do menino.

Flores coloridas, pendões verdes e negros e cintas adornavam as fileiras de cadeiras douradas. Quadros doados e retratos mostravam um orgulhoso duque Leto sustentando sobre sua cabeça o menino recém-nascido, e mais tarde ensinando o menino a tourear... Pescando em um mole... protegendo-o do ataque do *elecraán*. Outras imagens mostravam Victor sobre o regaço de sua mãe, na escola ou correndo com um cometa branco. E depois,

vários painéis vazios, que representavam o que Victor não tinha feito em sua vida nem jamais poderia fazer.

Ao chegar aos recifes, os tripulantes baixaram âncoras para imobilizar a barça. Outros navios rodearam a barça funerária. Duncan Idaho, que pilotava uma pequena lancha a motor, dirigiu-se para a proa e a amarrou ao lado.

Os soldados começaram a golpear seus escudos cerimoniais, até alcançar um crescendo que as ondas transportaram. O duque Atreides e Jessica estavam juntos, com a cabeça baixa. O vento açoitava seus rostos, irritava os olhos de Leto, agitava o hábito escuro de Jessica.

Ao fim de um longo momento, o duque levantou a cabeça e respirou fundo para rechaçar uma onda de lágrimas. Olhou para a última cobertura da barça, onde jazia seu filho. Um raio de sol cintilou sobre o ataúde dourado.

Pouco a pouco, Leto ergueu as mãos para o céu.

O ruído dos escudos cessou, e o silêncio se fez entre os presentes. As ondas lambiam os barcos, e um ave solitária gritou no alto. O motor da lancha de Duncan Idaho ronronava sem cessar.

O duque segurava em uma mão um transmissor, o qual ativou. Os faróis acesos se inclinaram para Victor e verteram óleo fervente sobre o ataúde. Ao fim de poucos segundos, a cobertura superior da barça ficou envolta em chamas.

Duncan ajudou Jessica a subir à lancha a motor, e depois subiu Leto. Desamarraram da barça funerária e se afastaram, enquanto o fogo se propagava.

— Parece — disse Leto sem apartar os olhos das chamas, enquanto Duncan conduzia a barça de volta a seu posto no círculo de embarcações —. Nunca conseguirei pensar com carinho em Kailea — murmurou Leto para Jessica, enquanto contemplava a pira funerária que consumia a barça —. Agora só você pode me dar a força e a vontade para sobreviver.

Já tinha escrito ao arquiduque Armand Ecaz para declinar a oferta de matrimônio com sua filha Ilesa, ao menos no momento, e o arquiduque tinha retirado com discrição a oferta.

Jessica, muito comovida com suas palavras, prometeu que nunca insistiria que Leto assumisse um compromisso que não desejasse. Bastava-lhe a confiança do duque que amava. E você é meu único homem, pensou.

Não se atrevia a informar à Irmandade sobre o menino que levava em seu útero, até que fosse muito tarde e não pudessem intrometer-se. Mohiam lhe dera instruções explícitas, sem revelar os planos da Bene Gesserit, para a filha que Jessica devia dar a luz.

Mas Leto desejava com todas suas forças outro filho... Depois do funeral, Jessica lhe disse que estava grávida, e nada mais. Ao menos, merecia saber, para que abrigasse a esperança de outro filho.

Enquanto se afastavam da barcaça funerária em chamas, o duque Leto sentiu que a determinação se fortalecia em seu coração. Embora acreditasse e confiasse em Jessica, embora a amasse, possuía muitas cicatrizes das tragédias, e sabia que devia manter sempre uma distância digna.

Seu pai lhe ensinara que um duque Atreides sempre vivia em um mundo diferente ao de suas mulheres. Como líder de uma Grande Casa, a principal obrigação de Leto era para com seu povo, e não podia se permitir o luxo de ter muita intimidade com ninguém.

Sou uma ilha, pensou.

...A Saga de Duna contínua em Duna: Casa Corrino”.